A MORGADINHA
DOS CANAVIAIS
JÚLIO DINIS

A MORGADINHA DOS CANAVIAIS

JÚLIO DINIS

Esta obra respeita as regras do

Novo Acordo Ortográfico

CAPÍTULO I

Ao cair de uma tarde de Dezembro, de sincero e genuíno Dezembro, chuvoso, frio, açoutado do sul e sem contrafeitos sorrisos de Primavera, subiam dois viandantes a encosta de um monte por a estreita e sinuosa vereda que pretensiosamente gozava das honras de estrada, à falta de competidora, em que melhor coubessem.

Era nos extremos do Minho e onde esta risonha e feracíssima província começa já a ressentir-se, se não ainda nos vales e planuras, nos visos dos oiteiros pelo menos, da vizinhança da sua irmã, a alpestre e severa Trás-os-Montes.

O sítio, naquele ponto, tinha o aspeto solitário, melancólico e, nessa tarde, quase sinistro. Dali a qualquer povoação importante, e com nome em carta corográfica, estendiam-se milhas de pouco transitáveis caminhos. Vestígios de existência humana, raro se encontravam. Só de longe em longe, a choça do pegureiro ou a cabana do rachador, mas

estas tão ermas e desamparadas, que mais entristeciam do que a absoluta solidão.

Não se moviam em perfeita igualdade de condições os dois viandantes, que dissemos.

Um, o mais novo e pela aparência o de mais grada posição social, era transportado num pouco escultural, mas possante muar, de inquietas orelhas, músculos de mármore e articulações fiéis; o outro seguia a pé, ao lado dele, competindo, nas grandes passadas que devoravam o caminho, com a quadrupedante alimária, cujos brios, além disso, excitava por estímulos menos brandos do que os da simples e nobre emulação.

Contra o que seria plausível esperar deste desigual processo de transporte, dos dois o menos extenuado e impaciente com as longuras e fadigas da jornada não se pode dizer que fosse o cavaleiro.

A postura de abatimento que lhe tomara o corpo, o olhar melancólico, fito nas orelhas do macho, a indiferença, a taciturnidade ou o manifesto mau humor, que nem as belezas e acidentes da paisagem natural conseguiam já

desvanecer, o obstinado silêncio que apenas de vez em quando interrompia com uma frase curta mas enérgica, com uma pergunta impaciente sobre o termo da jornada, contrastavam com a viveza de gestos e desempenado jogo de membros do pedestre, com a sua torrencial verbosidade, a que não opunha diques, e com as joviais cantigas e minuciosas informações a respeito de tudo, por meio das quais se encarregava de entreter e, ao mesmo tempo, instruir o seu sorumbático companheiro.

Explica-se bem esta diferença, dizendo que o cavaleiro era um elegante rapaz de Lisboa, que fazia então a sua primeira jornada, e o outro um almocreve de profissão.

O leitor provavelmente há de ter viajado alguma vez; sabe, portanto, que o grato e quase voluptuoso alvoroço, com que se concebe e planiza qualquer projeto de viagem, assim como a suave recordação que dela guardamos depois, são coisas de incomparavelmente muito maiores delícias do que as impressões experimentadas no próprio momento de nos vermos errantes em plena estrada ou pernoitando nas estalagens, e mormente nas clássicas estalagens das nossas províncias. As pequenas impertinências, em que se não

pensa antes, que se esquecem depois, ou que a saudade consegue até doirar e poetizar ao seu modo; esses microscópicos martírios, que de longe não avultam, atuam-nos, na ocasião, a ponto de nos inabilitar para o gozo do que é realmente belo. A dureza do colchão em que se dorme, do albardão ou selim sobre que se monta, o tempero ou destempero do heteróclito cozinhado com que se enche o estômago, a lama que nos encrusta até os cabelos, o pó que se nos insinua até os pulmões, o frio que nos inteiriça os membros, o sol que nos congestiona o cérebro, tudo então nos desafina o espírito, que trazíamos na tensão necessária para vibrar perante as maravilhas da natureza ou da arte.

Só pelo preço de muitas jornadas se compra o hábito de ficar impassível no meio dos episódios destas pequenas odisseias, que atormentam e exaurem o ânimo dos Ulisses novatos; mas ai! Quando se adquire esse hábito, também nos achamos já com a sensibilidade mais embotada para as comoções do belo.

Examina-se com mais minuciosidade, mas com menos entusiasmo; analisa-se mais e melhor; porém a própria

análise é a prova de que se sente menos. Onde domina o sentimento e a imaginação, mal têm cabida a paciência e fleuma, necessárias aos processos analíticos. O homem positivo e frio recolhe de qualquer excursão à pátria com a carteira cheia de apontamentos; o entusiasta e poeta nem uma data regista. Viu menos, sentiu mais.

Mas Henrique de Souselas — que era este o nome do cavaleiro — fora educado e passado da infância à plena juventude, em Lisboa, levantando-se por avançada manhã, frequentando o teatro, o Grémio, as Câmaras, parolando no Chiado ou no Rossio, e indo alguns dias do ano a Sintra, ou a qualquer praia de banhos, desenfadar-se da monotonia da capital.

Desde que fazia perfeito e consciente uso da razão, fora esta jornada, em que o encontrámos, a primeira levada a efeito, e logo sob tão maus auspícios, que era para sufocar-lhe à nascença os instintos de tourista, se porventura quisessem despertar nele.

Há dois dias que cavalgava aquele rocinante, único veículo acomodado aos caminhos porque passara. E então que dois dias! Daqueles, durante os quais o céu, uniformemente

pálido, parece desfazer-se em água, e a chuva cai sem interrupção e com uma teimosia e constância impacientadoras; daqueles em que a terra saciada rejeita já a água que recebe, a qual escorre nos declives, transborda dos algares, e encharca-se nos terrenos baixos, transformando em brejos as lezírias; em que as lufadas do sul vergam e torcem os ramos melancolicamente despidos, dos álamos e sobreiros, e emprestam aos pinheirais a voz dos mares; em que os campos se mostram desertos, a noite se antecipa, e tão densas nuvens cobrem o firmamento, que parece tomar-nos a persuasão de que nunca mais o veremos com as suas formosas vestes de azul.

Vejam se, nestas circunstâncias, o pobre rapaz podia deixar de ir cabisbaixo, triste e dando ao diabo a viagem que cometera.

E para quê e porquê a cometera ele assim?

Em poucas palavras procuraremos satisfazer a natural interrogação, que é de supor nos dirigissem os leitores, se pudessem fazê-lo.

Este Henrique de Souselas atingira a idade dos vinte e sete anos, vivendo, como dissemos, aquela elanguescedora vida da capital, e dividindo as atenções do espírito pela política, pela literatura e pelos destinos do teatro de S. Carlos do qual estava habilitado a fazer circunstanciada crónica, que abrangesse os últimos dez anos.

Não concebia vida fora daquilo.

O mundo para ele era Lisboa. Não sentia desejos, nem imaginava possibilidade de visitar a Europa, quanto mais a província, o que seria maior façanha.

Não que lhe faltassem recursos para realizar qualquer projeto desta natureza.

Henrique herdara dos pais rendimentos bastantes, dos quais vivia folgadamente e sem precisar de sacrificar nos altares da economia.

Mas a indolência lisbonense manietava-o ali. A poucos ia tão direita a apóstrofe de Garrett aos «seus queridos alfacinhas», a qual se pode ler no capítulo sétimo das Viagens.

De certo tempo em diante começou, porém, a incomodá-lo uma espécie de vácuo interior, um mal-estar, doença infalível nos celibatários sem família, quando chegam à idade a que chegou Henrique, e passam a vida como ele.

Tudo lhe causava fastio. Bocejava em S. Carlos, bocejava nas Câmaras, bocejava no Grémio, bocejava no Suíço, no Chiado e nos círculos dos seus amigos, os quais começaram também a achá-lo insuportável de insipidez; porque poucas coisas há que mais perturbem o espírito do que o espetáculo de um homem que boceja ou dorme, onde e quando os outros forcejam por divertir-se.

O demónio da hipocondria, esse demónio negro e lúgubre, implacável verdugo dos ociosos e egoístas, o qual há muito o espiava, apoderou-se dele em corpo e alma.

Aí temos, desde esse instante, Henrique muito preocupado com a sua pessoa, imaginando-se vítima de mil e uma moléstias, as mais disparatadas e incompatíveis, suspeitando-se conjuntamente predestinado para a apoplexia e para a tísica, para o cancro e para a alienação, para a cegueira e para os aneurismas, tremendo à leitura do obituário da semana, folheando livros de medicina,

construindo teorias fisiológicas, consultando todos os médicos da capital, experimentando todo o arsenal farmacêutico e todos os anúncios, em parangona, da quarta página dos periódicos, e elevando as crenças do seu espírito amedrontado até às misteriosas e nevoentas alturas do credo homeopático! Ao mesmo tempo manifestou-se nele uma progressiva degeneração de gosto: não podia ler uma página dos livros que lhe eram prediletos; desfazia-se com desgosto de quadros, móveis, estátuas, objetos curiosos que colecionara com paixão; detestava a música, o teatro, numa palavra, tornara-se num dos maiores flagelos que podem pesar sobre a humanidade e que muito em especial causam o suplício dos médicos que os aturam.

Foram estes os que, em parte de boa-fé, em parte com o desculpável intuito de sacudirem de si tal pesadelo, lhe deram um dia de conselho que fosse viajar.

Henrique de Souselas julgou ouvir uma heresia nesta palavra: viajar.

Viajar? E os seus aneurismas? E as suas iminências apopléticas? E as suas disposições para tantas outras

enfermidades? Pois um homem pode lá viajar com esta bagagem patológica!

E se lhe desse alguma coisa pelo caminho? Recusou com mau humor a receita, e ficou na capital.

Exacerbaram-se os padecimentos, repetiram-se as consultas, e os médicos, como se para isso apostados, a insistirem em que saísse de Lisboa.

— O senhor não tem nada — diziam alguns.

Henrique perdia a cabeça, ao ouvir isto.

Prolongou-se este estado de coisas, até que um dia o hipocondríaco rapaz persuadiu-se muito seriamente de que estava chegada a sua hora extrema.

Um médico velho e grave, que por essa ocasião o escutou, em vez de se rir dele, disse-lhe, muito sisudo:

— Homem! O senhor está realmente mal. Esse estado de imaginação não pode prolongar-se mais tempo, sem romper por aí em alguma doença que o sacrifique. Se quiser salvar-se, saia-me daqui, enquanto é tempo. Quebre com todos os hábitos, e escolha entre as fortes impressões de uma

grande capital, como Paris ou Londres, ou as mornas sensações de um completo viver de aldeia. Os revulsivos e os emolientes curam por meios opostos às vezes as mesmas moléstias.

Ora sucedeu que nesse mesmo dia recebesse Henrique um presente de fruta de uma sua tia, santa criatura que ele, desde criança, não tornara a ver.

Vivia regalada numa aldeia sertaneja do Minho, onde na idade de cinco anos Henrique passara alguns meses na companhia da sua mãe.

Aquele presente frugal recordara-lhe esse tempo, já meio apagado na memória, e conseguira fazer-lhe saudades. Daí uns vagos desejos de voltar a ver aqueles sítios.

Por isso, ao ouvir o conselho do doutor, Henrique nomeou-lhe a aldeia em que esta sua parenta vivia.

O velho facultativo aplaudiu a ideia e instou para que fosse abraçada.

O sobrinho escreveu então à tia, e, passados dias, punha-se a caminho.

Mil vezes se arrependeu, depois, da resolução tomada; mil vezes mandou ao diabo o conselho do médico e fantasiou horríveis exacerbações em todos os seus males. Os inconvenientes de uma jornada, feita ainda segundo os velhos processos, com malas, coldres e pistolas, botas de montar e almocreve, ampliava-lhos a proporções estupendas o prisma da hipocondria.

No momento em que nos associámos ao cavaleiro, caíra ele num desalento profundo, num quase convencimento de próxima aniquilação, do qual nem a loquacidade do almocreve, condimentada, como era, de pragas eloquentes e de cantigas pouco edificantes, o conseguia arrancar.

Há mais de uma hora que estavam lutando com as dificuldades da ascensão do íngreme e escabroso caminho, que torneava o monte como as voltas de um hélice.

Era este monte uma como irregular pirâmide, levantada no meio da amplíssima bacia onde tinha assento a aldeia que Henrique demandava; por isso o estafado rapaz não podia atinar a razão de conveniência pela qual, tendo de procurar o vale, assim porfiavam em descrever as fastidiosas curvas

da quase interminável espiral, que os aproximava do vértice.

Não se concebe uma estrada menos lógica do que aquela.

No nosso país são, porém, frequentes estas faltas de lógica nas estradas.

O almocreve havia-se separado por momentos de Henrique com o fim de encurtar distâncias, seguindo por um atalho só franqueável a gente de pé.

Henrique nem desviara os olhos para o fundo vale, que se lhe abria à esquerda, velado pela densa névoa daquela atmosfera saturada de humidade, nem prestava atenção à agreste e selvática paisagem do lado direito, toda encrespada de pinheirais nascentes e de espinhosas tojeiras.

Os olhos procuravam, em ansiosa interrogação, o mais alto da flexuosa ladeira, que subia, no sítio em que ela, formando um cotovelo, furtava à vista o seguimento ulterior.

Nestas curvas das estradas sorri sempre de longe ao viajante, cansado e aborrido, que pela primeira vez as

trilha, uma prometedora esperança.

— Dali verei talvez o termo do caminho — pensa ele.

Mas quantas vezes, ao aproximar-se, esta esperança lhe foge!

Assim aconteceu a Henrique, que ao chegar à almejada inflexão e quando esperava começar, enfim, a descer para o vale e aproximar-se da aldeia, viu que o macho, prático no caminho, e à disposição de cujo instinto ele colocara a razão, dobrava ainda para a direita e continuava a contornar e a subir o monte. A espiral não terminara ainda. Henrique olhou em torno de si, profundou a vista nas sombras do vale, nada pôde descobrir que lhe prometesse a aldeia procurada. Muita árvore, povoação nenhuma!

Teve um paroxismo de impaciência!

— Isto não é estrada! — exclamou ele, exasperado. — São os nove círculos do Inferno de Dante virados para fora.

E a luz do dia a fugir cada vez mais, e a chuva a aumentar, a calar através do grosso gabão de jornada que Henrique vestia! O desgraçado vergava sob o peso da sua consternação.

Ajuntou-se-lhe outra vez o almocreve, assobiando com fleuma desesperadora.

— Com um milhão de demónios! — bradou-lhe Henrique, não podendo conter-se. — Essa maldita terra foge diante de nó s, homem!

— Estamos quase lá, meu patrão. É ali logo adiante — respondeu o almocreve, sem se alterar. — Vê aquela capelinha branca em cima daquele monte? Pois fica já para além da povoação. É a ermida da Senhora da Saúde. É um instante.

— Desde as duas horas da tarde que me dizes que é um instante, e eu estou acreditando que cada vez nos afastamos mais. Pois, se a aldeia fica ali em baixo, para que diabo subimos nós? Às voltas que temos dado, estou persuadido de que vamos tão adiantados como quando começámos a subir.

— Pois olha que dúvida! Se se fosse a direito lá por baixo, era mais perto, mas…

— Mas foi então pelo prazer de trepar que me trouxeste por aqui?

— Não é isso, patrão; mas bem vê V. S.A. que o caminho lá por baixo é todo cortado por quintas e campos, e é preciso dar tais voltas, que afinal fica mais longe. Depois, com a chuva que tem caído, faz lá ideia de como estão os riachos por lá! Só o esteiro do almargeal é para uma pessoa se afogar. Mas tenha o patrão paciência, que pouco falta agora. Vê V. S.A. aquele tronco de sobreiro que parece, visto daqui, um frade de capuz?

— É ali?

— Não, senhor — disse o homem rindo —; mas vêem-se daquele sítio as primeiras casas da aldeia.

— As primeiras! — murmurou Henrique em tom lastimoso; e penderam-lhe os braços com mais desalento e aumentou-se-lhe a flexão na coluna vertebral.

O almocreve prosseguiu para o distrair:

— Tenho passado por estes sítios muita vez com neve de se cortar à faca e de noite. E olhe que nunca tive medo. Qual história! Medo? Isso sim! E vamos lá! O sítio não é dos mais seguros. Vê o senhor esta cruz preta, aqui à sua mão direita, pregada no tronco desse pinheiro? Pois aí mesmo

mataram um homem, que vinha com uns centos de mil réis da feira franca de Viseu, fez pelo S. Miguel um ano. E ainda hoje se está para saber quem foi. Num ermo destes só os santos podem valer a uma criatura.

Henrique sentiu-se pouco à vontade com as elucidações do cicerone; olhou para ele com desconfiança e quase julgou ver moverem-se sombras suspeitas por entre os troncos dos pinheiros. Apalpou nos coldres os cabos das pistolas, e aproximou as esporas dos ilhais da cavalgadura.

Dentro em pouco atingiam o indicado tronco de sobreiro, de junto do qual deviam avistar a aldeia.

Henrique olhou; viu lá no fundo do vale muitas árvores, mas continuou a não enxergar vestígios de casa.

— Onde está a aldeia que dizias, homem?

— Daí já se vê — disse o almocreve, correndo para alcançar o cavaleiro. — Não vê V. S.A., além, além, aqueles pinheiros mansos?

— Vejo, sim.

— Pois já são da freguesia. Se fosse mais claro, havia de avistar a casa do guarda. É a tapada dos Bajuncos, que pertence à Morgadinha dos Canaviais.

Henrique não respondeu. A distância a que ficava ainda a tal tapada fê-lo suspirar.

Enfim, passados minutos, começaram a descer para o vale, costeando sempre obliquamente o monte.

Cem passos andados, fez-lhe o almocreve notar um pequeno ponto branco, que se divisava ao longe por entre a rama do arvoredo, mas já indistintamente, em virtude do adiantado da hora e da intensidade da neblina.

— Lá está a capela da freguesia — dizia o homem.

— Ali? — É um século para lá chegar?

— Qual! Estamos aqui, estamos lá. Eh, ruço!

E aplicou uma vigorosa vergastada nas ancas do macho, que acelerou o passo.

O homem continuou:

— Até se fosse mais dia podia-se ver daqui a pedra que está no cemitério novo, e que é da família da Morgadinha

dos Canaviais. Foi a mãe dela a primeira pessoa que lá se enterrou, e até hoje mais ninguém. O povo, como o outro que diz, tem sua aquela em se enterrar fora da igreja. Ele, a falar a verdade. Eu bem sei que tudo vai do costume. mas enfim a gente foi criada nisto. Mas a pedra é coisa asseada. É como as que estão na cidade.

Henrique, transido de frio, quebrado de desalento, já nem atendia ao que o homem ia dizendo.

Cerrava-se a noite de todo, quando atingiram enfim o vale. O terreno mudava agora de aspeto. Apareciam já, aqui e ali, alguns indícios de cultura, anunciando a proximidade de um povoado. Os caminhos estreitavam, internando-se no vale, e seguiam tortuosamente por entre muros toscos de pedra ensossa, silvados e sebes naturais. A chuva, que não cessara de cair, transformara estes caminhos, onde o declive não dava escoamento às águas, em charcos e tremedais.

Novos indícios da vizinhança da aldeia iam sucessivamente aparecendo.

Aqui era uma manada de bois soltos, em direção do curral, guiados por uma criança de palhoça e pernas nuas, os quais paravam a olhar com aquela expressão de composta curiosidade, que lhes é peculiar, para o recém-chegado visitante da aldeia. Não faltou receio a Henrique, que supôs a estes bonacheirões quadrúpedes a índole travessa e bravia dos touros a cuja chegada tantas vezes fora assistir em Lisboa.

Mais adiante passava por eles uma fileira de carros a vergarem sob o peso do mato e atroando os ares com o chiar incómodo das rodas sob o eixo, incómodo para os ouvidos cidadãos de Henrique, cujos nervos se irritavam com ele, mas aparentemente agradabilíssimo para os condutores aldeãos, que ou dormiam ou cantavam com aquele acompanhamento.

Num e noutro ponto deparavam-se-lhe já algumas casas de teto de colmo, de cujas inúmeras fendas saía um fumo espesso, que a atmosfera húmida mal deixava elevar nos ares. No olfato desabituado de Henrique de Souselas o cheiro resinoso e ativo das pinhas e das agulhas secas dos

pinheiros, queimadas no lar, produziam sensações muito longe de serem agradáveis.

Aumentava-se-lhe com tudo isto a funda melancolia que já lhe tomara o ânimo.

— Tantas fadigas para este resultado? — pensava ele. — Sair de Lisboa para me enterrar nesta aldeia escura e suja! Enganou-se o parvo do doutor. Pensava que me salvava e matou-me. Eu morro por certo aqui. Deus lhe perdoe o homicídio.

Os caminhos sucediam-se aos caminhos, qual mais tortuoso e incómodo de trilhar; as curvas complicavam-se como as ruas de um labirinto. Aqui subiam; desciam mais além, para subir outra vez. Umas vezes caminhavam em terreno descoberto, outras penetravam em tão estreitas quelhas, apertadas entre paredes argilosas e húmidas e toldadas de ramos entrelaçados, que só o instinto do animal podia evitar-lhes os perigos. Ora soavam as patas do macho como em chão lajeado, ora amortecia-lhe o som um terreno, que a chuva encharcava, e a água lamacenta vinha salpicar o rosto do cavaleiro.

As casas eram já frequentes, e algumas de menos humilde aparência.

Os cães, que, pelo timbre de voz, mostravam ser gigantes, ladravam raivosos por dentro dos portões ou de sobre os muros das quintas, ao ouvirem os passos da carruagem ou a voz do almocreve, que falava ou cantava sempre.

Outras vezes era um inarmónico grunhir suíno que acusava a vizinhança das cortes ou, partindo de um casebre rústico, o chorar de crianças, entremeado com os ralhos das mães e com as pragas dos chefes de família.

O almocreve não desistira das suas funções de cicerone, que somente interrompia para saudar alguns conhecidos seus, a cuja porta passavam.

— Estes campos e lameiros — ia dizendo — são da Morgadinha dos Canaviais; andam arrendados a um compadre meu.

E exclamava para dentro de uma casa térrea, escassamente iluminada por uma candeia:

— Boas noites, tia Escolástica. Como vai a pequenada?

— Ai, é vossemecê, Sr. José? Então não entra? — respondia-lhe uma voz feminina.

— Agora, não, amanhã.

E prosseguiu para Henrique:

— É uma santa criatura. A Morgadinha.

Henrique interrompeu-o:

— Aonde fica, afinal, a quinta de Alvapenha? Onde mora a minha tia? Não me dirás?

— É logo aí adiante, meu patrão. Em nós passando umas casas amarelas que há aí. é logo ao pé. Essas casas que digo são também da Morgadinha, mas há uma demanda pelos modos.

O almocreve falava pela décima ou undécima vez na Morgadinha. Até esta periódica referência a uma personagem que ele não conhecia impacientava Henrique de Souselas.

E continuavam a suceder-se em enredado dédalo as quelhas e azinhagas, a ponto de fazer perder toda a orientação. Umas vezes ouviam o ruído das levadas, que as

últimas chuvas tinham engrossado; adiante, transpunham uma ponte rústica, escutando das profundezas do despenhadeiro, que ela atravessava, o fragor das cascatas nos açudes ou o ranger das rodas nos moinhos.

Henrique a cada momento imaginava cair num abismo.

— São os açudes do Casal — dizia o almocreve, berrando para se fazer ouvir através do estrondo da torrente. — Pertencem à Morgadinha dos Canaviais.

Henrique nem alento já tinha para falar.

Ao triste e quase sinistro aspeto daquela aldeia, tão cerrada lhe envolveu o coração a nuvem de melancolia, que cedeu sem resistência ao crescente torpor que o invadia, como o que desespera da vida e da salvação.

Mais adiante, excitou-lhe ainda as atenções uma toada plangente, melancólica, monótona, que exacerbou estes efeitos.

— É uma fiada em casa do Tapadas — disse o almocreve. — É um dos maiores amigos do pai da Morgadinha. Vê aquele muro acolá?

— Eu não vejo nada. Deixa-me!

— Pois pertence já à quinta dos Canaviais, que a Morgadinha...

— Outra vez! Cala-te para aí com essa Morgadinha — exclamou Henrique.

Era evidente enfim que estavam em pleno coração do povoado. As casas apareciam mais juntas. De algumas saía um surdo rumor de vozes que tinha o que quer que era de lúgubre. Era a coroa rezada em família a Nossa Senhora. A voz grave do lavrador casava-se com a voz quebrada e trémula do avô, com a voz sonora e fresca da mãe, e a juvenil das raparigas e crianças naquele piedoso coro, produzindo um efeito que acabou por levar ao auge a impaciência do nosso esplenético viajante.

— Sumiu-se essa endiabrada quinta de Alvapenha, que não a acabamos de atingir?

O almocreve desta vez nem respondeu; sacudiu uma chicotada sibilante junto às orelhas do muar, o qual com desusada rapidez galgou uma ladeira orlada de árvores,

volveu à direita e, à voz do almocreve, estacou em frente de um portão de quinta resguardado por um telhado rústico.

— É aqui — disse o guia.

— Até que enfim! — exclamou Henrique, suspirando. Suspiro de conforto e de tristeza ao mesmo tempo, como o do homem cansado da vida, quando antevê o repouso do túmulo. Em Henrique era íntima a convicção de que a quinta de Alvapenha lhe havia de servir de cemitério.

CAPÍTULO II

O almocreve assentou duas vigorosas pancadas no sólido portão de castanho, diante do qual tinham parado.

As primeiras vozes, a responderem-lhe, foram as de dois cães, que acudiram de longe ao sinal e vieram ladrar à porta com uma fúria, que fez agourar mal a Henrique da cordialidade da receção que o esperava. De facto as intenções dos quadrúpedes não pareciam demasiado hospitaleiras. O almocreve divertia-se excitando-os de fora com uma vara de vime, apesar de quantas recomendações de prudência lhe fazia Henrique, não em demasia sossegado.

Afinal ouviu-se uma voz áspera e rouca, chamando os cães à ordem, se é lícito, sem irreverência, empregar neste caso a frase consagrada para outro género de algazarra.

Henrique ouviu rodar a chave, correr os ferrolhos, levantar a aldraba, gemerem os gonzos, e enfim um homem de

lavoura, alto e magro, trazendo em punho um lampião de frouxíssima luz, apareceu-lhes à porta e saudou-os com a fórmula do estilo:

— Ora Nosso Senhor lhes dê muito boas noites.

E, levantando a luz à altura do rosto de Henrique, pôs-se a mirá-lo com a menos cerimoniosa curiosidade.

— É o sobrinho cá da senhora, não é verdade?

— Sou eu mesmo.

— Está um tempo muito azedo. Eu já julgava que não vinham. Entre.

Henrique não se resolvia a aceitar o convite, porque lhe continuavam a impor respeito os olhares ferinos e os rugidos surdos dos dois façanhosos quadrúpedes, cuja má vontade era a custo refreada.

— Entre, entre — insistia o homem.

— Mas esses animalejos?..

— Ah! isto não faz mal. Sai-te pra lá, Lobo; passa, Tirano!

Lobo! Tirano! Que nomes! E dizia o homem que não faziam mal!

— Com os diabos! tio Manuel — disse o almocreve — em ocasião de esperarem hóspedes, não se soltam assim os cães. Os diabos não são nenhuns cordeiros. Olhe no outro dia o Sr. Joãozinho das Perdizes, que por pouco lhes deixava nos dentes as barrigas das pernas.

— Forte perca! — resmoneou o outro. — Não trouxesse cá os dele. Não tem dúvida; entre o senhor, que eles não lhe fazem mal.

— Não entro; assim é que não entro — teimou Henrique, a quem as palavras do almocreve acabaram de fortificar na sua resolução.

O homem, em vista disto, encolheu os ombros e bradou:

— Ó Luís!

Uma criança de cinco anos, e quase nua, correu ao chamamento.

— Enxota para lá esses cães, que aqui o senhor tem medo.

A criança, à palavra medo, fitou Henrique com uns olhos espantados, e, tomando do chão um tronco de tojo, deu-se a zurzir desapiedadamente nas feras, que, com todos os sinais de respeito, de orelha baixa e cauda abatida, fugiram diante dela.

O orgulho de Henrique de Souselas ficou um tanto maltratado com o desfecho da cena; mas a prudência consolava-o, dizendo-lhe que andara ajuizadamente.

— Agora vossemecê — disse o camponês para o almocreve — arranja-se como puder e mais a besta aí pelas lojas, enquanto eu ensino o caminho ao senhor.

— Vão, vão com a nossa Senhora, que eu cá me arranjarei. Muito boas noites, Sr. Henriquinho.

— Adeus, José — disse Henrique, passando para a mão do guia a espórtula da gorjeta, e após, seguiu, com as pernas trôpegas de cavalgar, o homem do lampião.

Não era para dissipar a impressão penosa, que subjugava o espírito de Henrique, o aspeto que lhe oferecia, àquela hora da noite, a parte da quinta, por onde era conduzido para a casa de Alvapenha.

Primeiro, trilhou o pavimento mole de um quinteiro ou eido, estradado de altas camadas de mato e embebido de chuva, donde se exalava um cheiro de curtumes, pouco de lisonjear o olfato mal habituado a estes aromas campesinos. A luz do lampião a custo conseguiu evitar a Henrique o tropeçar num carro desaparelhado, numa dorna, numa pia para galinhas, e em outros objetos que atrancavam o quinteiro. Transpondo a cancela que terminava este, seguiram por uma rua de limoeiros, coberta de ramada, então despida ainda de folhas; atravessaram diagonalmente a horta, pelo carreiro que a dividia; ladearam a eira e a casa do cabanal, e, efetuados mais alguns rodeios, acharam-se finalmente junto da escadaria de pedra, por onde se subia para uma espécie de patamar ou varanda alpendrada, que servia de modesto pórtico à casa de Alvapenha.

A propriedade da tia de Henrique era um genuíno tipo de casa rústica, à moda do Minho.

Ao subir as escadas, e apesar de mal poder divisar os objetos à escassa luz que os iluminava, recebeu Henrique a

primeira impressão agradável de toda aquela mal estreada excursão.

Estas escadas, esta varanda de pedra e este alpendre avivaram nele memórias, quase apagadas. Lembrava-se agora vagamente de ter brincado ali, a cavalo nesse mesmo parapeito, então, como agora, enfeitado de uma formidável coorte de abóboras-meninas, vítimas votadas às festas do próximo Natal.

A um canto do patamar deparou-se-lhe ainda um grande vaso de louça, que ele, há vinte e tantos anos, conhecera, e ao qual tinha a ideia vaga de haver quebrado uma asa; abaixou-se no intento de se certificar, e viu que de facto ainda lhe faltava a asa, sendo este o único estrago que após tanto tempo o velho utensílio sofrera.

— É admirável! — não pôde deixar de exclamar Henrique ao fazer a descoberta, vendo que em oito dias operava maior reforma nos seus aposentos em Lisboa do que num quarto de século se realizava em Alvapenha.

O hortelão bateu à porta e disse para dentro que era o sobrinho da senhora que chegava.

Seguiu-se um mexer de cadeiras, um trocar de vozes, um arrastar de passos; moveu-se a chave na fechadura; abriram-se as portas, e no limiar apareceu de braços abertos a tia Doroteia, e, por trás dela, elevando a luz acima do ombro da ama, a criada Maria de Jesus, a que, há trinta anos, lhe era companheira e interessada em alegrias e pesares. Já Henrique lhe andara ao colo no tempo em que estivera criança na quinta.

Diante da figura esbelta, do tipo varonil e do comprido bigode de Henrique, a Sra. Doroteia reprimiu as suas expansões e quase recuou.

Nunca mais vira Henrique desde que este, aos cinco anos, deixara Alvapenha, e dir-se-ia que esperava ainda encontrar os mesmos cabelos loiros e anelados e o mesmo rosto menineiro da travessa criança de outros tempos, em vez do homem feito, em que os vinte e tantos anos volvidos o tinham transformado.

Há destas ilusões na gente.

A mais segura razão não está precavida contra elas; a infundada surpresa invade-nos de súbito, e os lábios não

podem prender a exclamação que a denuncia.

— Pois na verdade tu és o Henriquinho?! — disse espantada a boa senhora.

— Eu julgo que sim, tia Doroteia.

— Tu! Ai como estás um homem! Ó Maria de Jesus, você não quer ver isto?!

— Parece mesmo um soldado! — disse a criada, igualmente estupefacta.

— Credo, mulher! Santíssima Trindade! Você que está a dizer? Nossa Senhora nos livre de tal! — exclamou a ama, em cujo conceito o soldado estabelecia a transição do homem para o diabo.

No entretanto Henrique de Souselas abraçava a tia, que há tanto tempo que não vira, e ela correspondia-lhe, beijando-o com todo o carinho e chorando.

Chorando porquê? Porquê? Pela muita bondade que tinha naquela alma. A bondade é um rico manancial, que brota lágrimas ao toque da menor comoção.

Henrique não tinha ainda bem conseguido libertar-se dos roxeados amplexos e mais provas de afeto da sua tia, quando se sentiu preso em novos laços. Era Maria de Jesus, que o abraçava também e lhe pespegava nas faces dois beijos muito chiados, como aqueles que vêm a ferver do coração, e isto acompanhado de um — ai o meu rico filho! — tão eloquente como os beijos.

Henrique, habituado às etiquetas da civilização urbana, que estabelece entre amos e criados distâncias desconhecidas na aldeia, estranhou um pouco a familiaridade, mas sujeitou-se a ela sem reflexões.

Maria de Jesus dizia, ainda admirada:

— Ó senhora! Não que uma coisa assim! Pois é este o menino que vinha à cozinha limpar o tacho em que se fazia a marmelada?!

— É verdade! E que boa marmelada cá se fazia!

— Lambareiro! — dizia a tia, sorrindo — Se eu soubesse que eras assim, não tinha mandado lavar o tacho do doce, que ainda hoje serviu.

— Sim? Então ainda se faz doce cá em casa, como dantes? — perguntou Henrique.

— Pois então? Todos os anos. Mas valha-me Deus! E não querem ver nós aqui postas à palestra! Entra, menino, entra cá para dentro, que está frio e tu deves vir cansado.

— Um pouco, um pouco, tia Doroteia.

E Henrique entrou para a sala.

Demoremo-nos no limiar para informar o leitor sobre as pessoas em cuja casa se vai alojar com Henrique de Souselas.

Não se imagina a santa paz de espírito, a placidez de paraíso, que estas duas mulheres — D. Doroteia e Maria de Jesus, ama e criada — gozavam na quinta de Alvapenha, onde Henrique de Souselas ia procurar alívio aos seus muitos e variados males.

Ambas da mesma idade, ambas muito aferradas aos seus hábitos, ambas muito tementes a Deus e amigas do próximo, as duas celibatárias passavam ali uma vida rescendente a um suave perfume de santidade, como o da alfazema e do rosmaninho, que lhes aromatizava as gavetas

e de que se repassava toda a roupa branca, objeto muito dos seus cuidados.

A inalterável harmonia, mantida há tantos anos entre as duas, poderia ser exemplo à maior parte das famílias deste mundo. Entre velhas, que nunca tiveram filhos, circunstância que em geral faz o humor mais acre e desabrido, era tanto mais para admirar o caso.

Tinham elas, porém, a precisa tolerância para fazerem mútuas concessões: cada uma fechava os olhos aos pequenos caprichos da outra, e tudo corria bem. Nunca dentro daquelas paredes se ouviu uma só palavra que, por mais alto pronunciada ou por menos expressiva de paciência, destoasse da invariável monotonia dos seus habituais diálogos.

Eram um exemplo edificante para os vizinhos, que, pela maior parte, devorados por demandas entre primos e irmãos, pais e filhos, marido e mulher, mostravam infelizmente ser esta abençoada semente caída em improdutivo terreno.

As discórdias intestinas nas famílias do seu conhecimento afligiam as duas sexagenárias e aumentavam o número de Padre-Nossos com que todas as noites se faziam lembrar dos santos, de quem eram validas, pedindo-lhes a felicidade dos outros tanto ou mais do que a sua própria.

Ouvir rezar as duas santas velhas — e era essa a ocupação dos seus curtos serões — equivalia a escutar uma resenha das diferentes calamidades que perseguem e apoquentam o género humano, e que elas, desta maneira, pretendiam evitar.

— Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. Marçal, para que nos livre do fogo — dizia D. Doroteia, e seguia-se o Padre-Nosso. — Outro a Santa Luzia milagrosa, para que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; outro a S. Brás, para que nos proteja da garganta; outro a S. Vicente, por causa das bexigas, etc., etc. Seguia-se um Padre-Nosso por todos os que andam sobre as águas do mar; outro por os pobres sem-abrigo nem alimento; outro por os órfãos; outro pelos doentes; um pelos vivos; outro pelos mortos; um pelos justos; outro pelas almas do Purgatório, não hesitando até a sua caridade em transpor as portas do Inferno e pedir

também a remissão dos condenados. E, ainda depois desta minuciosa e longa enumeração, um último Padre-Nosso fechava a primeira série, compreendendo todos os não contemplados por esquecidos, ou por não terem lugar na classificação.

Compunha a segunda série a menção especial de cada uma das pessoas falecidas das suas relações: parentes, amigos e conhecidos, por cujo «eterno descanso entre os resplendores da luz perpétua» oravam com verdadeira compunção. Nesta falange ia também D. João VI, por quem, há quarenta anos, se costumara a rezar D. Doroteia, e não era ela mulher que rompesse com hábitos semisseculares. Era esse talvez o único Padre-Nosso que a alma do monarca recebia no Céu, com procedência do seu antigo Reino.

Enquanto às qualidades físicas, a imaginação dos leitores pintar-lhas-á melhor do que a minha descrição. Forçosamente conheceram uma destas boas velhas, para quem nos sentimos atraídos; a quem se estima e com quem se brinca ao mesmo tempo; que nos podem inspirar sacrifícios e simultaneamente nos tentam a travessuras; a quem mistificamos agora e logo beijamos respeitosamente

a mão; contra quem não reprimimos impaciências, escutando depois submissos os seus nunca terminados sermões.

Ora estas velhas assim têm quase sempre um tipo uniforme que é o reflexo exterior da bondade do coração; esse era o tipo da tia Doroteia com o seu vestido roxo, o seu lenço castamente cruzado no peito, a sua touca de folhos alvíssimos e de fitas escuras, o molho de chaves à cinta, o livro de orações na algibeira e os óculos a marcarem no livro a reza habitual.

Maria de Jesus de igual maneira. Era apenas uma edição popular da mesma alma. Sucedera demais com elas o que é sempre de esperar de uma longa e íntima convivência: tinham reciprocamente adotado maneiras e modos de pensar e de ver e de dizer as coisas uma da outra, a ponto de qualquer delas ser como que uma premissa donde, a modo de conclusão, se deduzia a outra facilmente.

Tudo isto percebeu logo Henrique de Souselas ao primeiro exame que fez das duas santas mulheres.

Entremos agora com ele para dentro da sala.

Quem, vinte anos antes, tivesse visitado a casa de Alvapenha e aí voltasse de novo com Henrique, julgaria, à vista da uniforme disposição de coisas mantida ali dentro em tão distantes épocas, que todo esse tempo não fora mais do que um sonho de momentos.

Encontraria os mesmos móveis, na mesma colocação; as mesmas cobertas nos leitos apenas mais desbotadas; as mesmas ou iguais cortinas nas janelas; o mesmo cheiro de feno e alfazema na atmosfera dos quartos, os mesmos quadros na parede, as mesmas jarras nas cómodas.

A memória de Henrique, aquela inconstante e leviana memória de rapaz estouvado, sentia-se acordar à vista daquilo tudo.

A sala tinha uma fisionomia característica.

Suponha-se uma não muito ampla quadra de pouca altura, toda pintada a oca, e iluminada por duas mal rasgadas janelas de peitoril, com os seus competentes assentos de pedra, um em frente do outro, e com meias cortinas de cambraia sempre corridas — pleonasmo de discrição que se não justificava, visto que as janelas, abrindo para a quinta,

não tinham vizinhança de cujos olhares precisassem de recatar-se. O teto era de almofadas de castanho, em tempos pintado de azul, agora de uma cor duvidosa. Há quinze anos que D. Doroteia falava em o mandar retocar, mas o projeto, momentoso como era, ia sendo adiado de Primavera para Primavera. Orlava a sala, no alto, um friso ou cornija saliente, onde coradas maçãs de Inverno aguardavam, em vistosa fileira, a completa maturação, e derramavam no aposento o mais agradável aroma. O pavimento, apesar de muito picado de caruncho, andava limpo e escafunado — termo do vocabulário de casa — que metia gosto vê-lo. Cada parede era um museu de estampas de devoção. Poucos santos e santas da corte celestial não estavam ali representados e com um colorido, que era o maior pecado, a que estes bem-aventurados tinham dado lugar cá no mundo.

Lá se via Santa Quitéria e as suas sete companheiras; Santa Ana ensinando Nossa Senhora a ler; o Senhor dos Passos, venerado em S. João Novo, no Porto; o Bom Jesus de Bouças, representação da imagem, que, segundo reza a respetiva crónica, é obra das mãos de José de Nicodemo; os

Santos Mártires de Marrocos, da igreja de S. Francisco, etc., etc. Sobre a cómoda de pau-preto era devotamente venerado o mais rubicundo, menineiro e bem-disposto Santo António, que ainda modelaram as mãos de santeiro afamado. E seja dito de passagem que não sei porque a tradição popular dá a este austero franciscano o aspeto chorudo de um moderno reitor de farta abadia de aldeia.

No interior da redoma onde se abrigava o santo estava estabelecido o museu de raridades da tia Doroteia. Eram flores artificiais, concharinhas e caramujos, um rosário de caroços de azeitonas, uns poucos de vinténs de prata, enfiados e pendentes do braço do Menino Jesus, que o santo sustentava ao colo, verónicas, escapulários, uma campainha benta, uma medida do braço do Senhor de Matosinhos, um pão do saco de Santa Isabel, que vai na procissão de Cinza, no Porto, e outros objetos curiosos.

A mobília da sala consistia em cadeiras de palhinha, que gemiam quando entravam em serviço, como militar cujas articulações o reumatismo invadiu; mesas cobertas com colchas de chita; baús cravados de pregaria amarela, disposta em letras e arabescos; uma papeleira de pau-

santo, e uma gaiola com um canário decrépito, objeto, há muitos anos, das tentações de um gato, mais decrépito do que ele e pertencente às classes inativas.

Henrique, adivinhando, por todo aquele cheiro de beatitude e de antiguidade que ali se respirava, os hábitos da casa, sentia já certo desconforto, como de quem é arrancado de súbito ao ambiente em que se educou e vive, engolfado num ambiente estranho; espécie de asfixia moral, não menos angustiosa do que a do peixe fora da água.

A saudade que ao princípio sentira dissipara-se já. O perfume da saudade é como o de certas flores, que só se percebe quando de longe o recebemos. Se, iludidos, as tentamos aspirar de perto, dissipa-se.

Acontecera isto com Henrique.

Cada vez, portanto, se lhe radicava mais funda a crença de que não seria por muito tempo que se demoraria ali.

— Os emolientes do doutor — pensava ele, enquanto sua tia falava — serão eficazes para quem os puder sofrer sem enjoo, mas para mim.

No entretanto sentou-se.

— Ora o Henriquinho! — dizia ainda D. Doroteia, pondo-se de braços cruzados em contemplação em frente dele. — Ó menino, onde foste tu arranjar esses bigodes tamanhos? Então isso agora usa-se?

Pergunta que sobremaneira embaraçou Henrique.

— Quem quer usar, usa, tia. Não é obrigação — respondeu ele, com leve mau humor.

— Em nome do Padre e do Filho! — dizia Maria de Jesus, benzendo-se e tomando lugar ao lado da ama. — Até nem sei que parece lembrar-se a gente que trouxe este marmanjão ao colo!

O termo «marmanjão» não soou bem a Henrique. Principiava também a impacientá-lo o ver as duas embasbacadas diante dele; um homem, sujeito a uma exposição destas, por mais que faça, não atina com o modo de arrostar com ela, que não seja ridículo. Ora Henrique, como todo o homem da sociedade, o que mais que tudo temia neste mundo era o ridículo.

Felizmente acudiu-lhe a caridosa intervenção da tia Doroteia, que fez perceber à criada a conveniência de ir

preparando a ceia de Henrique, que havia de querer recolher-se. Henrique, apesar de não costumar cear aceitou a ideia, porque o frio, as fadigas e a má alimentação dos últimos dias, tinham-lhe desafiado o apetite. Demais, o espanto de D. Doroteia, quando lhe ouviu dizer que as ceias não entravam nos seus hábitos, foi tal que lhe tirou o ânimo de rejeitar.

— Não ceias! Ó menino, que me dizes? Então vais-te deitar sem ceia? Ora essa! Por isso vocês são uns peléns. Vejam lá que arranjo este! Ficar toda a santa noite sem alguma coisa que dê sustento ao estômago, que aconchegue. Nada, nada: a ceinha em todo o caso. E tu hás de também querer mudar de fato?

— Eu venho bastante molhado.

— Ai, então depressa, menino, que não há nada pior do que a roupa molhada no corpo. Ó Maria. Ou deixe estar, eu vou. Anda, Henriquinho, anda lá, que eu guio-te ao teu quarto para te arranjares.

Meia hora depois, Henrique, banhado, enxugado e comodamente vestido, saboreava uma gorda galinha de

canja, sobre uma mesa coberta de toalha lavada, e na melhor louça da copeira.

Ele, que tinha sempre severidades de crítica contra os mais afamados cozinheiros de Lisboa, estava achando deliciosa aquela comida primitiva, com que o regalava a tia.

Esta sentou-se a vê-lo comer, e, com a mesma familiaridade que Henrique já anteriormente estranhara, Maria de Jesus sentou-se ao lado da ama.

Ambas tinham ceado já, pois que o faziam ao cerrar da noite.

Enquanto Henrique comia, elas, sem deixarem de o observar com a natural curiosidade de quem há tanto tempo não tivera um hóspede, faziam-lhe perguntas sobre perguntas, às quais ele ia respondendo conforme lhe era possível.

— Tu dizias-me na tua carta que estavas doente; pois olha que na cara não o parece.

— Não — concordou a criada — tem boas cores, e, vamos, a magreza ainda não é lá essas coisas.

Era este o ponto fraco de Henrique; respondeu logo ao reclamo.

— Não digam isso! Então não veem como estou? Pois isto é lá cor de saúde? De febre, será. Gordo? Pois acham-me gordo?!

— Gordo, não digo, mas assim, assim. E, depois, como vieste de jornada. Mas afinal que moléstia é a tua, menino?

— Eu sei lá, tia Doroteia? Nem os médicos a conhecem bem. É, entre outras coisas, uma tristeza, uma melancolia, que me não deixa, que me persegue por toda a parte. Às vezes, parece-me que sinto apertar-se-me dolorosamente o coração; outras, são palpitações, ânsias. Tenho quase vontade de chorar, irrito-me, impaciento-me, não quero que me falem, nada quero ver, nada quero ouvir; não leio, não durmo, não como. Finalmente, todo eu sou doença e tristeza.

A boa tia Doroteia olhava com sisudez e atenção para o sobrinho, enquanto ele falava, e na fisionomia iam-se-lhe desenhando, ao ouvi-lo, os mais expressivos sinais de espanto e consternação.

Assim que Henrique terminou a exposição, ela disse-lhe com uma adorável candura:

— Então é assim uma espécie de mania?

À palavra «mania» Henrique sobressaltou-se. Seria a consciência que se sentiu ferida?

— Mania? Ó tia Doroteia! Mania! Veja bem, olhe que o termo é forte! Mania!

— Sim, menino! — insistiu ingenuamente a boa senhora — Pois olha que não é outra coisa. Pois isto de estar triste sem ter de quê... Sim. Porque, não te morrendo ninguém, nem te doendo nada.

Ó poetas devaneadores, ó almas melancólicas, que percebeis, no sussurrar das brisas, no ciciar das folhas, no murmurar dos arroios, queixas ocultas de dríades e de náiades, sentidas vibrações das harpas de fadas aéreas que vivem em palácios de nuvens; ó corações inoculados de poesia, que vos confrangeis e gotejais lágrimas sinceras ao desmaiar do dia, ao desfolhar das árvores no Outono; poetas que escutais, com Vítor Hugo, as vozes interiores, os cantos do crepúsculo, e com ele adivinhais os mistérios dos

raios e das sombras, perdoai a involuntária blasfémia da tia Doroteia, que não contém o menor fermento de malícia; perdoai-lhe a dura expressão de que ela se serviu para caracterizar os vossos arroubamentos, as vossas tristezas vagas, os vossos devaneios, e crede que, apesar da frase, teríeis nela uma alma mais afinada para simpatizar convosco de que tantas que por aí fazem gala de vos compreender melhor.

Henrique não podia, porém, digerir a expressão de que se servira a tia, para diagnosticar o seu mal.

— Mania! — repetia ele — Essa agora! Sempre é forte de mais. Mania, não, tia Doroteia, lá isso não. Mania!

— Eu digo-lhe — acudiu a criada. — Não vá sem resposta; que está quase como o cunhado da Rosa do Bacelo. A senhora não se lembra? Andou aquela alminha por aí sempre muito triste, sempre a falar só, até que afinal lá foi parar.

— Aonde? — perguntou Henrique, erguendo os olhos interrogadoramente para a criada.

— Lá foi parar a Rilhafoles — concluiu esta, espevitando a vela o mais naturalmente deste mundo.

Henrique de Souselas pulou com a sinceridade.

Nem acabou de sorver a última colher de caldo de arroz, que lhe estava sabendo como nunca manjar lhe soubera.

— Então não comes mais? — perguntou a tia.

— Muito agradecido; eu o mais que tenho é sono.

— Pois sim, mas é preciso fazer por comer — insistiu ela.

— Ora vá mais este coxão — disse a criada.

— Não é possível — teimou Henrique, e insistiu para se recolher ao quarto.

— Tens razão, tens — concordou a tia Doroteia — deves estar fatigado. Vai com a nossa Senhora, menino. E deixa-te lá de pensar e estar triste, que isso não é bom. É fazer por espairecer. Come, bebe, passeia, que é o que dá saúde. Nada de malucar.

— Sim — acrescentou a criada — e não queira estar doente, que não tem graça nenhuma.

— E olha, Henriquinho, tu tens por aí com quem te podes distrair. O brasileiro Seabra, que tem uma casa como um palácio; o Augustito do doutor, que é um bom mocinho. E depois vai dar um passeio por aí, um dia até os moinhos; outro dia até à ermida da Senhora da Saúde. Agora me lembra: a Lenita já mandou aí outra vez saber se tinha chegado o hóspede — disse D. Doroteia.

— Não foi só a Morgadinha.

— Aí está você a chamar-lhe também a Morgadinha.

— Então, senhora?! Isto é o costume. Mas todas as outras senhoras mandaram também o Torcato saber do Sr. Henrique. A Sra. D. Vitória e a Cristininha.

— Ai, pois cuidadosas são elas! Tu hás de te entender com aquela gente. É uma gente muito dada e sem cerimónia. É preciso lá ir. Olha, amanhã podes ir visitá-las. É um passeio bonito.

Henrique, que tinha estado distraído durante a conversa das duas, nem se dava ao trabalho de intervir no diálogo em que elas dispunham já do seu tempo e traçavam-lhe planos de vida.

— Mas vai descansar, menino, vai e faz por dormir. Olha lá: tu costumas dormir com luz?

— Não, tia, não costumo.

— É porque nesse caso. Ó Maria, onde está aquela lamparina, que me serviu quando eu estive doente, há seis anos?

— Está lá dentro, senhora; se a senhora quer, eu.

— Vê lá, menino.

— Não, tia, não quero.

— Há pessoas que não podem dormir às escuras — dizia a criada. — Eu, graças a Deus, durmo bem de qualquer forma.

— Pois sim, mas nem todos são como você. Olha, ó Henriquinho, hás de ver se queres o travesseiro mais alto, ou.

— Muito agradecido, tia Doroteia, tudo deve estar bom — disse Henrique, procurando fugir às muitas reflexões, perguntas e conselhos, com que as duas o iam perseguindo até o quarto.

— Olha, ó menino, tu bebes água de noite?

— Às vezes.

— Você pôs-lhe água no quarto, Maria?

— Pus, sim, minha senhora; pois então? Já a minha mãezinha dizia que antes sem luz do que sem água.

— Bem, então está bem. Então muito boa noite, menino.

— Boa noite, tia.

— Ai, é verdade. Hás de ver se queres mais roupa na cama.

— Não hei de querer, não, tia.

— Olha que está muito frio. Você quantos cobertores lhe deitou, ó Maria?

— Cinco, senhora.

— Cinco! — exclamou Henrique, quase horrorizado. — Cinco cobertores!

— É pouco?

— Pouco?! — É de morrer esmagado debaixo deles.

— Ai, quer não! Olha que está muito frio.

— Bem, bem, eu cá me arranjarei.

— Então, muito boa noite.

— Muito boa noite, tia.

E Henrique ia a fechar a porta.

— Olha. — disse ainda a tia.

Henrique parou.

— Não sei o que é que me esquece.

— Não há de ser nada, tia; boa noite.

— Não esquecerá? Eu se? Enfim. Boa noite. Ai, é verdade. Sempre é bom ficar com lumes-prontos.

— Ai, sim; lá isso sempre é bom.

— Vês? Não que bem me parecia.

— Já lá estão, senhora — disse a criada de longe.

— Melhor; então muito boa noite nos dê Nosso Senhor, menino.

— Muito boa noite, tia.

E Henrique conseguiu fechar a porta.

Estava finalmente só.

— Que desastrada lembrança a minha! — disse o pobre rapaz, ao fechar a porta sobre si. — Como posso eu viver com esta santa e virtuosa gente, que chama manias aos meus padecimentos? Que futuro de impertinências me esperava! Ai, Lisboa, Lisboa! E pensar eu que só posso voltar para ti à custa de outra jornada!

O quarto de Henrique era arranjado com simplicidade. Um alto leito de almofada na cabeceira e rodapé de chita, tão alto que se não dispensava o auxílio de cadeira para trepar acima dele, uma cómoda com um pequeno espelho, um baú, um lavatório e duas cadeiras mais, constituíam a mobília toda.

Henrique de Souselas sentia a falta de mil pequenos objetos de toucador a que estava habituado. Aquele estritamente necessário não lhe prometia grandes confortos.

Deitou-se. A roupa da cama era de linho alvíssimo e respirava um asseio e frescura convidativos; os

travesseiros, de largos folhos engomados, possuíam uma moleza agradável às faces; o colchão de penas abatia-se suavemente sob o peso do corpo fatigado.

Henrique conchegou a roupa a si; à falta de velador pousou o castiçal no travesseiro, e, abrindo um livro que trouxera de Lisboa, pôs-se a ler, para obedecer a um hábito adquirido.

Não teria ainda lido um quarto de página, quando ouviu a voz da tia Doroteia, que lhe dizia de fora da porta:

— Ó menino, tu já te deitaste?

— Já, sim, tia Doroteia.

— Olha se tens cautela com a luz. Eu tenho um medo de fogos!

— Esteja descansada, tia. Eu apago já.

— Então será melhor. S. Marçal nos acuda.

E afastou-se, rezando ao santo.

Henrique continuou a ler.

Daí a pouco a mesma voz:

— Tu já dormes, Henriquinho?

— Não, tia, ainda não durmo.

— Olha que não vás adormecer sem apagar a luz. Eu tenho um medo de fogos! Não descanso, enquanto não vejo tudo apagado em casa.

Henrique perdeu a paciência.

— Pois pode sossegar. Olhe.

E apagou a vela meio zangado.

— Fizeste bem, fizeste bem; isto já é tarde, e é melhor fazer por dormir. Então muito boas noites.

— Muito boas noites — respondeu Henrique quase amuado; e ajeitando-se na cama, dizia consigo: — E esta! Já vejo que nem ler me é permitido aqui. Olhem que vida me espera. E isto é que me devia curar? Que fatalidade!

Dentro em pouco, os dois felpudos cobertores de papa, únicos que conservava dos cinco primitivos, começaram a fazer o seu efeito, insinuando nos membros cansados da jornada um agradável calor. Convidavam ao sono o som da água num tanque que ficava por debaixo das janelas do

quarto e as gotas da chuva, que dos beirais do telhado caíam compassadas na tábua do peitoril. A noite sossegara. De vez em quando apenas algumas lufadas de vento, já menos impetuosas, faziam bater as vidraças.

Era como estes estados, que sucedem a um choro aberto. Correm ainda algumas lágrimas nas faces, mas já não brotam novas dos olhos: saem ainda do peito os soluços, porém mais espaçados; dentro em pouco será completa a serenidade.

Henrique começou a experimentar uma languidez, um delicioso bem-estar naquele confortável leito e no meio daquele sossego; fecharam-se-lhe enfraquecidos os olhos, e deslizou suave, insensivelmente, no mais profundo, tranquilo e restaurador sono, que, há muito tempo, tinha dormido.

CAPÍTULO III

O romper da manhã, quando a consciência começa, pouco a pouco, a acudir aos sentidos, até então tomados pelo torpor de um sono profundo, Henrique de Souselas sonhava-se comodamente sentado numa cadeira de S. Carlos, disposto a assistir ao desempenho de uma ópera favorita.

Moviam-se os arcos nas cordas dos violinos, violoncelos e contrabaixos; sopravam, a plena boca, os tocadores dos instrumentos de vento; agitavam descompostamente os braços os ruidosos timbaleiros; dedos amestrados faziam vibrar as cordas da harpa; a batuta do mestre fendia airosamente os ares, e contudo não chegava aos ouvidos de Henrique, de toda esta riqueza de instrumentação, mais do que uma nota única, arrastada, contínua, plangente, baixando e subindo na escala dos tons, e sem formular uma só frase musical.

Era de desesperar um diletante como ele: torcia-se na cadeira, inclinava convenientemente a cabeça, fazia das

mãos cornetas acústicas, e sempre o mesmo resultado!

Este violento estado de atenção, este esforço do sensório, começou nele a obra do despertar; começou pois pelos ouvidos, mas cedo se transmitiu a todos os outros órgãos.

Antes de dar a si próprio conta do que era aquele som, e quase esquecido ainda do lugar em que estava, Henrique abriu os olhos.

A luz do dia penetrava já pelas frestas mal vedadas das janelas e espalhava no aposento uma ténue claridade.

Veio então a Henrique a consciência do lugar em que estava, e uma alegria profunda lhe dilatou o coração.

O leitor, se ainda não padeceu de insónias, de pesadelos, ou de sonhos febris, não avalia por certo o contentamento íntimo que se apossa das desgraçadas vítimas desses demónios noturnos, quando por exceção eles as deixam em paz, e lhes respeitam o sono de uma noite completa. Acordar só aos raios da aurora é um dos mais inefáveis prazeres a que eles aspiram na vida.

Penetra-lhes então nos membros um insólito vigor; a arca do peito expande-se-lhes mais livre, e as sombras do

espírito dissipam-se-lhes com aquele clarão matinal.

Foi o que sucedeu a Henrique. Pela primeira vez, depois de muitos meses, dormira de um sono a noite inteira.

Sentia-se com isto tão bom, tão vigoroso, tão contente que teve vontade de cantar.

Mas o som que o acordara, aquela nota única, em que se confundiam todas as notas da sonhada orquestra, ainda lhe soava nos ouvidos.

Prestando-lhe a atenção de acordado, conheceu que era o chiar dos carros — o mesmo som, que na véspera o irritara, agora, assim a distância, estava-lhe agradando, como nota extraída por mão hábil das cordas de um violino.

Não resistiu por mais tempo ao impulso que naquela manhã o incitava ao exercício, rara disposição no indolente filho da capital, que tinha por hábito ouvir o meio-dia na cama.

Ergueu-se e abriu as janelas.

Não é lícita a comparação entre a mais surpreendente transmutação de uma dessas aparatosas mágicas, que tanto extasiam as multidões embasbacadas nas plateias e

camarotes de um teatro, e as que, de instante para instante, realiza a natureza. Descerrando o véu de nuvens que encobre o fulgor do Sol, elevando, acima do horizonte, esse majestoso lampadário do Mundo, ou o brilhante refletidor que ilumina as noites desanuviadas, a natureza opera, a cada momento, as mais admiráveis e completas metamorfoses.

Durante o sono de Henrique realizara-se um desses efeitos mágicos.

Abrandara gradualmente a violência do sul; o vento, mudando, voltou em sentido oposto a grimpa do campanário; dispersaram-se as nuvens; luziram trémulas por momentos as estrelas, empalideceram perante o alvor do dia, e, quando o Sol assomou por sobre as cristas das serras, estendia-se-lhe diante um vasto manto azul, tapetando a estrada, que tinha a percorrer. Só muito para o ocidente, ainda algumas nuvens amontoadas formavam uma como franja, que o astro nascente em breve tingiu de carmim e de oiro.

Foi, pois, a luz de um dia esplêndido e a brisa, cheia de aromas, que vem dos campos nas alvoradas serenas, que

penetraram no quarto de Henrique, quando ele abriu as janelas.

A inesperada surpresa quase lhe soltava do peito uma exclamação de prazer!

A aldeia, aquela mesma aldeia, escura e triste, que, com o coração apertado, atravessara na véspera, parecia outra.

O sol da manhã baixara sobre ela, dissipara-lhe as sombras, colorira-lhe as verduras, refletira-se-lhe nas presas, dispersara-se em íris cambiantes na espuma das torrentes e cascatas naturais, perfumara-a de aromas, animara-a de cantos, transformara-a, enfim, na mais risonha paisagem em que os olhos de Henrique, pouco habituados às esplêndidas galas do Minho, tinham nunca repousado.

O Inverno despojara parte dessas galas, embora! Até da própria nudez de algumas árvores resultavam encantos. As folhas crestadas, os ramos despidos, as moitas sem flores infundem tristeza; mas não tem a tristeza poesia também? Pode haver completa paisagem onde não haja uns tons escuros de melancolia?

Henrique de Souselas, debruçado na varanda de pedra do quarto, não se cansava de admirar aquela cena.

Parecia-lhe estar assistindo a um milagre de fadas, que, num momento, se elevam, nos ermos, jardins e paços como os de Armida e Alcina.

Pois era esta a mesma aldeia, através da qual ele cavalgara de noite?

Os acidentes do terreno, aqueles acidentes, que tão do fundo da alma amaldiçoara na véspera, produziam, vistos então dali, os mais pitorescos efeitos. Abatia-se-lhe aos pés um não muito profundo vale, opulento em vegetação, e que, a certa distância, se continuava insensível e gradualmente com uma ameníssima colina. Além, um belo bosque de carvalhos seculares, que o Inverno, privando-os de folhas, tingira quase da cor da violeta, contrastava com a fronde sempre verde das laranjeiras nos pomares vizinhos, fronde por entre a qual se divisavam abundantes os doirados frutos poupados pela mão do lavrador. As copas, como umbeladas, dos pinheiros mansos, desenhavam nas encostas e iminências caraíras as mais suaves ondulações. Dispersos aqui e ali, e entremeados com a verdura, grupos

de casas campestres, alvejantes à luz do Sol, moinhos e azenhas, noras, toldadas de ramadas cónicas, eiras, pontes rústicas, as mesmas talvez que com mau humor trilhara na véspera, tão sinistras então, como graciosas agora; extensas e virentes campinas e lameiros, onde pastavam numerosas manadas de gado. Mais longe a igreja com a sua alameda à entrada, e o cemitério, onde um só mausoléu avultava ainda; uma ou outra casa apalaçada, enegrecida pelo tempo; algumas ruínas, consolidadas pelas heras, revestidas de musgos, doiradas de líquenes; finalmente, tudo o que tenta os paisagistas, tudo o que exalta os poetas, tudo quanto suspende os passos ao viajante; e, encobrindo todo o quadro, um tenuíssimo cendal de vapores azulados, dando-lhe a aparência de uma das mimosas composições a pastel da mão de Pillement.

A mudança de aspeto da cena operou não menor mudança nos sentimentos e disposições do enlevado espectador que das varandas de Alvapenha a estava observando.

— É preciso sair! É preciso sair! — disse Henrique consigo. — Quero ver isto de perto; quero entranhar-me

nestes bosques, quero trepar por aqueles montes, debruçar-me daquelas ribanceiras.

E, vestindo-se à pressa, e sem sentir a necessidade de uma escrupulosa toilette, saiu do quarto.

Encontrou nos corredores a tia Doroteia, que o saudou amavelmente.

— Muito bons dias, menino; então como passaste tu a noite?

— Deliciosamente, minha querida tia — respondeu ele abraçando-a com maior afeto e bom humor do que na véspera.

O que é sentir-se a gente bem!

— Então não estranhaste?

— Estranhei imenso!

— Sim! — disse a tia, mortificada.

— Dormi a noite de um sono, e acordei bem disposto; o que para mim é a mais estranha das ocorrências.

A tia sorriu satisfeita.

— Pois antes assim. E agora.

— E agora quero sair, quero ver esta terra, que me está parecendo um paraíso terreal.

— Espera, menino. Não vás sem almoçar.

— Almoçar! Pois que horas são?

— Não é cedo; são já sete horas.

— Já sete horas!

E Henrique insensivelmente desviou os olhos para a janela, para ver como era a natureza, a uma hora a que raras vezes a examinava.

— E então acha que se pode almoçar às sete horas?

— Porque não? Se já está pronto.

— Bom; almocemos. O doutor disse-me que tomasse os hábitos da aldeia. Principiemos por este.

Entrando para a sala de jantar, Henrique viu diante de si uma taça de leite espumante, tépido, odorífero, extraído de pouco tempo.

Foi por ele que começou o almoço.

Pela primeira vez na sua vida disse ele ter bebido o leite verdadeiro, o leite que não faz mentir a análise dos químicos, de que os fisiologistas exaltam as qualidades nutritivas, de que os poetas das geórgicas cantam as delícias e virtudes; só agora os compreendeu ele, que bem diferente daquilo era o aguado e quantas vezes derrancado soro, a que estava habituado na cidade.

D. Doroteia, almoçando, e Maria de Jesus, servindo, falaram, segundo o costume, continuamente.

Henrique, desta vez, falou tanto como elas.

Ouvia-as já com mais atenção e respondia-lhes com mais vontade e paciência.

Falaram em muitas coisas.

A tia deu parte ao sobrinho de que várias pessoas da vizinhança, sabendo-o chegado, lhe tinham já mandado presentes de galinhas, oferecendo-se, ao mesmo tempo, para lhe mostrarem as raridades da terra; disse mais que as senhoras da quinta do Mosteiro também tinham já mandado saber dele, Henrique, e lembrou que seria delicado ir visitá-las aquela manhã.

Henrique concordou em tudo, quase sem reparar em quê, e, terminando o almoço, apressou-se a sair para o campo.

— E se te perdes, menino? — lembrou a tia.

— Se me perder, farei por achar-me.

Riram-se muito as boas mulheres e deixaram-no ir.

Dentro em pouco, Henrique atravessava a quinta, que também então lhe pareceu graciosa, de uma graça bucólica, a que não estava habituado. O aspeto melancólico da véspera desvanecera-se. Até, para ser completa a mudança, estavam encadeados nas casotas o Lobo e o Tirano, cujas boas graças contudo procurou conquistar, atirando-lhes biscoitos.

Foi um passeio delicioso o que ele deu. Tudo quanto via era novidade, tudo lhe cativava a atenção e o distraía dos seus lúgubres pensamentos.

Depois de muito andar, de subir colinas, de descer vales e costear ribeiros, foi sair a um pequeno largo, no fim do qual havia uma casa térrea, caiada de branco, com portas verdes e janelas envidraçadas, sendo os vidros em alguns dos caixilhos substituídos por papel. À porta desta casa

estava muita gente parada: mulheres, velhos, jovens, crianças, uns sentados, outros deitados, outros a pé e encostados à ombreira e todos aparentemente aguardando alguma coisa ou alguém do lado de uma das ruas, que vinha terminar no largo, e para a qual se dirigiam todos os olhares.

Henrique aproximou-se desta casa com alguma curiosidade, que cedo satisfez, vendo numa tabuleta, suspensa no alto da janela, a seguinte pomposa inscrição: «Repartição do correio», e, como a confirmar o dístico, um corte feito na porta para a receção das cartas.

Lembrando-se da conveniência de avisar o empregado do correio para lhe serem remetidas a Alvapenha as cartas que lhe viessem de Lisboa, Henrique entrou na repartição.

Consistia esta numa loja apenas, mobilada com um banco de pinho e dividida por um mostrador, para dentro do qual se alojava todo o pessoal do serviço, isto é, um homem por junto; e era este o Sr. Bento Pertunhas, personagem importante na terra, e a cuja inteligência e solicitude estavam confiadas mais do que uma função. Além de servir, em interinidade permanente, como muitas vezes são as

interinidades do nosso país, este cargo, dito por ele, de «diretor do correio», estava de posse S. S.A. de uma das cadeiras de latim e de latinidade, com que se procura em Portugal fomentar nos concelhos rurais o gosto pelas letras antigas; era ainda regente e diretor da filarmónica da terra, armador de igreja em dias festivos, ensaiador de autos e entremeses populares, e, quando Deus queria, autor de alguns também.

Vendo entrar Henrique nos seus domínios, o ilustre funcionário tirou cortesmente o seu boné de pele de lontra e ergueu-se da banca para cumprimentar tão honrosa visita. Nos cumprimentos que formulou disse o nome de Henrique.

Admirado por ser já conhecido, Henrique interrogou o latinista e, achando-o muito informado de tudo quanto lhe dizia respeito, convenceu-se de que estava na presença de um falador de assustar.

Com o fim de cortar a divagação em que o homem entrara a respeito de certa viagem que fizera a Lisboa, perguntou-lhe Henrique se o correio não chegara ainda.

— Saiba V. S.A. que ainda não — respondeu o Sr. Bento Pertunhas — mas não deve tardar. O homem que daqui vai buscar as malas à vila, se bem andasse, já cá podia estar. Esse formigueiro de gente, que V. S.A. aí vê à porta, está à espera dele. Hoje, então, que chegam as cartas do Brasil, ninguém pára com este povo. Dão-me cabo da paciência. Isto é um inferno! Eu sirvo este lugar interinamente, enquanto o empregado está paralítico; porque eu tenho outro cargo público: sou professor de latinidade.

— Ah!

— É verdade, mas a minha vocação era para as artes. O meu pai queria que eu fosse padre e mandou-me ensinar latim; mas já então a minha paixão era a música. Eu ainda queria que V. S.A. me ouvisse tocar trompa, que é o instrumento que mais tenho estudado. Se V. S.A. se demorar, há de fazer-me o favor.

— Com muito gosto.

— Não poder um homem seguir no mundo a sua vocação!

— Ainda assim não se pode queixar muito. O cultivo das letras deve-lhe proporcionar gozos; porque, enfim, para quem possui instintos de arte, a leitura dos poetas já é um lenitivo contra as agruras da vida.

O mestre Pertunhas fitou Henrique com olhos muito abertos.

— Os poetas? Os poetas latinos! Ora essa! Então parece-lhe que pode achar-se gosto em lê-los? Ai, meu caro senhor, eu por mim tenho-lhe uma vontade! O latim! Amais destemperada e desesperadora língua que se tem falado no mundo! Se é que se falou — acrescentou em voz baixa.

— Então duvida que se falasse latim? — perguntou Henrique, sorrindo.

— Eu duvido. Não sei como os homens se pudessem entender com aquela endiabrada contradança de palavras, com aquela desafinação que faz dar volta ao juízo de uma pessoa. Sabe o senhor o que é uma casa desarranjada, onde ninguém se lembra onde tem as suas coisas quando precisa delas e passa o tempo todo a procurá-las? Pois é o que é o latim. Abre a gente um livro e põe-se a traduzir e vai

dizendo: «As armas, o homem, e eu, canto de Troia, e primeiro, das praias». Quem percebe isto? Ora agora peguem nestas palavras e em outras, que eles punham às vezes em casa do diabo, e façam uma coisa que se entenda! É quase uma adivinha. Ora adeus! E depois — continuou ele, entusiasmado com o riso de Henrique, supondo-o de aprovação — e depois as diferentes maneiras de chamar a um objeto? Isso também tem graça. Nós cá dizemos por exemplo: «reino e reinos», e está acabado; lá não, senhor; diz-se regnum e regna e regni e regno e regnis e até regnorum. Ora venham-me cá elogiar a tal língua.

Henrique estava achando delicioso o ódio entranhado de mestre Bento Pertunhas à latinidade, que ensinava com a proficiência que o leitor pode imaginar, depois do que lhe ouviu.

— Ai, meu caro senhor — continuou o atribulado magister — eu, se me vejo um dia livre deste amaldiçoado latim, faço uma fogueira, na qual me hei de regalar de ver arder o Tito Lívio e os Virgílios todos três.

É de advertir que mestre Bento falava sempre no plural, ao referir-se a Virgílio.

Quer-me parecer que para este intérprete da literatura latina tinham de facto existido três Virgílios, provavelmente irmãos, e cada um autor de cada um dos três volumes da edição que lhe servia de texto. Dizia Virgílio 1.°, 2.° e 3.°, como quem se refere aos monarcas homónimos, que sucederam num mesmo reino.

— Não me salvo se morro mestre de latim — prosseguiu ele. — Afunda-me no Inferno o trambolho da sintaxe.

Ia a continuar, quando toda a gente que Henrique viu fora da porta começou, em desordenada azáfama, a entrar para a loja, que em breve não comportava mais ninguém.

— Aí vem o homem, Sr. Pertunhas; aí vem. Graças a Deus, que aí vem! — diziam todos à uma.

O funcionário começou a impacientar-se.

— Então! Então! Por onde há de ele entrar, fazem favor de me dizer? Saiam, saiam. Não ouvem? Então não fazem caso das minhas ordens? Deem lugar. Não veem que estão molestando este senhor?

Cada um dos repreendidos nestes termos indignava-se ao ver que os outros não obedeciam às ordens, mas, pela sua

parte, não cedia um passo, como se lhe valesse algum especial privilégio.

— Saia você, mulher — dizia um.

— E você porque não sai? Olha agora!

— A todos há de chegar a vez. Descanse. Se tiver carta, lha darão. Lá por estar aqui não é que.

— Pois então saia também. Ora essa!

— Ó santinha, não empurre.

— Ó filho, quem é que lhe fez mal?

— Por onde é que se quer meter, homem de Deus?

— Eu não sou menos que os outros.

— Que quereis vós daqui, canalhada?

— Não bata, que ninguém lhe tocou, seu velhote.

— Espera que eu te falo.

Estas e análogas vozes abafavam num rumor tumultuoso as agudas declamações do «diretor do correio», o qual obrigou Henrique a passar para dentro da teia, para se salvar das ondas populares.

Henrique estava achando igualmente curiosa a indignação do homem e a alvoroçada ansiedade do povo.

Há, de facto, poucas cenas tão animadas, como a da chegada do correio e da distribuição das cartas numa terra pequena. Durante a leitura dos sobrescritos, feita em voz alta pelo empregado respetivo, um observador, que estude atento as impressões que essa leitura opera nos rostos dos que, ávidos, a escutam, como que vê levantar-se uma ponta da cortina, corrida a ocultar-nos as cenas da comédia ou da tragédia da vida de cada um.

Que hora de comoções aquela, em que se abrem as malas, onde vêm encerrados porventura os destinos de tantas pobres famílias! Quantas vezes verdadeira caixa de Pandora, donde se espalham as desgraças e os pesares!

Nas grandes cidades dispersam-se estas comoções; passam-se no recato dos gabinetes de cada um. Lembrem-se porém das vezes em que têm segurado com mão trémula na correspondência que o correio lhes traz; no ansiar do coração com que lhe interrompem a leitura; no irresistível movimento de desespero, com que a amarrotam depois, ou nas expansões apaixonadas com que beijaram o nome que

as subscreve; lembrem-se disso, multipliquem depois esses factos, todos, despojem-nos das reservas que a etiqueta impõe à s classes mais civilizadas; façam-nos manifestarem-se num mesmo momento e num mesmo lugar, e digam se concebem muitas outras cenas, em que mais sentimentos e paixões se agitem em luta travada.

Chegou enfim o homem das cartas, e a custo conseguiu romper até ao mostrador, onde pousou a mala. O «diretor», depois de tossir, de assoar-se, de suspirar e de limpar os óculos com umas delongas, que formavam com a ansiedade do povo um contraste desesperador, abriu fleumaticamente o saco, extraiu um não muito volumoso maço de cartas, que despejou num cesto de vime, e tomou apontamentos.

Era digno do pincel de um artista aquele grupo de fisionomias, que seguiam ávidas todos os movimentos de mestre Bento. Olhos e bocas abertas, mãos juntas, pescoços estendidos, a cabeça inclinada para receber o menor som, tudo caracterizava profundamente a ansiedade que lhe dominava os ânimos.

Mestre Bento Pertunhas achou a ocasião apropriada para dizer a Henrique:

— Pois, senhor, eu nasci para artista. Quase sem mestre aprendi a tocar trompa e, não é por me gabar, mas prezo-me de tocar com certo mimo e expressão.

Henrique volveu o olhar para o auditório; apiedou-o a consternação daquelas fisionomias. Resolveu valer-lhe.

— Tem a bondade de ver se há alguma carta para mim?

— Ah! Pois já as espera hoje?

— Não é provável; porém.

Mestre Bento Pertunhas, em vista disto, começou em voz lenta e fanhosa a leitura dos sobrescritos.

Seguiu-se novo e não menos interessante espetáculo.

A cada nome proferido, erguia-se quase sempre uma voz, às vezes um grito; estendia-se por cima das cabeças um braço, e, podemos acrescentar, ainda que se não visse, alvorotava-se um coração.

Outros, os não nomeados ainda, olhavam com ansiedade para o maço, que diminuía, e cada vez mais se lhes assombrava o rosto.

— Luísa Escolástica, do lugar dos Cojos — lia o mestre Pertunhas.

— Sou eu, senhor, sou eu; ai, o meu rico homem! — exclamou uma mulher jovem, apoderando-se avidamente da carta.

— Joana Pedrosa, de Serzedo — continuava ele.

— Aqui estou; será do meu António, senhor? — disse uma velha pobremente vestida.

— Será do seu António, será — respondeu o insensível funcionário —; o que lhe posso dizer é que traz obreia preta.

A mulher, que já tremia ao receber a carta, deixou-a cair, ouvindo aquelas sinistras palavras. Apanharam-lha, e ela, tomando-a, saiu da loja, a chorar lastimosamente.

— Se foi o filho que lhe morreu, não sei o que há de ser dela — disse um dos circunstantes.

— Coisas do mundo! — respondeu outro.

Estes comentários foram interrompidos pela continuação da leitura.

— João Carrasqueiro.

— Pronto, senhor — bradou o velho.

— A mesada, hem? — disse Bento Pertunhas, fitando-o por cima dos óculos. — O rapaz não se esquece.

— Deus Nosso Senhor o ajude, que bem bom filho tem sido.

— D. Madalena Adelaide de.

— É a Morgadinha, é a Morgadinha — disseram a um tempo muitas vozes.

— Agradecido pela novidade; era cá muito precisa a explicação — disse o Pertunhas; e, passando a carta para uma mulher, que era a encarregada de fazer a distribuição a quem a podia gratificar, acrescentou:

— Leve-lha lá a casa.

E prosseguiu:

— Augusto Gabriel.

— É o mestre-escola.

— Ora fazem o favor de estar calados! Esta. como ele vem por aqui. pode ficar. ainda que. será melhor levar-lha a casa, leve, leve também.

— João Cancela.

— É o João Herodes.

— Esse foi a Lisboa.

— Então, quando vier, que apareça.

— O tio Zé Pereira ficou de receber as cartas. É compadre dele.

— Eu não quero saber de compadrices. O tio Zé Pereira que se ocupe com o seu zabumba e deixe lá os outros.

A leitura, mais ou menos acompanhada destes diálogos, prosseguiu, redobrando de momento para momento a ansiedade dos que iam ficando. Um fundo suspiro, uníssono, melancólico, expressivo de desalento, seguiu-se à leitura do último nome e às poucas palavras com que o funcionário fechou a tarefa.

— E acabou-se.

Os que ainda estavam na loja saíram cabisbaixos, morosos e com má vontade, como se ainda tivessem esperança de comover a inexorável sorte.

Henrique, ficando só com Bento Pertunhas, teve de lhe escutar ainda, por muito tempo, a narração dos seus passados triunfos artísticos, das suas amarguras presentes no magistério, e das suas esperanças em melhoramentos futuros. Entre as ambições mais inquietas do mestre, a de obter o lugar de recebedor da comarca, próximo a vagar por a morte iminente do respetivo empregado, figurava em primeira linha.

Depois de várias tentativas, Henrique conseguiu deixar o seu interlocutor, e continuou o passeio, que este episódio interrompera, tão satisfeito e distraído, que nem apreensões lhe causava a ideia de trazer as botas humedecidas pelas ervas do caminho, ideia que, em outra ocasião, bastaria para o fazer doente.

Ladeava ele um campo, cingido de altas silvas, a procurar saída para a devesa, da qual um fundo valado o separava, quando lhe pareceu ouvir um rumor de vozes, como de alguém que conversasse perto dali.

Parou a certificar-se.

Não se enganara. Era do outro lado da sebe, e na devesa, para onde tentava passar, que se estava falando.

Espreitou por entre as folhas do silvado que o encobria, e viu uma cena que lhe moveu a curiosidade.

Um grupo de crianças e de mulheres do povo escutavam, em pleno ar e com religiosa atenção, a leitura que uma senhora jovem e elegante lhes fazia das cartas, que elas para esse fim lhe davam. A senhora estava montada, não como romântica amazona, em hacaneia fogosa, mas modesta e simplesmente num digno exemplar daqueles pacíficos animais a que Sterne não duvidou dedicar algumas palavras de simpatia nas suas páginas mais humorísticas, e que Pelletan incluiu entre os colaboradores da humanidade na grande obra do progresso, ou, deixando a perífrase, numa possante e bem aparelhada jumenta.

À roda as ouvintes encostavam-se com familiaridade às ancas e ao pescoço do imóvel quadrúpede.

A leitora segurava no colo a mais pequena e a mais nua das crianças do rancho.

Lia com voz agradável e sonora; e, graças à serenidade da manhã e ao sossego do lugar, ouviam-se distintas, à distância que ficava Henrique, as palavras, que ela pronunciava lentamente, como para as deixar penetrar bem na inteligência do auditório.

Henrique reconheceu muita desta pobre gente por a mesma que, momentos antes, vira na casa do correio.

Mas as suas atenções voltaram-se com especialidade para a leitora.

Era uma mulher muito nova ainda. Uma graciosa figura de mulher, suave, elegante, distinta; um desses tipos que insensivelmente desenha uma mão de artista, quando movida ao grado da livre fantasia; a cor, essa cor inimitável, onde nunca dominam as rosas, mas que não é bem o desmaiado das pálidas, encarnação surpreendente, a que ainda não ouvi dar nome apropriado.

Os cabelos em fartas tranças, em ondas naturais, não de todo pretos, porém mais distintos ainda dos louros; a estatura esbelta, sem ser alta; o corpo flexível, sem ser lânguido; um vulto de fada, enfim, com a majestade, com a

graça que deviam ter estas criações da poesia popular, se fosse certo tomarem a forma de virgens, para matar de amores.

Não se concebe atenção tão distraída, que esta mulher não fixasse; olhos, que se não voltassem para segui-la, depois de a ver passar; coração, que não se perturbasse na sua presença.

Trajava um singelo vestido de xadrez branco e preto, adornado no colo e punhos apenas por colarinhos lisos. Descaía-lhe natural e elegantemente dos ombros um xaile de casimira escura, sem lhe ocultar as belezas da airosa conformação; o chapéu de palha, de largas abas, cobrindo-lhe a cabeça, espelhava pelo rosto as meias-tintas, tão favoráveis às belezas delicadas.

Henrique compreendeu logo a significação da cena, a que, tão inesperadamente, viera assistir. Aquela mulher parara ali, para ler a essa gente, pobre e ignorante, as cartas que tinham recebido do correio.

Também era caridade a ação, muito mais cumprida com o bom modo e com o carinho com que ela o fazia.

Henrique aplicou a atenção.

— ... «E por isso, minha mãe» — lia ela — «se Deus me ajudar, espero dentro em pouco ir a essa terra e darei remédio a tudo. E não me fale mais em vender o cordão e as arrecadas. Diga ao senhorio que tenha paciência, que eu satisfarei a tudo».

— Aqui a leitora parou para perguntar:

— Então que história é esta das arrecadas, Ana?

— É, senhora, que o aluguer estava vencido.

— E não podia falar-me antes de se lembrar do seu filho?

— Ora, senhora, bem basta o que.

— Fez mal. Estar a afligi-lo com estas coisas! Ele que precisa de toda a coragem!

E continuou a ler a carta, no meio das lágrimas e das expansões de alegria da ouvinte, mais interessada nela.

Acabando, deu um beijo na criança, que tinha ao colo, e estendeu a mão a receber a carta que outra mulher do grupo lhe passou. Esta era menos de consolar. Não se

falava ali senão de contratempos, de reveses e desesperanças. Mais do que uma vez teve de suspender a leitura, para mitigar a dor e enxugar as lágrimas que ela estava produzindo na pobre mulher a quem era dirigida.

Após esta, ainda outra e outra; uma de marido para mulher; outra de filho para mãe; outra de noivo para noiva.

Foi com o riso nos lábios e inofensiva malícia nas inflexões da voz e no olhar, que ela decifrou os mal legíveis caracteres, com que, em papel bordado, pintado e recortado, vinham expressos os mais arrebicados conceitos amorosos que ainda ditou uma paixão.

A noiva corava, sorria; mas, no meio da sua modesta turbação, era evidente que estava exultando de júbilo.

Com esta terminou a leitura.

Henrique não resistiu a esboçar rapidamente o gracioso grupo na carteira que trazia consigo. Não pôde, porém, deixar de dar-lhe um sabor de idade média, substituindo a jumenta por um palafrém de pura raça e dando à donzela, pelos trajes com que a desenhou, os ares de uma castelã rodeada dos seus vassalos.

Não lhe bastou o natural do quadro; quis revesti-lo de um figurino de convenção. Perdoe-lhe a arte, que julgou servir.

Depois de distribuir mais alguns beijos pelas crianças, a gentil rapariga passou a que tinha no colo para os braços da mãe e partiu rodeada de agradecimentos e bênçãos, perdendo-a Henrique de vista, por entre as árvores do caminho.

Aquele tipo delicado de mulher, aquela singeleza do apurado gosto, em que não podiam enganar-se olhos conhecedores, como os dele, aquela preciosa pérola ali na aldeia! numa terra para chegar à qual era necessário fazer uma comprida e laboriosa jornada! Donde viera ela e como? Que nuvem a trouxera? Que viração a transportara?

Em tudo isto ficou a pensar Henrique, e, quando se lembrou de que podia, para esclarecer-se, interrogar alguém do grupo, já não ia a tempo; tinham dispersado.

Conseguiu finalmente passar para a devesa, e foi sentar-se no lugar em que lhe aparecera a visão e aí se demorou algum tempo; mas, lembrando-se de que eram quase onze horas, levantou-se para não faltar às promessas feitas à tia

Doroteia, e que eram: a de visitar as senhoras do Mosteiro e a de estar em casa pouco depois do meio-dia, para não transtornar a regularidade dos hábitos domésticos em Alvapenha.

Pediu, pois, a uma criancita, que passava, que o guiasse à quinta do Mosteiro, e aí chegou depois de um quarto de hora de caminho.

CAPÍTULO IV

A casa do Mosteiro, com a quinta anexa à casa, como o dava a entender o nome pelo qual o povo a conhecia, tinha pertencido em tempos a uma Ordem monástica.

Era um destes conventos campestres que hoje ou se encontram em ruínas ou transformados em solar de alguma notabilidade provinciana. Ao de que falamos coubera o último destino.

Incluído, depois do ato ditatorial de 1834, na lista dos bens nacionais, fora, por insignificante preço, vendido a um modesto proprietário das imediações, mais arrojado do que os vizinhos, ou mais convencido da estabilidade da nova ordem de coisas políticas, que se inaugurava no país.

E, em tão auspiciosa hora lhe acudira aquela inspiração, que, em pouco tempo, lhe restituía a quinta o capital empregado, regalando-o todos os anos com não calculados juros, e ele, sem intermitências, cresceu daí por diante em

prosperidades a ponto de deixar, ao morrer, a família no número das mais abastadas naquela terra.

A propriedade do Mosteiro, apesar de vários melhoramentos e reformas efetuados nela, oferecia, ainda claros, muitos vestígios dos seus primitivos usos. Não era raro encontrar-se, aqui e ali, em pé uma cruz de pedra marcando antigos lugares de devoção; no alto de algumas portas conservava-se visível o emblema e divisa da Ordem, ou restos de inscrições latinas; nas paredes da arcaria, em que se apoiava a face posterior do edifício, mantinha-se ainda um azulejo contemporâneo dos frades; finalmente resistira a sucessivas reformações certo colorido monástico, que só após muitos anos se dissiparia de todo.

Entrava-se para a propriedade por uma larga, comprida e majestosa álea de sobreiros seculares, alcatifada de relva, que, sobretudo dos lados, por pouco trilhada, crescia espessa e verdejante. Abria-se, ao fim desta rua, o alto portão do pátio.

Henrique, deixado só pelo guia ao chegar ali, foi caminhando vagarosamente por esta avenida, dominado por a íntima comoção e sentimento quase de temor, que se

apodera de nós em todos os lugares a que se ligam memórias do passado.

A fantasia estava-o transportando a tempos, a que não chegavam já as suas recordações, às épocas, em que, por entre estas árvores gigantes, se via perpassar como um fantasma, o hábito escuro do monge, cuja sombra o Sol, ao declinar no horizonte, tantas vezes projetou, esguia e estirada, ao longo daquela mesma avenida.

Impressionado com esta ordem de pensamentos, chegou Henrique ao portão, transpondo o qual, se introduziu no pátio. Era um largo terreiro de perfeita forma retangular, limitado ao fundo pela fachada da casa, lateralmente por elevadas paredes, armadas, à maneira de panos de Arrás, com tapeçarias de vigorosas heras. A cada uma das paredes encostavam-se dois tanques de vasta capacidade.

No tempo dos frades vomitavam, sem cessar, as feias e enormes carrancas, de todos estes quatro tanques, grossos jorros de fresca e puríssima água; porém, as medidas económicas do último proprietário e as exigências dos projetos agrícolas tinham derivado para outros fins parte

desta abundante veia, de maneira que três daquelas bacias estavam agora completamente a seco.

Os fetos, de folhas recortadas, as pegajosas parietárias, os funchos odoríferos, há muito que tinham invadido a boca dos encanamentos inúteis onde encontravam asilo imperturbado lacertinos, aranhas e miriápodes, e se estabeleciam pacíficas colónias de caracóis.

A fachada do ex-mosteiro nada tinha de notável pelo lado arquitetónico. A arte não tivera fadigas, ao concebê-la; o cinzel pouco se embotara a executá-la: nem uma coluna singela, nem um florão, nem um tímpano lhe davam a menos pretensiosa aparência monumental. Imagine-se uma vasta casaria de um andar, além do térreo, com muitas janelas de peitoril e uma só varanda de pedra, sobranceira à porta principal; acima do telhado, uma espécie de água-furtada, de construção evidentemente posterior e aconselhada aos proprietários modernos por conveniências de acomodação doméstica; e ter-se-á concebido o edifício.

Enquanto Henrique se ocupava a examinar estas particularidades, um velhito, que, sentado num banco de pedra, que havia à porta de casa, se estava aquecendo ao

sol, ergueu-se e veio ao encontro do recém-chegado, tossindo e arrastando os passos.

Junto de Henrique, o velho, de aparência meia rústica, meia urbana, depois de o saudar com grave cortesia, que deixou a descoberto o solidéu fradesco com que resguardava a cara calva, perguntou se havia alguma coisa em que o pudesse servir.

Ouvindo, depois de repetida, a resposta de Henrique, que disse procurar a senhora, com nova cortesia lhe fez sinal para que o acompanhasse, e ambos atravessaram o pátio em direção da casa.

No portal, o velho afastou-se de lado com toda a deferência para deixar passar Henrique; em seguida, abriu-lhe a porta de uma primeira sala, e, voltando-se, pediu-lhe que lhe dissesse quem havia de anunciar. Henrique deu-lhe para esse fim um bilhete de visita, cuja significação teve de explicar, porque o velho não a compreendia bem.

Afinal, porém, retirou-se por outra porta, levando o bilhete.

A sala em que Henrique ficou esperando era toda mobilada com pesadas cadeiras de coiro lavrado e alto espaldar,

mesas de pés em espiral, e pelas paredes alguns enegrecidos retratos de frades, pertencentes provavelmente aos antigos proprietários do mosteiro.

No momento em que o velho servo, que era uma espécie de feitor honorário da casa, abriu outra porta da sala, para ir anunciar à família a visita de Henrique, chegaram aos ouvidos deste, de mistura com um tinir de louças e de cristais, as vozes e risos de crianças, que falavam ao mesmo tempo. Com a entrada do velho produziu-se um curto silêncio, e após, uma voz de mulher, de timbre fresco e agradável, disse audivelmente e como em resposta às palavras do criado:

— Ora as etiquetas com que esteve, Torcato! Mande-o entrar para aqui.

O feitor parece que resmoneou não sei o quê, a que ainda a mesma voz redarguiu:

— O que não é bonito é fazê-lo esperar. Ande, vá.

Torcato — chamemos-lhe assim, visto que assim lhe chamaram — apareceu outra vez e fez sinal a Henrique de que o esperavam na sala imediata.

Henrique, que pressentiu ir achar-se na presença de uma mulher nova e porventura bonita, correu, com instinto de perfeito homem de corte, os dedos pelos cabelos, afagou o bigode, ajeitou rapidamente o laço da gravata e entrou.

Era completo o contraste deste aposento com o primeiro; transpondo aquela porta, dissipava-se todo o perfume antigo, todo o carácter de vetustez que até ali reinava em tudo. Era moderno o estuque do teto, moderníssimo o papel que forrava as paredes; e a mobília toda de um cunho de atualidade, visível aos olhos menos pesquisadores. Como para tornar mais frisante o contraste, a presença do velho feitor estava aqui substituída por a de duas crianças, a mais velha das quais mal passaria dos seis anos.

O reposteiro que caiu atrás de Henrique foi como que uma cortina corrida sobre o passado. A porta que ele transpusera, a barreira que separava dois séculos.

Sentadas no topo de uma longa mesa de jantar, coberta de louça fina inglesa, estavam as duas crianças que dissemos, com os seus babeiros brancos e tendo cada qual em frente de si um prato de odorífera sopa. Em pé, à cabeceira, presidia ao lunch infantil uma mulher, de quem Henrique

só pôde notar vagamente os contornos gerais do corpo e não as particularidades das feições, porque, ficando voltada de costas à luz das janelas, velavam-lhe o rosto umas meias sombras, que não favoreciam o exame.

Ao ver entrar Henrique, ela disse-lhe jovialmente:

— Na aldeia a sala de receções é aquela em que a gente se acha, quando lhe anunciam uma visita. É assim, pelo menos, que eu compreendo o viver do campo.

— E é assim que eu o aprecio, minha senhora — respondeu Henrique, aproximando-se da mesa.

As crianças, interrompendo a refeição, fitavam o recém-chegado com aqueles olhos espantados e penetrantes, com que elas, prontamente, e quase sempre com a certeza de um verdadeiro instinto, decidem para si das simpatias ou antipatias de que lhes é merecedor um estranho, a quem veem pela primeira vez.

A mulher que presidia ao banquete não suspendeu com a entrada de Henrique a ocupação doméstica na qual estava empenhada. Mostrava receber-lhe a visita com um perfeito «à-vontade», que nada tinha, porém, de afetado.

— Não sei se V. Exa. sabe. — ia dizendo Henrique, quando, ao chegar perto dela, parou subitamente no meio da frase.

Na mulher que estava diante de si reconheceu a leitora da devesa, a interessante rapariga, que tanto o preocupara.

Era ela, era o mesmo vestido de xadrez, era a mesma cabeça, agora melhor apreciada ainda, porque nada havia a encobrir-lhe a cara, de um primoroso modelo, e os cabelos penteados com tanta graça como singeleza. Em vez do longo xaile de casimira, trazia agora uma espécie de jaqueta, curta e larga, apertada por alamares, de forma pouco mais ou menos semelhante à que, na nomenclatura das modistas, nomenclatura quase sempre absurda e de mau gosto, teve depois a imprópria e desastrada denominação de zuavo!

A surpresa de Henrique não passou despercebida a quem era causa dela e que lhe correspondeu com um gesto de curiosa interrogação.

— Perdão, minha senhora — disse Henrique, compreendendo aquele gesto —, mas ignorava que vinha

encontrar uma pessoa que já me não era estranha.

— E sou eu essa pessoa?

— É V. Exa. efetivamente.

— Pois já nos vimos?

— Já. quero dizer, eu já vi V. Exa..

— Pode ser; pela minha parte confesso-lhe que me não lembra de o ter visto nunca. Apesar disso, sei que é o Sr. Henrique de Souselas, sobrinho daquela boa senhora de Alvapenha, a tia Doroteia; não é verdade?

— Eu próprio. O conhecimento que tenho de V. Exa. não é antigo também; data de algumas horas apenas.

A interlocutora de Henrique, ouvindo isto, contraiu levemente as sobrancelhas bem desenhadas, fez um movimento de lábios e deu à cabeça uma ligeira inclinação sobre o ombro, donde resultou para aquela gentil fisionomia a mais adorável expressão de estranheza que pode animar um rosto de mulher.

— Esta manhã — prosseguiu Henrique, a quem os encantos daquele gesto não tinham passado despercebidos

— assisti a uma cena comovente. O lugar era uma devesa; uma jovem senhora. jovem e. e com outras qualidades, além desta, para excitar atenções, lia, em voz alta, as cartas que algumas pobres mulheres do povo acabavam de receber pelo correio.

Ela não o deixou continuar.

— Ah! Entendo agora. Viu-me? Já andava por fora? Não o supunha assim madrugador. Mas onde estava tão escondido? Vejo que é indiscreto. Não admira: hábitos da cidade. É verdade, é. Aquela gente encontrou-me no caminho, quando eu voltava de uma visita a uns parentes pobres, e não me deixou sem que eu lhe abrandasse a ânsia do coração, que a afligia. Coitadas! Que havia eu de fazer? Diga-me: já pensou no suplício que deve ser olhar a gente para uma folha de papel escrita, na qual sabemos que se fala de uma pessoa querida, e não ter poder para decifrar aquele enigma? Que martírio! Eu, por mim, confesso que me falta o ânimo para recusar pedidos daqueles, como me faltaria para negar uma gota de água ao desgraçado que visse a morrer de sede. A crueldade seria quase igual. Não lhe parece?

Henrique formulou um galanteio, que ela porém não ouviu, entretida já a escutar o que uma das crianças lhe dizia.

— Lena, olha a Anica, que está a deitar a sopa dela no meu prato.

— Deixa falar, Lena, deixa falar; foi ela que primeiro a deitou no meu. Não tem vergonha de mentir!

— Então! — disse Madalena, que a este nome correspondia a contração familiar de que se serviam as crianças. — Olhem agora se têm juízo! Vejam se querem que eu vá dizer à mamã que venha para aqui.

— Não é ela a mãe, visto isso — pensou Henrique, como quem modificava uma opinião que concebera antes e folgava com a modificação. — Será irmã? Talvez. Ou mestra. É mais provável que seja mestra. Esta mulher foi decerto educada na cidade. Tem uns ares distintos.

E, elevando a voz:

— V. Exa. está-me recordando uma cena de um precioso livro, que nunca me canso de ler.

— Qual é?

— Werther.

— Ah!

— Conhece?

— Conheço. quero dizer, li-o, por acaso, há pouco tempo. Compara-me a Carlota? É por estar a distribuir as rações destas crianças? Que mulher há que não seja Carlota, nessa parte? Em todas as casas se passa uma cena assim. Bem se vê que não tem família.

— Porquê?

— Por lhe fazer tanta sensação o espetáculo desta.

— É certo — respondeu Henrique com melancolia. — Deve ser essa uma das causas; mas não a única — acrescentou galanteadoramente.

E, de si para si, estava encantado de saber que a sua interlocutora tinha lido Werther.

Madalena, para mudar de conversa, perguntou-lhe:

— Então que lhe parece esta nossa aldeia?

— Um jardim. Ontem, ao chegar, confesso que me foi desagradável a impressão recebida. Nem admira: a noite, o frio, a chuva, o cansaço. Esta manhã, porém, a transformação foi completa. Estou encantado, fascinado! Numa palavra, minha senhora, eu, cidadão em corpo e alma, reconciliei-me em poucas horas com a vida do campo.

— Desconfie da mudança rápida. Hábitos radicados, qualidades ou defeitos de educação não se perdem assim depressa. Alguns dias aqui, e suspirará por Lisboa outra vez.

— Talvez não. Hoje estou até em acreditar que tinha razão o doutor que me prometeu a cura das minhas doenças, se me costumasse deveras a estes hábitos campestres.

— Ai, prometeram-lhe isso? E espera costumar-se?

— Porque não? Hoje já almocei às sete horas, já andei mais do que uma semana inteira ando em Lisboa. E ainda tenho por ver as raridades da terra.

— As raridades?! E que raridades são essas que ainda tem para ver? A nossa pobre aldeia não lhe merece essa

ironia.

— Então acha tão pouco curiosa esta terra? Do quase nada que dela observei esta manhã, parece-me até.

— Ai, se fala da natureza, é outra coisa. A cada passo se encontra um ponto de vista, que nos obriga a uma exclamação. Mas há por aí certos cicerones que insistem em mostrar aos hóspedes as belezas da arte. Peça a Deus que o livre desse flagelo.

— V. Exa. assusta-me. Embora; se lhes cair nas mãos, farei por achar curioso o que eles acharem. Vai ser esse o meu sistema de cura. Interessar-me por tudo o que um homem da aldeia se interessa. Foi o regímen que me prescreveu o médico, quando me receitou o campo, a título de emoliente; se o seguir, salvo-me.

— E não o diga a rir. Se quiser prender-se à aldeia, abjurar os atrativos da cidade, deve rustificar-se em tudo: começar por cultivar o interesse por as questõezinhas da terra; deve, por exemplo, declarar-se pelo abade contra a junta de paróquia ou pela junta de paróquia contra o abade; ralhar do regedor na questão com os taberneiros ou

defendê-lo. Enquanto não chegar a isso, desconfie da sua aclimação.

— Farei por consegui-lo o mais depressa possível. Outra coisa necessária é deixar-me convencer ingenuamente dos inexcedíveis dotes de espírito das notabilidades da terra, o que é de rigor; estar em perpétua admiração diante de uns certos nomes famosos que há sempre em todas as terras pequenas, e que nos atiram à cabeça a cada momento. Por exemplo, aqui já sei de um, com que encherei a boca a propósito de tudo, é o de uma célebre Morgadinha dos Canaviais, pessoa em quem ouço falar desde que pus os pés, ou por mim a alimária que me trouxe, neste produtivo torrão.

Madalena sorriu de uma maneira singular, ouvindo isto.

— Então com que, tem ouvido falar muito nessa Morgadinha?

— Oh! Mas não faz ideia: de uma maneira desesperadora. Não há pinhal, quinta, azenha, choça ou lameiro que não pertença a essa entidade, para mim desconhecida. Este nome anda-me já nos ouvidos como um

estribilho de cantiga popular; na estrada, nos campos, em casa da minha tia, na loja do correio, em toda a parte o ouço pronunciar. Parece que voga nos ares.

— Isso deve ter-lhe excitado a curiosidade de conhecer a pessoa.

— Qual! Tem-me impacientado a ponto de nem perguntar por ela. E demais parece-me que a estou a ver.

— Ora diga. Então como a imagina? Anica, não tens aí um guardanapo?

— Como a imagino? Imagino-a uma morgada, e está tudo dito: uma senhora nutrida, a rever saúde por todos os poros, encarnada como uma romã, sobre quem os vestidos à moda assentam como pendurados de um cabide, as mãos cheias de anéis, meias, luvas de retrós, um chapéu com uma cercadura de rendas, poisado no cocuruto da cabeça. V. Exa. ri-se? Acertei?

— Parece-me que sim; mas julgue-o por si, já que tem à vista o original.

— Como?!

— A Morgadinha dos Canaviais sou eu.

— Vossa Excelência!

Henrique de Souselas, apesar do seu uso do mundo, esteve muito tempo sem saber como sair da situação em que se pusera.

Madalena ria com toda a vontade; os pequenos riam por contágio, sem saberem de quê. Tudo aumentava, pois, a confusão de Henrique.

— Ora confesse — insistia cruelmente Madalena —, confesse que o está lisonjeando a exatidão das suas conjeturas.

Henrique teve, enfim, uma lembrança. Tirou do bolso a carteira, em que, horas antes, esboçara rapidamente a figura esbelta da Morgadinha, rodeada das mulheres do povo, e, mostrando-lha, disse:

— Veja V. Exa. se esse esboço, apesar da sua imperfeição, está de acordo com a estúpida conceção que eu formava.

Madalena lançou a vista para a carteira e sorriu.

— Ah! Desenha?

— Quando os modelos tentam, tenho dessas ousadias. Os resultados são lastimosos, como estes. Perdoe-me o original, que julguei possível copiar, o desacato, mas.

Madalena fitou em Henrique um olhar penetrante.

— Isso que diz sabe-me a um galanteio. Devo adverti-lo de uma coisa, Sr. Henrique de Souselas. Não há nada tão mal empregado como uma fineza no campo. Tudo quer o seu lugar. Em Lisboa talvez o achasse pouco delicado. ou pelo menos pouco amável, se me não dirigisse dessas frases conceituosas e bonitas. Vive-se disso lá. Aqui acho-as afetadas e inúteis. Que quer? Influências da cena. Há tanta sem-cerimónia no campo! Aqui todos nos tratamos como parentes: há de ver. Não repara como eu o recebo numa sala de jantar, sem nem sequer tirar os babeiros a estas crianças? Olhe lá que fizesse o mesmo em Lisboa.

— Então V. Exa. já lá esteve?

— Eu? Nasci lá e lá me eduquei.

— Ah! Bem se vê.

— Ah? Aí está um ah que eu desejaria muito que me explicasse.

— Não me será difícil fazê-lo. É que, antes já de ouvir falar V. Exa., só ao ver certa distinção, certa elegância de maneiras, conjeturei.

— Basta. É um ah, portanto, que tem umas poucas de más qualidades.

— Deveras? Uma interjeição tão inocente!

— Pelo contrário, é a voz mais pérfida e inconstante da nossa língua; tudo exprime, a hipócrita. O seu ah é vaidoso, adulador e iníquo pelo menos. Pela vaidade castigue-o algum resto de modéstia que ainda se abrigue no seu coração lisbonense; a adulação competia-me castigá-la, mas perdoo-lha porque quero ainda supor que é um sintoma da doença das cidades, ao meu ver, a principal doença, que o obrigou a procurar a aldeia; da iniquidade, da injustiça que se pode dar na província, há de convencer-se dentro em pouco, quando eu lhe apresentar minha prima Cristina, uma rapariga que tem vivido aqui sempre e que protesta contra essa sua opinião; possui tudo quanto pode

dar de bom a educação das cidades, e, o que mais vale, aquilo que lá é tão fácil de perder-se depressa, uma candura adorável. É a irmã mais velha destas crianças — acrescentou, poisando a mão na cabeça dos pequenos, que comiam e conversavam um com o outro.

— Mas V. Exa..

— Perdão. Outra coisa. Já agora que entrei no caminho das admoestações, permita-me mais uma, antes de perder o ar grave que hei de por força ter. Não me soa bem o impertinente tratamento de excelência, que me dá. Essa excelência está a pedir-me uma senhoria, pelo menos, e confesso-lhe ingenuamente que me custaria a voltar na língua uma palavra tão comprida.

— Como quer então que a trate?

— Eu sei? Olhe, uma ideia! Há pouco não me comparou à Carlota de Goethe? Deixe-me pois adotar uma lembrança dela. Está certo de que tratou o Werther por primo, a primeira vez que lhe falou? É um tratamento como outro qualquer; e entre nós mais justificado, porque, sendo o Sr. Henrique sobrinho direito de D. Doroteia, e teimando a

minha tia Vitória, a mãe destes pequenos e de Cristina, que D. Doroteia é ainda uma espécie da nossa tia arredada, e como tal até a tratamos, nós, afinal de contas, vimos a ser uma espécie de primos também. Pelo menos assim o sustentou e decidiu ontem a minha tia Vitória; e há de ver como por primo o tratará! É um tratamento menos incómodo; eu chamar-lhe-ei primo Henrique; chamar-me-á, se quiser, prima Madalena, e desterraremos para sempre a antipática senhoria e excelência; concorda?

— Aceito e acho deliciosa a proposta. Adotamos o princípio falso, admitido pela fidalguia em Portugal, de que «os primos dos nossos primos, nossos primos são».

— Fica pois ajustado?

— Fica ajustado.

— Bem. Mas que ia dizer há pouco?

— Nem eu já sei. Ah! Perguntava se tinha estado muito tempo em Lisboa e o que a obrigou a vir viver para aqui.

— Isso é nem mais nem menos do que pedir-me a história da minha vida. Seja; é um sacrifício inevitável a

quem se vê pela primeira vez. Deixe-me primeiro atender a estes pequenos, que eu começo.

E, depois de partir a cada criança uma fatia de queijo, a Morgadinha começou:

— A história é curta e sem peripécias, tranquilize-se. Eu sou filha de Manuel Berardo de Mesquita e.

Este nome era o de um dos principais vultos políticos da época, e que então militava no campo oposicionista, sendo indigitado para ministro na primeira reforma ministerial; homem influente, de grande capacidade política, tendo sempre advogado no Parlamento as ideias mais liberais, e militado no partido Progressista.

Henrique de Souselas, que conhecia todas as personagens de importância no país, fitou Madalena com olhar estupefacto; tão longe estava de encontrar ali a filha de um futuro ministro.

— Filha do Conselheiro Manuel Berardo! V. Exa.?

— Excelência! Esquece-se da nossa convenção? Repare! É verdade. Não sabia que o meu pai era daqui? Eu e o meu irmão Ângelo, que estuda atualmente num colégio em

Lisboa, somos os únicos filhos do meu pai. Nasci, como disse, em Lisboa, mas as contínuas enfermidades da minha mãe fizeram-nos vir para aqui viver na companhia dela; aqui mesmo morreu, e aqui está sepultada. O Ângelo nasceu já nesta casa. A morte da minha mãe deixou-me órfã aos doze anos, e incompleta a educação que ela começara a dar-me e para a qual, se vivesse, ela só bastaria. Fui pois obrigada a voltar a Lisboa, onde continuei com mestra a minha educação.

Mas, ao chegar à idade dos quinze anos, receando o meu pai que os ares da cidade desenvolvessem em mim gérmenes de moléstia que porventura tivesse herdado, mandou-me outra vez para aqui, onde sempre passava alguns meses no ano, e para onde me chamavam também hábitos adquiridos em criança. Eu sou muito aldeã. Para aqui vim, pois. A morte do meu tio, passado pouco tempo, impressionou profundamente a minha tia Vitória, que ficou desde então um pouco. um pouco. com pouca paciência para olhar por as coisas domésticas. Isto criou-me novos deveres; havia aqui muitas crianças; estas duas, outras que

estão lá dentro, e Cristina, que era então criança também; ocupei-me a ajudar a minha tia.

— E tão admiravelmente, que a mais carinhosa mãe o não faria melhor.

— Dou-me bem com as crianças, dou. E ao meu pai devo, em parte, o ter aprendido cedo esta ciência. Porque é uma ciência também.

— Então como procedeu o conselheiro para a ensinar?

— Eu digo-lhe. O meu pai tem em certas coisas umas ideias muito singulares. Excelentes as acho eu. Oh! Não imagina que boa e excelente alma é a do meu pai! Era eu criança, tinha onze anos, talvez, quando ele, um dia, vindo de Lisboa passar aqui algum tempo connosco, me trouxe uma boneca, realmente bonita; uma maravilha de Nuremberg. Nos primeiros dias não me fartava de a ver, de a beijar; até comigo a deitava. Oito dias depois sucedia o que era de esperar; já nem dela sabia. O meu pai notou-o. — Então, Lena — aqui todos me chamam assim — já não gostas da tua boneca? Disse-lhe eu: — Gosto, mas. — Bem sei, já fizeste tudo o que tinhas a fazer por ela, e como, pela

sua parte, ela nada faz por ti, enfastiaste-te, cansaste-te de conceber, a cada momento, brinquedos novos. Tens razão; onze anos já não é idade em que o interesse se sustente com tão pouco; é necessário mais. Ora diz-me Lena, — continuou ele — se eu te mandasse vir uma boneca que movesse os braços e os olhos, que te sorrisse, que chorasse também, que te beijasse até. — Pois há bonecas assim? — perguntei eu, admirada. — E desejava-la? — Oh! Se a houvesse! — Trago-ta amanhã. Não dormi aquela noite a pensar na boneca. No dia seguinte apresentou-me o meu pai uma criança de um ano, órfão de uma pobre família, que uma epidemia extinguira, e disse-me: — Aí tens a boneca que te prometi, Lena; vou confiá-la aos teus onze anos. Veremos se tens juízo para brincares com ela. É assim que eu quero que aprendas os deveres de mãe, que é a verdadeira ciência apropriada a mulheres. E o que é certo é que eu, dissipado o desgosto dos primeiros momentos, porque o tive, confesso, costumei-me a querer àquela pobre criança, fui avara das suas carícias, troquei por ela todos os meus brinquedos, e senti-lhe do coração a morte, quando, um ano depois, ela me expirou nos braços. Quando fui para Lisboa, já ia educada para amar crianças.

Madalena contara tudo isto naturalmente, sem a menor afetação, sem deixar até de atender aos primos, o que aumentava o interesse com que a escutava Henrique.

— E assim fica sabendo quem é a Morgadinha dos Canaviais — concluiu ela, desatando o babeiro das crianças, que tinham terminado o lunch.

— É verdade, mas donde lhe vem esse título singular, prima Madalena? — perguntou Henrique, tomando ao colo uma das crianças, que a Morgadinha pousou no chão.

— É que eu sou realmente a Morgadinha dos Canaviais. Quero dizer, minha madrinha vivia na quinta dos Canaviais, uma quinta que fica daqui perto. Era uma senhora velha, rica, elegante e muito caprichosa; chamavam-lhe todos a Morgada dos Canaviais. Tomou-me ela afeição, e, sempre que passeasse, me havia de levar consigo; daí começaram a chamar-me, de pequena, a Morgadinha. Quando ela morreu, deixou-me tudo quanto possuía; nesse legado entrava a quinta dos Canaviais, de que sou proprietária ainda. Foi uma como confirmação do título, que já desde criança me tinham dado; e para todos sou aqui a Morgadinha, título na verdade pouco elegante e que tão

mau conceito fez conceber ao primo Henrique da possuidora dele.

— Retrato-me, prima Madalena; agora que sei a pessoa a quem ele pertence, parece-me outro. Acho-o bonito, gracioso.

— Vamos, vamos. Confesse que o título não é dos mais românticos e que, de boa vontade, escreveria outro nome debaixo do desenho de fantasia que aí fez, da mesma maneira que deu à humilde e fiel jumenta, que eu montava há pouco, a conformação e orelhas elegantes de um palafrém, e quase me transformou numa amazona inglesa.

Henrique respondeu, sorrindo:

— Na impossibilidade de reproduzir as graças naturais, recorri ao expediente das belezas de convenção. Confesso o meu deplorável erro.

— Olhe que não estamos em Lisboa, primo Henrique. Repare para essas árvores e refreie o sestro galanteador com que está.

— Por quem é! Não leve o rigor a tal extremo. Tão injusta é consigo, que se recuse a aceitar, como naturais e

sinceras, as frases que a sua presença inspira?

— Ai, meu Deus, como refina! Veja como essa criança, que tem no colo, o está encarando com olhos espantados. Se ela nunca ouviu falar assim aqui!

Henrique beijou as faces da criança, movimento em que não ia uma intenção menos lisonjeira do que nas frases que dissera, porque ele percebia que Madalena era extremosa pelos seus pequenos primos.

Abriu-se, neste meio tempo, a porta da sala, e entrou, saltando, outra criança mais crescida, mas ainda de vestidos curtos, trazendo na mão uma folha de papel.

— Lena — dizia ela em alta voz — Olha: queres ver o que o Sr. Augusto só me emendou hoje no tema francês?

Chegando ao meio da sala, parou a olhar com estranheza para Henrique.

— É o Sr. Henrique de Souselas — disse Madalena. — O hóspede da tia Doroteia. Esta é Mariana, outra da minhas primas — acrescentou, voltando-se para Henrique. — Já vê que não faltam crianças nesta casa; e ainda há mais. É o que lhe dá o ar alegre que tem.

Mariana cumprimentou Henrique e não se constrangeu por mais tempo; mostrando à prima a composição que o mestre lhe emendara, disse:

— Ora vê que não tive muitos erros.

Madalena sorria, examinando o tema.

Henrique ia a fazer não sei que pergunta a Madalena, quando, à mesma porta por onde ela entrara, apareceu o mestre, de quem se falava.

Augusto, que assim se chamava o recém-chegado, era um rapaz de pouco mais de vinte anos de idade; de rosto pálido e fisionomia inteligente.

Ninguém adivinharia naquele tipo um mestre-escola de aldeia.

Trajava com simplicidade, porém, com asseio e gosto, e havia em toda a sua figura certo ar de distinção que feria quem pela primeira vez o visse.

Num leve pendor da cabeça, no olhar penetrante e fixo, e nos lábios, como habituados a fecharem-se à saída dos

pensamentos íntimos, lia-se o carácter pouco expansivo daquele adolescente.

Madalena dirigiu-lhe a palavra, em tom de manifesta deferência.

— Como vão os seus discípulos, Sr. Augusto?

— Otimamente, minha senhora — respondeu o interrogado.

— O Sr. Augusto — disse Madalena, apresentando-o a Henrique — o primeiro mestre do meu irmão Ângelo e hoje mestre de Mariana e de Eduardo.

— Esquece-se, minha senhora — acrescentou Augusto —, que de Ângelo sou discípulo também, e mais discípulo do que fui mestre — Do que me esqueci, e, a falar verdade, não devia, foi de que de Ângelo é efetivamente mais do que mestre, é amigo; assim como de todos nós. Este senhor — continuou ela, concluindo a apresentação — é o Sr. Henrique de Souselas, que se esperava em Alvapenha; é ainda nosso primo.

Os dois cortejaram-se com afável delicadeza.

— Teve carta de Ângelo? — perguntou em seguida a Morgadinha.

— Não recebi ainda o correio de hoje.

— Nem nós; e é de estranhar que o meu pai pelo menos não me escrevesse! Ângelo não virá passar a festa connosco? Pobre rapaz! Parece que renasce quando se vê aqui. É uma perfeita criança então.

Eduardo, outro primo de Madalena, que Henrique ainda não vira, entrou neste momento na sala, trazendo um maço de cartas na mão. Depois de cumprimentar Henrique, a quem Madalena o apresentou, disse para Augusto:

— A mamã deu-me essas cartas para o Sr. Augusto escolher daí aquelas que eu pudesse ler.

— Eu verei devagar — disse Augusto, guardando-as numa pasta que trazia.

— Ah! Já temos o Eduardo a ler cartas! — disse a Morgadinha afagando o primo.

— Pelo que vejo — disse Henrique de Souselas, vendo Augusto em disposições de partir — tem uma vida muito

ocupada?

— E tanto que sou obrigado a pedir licença para me retirar. Tenho de ir esta tarde a casa do Seabra.

— Ai, leciona ainda as pequenas do brasileiro? — perguntou Madalena.

— Ainda, sim, minha senhora.

— E como vão essas mulatinhas?

Augusto encolheu os ombros, sorrindo; gesto que não devia lisonjear a vaidade do sobredito brasileiro, se tomasse a peito os dotes intelectuais das referidas mulatinhas.

Passados segundos, Augusto retirou-se, apertando a mão a Madalena, que familiarmente lha estendeu, e a Henrique, que a imitou.

— Ia apostar que vai ali uma inteligência — disse Henrique ao vê-lo sair — algum desses grandes espíritos, que vivem e morrem ignorados e improdutivos, porque os não aquece o sol do favor público, nem os bafeja a aura da moda caprichosa. É terra de maravilhas esta, ao que estou vendo.

— É um rapaz inteligente, é — disse a Morgadinha — e uma alma generosa. Desde tenra idade costumou-se a trabalhar. Não tem família. O pai foi um pobre e honrado advogado de um lugar perto daqui, que morreu quase na miséria, deixando-o por educar. A mãe, que era destes sítios, para aí veio, depois que viuvou. Ele tem sido, pode dizer-se, mestre de si mesmo. Dirigiu os primeiros estudos de Ângelo e hoje é o seu melhor amigo. A morgada, minha madrinha, legou-lhe um património para ele se ordenar: não quis, e preferiu ser mestre-escola. O meu pai, que lhe reconhecia inteligência para mais, tentou dissuadi-lo disso, mas nada conseguiu. Não há quem o arranque destes sítios.

— Prende-o talvez alguma paixão?

— Não sei. É certo que é um professor modelo. O seu primeiro despacho foi temporário; agora, porém, espera o meu pai fazê-lo efetivo; para o que já ele fez novo concurso. Já vê que ambições são as deste rapaz.

— Na verdade! Com muito menos fundamentos há quem aspire a ser ministro. Mas com certeza o coração entra como elemento no problema desse carácter.

— Mas ainda agora reparo! — exclamou a Morgadinha. — Eu esquecida a conversar, e sem avisar a minha tia e Cristina da sua chegada! Não o fiz logo, porque as sabia ocupadas num as longas novenas, em que andam; mas agora é tempo. Vai, Mariana, e tu, Eduardo; ide ambos dizer-lhes que está aqui o. o primo Henrique de Souselas.

Mariana e o irmão saíram a correr.

— Vai conhecer duas boas almas — disse Madalena, voltando-se para Henrique. — Minha tia é uma santa senhora, cujo pior defeito é supor-se vítima dos criados; e Cristina. Cristina é um anjo.

CAPÍTULO V

Henrique de Souselas sentia-se cada vez mais penetrado da simpatia, que, logo à primeira vista, aquela mulher lhe despertara.

Havia na Morgadinha um misto de candura e de ironia, certa delicada reserva flutuando, como uma sombra diáfana, na conversa familiar, a que tão espontaneamente se dava; um visível conhecimento dos usos e etiquetas sociais, e ao mesmo tempo uma coragem para cortar por eles, como quem se sentia sobranceira a toda a ousadia, inacessível às suspeitas dos mais atrevidos; havia tantos enigmas naquela simpática índole feminina, que poucos seriam impassíveis diante dela.

A pensar nisto se ficou Henrique de Souselas, calado, imóvel, absorto, seguindo com os olhos os movimentos de Madalena, que, sem o menor constrangimento, prosseguia nas suas ocupações domésticas.

Ouviram-se finalmente passos e vozes de diferentes timbres na sala imediata.

— Elas aí vêm — disse a Morgadinha.

De feito, precedidas por Mariana e Eduardo, entraram na sala D. Vitória e Cristina.

A mãe vinha dizendo:

— É o que eu digo. Não que vocês não querem crer! Ora vejam se isto se atura. se isto não é para meter uma pessoa no Inferno! Não tem que ver! Não há ninguém que mais dinheiro gaste com criados e que seja tão mal servida como eu! Eu só queria saber o que fazem os criados desta casa! Sim, só queria que me dissessem o que eles fazem, esse bando de mandriões! Ele é o Torcato, ele é o Luís, ele é o Damião, ele é a Ermelinda, ele é a Rosa, ele é a Violante e não houve um só que me viesse dizer que tinha chegado o primo! É forte coisa! Comprometem uma pessoa! Então como está? — acrescentou ela, mudando de tom para cumprimentar Henrique, a quem estendeu a mão.

Madalena, ao ouvi-la, já tinha trocado com este um olhar malicioso.

Henrique correspondeu delicadamente à saudação das senhoras e procurou justificar os criados.

— Não mos desculpe! — atalhou D. Vitória, elevando outra vez o tom de voz. — Aquilo é de propósito para fazerem ficar mal uma pessoa; ninguém me tira isto de cabeça. Aquilo é de propósito!

— Mas a mamã não vê que as criadas estavam connosco à novena? — lembrou timidamente Cristina.

— Pois que não estivessem. Quem tem serviço a fazer não pode ouvir novenas.

— Mas se a mamã é que as mandou!

— Pois. pois. pois sim. mas. mas elas é que me deviam dizer que tinham que fazer. Então eu é que lhes hei de estar a lembrar as suas obrigações? Não me faltava mais nada! Ora tens coisas, menina! Mas então vamos a saber, primo Henrique, fez bem a sua jornada?

Henrique começou a falar para desvanecer a irritação de D. Vitória.

Como nós já sabemos dos pormenores de tal jornada, aproveitaremos a ocasião para dizer duas palavras a respeito das novas personagens que estão em cena.

D. Vitória, havendo atingido já a idade respeitável dos quarenta e tantos anos, dispensa-nos grandes longuras e esmeros de descrição. Basta que o leitor saiba que era uma senhora nutrida, bondosa no fundo, e que sabia trazer muito bem os vestidos escuros da sua viuvez. Impertinente com os criados, doida pelos filhos e sobrinhos, muito sujeita a esquecimentos e confundindo-se facilmente sempre que tentava forçar o espírito a abraçar alguma ideia mais complexa; mãos-rotas com a pobreza; intolerante, em teoria, com os ladrões e malfeitores, porém felizes deles se daquelas mãos lhes dependesse a condenação: eis o que era D. Vitória. Cristina, porém, tinha dezanove anos; e esta idade goza de privilégios, que eu não posso infringir. O leitor não me perdoaria, se me visse passar estouvadamente por diante da prima de Madalena, sem um olhar de homenagem à sua juventude e ao seu tipo feminino. Reparemos, pois.

Cristina era mais bonita do que bela. Não havia naquele rosto uma só feição, que não fosse correta e delicada. Tez alva e finíssima; olhos meigos e quebrando-se com suavidade infantil; boca, donde parecia sempre prestes a sair um afago ou uma consolação; voz, que, da muita piedade daquele bom coração, tirava, às vezes, modulações comoventes; numa palavra, uma figura de querubim, como as sonharam os mais inspirados artistas, cuja mão representou na tela os augustos mistérios do Cristianismo, tal era a primogénita de D. Vitória. Mas não procurassem nela alguns daqueles atrativos que fixam, de repente e como por magnético influxo, a atenção dos olhos, uma dessas particularidades fisionómicas pelas quais a Natureza, destruindo com arrojo feliz a geral harmonia de um rosto, consegue torná-lo mais fascinador; temperavam-se ali tão completamente todas as feições, que a atenção não se sentia obrigada a passar do conjunto delas, o que lhes diminuía muito a intensidade. É o grande senão dos rostos harmonicamente perfeitos.

Concordava-se em que Cristina era galante, ninguém lhe negaria simpatias; mas o pensamento na ausência dela, não

se sentia dominado por a sua imagem: perdia-a até num vago, quando pretendia fixá-la; eram suaves de mais as inflexões daqueles contornos, brandas as tintas que lhe davam relevo, para que a memória conseguisse reproduzir facilmente o tipo angélico, de que lhe ficara uma agradável, mas vaga impressão.

Por um homem, em quem predominasse a razão, Cristina poderia vir a ser adorada; mas nas imaginações ardentes, nos corações inflamáveis, difícil lhe seria produzir alguma impressão duradoira.

Para bem se compreender a beleza de Cristina, era preciso sondar-lhe primeiro o coração, apreciar todo o tesouro de sentimentos que ali se continha; então descobrir-se-lhe-ia nas feições certa beleza ideal, reflexo de bondade e candura, uma dessas claridades que as almas puras e generosas vertem nas fisionomias. Se não fosse recear-me de linguagem que saiba a filosofia, diria que a beleza que possuem umas mulheres assim, é uma beleza subjetiva.

De tudo isto é natural concluir que Henrique de Souselas podia simpatizar com a cândida figura de Cristina, a qual baixava timidamente os olhos diante dele, corando cheia de

enleio e confusão, mas que qualquer sentimento que ela lhe inspirasse não conseguiria por muito tempo desviar-lhe o sentido dos encantos mais atraentes da Morgadinha — que a muitos respeitos, menos na bondade de coração, formava contraste completo com a sua prima.

Travara-se animada conversação entre as pessoas presentes, e principalmente entre Henrique, D. Vitória e Madalena.

D. Vitória quis ser informada da doença de Henrique. Este passou a fazer-lhe uma exposição igual, com pequenas variantes, à que fizera à tia.

Mencionou, como a ela, aqueles vagos sintomas, aquelas tristezas, impaciências e desalentos, que tão ingenuamente a boa senhora classificara como mania.

Enquanto Henrique falava, Madalena pôs-se a rir.

Henrique voltou para ela os olhos.

— Ó menina, de que ris tu? — perguntou D. Vitória, com certo tom de severidade.

— Rio-me daquela doença, tia. Pois já viu alguém padecer daquilo? Ora diga?

— Eu? mas.

— Pode dizer que não. E contudo o primo Henrique não mente. Há daquelas doenças na cidade, há; mas na aldeia são tão raras, que eu mesma as estranho já, eu que as vi noutro tempo.

— Então não crê na realidade delas?

— Não lhe estou a dizer que sim? Ouço até que já têm levado ao suicídio. Acredito-o. Os hábitos da civilização afeiçoam ao seu modo a natureza humana e criam moléstias novas, que, nem por isso, são menos naturais. Mas que quer, primo? A minha estranheza, ao ver um desses doentes em plena aldeia, não é modificada por todas estas considerações. É como um homem de casaca e gravata branca; não há nada mais sério e grave numa sala de baile, mas coloque-mo num monte, e diga se o pode olhar a sério.

— Quer dizer que não devo queixar-me aqui, sob pena de zombarem de mim.

— Tanto não digo; mas não o entenderão; isso não.

— Porém a minha doença não é só dessas que se não dão na aldeia, prima Madalena; eu creio que verdadeiras desordens orgânicas.

— Ah! também? Com esse aspeto de robustez?!

— Se eu sei o que tu estás aí a dizer, Lena! — disse D. Vitória, que não tinha percebido bem o diálogo.

— É que eu, minha tia, teimei em fazer perder ao primo Henrique todos os maus hábitos de cidade, com que veio para aqui. Sem isso não pode curar-se.

— Sujeitar-me-ei da melhor vontade a tão agradável domínio.

— Principia mal, se começa com uma fineza. Já o avisei há pouco.

— Será necessário tornar-me grosseiro, para me salvar? Nesse caso renuncio à cura.

— Grosseiro, não; basta que seja razoável e sobretudo.

— Acabe.

— Acabo? Eu sei? Eu às vezes sou sincera de mais.

— Eu adoro as sinceridades.

— Já que o quer. É preciso que seja razoável e sobretudo. desafetado.

Henrique de Souselas mordeu ligeiramente os lábios, corando.

— Então acha?

— Acho que está sempre a imaginar-se num salão; faz uns gastos de galanteria, desnecessários e perdidos.

— Ó meninos, eu não vos entendo! — repetia D. Vitória.

Madalena sorriu.

— Digo eu que.

Um criado, entrando com as cartas do correio, não a deixou continuar.

— Sempre chegou o correio! — exclamou Madalena com vivacidade, recebendo as cartas. — Porque veio tão tarde?

— A mulher contou-me lá umas histórias de uma queda, e.

— Coitada! Aconteceu-lhe algum mal?

— Esteja descansada, minha senhora. Ela já partiu e era um gosto vê-la correr.

Madalena abriu com pressa a carta recebida.

— É do meu pai — disse ela, olhando-lhe para a letra, e, depois de pedir licença, começou a ler para si.

— Pois agora — dizia, neste meio tempo, D. Vitória a Henrique — o que deve é aproveitar estes bonitos dias para dar alguns passeios. As pequenas acompanham-no. Aonde me dizias tu no outro dia que querias ir, Cristina?

— Eu! — disse Cristina, corando.

— Tu, sim, menina. ainda ontem me falaste nisso. Ora onde era?

— À Senhora da Saúde, mamã.

— Ai, é verdade, à Senhora da Saúde. Aí está já um passeio bonito. Vê? Saem daqui uma manhã cedo, levam alguma coisa para lá comer. Porque o ar do monte abre o apetite, e a cavalo estão lá num instante.

— A cavalo, mamã! Daqui à Saúde? Ora! Vai-se muito bem a pé — notou Cristina do lado.

— Isso é por os açudes.

— Pois por onde havíamos de ir?

— Por a Granja, que é melhor.

— Por a Granja! É uma légua!

— Que tem? Mas escusam de trepar como cabras por o lado dos açudes, que até é perigoso; e depois para que hão de ir a pé, se para aí estão os cavalos sem fazerem nada? É vontade de se cansarem.

— Mas apetece ainda mais, neste tempo. Só se. só se ali o Sr. Henrique. — disse Cristina, embaraçada, ao continuar.

— Eu o quê, minha senhora?

— Perdão — interrompeu D. Vitória. — Porque não hás de tu chamar primo ao primo Henrique? Pois não chamas tia à tia Doroteia?

— Por isso mesmo, mamã, — respondeu Cristina — os sobrinhos da tia Doroteia não são.

— Não averiguemos desses parentescos, priminha — acudiu Henrique —; eu aceito a proposta da mamã; peço para ser considerado do número dos seus primos.

Cristina baixou os olhos sorrindo.

Henrique prosseguiu:

— Mas parece que receava por mim, quando falou em ir a pé à Senhora da Saúde. Não sei onde é o lugar, mas desde já me comprometo a não cansar.

— Não tem que saber — disse D. Vitória, caminhando para uma janela. — Ela lá está. Olhe que ainda é necessário saber trepar.

— Tendo duas tão galantes companheiras de viagem — disse Henrique, depois de reparar no monte escarpado que ficava a alguma distância dali, o mesmo que o almocreve lhe mostrou — parece-me que daria a pé uma volta ao Globo e que subiria a correr o pico de Tenerife.

— O que eu lhe digo, primo — acrescentou D. Vitória — é que se acautele, porque, se lhes vai a fazer todas as vontades, tem que ver.

— Inda que morresse em tão agradável serviço, teria de agradecer a Deus a morte.

— Cá me chegou aos ouvidos o cumprimento — disse Madalena, que continuava a ler. — Logo ajustaremos contas.

— É implacável esta nossa prima, não acha? — perguntou Henrique, sorrindo, a Cristina, que por única resposta só soube sorrir também.

— Pois, então, é arranjarem, é arranjarem isso e quanto antes, que não há que fiar no tempo. Eu, se pudesse, também ia, mas já não são passeios para mim, e depois estes criados.

Henrique de Souselas receou nova divagação sobre o assunto predileto de D. Vitória; mas felizmente acudiu-lhe a Morgadinha, que disse, terminando a leitura da carta:

— Escreve-me o pai que tenciona vir passar connosco as férias do Natal e trazer Ângelo consigo. Promete demorar-se até o dia dos Reis.

As crianças saudaram a nova com gritos de alegria e saltos de causarem inveja a um clown de circo.

D. Vitória zangou-se.

— Então que pouca vergonha é essa? Parecem-me um bando de patetas! Ora vamos! Já quietos. A culpa tem a Ermelinda, que já vos devia ter levado para a quinta. Ó Senhor! esta praga de criados, que nunca há de fazer a sua obrigação!

As crianças reprimiram um pouco mais as expansões dos seus júbilos, mas ainda ficaram cantando a meia voz, e em música de composição delas, o seguinte:

— Vem o primo Ângelo! Vem o primo Ângelo! Ora viva, viva! Ora viva, olé!

— Psiu! Calai-vos! — bradou ainda D. Vitória, e, voltando-se para Madalena: — Mas então como se entende isso, Lena? Então o pai diz que vem.

— Nas vésperas do Natal.

— Sim, nas vésperas do Natal, e vai.

— Depois dos Reis.

— Sim; está bem; e. sim. e então o Ângelo?

— O Ângelo vem com ele. Quer ver a carta?

— Não, menina. Mas é preciso não fazer confusão. então.

— Não há nada menos confuso. É só isto.

— Sim; pois agora, sim; agora está bem claro. Calai-vos, diabretes! Ó meu Deus, que consumição! Mas então porque não entregou o criado há mais tempo essa carta? Eh! Não que vocês dizem que eles.

— Ó tia, pois não ouviu que foi a mulher das cartas que se demorou, porque.

— Histórias! Não me venham para cá com esses contos. Vocês estão sempre prontos para desculpá-los. São eles.

— Ó Lena, Lena — diziam as crianças — e o primo Ângelo não torna para Lisboa?

— Há de tornar.

— Ora!

— Olha lá, ó Lena — disse D. Vitória — sabes tu o que me lembra? Mas eu nem sei, com estes criados que tenho. Mas a mim lembra-me uma vez que o teu pai veio com o pequeno e agora que cá o primo Henrique lembra-me a

mim. Mas, já digo, era se eu pudesse contar com os criados que temos. Lembra-me para juntarmo-nos todos para a consoada. A prima Doroteia também, e aqui o primo; mas era, se uma perfeita ovação acolheu o projeto; as crianças levaram as suas demonstrações de entusiasmo até o delírio, penduraram-se ao pescoço, à cinta, ao avental da mãe, gritando todas a um tempo:

— Ai, sim, mamã, sim; mande convidar a tia Doroteia, mande! E há de ficar em casa, sim? Olhe e arma-se o presépio e havemos de cantar as janeiras. Mande, mande, mamã, por as alminhas; ora mande.

D. Vitória fingia arrenegar-se com aquela pequenada, e erguia o braço, como para a fustigar asperamente, mas, contra sua vontade, rompia-lhe o riso dos lábios.

— Saiam daqui! — exclamava ela, quando conseguia estar séria. — Saiam! Não ouvem? Espera que eu vos falo. Ai, não fazem caso? Ora esperem. Mariana, já devias ter mais juízo. Então, Eduardo! Tu também? Não tem vergonha! Um homem quase! Saiam daqui, estafermos!

A ideia das consoadas em família fora uma ideia que a ninguém deixara impassível. Cristina, a tímida Cristina, não disfarçou um movimento de júbilo; as mãos juntaram-se-lhe instintivamente e raiou-lhe no olhar suave um fulgor pouco costumado.

A própria Madalena não se mostrou superior àquela tocante puerilidade.

Aproximou-se com viveza da tia, e, beijando-a nas faces, disse-lhe afetuosamente:

— Ora aí está o que é muito bem pensado.

— Pois sim, sim, mas o pior é. os criados — disse D. Vitória.

— Quem fala nisso? Na noite de Natal quem mais trabalha somos nós. Demais teremos, para dirigir as tarefas, a Maria de Jesus, a criada da tia Doroteia.

— Isso é que é a pérola das criadas! Oh! Aquela prima Doroteia, aquela sua tia, primo Henrique, é que teve felicidade! Mas dizes tu. Bem se importam os de cá com a Maria!

— Não tem dúvida. Naquela noite quanto mais barulho e desordem, melhor — aventurou-se a dizer Cristina, com ímpeto revolucionário.

— Aí temos outra! Não, filha; isso é que não. Para barulhos é que eu já não estou. Então, não.

— Está resolvido — disse a Morgadinha, para cortar pelas divagações da tia. — Aqui o Sr. de Souselas — acrescentou, com maliciosa inflexão — fica desde já encarregado de transmitir à tia Doroteia o nosso plano e, ao mesmo tempo, oficialmente convidado.

— Aceito da melhor vontade.

— Não sei se o deverá dizer. É preciso que o avise de que naquela noite todos têm de trabalhar na cozinha; a ninguém se dispensa um minuto, pelo menos, de colaboração nos guisados. Por isso veja lá.

— Ó menina, tens coisas! — disse D. Vitória. — Deixe-a falar, primo.

— Não é, deixe-a falar. Eu não dispenso ninguém.

— E eu prometo não me recusar. Prontifico-me a tornar detestáveis os pratos em que puser a mão. Que mais querem?

Foi alegremente acolhida a promessa.

As crianças, familiarizadas já com Henrique, em quem tinham adivinhado um humor jovial, o que é sempre para elas um motivo de atração, trepavam-lhe já aos joelhos e dirigiam-lhe perguntas sobre perguntas, dificultando-lhe as respostas.

— Havemos de jogar o rapa, não havemos?

— Havemos de jogar, havemos — respondeu Henrique.

— E o par-ou-pernão?

— Também; também havemos de jogar o par-ou-pernão.

— E?

— Tudo, tudo; havemos de jogar tudo.

— Olhe: e sabe contar histórias?

— Sei também contar histórias.

— Então há de contar-nos, que nós também lhe contamos a da Gata Borralheira, a da Maria de pau e a da Menina com as três estrelinhas na testa.

— Ora, o Sr. Henrique já as sabe — disse, fazendo-se sisuda, Mariana.

— Pois não sei, não, senhora; quem lhe disse que eu as sabia? Hei de querer ouvir isso tudo.

— Ó meninos! — exclamou D. Vitória, que até ali estivera distraída a discutir com Madalena. — Então isso que é? Já para baixo. Ai, se lhes dá confiança, está arranjado, primo.

— Deixe-os estar, minha senhora; este contacto de alegrias é salutar; pegam-se.

— E não o diga a brincar — disse Madalena —, que também confio nessas crianças para o curarem dos seus males.

— Então deveras empreendeu curar-me?

— Com toda a certeza.

— Nesse caso havemos de discutir devagar esse ponto de patologia.

— Não havemos, não, senhor. É mau médico o que sofre que o doente o interrogue sobre a moléstia e o tratamento. O médico deve ser obedecido com fé, e cega.

Cristina que, há muito, em frente de Madalena, fazia esforços por lhe chamar a atenção, resolveu-se a falar-lhe.

— Lena — disse ela — que te parece a lembrança que teve há pouco a mamã?

— A das consoadas? Excelente.

— Não, menina, a do passeio à ermida.

— Ah! Excelente também. Marquemos já o dia.

— Quando queres?

— Depois de amanhã, que é quinta-feira.

— Seja.

— Que diz, primo Henrique?

— Quando quiserem, primas; agora mesmo.

— Mas, veja lá: atreve-se a fazer uma madrugada?

— Pois não viu hoje?

— Ai, pois não! Na aldeia não se chama a isso uma madrugada. É preciso que se levante às horas a que se deitava na cidade.

— Que estás a dizer, Lena? — acudiu Cristina. — Deixe-a falar. Basta que saiamos daqui às cinco horas.

— Esta inocente Cristina! Pois não é o mesmo que eu digo? Pergunta ao primo Henrique se tinha costume de se deitar mais cedo em Lisboa?

— Engana-se, prima Madalena; lembre-se de que, há perto de um ano, sou valetudinário.

— Ai, é verdade, que me tinha esquecido. O que vejo é que há por aqui muita indolência.

— Quem a ouvir falar, há de julgar que será ela a mais madrugadora; ora havemos de ver — disse Cristina.

Madalena pôs-se a rir.

E o passeio ficou ajustado. A Morgadinha lembrou que se convidasse Augusto, por ser conhecedor do sítio e poder mostrar os mais belos pontos de vista.

Henrique saiu finalmente da quinta do Mosteiro, já retardado uma boa hora ao que prometera à tia Doroteia.

Um criado serviu-lhe de guia até Alvapenha.

Henrique de Souselas, ao findar aquela manhã, era inteiramente outro do que viera para a aldeia. Todas aquelas horas se tinham passado, sem que o afligissem os males habituais, sem que nem sequer pensasse neles. O viver íntimo a que assistira, a troca recíproca de afetos entre os membros de tão numerosa família, a franqueza cordial com que fora recebido, produziram nele uma impressão profunda.

Costumado ao viver desconsolador e de gelo de rapaz solteiro e só; não passando, nas casas que visitava, além da sala de visitas, esse palco artificioso e reservado, onde famílias perante famílias representam a comédia social, Henrique estranhara, mas agradavelmente, o espetáculo, quase novo, daquele interior, daqueles modestos costumes, daquelas alegrias, que não se envergonhavam de aparecer sem reservas nem disfarces. Foi uma revelação que recebeu. Sorriu-lhe a ideia de ter um dia uma família assim; de viver entre crianças que lhe trepassem aos joelhos, na

companhia de afetos, que ali via manifestarem-se, e até com alguém que ralhasse com os criados, à maneira de D. Vitória.

Escusado é dizer que a imagem da Morgadinha aparecia sempre nestes quadros que lhe traçava a fantasia; assim como, nos quadros dos grandes mestres, aparecem quase sempre reproduzidas as feições queridas da mulher que eles traziam no pensamento e a quem deram assim a imortalidade.

De manhã parecera-lhe a aldeia um paraíso terreal; completara-o a figura de uma mulher; sem o sorriso dela nem o primeiro homem seria feliz no éden, onde a mão de Deus o colocara.

— Anda, vagaroso, anda — disse D. Doroteia a Henrique, assim que o viu chegar. — Se o jantar tiver esturro, a culpa é tua.

— Perdoe-me, tia. Demorei-me no Mosteiro.

— Ah! Foste lá? E então gostaste daquela gente?

— É uma família para o coração. Passa-se o tempo ali tão depressa! A Morgadinha, sobretudo, é adorável!

— Ai, ai; como ele nos vem! Olha lá no que te metes, menino! A mina boa é, mas. filho, anda ali encanto, que ainda ninguém descobriu.

Henrique fitou os olhos na tia Doroteia, que dissera isto com certa malícia.

— Que quer dizer, tia?

— Tu bem me percebes. Anda lá, anda. Se fizesses tu o milagre, se quebrasses o encanto, grande coisa seria; mas sempre te digo que não tomes a coisa a peito, que podes agravar o teu mal.

Henrique levou o caso a rir, mas é certo que esteve um pouco mais preocupado e distraído no resto da tarde.

CAPÍTULO VI

O leitor, se alguma vez realizou uma viagem na companhia de qualquer amigo, há de ter observado que, durante os primeiros tempos que passam juntos numa terra para ambos desconhecida, tão alheios às coisas como às pessoas, no meio das quais se veem, nem por momentos se sofrem separados: um segue sempre o outro em todos os passos que dá, precisa dele para comunicar-lhe as primeiras impressões recebidas, e pedir-lhe em troca as suas; à medida, porém, que, pouco a pouco, se vão familiarizando mais com os lugares e com as personagens daquele mundo novo, afrouxa a constrição desses laços, e cada um começa a readquirir a independência individual, que de moto próprio tinha abdicado.

Um facto semelhante nos sucede com Henrique de Souselas. Encontrámo-lo na estrada; na companhia dele entrámos numa terra, onde tudo nos era estranho; nada mais natural do que dar o braço um ao outro, passar juntos

a manhã, e fazer, em comum, as nossas visitas. Agora, porém, que temos já algum conhecimento da terra e da gente, é tempo de nos declararmos independentes, e sacudirmos o jugo de uma companhia forçada, a qual, embora seja de um amigo estimável, se é forçada, é sempre jugo, em certas ocasiões.

Os próprios Castor e Pólux, ou Pílades e Orestes, penso eu, tinham de ter momentos em que se desejassem sós; se é que não deviam aos deuses a felicidade de possuírem curtos espíritos, o que não creio.

Deixemos, pois, Henrique de Souselas entretendo com a tia Doroteia a mais pacífica das conversas que podem auxiliar a digestão de um jantar; deixemo-lo no tranquilo recinto de Alvapenha, e vamos associar-nos a um dos nossos recentes conhecimentos, que é Augusto, o mestre de Mariana e de Eduardo, aquele pálido rapaz que entrevimos na sala da casa do Mosteiro.

Ao sair dali, Augusto seguiu através de campos e à beira de valados, com aquele ar pensativo que lhe era peculiar.

O pouco que da história dele soubemos, pelas palavras da Morgadinha, é bastante para que nos não admire a quase incessante melancolia de Augusto.

Aos vinte anos e sem família! Com inteligência e mal podendo, à custa de sacrifícios, cultivá-la, e elevá-la à altura das suas aspirações! Alma generosa e compassiva, tendo muita vez de limitar-se a chorar os infortúnios que via, porque a pobreza lhe negava meios de remediá-los! Não serão estas ainda nuvens bastantes para toldarem a luz de uma existência, embora a juventude a ilumine?

Há alguns anos que esta disposição para a tristeza se exacerbara em Augusto. Coincidiu o facto com algumas circunstâncias, que convém referir.

A morgada dos Canaviais, madrinha de Madalena e de quem viera a esta o nome de Morgadinha, pelo qual mais conhecida era na aldeia, havia, ao morrer, instituí do um legado a favor de Augusto, então criança, com a condição de ele abraçar a vida eclesiástica. O conselheiro, pai de Madalena, devia administrar este legado, educando o rapaz nas escolas de Lisboa ou Porto, desde o dia do seu primeiro

exame até o da primeira missa, porque nesse lhe entregaria o capital por inteiro.

Isto sucedeu no tempo em que a mãe de Augusto, que há dois anos viuvara, lutava com a miséria, e o rapaz, pela sua penetração e pelo entusiasmo com que aprendia, causava o espanto do velho mestre-régio da localidade.

Foi por todos abençoada a memória da morgada, por tão bem cabido legado, que era, ao mesmo tempo que remédio às privações de uma família, prémio e estímulo à inteligência e à aplicação de uma criança, que prometia vir a ser. Deus sabe o quê.

Ninguém se lembrou de perguntar a si próprio se a cláusula, posta pela legatária como condição à concessão do benefício, não podia ser uma crueldade que o anulasse; se comprar um futuro por dinheiro, sem querer saber a quantidade de aspirações, de esperanças, de fantasias que sejam, a que se tem de renunciar pelo contrato, não é uma iniquidade; se não era uma quase simonia ir a casa do pobre, e, fazendo luzir os reflexos do ouro nas sombras da miséria, propor-lhe trocar por estes tesouros, que o fascinam, os valiosos tesouros da alma. Eu por mim

abomino estes legados condicionais, que um espírito malévolo, egoísta e desejoso de dominar ainda depois da morte, tantas vezes dita; essas meias generosidades são às vezes a causa do infortúnio de uma vida inteira; aceites ou recusadas, é raro que, depois, a cada provação que nos experimenta, uma voz interior nos não exprobre o partido que abraçámos. — «Louco! Para que hesitaste em trocar meia dúzia de fantasmas por um bem real? Quem te mandou sacrificar a vaporosos ídolos de poetas o benefício que te ofereciam?» — dirá ela aos que rejeitaram o pacto. — «Ambicioso! — clamará aos outros. — Aí tens a felicidade que julgaste comprar à custa do que há de mais nobre na alma humana; embriaga-te agora no incenso em que envolveste o altar do bezerro de ouro, consumindo aí as tuas mais santas e generosas aspirações». Augusto não adivinhou, porém, logo a crueldade da disposição testamentária. Era muito criança ainda; e depois uma ideia nobre o preocupou; compreendeu que ia ser o amparo daquela pobre mãe, que só podia abrigá-lo com os extremos do seu muito amor. O seu pai, morrendo, apenas conseguira deixar uma herança: foi à viúva o dever de velar pelo filho. Augusto exultou, vendo que podia inverter aquele legado,

velando ele pela fraca mulher, que, para bem o cumprir, esgotaria, decerto, a vida.

Redobrou, por isso, a solicitude no aprender; desenvolveu-se-lhe mais e mais a inteligência, quase espontaneamente, pois justo é confessar que bem rudes eram os cuidados de cultura que o velho magister lhe sabia dar. Mas quem ignora os surpreendentes efeitos que da inteligência e do estudo, da aptidão e da vontade, podem resultar? Dotem um homem dessas duas faculdades poderosas e neguem-lhe, embora, os meios de progresso, ele caminhará, inventando-os primeiro, se tanto for preciso.

E, depois, é um grande alento aos espíritos superiores a consciência de uma nobre missão a cumprir. Não há fadigas que tal estímulo não vença; abnegação, que não inspire.

A Augusto era-lhe incitamento a ideia de que a sua mãe precisava dele.

Quando ainda aos seus treze anos fosse já bem conhecida a grandeza dos sacrifícios que lhe exigiam, não hesitaria talvez, instigado por aquela aspiração; quanto mais que ainda mal lhe tinham animado os sonhos as doces imagens,

tão gratas ao coração do adolescente, e a que teria de renunciar.

Suspirava por o dia do seu primeiro exame, o qual, graças aos esforços empregados, não se fez esperar muito.

Quando se aproximava a ocasião, o pai de Madalena mandou vir Augusto para Lisboa e hospedou-o na sua casa até que chegou o dia.

Não confiando demasiadamente no ensino público da aldeia, o conselheiro quis que o seu pequeno hóspede recebesse algumas lições de um professor da cidade, e deste obteve as melhores informações da inteligência do rapaz, que, só por milagre dela, conseguira sair muito pouco eivado dos vícios do ensino do campo.

Augusto demorou-se algumas semanas em casa do conselheiro. Afinal fez o exame, no qual foi felicíssimo, obtendo nele as mais distintas qualificações.

Imagine-se o efeito que a notícia produziu na aldeia. Exagerando-se, dizia-se por lá que em toda Lisboa corria a fama do rapaz, e houve até quem não hesitasse em afirmar

que a criança confundira os mestres, que fora uma maravilha.

O mestre-escola reclamou para si a glória do acontecimento, fundando-se em que, através do discípulo, resplandecia a ciência do mestre.

Os invejosos disputavam-lhe, porém, tão inquestionável glória e riam-se dele.

A pobre mãe, essa, levou todo o dia a chorar de prazer e a render graças à Virgem, a quem tanto encomendara o filho.

Voltou Augusto à terra.

Era o rapaz o assunto de todas as conversas; olhavam-no como um prodígio. Todos o queriam ver, como se até ali não o tivessem visto bem, e de feito todos o foram ver; nem o abade, nem o administrador, nem o presidente da Câmara faltaram. Foi tudo. Pois bem: de tantos que o viram, não houve um só que não notasse que o pequeno vinha triste.

Ninguém contestava o facto; que ele como que saltava aos olhos; as interpretações é que variavam.

— Aquilo é dos ares de Lisboa; a quem não está costumado. — dizia um.

— São canseiras de estudos — aventava outro. — Há lá coisa que puxe mais por uma pessoa do que o estudo!

— Não que vocês se preocupem! Um exame sempre abala a gente cá por dentro — dizia um doutor, que levara dez anos a vencer um curso de cinco.

Fosse pelo que fosse, Augusto trouxera de Lisboa uma melancolia, que os ares da sua terra não dissiparam e que aumentava sempre que lhe falavam no futuro e no legado da morgada.

Quem mais a estudou, e sentiu aquela súbita melancolia, foi, como era de supor, a receosa mãe. Deus sabe que noites mal dormidas, que sustos e que íntimos terrores ela lhe causou! Perguntas, súplicas, arguições, lágrimas, promessas, nada tiravam de Augusto, que teimava em responder que nada tinha que o afligisse, que era ilusão de quem o via a tristeza que lhe supunham, e, para confirmar o que dizia, ria, mas era mais triste aquele riso do que o choro em que se desafogasse.

Para breve estava a entrada de Augusto no colégio de Lisboa, onde, à custa do legado da defunta proprietária dos Canaviais, devia continuar os seus estudos, quando o rapaz pediu para ficar algum tempo na aldeia. Não se pôde atinar com os motivos deste pedido. Indolência não era; pois, no entretanto, começou a estudar os rudimentos de latim com o ilustre professor, que o leitor conhece já, mestre Bento Pertunhas.

A saúde vacilante da mãe de Augusto declinou nesse Inverno; o que veio dar outro motivo à demora do filho.

Dias e dias passou o pobre rapaz sentado à cabeceira do leito, dividindo os seus cuidados entre o estudo e os carinhos pela estremecida enferma. Dois anos se passaram desta vida, e, quando, ao fim deles, Augusto abandonou aquele leito, foi depondo um beijo nas faces geladas de um cadáver.

Era órfão.

A vaga sombra de melancolia, que já lhe toldava o rosto, condensou-se-lhe mais então. Era quase um negrume de tristeza.

Por esse tempo, veio o conselheiro trazer Madalena para a aldeia, pois receava pela saúde dela, se persistisse em Lisboa.

O conselheiro propunha-se levar consigo Augusto, quando voltasse a Lisboa. Uma manhã, porém, este, de pouco mais de quinze anos, procurou-o e disse-lhe com uma gravidade que revelava uma tenção meditada e irrevogável:

— Venho prevenir V. Exa. de que desisto do legado da Sra. Morgada. Não quero ordenar-me.

O conselheiro fitou-o, estupefacto.

— Não queres ordenar-te! Porquê?

— Já não tenho mãe a quem amparar. Por ela forçaria a minha vocação sem remorsos; por interesse próprio não o posso fazer; parece-me um sacrilégio.

O conselheiro era um homem muito do século. O seu trato social, a frequência dos círculos políticos e elegantes, tinham-lhe dado todas as boas e más qualidades, que caracterizam aquela classe de homens, e sabe-se que a candura de sentimentos não entra no número das mais habituais dessas qualidades. Tinha uma razão clara, mas

fria; se abraçava uma boa causa, não o fazia cedendo ao entusiasmo, mas somente depois de ponderar fleumaticamente os fundamentos em que ela se baseava; assim era que, em política, se costumara a contemporizar, espaçando a adoção de qualquer medida, inquestionavelmente boa, para tempos em que fosse mais conveniente; não se apaixonava por utopias, desconfiava delas; há muito tempo que desviara dos olhos o prisma encantado, através do qual olham o mundo os poetas e todos os mais sonhadores; costumara-se a marcar por modelo, nas diferentes carreiras da vida, não um tipo ideal, dotado de todas as virtudes, limpo de todos os defeitos e vícios; assentara a menor altura o alvo; parecia-lhe que bom fito eram já os indivíduos que tinham conseguido maior consideração na sua classe: as máculas que eles tivessem, eram, por esse facto, máculas autorizadas. O pensar de outro modo era pensar de romance; agradável para entreter, porém mau nas aplicações às coisas da vida. Numa palavra, o conselheiro era um homem de bem, mas na esfera mundana; não um daqueles tipos de pureza cristalina, através da qual parece passarem sem desvio os

raios da luz celeste, mas já um tanto embaciado do bafo social, que não o fazia ainda totalmente opaco.

Por isso sorriu à declaração de Augusto. A carreira eclesiástica não lhe parecia tão escabrosa como o futuro sacerdote a fazia; nem tão dura a lei como em teoria se mostrava. O conselheiro não pensava necessário tomar ao pé da letra certos deveres impostos; o mundo seria, como ele, tolerante em naturais infrações; por tudo isso se riu. Fez a Augusto uma longa dissertação sobre as vantagens da vida eclesiástica, sobre os muitos interesses que lhe prometia, e a leviandade com que ele queria renunciar a uma carreira segura, movido pelas instigações de um espírito timorato ou de uma visão fantástica.

Augusto insistiu. Sem corar perante o sorriso cético do conselheiro, declarou que não abraçaria a vida eclesiástica sem que se sentisse com a coragem precisa para cumprir todos os deveres que ela lhe impunha; que era precisa uma grande abnegação, e que ele, depois da morte da sua mãe, não tinha a certeza de a conseguir. Nos interesses não pensava, e, se pensasse, seria isso a primeira prova de não estar preparado para a missão de que se queria encarregar.

Quando alguém abraça com lealdade e franqueza uma boa causa, dificilmente é vencido. O conselheiro, costumado a não recuar nas mais acerbas lutas do Parlamento, calou-se dentro em pouco às objeções daquela criança. Como que teve remorsos de tentar sequer desvanecer as ilusões a que o via abraçado, — ilusões pelo menos as supunha ele; parecia-lhe uma obra satânica envenenar com um sorriso aquele ideal, em que vivia. — Respeitou-o e calou-se.

— Alguma criancice amorosa dos quinze anos — pensou para si. — Deixemos ao tempo convencê-lo. Não me encarregarei eu desse papel, que é pouco simpático. Quem me restituirá aquelas canduras! Teria alcançado menos no mundo, mas talvez tivesse gozado mais. ou melhor.

O conselheiro cedeu aparentemente, esperando que a reflexão modificaria, mais tarde, as ideias do rapaz.

Exigiu dele que a ninguém anunciasse as tenções em que estava de se não ordenar, pelo menos enquanto não passasse mais tempo sobre aquela resolução.

E, uma vez que ficava na terra, pediu-lhe o conselheiro que se encarregasse da primeira educação de Ângelo, então de

nove anos; pois mais confiava para isso em Augusto do que no professor oficial.

Augusto aceitou com prazer a incumbência, que, sobre adequada aos seus gostos, lhe abria uma carreira que ele já imaginara adotar.

De então nasceu uma íntima amizade entre Ângelo e Augusto. Foram rápidos os progressos do discípulo, e não menos reais as vantagens que ao mestre resultaram do ensino, que lhe desenvolvia cada vez mais a inteligência. O conselheiro tinha motivos para estar satisfeito da escolha.

Ao fim de um ano as repugnâncias de Augusto em aceitar o legado eram as mesmas; o egoísmo paternal do conselheiro não o deixou ser muito ardente a combatê-las. Espaçou-se mais uma vez a decisão.

Outras lições apareceram a Augusto, as quais ele acolheu com gosto; o mestre-escola reclamava também muitas vezes o seu auxílio; compadecido da sua velhice, Augusto nunca lho recusou.

O velho acabou por declinar nele o serviço todo, sem que Augusto consentisse em receber por isso o menor

estipêndio.

O público não se cansava de perguntar quando seria que o rapaz começaria os seus estudos em Lisboa e porque não o fazia já. Como não obtivesse resposta, comentava o facto, como costuma comentar todos os que não entende.

No entretanto, a educação de Augusto não ficara estacionária. Com grandes sacrifícios a continuara ele; e num ermo, como era aquela aldeia, tinha muito de milagre o que fazia.

O latim de mestre Bento já mal satisfazia às impaciências de espírito deste discípulo entusiasta; e não raro que a inteligência de Augusto visse mais fundo nos textos do que a experiência do mestre.

O caso favoreceu os desejos do estudante.

Numa freguesia próxima estava, como abade, um doutor em Teologia, homem de sólido saber e de reputação extensa.

Um dia em que, por convite do seu colega, viera assistir e pregar na festa do orago da aldeia, o padre encontrou-se com Augusto na sacristia e, conversando-o, admirou-lhe a

penetração, cativou-se da sua modéstia e lamentou não estar mais perto dele, porque o auxiliaria, como pudesse, nos estudos.

Augusto perguntou-lhe se era sincera aquela vontade; afirmando-lhe o padre que sim, respondeu que não seria então estorvo a distância, porque ele a venceria.

E, daí em diante, duas vezes por semana, às quintas-feiras e domingos, franqueava légua e meia dos mais escabrosos caminhos, para ir ouvir as lições do erudito abade. Assim se aperfeiçoou na latinidade, cultivou a Filosofia e adquiriu o gosto pelos nossos velhos prosadores e poetas. Vinha de lá carregado de livros para ler durante a semana. Toda a biblioteca do padre lhe passou pelas mãos.

Era, porém, o teólogo clássico exclusivo e nada visto em línguas e literaturas modernas.

A sorte não recusou ainda a Augusto um novo mestre.

Entre os muitos estudos de estradas, de que os governos em Portugal fazem proceder, vinte anos antes, a construção definitiva de uma só, que de ordinário sai sempre como se não fosse tão estudada, um houve que levou à aldeia, em

que eu e o leitor nos achamos, um engenheiro que aí fez quartel e centro de operações, durante três meses inteiros.

A casa em que ele se alojou ficava próxima da de Augusto. Cedo travaram conhecimento os dois. O engenheiro o menos que possuía eram livros de Matemática; mas, quanto a literatura moderna, trazia nas malas e baús uma excelente provisão.

Não tendo que fazer às noites, entreteve-se a ensinar o francês a Augusto e a ler-lhe os livros da sua biblioteca portátil. Voavam as horas a Augusto naqueles serões; neles aprendeu todos os nomes da nossa literatura moderna, bem como os principais da França e de Inglaterra.

Quando o engenheiro partiu da aldeia, já Augusto sabia o francês bastante para se aperfeiçoar por si; este amigo deixou-lhe em lembrança grande parte dos seus livros, que Augusto releu muitas vezes.

Atingiu finalmente Ângelo a idade de precisar do colégio. O conselheiro, ao levá-lo consigo, insistiu mais uma vez com Augusto para que viesse também e aceitasse o legado da Morgada. Foi em vão; encontrou-o ainda inabalável.

E, desta vez, fez pública a sua desistência, e o ambicionado património foi concedido a outro.

Meses depois morria o velho mestre-escola da aldeia.

Augusto escreveu ao conselheiro, declarando-lhe que pretendia aquele lugar, que já há muito tempo servia, e pedindo-lhe para que se interessasse porque ele o obtivesse. O conselheiro quis tirar-lhe da ideia tal projeto; escreveu-lhe que, na idade em que estava Augusto, o não ter ambições era indício de uma profunda doença moral; que a posição a que ele aspirava equivalia a uma sepultura estreita a que se acolhesse vivo. Augusto persistiu, porém, no intento, e o conselheiro empenhou-se por ele em Lisboa. Conseguiu que uma portaria, meio pelo qual se faz em Portugal tudo que é contra lei expressa, o dispensasse da idade que ainda não tinha, pois mal completara dezanove anos, e Augusto foi, por conseguinte, admitido a concurso para tão pouco disputado lugar e provido nele por três anos. O conselheiro, a quem não fora impossível obter-lhe despacho vitalício, quis ver assim se, no fim dos três anos, o obrigava a abandonar tão laboriosa e mal recompensada carreira, e, de propósito, o fez despachar temporariamente.

Conquanto o legado da Morgada tivesse tido já outra aplicação, o conselheiro não hesitaria em proteger, em qualquer carreira, o mestre do seu filho.

Mas, ao fim de três anos, Augusto, apesar de por experiência conhecer já os espinhos da profissão, apresentou-se novamente ao concurso para obter novo despacho. Na época em que abrimos esta narração voltara Augusto de pouco de ultimar a nova prova; e estava pendente ainda a decisão do ministério competente. Desta vez tivera um competidor, homem muito protegido por influências da localidade, as quais ainda não tinham podido vencer a do conselheiro, que pugnava por Augusto.

Desde que fora para Lisboa, Ângelo não se esquecera de escrever amiudadas vezes a Augusto, contando-lhe dos seus estudos, e descrevendo-lhe a sua vida na capital; e, quando vinha a férias, procurava transmitir ao que fora seu mestre a ciência que durante o ano adquirira.

Foi assim que Augusto começou a estudar a língua inglesa, a Geografia e a História.

Recebido o primeiro impulso, a sua inteligência e aplicação faziam o resto.

Um homem que havia na aldeia e com quem cedo teremos de travar conhecimento, um velho ervanário, para alguns um sábio, para outros um louco, para todos um homem honrado, concorreu também, com o seu contingente, para a educação de Augusto.

De tempos a tempos, este velho misterioso apresentava-se em casa dele com um pacote de livros debaixo do braço e, sorrindo, pousava-lhos em cima da mesa.

Eram quase sempre aqueles que Augusto mostrava ou sentia mais desejos de possuir. Da primeira vez, Augusto fitou o ervanário com espanto. Ninguém o supunha rico: como podia ele, pois, obter aqueles livros, alguns dos quais eram de preço? O velho, porém, disse-lhe, ao perceber-lhe a surpresa:

— Não queiras saber da minha vida, rapaz. Supõe que eu tenho a servir-me uma vara de condão ou uma fada qualquer, e deixa correr.

Augusto acabou por persuadir-se de que o ervanário tinha acumulado riquezas, à força de economias; porque de economias vivera sempre.

De pequeno merecera àquele velho uma singular simpatia, e com afeto de pai fora sempre tratado por ele.

Resignou-se a aceitar sem reflexões; até porque sabia ser fácil o escandalizar o velho com elas. O que fazia era evitar, na presença dele, qualquer palavra que pudesse denunciar desejos de possuir um livro qualquer. Mas o velho, como se tivesse de facto algum poder oculto a informá-lo, às vezes parecia adivinhar; e trazia-lhe livros que Augusto deveras desejava, mas a respeito dos quais tinha a certeza de lhe não ter falado; nem eram daqueles que o velho conhecia.

A seu pesar, via-se quase inclinado a adotar a crença supersticiosa do povo a respeito daquele seu velho amigo.

Pensando melhor, pareceu-lhe procederem de Ângelo as informações pelas quais o velho se guiava na escolha. Não lhe atribuía, porém, o presente, porque as economias de Ângelo não chegavam para tanto.

Depois de tudo quanto temos dito de Augusto, poderá ainda o leitor estranhar os ares pensativos com que o vemos?

Poucos passos andados, depois que saiu do Mosteiro, encontrou Augusto a distribuidora das cartas, que lhe entregou uma, sobrescritada para ele. Era de Ângelo.

Augusto abriu-a imediatamente e leu-a ainda pelo caminho.

Era uma extensa carta, em que se sucediam os períodos num desses longos, incoerentes e difusos arrazoados, que constituem a essência de uma carta de amigo para amigo.

Ângelo falava dos seus estudos, de saudades da terra, de esperanças e de projetos, projetos que, naquelas idades, nascem e morrem a todo o instante. Terminava esta carta, em que lhe participava a sua vinda à aldeia pelo Natal, com o seguinte período:

«Peço-lhe que diga à Lindita que se não esqueça de mim. Dentro em poucos dias conto ir ver os coelhos do quintal dela, e ajudá-la a tirar água do poço. O pai dela chega aí ao mesmo tempo que esta carta; leva um livro para si».

Augusto sorriu, ao ler o post-scriptum.

— Pobre Ângelo! — murmurou ele. — Deus não permita que sobreviva à tua última criancice essa simpatia por Ermelinda. Estas generosas afeições de criança muitas vezes, ao crescer, envenenam o coração.

Havia tanta amargura nestas reflexões de Augusto!

E, como absorvido nelas, caminhou para casa do recoveiro Cancela, que era o pai da pequena, a quem na carta se aludia.

CAPÍTULO VII

A casa do recoveiro Cancela ficava numa das mais estreitas ruas da aldeia e ao lado de um pequeno quintal, objeto dos cuidados e das diversões do proprietário, que ali gastava algumas horas disponíveis da sua ocupada e laboriosa vida.

Cancela era um verdadeiro judeu errante da aldeia. A maior parte do tempo ia-se-lhe nas estradas; pernoitava hoje numa estalagem; viam-no amanhã já a mais de seis léguas de distância; acotovelava um dia a multidão nas ruas e feiras da cidade, no outro entretinha os curiosos da sua terra, deixando-lhes entrever os tesouros da experiência adquirida à custa de muitos anos e fadigas.

As estradas em Portugal e os novos meios de transporte, que conjuntamente vieram, não destruíram totalmente este tipo dos antigos tempos, anterior a elas. Além da época que parecia dever marcar-lhes limite à existência passaram, sustentados pela força dos hábitos e justificados pelas irregularidades do serviço das postas; e Deus sabe quando

de vez acabarão. Mas Cancela era além disso um recoveiro de uma espécie rara e superior. Em todas as profissões há sempre, no meio do vulgo, que as exerce sem entusiasmo nem consciência dos gozos, superiores aos interesses, que elas podem oferecer, certo grupo de escolhidos, que as idealizam, e enxergam um raio de poesia através das sombras, uma flor entre os espinhos. Cancela era destes; era o poeta da sua profissão. Tinha em si o que quer que era de um tourista, e assim aproveitava todas as oportunidades que se lhe oferecessem de explorar algum ponto do país, ainda por ele desconhecido.

Este instinto levava-o frequentemente a Lisboa. As muitas relações do conselheiro, pai de Madalena, com as famílias da aldeia, e a barateza relativa das recovagens operadas por este meio primitivo, proporcionavam-lhe algumas ocasiões disso, as quais o Cancela de boamente aproveitava. Era de uma dessas expedições que ele devia voltar aquela manhã, como o dava a entender a carta de Ângelo.

Quando, porém, Augusto lhe bateu à porta, achou-a ainda fechada; escutou à fechadura, mas não pôde verificar o

menor sinal de que alguém estivesse dentro.

É cedo ainda — pensou consigo. — Vejamos se estará em casa do compadre.

Seguiu mais para diante pela rua por onde viera.

A poucos passos mais, e do lado oposto, deparou-se-lhe outra casa de aspeto não menos rústico do que a primeira, uma pequena casa térrea, de uma só porta e uma só janela, e com o respetivo quintal ao fundo.

Do interior vinha um sussurro de vozes, como de conversa animada; julgando que seria o Cancela, de quem o proprietário era, além de vizinho, confidente e compadre, Augusto empurrou a porta, que estava apenas cerrada, e entrou.

A primeira sala achou-a deserta. Era um aposento quadrado, todo adornado à volta de cruzes de pau, para as devoções da via-sacra, e de imagens de santos e santas em caixilhos de todos os tamanhos. Mais do que os outros enramalhetado e enfeitado, via-se ali o bento registo de uma confraria, há pouco tempo instituída na terra pelos

missionários, o qual ocupava o lugar de honra naquela devota exposição.

Era recente na aldeia o estabelecimento desta confraria, sociedade um tanto misteriosa, por meio da qual seus interessados instituidores só visavam a dar o reino do Céu aos filiados, contentando-se apenas, em paga, com o do Mundo, do qual, lembrados de antigos tempos, têm saudades já. Os missionários, certos evangelizadores em terras onde a palavra do Evangelho não é chave que abra a porta pela qual entraram os mártires no Céu, lá andavam por aquele tempo, na aldeia onde se passa a ação desta história, plantando a vinha, que eles chamavam do Senhor; as mulheres, abandonando os lares, seguiam-nos como rebanhos; o culto católico era por eles cada vez mais arrebicado com orações absurdas e cerimónias ridículas, e o eterno anátema da ignorância contra o progresso da sociedade servia de tema predileto aos seus bárbaros discursos.

Ardente prosélita destes apóstolos de fé duvidosa, a Sra. Catarina do Nascimento de S. João Baptista, a metade feminina do casal em questão, tomara por modo de vida as

devoções da igreja, onde ia chorar as desgraças da Humanidade, que tão fora via andar da estrada direita.

Augusto pouco se demorou nesta sala; respeitando a alcova conjugal, que era vedada aos olhares profanos por uma colcha de chita de largas e folhudas ramagens, tomou pelo corredor que conduzia à cozinha, donde lhe continuava a chegar aos ouvidos o som de vozes, que primeiro o atraíra.

Ao contrário do que esperava, porém, só uma pessoa encontrou na cozinha, conquanto falasse com a vivacidade que em poucos diálogos se mantém.

Esta pessoa era o dono da casa, o Sr. José do Enxerto, ou vulgarmente chamado o ti' Zé Pereira — nome que lhe vinha do popular e ruidoso instrumento, o clássico zabumba, que nas nossas aldeias tem ainda hoje aquele nome. — Era muito para ver e admirar a mestria com que o nosso homem o sabia tocar nas festas e arraiais, à frente das procissões e cercos, e, finalmente, em todas as solenidades públicas.

O ti' Zé Pereira era homem dos seus quarenta e tantos anos; tinha no rosto, principalmente no nariz, vestígios

evidentes das suas simpatias pela divindade celebrada nos antigos ditirambos. Esposo da Sra. Catarina do Nascimento de S. João Baptista, vivia em perene sabatina com a sua cara-metade, sujeitando-lhe todas as suas ações, mas salvando sempre o direito de protestar pela palavra. Ganhava a vida no ofício de hortelão, e, aos domingos e dias de festa, à força de rufos e pancadaria na retesada pele do seu companheiro inseparável — o zabumba. Era aos cuidados e vigilância deste par conjugal que o recoveiro Cancela confiava o seu mais precioso tesouro, a pequena Ermelinda, uma mimosa criança, que lhe ficara à sua viuvez, tão cheia de saudades, e a quem ele mais queria do que à menina dos olhos.

Ermelinda era afilhada da família Zé Pereira, e a mesma a quem ouvimos referir-se Ângelo no fim da carta.

Z é P' reira estava, como dissemos, só na cozinha, quando Augusto ali chegou: sentado, no meio da sala, sobre um alqueire voltado com o fundo para o ar, viradas as costas para a porta e a face para o lar apagado e vazio, falava, gesticulava e mudava de tom desde a nota mais grave e rouca da sua escala de barítono, até o mais agudo e

desafinado falsete. A língua pegava-se-lhe ao céu da boca, dificultando-lhe suspeitosamente a articulação de algumas sílabas; era evidente que se apossara do hortelão o espírito familiar, o qual, neste caso, era um verdadeiro espírito, na aceção química do termo.

Zé Pereira era um homem baixo, já grisalho, suficientemente nutrido, de olhos vesgos e que mais vesgos se faziam quando o entusiasmo, o rapto artístico se apoderava dele; usava de umas suíças que pareciam tentar sumir-se-lhe pela boca dentro; tinha longos braços, acomodados às dificuldades e evoluções da sua arte, e pernas que, do joelho para baixo, lhe divergiam em ângulo de mais de trinta graus.

Quando Augusto deu com ele, o homem monologava, gesticulando:

— Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! É forte desgraça! Aqui estou eu! Um homem casado. casado à face da Igreja. que me casou em dia de S. Tiago o abade que foi. e que Deus tenha em descanso. Não faltou nada. correram-se banhos diante de quem os quis ouvir, e não houve quem pusesse impedimento. porque eu não devia nada a

ninguém. sempre fui liso de contas. Sou casado com a Catarina do Nascimento de S. João Baptista, filha do António Canhestro, do lugar dos Fojos. E casado para quê? Faz favor de me dizer? Para que casei eu? Forte desgraça a minha! Casei-me para isto! Para vir para casa e achá-la vazia, o lume apagado e o caldo na horta. e a mulher a papar missas e novenas lá por essas igrejas. Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! É forte desgraça! Bem morria eu de frio e de fraqueza, se não fosse aquele quartilhito. o último, que sempre me deu sua aquela. sim. sempre me aconchegou o estômago. Não que dizem que o vinho que faz, que o vinho que acontece. Pois casem-se com uma mulher que vá de madrugada para a igreja e venha de lá quando muito bem lhe pareça, e verão depois se o vinho não serve de cobrir muita lazeira que se sofre. verão depois. Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! Diz que Deus que disse que a mulher que era a carne da nossa carne e o osso do nosso osso. Deus devia de vez em quando tornar a dizer estas coisas. para não esquecerem. como se faz na escola com a tabuada. A minha Catarina já o não sabe, aposto. e pelos modos os padres não lhe dizem isto na igreja. pois deviam dizer! A carne da minha carne e osso do

meu osso! Mas é carne e osso que me não fazem caldo. Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! Como há de um homem, se isto assim continua, pegar na enxada para dar uma cavadela, ou fazer qualquer sachada? E também quero ver como hei de no arraial e procissão de Santo Amaro, que não tarda aí, dar sequer um rufo assim mais tal. assim mais científico? Eu se fosse bispo.

A caudalosa corrente deste solilóquio foi interrompida pela aparição de nova personagem à porta do quintal.

— Deixe estar, meu padrinho, deixe estar; tenha um bocadinho de paciência. É um instante enquanto acendo o lume e lhe faço o caldo. Verá.

A pessoa que assim falava ao entrar para a cozinha era uma rapariga de doze anos, alva e franzina, como a mais delicada criança da cidade, com os olhos negros e expressivos de inteligência e de doçura, e com os mais formosos cabelos louros que ainda enfeitaram uma cabeça infantil. Não havia neles sombra que desvanecesse aquela cor deslumbrante; refletia-se-lhes a luz nas ondas, naturalmente lustrosas, como em tenuíssimos fios de metal;

usava-os soltos e caídos, sem vislumbre de artifício, de um e de outro lado do colo.

Condizia com a expressão angélica do rosto o suave e afetuoso timbre de voz com que falara.

O leitor prevê decerto que é Ermelinda, a filha do Cancela, ou Lindita, como geralmente na aldeia lhe chamavam, a criança que tem na sua presença.

Ermelinda sobraçava um molho de hortaliça, que fora colher ao quintal, e dirigia-se com ela para o lar, que o descuido e a indiferença conjugal deixavam ainda apagado àquela hora do dia.

Dando, porém, com os olhos em Augusto, parou, sorrindo-lhe.

— Ai, pois estava aí, Sr. Augusto!? E o meu padrinho talvez sem reparar.

A estas palavras o desditoso marido voltou a cabeça e fitou em Augusto um dos seus desemparelhados olhos.

Olá, Sr. Augusto! Viva! Passe muito bem! Entre; esta casa é sua. De jantar não lhe ofereço. porque. porque. Forte

desgraça a minha. Olhe! Repare para este desaforo! Venho para casa, morto de trabalho. e vejo o lar apagado! A minha mulher está a ouvir missa, a confessar-se, a comungar. a tomar todos os sacramentos. acho que os está a tomar todos. Louvado seja Deus! Vem aí tão limpa de consciência, como eu estou de estômago. Ora, senhores.

— Deixe estar, padrinho. Verá como isto se arranja depressa. Olhe: o lume já está aceso — dizia Ermelinda, acendendo efetivamente o lume no lar.

— Já o devias ter feito antes, Lindita, — disse Augusto, sentando-se junto dela.

— Mas, se ainda agora vim das presas, onde fui lavar a roupa?

— Pobre pequena — disse o Zé Pereira — também não te há de faltar lazeira, também!

— A mim? Agora! Não que eu não saí de casa com as algibeiras vazias.

— Pois sim. mas é sempre preciso coisa que conforte. ainda se tu bebesses. já não digo um quartilho.

— Credo, meu padrinho! Que está a dizer?

— Que espanto! Ora, senhores, que parece que o vinho é bebida amaldiçoada, que todos lhe têm medo! É ver se o padre na missa.

— Padrinho! Padrinho! Que vai dizer? — interrompeu Ermelinda, quase aterrada.

— Eu digo o que é verdade, rapariga! Tenho minha presunção de nunca dizer senão a verdade. Lá o pespeguei na cara do Sr. Juiz de Direito e mais do Sr. doutor Delegado e mais doutores, quando fui a um juramento, por causa daquelas pancadas no recebedor. É que nenhum desses santalhões desses missionários me têm que ensinar nesse ponto. Os missionários! Eu, um dia, tiro-me dos meus cuidados e dou-me ao trabalho de lhes ir perguntar, quando eles estiverem no púlpito, se Deus lhes manda que tirem as mulheres de casa, para que os maridos não tenham que comer quando voltarem do trabalho. Um dia ainda lhes vou perguntar. isso vou.

— Olhe; a água não tarda a ferver; verá que dentro em pouco. — continuava Ermelinda.

— Bem, Lindita, bem! — disse Augusto. — Em paga da boa vontade com que trabalhas vou dar-te uma alegre nova.

— A mim? Diga.

— Trago-te visitas de alguém, que em poucos dias te dará, em vez de visitas, um abraço.

— De quem? Ah! Ângelo escreveu-lhe?

— Como adivinhaste depressa!

— Pois de quem mais havia de ser? Mas diz que. em poucos dias. Então?

— Tê-lo-emos cá pelo Natal.

— Fala verdade?

— Assim mo diz nesta carta. Queres ler?

— Para quê? — respondeu a rapariga, fitando porém o papel com os olhos cheios de curiosidade.

— Ora lê, lê. Até para ver se ainda te recordas das lições que eu te dei.

— Ai, lá isso... Mas, o caldo do meu padrinho.

— Deixa que o lume é que o há de aquecer e não a tua presença.

Ermelinda aproximou-se; tomando a carta das mãos de Augusto, começou a lê-la com intensa curiosidade.

Zé Pereira prosseguiu no seu monólogo:

— A religião, senhores — dissertava ele — não manda tal. Isso é que não manda. A religião é a palavra de Deus. e Deus disse. sim. Deus disse. Deus disse muita coisa. Disse que por este deixarás pai e mãe. Ora a Santa Madre Igreja é mãe, é, sim, senhores; que tem lá isso? mas não é mais mãe do que a outra mãe. e então. senhores, uma mulher não deve deixar por ela o seu marido; porque o marido, senhores, é o tudo de uma casa, e o ganha-pão da família. Ora, senhores, que é forte desgraça.

O monólogo do desconsolado cônjuge e a leitura de Ermelinda foram interrompidos por uma voz potente, que cantava na rua:

O dinheiro paga tudo,

Não se fica a dever nada;

Toma, toma o limão verde,

Ó da fresca limonada.

E logo em seguida estalaram as tábuas do soalho no corredor sob uns passos pesados e ruidosos, e no limiar da porta da cozinha desenhou-se a figura agigantada e hercúlea do recoveiro Cancela, pai de Ermelinda. Cancela, ou o João Herodes, que assim também lhe chamavam por ter criado, nos autos em que era ator aplaudido e popular, o tipo do sanguinário e infanticida rei da Judeia, fora pela Natureza dotado de uma estatura e robustez dignas de Adamastor.

Encontrava-se nele uma dessas felicíssimas realizações dos temperamentos sanguíneos que, sem ameaçarem de insultos apopléticos, dão riqueza ao sangue, vigor aos músculos e à fisionomia o aberto e colorido da saúde e os reflexos da satisfação interior.

A barba negra e espessa cercava-lhe as faces coradas, e o natural fulgor dos olhos parecia aumentado sob o duplo

arco de bastas sobrancelhas, que, quando contraídas, os rodeavam de sombras ameaçadoras, donde fuzilavam relâmpagos. Era formidável então!

O riso pairava-lhe, porém, nos lábios, quando na presença de amigos, descobrindo-lhe duas fileiras de alvíssimos e bem dispostos dentes, desses que os excessos e absurdos culinários ainda não deterioraram.

Parando à porta da cozinha, o Herodes (às vezes lhe chamavam-no assim, cedendo ao geral costume na aldeia) procurou com a vista alguém, que mais que tudo trazia na memória — a filha. Esta, pela sua parte, mal o reconheceu, correu a lançar-se-lhe nos braços.

O pai pegou nela, como se fosse uma pena, levantou-a à altura dos lábios e pousou-lhe nas faces dois sôfregos e ruidosos beijos, ainda palpitantes de todo aquele intenso amor paternal.

— Ah! — exclamou, pousando-a no chão e respirando como quem acaba de satisfazer uma intensa necessidade do coração. — Isto consola que nem o copo de água que a gente, em dias de calma, pede à borda da estrada, quando

se leva a boca seca e queimada da poeira! Mais do que isso me sabem estes dois beijos que te dou, pequena. Que querem? Ó Sr. Augusto! Também por cá?

— Esperava-o, Cancela.

— A mim? — continuou o homem, pousando no chão uma mala que trazia. — Pois aqui me tem. Mas, dizia eu, um homem, quando anda lá por fora, e pensa no que lhe irá por casa, sente às vezes uns sustos, que parece que lhe fazem tudo escuro. As desgraças para sucederem, não põem muito. De um momento para outro. E depois a gente ouve por lá conversas, vê coisas que parece que são agoiros. e que nos fazem a noite no coração. Umas vezes é um enterro. outras, um desastre. um fogo. um. E as crianças sós, e os pais fora de casa! Ai! Isto é de ralar o coração de uma pessoa. Eu bem sei que em boa companhia me fica a pequena. Aqui o compadre, tirante lá a sua aquela pelo sumo da uva. Quantos foram já hoje, compadre, hem? Mas, tirante isso, é homem de bem; a comadre é uma santa, que só tem o defeito de querer ser santa deveras. mas enfim. tudo isso não obsta; uma coisa é uma pessoa saber o que lhe vai por casa, outra. Tremem-me as pernas

sempre que entro na aldeia. A primeira alma de Cristo, que encontro, estou sempre a ver quando me vem dar alguma nova má. Salta-me cá por dentro o coração, que ninguém faz uma ideia; eu bem canto a ver se disfarço, mas. Ai, filha da minha alma, quando me passa pelo pensamento que te posso um dia vir achar doente! Assim me sucedeu com a tua mãe. Deixei-a uma vez tão satisfeita e alegre, e vai, quando voltei, a primeira pessoa que encontro, diz-me à queima-roupa: «Venha, Sr. João, venha, que já não vem sem tempo. Corra a casa, se ainda quer ver sua mulher.» Foi como se recebesse uma descarga em cheio no peito. corri, e.

A comoção impediu-o de continuar; disfarçou como se envergonhado daquela fraqueza, beijando a filha outra vez.

Ermelinda percebeu a perturbação do pai e disse-lhe carinhosamente:

— Para que está agora a pensar nessas coisas que o afligem, meu pai?

— Deixa-me cá, rapariga. Isto às vezes também faz bem. Mas, por isso, quando entro em casa e te vejo, pequena, e

te vejo com boas cores e alegre. nem eu sei o que tem mão em mim, que não me ponho a dançar. Ah! Ah! Ninguém tem uma filha como eu! Olhe que não, Sr. Augusto; mal fica a mim dizê-lo, mas. Lá por Lisboa e por o Porto há muita menina galante, isso há; muita inglesinha loira, bonitas como anjos, mas cabelos assim doirados? — e passava com orgulho os dedos pelos bastos cabelos de Ermelinda — mas uma pele assim delicada? — e afagava-lhe com as mãos a face, quase a medo — mas olhos assim a meterem-se mesmo pelo coração à gente? — e beijava-lhos com paixão — isso é que eu ainda não vi, nem tenho de ver. Como o Senhor concedeu um anjo destes a um selvagem como eu, é que não sei. É a imagem da mãe! Ela também era poucochinha de si. miudinha e. Mas não pensemos nestas coisas. Sim, senhores; eis-me aqui outra vez, e por sinal com a minha vida por arranjar e eu posto à taramela. Trago-lhe uma encomenda, Sr. Augusto, e muitos recados, muitos.

— Já sei; Ângelo escreveu-me.

— Escreveu? Ah, Sr. Augusto, que rapaz aquele! Aquilo é uma pérola! Com três milheiros de demónios do Inferno!

dali há de sair coisa grande. Eu não queria morrer sem ver o que saía dali. Brinca como uma criança, mas, quando quer, põe-se sério, e fala como homem. E nada de soberbas, nem de ares enfastiados, como tomam aqueles senhores da cidade, quando conversam com uma pessoa rústica. Qual história! Ele tudo quer saber, tudo pergunta. Isso é um nunca acabar, quando lá me pilha. Então como vai Fulano? e Sicrano? E se já se fez aquela casa, e se já acabou aquela obra, e se já casou este, e se ainda vive aquele, e mais para aqui e mais para acolá, e tudo quer muito explicado. Ah! ah! ah! Tem diabo o pequeno. Pois cá a respeito da rapariga? Isso é uma comédia! Não se farta de me ouvir falar dela. Ah, Sr. Augusto, às vezes chego a ter pena de que isto nascesse minha filha.

Ermelinda fitou o pai com olhos espantados.

— Sim, filha, — prosseguiu ele. — Deus não te devia dar a um homem como eu, que enfim. Com os diabos! lá alma e coração. não quero que haja por aí quem me leve a barra adiante. Eu por um amigo. e com mil demónios! até por um inimigo, se não for soberbo, vamos lá, dou a camisa do corpo. Mas o mundo. Bem, bem; eu não me entendo. Vamos

à minha tarefa. Mas que tem você estado para aí a pregar, compadre, desde que eu entrei? Hum! hum! Parece-me que já se cantou a glória, hoje, visto que já se está ao sermão.

Efetivamente Zé Pereira tinha apenas concedido ao seu compadre um olhar de distração e um aceno de mão, e voltara de novo às suas queixas amargas contra a sorte e contra a esposa.

Interrogado pelo Herodes, Zé Pereira reproduziu uma das suas lamentações; o compadre, enquanto desenfardelava a mala, ia cortando com reflexões próprias essa longa jeremiada.

Então com que a Tia Zefa deixou-o sem caldo, hem? É mal feito, a falar verdade. Lume apagado em casa de família é coisa triste. Aqui está um livro para si, Sr. Augusto. Mas deixe lá, compadre, que a minha pequena arranja-lhe num ai algumas berças. Também eu estou em jejum desde as cinco horas da manhã. Mas estes missionários! Ah! com seiscentas mil dúzias de demónios, eu ainda queria um dia.

— Deus Nosso Senhor seja nesta casa — disse uma voz gemida à porta da cozinha.

— E o demo na do abade — resmungou Herodes.

Era a Sra. Catarina do Nascimento de S. João Baptista, tipo de beata, que dispensa descrição, que regressava a casa depois de completar o ciclo das suas devoções.

— Viva a comadre! — disse o João Cancela, continuando a mexer na mala.

Ermelinda foi beijar a mão à madrinha.

Augusto saudou-a afavelmente.

O marido obrigou o corpo a uma meia rotação sobre o alqueire, e, voltando-se para a mulher, disse-lhe, agitando os braços e as mãos, espalmadamente abertas:

— Mulher dos meus pecados, mulher de não sei que diga, olha que a paciência um dia acaba-se, mulher! Isto não pode continuar assim, mulher! Eu não me casei para que tu me andes a ganhar indulgências na igreja, mulher! Isto são preparos, mulher? Um homem chega a casa e acha o caldo por fazer, porque a senhora sua esposa deu em ouvir nove missas por dia e uma dúzia de novenas!

— Cala-te, cala-te — retorquiu azedamente a devota metade do Zé Pereira —, cala-te para aí, desalmado. Excomungado seja o mafarrico, que assim me quer atentar logo que entro em casa! Olha lá que não morresses de fome! Estás mal acostumado. Louvado seja Deus! Já não há quem queira sofrer neste mundo mortificações! Cuidas que não tens de sofrer as do Purgatório? E Deus nos queira dar só o Purgatório e livrar-nos das penas do Inferno. Que muito mal fazemos por Lhe merecer misericórdia! Ora que não há de uma pessoa poder ter as suas devoções, que não venha encontrar lamúrias em casa! Ó minha rica mãe do Céu, seja para desconto dos meus pecados! Some-te, inimigo mau! E eu que deixei de rezar oito estações, que prometi à Senhora da Rocha, e vai. Ora digam como há de esta gente cumprir os jejuns que manda a Santa Madre Igreja, se, por duas horas de espera, já se choram todos! Bendito e louvado seja o sacratíssimo coração de Maria! Ó homem de Deus, e então aqueles santos eremitas, que viviam, no deserto, de raízes e de águas das fontes.

— Que lhes prestasse. Tinham de andar muito gordos. Eu queria-os ver com uma enxada a trabalhar todo o dia no

campo, e que lhes dessem depois raízes para roer, a ver se gostavam. Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! Mulher, a religião manda que olhemos pelo nosso cadáver. É má cristã a mulher que deixa o seu marido na penúria. Isto é que os padres deviam ensinar. Vai-lhes lá perguntar se, quando chegam a casa, não têm a sopa e o toucinho à espera deles.

— Cala-te, tentador, que me andas a tentar! Cala-te, tem vergonha nessa cara. Olha agora! Eu queria ver-te com o trabalho do Sr. Padre Domingos. Coitadinho! desde as cinco horas da manhã até agora a confessar!

— Confessar é parolar; ora adeus!

— Tu estás doido, alma perdida?

— E pensas que ele não leva marmelada nos bolsos?

— Ó chagas do seráfico S. Francisco, ainda mais terei de ouvir?!

— Mulher, deixemo-nos de histórias; com jejuns ninguém engorda. Só os santos. de pau.

— Vamos, vamos — disse o Herodes, intervindo. — Não vale zangarem-se por causa disso. A minha pequena deve ter o caldo quase feito. Comam-no em santa paz e deixem-se de testilhas, que não é bonito; e muito menos entre marido e mulher. Você, compadre, também tem culpas em cartório; vamos lá. Há por aí umas certas capelas, onde passa também bastante tempo em devoção; enquanto à comadre, acredite o que lhe digo: a palavra de Deus não é tão difícil, que uma pessoa precise de estar tanto tempo a ouvi-la explicar. Eu cá penso que, fazendo a gente aquilo que lhe diz o coração, e que não sente nenhuma aquela em fazer, vai por caminho direito. E mais vale fazer o que Deus manda do que levar a vida a pedir perdão por o não ter feito. E também não é bonito estarem as mulheres, horas e horas, pegadas ao confessionário, como lapas nos rochedos, nem.

— Compadre! — atalhou escandalizada a Sra. Catarina — compadre! É essa a educação que dá à sua filha? São coisas que se digam diante de uma criança de doze anos? Ande lá, ande lá. Ora Deus queira que lhe não encontre ainda o pago. Era bem melhor que lhe ensinasse, ou

mandasse ensinar, a doutrina; que é mesmo uma vergonha o pouco que sabe dela.

— Bem tenho eu tempo para isso. A minha Ermelinda não deixa passar pobre à porta, a quem não dê esmola; criança, que não afague; velho ou velha, que não corteje; reza todas as manhãs a oração que a mãe lhe ensinou, o Padre-Nosso e a Ave-Maria, onde se diz tudo o que se deve dizer a Deus; de dia trabalha, como filha de pobre que é, e mulher de casa que há de ser. O Senhor me perdoe, se mais é preciso ainda, que mais não sei eu ensinar-lhe.

— Não tenha soberbas, compadre, não tenha soberbas! E cautela com o mimo que dá à pequena, que é o que perde muitas almas.

— Que mimo, que mimo? Logo eu com este génio de repentes é que hei de dar mimo a esta pobre criança, que nem o da mãe conheceu!

— Ora diga, compadre: acha que é muito bem feito, da sua parte, deixar a rapariga com esses cabelos soltos? Não sabe que o demónio. cruzes! arma com eles laços às almas das criaturas?

— Fracas prisões são as do diabo, se as forja só de cabelos! Então, por causa das tentações é que a comadre rapou os seus? Ah! ah! Tem coisas! É teima velha! Eu já lhe disse, comadre: Deus, que deu à pequena esses cabelos tão bonitos, é porque lhos quis dar. Se quiser, que lhos tire: eu é que não.

— Deus cerca-nos de tentações, para que nós as vençamos. Forte tentação venceu a comadre! Aposto que os não cortaria assim, se os tivesse como os da minha Ermelinda, hem! Cortar os cabelos à minha filha, eu?! Fazer daquela cabeça de querubim uma dessas cabeças tosquiadas, que por aí andam!

— Talvez ainda se arrependa!

— Deixe lá, comadre. O que eu vejo é que, junto de Deus e da Virgem, se pintam anjos, como a minha pequena, e não figuras. respeitáveis, como a da comadre; ora então!

A beata, apesar de trazer sempre na memória o Vanitas vanitatum do Ecclesiastes, não foi inteiramente insensível ao remoque do compadre. Azedou-se-lhe o humor, e,

voltando-se para Ermelinda, disse-lhe como para descarregar sobre ela a má vontade com que estava ao pai:

— Sai-te pra lá. O senhor meu homem tinha muita pressa de jantar! Deixar assim uma criança fazer uma fogueira destas! Nem para assar um boi! É preciso não ter consciência.

E tirou do lume um pequeno cavaco, para justificar o dito.

Zé Pereira monologava ainda. Augusto continuava examinando o livro recebido.

Ermelinda afastou-se do lar com timidez. No ânimo daquela criança, que era de uma organização nervosa, excecional na aldeia, exercia a beata uma espécie de fascinação, um misto de respeito e de terror, capaz de dissipar todos os risos dos seus lábios infantis. Era outra na presença da madrinha: fitava-lhe nas faces descarnadas e macilentas os belos olhos negros; seguia-lhe, quase assustada, o movimento dos lábios austeramente contraídos; tremia ao escutar-lhe a voz aguda e penetrante, falando nas penas do Inferno; chorava à menor repreensão que dela recebia, e contudo amava-a, amava-a, porque Ermelinda, na sua

candura de criança, supunha a madrinha uma santa; avultavam-lhe, como virtudes beatificantes, os defeitos da devota velha; a inocente julgava-se uma grande pecadora quando, depois de ter na mente aquele perfeito tipo, voltava a olhar para si, para o fundo da sua consciência: e que negros e hediondos pecados lá encontrava! Uma pequena mentira que dissera; um domingo em que faltou à missa; um juramento que, sem o sentir, lhe saíra da boca; um jejum que não guardara e outros crimes da mesma força. A amedrontada criança chegava a recear pela salvação da alma.

É sempre funesta a influência que exercem sobre a infância os caracteres como os da beata.

O Herodes percebeu a impressão sob a qual estava a filha e acudiu-lhe.

— Toma lá, Ermelinda — disse ele, tirando da mala uma pequena medalha com um retrato. — É um presente do nosso amigo Ângelo para nós, ou, antes, para ti.

Ermelinda pegou no retrato com não reprimido alvoroço. Era outra vez a criança.

A madrinha lançou para a medalha um olhar oblíquo e reconheceu o retrato.

— Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo! — rompeu ela com espanto exagerado. — Este homem não tem a cabeça no seu lugar, por mais que me digam! Ele quer perder a filha decerto! A fazer a cabeça doida a uma criança!

O Herodes, ouvindo estas palavras, pousou com ímpeto a mala no chão, e, com os olhos chamejantes e as faces injetadas, vociferou, cedendo o campo à cólera, que se lhe acumulou no seio:

— Com seiscentos milhões de diabos! Você que está aí a dizer, mulher? São os sermões dos missionários que lhe têm assim afiado a língua e deitado peçonha na baba? Com efeito! Saiba que dou mais pela criança, de quem é aquele retrato, do que por quantos sotainas lhe ouvem os seus pecados todas as semanas e por quantas beatas andam consigo a dar marradas no lajedo da igreja. Fazer a cabeça doida a minha filha! Tenha mão na língua, comadre, que lhe não sofro tanto. Doida lha trazem a vossemecê os

missionários e os sermões. O seu marido fora eu, que a mania lhe tirava.

O Zé Pereira, apesar dos seus desgostos domésticos, zelava a dignidade do casal; e não levava à paciência que outro, além dele, dissesse daquelas verdades à mulher; por isso, ouvindo-as, através dos sonidos que lhe chiavam nos ouvidos, levantou-se, e, sustentando-se nas pernas vacilantes, e bracejando sempre, bradou:

— Compadre! Eu sei quais são os meus deveres! Compadre, prudência! Compadre, eu não consinto. Ora, senhores, que é forte coisa! Compadre! veja que eu é que sou aqui o chefe da família e esta é minha mulher! Psiu! Basta. Compadre. basta. Então? Ora, senhores.

Mas o Herodes já não atendia; cada vez mais lhe crescia a vermelhidão nas faces; a irritação rompera os diques da cordura e ameaçava engrossar cada vez mais. Às exclamações do Zé Pereira respondia já azedamente.

— Ora adeus, temos conversado. Seja homem, que bem precisa. Não basta dar à língua. Na taverna não é que se governa a casa.

A Sra. Catarina abstinha-se agora prudentemente.

Ermelinda, pálida, a tremer, abraçou o pai, quase chorando.

Augusto, que fora alheio ao princípio da contenda, conheceu enfim que precisava de intervir. Saiu-lhe difícil a empresa.

Ensurdeciam os ouvidos dos contendores, a um o sangue, a outro o vinho.

Depois de muito custo, conseguiu enfim apaziguá-los. Deram-se mútuas satisfações e separaram-se apertando as mãos.

Augusto retirou-se com João Cancela e Ermelinda.

O par conjugal ficou, renovando-se cedo entre eles a interminável contenda em que viviam.

CAPÍTULO VIII

Saindo da casa do Zé Pereira, Augusto teve de escutar, ainda por muito tempo, as vociferações e pragas com que o Herodes acoimava a fraqueza do compadre, que assim deixara a mulher tomar sobre si um ascendente ofensivo da dignidade varonil. Augusto ouviu tudo com resignado silêncio e atenção um pouco distraída, conseguindo, enfim, a custo, soltar-se das mãos do seu interlocutor, que, no fogo da exposição de tão justos agravos, lhe segurava os braços com pouco afável vivacidade; afinal, porém, pôde deixá-lo e voltou a casa.

Entrando no seu quarto, um pequeno e modesto quarto, mobilado com uma banca, poucas cadeiras e uma estante, cheia de livros, Augusto respirou.

Era ali o seu lugar de descanso; a escola era em outra casa vizinha. Nesta não havia, a amargurar-lhe as horas do repouso, vestígios que lhe recordassem as do suplício.

Leitor filantropo, que, abrasado em santo amor da humanidade, só entrevês delícias na tarefa do ensino, e fazes deste vigiar e encaminhar o espírito infantil, que desabrocha e respira pela primeira vez no fecundo ambiente da ciência, um sedutor quadro de fantasia, perdoa-me a palavra «suplício», de que me servi, e perdoa ainda mais ao carácter de Augusto o ter saído exata a expressão, que te feriu os humanitários instintos.

Eu bem sei que é uma sublime missão a do mestre, e que é uma graciosa e amorável idade a da infância; e poucos melhor do que

Augusto possuíam presente o ideal de uma e amenizavam à outra com branduras os amargores do penoso tirocínio; mas que importa? Nem por isso é menos real o suplício. A cultura dos espíritos é como a cultura das terras. O lavrador exulta, estremece de prazer, vendo pulular do solo, arado e semeado de pouco, os rebentos do grão que o calor fez germinar, envolverem-se as folhas, estenderem-se e enflorarem-se os ramos, penderem os frutos e colorirem-se das tintas da madureza; mas, enquanto vergado, coberto de suor, arquejante, se afadiga a arrotear o terreno duro, e

quem sabe se ingrato aos seus cuidados, muita vez lhe falece o alento, e, se olha de vez em quando para o Céu, não é para lhe agradecer com risos os gozos que ele lhe dá; mas para lhe pedir, com lágrimas, a força que lhe mingua.

De igual modo, se é grato ao cultor das inteligências, vê-las desenvolver, florir, frutificar; árdua, ímproba, desesperadora é muita vez a tarefa da sua primeira educação. É mister possuir um grande tesouro de ideal, para que o suave e risonho tipo, que da infância concebemos, não se transtorne, na fantasia destas vítimas dela, em não sei que figura diabólica e maligna, que lhes envenena todos os momentos de alegria.

Além disso, o pobre professor de instrução primária, sobre quem pesam os mais fastidiosos encargos da instrução, não pode ser comparado absolutamente ao agricultor do nosso símile; é antes o jornaleiro contratado por magro salário, para, à força de braço, lavrar o solo, donde, mais tarde, romperá a vegetação, que ele não terá de ver e que a outros concederá os gozos e o benefício. Venceu também o humilde professor, e por o mesmo preço que o jornaleiro, que não vão mais longe com ele as liberalidades dos nossos

governos, venceu as maiores cruezas do magistério, mas não terá também o resultado das suas fadigas. Fogem-lhe as inteligências que educou, justamente quando com mais amor as devia contemplar, e, se o destino reserva a qualquer dessas inteligências um futuro de glórias, raro é que volvam um olhar agradecido para as humildes mãos que as sustentaram, quando ainda não tinham asas para voar.

Quase todos os grandes homens cometem esta ingratidão. Falam nos seus mestres de filosofia, de matemática, de literatura, e não salvam do esquecimento, pronunciando-o, o nome do primeiro mestre, do que os ensinou a ler.

Considerações da ordem das que acabámos de fazer, quero acreditar, não são as que mais preocupam o pensamento da maioria desses pobres diabos, que, por noventa mil réis anuais, se deixaram ligar à atafona do ensino primário da aldeia; porém, devem ser, além das misérias de tão mesquinha sorte, causas de grandes torturas morais para alguma alma de instintos e aspirações mais elevadas, que o destino amarrasse, como por escárnio, a este poste de expiação. Nesse caso estava por certo a alma de Augusto.

No vasto mundo, que os livros abrem às imaginações, que na vida real não encontram deleite, refugiava-se ele nas horas em que as suas obrigações lhe permitiam respirar.

Desta vez, porém, por pouco tempo lhe foi dado saborear esse prazer.

Soaram nos vidros da janela pancadas repetidas e chamou-o de fora uma voz bem conhecida dele.

Era a do mestre de latim, o Sr. Bento Pertunhas.

— Sr. Augusto, ó meu querido Sr. Augusto, Amice! Pode falar a um amigo e colega? — dizia ele.

Augusto foi abrir-lhe a porta, não reprimindo um gesto de enfado.

O latinista entrou, esfregando as mãos.

— A ler, hem? sempre a ler! sempre amarrado aos livros! — dizia ele, batendo no ombro a Augusto. — Invejo-lhe mais a pachorra do que o proveito. Olhe que não medra com isso; nem ninguém lhe agradece as canseiras que toma. O meu rico, por dois dias que um homem passa cá

neste mundo, tolo é o que se mata. E então neste país! Faça como eu.

E, imitando com a boca os sons da trompa, seu instrumento predileto, pôs-se a examinar os livros, que via sobre a mesa.

— Então que estava lendo? Poh! poh! poh! Versos. Ora que nunca pude gostar de versos! Poh! poh! E não é agora porque se diga que não tinha queda; não, senhores; em tempos fiz até algumas quadras. Poh! poh!! Já se sabe, até certa idade, mas nunca fui muito para aí. Poh! A minha vocação é para a música. Poh! poh! Lá para a música, sim. Poh! poh! poh! Hermann e Doroteia continuava ele, examinando os livros. — Novelas. Poh! E isto que é? Confessions de Rousseau — neste nome deixou aos ditongos o valor português. — Poh! poh! As Metamorphoses. Latim! Ó que maçada! Poh! poh! poh! poh! — E o Ovídio, que lhe chegara às mãos, foi arremessado como se estivesse em brasa.

Augusto não pôde conservar-se sério, perante o instintivo movimento de repulsão do mestre.

— Então que boa fortuna o traz por aqui, Sr. Pertunhas? — perguntou ele.

— Ai, é verdade; eu digo-lhe ao que venho. É para lhe pedir um favor, meu caro Sr. Augusto. Eu bem sei que é abusar da sua bondade. Quousque tandem, Catilina. Mas, é por esta vez.

— Já sei; quer que lhe vá dar lição aos rapazes.

— Ah! grande maganão, que adivinhou — exclamou o mestre, abraçando Augusto com efusão. É isso mesmo, se lhe não custasse.

— Irei.

— É o que eu lhe digo, eu tinha hoje de ir ao ensaio da filarmónica. Percebe o senhor? Os Reis estão aí à porta e as outras festas do Natal, e não há tempo a perder. Percebe? E eu tenho ainda umas peças do Trovador para ensinar à minha gente. São muito bonitas. Poh! poh! poh! E então este ano, que pelos modos temos cá o conselheiro e mais o pequeno. Não contando com esse sujeito que aí chegou ontem a Alvapenha. Chama-se Henrique de Souselas, é sobrinho da velha, da D. Doroteia, e julgo que ainda

aparentado no Mosteiro. Lá chamam-lhe primo. Esteve lá esta manhã um par de horas, logo que saiu da minha repartição. Dizem-me que é filhote de Lisboa, solteiro, rico e sem modo de vida. Rico e sem modo de vida! Que lhe parece, hem? Olhe que sempre há gente muito feliz. Aqui para nós: sabe ao que me cheira a visita deste senhor? Aquilo é mosca que vem ao cheiro do mel. Que diz, hem? Ninguém me tira disto. Pois não lhe parece, hem?

— Não sei bem o que quer dizer com a imagem — respondeu Augusto, levemente enfadado. — Além de que não posso adivinhar as intenções de um homem que pela primeira vez encontrei esta manhã.

— Pois está claro que não; nem eu; mas enfim uma pessoa logo tira pelo que vê. Ora pois diga: um rapaz de Lisboa, afeito a divertimentos, a boa música, e etecetera, andar léguas e léguas para se meter neste desterro. Porque isto é um desterro. Sim, deve concordar que não é natural. Mas, se a gente se lembrar de que a Morgadinha, e etecetera. O senhor bem me percebe. Todos, hoje em dia, sabem o preço ao dinheiro, meu amigo.

A verbosidade do mestre Pertunhas estava evidentemente incomodando Augusto, que não redarguia.

— Nada, nada; ali anda plano, com certeza. Pelos modos, já depois de amanhã vai o rapaz acompanhar as pequenas à ermida da Saúde. Ah! mas agora me lembro! o senhor é também da súcia.

— Eu?

— Com certeza. Disse-mo o Damião, que tem ordens das pequenas para o convidar. Se ainda não recebeu o recado, há de recebê-lo. Em todo o caso, observe-o e verá se eu tenho razão.

— Vou jantar, Sr. Pertunhas, que já há muito para isso me chamou a criada — disse Augusto, erguendo-se como para fugir àquela conversa. — Em seguida irei aos seus rapazes.

— Então vá, vá. Deus lhe pague o favor que me faz e permita que eu lhe não peça muitos destes. E eu tenho esperanças. Sabe que ando com ideias de arranjar o lugar de recebedor, que está, como diz o outro, a encher dias? Já falei ao conselheiro; mas o conselheiro promete muito e

falta melhor, sobretudo a um homem que não tenha influência em eleições. O Sr. Joãozinho das Perdizes interessa-se por mim, é verdade; mas, por outro lado, o Seabra brasileiro faz-me guerra. Eu ando a ver se consigo pôr o Seabra ao meu favor, porque enfim. Mas vá, vá jantar, que eu espero.

— Se quiser fazer-me companhia.

— Muito obrigado. Eu já jantei. O meio-dia é a minha hora. Jante à sua vontade.

Augusto saiu da sala. Mestre Bento Pertunhas, ficando só, deu algumas voltas cantarolando, sentou-se depois, e, pegando na pasta de Augusto, pôs-se a examinar os papéis que ela continha.

Ao mesmo tempo simulava umas variações de trompa, à força de contrações e esgares dos lábios.

A pasta, vítima da indiscrição do mestre, era a mesma que Augusto trazia quando o vimos no Mosteiro.

Entre os documentos contidos nela algum achou o Mestre Pertunhas mais curioso do que as escritas e temas dos discípulos, pois, ao vê-lo, desenhou-se-lhe no rosto a mais

intensa curiosidade e cessou de todo a exibição acústica, que com tanto ardor encetara.

Leu-o até o fim com crescente avidez; e, depois, olhando em volta de si, para verificar que não era observado, dobrou-o e sorrateiramente o escondeu no bolso. Fechou outra vez a pasta, poisou-a no sítio donde a tirara, continuou a ler ou a fingir que lia com toda a atenção um livro e encetou novas variações de trompa.

— Então já! Apre! Isso é jantar a vapor — disse o latinista, pondo-se a pé, logo que Augusto voltou.

E, momentos depois, saíram juntos.

Querendo poupar os leitores à sensaboria de assistir a uma lição de latim e a um ensaio da filarmónica, deixá-los-emos ambos, para voltarmos ao Mosteiro.

Ao fim da tarde, depois do jantar, estavam as duas primas sentadas ao parapeito do muro da quinta, donde, por sobre almargens e pomares vizinhos, a vista se espraiava em amplíssimo horizonte até umas nuvens, que pareciam limitá-lo.

D. Vitória saboreava, no seu quarto, as delícias da sesta habitual. As crianças brincavam a alguma distância, e os risos e os clamores delas vinham como um chilrear de pássaros aos ouvidos das duas raparigas, que, a cada momento, se surpreendiam em meditativo silêncio.

A natureza estava sereníssima. No ocidente desenhavam-se estreitos e longos traços nebulosos, a que o Sol dava um colorido tão ardente, que, se um pintor paisagista o produzisse na paleta, hesitaria, ao passá-lo à tela, com receio de que o acoimassem de exagerado. O verde dos campos apresentava a gradação vigorosa que a luz de um formoso dia de Inverno costumava dar-lhe.

Cristina interrompeu o silêncio por fim.

— O que eu não sei — começou ela — é como o primo Henrique de Souselas.

— Onze! — atalhou a Morgadinha, sem desviar os olhos do ponto da perspetiva, que fitava.

— Onze quê? — perguntou Cristina, erguendo os dela.

— Com esta são onze as vezes que, esta tarde, depois de um longo silêncio, abres a boca para me falares do primo

Henrique de Souselas, uma vez que está decidido que seja primo.

Cristina fez um gesto de despeito e corou levemente.

— E então que queres tu dizer com isso?

— Eu? Nada. Digo só que são onze vezes com esta.

— Não sabia que era proibido falar-te no primo Henrique. Bem, nesse caso falaremos em outra coisa. Está um tempo muito bonito; nem parece Dezembro.

— Não; vai magnífico para os nabais — replicou Madalena zombeteiramente.

— Se não mudar com a nova lua — continuou Cristina, ainda formalizada.

— É excelente para secar os milhos, que bem precisavam ainda disso, principalmente os das terras baixas.

E, acabando de dizer estas palavras, a Morgadinha desatou a rir.

— Não sei de que te ris? — acudiu Cristina, cada vez mais séria. — Pois não é esta a conversa de que tu gostas?

— Ai, muito. Eu sou doida por estas coisas de lavoura; bem sabes. — E, mudando repentinamente de tom, acrescentou: — Ora vamos, Criste; não te zangues comigo.

— Não, mas é que às vezes não te entendo, a falar verdade. Vens com umas coisas que metem raiva — respondeu-lhe Cristina, sempre agastada.

— Já estou arrependida; peço perdão. Fala lá à tua vontade no primo Henrique, fala; que eu não contarei as vezes que o fizeres.

Cristina reproduziu o gesto de impaciência.

— Agradeço a tua generosidade, mas já não tenho mais que dizer dele agora; por isso.

— Pelo menos completa a dúzia.

— Lena! Então! Olha que, se continuas com isso, fazes-me sair daqui.

— Sempre queria que te vissem agora, Criste, esses que andam por aí a gabar a docilidade do teu génio, as branduras da tua índole; queria que te vissem essa cara de arrenegada, para saberem que também há um acidozinho

na tal doçura. Mas fazes-me a graça de só para mim teres dessas franquezas.

Cristina sorriu, ainda que não de todo aplacada, ao ouvir esta reflexão da prima.

— E não sabes a razão disso? — respondeu-lhe ela. — A razão é o génio que tens, Lena. O teu gosto é mortificares uma pessoa. Não há santo que não perdesse a paciência contigo.

— Que injustiça! Que ingratidão! Eu, que sou a vítima das tempestades que o teu génio pouco expansivo te junta no coração a todo o instante! Se alguma coisa te faz chorar, guardas as lágrimas para o meu quarto; se te irritam, vens desafogar as tuas colerazinhas sobre a minha cabeça. E pagas-me assim!

— És muito infeliz comigo. Pobre Lena!

— Vamos, vamos, Criste! Esquece o que eu disse há pouco. Não te posso ver assim. — E, tomando um tom natural, mas sob o qual transparecia ainda certa malícia, Madalena continuou: — Pois é verdade, dizias tu que não sabias porque o primo Henrique de Souselas.

Cristina fez um movimento impaciente, como para levantar-se.

— Então que é isso? Não me aceitas a expiação? — perguntou Madalena, sorrindo.

— Não; não quero que se fale mais no Sr. Henrique de Souselas. Vejo que te não é agradável que as outras se ocupem dele. Sejam quais forem as razões que tens para isso.

— Bravo! Foi admirável de maldade o entono com que disseste esse: «Sejam quais forem as razões». E venham-me falar na candura desta criança!

— Eu não quero dizer.

— O que queres dizer, não sei; mas vejo que não és senhora tua quando se fala neste assunto.

— Que lembrança! — disse Cristina, cada vez mais embaraçada. — Pois imaginas deveras que eu?

— E porque não?

— Lena!

— Não há nada mais natural.

— Se queres, juro-te.

— Ah! — atalhou a Morgadinha, pondo-lhe a mão nos lábios. — Isso não, que é mais sério. Jurar não te deixo eu. Conheço os escrúpulos da tua consciência, e não quero obrigar-te a remorsos. «Juro!». E com que ousadia ias a pronunciar um juramento falso!

— Falso!

— Falso, sim; falso como os que o são. Olha, minha pobre Criste: queres então que te fale com toda a franqueza? Esta conversa trouxe-a eu de propósito para confirmar umas suspeitas que se me formaram e que vejo agora que eram fundadas.

— Suspeitas! Que suspeitas?

— O primo Henrique de Souselas deixou em ti uma tal ou qual impressão.

— Lena!

— Conheci isso, ainda quando ele cá estava; verifiquei-o depois e agora. Então! tem juízo. Comigo sê sempre o que tens sido. Eu gozo há muito do privilégio de conversar à

vontade contigo e de te ver sem aquela timidez que tens diante dos outros. Com o teu génio, precisas de uma pessoa como eu, com quem não tenhas acanhamento e em quem possas até descarregar algumas maldadezitas; e acredita que me lisonjeio com me dares a preferência.

— Mas como imaginaste?

— Continuas? Não tens de que te envergonhar pelo interesse que porventura te inspirou esse rapaz. Henrique de Souselas é elegante, é espirituoso, afável, possui uma inteligência cultivada e muito trato do Mundo.

— Mas.

— Faça favor de me ouvir — atalhou Madalena, pondo um dedo nos lábios. — Reconhecendo todas estas qualidades naquele nosso primo, não quero por isso concluir que seja natural e prudente denunciares-te já. E nem receio que isso aconteça, para te falar sinceramente, porque te conheço o génio tímido e porque. porque te conheço o génio tímido e mais nada.

Havia mais alguma coisa, havia, mas não era coisa que se dissesse. Madalena sabia de mais que Henrique não saíra

daquela primeira visita demasiado impressionado por a imagem de Cristina; sabia talvez, suspeitava decerto, não me atrevo a dizer que lisonjeada algum tanto, que no coração do hóspede de Alvapenha reinava outra imagem mais persistente. Mas vejam as leitoras se, sendo este o seu pensamento, ela o poderia formular. O remédio pois era completar a frase como a completou.

Cristina já não tinha ousadia para negar, nem ainda coragem para confessar. Encostando a face à mão, calou-se e deixou falar Madalena.

A Morgadinha prosseguiu:

— É preciso que saibas, Criste, que é mais fácil conhecer os defeitos de uma pessoa, do que as suas boas qualidades. Os defeitos são imprudentes e linguareiros, denunciam-se, dão sinal de si; basta meia hora para se descobrirem em qualquer lugar que habitem. As boas qualidades, não; essas são modestas, humildes, discretas; sabem esconder-se. São precisos anos para as descobrir todas. Mas com que olhos de espanto me estás fitando! Parece que te causa estranheza o meu sermão! Eu te digo a que ele vem. Logo que falei com este nosso primo. — e

quem sabe se o futuro virá confirmar, em relação a mim, este título, que por fantasia lhe dou? — escusas de corar por eu dizer isto, Criste.; mas, dizia eu, logo que falei com ele, saltaram-me aos olhos muitos dos seus defeitos.

— Quais são? — perguntou Cristina com viveza.

— Sossega; são ligeiros felizmente, e parece-me que os poderá ainda perder; sobretudo, se continuar a viver aqui. Quis-me também logo parecer que, no fundo, havia uma mina de bons sentimentos por explorar. Nasceu logo em mim a vontade de o sondar, a ver se conseguia purificá-lo do que nele houvesse de menos heroico. Então que queres? Para a aldeia era um passatempo como outro qualquer. Mas redobrou-se em mim este desejo e revestiu em mim mais sério carácter, desde que vi a impressão que este sobrinho da tia Doroteia te causara.

— Lena! Como te deu para supor que eu me apaixonei assim em poucas horas? Julgo que me imaginas apaixonada!

— Não, ainda não; inclinada, agradada, atraída. ou outro qualquer termo desta força, que deixarei à tua escolha, isso

sim. Para isso não é preciso muito tempo. As razões, pelas quais julguei isto, dispensa-me de tas dizer, que pouco valem. Supõe que foi por um tato especial, por uma qualidade oculta, como a do tino que dizem que têm certos médicos para reconhecerem o mal sem estudarem muito o doente.

— Pois o tino enganou-te.

— Enganaria; mas deixa-me continuar. Se este senhor primo intruso for realmente o que eu imagino que é, resta-me prepará-lo para o tornar mais digno do amor desta boa Criste, que em tal caso favorecerei; se não for, declaro-lhe já guerra e guerra de morte. A ti competia fazer isso tudo, como a mais interessada, mas desconfiei da tua credulidade e boa fé e da tua inexperiência. Olha, estou certa que o mais que te atraiu em Henrique foi exatamente o que nele há de pior. Certo verniz mentiroso, certo colorido, que é preciso ter visto muita vez, e em muitos indivíduos diferentes, para se ter na conta devida. Ilude, agrada a quem não está costumado, e pode causar graves enganos e desenganos mais graves ainda. Por enquanto o que ele nos mostra é mais da sociedade em que vive do que dele

próprio. É necessário deixar cair a primeira capa, para que o natural apareça.

— Não sabia que era assim fácil enganar-se uma pessoa a respeito de outra — notou Cristina, sorrindo.

— Se é! Lembras-te do que tantas vezes conta a tua mãe? Que, quando há anos foi a Lisboa, comprou lá por bom preço um cofrezinho que ela supunha preciosíssimo, e que chora hoje a sua tentação, desde que o verniz brilhante que ele tinha caiu e ficou à vista a realidade? Pois o mesmo acontece muitas vezes em contratos de outra ordem e bem mais sérios do que este. Há vernizes maravilhosos, que iludem os inexperientes.

Houve um instante de silêncio, no fim do qual Cristina perguntou, olhando pela primeira vez fito para Madalena:

— Ora diz-me, Lena: qual será a razão pela qual eu não devo acreditar que esses pensamentos te ocorreram, porque era o teu destino, e não o meu, que vias dependente do estudo que fazias?

A Morgadinha fixou na prima um olhar triste e cheio de amargas recriminações.

— Por uma razão muito poderosa, Criste: porque ias abrir o coração a um sentimento mau, que macularia o teu carácter generoso e cândido — a desconfiança. Porque me ofenderias, duvidando da lealdade com que te falo, quando te falo séria; e porque me farias mal sem necessidade e imerecidamente, pois que a consciência me diz que to não merecia. Satisfaz-te esta razão?

A voz de Madalena perdera o tom de ironia, que às vezes tinha, e tomara quase o da comoção.

Cristina arrependeu-se logo do que dissera, e, também comovida, apertou as mãos da amiga.

— Não faças caso do que eu disse, Lena; perdoa-me. Quando eu duvidar de ti, pedirei a Deus que me tire a vida, porque terei já, para tudo e para sempre, envenenado o coração.

A Morgadinha readquiriu outra vez o seu bom humor.

— Estamos quase a cair no sentimentalismo. Cautela! Saldemos antes as nossas contas, como mulheres de juízo. Em compensação da pequena ofensa que me fizeste, vais-me fazer uma confissão formal, a qual até agora tens

evitado. Ora confessa: adivinhei o estado do teu coração? Diz.

Cristina hesitou.

— Vamos — insistiu a Morgadinha, acredita que preciso de uma declaração para me guiar. E crê que é para bem teu.

— Que queres que te diga? Eu não me sinto apaixonada.

— Mas já te disse que me bastava um termo menos violento. um «agradada», por exemplo.

— Confesso que.

— Olha, se queres, podes até parar aí. Esse «confesso que...» já diz muito. Agora deixa-te guiar por mim. Eu vigiarei. Afianço-te que não corro o perigo de me apaixonar por ele; creio que há ali um excelente coração, mas que queres? Não é o tipo que me agrada. o meu ideal, como se costuma dizer.

— E então qual é o teu ideal?

— Ai, eu sou muito exigente. Desespero de o encontrar. Quero-o assim uma espécie de arcanjo S. Miguel, ânimo de

guerreiro em figura de querubim; e não sei onde o procure.

Neste sentido se prolongou o diálogo entre as duas primas, até que D. Vitória, findando a sua sesta, veio ter com elas à quinta. Segundo o costume, ralhava contra os criados, a quem, não sei porque processo, atribuía umas dores de cabeça com que acordara.

No dia seguinte, Henrique voltou de manhã ao Mosteiro; redobrou de galanteio com Madalena, a qual redobrou de ironia. Cristina já mal podia disfarçar a pena que lhe causava o pouco que era atendida, mas a sua timidez não a deixava lutar.

De tarde, Henrique teve de condescender com o padre procurador de Alvapenha, que se prontificou a mostrar-lhe as raridades e monumentos da terra. Assim, com grande pesar seu, foi obrigado a renunciar à nova visita às senhoras do Mosteiro, para gastar as expressões da sua admiração diante das alfaias da sacristia paroquial; da tosca escultura de não sei que imagem de santo, a qual passava por um primor; de uma sala nua, com uma mesa ao centro, forrada de baeta verde e cadeiras à volta, que era a sala das sessões do corpo municipal; e de umas pirâmides

de ripa, que tinham servido, há oito anos, em festejos oficiais.

Como é de supor, Henrique passou uma tarde deliciosa.

CAPÍTULO IX

Dois dias depois da chegada de Henrique, e naquele que se destinara para o passeio à ermida, Cristina foi mais madrugadora do que as aves. À hora a que estas ainda não se agitam nos ninhos, já a prima de Madalena abandonava o leito, receosa de se fazer esperar pelos companheiros da projetada excursão matinal. Quase não dormira toda a noite aquela rapariga, com tal preocupação.

As estrelas viram-na erguer, e tiveram muito tempo de se despedirem dela, antes de se esconderem discretas perante o aparecimento do dia.

Cristina vestiu-se à pressa e dirigiu-se ao quarto de Madalena. Esta dormia ainda. O projeto do passeio à ermida não a alvoroçara tanto. Cristina foi acordá-la ao leito.

A Morgadinha abriu os olhos e fitou-os admirada na prima.

— Que queres tu, Cristina? Que lembrança foi essa hoje de andares estremunhando a casa esta noite?

— Levanta-te, preguiçosa, levanta-te. Não o dizia eu ontem? Então são estas as madrugadas que falavas?

— Decerto que não são madrugadas; isto é noite, é o que é.

— Dentro em pouco é dia. Queres ver?

E, dizendo isto, Cristina abriu para trás as portas das janelas e correu as cortinas.

A estrela da manhã, Vénus, aquela brilhante e ao mesmo tempo suave estrela, que umas vezes assiste no crepúsculo às melancolias da natureza, outras vezes na aurora ao renascimento dos seus júbilos, cintilava mesmo em frente do leito de Madalena.

— Vês? — disse Cristina.

— Muito pouco. É esse o teu sol? Como vai alto! É pena que não alumie melhor do que esta lamparina.

Cristina sentia redobrar com estas delongas a sua impaciência, quase de criança.

— Anda, Lena, anda. Assim não chegamos a ver do alto da ermida o romper do Sol.

— Pois queres ver isso de lá?! Que crueldade! numa manhã de Dezembro!

— Está tão bonita, que parece de Primavera.

— Triste lembrança a nossa ontem de combinarmos este passeio. Isto é lá coisa que se faça? Vale por uma viagem aos pólos.

Cristina não fazia senão ir do leito de Madalena para a janela e voltar da janela para o leito, em virtude daquela irresistível necessidade de movimento, embora sem ordem nem fim, que experimentamos quando nos deixamos apossar da impaciência.

— Não fazes ideia como está bonito cá fora; nalguns pontos ainda se vê neve.

— Oh que agradável e tentadora beleza! Ainda se vê neve! Parece-me que já estou gelada. Com esta palavra tiraste-me o alento que ia ganhando. Vês?

— Mas não está frio; até parece que aqueceu o tempo. Então, Lena! Eles. não tardam por aí. Cuidas que te vai custar muito, e é um engano; aqui estou eu, que não sinto frio nenhum.

— Ora, mas tu estás em condições muito particulares. Quem tem uma fogueira no coração, não precisa.

— Aí começas com as tuas coisas!

— Eu não sei; o que é certo é que esse teu entusiasmo pelos passeios matutinos não é natural. Quantas vezes recusaste acompanhar-me quando eu tos propunha? Ora, se me dás licença, eu explico isso.

— Não quero saber de explicações; veste-te, anda.

— Seja! Infeliz lembrança a deste passeio. E foi daquela tia Vitória, que nem por isso nos quis acompanhar. Não, que já tem juízo; dorme a estas horas o sono da madrugada, que é uma consolação. Que sorte de invejar!

E a Morgadinha, continuando assim a exagerar o sacrifício daquela madrugada e a iludir os motivos secretos a que ela atribuía o ardor e a heroicidade da prima perante os

rigores de Dezembro, tudo isto de propósito para a ver impaciente, começou a vestir-se.

Cristina ficara à janela, espiando os progressos do amanhecer e transmitindo à prima as observações que fazia.

— Olha, eu que digo? Já o Manuel vai abrir o portão. Não ouves os pardais cantar? É dia claro já. Havemos de chegar com sol à ermida, o que não tem graça nenhuma. Avia-te, Lena. Hás de ser a última a estar pronta. Aí vai já o Luís com o almoço. É que não chegamos lá senão ao meio dia. Ele aí vem! Eu bem o digo.

— Ele! Quem é esse «ele» que vem aí?

— Pois quem há de ser? Então não é o primo Henrique que nos acompanha?

— É o primo Henrique, é o Sr. Augusto e é o Luís, que a tua mãe teimou em mandar com o almoço. Não sabia qual dos três te merecia as honras de um «ele».

— Eu dizia o primo Henrique, que já aí está no pátio — disse Cristina, que nesta ocasião correspondia ao cumprimento, que o recém-chegado lhe fazia de baixo.

— Então com efeito já chegou? — perguntou a Morgadinha, admirada. — Bravo! Nunca o esperei. Ai, Criste, que me parece que ele também tem alguma coisa no coração!

— Também o julgo — respondeu Cristina, despeitada —; é ver como ontem te falou.

— Sossega. Quando o coração tem alguma coisa, não se fala assim com a pessoa que causou esse mal.

— Não sei o que ele me está a dizer — disse Cristina, olhando para o pátio. — Posso abrir a janela, Lena?

— Eu já estou preparada para sofrer todas as crueldades esta manhã. Abre lá a janela, abre. Fala-lhe.

Cristina correu a vidraça.

A voz de Henrique chegou distintamente aos ouvidos de Madalena.

— Então aquela grande madrugadora da nossa prima, onde está? — perguntou ele a Cristina.

Cristina respondeu, sorrindo:

— Está a fazer a diligência que pode para ficar pronta antes do meio-dia.

— Oh! que vingança a minha! Ela que tanto falou da minha indolência! — disse Henrique jovialmente, e continuou falando sempre de Madalena, e elevando a voz às vezes para se dirigir diretamente a ela, mas sempre sem receber resposta.

Esta insistência impacientou Cristina, para quem ele nem um galanteio tivera ainda.

— De maneira que nós, priminha — continuou Henrique — damos uma lição de mestre àquela arrogante de ontem. Estou ansioso porque ela nos apareça; quero ver a coragem com que ousa apresentar-se.

— Eu vou chamá-la — disse secamente Cristina. E veio dizer a Madalena, com certo modo que não podia escapar a esta: — Olha se apareces ali ao Sr. Henrique de Souselas, que não descansa enquanto te não vê.

A Morgadinha, que acabava de ajustar ao espelho as tranças, dando ao penteado a mais singela e graciosa disposição, voltou-se para a priminha e disse-lhe sorrindo:

— Isso são já ciúmes? Mal sabes quanto gosto de te ver assim! Ao menos há já vida nesse teu coração, minha pobre pequena. O que te peço é que não me odeies, só porque esse rapaz se lembrou de perguntar por quem não via.

— Estás a imaginar ciúmes, como ontem imaginavas.

— Amores? Justo; e com a mesma felicidade em acertar, podes ir acrescentando. Mas parece-me que aí está mais alguém no pátio. Ouço falar. Vai ver. Será Augusto? Nesse caso, espera-se só por mim para completar a caravana. E estou pronta. Marchemos.

Augusto tinha efetivamente chegado ao pátio.

Henrique trocara com ele alguns cumprimentos, e começaram depois ambos a passear, um ao lado do outro, à espera das que deviam ser-lhes companheiras na romagem. A conversa manteve-se pouco animada. Augusto não era expansivo com as pessoas a quem o não prendiam hábitos de longa intimidade; Henrique, talvez por não conhecer a extensão e natureza dos conhecimentos de Augusto, abstinha-se de falar nos assuntos em que entraria de mais vontade. Falaram, pois, de coisas indiferentes a ambos, e

quase frívolas; no frio, na chuva, no Inverno e no Verão, nos prós e contras da vida do campo e de vários outros assuntos secos de si e já, além disso, muito esgotados, e tudo cortado por aquelas pausas e silêncios constrangidos e insuportáveis que o leitor há de conhecer por experiência.

Digamos nós a verdade: estes dois homens não sentiam um pelo outro aquela súbita e inexplicável simpatia que abre os corações e dá margens a confidências.

Nos dois curtos encontros que tinham tido, manifestara-se entre eles certa frieza mais que cerimoniática, uma quase desconfiança instintiva.

Chegaram as senhoras. Foram acolhidas com prazer por ambos. Ainda quando não fossem senhoras, o seriam; a chegada de um terceiro, quando dois indiferentes estão na presença um do outro, em entrevista forçada e fatigadora, é sempre saudada interiormente como uma redenção.

Madalena e Cristina vinham ambas formosas, com a espécie de mantilhas ou capuzes de que usavam, adequados aos rigores de uma manhã de Dezembro.

Apareceram ambas a rir. Foi o caso que, passando próximo do quarto de D. Vitória, pé ante pé, para não a acordarem, esta pressentiu-as, e, mesmo do leito, perguntou-lhes:

— Então já vão, meninas?

— Vamos, tia; vamos, mamã — responderam as duas ao mesmo tempo.

— O Luís já partiu com o almoço?

— Já partiu, já, minha senhora.

— E ides agasalhadas?

— Como se fôssemos para a Sibéria — respondeu Madalena.

— Olhai, sempre levem os guarda-chuvas por cautela. E ide com a nossa Senhora.

— Cá os levamos. Adeus, tia; adeus, mamã.

— Adeus, filhas; até logo, se Deus quiser. Olhai lá, não vos estafeis.

Ora os tais guarda-chuvas é que não iam. Para quê? Com uma manhã daquelas, que nem de Inverno parecia, pois

que até o frio abrandara com o vento! Por isso é que vinham ainda a rir.

Chegando ao pátio, cumprimentaram os seus dois companheiros. Henrique, depois de formular um galanteio a Madalena, ofereceu-lhe atenciosamente o braço, que Madalena recusou com alguma impaciência, porque se lembrou de Cristina.

— Muito obrigada, primo — disse ela com vivacidade. — Mas é preciso que o advirta de que não vamos passear pelas avenidas de um parque. Vamos trepar montes, atravessar ribeiras, costear precipícios, e para tudo isso é necessária a completa liberdade de movimentos. Há ocasiões em que melhor nos servem os nossos dois braços do que o braço de outro, embora seja o de um herói.

— Mas decerto que não é à borda dos precipícios que esse auxílio se escusa — replicou Henrique.

— É, muitas vezes é. Há bordas tão estreitas, que mal cabe nelas uma pessoa só; felizmente que a natureza nos dá um braço então. um braço de giestas, por exemplo.

— Vê lá, Lena — disse Cristina ao ouvido da prima. — Talvez seja melhor que aceites. Resta-me, a mim, o braço de Augusto.

— Se continuas com essas loucuras, Cristina, obrigas-me a odiar-te. Sr. Augusto — continuou, voltando-se para este — espero que tome a direção do nosso passeio; ninguém melhor conhece os mais belos pontos de vista; leve-nos por lá, embora tenhamos de comprar as belezas à custa de perigos e de fadigas. Partamos!

O monte onde se erigia a capela da Senhora da Saúde, afamada pelo seus milagres e pela sua romaria num círculo de muitas léguas de raio, era uma elevada rocha vulcânica que dominava as freguesias rurais de mais de dois concelhos. Estendiam-se-lhe aos pés as alcatifas da mais rica vegetação; banhava-lhos a água dos ribeiros, das levadas e torrentes, artérias fertilizadoras de extensas veigas e pomares; mas ele, o gigante orgulhoso e selvagem, recebia aqueles preitos, olhava sobranceiro aquela opulência, e, como se fizesse gala da sua rudeza, em vez de cobrir os ombros com o manto real que lhe estendiam aos pés, permanecia áspero, severo e nu, como nas épocas

primitivas em que uma convulsão tremenda o evocara do seio da terra, para o consolidar em colosso.

Apenas, como símbolo de realeza, coroava-lhe a cara alta a alameda, que, há perto de um século, a piedade cristã plantara em volta da ermida, para refrigério e conforto dos devotos cristãos que ali iam. Era custosa a ascensão por o lado por onde os nossos romeiros, contra os conselhos de D. Vitória, a empreendiam. Quando, ao sair de uma longa rua, apertada entre muros e quintas, Henrique achou de súbito diante de si a mole imensa e talhada quase a pique, que lhe disseram tinha de subir, ele, que raro em Lisboa estendia além do Rossio os seus passeios, com medo das íngremes calçadas da cidade alta, julgou ouvir um absurdo.

Parou a contemplar o monte, como hesitando em atravessar o riacho, que dele o separava.

O riacho, engrossado pelas águas da chuva dos dias anteriores, levantava um bramido atordoador, ao cair em toalha dos açudes e ao escoar rápido pela cale da azenha, que lhe obstruía o leito e cuja enorme roda movia.

Àquela hora, ainda pouco clara, da madrugada, este sítio da raiz do monte tinha não sei que aspeto selvagem e melancólico que quase infundia pavor. Os altos choupos, em que se enroscavam, como serpentes negras, os troncos flexuosos e despidos das vides; mais longe, o canavial, ondulando ligeiramente ao perpassar através dele a brisa da madrugada, e, aqui e além, um desses degenerados aloés dos nossos climas, débeis e enfezados, como se os devorasse a nostalgia da sua verdadeira pátria, eram acessórios que concorriam para o efeito geral do quadro.

A Morgadinha, percebendo a hesitação de Henrique, deu-lhe alento com lançar-lhe em rosto a sua pusilanimidade. Henrique encheu-se de coragem e atravessou, com não menor denodo do que os outros, o riacho, por o passadiço de altas pedras, colocadas a pequena distância umas das outras, e que as águas a cada momento ameaçavam cobrir.

Atravessada a corrente, seguia-se escalar o monte; para isso tornava-se indispensável caminhar em continuados ziguezagues, aproveitando os cortes que a fouce do tempo conseguira abrir naquela massa granítica e os toscos

degraus com que uma arte rudimentar procurara facilitar, por aquele lado, o acesso da ermida à piedade dos devotos.

As dificuldades para Henrique eram contínuas.

A cada momento os embaraços deste forneciam motivo para risos da parte de Madalena. Cristina não lhe podia levar a bem que se risse daquilo.

Para compensar as fadigas de tão trabalhosa ascensão havia, porém, a paisagem, que, a cada passo andado, a cada ângulo que se dobrava, aparecia mais surpreendente e maravilhosa.

Poucos peitos teriam força para reprimir um brado de admiração.

As névoas daquela manhã de Dezembro não eram bastantes para velarem a beleza do quadro.

À medida que os nossos quatro peregrinos iam subindo, ampliava-se-lhes mais e mais o horizonte; aveludava-se a relva da planície, parecia aplanarem-se os outeiros vizinhos, e os campos tomavam a aparência dos canteiros de um jardim.

Henrique não retinha o entusiasmo que aquele espetáculo lhe causava.

— É magnífico! é admirável! é soberbo! — dizia ele, a cada momento e quando não era inquietadoramente preocupado com os perigos do caminho.

O entusiasmo de Augusto não era menos vivo! Dir-se-ia que eram os montes a sua pátria, e que a melancolia nostálgica, que o oprimia na planície, se ia dissipando à medida que subia a encosta.

Madalena e Cristina também não estavam menos impressionadas por o que viam. Esta, porém, tinha uma causa secreta a aguarentar-lhe o prazer que as belezas naturais lhe pudessem ocasionar.

Era esta causa a mesma dos seus leves despeitos de pela manhã.

Henrique continuava a ser todo atenções e galanteios com Madalena; parava a cada momento naqueles pontos do caminho que lhe pareciam mais difíceis de vencer, para lhe oferecer a mão a ela, sempre a ela, a quem dirigia também todas as reflexões que o aspeto da paisagem lhe suscitava e

nunca à esquecida Cristina que, nesses momentos, quase achava a manhã desagradável e o sítio feio e sombrio.

A Morgadinha respondia sempre em curtas frases a Henrique e recusava insistentemente o auxílio que ele lhe oferecia.

— Estou a suspeitar que esses oferecimentos do primo são mais devidos à necessidade, que sente, de quem o auxilie, do que ao empenho de nos auxiliar — disse ela, sorrindo. — A falar verdade, para quem tem passado a vida a trilhar os passeios do Chiado, que admira? Eu fui criada nisto. Tenho um pouco de alpestre. Adiante.

E de uma ocasião, em que estava perto dele, disse-lhe a meia voz:

— Pode ser que Cristina careça mais do seu braço, primo. Ainda não teve a lembrança de lho oferecer.

Henrique só então deu por esse esquecimento; apressou-se a remediá-lo, oferecendo a Cristina também o braço, que esta recusou, corando.

— Então porque recusas? — perguntou-lhe a Morgadinha, em voz baixa.

— Porque não quero abusar da delicadeza dele, nem da tua.

A Morgadinha abanou a cabeça em ar de repreensão, fitando-a, mas não lhe disse nada.

Pouco a pouco ia sendo mais completo o silêncio em torno deles. Já tinham passado acima dos rumores do vale, que não subiam a mais de meia encosta. Chegaram, enfim, ao cimo do monte; tudo anunciava o próximo aparecimento do Sol.

— Chegámos a tempo! — exclamou Madalena que, deitando a correr, fora a primeira que atingira a planura. — Sua Majestade ainda se não levantou.

Os outros estavam, dentro em pouco tempo, ao pé dela.

Houve um longo espaço de silêncio, concedido espontaneamente à contemplação daquela perspetiva solene.

As primeiras palavras que se disseram foram ditas em voz baixa, naquele tom, que insensivelmente lhes damos, quando na presença de um espetáculo grandioso e belo. Fala-se baixo e pouco; não se formulam longos períodos de

aprimorado estilo, nivela-se a eloquência de todos em simples frases, como estas:

— É belo!

— É magnífico!

— É sublime!

E nada mais. Pouco mais disseram os quatro na ocasião de que falamos. E eu, por análogas razões, os imitarei, desistindo de descrever o que só bem se aprecia, quando pela vista se abrange o conjunto de todo o panorama. O leitor que nunca visse alguma cena semelhante, não a imaginaria pela descrição, forçosamente pálida, que aí lhe deixasse dela; e para o que viu, a memória lhe preencherá bem a lacuna.

Desvanecida a primeira impressão, que não deixa ao espírito a serenidade precisa para os processos da análise, começaram, como é costume, a fazerem notar uns aos outros os sítios mais conhecidos.

Isto manteve por momentos uma perfeita e desenleada familiaridade entre os quatro.

Cristina descuidou-se da sua timidez e despeitos; Madalena, dos seus projetos e desconfianças; Henrique e Augusto deixaram também a sua mútua frieza.

— Lá está o Mosteiro — disse Madalena, apontando para o lugar indicado. — Como parece pequeno, visto daqui!

— É verdade — respondia Cristina — e olha, Lena, como se veem bem as janelas do teu quarto.

— Lá está aquela que tu abriste esta manhã para cumprimentares. Sentindo a mão de Cristina comprimir-lhe o braço, concluiu:

— Para cumprimentares a Estrela-d'alva.

— As janelas do quarto da mamã julgo que ainda estão fechadas.

— Tanto não posso eu distinguir; contudo afianço-te que sim. A tia Vitória não é muito matinal.

— Aquela casa acolá não é a de Alvapenha? — perguntou Henrique, apontando noutra direção.

— É — respondeu Augusto — e, mais adiante, ali tem a devesa em que passou anteontem. Não é verdade?

— É justo! Com efeito! Foi um soberbo passeio, o que eu dei! Daqui é que se vê. Lá vejo umas presas por onde me lembro de ter passado também.

— Vê, acolá, aquela casa que tem uma capela ao lado? — perguntou Madalena, apontando para um ponto distante.

— Perfeitamente.

— É a da minha quinta dos Canaviais.

— Ah! É verdade, lá estão uns canaviais, se me não engana a vista.

— Justamente. Não sei se sabe que há naquela capela uma imagem da nossa Senhora, muito milagrosa.

— Sim? Hei de visitá-la.

— Coisa que se lhe peça, fazendo-se o voto da meia-noite, é concedido — disse Cristina, fitando desta vez Henrique, com a expressão da mais insinuante sinceridade.

— Que quer dizer o voto da meia-noite?

— Tem uma pessoa de rezar à meia-noite, e sozinha, sete estações no altar da Senhora — continuou Cristina.

— Só isso? Boa é de cumprir a promessa. Já vejo que não há aqui na terra desejo que se não satisfaça.

— Mais devagar — acudiu Madalena, sorrindo. — Pouca gente se atreve até a ir lá à meia-noite, porque a alma da minha madrinha passeia a horas mortas por a sua antiga casa, dizem.

— Cada vez sinto mais desejos de lá ir — acrescentou Henrique, depois de ouvi-la.

— Além, entre aquelas árvores, Sra. D. Madalena, vive um filósofo — disse Augusto, indicando outro ponto da perspetiva.

— É verdade; o bom do Tio Vicente.

— Tio Vicente? Quem é o Tio Vicente? Temos mais algum tio, com que eu possa aumentar o meu parentesco na aldeia?

— O Tio Vicente é um santo velho, que se ocupa a colher ervas pelos montes e vales para fazer remédios, que dizem milagrosos. Ainda é nosso parente, mas em grau muito arredado; contudo chamamos-lhe tio, assim como quase toda a gente por aqui.

— Que sombras negras são aquelas que se veem no adro da igreja? — perguntou Cristina.

— Na igreja? Ah! acolá? É verdade, parece um cordão de formigas — disse Henrique de Souselas.

— São as mulheres que vão ouvir o missionário — respondeu a Morgadinha. — Escutem, lá está a tocar o sino.

Efetivamente chegavam ao alto do monte as débeis, mas sonoras badaladas do campanário da aldeia.

— A estas horas começam as lamentações daquele pobre Zé Pereira, que tão mal olhado anda por a mulher, desde que ela deu nessas devoções — notou Augusto, sorrindo, a lembrar-se da cena doméstica a que na véspera assistira.

— Degenerou aquela mulher! — disse Madalena — e, se quer que lhe fale verdade, Sr. Augusto, custa-me ver o Cancela deixar a Lindita entregue assim a essa gente quando sai da terra. A pequena é tão apreensiva!

— Visto isso, já chegou aqui à aldeia a influência dos missionários? — perguntou Henrique.

— E não tem lavrado pouco! — disse Madalena.

Cristina, que era um poucochinho devota, censurou timidamente as palavras da Morgadinha.

— Primo Henrique — disse ela — julgo que ainda será preciso o seu auxílio para livrar do contágio esta inocente Cristina.

— Pronto, prima Madalena; para as boas causas tenho sempre armada a minha vontade.

— Olha, Lena, não vês? — exclamou Cristina. — São os pequenos que nos estão a dizer adeus das janelas do mirante.

De facto nas mais altas janelas do Mosteiro agitavam-se uns lenços brancos.

Mariana e Eduardo tinham-se erguido para saudarem, de longe, a irmã e a prima. Estas tiraram também os lenços e corresponderam-lhes aos sinais.

Interrompeu-as a voz de Henrique, dizendo:

— Anuncio a V. Exas que chega o rei da criação.

Efetivamente o cume do telhado da ermida e as franças despidas da alameda já se tingiam de luz.

Todas as vistas se voltaram para o oriente. Assinalava-o uma esplêndida faixa de púrpura, que, em insensível gradação, desmaiava para as extremidades até se perder de todo no azul-celeste.

Rompia já, do meio dela, um pequeno segmento do Sol; depois, o astro inteiro aparecia afogueado e vermelho, como um escudo de metal candente, e logo se desprendeu da Terra, donde parecia surgir, e subiu nos ares, como um brilhante aeróstato, ao qual se rompessem as prisões que o retinham.

O monte inundou-se de luz. O vale, em baixo, estava ainda envolto nas meias sombras da madrugada.

Nisto apareceu do outro lado da capela um dos criados do Mosteiro, que veio anunciar que o almoço estava pronto.

— Pois deveras temos um almoço? — exclamou Henrique, sinceramente surpreendido.

— Graças à previdência da minha tia, previdência de que eu zombava em casa, mas que sou obrigada a admirar

agora. De facto, parece-me que estes ares do monte e frescuras da madrugada lhes devem ter aberto o apetite — respondeu Madalena. E logo após continuou para Henrique: — Agora é ocasião mais acomodada de pôr em prática os recursos do seu galanteio, primo. Quer dar o braço a Cristina?

Henrique, em quem a Morgadinha suspeitara a intenção de lhe render a ela a fineza, que assim declinou na prima, teve de condescender, limitando-se a exprimir num olhar as suas queixas, olhar que Madalena fingiu não perceber.

— E, conversando e rindo, dirigiu-se para o lugar onde, sobre uma mesa de pedra e lousa e ao ar livre, estava disposto o almoço.

D. Vitória não era senhora que se saísse mal de empresas destas. A alvura da toalha, a excelência da louça e o bem disposto e apurado das iguarias convidavam.

Não se concebe apetite refratário a um tal conjunto de circunstâncias. O fastio, neste caso, seria um fastio mórbido, correspondente a lesão orgânica e, como tal, sem poesia.

Henrique e Augusto principalmente fizeram, como era natural, justiça à cozinha do Mosteiro.

Henrique, que parecia haver esquecido as suas mil e uma doenças, conversou animada e espirituosamente.

Contaram-se anedotas; Augusto aplaudiu as de Henrique; este riu com vontade das que ouviu a Augusto.

A Morgadinha, pela sua própria mão, preparou o chá.

Nestas alturas do almoço encetou novamente Henrique o tiroteio de amabilidades, de que por muito tempo não sabia prescindir.

Dir-se-ia ser este o sinal para se perturbar a santa harmonia do congresso. Parecia que todos os outros, mais ou menos, se sentiam contrariados.

Henrique ficara sentado junto da parede da capela. Inclinando-se sobre o espaldar da cadeira a saborear um charuto havano, descobriu umas letras escritas na parede, exatamente por cima da cabeça.

— Bravo! — exclamou, depois de as ler para si — não imaginava que havia poetas na aldeia! Querem ouvir?

E leu:

Se estás mais perto do Céu

Nestas alturas da serra,

Ai, porque tens, peito meu

Inda saudades da Terra?

Em vez de erguer os olhares

À luz deste firmamento,

Desço-os à sombra dos lares,

Onde tenho o pensamento.

— É pena que a chuva apagasse o resto. Quem é o bardo, prima?

— Não sei; da aldeia decerto que não é — respondeu Madalena, com indiferença.

Augusto ergueu-se da mesa e foi passear para a alameda.

— Da aldeia não, diz a prima; e porque não? Com esta natureza é fácil criarem-se os poetas. Eu estou vendo nesta quadra a folha solta de um romance. Aqui a serra de algum Bernardim inédito, tão capaz de escrever de saudades, como de as sentir. Os lares, pela sombra dos quais o olhar do poeta trocava os esplendores do Céu., algumas dessas casas, que aí se veem em baixo. Quem sabe se não será até o Mosteiro? Eu, por mim, confesso que, se estivesse hoje aqui só, ou em outra companhia — acrescentou, olhando significativamente para a Morgadinha — não teria dúvida em subscrever esta quadra, como a exata expressão do meu sentir, porque.

Em vez de erguer os olhares

À luz deste firmamento,

Eu também.

Os abaixaria aos lares

Onde tenho o pensamento.

Cristina levantou-se também da mesa e foi ter com Augusto à alameda.

Madalena, que a seguiu com a vista, não disfarçou um gesto de despeito ao ficar só com Henrique.

— Prima Madalena — disse em tom mais afetuoso Henrique, passado tempo, e depois de mais algumas palavras —, deixe-me falar-lhe com franqueza, agora que estamos sós. Conhecemo-nos há dois dias; eu, porém, sinto-me tão seguro já do que lhe vou dizer, que não hesito. Não pode imaginar a indelével recordação que me ficará desta manhã.

— Perdão — atalhou Madalena —, diga-me primeiro o que é isso que me vai dizer. Prepara-se para me agradecer o almoço? Eu sou como os reis; gosto de estar prevenida do sentido das felicitações que me dirigem, para ir preparando uma resposta adequada.

— Que prazer tem em ser cruel!

— Deixemo-nos de loucuras — continuou Madalena, séria já. — Quem ouvisse o Sr. Henrique de Souselas havia de supor que se preparava para me fazer uma declaração.

— Uma declaração do mais puro afeto, do mais sincero sentimento, porque não?

— Ah! Pois, se eram essas de facto as suas intenções, peço-lhe que desista delas.

— Porquê?

— Porque não posso escutá-lo.

— Ou não quer.

— Ou não quero; seja.

Teria eu a desventura de chegar tarde, prima? Acaso o seu coração já.

— Que impertinente pergunta? Se já, não tenho ainda no Sr. Henrique a necessária confiança para o tomar por confidente. Conhecemo-nos apenas de ontem, que é o mesmo que não nos conhecermos. — E acrescentou logo depois: — Cristina, anda ser árbitra numa disputa entre mim e o primo Henrique.

— Que vai fazer? — perguntou-lhe Henrique, admirado.

Cristina aproximou-se; Augusto seguiu-a. Henrique não desviava os olhos da Morgadinha, que, sem lhe dar atenção, prosseguiu para Cristina:

— O primo Henrique falava com certa exaltação da doçura do teu carácter; o meu amor-próprio disse-me que — era pouco delicado estar assim a lisonjear uma mulher na presença de outra — e redargui por isso, pondo em dúvida a asserção e afirmando que havia um fermentozinho de maldade na tua doçura. Ele nega por impossível, eu insisto e estamos nisto. Agora diz tu.

Cristina corou intensamente e não teve que responder.

Henrique, que nas palavras de Madalena julgou ouvir algumas que, pelo sentido e inflexão com que foram ditas, lhe eram dirigidas, aceitou desafrontadamente a posição em que Madalena o colocara, e respondeu:

— Venci eu! O facto de querer a priminha poupar uma réplica amarga à acusação que lhe fazem é a mais eloquente prova, já não digo só da doçura, mas da natureza angélica do seu carácter. Já vê, prima Madalena, que «quando uma das mulheres que diz for como a nossa boa Cristina, não se podem admitir essas revoltas de amor-próprio, a que aludiu».

A Morgadinha percebeu também o duplo sentido destas últimas palavras; mas fingiu não compreender.

Henrique, ao desviar por acaso os olhos, encontrou os de Augusto fixos nele, enquanto um sorriso lhe dissipava um pouco dos lábios a grave expressão que lhe era habitual, temperando-a com não sei quê de irónico, que não escapou também a Henrique.

Os olhares destes dois homens trocaram-se por momentos, sem que nenhum parecesse disposto a baixar-se diante do outro.

Desviou-os porém uma dupla exclamação de Madalena e de Cristina, dizendo:

— Olhem o Tio Vicente por aqui!

Dobrava efetivamente naquele momento a esquina da ermida e aproximava-se da mesa do almoço, o velho ervanário, em que já temos falado no decurso dos passados capítulos.

CAPÍTULO X

Era uma expressiva figura de ancião o ervanário.

A cara larga e desafrontada de cãs, os olhos ainda vivos e penetrantes e, em toda a fisionomia, permanentes indícios de habituais meditações e porventura de passados infortúnios, elevavam aquele rosto muito acima da vulgaridade. Os anos, ou, mais ainda do que os anos, os pesares tinham subjugado nele a robustez de outros tempos; os hábitos de solidão, que adquirira, a pouco e pouco lhe amoldaram o carácter até fazerem do velho um desses tipos excecionais que atravessam o Mundo entre a estranheza de quantos o rodeiam, a ninguém permitindo sondar os mistérios que guardam consigo e para si, e criando para uso próprio regras de viver, sem atenção às convenções sociais.

Era um enigma vivo.

Nas aldeias acompanhava-o uma fama quase de nigromante; atribuíam-lhe curas milagrosas, obtidas com os símplices, a cuja cultura e colheita consagrava as maiores atenções e canseiras.

Ninguém lhe queria mal, que a ninguém o fizera nunca. Poucos, porém, ousariam, depois do esconder do Sol, ir procurá-lo à isolada casa em que vivia, escondida num quintal, que era cultivado com todo o amor pelo velho.

Em todos os casos intrincados vinham consultar o ervanário, e ele, como seguro da sua proficiência, em caso algum recusava o alvitre.

Em resultado de leituras aturadas, mas sem escolha nem método, de uns alfarrábios herdados de um tio frade que tivera, adquirira imperfeitas e mal digeridas noções de ciência, de que se mostrava orgulhoso. Livros de medicina antigos, alguns de jurisprudência, outros de lógica e de astronomia, constituíam a sua mesclada biblioteca. Entre os livros mais prediletos e consultados contava um exemplar da Polianteia, de Curvo Semedo.

O ervanário começara em criança uma educação tal ou qual, que reveses de família tinham interrompido.

Os meios conhecimentos que das suas habituais leituras extraíra, e os erros que de tais livros assimilara, eram os elementos com que chegou a arquitetar uma ciência informe, que na aldeia passava por maravilhosa.

E o caso era que a fama do homem voara de freguesia em freguesia, de concelho em concelho, e de muito longe o vinham ouvir como a oráculo.

Os costumes do velho, que errava por vales e montes à procura dos símplices, cujas ocultas virtudes conhecia, as suas maneiras rudes, a austeridade da fisionomia, a franqueza, sem contemplações, com que dizia quanto pensava, tinham gravado fundo na imaginação popular aquele tipo, para ela quase lendário.

Depois de se sentar à mesa, o ervanário estendeu familiarmente a mão a Augusto, que lha apertou com afeto.

— Bons dias, rapaz — disse o velho; e, dirigindo-se a Madalena e Cristina, acrescentou com maneiras paternais: — Adeus, pequenas; grandes madrugadas hoje!

Voltou-se depois para Henrique, e fitou-o com olhos inquisidores e quase desconfiados, terminando por lhe dizer simplesmente:

— Guarde-o Deus!

Henrique correspondeu-lhe no mesmo tom.

Sem mais o atender, Vicente voltou-se para Madalena e perguntou-lhe em voz audível para Henrique, e referindo-se a ele.

— Quem é?

Henrique respondeu com ligeiro tom de mofa:

— O homem que, melhor que ninguém, está habilitado a responder a essa pergunta.

O velho nem sequer o olhou.

— Este senhor — respondeu Madalena — é sobrinho de D. Doroteia; está hóspede em Alvapenha. Veio para aqui restabelecer-se da saúde.

— Então é doente? Não parece. Olhar vivo. Cores boas. voz sã. Hum!

Madalena julgou perceber que as maneiras rudes do velho estavam desagradando a Henrique; por isso apressou-se a intervir, respondendo jovialmente:

— A doença deste senhor é um pouco de imaginação.

— E grandes efeitos nascem daí — acudiu sentenciosamente o velho. — Lá vêm na Polianteia muitos casos curiosos. Um homem, por ter comido umas amoras, foi atacado de dores de cabeça, de que morreu. Pois tanto cismou que das amoras lhe viera o mal, que até se lhe formou no crânio uma pedra do feitio de uma amora.

— Com efeito! — disse Henrique, com irónica expressão de pasmo — Aí estava um cérebro de conceções rijas.

— É divertido! — disse Vicente, com ligeiro sarcasmo e olhando para Madalena.

— Pelo contrário — acudiu a Morgadinha — o seu mal é a melancolia. Não é verdade?

— Eu já não sei qual é o meu mal. Estou quase a dar razão à tia Doroteia, que lhe chamou mania.

— Mania e melancolia não são a mesma coisa — emendou o velho. — Também lá na Polianteia se diz isso bem claro. A melancolia é sem ira nem fúria, porque procede de humor frio, e a mania, de sangue quente ou cólera requeimada.

— De cólera requeimada? Deve ser uma coisa terrível! — continuou Henrique, no mesmo tom.

Madalena, receando que a ironia dos comentários de Henrique, acabasse por irritar o velho, perguntou a este:

— Parece-lhe que terá cura a doença?

— Pode ter; mais rebeldes melancolias se curam. Este é divertido, afinal. Hum! Mas contra tristezas e manias não há como folhas de ouro em caldo de frângão com flores de borragem e de erva-cidreira.

— Este é como os calvos que vendem aos outros pomadas para fazer nascer o cabelo; é um argumento vivo contra a eficácia da beberagem que receita para as manias — disse Henrique a meia voz para Augusto, que lhe ficava próximo.

O velho, que não tinha ainda dado mostras de ofensa pelas maneiras impertinentes de Henrique, corou desta vez e faiscou-lhe nos olhos um relâmpago de irritação.

Havia-se sentido ferido no ponto mais melindroso da sua dignidade.

— Está bom, menino, — replicou ele amargamente — não diga mais, para se não envergonhar depois. Eu calo-me; e desculpe-me, se falei. Estou costumado a ver pobres e ricos virem a minha casa pedir-me o favor de os atender. Ainda assim, aí vai mais um conselho, apesar de mos não pedir. Seja atencioso com a velhice, que não é baixeza nenhuma. Mas que é isto? — exclamou, mudando de tom e olhando para um redemoinho de folhas secas, que o vento trouxera até perto dele. — As folhas vêm deste lado! Então virou o vento? É verdade. Ah! sim? Percebo.

E, depois de olhar para o ar, continuou:

— Mudanças tão repentinas! Hum! Já me não agrada aquele azul e aquelas nuvens.

E levantou-se.

— Dou-lhes meia hora, e verão tudo isto coberto, e quem sabe o mais que virá. Aconselho-os a que vão descendo o monte, que não é seguro descê-lo quando as enxurradas engrossam. Eu, por mim, já me não demoro, que não tenho confiança na firmeza das minhas pernas. Oh! noutros tempos! Enfim, tudo tem de acabar. Adeus!

E, sem mais palavras, sobraçou a caixa de lata, em que arquivava as ervas medicinais e outras substâncias, que andava colhendo, e partiu, depois de dizer adeus a Augusto, a Madalena e a Cristina.

Logo que o ervanário desapareceu, Henrique soltou uma risada, em que parecia haver o que quer que era de forçado.

— É realmente curiosa esta antigualha — disse ele, que interiormente sentia já remorsos pela maneira porque tratara o velho.

— Ai, primo Henrique; que ainda está muito pouco preparado para viver na aldeia! — disse a Morgadinha. — Tem uns melindres e uma maneira de ver as coisas! Tudo lhe parecem faltas de atenções, propósitos de ofender!

Depois há um sarcasmo cruel nas suas palavras, a que os espíritos não estão aqui habituados e de que se sentem por isso feridos. Isso não é bom! Se vai assim, ou terá de nos deixar cedo, ou grandes desavenças suscitará por aí. Não repara que estes modos são próprios do campo?

— Perdoe-me, prima Madalena; mas confesso que nunca tive demasiado jeito para lidar com doidos. Deve confessar que este homem.

— É um homem de bem — atalhou Augusto com voz firme e com uma severidade de expressão que até ali não mostrara ainda.

Henrique voltou-se admirado e fitou-o em silêncio. Augusto arrostou firmemente aquele olhar.

— Não o nego — respondeu Henrique, pouco depois — mas infelizmente os homens de bem envelhecem, como os outros, e a extrema velhice traz a imbecilidade.

— Engana-se; esse homem, apesar de algumas fantasias, tem ainda um juízo são e uma razão clara.

— Acha? — disse Henrique já algum tanto azedado. — Há de dar-me licença de não fazer obra por as suas

apreciações. se me é permitido.

— Procede mal — redarguiu Augusto. — Porque eu conheço aquele homem há muito e o senhor acaba apenas de o ver pela primeira vez. Foi o senhor quem primeiro deu às suas palavras um tom irritante, que desafiou uma digna correção. Não lhe ficaria mal, se tivesse sido mais generoso. A consciência lho está dizendo neste momento melhor do que eu.

— Lê fundo nas consciências dos outros!

— Não é difícil. Em todos os homens a consciência tem uma só maneira de ser. Reprova sempre o mal, aponta sempre a culpa.

— Estou admirando a súbita loquacidade que se lhe manifestou! Até aqui supunha-o taciturno. Vejo que lhe mereço a fineza de abrir uma exceção aos seus hábitos de laconismo no meu favor. Muito agradecido. Isso que dizia eram máximas ou pensamentos morais? Não reparei.

Augusto corou, mas respondeu com firmeza:

— Nem uma nem outra coisa; é um género muito mais modesto do que qualquer dos dois. Simplesmente um

preceito de civilidade.

Henrique ia a responder irritado, mas conteve-se e disse com dobrada ironia:

— É verdade, é verdade. esquecia-me que a civilidade entra no seu programa. de mestre-escola.

— Justamente; e tenho alguns discípulos que lisonjeiam o mestre; rapazinhos da aldeia, pobres, rotos e descalços, mas que nesse ponto podem dar lições a elegantes filhos das cidades.

— Pois estimarei, nas minhas longas horas de ócio, aqui na aldeia, dever-lhe algumas lições também. Contudo, como, felizmente, as circunstâncias em que estou me permitem prescindir do benefício do Estado, que o subsidia, há de conceder-me que pague as lições que receber.

— Nunca me envergonhei de aceitar a recompensa do meu trabalho, se o discípulo pode dar-ma. sem sacrifício.

— E aceita-a em toda a espécie de moeda, não é verdade? — perguntou Henrique, cada vez mais petulantemente.

Augusto respondeu com a mesma serenidade:

— Não faço também escrúpulo nisso, contanto que me fique o direito salvo de pagar na mesma espécie de trocos, quando julgar que os devo.

O diálogo ia, como vamos vendo, de momento para momento adquirindo mais acerbo carácter.

Cristina, que já tremia de assustada, cingiu o braço de Madalena, como para convidá-la a intervir.

Esta não o tinha ainda feito por uma simples razão. Desconhecia Augusto. A audácia com que o via repelir as ironias do seu adversário, a firmeza inalterável com que lhe sustentava o olhar, o sorriso, que, em desdéns, rivalizava com o dele, eram tão novos para a Morgadinha, que a surpresa, que daí lhe vinha, nem a deixava ainda perceber a utilidade de uma intervenção. O aviso de Cristina chamou-a, porém, à realidade.

— Tem-me querido parecer, ainda que me custa a acreditar, que isso entre os senhores é uma altercação — disse ela por fim. — Vejam que só têm por testemunhas duas mulheres, que mal lhes podem servir de padrinhos, se

a contenda tomar outra feição. Por isso não é muito para louvar a escolha que fizeram da ocasião, para uma justa tão pouco. amável.

— Perdão, prima Madalena; reconheço a minha culpa, e a grosseria do meu proceder. Mas aqui o Sr. Augusto, costumado a impor aos discípulos o seu pensamento, quis estender até mim este despotismo de. magister. Ora o meu pensamento pugnou pela sua independência.

— Desculpe; supondo-o um homem de coragem e de pundonor, julguei que me agradeceria se conseguisse modificar-lhe uma opinião desfavorável, que levianamente formou de quem lha não merecia. Vejo que prefere ser injusto. Seja-o. Pense o que quiser. Mas o que eu não sofro é que se diga diante de mim uma palavra contra um homem que respeito e de quem sou amigo, sem que erga a voz para defendê-lo. Se não costuma fazer o mesmo por os seus, nem sente viva e irresistível a necessidade de o fazer, lastimo-o; é porque os não tem.

— Com mais paz de espírito se discutirá tudo isso depois — disse Madalena. — É de crer que, como sempre, haja de parte a parte razão e agravos. Agora convido-os, antes de

descermos, a visitar a ermida, cuja porta está sempre, dia e noite, aberta aos devotos que a piedade aqui traz. E tal é o prestígio que a defende, que não consta de um só roubo sacrílego, que se fizesse nela.

Entraram na ermida. Era um pequeno santuário, todo forrado de azulejo antigo, com enegrecidas pinturas a fresco nos apainelados do teto, representando episódios da Paixão; os altares, adornados de colunas e florões de talha doirada, atestavam nos muitos ex-votos que neles pendiam e nos quadros, cuja perspetiva deixava a perder de vista a dos desenhos chineses e que representavam milagres de todo o género, a fé ardente com que era adorada a imperfeita escultura da Virgem.

E, apesar de tudo, tinha este templo um ar de solenidade manifesto. Donde lhe vinha ele? Da sua mesma pobreza e nudez, do silêncio que reinava em torno, da altura a que se erguia, do isolamento em que estava.

Ali dentro demoraram-se os quatro visitantes, Madalena e Henrique examinando alguns dos quadros dos milagres; Cristina, que prolongara mais do que a prima a oração que fizera, contemplando a imagem da Senhora; Augusto com

os olhos fitos nas colunas do altar, porém, não sei se pensando nelas.

Esperava-os uma surpresa à saída.

Realizara-se o prognóstico do ervanário.

O vento sul que, segundo ele notara, soprava já à algum tempo, viera condensar os vapores, que arrasta de ordinário na sua corrente, e empanar com eles a limpidez do firmamento. O azul do céu semeara-se, pouco e pouco, de pequenos flocos brancos, de manchas irregulares, e de longos e encurvados veios que lhe davam uma aparência quase marmórea. Cedo estas massas de nuvens cresceram, tocaram-se, confundiram-se, acabando por tingir uniformemente toda a extensão do firmamento. Ao mesmo tempo, outras nuvens, mais pesadas e mais escuras, começaram a erguer-se do Sul e caminharam impetuosas no espaço, como montanhas móveis, que viessem, em pavorosa carreira, de encontro às serras, que as aguardavam firmes.

Um denso véu de nevoeiro escondia já a paisagem, quando saíram da ermida.

— Depressa! — exclamou Augusto — já não há tempo a perder! Desçamos antes que a tormenta nos colha.

— Tem medo? — disse Henrique em tom de mofa. — Um montanhês!

— Talvez tenha; em todo o caso há de ver que não é de inimigo pouco digno de o inspirar. Por agora peço-lhe tréguas às zombarias e, por amor destas senhoras, aconselho-o a que trabalhe por apressar a descida. Felizmente que o criado já partiu. É um embaraço de menos. Vamos. — Detendo-se, porém, disse para Madalena: — Se descêssemos por o outro lado, minha senhora?

— Para quê? — respondeu esta. É um momento enquanto chegamos abaixo.

A tempestade caracterizava-se cada vez mais; crescia a cerração do ar; os álamos gemiam, vergados pela impetuosidade das lufadas do sul; a chuva começou por grossas gotas, e cedo aumentou assustadoramente; havia na atmosfera surdos rumores de tempestades longínquas; algumas nuvens tomavam uma cor térrea, outras um carregado de chumbo, ambas igualmente sinistras.

Cristina, pálida de susto, murmurava em voz baixa orações fervorosas; Madalena sorria para a animar, mas ela própria estava inquieta.

Não era de facto uma empresa de todo fácil o descer o monte por um tempo daqueles. O caminho, já de si íngreme e precipitoso, era quase impraticável quando as correntes se despenhavam por ele, como em catadupas, e os ventos vinham despedaçar-se furiosos de encontro às arestas salientes da rocha. Era necessário estar muito amestrado para o descer sem perigo.

Augusto era de todos o que melhor o conseguiria; assim não tivesse de repartir os seus cuidados por tantos. De pequeno se costumara àquelas aventuras; e já então seguia, sem vertigem, a mais estreita borda dos despenhadeiros do monte.

A tudo porém atendia agora, desenvolvendo uma atividade e perícia que inspirava alento e confiança aos mais. Ágil, como um animal montês, girava em volta da pequena caravana, de que tacitamente fora reconhecido chefe. Ora adiante a dirigir os passos pelos lugares de mais fácil trânsito, ora à retaguarda a dar a mão a Madalena, que vira

em embaraço, ou a amparar Cristina, a quem muita vez chegou a levantar nos braços, para a fazer franquear um ponto do caminho, em que ela parara, sentindo que lhe resvalavam os pés no declive e na humidade do chão. O próprio Henrique, que não era o menos embaraçado do rancho, e nem isso admira, só a custo podia prescindir, em certos lances, do auxílio de Augusto.

O amor-próprio e orgulho do hóspede de Alvapenha iam um tanto mortificados nesta retirada inglória. Nenhum dos seus muitos talentos e aptidões, de tanto valor no terreno, também escorregadio, das salas de baile, lhe valiam para ali. Era evidente a sua inferioridade neste momento; ora Henrique não era homem que, tendo consciência disto, ficasse indiferente; mas que remédio! Procuraria mais tarde uma compensação.

Não descrevemos todos os episódios desta laboriosa descida, alguns dos quais somente a preocupação em que iam os ânimos impedia achar risíveis; porém que, mais tarde, deviam, como é costume, vir a ser alimento de animadas e joviais recordações.

Assim foi que, a meio da encosta e em sítio em que lhes cortava ao lado do caminho, que cautelosamente desciam, uma ribanceira quase a pique e eriçada de fragas salientes e ângulos de rocha, em cujas fendas e sinuosidades apenas os tojos e as giestas e algum pinheiro enfezado tinham conseguido vegetar, uma violenta rajada de vento, desprendendo a mantilha de Madalena, depois de a revolutear no espaço, arremessou-a ao abismo.

Ficou suspensa nos espinhos das tojeiras, porém em lugar onde seria difícil o acesso, de qualquer lado que se tentasse.

Madalena, no momento, não pôde reter um grito, que fez parar com terror Henrique e Augusto, que caminhavam adiante. Voltaram-se assustados.

A Morgadinha, com a cabeça descoberta, as tranças ligeiramente desordenadas, as faces um pouco pálidas, sorria já do seu exagerado susto.

A rir, explicou o sucedido, pedindo perdão pelo sobressalto que involuntariamente causara.

— Descansa em paz! — disse ela, olhando para a mantilha; e acrescentou: — Sigamos.

— Mas não será possível tirá-la dali? — perguntou Augusto, examinando o sítio.

— Para quê? Não podemos demorar-nos agora com isso — respondeu Madalena.

— Eu desço a cortar uma cana lá abaixo aos Moinhos e volto num momento — insistiu Augusto, dispondo-se a executar o que dizia.

Henrique notou, sorrindo:

— O alvitre é de homem prudente. Cuidei que os montanheses não eram de tão bom aviso.

E, animado pelo desejo de humilhar Augusto, por quem se sentia humilhado, e ao mesmo tempo cedendo à influência que sobre ele exercia a fascinadora figura de Madalena, Henrique arrojou-se a uma desnecessária imprudência.

Sem dar tempo a que o impedissem ou lhe fizessem qualquer reflexão, deixou-se escorregar no despenhadeiro, segurando-se com as mãos à borda do caminho; tenteou

com os pés as fendas e as anfractuosidades da rocha, até conseguir firmá-los; segurou-se ora a uma raiz saliente, ora a um ramo mais tenaz; à força de vontade dominou a sua imperícia em exercícios desta ordem, e finalmente conseguiu, estendendo um braço, segurar a mantilha, que o vento arrojava ao precipício.

Depois, com dobradas dificuldades e porventura redobrados perigos, pôde, roçando-se como réptil e ferindo as mãos nas asperezas da rocha e nos espinhos das tojeiras, em que se firmava, pousar outra vez os pés em terra, sem aceitar a mão que Augusto lhe oferecia, e com gesto radiante entregou a mantilha a Madalena, fixando em Augusto um olhar de triunfo.

Os espectadores desta cena tinham-na presenciado sem soltar uma palavra, sem fazer um movimento, quase gelados de susto e de espanto.

Quando Henrique voltou com a mantilha, Augusto meneou a cabeça, murmurando:

— Que imprudência!

— Na verdade! — disse Madalena, ainda nervosa com a impressão que este incidente lhe causara — foi uma loucura; uma loucura imperdoável.

E a perturbação era tal, que nem acertou com uma frase de agradecimento, com que pagasse a imprudente galanteria, que mais desejava repreender do que recompensar.

Esta reserva ofendeu Henrique; serviços, ao seu ver, de menor importância, tinham merecido a Augusto mais calorosas palavras.

Revoltou-o esta ingratidão.

Mal sabia ele que estava sendo ainda mais ingrato, não concedendo sequer um olhar às faces desmaiadas pelo terror, aos lábios trémulos e aos olhos arrasados de lágrimas, com que o fitava Cristina. Ela, que o tinha seguido muda de susto e de ansiedade em toda aquela louca aventura, ela que, ao terror do perigo, juntava a afligi-la o desespero de ver que fora outra a que inspirava aquelas loucuras!

Aguardavam-nos em baixo novos trabalhos a vencer. Com a força das enxurradas, que se precipitavam clamorosas

pelas vertentes e algares, era provável que a levada que corria na raiz do monte tivesse engrossado mais e acabasse de cobrir a ponte rústica, que à vinda já tinham encontrado quase submersa.

Augusto, prevendo isso, voltou-se para as senhoras, dizendo:

— Eu vou adiante assegurar-me do estado da ponte, para, no caso de estar já coberta, como é provável, ver se o moleiro nos abre a porta do moinho, a fim de passarmos por lá. Vão descendo devagar, que eu volto.

— Então deixa-nos sós? — exclamou Cristina, assustada.

— É um instante.

— Não sei se nos atreveremos a dar um passo sem a sua indicação — disse Madalena.

— O pior está passado. Além daquela pedra já veem o ribeiro e a ponte; o caminho indica-se por si.

E, dizendo isto, desceu agilmente por uma espécie de escadaria aberta na rocha, a qual mais depressa o devia conduzir ao lugar que demandava.

Henrique ia agora na frente; após, seguia-se Madalena. Cristina fechava o cortejo.

O mau humor de Henrique aumentara de ponto, em consequência dos receios com que as duas raparigas tinham visto Augusto abandonar, por momentos, a direção do rancho.

Ficava assim bem evidente a pouca ou nenhuma confiança que lhes estava merecendo o auxílio de Henrique, representando assim ele naquela contingência, em vez do papel de protetor, o de protegido, que o humilhava.

Obrigado a digerir, como pudesse, o seu fundo descontentamento, Henrique perdera com isso aquela volubilidade de conversação que mantivera todo o dia.

Nunca, na presença de Madalena, deixara passar tanto tempo sem formular um desses galanteios que a impacientavam e obrigavam a uma resposta, nem sempre demasiado afável.

Madalena, pelo seu lado, não se sentia com disposição para falar. Cristina menos.

Este silêncio acabou por exasperar Henrique.

Tinham já percorrido grande parte do caminho, que os distanciava do riacho. Avistavam-se as águas turvas e impetuosas, que, com maior fragor do que nunca, se contorciam naquele apertado leito.

Foi então que Henrique desafogou o seu ressentimento.

— Estou deveras arrependido, prima Madalena, — disse ele com leve ironia — do meu espontâneo movimento de há pouco. Devia lembrar-me de que ao nosso cavaleiroso guia devem pertencer todos os triunfos e toda a glória desta jornada; mas, como daquela vez se me figurou que era demasiado cauteloso para herói.

Uma simultânea exclamação de Madalena e de Cristina não o deixou prosseguir.

Voltando-se para saber a causa que o motivara, viu-as paradas, pálidas, olhando com ansiedade para a base do monte.

Seguindo a direção do olhar delas, Henrique reconheceu a causa daquele duplo grito.

Referimo-la em poucas palavras.

Quando Augusto chegou ao ribeiro, para averiguar se a ponte estava ou não transitável, surpreendeu-o um espetáculo inesperado.

O ervanário, que, prevendo tempestade e receoso dos perigos de que em tais condições a descida era acompanhada, se apressara a partir, não conseguira chegar ao ribeiro antes do desencadeamento da borrasca. O andar vagaroso e precavido do velho e as frequentes pausas que fazia, ou para descansar ou para colher a rara planta montesinha, o inseto, o verme, o molusco ou o mineral de ocultas virtudes, elementos da sua farmacopeia, foram-no retardando, de maneira que a chuva apanhou-o a meio caminho, e mais difícil de descer lhe tornou a metade que lhe faltava. Assim, não obstante haver partido antes dos outros, não lhes levava muitos passos de avanço.

Ao chegar à levada, encontrou já as pedras do tosco passadiço, a que se dava o nome de ponte, cobertas pela água. O velho deu-se pressa em descer para a passar ainda a pé enxuto; mas a levada, agora torrente caudalosa, ganhava corpo de momento para momento; cedo já não se viam sinais de ponte. O ervanário parou, embaraçado.

Acima ficavam-lhe os açudes, transformados em impetuosas cataratas; abaixo, o moinho, em cujas enormes rodas espumava a corrente com espantoso fragor.

O velho Vicente hesitou. Era para causar vertigens o que via. As águas, sem transparência, ocultavam de todo a vista das pedras.

Tenteou com o bordão o sítio, em que as supôs. Encontrou a primeira, e poisou um pé nesse ponto; firmou-se como pôde, para resistir à força da corrente; tenteou outra vez, reconheceu outra pedra, deu mais um passo, e outro, até que, de repente, ou por esvaimento de sentidos ou por se firmar em falso, vacilou e, perdendo o equilíbrio, caiu na levada para o lado dos moinhos.

Foi neste momento que Augusto chegou; viu-o pois cair, viu-o estrebuchar, lutando com a impetuosidade das águas; reconheceu a urgente necessidade, para evitar uma horrível desgraça, de acudir, sem perda de tempo, ao pobre velho, que a corrente arrastava para os lados do moinho.

Cedendo a este pensamento, Augusto franqueou, quase de um salto, o espaço que o separava ainda do ribeiro, e

lançou-se à água.

Era a vez de Augusto revelar coragem. Henrique também a possuía, mas abusava dela ou, por vaidade, malbaratava-a em ninharias. Ainda nisto se revelava o seu amor de ostentação. Imaginava-se sempre num palco, diante de espectadores que o viam e aplaudiriam, se desempenhasse bem o papel de homem perfeito. Fraco perante doenças imaginárias, arriscaria, para evitar o ridículo, a própria vida, assim como sufocaria, porventura, um impulso generoso, que não pudesse harmonizar-se com a convenção, que se chama elegância.

Eram estes os defeitos que Madalena adivinhara nele.

Augusto era diferente.

As suas grandes qualidades guardava-as com modéstia dos olhos estranhos, para somente as revelar, quando pudessem ser úteis.

Ao ver cair a mantilha de Madalena, não arriscou temerariamente a vida para a buscar. Procurava com placidez os meios de o fazer com mais segurança, embora com menos romanticismo; mas, para salvar uma vida, para

obedecer a um instinto, verdadeiramente nobre e generoso, nada o fazia recuar.

Logo que Augusto voltou a terra e auxiliou o ervanário a subir para a margem, Madalena, respirando enfim com desafogo, respondeu às anteriores palavras de Henrique, dizendo em suave tom de censura:

— Bem vê que nem sempre é cauteloso o nosso guia, primo Henrique. Sabe também arriscar a vida quando uma razão de humanidade lho pede. A sua imprudência de há pouco. agradeço-lha, mas. não posso aprová-la. Confesse que não foi tão justificada como esta.

Henrique tinha a razão clara bastante e a consciência justa para ver que, apesar da sua façanha cavalheiresca, ficara, desta vez ainda, inferior ao seu companheiro.

Qualquer que fosse o desgosto que a descoberta lhe produzisse, é certo que teve sobre a rebelião dos maus instintos poder suficiente para se obrigar a ir apertar a mão a Augusto.

O velho Vicente estava pálido e extenuado pelo esforço da luta com a corrente; ainda assim abraçou também Augusto,

dizendo:

— Agradeço a Deus ter-me dado esta ocasião de te dever a vida, rapaz. Era um prazer que desejava levar da terra, quando a deixasse.

Madalena e Cristina rodeavam o velho de cuidados.

Apareceram, enfim, do outro lado do ribeiro, os criados enviados por D. Vitória com guarda-chuvas e roupas de agasalho. Com eles vinha também o moleiro, a quem mandaram chamar para dar passagem pelo moinho, visto estar obstruída a ponte, e, ao mesmo tempo, para que as senhoras pudessem aí dentro mudar de fato.

Augusto seguiu o ervanário a casa.

Passada meia hora, saíram também do moinho os outros todos, depois de haverem renovado a roupa, que a chuva repassara.

No Mosteiro, D. Vitória recebeu a filha e a sobrinha com muitas exclamações e ralhos por não terem ido prevenidas com guarda-chuvas, como ela lhes recomendara; estas iras cedo se derivaram sobre os criados, a quem, entre outros delitos, atribuía o de a não haverem avisado de que, na

véspera, passara por ali o caldeireiro ambulante, repenicando nos seus arames, o que, sendo prognóstico infalível de chuva, faria com que ela, sabendo-o, se opusesse a tal passeio.

Em Alvapenha, D. Doroteia e Maria de Jesus não levantaram menor celeuma, ao verem chegar Henrique. Fizeram-no meter na cama, cobriram-no de cobertores, emborcaram-no de punch e tais medos lhe insinuaram que as apreensões patológicas de Henrique agitaram-se e tentaram reapossar-se da sua antiga vítima.

CAPÍTULO XI

Censurável descuido tem sido o nosso em não conduzir o leitor a um dos lugares mais importantes da aldeia onde se passam os singelos episódios desta narração.

Que se diria de um cicerone, que, por esquecimento ou propósito, deixasse de apresentar um viajante, recém-chegado a uma cidade, na assembleia, clube, grémio, ou o que quer que seja, onde se reúnem as principais personagens dela, onde se compendiam as grandes questões e interesses locais, as pequenas vaidades e intrigas, as modas efémeras, os volúveis caprichos que agitam os espíritos, onde se comenta o boato de ontem, se dão ao de hoje mil versões diversas e se adivinha já o de amanhã?

Pois no mesmo delito incorremos nós, chegando a este undécimo capítulo, sem ter guiado os leitores à venda de Damião Canada, a qual podia dizer-se o verdadeiro coração daquele organismo social.

Tudo quanto na terra havia de certa representação ali ia falar da coisa pública e também da particular; — da particular dos outros mais do que da própria, entenda-se.

Aproveitemos um resto da tarde, em que a natureza, após horas continuadas de chuva e de temporal, como que procurou respirar e permitiu que o Sol, já no ocaso, levantasse uma ponta do manto de nuvens que o envolvia, e mandasse os raios amortecidos às cristas das serras carairas; aproveitemos este intervalo de sossego para entrarmos na taverna.

Tinham passado dois dias depois do passeio ao monte, que descrevemos.

Henrique de Souselas teve de condescender com uma leve angina, que lhe legaram os rigores daquela excursão, e ficou em Alvapenha, entretendo-se a escrever cartas aos amigos e a cismar numa iminente desorganização da laringe, a que imaginava conduzirem-no os seus incómodos atuais.

No Mosteiro nada também ocorreu que mereça narrar-se ao leitor.

Deixemos, pois, por momentos, os nossos conhecidos, e vejamos o que dizem os frequentadores do estabelecimento de Damião Canada.

Brilhante é a assembleia ali reunida. Além do proprietário, barriguda e rubicunda figura, que, assim posta ao pé das pipas, podia servir de tipo para a representação de um Sileno, havia várias individualidades de peso nos destinos de toda a comarca.

Dê-se primeira menção ao nosso já conhecido Bento Pertunhas, a quem as humanidades não faziam soberbo a ponto de recusar-se a entrar em comunicação social com os seus conterrâneos.

Observada esta deferência, mencionemos os mais.

Um era nem mais nem menos do que o Sr. Joãozinho das Perdizes, em quem já temos ouvido falar por mais do que uma vez.

Era o dito Sr. Joãozinho morgado e proprietário numa das freguesias próximas, chamada de Pinchões; mas propriedades e morgadia andavam-lhe tão embaraçadas em redes de demandas e de hipotecas, que Deus nos acuda.

Os autos que diziam respeito à casa das Perdizes enchiam um cartório. Graças, porém, ao seu génio despreocupado e folgazão, o Sr. Joãozinho deixava aos procuradores os cuidados judiciais; os cuidados agrícolas aos rendeiros e feitores; os do futuro, a Deus ou ao diabo; e para si não reservava nenhuns.

Prosseguia naquela vida airada, que já lhe era necessidade. Frequentava as feiras, onde ia para jogar e fazer trocas de cavalos com os ciganos, e às vezes para dar e levar sovas monumentais. — Nos meses de caça, a vida do morgado era perfeitamente nómada: estendia por léguas e léguas as suas excursões venatórias, contentando-se com qualquer cama e comida, de que, de ordinário, participavam os cães, que o acompanhavam; distraía-se também a conquistar os corações femininos da freguesia, calando com dinheiro algumas queixas mais acerbas e insofridas de um ou outro pai, marido ou irmão. Em todas as tavernas das freguesias vizinhas tinha contas em aberto, o que não obstava a que entrasse em todas com ares de conquistador e expendesse ali as suas opiniões absolutas, com grande exibição de berros e de punhadas.

Com todas estas qualidades, era o Sr. Joãozinho das Perdizes um homem verdadeiramente popular entre os da sua freguesia; movia-os no sentido que quisesse.

Tudo por lá era o Sr. Joãozinho; não havia função, rixa, solenidade oficial, para que ele não fosse consultado. É que a superioridade do morgado das Perdizes não era daquelas que intimidam e acanham o povo; ninguém hesitava em falar-lhe e em procurá-lo em casa, porque, falando e vivendo com eles, o Sr. Joãozinho não constrangia ninguém. Os seus defeitos, a sua vida de feiras e de tavernas eram outras tantas causas a popularizá-lo; justo é porém que se diga que algumas boas qualidades também para isso concorriam. O Sr. Joãozinho não era avarento, nem soberbo. Sentado a beber, e com dinheiro no bolso, não consentia que pessoa alguma, desde o mais rico proprietário até o jornaleiro mais miserável, recusasse tomar assento ao seu lado. Não eram poucos os filhos-famílias que resgatara de soldado, sem a menor caução ou interesse, chegando a ficar empenhado para os livrar; e, se algum desgraçado se via perseguido pela justiça, encontrava, fosse qual fosse a enormidade do crime, asilo

seguro na herdade das Perdizes, que em certas épocas era um perfeito valhacouto de malfeitores.

Graças, pois, a estas e análogas qualidades, era o Sr. Joãozinho uma verdadeira potência eleitoral.

Eis aí o homem moralmente.

Pelo lado físico, suponham um sujeito de trinta e cinco anos, gordo, vermelho, de longas e encaracoladas melenas em desordem, bigode aparado e a barba quase sempre mal feita ou por fazer. Na maneira de vestir inculcava os hábitos da vida e um certo desleixo com a sua pessoa, que lhe era peculiar. Trazia o colete quase sempre desapertado e com alguns botões a menos, de modo que os peitos da camisa formavam hérnia pela abertura; entre as calças descaídas e o colete avistava-se o cós das ceroulas, no qual era jeito muito seu o enfiar a mão; ao pescoço trazia um lenço de seda escarlate, negligentemente atado e com longas pontas flutuantes; uma jaqueta de peles com alamares, calças de fazenda chamada pele-do-diabo, botas de montar e esporas constituíam o resto do vestuário. O cigarro, que quase sempre fumava até às últimas, crestara-lhe profundamente as pontas dos dedos e o canto dos

lábios. O palito andava-lhe sempre atrás da orelha; a navalha de ponta na algibeira, e, para qualquer parte que ia, acompanhava-o uma tumultuosa matilha de galgos, podengos e perdigueiros.

Segunda e não menos importante personalidade era a do Sr. Eusébio Seabra, chamado por antonomásia — o Brasileiro.

Era um homem de cinquenta anos; bem figurado e sisudo, de falar compassado e com os seus quês de oráculo, frases sentenciosas e ares de proteção a todo o mundo.

Saíra criança da aldeia e fora tentar a fortuna ao Brasil. Por lá esteve quarenta anos, e voltou o homem grave que vemos e rico. O como enriqueceu não sei, e ninguém da terra o sabia. Veio edificar uma casa no sítio em que nascera, uma casa grande de cantaria e azulejo, com três andares e varandas, jardim com estátuas de louça e alegretes pintados de verde e amarelo, o qual jardim tinha mais fama, naquelas aldeias vizinhas, do que os jardins suspensos da Babilónia. Trouxera um papagaio e uma arara, igualmente famosos, e uma botica homeopática, que ele próprio manipulava.

As ambições de Eusébio Seabra limitavam-se a vir a ser a primeira personagem de influência na aldeia. Para isso começou por fazer alguns reparos na igreja paroquial, presenteou com vestidos novos todos os santos dos altares, e mandou renovar um sino, que há doze anos tocava a rachado. Fez à sua custa a festa do orago, chegando a mandar vir fogo preso da cidade e um aeróstato, que ardeu a pouca altura do chão. Apesar, porém, de todos estes benefícios à localidade, o conselheiro Manuel Berardo, pai da Morgadinha, conquanto vivesse quase sempre em Lisboa, continuava a fazer-lhe sombra e a contrastar-lhe as ambiciosas vistas. Por isso, apesar da aparente amizade com que Seabra o acolhia e lisonjeava até, conservava por ele no fundo uma má vontade, um ciúme, de que eram de recear, tarde ou cedo, explosões.

Seabra era tão asseado, quanto o Sr. Joãozinho das Perdizes descurado no seu vestir. Usava sempre de suíça irrepreensivelmente talhada em volta do queixo; camisa muito lavada, peitos abertos e três grandes botões de brilhantes; no trajo combinavam-se as variegadas cores de uma ave da América; e o ouro, distribuído com profusão por

todos os acessórios da sua pessoa, atestava os bons resultados dos seus quarenta anos de Brasil. Passeava pela aldeia de chinelos de marroquim verde ou sapato de tapete, e era tal nele a delicadeza do andar, que voltava a casa sem que uma mancha enodoasse a alvura das suas meias de algodão fino. Aos domingos e dias de festa indignava a relva dos caminhos, calcando-a com botas de polimento.

Além destes dois e do nosso conhecido Zé Pereira, que bebia, em silêncio, ao pé do taverneiro, havia um padre, coadjutor da freguesia, dois lavradores abastados e já de avançada idade, e outros que deixaremos confundidos na massa indistinta dos comparsas.

No momento em que entrámos, usava da palavra o Brasileiro, que estava sentado à porta da taverna, na mais limpa cadeira do estabelecimento.

— Pois é verdade — dizia ele — fomos todos da mesma criação. O conselheiro Manuel Berardo saiu daqui para Lisboa um ano depois de eu ir para o Brasil. Andámos ambos na mesma escola, que era a do Padre Joaquim, ali pelo sítio da Corredoura. Vossemecê, há de estar lembrado,

Sr. Luís — acrescentou, dirigindo-se, com a afabilidade protetora que o caracterizava, a um dos lavradores.

— Ora se estou! muito bem. Era na casa em que hoje mora o Chico da Luciana.

— É verdade que sim. Pois ali andei eu e o conselheiro e aquele ratão do Vicente, ervanário, que era já rapaz taludo. Lembra-me, como se fosse hoje, de quando jogávamos todos três a pedra no terreiro da Corredoura.

— Olha lá, hem! — diziam dois lavradores com um sorriso cortesão nos lábios — Então com que o Sr. Seabra também jogava a pedra! Eh! eh! eh!

— Ora, como um homem. Eu fui levadinho da breca. Boa sova levei da minha mãe, por causa de umas calças novas que rompi.

— Ora vedes! — diziam os outros.

— Ai, tempos, tempos! — disse, suspirando, o Brasileiro.

— Quem havia de dizer então ao que V. S.A. e o conselheiro tinham de chegar! — notou lisonjeiramente o Sr. Bento Pertunhas.

— Eu sim — respondeu com toda a sua modéstia o Brasileiro. — A que cheguei eu? Comi candeias acesas pelo Brasil, para arranjar um bocado de pão para o resto da vida; com isso me contento. O mais, sou um pobre diabo que ninguém conhece, um homem ignorante, sem princípios. Ele é outra coisa.

— Não é tanto assim — insistiu Pertunhas. — Todos sabem que V. S.A., se quisesse.

— Olhe, meu caro amigo, eu conheço-me; se tivesse o juízo de muitos, que por aí vejo figurando, então havia de me ver na brecha; porque, não é por me gabar, mas não me tenho por menos do que muitos deles.

— Ora, pois não, não — disseram os lavradores, Pertunhas e o padre.

— Alguns que até ministros têm sido.

— Por essa estou eu.

— O conselheiro mesmo. — resmungou o padre, fungando uma pitada jesuítica — sim, aqui para nós.

— Tanto não digo — continuou o Brasileiro, mais jesuiticamente ainda. — O conselheiro. vamos. Faça-se-lhe justiça. Eu não quero dizer que ele seja uma coisa por aí além. sim. Que diabo tem ele feito afinal? Mas. Não é dos piores, não é dos piores. Faça-se-lhe justiça. Não é homem de grandes talentos. isso não; nem mesmo de grande fundo. Sim. Devemos confessar que esta é a verdade. Mas. enfim, vamos andando. Cada um faz o que pode — concluiu o Brasileiro, depois de ter feito justiça ao conselheiro.

— No que ele tem andado mal é em prometer mais do que pode fazer. Há quantos anos nos anda a falar na estrada, e até hoje ainda nem palmo dela? — opinou Pertunhas.

— Meu amigo, engana meninos e chupa-lhe o pão: diz o ditado — ponderou o Brasileiro.

— A falar verdade! — disse um dos lavradores — com a influência que ele tem, podia.

— Ora adeus! Palanfrório! — atalhou o padre. — Bem me fio eu na influência do conselheiro.

— Eh! eh! eh! — respondeu o Brasileiro, agradado do ceticismo do padre, e acrescentou com um sorriso velhaco: — Não, ele diz que fala com os ministros, que tal, que sim senhores, que domina o partido. Enfim. Ele lá o sabe.

— Para mim é que ele vem de carrinho.

— Eu não sei — concluiu com requinte de velhacaria o Brasileiro.

— Pois eu cá — disse o Sr. Joãozinho, que estivera bebendo em silêncio, e descarregou um murro na banca, que fez tilintar os copos. — Eu cá já disse: se os tais homens das bandeirolas me tornam a passar por as terras, sempre lhes meço as costas com um marmeleiro que lá tenho, e que já me serviu para varrer a feira de Santo Estêvão. Uns mariolas!

E, como para desafogar o peso da sua amabilidade, despediu um pontapé a um podengo, que se lhe viera roçar por as pernas, e fê-lo sair ganindo.

— Dizem que vão começar outra vez com os trabalhos das estradas — informou o taverneiro, enchendo de novo o copo ao Sr. Joãozinho.

— Pois que vejam no que se metem. Cautelinha comigo! — resmungou este. — Faço como daquela vez em que eu e a minha gente queimámos toda a papelada da Câmara e do escrivão da Fazenda.

— Agora no Inverno é que eles hão de começar com os trabalhos. Sempre se fia em boa! — disse, encolhendo os ombros, mestre Pertunhas.

— Vossemecê é que está a ler — veio-lhe à mão o Brasileiro. — Então não sabe que as eleições são em Fevereiro?

— Ai, é verdade! não me tinha lembrado disso! — exclamou o padre.

— Também não sei como será desta vez essa história das eleições — acudiu o Sr. Joãozinho. — Cá eu e a minha gente ainda estamos a ver no que param as coisas. Eu já não estou para ser logrado. Até agora tenho dado ao conselheiro a freguesia em peso, sem pedir nada, ou, se pedi, foi o mesmo que não pedisse. Vou curar-me de tolo; agora sempre havemos de entrar aí nuns ajustes. Se o

homem não estiver cá por umas contas, não anda o filho do meu pai.

— Ora adeus! — disse o padre-cura. — O conselheiro tem artes para o levar.

— A mim? Está enganado. Não querendo eu? Então você não me conhece. Em eu embirrando, sou como um borrego teimoso.

— Quando se fala em estradas, já estou a tremer — disse um dos lavradores. — O que elas vêm cá fazer é cortar-nos os campos, e afinal não sei para que servem.

— Isso não é assim — atalhou o Brasileiro, tomando uns ares catedráticos, cheios de gravidade. — Vossemecê é ignorante e por isso é que fala desse modo.

— Eu digo. — tartamudeou, intimidado, o lavrador.

— Pois sim: mas não deve meter-se a falar em coisas que não entende. As estradas não servem para nada! As estradas são meios de comunicação e. facilitam o. o. o tráfego comercial e aumentam por conseguinte a riqueza das nações. Porque o trabalho representa um capital. sim, senhores, mas. mas um capital. sim. um capital morto.

quero dizer. um capital que. não vive. Quero dizer. sim. suponhamos: o crédito por exemplo. O crédito. sim. aí está o crédito. Pois que é o crédito? O crédito é. é o crédito. depende de muitas coisas. Por outra, suponhamos. se nós não tivéssemos estradas. Uma suposição. Partamos de um princípio. A produção excede o consumo. Quero mesmo que o consumo exceda a produção. Sim, quero mesmo isso. Muito bem. Daí que resulta? Está claro que um desequilíbrio. E depois? Depois, boas noites. Não havendo estradas. Aí está que se diz por aí que a livre exportação, que tal, que sim senhores. mais isto, mais aquilo. Pois não é assim. É preciso que se atenda também às condições económicas dos povos. Sim. eu digo: O comércio deve ser livre. Muito bem. Em termos já se sabe. Mas. o comércio livre. a livre troca. entendamo-nos. É preciso clareza de ideias. Quando eu digo que. Ora suponhamos. suponhamos que não havia estradas. Os transportes eram mais difíceis e portanto mais caros. E, se, além disso, os géneros fossem escassos, e. Diz vossemecê: para que servem as estradas? Ora diga-me uma coisa, Sr. Manuel: suponhamos que. os impostos indiretos. não precisamos de ir mais longe. os

impostos indiretos. Sempre queria que me dissesse o que havia de fazer?

— Impostos, Deus me livre deles! — murmurou o lavrador, cujos instintos trepidaram à palavra «impostos».

— Isso também não é assim. Deus me livre! Não se diz «Deus me livre», porque a riqueza. a riqueza. sim, a riqueza não está na terra. isto é, a riqueza está na terra. mas é preciso o capital para a exploração. Percebe? Ou. suponhamos. por exemplo. Não. vamos cá por outro lado. Há um deficit num orçamento. desce o preço das inscrições. Ora bem. Mas. suponhamos que há boas estradas, e etecetera. A riqueza tende a aumentar. e. e. Enfim, lá que as estradas são úteis, isso é que não tem questão.

Toda esta lengalenga económica foi escutada pelo auditório com profunda atenção.

O Brasileiro, assinante e leitor infalível de vários periódicos políticos, conseguira, à força de leitura, fixar na memória certas frases do artigo de fundo, e acabara por convencer-se de que possuía grandes noções de ciência política. Em

ocasiões como esta dava uma sacudidela ao intelecto, e aquelas frases, como os variados objetos do interior de um caleidoscópio, tomavam uma disposição tal ou qual, mais ou menos regular, e assim lhe saía uma dissertação, como essa que viram. Em permanente indigestão económica vivia este portento. A doença não é das mais raras entre políticos.

O Sr. Joãozinho das Perdizes abriu desmesurada e ruidosamente a boca, depois do discurso do Brasileiro, e disse:

— Eu cá por mim não sei dessas coisas. Não se me dava das estradas para poder ir à feira de Penafiel com menos trabalho, mas, já disse, que me não venham mexer na quinta; porque então têm que ver.

— Pois está arriscado a isso — disse o Brasileiro.

— Veremos; depois não se queixem. Temos a história da papelada outra vez.

— Houve a ideia de levar a estrada pela Corredoura fora, depois de tomar à esquerda pelo Crasto e vir direito à

Palhoça. Não tinha cruzes nem cunhos. Ia-me parte da propriedade.

— Ah! ah! ah! Também não gosta? Diga-me disso! — berrou o Sr. Joãozinho.

— Não é não gostar; é que o traçado era péssimo.

— Não sei porquê.

— Só a expropriação da minha quinta porque preço não lhes ficava?

— Eles, para esses casos, lá têm umas leis ao seu modo — notou o padre-cura.

— E por onde há de ir então a estrada?

— O outro traçado, que eu aconselhei ao engenheiro, parte da herdade do capitão-mor, faz um viaduto nos lameiros, atravessa o pinhal do Cónego, passa o rio numa ponte e.

— Oh! com os diabos; o que aí vai!

— Não é tanto como parece; sendo as obras bem dirigidas. Até aos lameiros só tem a deitar abaixo a casa e o quintal do ervanário.

— Deitar abaixo a casa do ervanário! O pobre diabo rebenta de paixão, se tal fazem — disse, com certa comiseração, o Sr. Joãozinho das Perdizes, que tinha por o ervanário uma sincera afeição e respeito, nele excecional, desde que lhe atribuía a cura de um tifo que o tivera às portas da morte, e de que o velho, dizia ele, o salvara, com uns cozimentos somente dele sabidos.

— Ora adeus! Antes disso morre o homem de doidice. Está maluco de todo — redarguiu o Brasileiro.

— Também está um bom mágico, está — notou o padre.

— Quer não, que sabe mais do que todos os médicos — acudiu o Sr. Joãozinho das Perdizes —; a mim me livrou de uma maligna. Oh! que excomungada!

E começou a fazer a história da sua doença.

Os lavradores concordaram em que o homem era sabedor; mas atribuíam-lhe mais misteriosa ciência do que a da Medicina.

— Pois é afinal por onde deve ir a estrada — continuou o Brasileiro. — Tinham ainda o campo dos Brejos do conselheiro, mas nisso não se fala, já se sabe.

— Ora! pois está de ver — concordou o padre.

— E o conselheiro não se há de opor à expropriação da casa do ervanário, porque pelos modos eles não andam muito correntes — lembrou um lavrador.

— É verdade; porque seria aquilo? — perguntou outro.

— Eles, em tempo, eram muito um do outro; e são até aparentados — explicou o Brasileiro — e o velho ainda hoje é tratado com familiaridade pela gente do Mosteiro; mas julgo que o homem, com aquele génio esquisito que tem, disse algumas verdades ao conselheiro, por ocasião de umas eleições, quando ele pôs as autoridades a trabalhar por si, e o velho entendia que as coisas não iam bem assim.

— Pois, com os diabos, o Vicente ervanário vale mais do que vinte conselheiros e toda a família — exclamou o Sr. Joãozinho, batendo outra punhada — e queira ele, que o tal senhor não põe mais o pé nas Câmaras, mandado cá pela terra.

— Eu gosto de os ouvir — disse o padre. — Falam assim, mas, em chegando a ocasião, vão todos votar nele como carneiros.

O Brasileiro encolheu os ombros e sorriu, como confirmando o dito.

— Pois havemos de ver o que será! — berrou o Sr. Joãozinho. — Isso é consoante cá umas coisas.

— A falar a verdade — disse o Pertunhas — não tem pago muito bem ao círculo nomeá-lo há tantos anos seu deputado; só essa teima agora em querer obrigar o povo a enterrar-se no cemitério!

— Essa, a falar verdade! — disse um lavrador.

— Quero ver se lá me hão de enterrar a mim! — disse ameaçadoramente o Sr. Joãozinho, como se esperasse, ainda depois da morte, impor as suas vontades à força de murros e de pragas.

— Deram-lhe para dizer que fazia mal enterrar nas igrejas. É moda e acabou-se. Dantes enterrava-se lá toda a gente, e não havia mais doenças do que agora — isto dizia o padre.

— Os Romanos tinham as suas catacumbas — ponderou o mestre da latinidade, forçando as suas reminiscências romanas.

— Vamos — ponderou o Brasileiro, como quem vira pretexto de fazer novo discurso e como homem que punha acima dos despeitos a verdade científica. — O enterrar nas igrejas é anti-higiénico; porque os químicos sabem que. o ar que não é puro. é mau para a saúde pública. Ora os cadáveres. em putrefação produzem uns vapores que corrompem o ar. Há uns insetozinhos invisíveis que a gente respira. e vão para a massa do sangue e corrompem-na. e o resultado é a febre. porque a febre são os humores a ferver. como o vinho no lagar. e, se saem, muito que bem; e, se não saem, ficam retidos e azedam o corpo todo.

— A teoria fisiológico-patológica foi recebida com atenção igual à que merecera a económica.

— Tudo isso será assim — disse o padre — mas o conselheiro faz aquilo por instigações das lojas maçónicas e dos pedreiros-livres.

— Pois ele será também? — disse um dos lavradores, arregalando os olhos assustados.

— Ora que dúvida! Pois aquela gentinha é toda da súcia.

— Corja — respondeu o Sr. Joãozinho.

O Brasileiro, que se filiara no Brasil na Maçonaria, fez um discurso sobre os fins da sociedade, que ninguém entendeu; vendo, porém, que não calavam nos ânimos aquelas doutrinas, mudou repentinamente de rumo.

— Ele não será mação — disse daí a momentos o padre — mas é ver o que ele tem defendido nas Câmaras: queria roubar às irmandades e às freiras os bens que elas possuem; apeteceu-lhe o exemplo do cunhado, que se encheu com a compra do Mosteiro; queria acabar com o santo sacramento do matrimónio; queria que cada qual seguisse a religião que muito bem lhe parecesse. Vejam que cristão aquele!

— Estas novidades abalaram os lavradores, que formularam algumas palavras de censura.

— E também falou para acabar com os morgados e com os vínculos.

— A falar a verdade, os vínculos. — murmurou o Sr. Joãozinho, que por vezes tropeçara nas disposições da antiga lei vincular, ao caminhar na estrada da dissipação; porém, recordando-se de um irmão que tinha, casado e pai

de muitos filhos, que mal conseguia sustentar à custa de muito trabalho, a ideia da abolição dos morgados não lhe sorriu e exclamou com nova punhada: — Acabem lá com os morgados quando quiserem, que o que eu lhes digo é que tem de se haver comigo quem quiser tirar-me um palmo de terra!

O padre-cura continuou a tratar pouco cristãmente o conselheiro.

O pai de Madalena militara sempre, como já dissemos, nas fileiras do partido mais liberal, e por isso era-lhe em geral pouco afeiçoada a maioria do clero, que, entre nós, não esposa ardentemente aquelas ideias.

No princípio da sua carreira parlamentar, cedendo ao impulso do entusiasmo juvenil, o conselheiro desenrolara desassombradamente a bandeira do partido Progressista e pronunciara os mais absolutos artigos daquele credo político; liberdade era então o seu mote favorito: a liberdade do comércio, do ensino, da imprensa e dos cultos; as reformas consequentes nos códigos, a desamortização e desvinculação da propriedade, tudo advogara com entusiasmo, no tempo em que estas palavras soavam ainda

como heresias aos ouvidos habituados à letra de outro catecismo.

Com o tempo arrefeceu, porém, esse entusiasmo; dissipou-se-lhe com o fogo da mocidade. Conquanto liberal ainda de convicção, ensinou-lhe a política prática a rebuçar em fórmulas mais ordeiras os seus princípios doutrinários, a contemporizar, e até, quando as conveniências, infelizmente nem sempre as públicas, o pediam, a dar alguns passos de retrocesso e a transigir com o partido oposto.

Se o fizessem ministro, não se arrojaria a transformar em projeto de lei nenhuma daquelas medidas porque pugnara nos seus primeiros discursos, e que tantas malquerenças lhe acarretaram então.

Já atrás dissemos que o conselheiro era atualmente um espírito pouco apaixonado do ideal, respirava a atmosfera de desilusão e de ceticismo, em que nas grandes cidades se vive. Era um perfeito homem de corte: tratava cordialmente os seus adversários políticos, pedindo deles mercês e empregos para afilhados; fulminava-os às vezes da tribuna e depois apertava-lhes a mão nos corredores das

Câmaras e nas praças. Se o julgava vantajoso, pronunciava ainda uma daquelas frases sonoras, uma daquelas simpáticas divisas de política avançada, que no princípio da sua carreira adotara com sinceridade; mas não tinha já aos princípios o amor preciso para cair, abraçado neles, dos degraus do poder, se algum dia os chegasse a subir.

Por isso os soldados rasos do seu partido, os políticos em abstrato, únicos para quem a política é sempre ideal e lógica, o tachavam de froixo e tíbio; e de gazeta na mão há muito que lhe ditavam, do obscuro canto do país em que viviam, a estrada direita, de que ele, porém, a cada passo se desviava.

Apesar disso, o partido conservador e o reacionário, julgando-o por os seus primeiros discursos, continuavam de boa ou má fé, a acoimá-lo de ímpio, de republicano e de pedreiro-livre.

O Brasileiro entrou em dissertação a respeito de todas as medidas políticas a que se aludira.

Segundo o costume, ninguém o entendeu.

Ia ele no mais enredado da sua meada oratória, quando o som de um tropear de cavalos o interrompeu. Mestre Bento, que fora espreitar à porta, voltou-se, exclamando:

— Ele aí vem! Aí vem o conselheiro!

Todos se levantaram pressurosos para correrem à porta. O que mais de má vontade o fez foi ainda assim o Brasileiro.

Dentro em pouco todos se descobriam. Parava à porta o conselheiro, que montava um soberbo cavalo branco, e ao lado dele Ângelo, num pequeno baio de formas elegantes e olhar vivo.

O conselheiro cortejou com afabilidade palaciana os seus amigos e patrícios, dizendo a cada um uma frase lisonjeira, que dissipou quase todo o efeito da conversa que descrevemos.

Depois, fazendo sinal ao filho de que podia seguir para casa, dispôs-se para entrar na venda.

CAPÍTULO XII

O conselheiro levou a sua atraente amabilidade até se sentar nos bancos de pinho do estabelecimento de Damião Canada, envernizados já pelo uso de muitos anos.

Entre os circunstantes era qual mais o cumprimentava e oprimia com atenções e o flagelava com obséquios.

O conselheiro revestira-se, com muito estudo, de uma fisionomia satisfeita e sem sombras de reserva; tratando a todos por amigos, e conversando com aquela familiaridade, tão sabida de candidatos a procuradores do povo, nos círculos que pretendem representar. Até chegou a levar aos lábios o copo de vinho, que um lavrador lhe ofereceu.

Não se lhe percebia porém no rosto, ao fazer isto, o menor vestígio de artifício, e, ao mesmo tempo, mantinha-se ainda nele tão aparente a superioridade intelectual, que os seus interlocutores nunca excediam os limites da deferência. O pai de Madalena era um perfeito homem de corte: presença

agradável, modos insinuantes, palavras tão astuciosamente lisonjeiras, que desvaneciam os próprios que como tais as tinham.

Alvejavam-lhe já algumas cãs nos cabelos e suíças, que usava talhadas à moda inglesa; começava a predominar-lhe nas formas certa rotundidade característica; mas no esmero e até elegância distinta de casquilhice pretensiosa, com que vestia, no porte airoso, nos movimentos ágeis, no olhar penetrante como o de poucos, e na viveza das conversas, havia ainda tantos sinais de vigor e de virilidade, que ninguém se sentia obrigado a estranhar-lhe certos hábitos de rapaz, que não perdera ainda.

Em Lisboa passava o conselheiro por ser um homem benquisto das damas, e, não obstante os seus cinquenta e cinco anos, acreditava-se que assim fosse, ou quase se adivinhava, ao primeiro olhar lançado sobre ele.

Possuía o dom especial de se encontrar à vontade em toda a parte, desde o mais perfumado gabinete da moda, até o menos asseado local de um comício popular. Nas Câmaras com graves diplomatas, nos cafés com rapazes estouvados, na sua aldeia com eleitores absurdos, com atores e atrizes

nos bastidores, com padres nas sacristias, com militares nos quartéis, em toda a parte e com todos se achava este homem à vontade, acabando, quase sempre, por captar simpatias.

Podia dizer-se dele que, com igual perícia e rara consciência da oportunidade, jogava todas as armas: o galanteio cortesão, a frase conceituosa, o equívoco subtil, a anedota picante, o estribilho popular, a figura oratória, a máxima moral, e até a praga energicamente expressiva; mas, como os espadachins de profissão, jogava-as todas com frieza de ânimo, cada qual na ocasião oportuna e com perfeita observância do que o mundo chama conveniências sociais.

Muito tinham que fazer com ele os La Bruyères, que, a cada passo, aí encontramos no mundo; iludia os mais atilados. Às vezes parecia abrir-se tão do íntimo, tão completamente e sem condições nem reservas; havia tal unção de sinceridade nas palavras com que falava de si, dos seus projetos, dos seus sentimentos, que o mais desconfiado jesuíta sentir-se-ia tentado a acreditá-lo e nem sempre se enganaria; outras, falava verdade, mas com tais

hesitações na voz, com tal mobilidade no olhar, que, ao considerá-lo, a mais ingénua criança experimentaria o despontar da primeira dúvida.

Já se vê que um homem destes era um contendor de muita força, para poder ser combatido por qualquer dos influentes locais; o próprio Brasileiro, apesar de toda a sua economia política, ainda nada pudera contra ele; nem ousara romper hostilidades com receio de ficar vencido.

Durante os poucos momentos que o conselheiro se demorou na loja do Damião Canada, soube desvanecer muitas das sombras que a conversa que precedera a sua chegada tinha gerado em alguns espíritos. Três ou quatro lisonjas, outras tantas promessas, alguns conselhos modestamente pedidos com fingida ingenuidade, serviram-no perfeitamente.

Deixemo-los nós na laboriosa e pouco invejada tarefa de manter a popularidade e vamos seguir Ângelo, que se separou do pai à porta da venda, para chegar mais depressa ao Mosteiro.

Metendo a galope o pequeno baio que montava, dirigiu-se para casa com aqueles alvoroços no coração que conhece quem já foi estudante e se recorda ainda do que experimentava ao ver de longe despontar o telhado da casa paterna, onde vinha gozar as delícias de umas almejadas férias.

Ângelo tinha por este tempo treze para catorze anos. Era uma agradável figura de criança, expressiva de inteligência e de vida. Tinha nas feições um misto da delicadeza de Madalena e da energia varonil, e ao mesmo tempo atraente, do conselheiro.

O cabelo louro e curto levantava-se-lhe graciosamente em anéis naturais, com grande vantagem para a espaçosa e bem modelada cara.

Quando Ângelo chegou ao pátio, era quase noite fechada. As janelas do Mosteiro estavam todas obscuras, à exceção das águas-furtadas, correspondentes aos quartos das crianças. Ângelo desmontou e cautelosamente se dirigiu a pé para casa.

Torcato dormia à porta, como frequentemente lhe acontecia. Ângelo pôde assim penetrar sem ser percebido até o mais íntimo da casa, até os aposentos onde dormiam as crianças, e em cujas janelas avistara luz.

A cena que viu, ao entrar ali, insinuou-lhe no coração uma suave e consoladora alegria.

O mais novo dos seus primos, criança de três anos, estava meio nu e de joelhos sobre o leito, com as mãos erguidas e os olhos fitos num crucifixo que tinha à cabeceira. Madalena, ao lado dele, ditava-lhe as palavras da oração, que a criança repetia, cheia de fervor.

Nos quartos próximos palravam, ainda acordados, os mais velhos, apesar das continuadas advertências da prima.

Ângelo aproximou-se sem ruído, e, quando a Morgadinha se abaixava para beijar a criança, ele estendeu a cabeça e pousou também um beijo nas faces da irmã.

Madalena soltou uma exclamação de surpresa e cingiu-o nos braços com efusão.

A criança levantou um brado, que foi o sinal de revolta dado a Mariana e Eduardo, que cedo abandonaram os

quartos e correram a abraçar Ângelo.

— Vens só? — perguntou Madalena ao irmão, quando uma pergunta lhe foi possível.

— O pai ficou na loja do Canada — respondeu Ângelo. — Estava em sessão a assembleia dos notáveis. E como estás tu, minha Lena, tu e Criste e a tia? Como vai toda esta gente?

— Anda tu mesmo sabê-lo.

— Eu vou dizer à mamã — disse Mariana, saindo aos saltos.

Eu vou chamar Criste — disse Eduardo, imitando-a.

E saíram ambos, pregoando a chegada do primo.

O pequeno, que Madalena deitara, pedia, chorando, para se tornar a levantar, requerimento que a rogos de Ângelo, foi deferido.

— Diz-me — continuava no entretanto este para a irmã: — tens-te enfastiado muito, aqui só?

— Não, tenho-me divertido até.

— Deveras? E que fazes? Em que passas o tempo?

— Eu sei? O tempo é que passa, sem eu dar por isso. Leio pouco, passeio muito, trabalho mais.

— Que tens lido?

— Quase sempre relido.

— O quê?

— Nem eu sei já. O primeiro livro em que pouso a mão, quando os vejo sobre a mesa.

— O Augusto tem vindo ensinar os pequenos?

— Todos os dias.

— E o Tio Vicente? Que me dizes dele?

— Vai bom. Caiu no outro dia à levada da raiz do monte; valeu-lhe o Augusto para o salvar.

— Sim? Pobre homem! Olha naquela idade! E a tia Doroteia?

— Tem de hóspede um sobrinho de Lisboa, um Henrique de Souselas; conheces?

— Eu não.

— É provável que por aí venha. A tia Vitória insiste em que lhe chamemos primo. Aviso-te disso.

— Sim? E a tia? Ralha ainda muito com os criados?

— Coitada! Achei graça, há dias, à Joana, que com muita ingenuidade se me veio queixar de que ela até o anjo da guarda lhe ocupava em serviço próprio. Tu sabes que a tia, quando está com muito sono, tem aquele costume de dizer às criadas que a encomendem ao anjo da guarda delas. Mas vamos.

— Espera. e. e o Cancela trouxe-vos aquelas encomendas?

— Trouxe.

— É verdade; e a filha dele? A Lindita?

— Já cá me ia tardando a pergunta — notou a Morgadinha, rindo. — Essa anda contente, como quem nada tem a penalizá-la; nem saudades.

— Ora vamos, Lena; não te perdoo a malícia.

— Então deveras esse coração está assim tomado?

— Não te informo do meu coração, que o não levo comigo, quando daqui vou. Cá me fica; e uma grande parte dele no teu poder. Eu sou que pergunto: em que estado mo entregas?

— Muito doente.

— Sim? E o teu?

— O meu? Ah! nem eu sei dele. Olha: isto de corações são como as crianças. As travessas tantos cuidados dão às mães, que a todos os instantes querem saber o que elas fazem e onde estão; as sossegadas inspiram tal confiança, que nem sequer nelas se pensa. O meu coração é um modelo de serenidade.

— Então ainda nenhum cavaleiro errante ou trovador.

— O sítio é pouco abundante em heróis. O único destas imediações, capaz de ferir a imaginação e comover os afetos de uma mulher, é o Sr. Joãozinho das Perdizes; mas esse é um Actéon insensível, que.

— É verdade — disse Ângelo, rindo — lá vi também esse javali na venda do Damião Canada. Mas. Não sei que pense, Lena. Eu ainda um dia te hei de dizer umas coisas.

— A mim? A respeito de quê?

— Do teu coração.

— Que sabes dele?

— A seu tempo o direi.

— Como te vieram essas presunções de conhecedor dos corações alheios? Não tinhas isso, quando daqui foste.

— Às vezes vê-se melhor de longe.

— Os de vista cansada. de muito ver.

— Bem; depois falaremos. Vamos lá ter com a nossa gente, que o pai não tarda aí.

De facto, meia hora depois estava a família toda reunida numa das salas principais da casa. O conselheiro, sentado numa cadeira de braços, tinha ao colo Mariana; Cristina, a pé, encostava-se-lhe familiarmente ao ombro; a Morgadinha, sentada em tamborete baixo, apoiava o braço, em que recostava a cabeça, num dos joelhos do pai. Do outro lado da sala, D. Vitória, sentada no sofá, servia de travesseiro a um dos pequenos, que, apesar de prometer estar acordado, para que o deixassem ficar a pé,

adormecera. Junto deste, Ângelo fazia frequentemente rir a sua tia e Eduardo com as histórias que lhes contava.

A conversa cedo se generalizou. Era uma dessas conversas íntimas, familiares, em que se referem as mais insignificantes circunstâncias da vida doméstica; conversas cujo suave perfume só em família se aprecia.

Pobre do estranho que por acaso se encontra num desses círculos apertados pelos estreitos laços da amizade e do parentesco, e se vê obrigado a ouvir a minuciosa crónica das ocorrências da casa, que não é a sua! É uma patética ilusão a de certas famílias, que imaginam que para todos é de igual interesse a narração dos sucessos domésticos, que tanto as deleitam, e com ela entretêm o primeiro indiferente que se lhes depara; tudo trazem à luz: o dito agudo da criança de três anos, os incómodos que sofreu na primeira dentição, as espertezas do gato favorito, as razões ponderosas que aconselharam a mudança de um móvel, a combinação económica que favoravelmente modificou o orçamento doméstico, a reforma nos processos culinários consagrados pelo hábito de muitos anos, o exame comparativo da conserva de um ano e da do ano

antecedente, os defeitos e qualidades de um criado e mil outras pequenas coisas, que é forçoso escutar com ares de quem as acha curiosíssimas, o que obriga a esforços sobre-humanos.

É natural aquela ilusão; e patética a dissemos nós também, porque os que mais de coração se entregam à vida doméstica, são os mais sujeitos a ela. Todos estes episódios fúteis e pueris os preocupam e deliciam mais do que as mais estranhas peripécias que ainda concebeu a imaginação de romancista fecundo. E quem se lembra de que é individualíssimo esse interesse, inerentes à pessoa e não aos factos as causas que tão curiosos lhos fazem ser?

Eu e o leitor, estranhos à família do Mosteiro, ver-nos-íamos, se fôssemos escutar o diálogo que se travou na sala, na posição da pessoa indiferente que imaginamos a aturar um desses relatórios domésticos, a que sobretudo são tão inclinadas as mães de família.

É verdade que o conselheiro parecia achar curiosa a conversa; e o conselheiro tinha visto e ouvido tanto no Mundo, que o que ele achasse curioso é porque realmente o era. Desta vez, porém, damo-lo por suspeito, porque o

conselheiro tinha coração e, quando esta víscera se alvoroça com afetos, as inteligências mais elevadas têm destas simpáticas fraquezas.

O político, o diplomata reservado, ficava fora do portão da quinta do Mosteiro; ali dentro, naquele círculo de afetos, era o pai extremoso, o homem de família, ingénuo, sincero, aberto a todos, porque em todos confiava, contente por não ter de estudar na expressão dos rostos os pensamentos que se guardam; nas palavras, o sentido que nelas não vem explícito.

Era um salutar descanso dos continuados esforços da sua vida de Lisboa; lá a luta; aqui o repouso.

Por isso ouvia com atenção e aplaudia com vontade as narrações da cunhada, de Madalena, de Cristina e até da pequena Mariana.

E, apesar de todo este encanto, em que parecia cair, o conselheiro não poderia resignar-se a trocar por ele para sempre o vertiginoso movimento da sua vida política.

Eram-lhe já necessidade aquela contenção, aquele esforço de espírito, aquelas desconfianças contínuas, aquele jogo

de astúcias, que lhe tomavam em Lisboa todo o tempo.

Quinze dias no campo bastavam para o fazerem suspirar por as lides e o afã da capital; nem os afetos da família o retinham.

A política é uma embriaguez; nos intervalos em que o espírito se sente desanuviado dos vapores em que ela o envolve, pesam-nos os desacertos a que fomos arrastados; o desgosto do mal feito insinua-se-nos no coração; cedo, porém, a violência dos hábitos subjuga os remorsos da consciência, e de novo nos arrasta.

O carácter íntimo da conversação foi levemente modificado por a entrada de D. Doroteia e de Henrique de Souselas, que de Alvapenha vieram visitar o conselheiro, mal tiveram notícia da sua chegada.

O conselheiro acolheu com jovial cordialidade a senhora de Alvapenha e com delicada franqueza Henrique, que ele conhecia de Lisboa. Frequentavam ambos os primeiros círculos da capital e, por mais de uma vez, tinham trocado algumas palavras ou tomado parte em conversas e discussões comuns.

Passado algum tempo depois dos cumprimentos, o serão animou-se de novo, fragmentando-se, porém, a conversação.

D. Vitória tomou à sua parte D. Doroteia e passou a fazer-lhe amargas queixas a respeito dos criados do Mosteiro, ao que D. Doroteia acudiu com conselhos de resignação cristã.

Ângelo conversava com Madalena e Cristina, a quem frequentemente fazia rir.

Henrique e o conselheiro, próximos do fogão, estavam empenhados num diálogo muito animado.

O conselheiro parecia estar falando com uma sinceridade e candura que surpreendiam Henrique, que ainda o não tinha observado por esta face.

— É uma triste verdade — dizia por exemplo o conselheiro num ponto adiantado da conversa, referindo-se a algumas considerações de Henrique sobre a felicidade daquela vida do Mosteiro. — Tenho esta família que vê; todos me querem sinceramente aqui, e não sei resistir à fatal necessidade que me arranca de todos estes braços

para me lançar ao turbilhão da política e disso que se chama o mundo! Pois amo deveras a minha Lena, creia.

— É um dever que cumpre. Nestes tempos de má-fé política, quem se sente com a coragem de se votar, corpo e alma, à defesa despreocupada dos bons princípios.

Nos lábios do pai de Madalena passou um ligeiro sorriso, meio de descrença, meio de melancolia.

— Defesa despreocupada? Isso é quando Deus quer — respondeu ele. — Olhe, Henrique, visto que me veio encontrar na minha casa, a cuja porta eu deixo, ao entrar, todas as máscaras e artifícios de que uso no mundo, vai ver em mim o homem que talvez não esperasse e que, já lhe digo, debalde procurará reconhecer um dia, se me observar outra vez em Lisboa. O que lhe vou dizer não lho diria, nem lho repetirei lá. É verdade que estes ares do campo também atuarão em si para me apreciar e tomar à boa parte a franqueza. Lá não acreditaria nela; se por acaso não a aproveitasse como arma política contra mim.

— Pois julga?

— Peço perdão, se o ofendi com isto. Não era esse o meu intento, mas é prática tão geral! Se um dia for político, o que lhe não desejo, dir-me-á.

Dizendo isto, fez uma curta pausa na conversação.

Rompendo de novo o silêncio, o conselheiro prosseguiu:

— Mas falava aí de princípios, que se defendem com desassombro e através de tudo. Não sei se quis ser lisonjeiro e disse o que não sentia, ou mais do que o que sentia. Em todo o caso, eu, aqui no Mosteiro, acho-me muito às ordens da minha consciência, a qual não me deixa calar hipocritamente. Estou muito longe de ser esse ideal do homem político a que aludiu. Humildemente o confesso; até porque, se quisesse sê-lo, arriscar-me-ia a achar-me só; não teria partido. Porque, qual é o que vê aí nas condições de constância de opiniões que disse? Tenho crenças políticas, é verdade; esposo no coração certos princípios que quisera ver realizados, mas não combato por eles a todo o transe, nem por eles afrontaria o suplício; antes, por vezes, entro em transações, que são a completa negação da divisa das minhas bandeiras. E este pecado não sou eu só que o cometo; é um pecado venial da nossa época. As

grandes ideias, que definem e estremam os campos na política, havemo-las eu e os mais calcado muitas vezes aos pés, para sustentar umas insignificantes fórmulas, um interesse mesquinho, um capricho pessoal. A política desce muitas vezes a isto. E ninguém é isento de culpa neste mal. Para ele concorrem os mesmos que de fora nos julgam severamente. Há muitos destes pecados na minha carreira pública. E, quer que lhe diga: sabe quando vejo claro neles? Quando me persuado de que não são de todo desculpáveis? Quando. — porque o não direi? — quando sinto remorsos de os ter cometido? É aqui, é perante a boa-fé, a sinceridade, a candura desta família, que me tem amor, e que me considera um homem perfeito, superior, impecável. É perante os generosos sentimentos da minha Lena, e o carácter nascente daquela criança — e indicava Ângelo com o gesto. — Parece-me que tenho neles juízes inflexíveis, e escondo por isso a minha face política dos seus olhos penetrantes. Há muita coisa nela, para que o mundo é já indulgente, mas que receio que eles me não perdoassem.

Reparando para o olhar de estranheza com que Henrique lhe seguia esta efusão de sinceridade, o conselheiro acrescentou, sorrindo:

— Estou a ver que não esperava estas palavras da minha boca: esta confissão de pecador contrito.

— Confesso que não.

— Então que quer? Surpreendeu-me aqui com o coração aberto. Já agora deixe-me continuar. Uma das ideias que mais me atormentam sabe qual é? Vê aquela criança que ali está? Ângelo? É uma inteligência que, de dia para dia, vejo formar-se com um vigor de vida, que me espanta. Não é a vaidade paterna que me cega, pode acreditar. Conhecendo-o de perto, há de dar-me razão. Mas o que há além disso nele é um senso profundamente moral, raro até em idades menos tenras. Pois bem, quando penso nele por algum tempo — e conjetura que não serão poucas as vezes em que o faço. — quando penso nele e no futuro, sobressalto-me. De um lado, seduz-me abrir-lhe a carreira política, onde há grandes triunfos a embriagar as inteligências e onde pressinto que a dele terá o direito, se não o dever, de procurar um lugar; mas, se me lembro de que na atmosfera

daquelas regiões não duram muito estas primitivas canduras da alma, tão adoráveis e consoladoras, quando me lembro de que Ângelo será um dia. o que eu já hoje sou, um pouco desiludido, um pouco cético. com franqueza o digo, hesito em impeli-lo ao redemoinho e pergunto a mim mesmo se mais não valeria dizer-lhe: Ângelo, vive obscuro e tranquilo neste retiro do Mosteiro, conserva aqui a ideal pureza da tua alma e procura a felicidade nas satisfações do coração. A luta da vida pode embriagar-te, filho, mas não te fará feliz.

— Mas não admite possível que um homem possa atravessar a vida política, sem sacrificar um só artigo do seu primitivo credo?

O conselheiro esteve algum tempo silencioso; depois respondeu:

— É difícil. Se um dia a força das circunstâncias realizasse, como um fenómeno natural, uma revolução completa nas camadas políticas do país a ponto de trazer à superfície de uma só vez uma geração nova, impoluta, inspirada de sentimentos generosos e de sinceras crenças, então sim, não bastaria o tempo de uma vida para produzir

nesses homens reunidos, que uns aos outros seriam ao mesmo tempo exemplo e vigilância, a inquietação que eu receio. Mas lance esses mesmos homens, um a um, a sós com os seus princípios e com os seus esforços, insulados no meio de uma camada quase toda composta de elementos velhos, e cada um, após uma luta impotente de momentos, ou se retirará, fiel aos princípios, mas desanimado pela ineficácia da sua intervenção, ou ficará, cedendo à corrente e deixando-se penetrar do espírito pouco ideal, que rege as massas. Só um desses caracteres de exceção, que são raros na história do Mundo, é que poderia lutar e vencer na luta. E a esperar tanto de Ângelo não chega o meu afeto paterno.

— Não o fazia tão pessimista, Sr. Conselheiro — disse Henrique. — Conceda-me que julgue em demasia carregadas as cores do quadro que me faz. Eu não creio que a corrupção.

— Se acha forte o termo substitua-o por. o que quiser; relaxação, tibieza de fé política, indiferentismo. em todo o caso será uma doença social. Assim abrandada a força da expressão, não ponha dificuldades em adotá-la. Não se me

pode levar a mal o propô-la, desde que comecei por me declarar afetado da lepra contagiosa.

— Nunca esperei encontrá-lo tão desiludido. Eu, que me não tenho ainda assim por demasiado crente, creio que quem entrar na política sob a égide de uma convicção profunda, pode.

O conselheiro interrompeu-o.

— Sabe a coragem mais admirável? a de que menos exemplos existem? É aquela de que nos dá uma eloquente mostra a história do aldeão do Danúbio. Sair um homem de um canto retirado da província, um pouco montanhês, e, escudado só da sua boa-fé, achar-se de repente no meio de um círculo luzido, ilustrado, elegante, novo para ele, e ousar repetir aí aquelas falas rudes que tanto deliciavam o auditório da sua terra; ver o sorriso nos homens, que ao seu pesar respeita, e poder ressalvar as suas crenças daqueles sorrisos; sentir o ridículo ao seu lado, e ousar fitá-lo; ferirem-lhe os ouvidos, a cada passo, as vozes sedutoras da moral elegante e fácil, que hoje domina, e conservar-se fiel à austera e rude moral que lhe falava entre o rumorejar das folhas da sua aldeia nas longas horas de vigília e de

estudo, que lá teve; cair embora, mas cair fiel à consciência, como um leal cavaleiro da Idade Média caía pela dama de quem trazia a divisa: é uma espécie de luta, para que não abundam lidadores. E nem sempre se deve lançar o labéu de traidores aos que mentem à sua antiga profissão de fé. A maioria cede com boas intenções. O perigo está em chegar a persuadir-se de que as suas convicções eram sonhos, em perder o amor às utopias. Eu confesso que só quando aqui estou é que sinto avivar, debilmente, o amor que noutro tempo lhes tive.

Nisto anunciou-se a visita do Sr. Tapadas, fazendeiro opulento e um dos influentes eleitorais da localidade, criatura em corpo e alma do conselheiro, e tão visto em demandas e subtilezas de processos, como o mais rábula dos letrados. Demandista por gosto e ofício, levava a sua paixão pela arte a ponto de comprar as demandas dos outros, só por gosto de as tratar; espécie vulgar no Minho, onde uma legislação especialíssima, reguladora da propriedade rural, fomenta estas disposições no espírito dos campónios, das quais os juízes são as miserandas vítimas.

Depois de grande exibição de cortesias, para a direita e para a esquerda, o Tapadas dirigiu-se ao conselheiro, que o fez sentar ao seu lado, concedendo-lhe todas as provas de deferência e amizade.

O homem, que tão judiciosa dissertação acabava de fazer sobre a política abstrata, sentiu, na presença do recém-chegado, que de novo o abandonava o espírito da utopia e começou a tratar com ele política prática, sob a feição mais mexeriqueira que ela pode revestir.

Tratou-se dos pequeninos processos de preparar candidaturas, por força ou vontade dos representados.

Henrique deixou-os na conferência e foi sentar-se ao pé das senhoras, no grupo formado por Madalena, Cristina e Ângelo.

Escuso de referir o diálogo em que tomaram parte estes interlocutores; reproduziram-se nele os galanteios de Henrique a Madalena, a leve ironia desta e as respostas tímidas e silenciosos despeitos de Cristina.

D. Vitória e D. Doroteia entremeteram-se, dentro em pouco, na conversa, e, desviando-lhe o curso, fizeram-na cair sobre

o assunto das próximas consoadas.

Passado tempo, ouviu-se o conselheiro dizer, elevando a voz, para o Tapadas:

— Pois, meu caro Tapadas, que tenha paciência este bom povo. Com isso é que eu não transijo. Ninguém é mais condescendente do que eu, menos no que pode arriscar a vida de muitos e entre essas as dos que me pertencem. O abuso há de acabar. Por estes dias deve chegar uma portaria, mandando expressamente cumprir a lei. Consegui isso do governo. O cemitério fez-se. Eu fui o primeiro a dar o exemplo, levantando ali o sepulcro para a minha família. Depois disso, graças a um preconceito tolo, à má-fé de alguns padres, à frouxidão das autoridades e talvez a alguma incúria minha, ainda ninguém mais se enterrou ali. No entretanto quase todos os estios se repetem os casos dessas febres que a ciência atribui em grande parte aos miasmas da igreja, onde a extrema devoção deste povo acumula em certos dias, durante horas e horas, uma extraordinária quantidade de fiéis. Portanto, com isso não transijo. Hei de acabar com o abuso.

— Pois sim. mas agora na ocasião das eleições. Sr. Conselheiro, não sei se faz bem.

— Para compensação trataremos de apressar o princípio das estradas: também o pude conseguir.

— Inda assim. Receio alguns motins.

— Reprimem-se.

— O pior é que há de haver quem lance mão dessa arma contra nós.

— Quem?

— Ora! não falta quem. Basta o missionário, que já pregou contra isso.

— Não tenha medo. Quando muito, algum motinzito sem consequências. Leve-os por bem. E, se for preciso, fale ao ouvido desse tal missionário. O homem que quer? Provavelmente alguma abadia? Algum canonicato? É preciso ver isso.

— Ele diz que não quer nada.

— Bem sei, todos dizem o mesmo — disse o conselheiro, com a sua descrença de homem político.

Tapadas retirou-se mal assombrado. De facto a opinião pública era, por toda a aldeia, em extremo adversa aos cemitérios, e ele mesmo não estava de todo limpo do preconceito geral, mas a sua afeição ao conselheiro obrigava-o a digerir a disposição legal, conforme podia.

Depois de ele se retirar, o conselheiro disse, erguendo-se:

— Vem em má ocasião a medida, vem; é arrojada para as épocas eleitorais; se houvesse um chefe hábil que a aproveitasse, podia. Em todo o caso não transijo.

Eram dez horas quando se levantou a sessão, e Henrique voltou com a tia para Alvapenha.

CAPÍTULO XIII

Ao outro dia a impaciência de Ângelo não lhe permitiu longa demora no leito. Tardava-lhe o ver todos aqueles sítios, tão seus conhecidos; árvores que uma por uma distinguia, sebes, atalhos de campos, e quebradas de montes. A custo o puderam reter para o almoço; resignou-se, porém, a não ultrapassar, até então, os muros da quinta. Logo, porém, que sorveu à pressa o último golo de chá, partiu, veloz como uma lebre, sem nem sequer dar ouvido à enfiada de recomendações da sua tia D. Vitória, que teimava em o querer prevenir, com socos, gabão e guarda-chuva, de uma hipotética mudança de tempo.

Ângelo partiu. A tudo que via pelo caminho encontrava ligada uma recordação e uma saudade; mas seguia sempre, como quem não errava ao acaso pelos campos, antes era guiado naquele passeio por um intento, que tinha pressa de realizar.

Atravessou grande parte da aldeia, cortejado, cumprimentado e festejado por quantos encontrava pelos caminhos, ou às portas e janelas das casas, nos campos e nos ribeiros.

Chegou enfim à casa, onde já dissemos morar o recoveiro Cancela e a sua filha Ermelinda.

Era evidentemente aquele o termo proposto por Ângelo ao passeio matinal, porque retardou o passo à medida que se aproximava, e parou à porta da casa.

Achou-a fechada, mas não lhe causou isso embaraço.

Como quem estava habituado a vencer estes estorvos, sondou resolutamente o muro do quintal, construído de pedras soltas, e dispôs-se à escalada.

Com a agilidade e destreza próprias de quem passou na aldeia os primeiros anos da vida, o irmão de Madalena trepou sem vacilar até o alto do muro, e num momento poisou os pés no chão do quintal.

Vendo-se dentro da fortaleza, olhou em redor com precaução e, com mais precaução ainda, se dirigiu para um

bosquezito de laranjeiras, que era o lugar de recreio do pequeno horto.

Fora motivo destas precauções o ter já avistado, por entre os troncos e a rama baixa das laranjeiras, um vulto que se lhe afigurou conhecido.

Assim se foi aproximando sem que o pressentissem e, oculto por detrás de uma sebe de roseiras silvestres, pôs-se à espreita.

Era Ermelinda a pessoa que estava no laranjal.

Sentada sobre o tronco partido de uma laranjeira velha, que meses antes tinha sido derrubada, a filha do Cancela e afilhada da família Zé Pereira, tinha todas as faculdades aplicadas à decifração dos hieroglíficos caracteres de um pequeno papel manuscrito, que segurava nas mãos, e lia a meia voz. De vez em quando interrompia a leitura e, erguendo a cabeça para o céu, parecia repetir o que lera, como se pretendesse decorá-lo.

Ângelo aplicou mais o ouvido, a ver se alguma das palavras, que ela declamava, lhe revelava a natureza do manuscrito.

De facto, de uma vez, a pequena leu em voz mais audível, e ele escutou a seguinte quadra:

Que lamentável tragédia,

Que os meus olhos tristes viram!

E publicam minhas vozes

Aqueles que não ouviram!

E principalmente o rei,

Que se chama o rei tirano,

Nesta região remota

Do Egipto dilatado.

Depois de ler isto, a rapariguita levantou a cabeça e repetiu:

Que lamentável tragédia

Que os meus olhos tristes viram ...

Ângelo saiu do esconderijo, e, sempre vagarosamente e com precaução, veio colocar-se por detrás dela, sem que fosse pressentido ainda.

Tão perto chegou, que, por cima do ombro de Ermelinda, podia já ler as quadras que ela estava decorando:

Tenho mil línguas, mil bocas...

Ia Ermelinda continuar a ler, quando uma respiração mais profunda de Ângelo a fez desviar a cabeça.

Dando com os olhos nele, soltou um grito de sobressalto; depois sorriu e instintivamente procurou esconder no bolso do avental o papel que lia.

Ângelo segurou-lhe a mão.

— Que estavas a ler, Linda?

— Não é nada.

— Deixa ver.

— Não deixo.

— Porque não deixas?

— Para não ser curioso. Que modos são esses de andar a escutar a gente?

— Pois sim, sim; mas deixa-me ver os versos.

— Não são versos. Quem lhe disse que eram versos?

— Pois não ouvi? Que era isso de tirano e de Egipto, que dizias?

— Que há de ser? — disse afinal Ermelinda, dando-lhe o papel. — São os versos do auto dos Reis. Sabe agora?

— Do auto dos Reis? Ai, sim; está a chegar o dia! Mas que tens tu com o auto dos Reis?

— É que este ano o meu pai quer que eu seja a Fama.

— Viva! E que bonita Fama que vais ser! E já sabes os versos?

— Estava a decorá-los.

— Tenho mil línguas, mil bocas. — dizia Ângelo, lendo no princípio. — O que é pena é pôr uma chochice destas na boca de uma Fama como tu.

— Que está a dizer? Então os versos não são bonitos?

— Oh! Pois não são! — exclamou Ângelo, gracejando. — São uma perfeição!

E, tendo-os corrido com a vista, começou a lê-los com acentuação e ênfase comicamente exageradas.

— Ora ouve lá:

Sabei que aquele Herodes,

Lobo cruel carniceiro.

Tremendo de inveja pura

Lhe venham tirar o reino..

— Então que há que dizer a isto?

E prosseguiu:

Feria raios de fogo

De seus olhos com mudança:

E só pretende fazer

Alvo da sua vingança.

— Isto é claro e sublime!

— Lendo assim, pudera! — disse Ermelinda, rindo.

É preciso que advirta o leitor que estas quadras e o auto, a que nos estamos referindo, não são obra da nossa imaginação. Por aí corre manuscrito o auto, mais ou menos extravagantemente ortografado, segundo o sistema ou o capricho do copista. Em quase todas as aldeias dos arredores do Porto podem ver em cada ano representado este ou outro análogo, com aplauso e glória da arte. Às mãos nos veio uma dessas cópias, à qual, menos na ortografia, escrupulosamente nos cingimos.

Ângelo era talvez em demasia severo na apreciação crítica sobre o merecimento literário da obra, ao chamar-lhe uma

chochice. É raro que a musa popular não tenha, apesar da sua rudeza, alguma inspiração. Neste mesmo auto se encontram vestígios dela. Mas não é nossa missão apreciar as opiniões dos atores que pomos em cena; tão-somente as registamos, sem nos responsabilizarmos por nenhuma.

Ângelo redarguiu à reflexão de Ermelinda:

— Pois bem; para que não digas que é da maneira de ler que eles parecem chochos, repara; vou lê-los agora com toda a serenidade. Ora escuta:

Que quantos até dois anos

Em Belém fossem nascidos,

E toda a sua comarca

Matassem a ferro frio.

Sem exceção a pessoa

Que nos distritos se achasse.

Entendendo desta sorte

Que nós lhe não escapássemos.

— Olhem que sensaboria!

Esta divisão administrativa e judicial, em distritos e comarcas, que o autor fez na Judeia e que tanto parecia revoltar Ângelo, era uma destas liberdades shakespearianas, que se devem perdoar aos génios.

— E não foi assim? — perguntou Ermelinda, que não percebia ainda o motivo dos reparos de Ângelo. — Pois Herodes mandou matar todas as crianças da Judeia; então não mandou?

— Mandou, mandou; mas a Fama é que devia contar isso melhor.

— Melhor?! Então não é bonito este verso?

E Ermelinda, tirando o manuscrito das mãos de Ângelo, leu a seguinte quadra:

Para livrarem seus filhos Da morte dos inocentes, Dos braços faziam cruzes Aquelas mães impacientes.

Os instintos populares da filha do Cancela perceberam a beleza, talvez um pouco rude, do tocante quadro, que estes

versos exprimem.

Esta pequena contenda literária entre duas crianças podia dar margem a profundas reflexões a quem para elas estivesse disposto.

Ângelo estava no princípio de uma educação esmerada. Principiara já a desenvolver-se nele a inteligência, e a acordar os instintos artísticos, que estremeciam já sobre as primeiras seduções da forma. Nestas épocas críticas, em que esses segredos se revelam, é tal o encanto em que eles nos trazem, que exclusivamente nos votamos ao novo culto, com fanática intolerância. Onde as louçanias do estilo, os primores e a sonora harmonia do metro, e o brilhantismo das imagens nos não afagam os sentidos, recusamos demorar a vista; e escapa-nos assim na sombra muita beleza real, às vezes oculta sob a grosseira revestidura da poesia ou narrativa popular.

É necessário que passe o entusiasmo, a violência da paixão nascente, que venha a frieza de ânimo necessária à imparcialidade do juízo, para que nos não cause repulsão a aspereza, e grosseria até, da forma, e consigamos apreciar o belo que porventura nela se envolva.

Dá-se com a beleza da ideia e da forma de qualquer obra literária, o que se dá com a beleza moral e a beleza física de uma mulher.

Ambas sã o feitas para nos comoverem e dominarem. Mas, quando o assomar de um sentir novo começa a alvoraçar o sangue do adolescente, quando formas vagas e formosíssimas começam a encantar-lhe os sonhos da suas noites febris, a paixão da forma domina-o; por ela sacrifica tudo: uma modelação perfeita, um delineamento gracioso poderá decidir da sua vida inteira, e, na fascinação que o cega, nunca verá a formosura da alma, que se abriga numa pouco feliz encarnação. É que, para apreciar a beleza moral, para a ver transparecer através do invólucro exterior, é preciso deixar passar a vertigem dos primeiros momentos, ou não a ter ainda experimentado.

Por isso na infância e nas idades viris é que melhor se apreciam essas fealdades, que escondem um coração angélico. A adolescência é impiamente cruel para com elas.

Por uma lei análoga é o povo, o símile da criança, porque não tem os sentidos educados para as mais subtis belezas da forma, e é o homem a quem ela já não fascina, embora

ainda e sempre o deleite, como poderosíssimo elemento de beleza literária, — são estes os leitores que mais aptos estão para avaliarem uma ou outra inspiração que, entre muitos desvarios, tem a humilde musa que visita a cabana do lavrador ou a oficina do artista.

Apesar da defesa de Ermelinda, Ângelo não perdoou ao auto.

— Sabes que mais? Não decores isso — disse-lhe ele resolutamente.

— Meu pai quer.

— O que é que quer o teu pai?

— Quer que eu entre no auto.

— E hás de entrar. Quem te diz que não?

— E quer que seja a Fama.

— E hás de ser a Fama.

— E não hei de falar?

— Hás de falar. Tinha que ver uma Fama que não falasse. Para que lhe serviriam as cem bocas?

— Então?

— Então, é que não é forçoso que digas o que aí está.

— E que hei de eu dizer?

— Outra coisa.

Ermelinda olhava Ângelo, admirada, sem conseguir compreendê-lo.

— Outra coisa! — repetia ela, instintivamente.

— Olha — prosseguiu Ângelo. — Daqui até chegar o dia do auto vai muito tempo. Eu te darei outros versos para estudares, em lugar desses.

— E onde os tem?

— Eu os procurarei. Não digas tu nada. Basta que no dia recites, em vez desses, os que eu te der!

— Mas que dirá o meu pai e o Sr. Pertunhas?

— O mestre de latim? Pois que tem ele com o auto?

— É quem ensina como a gente há de dizer.

— Ah! sim? Pois, para que ele nada diga, guarda para a ocasião os versos que eu te arranjar. Até há de ter graça

ver a cara com que eles ficarão todos, quando lhes sair uma coisa bem diferente do que esperam.

— Mas. diga: onde é que vai buscar esses versos?

— Não sairei da aldeia para isso. Numa visita que daqui vou fazer, conto obtê-los. Agora falemos de outra coisa. Que é do teu pai?

— Saiu a entregar umas encomendas. A minha madrinha, dali em frente, está para a igreja e o meu padrinho nas hortas. E eu vou tratar do jantar do meu pai.

— Pois vai, que eu faço-te companhia.

E Ângelo seguiu-a à cozinha, e aí, ela sentada na soleira da porta a escolher hortaliça, ele a dar de comer aos coelhos e às galinhas, se entretiveram a conversar.

Ângelo falou-lhe de Lisboa, dos teatros, contou-lhe enredos de dramas que o tinham comovido; tipos e situações de romances, que se lhe tinham gravado na memória; invenções da arte moderna, versos, anedotas, contos.

Ermelinda era toda ouvidos a escutá-lo.

Passadas horas, Ângelo levantou-se e despediu-se, para sair.

— Onde é que vai?

— Vou visitar Augusto, que deve estar agora em casa.

— E ainda o não viu?

— Ainda não. A minha primeira visita foi esta.

— Então vá, que ele deve estar morto por o ver. Ah! já sei a pessoa a quem vai pedir os versos!

— Quem te disse que Augusto os fazia?

— Eu vi-o estar a escrever na parede da capela da Senhora da Saúde de uma vez que eu ia levar o jantar ao meu padrinho, que estava a trabalhar para aqueles sítios.

— E leste-os?

— Não, que não quis que ele me visse. Mas que havia ele de escrever na capela? Então não adivinhei?

— Não sei. Adeus.

— Diga.

— E chamavas-me curioso!

E Ângelo saiu apressadamente.

Momentos depois estava com Augusto.

A conversa entre ambos teve toda a intimidade de dois afetuosos amigos.

Ângelo fez a narração dos episódios da sua vida de colégio; das dificuldades e das belezas dos seus estudos naquele ano. Augusto, que da aldeia com ele os seguia, passo a passo, interrogava-o sobre algumas dúvidas que tinha, e esclarecia às vezes também, graças à sua poderosa penetração e natural lucidez, as que o ensino do colégio tinha deixado no espírito do seu antigo discípulo.

A Geografia e a História, que eram as disciplinas estudadas naquele ano por Ângelo, deram assunto a grande parte deste diálogo.

Augusto inclinara-se aos estudos históricos, inclinação em que o ervanário o entretinha com frequentes presentes de livros daquele género.

Em exame de livros novos, referências a outros lidos, e leituras de alguns mais apreciados, passaram os dois

grande parte da manhã, até que por fim Ângelo disse a Augusto:

— Ah! é verdade! Tenho um favor a pedir-lhe.

— Qual é?

— Sabe que está para breve o dia dos Reis?

— Sim.

— E portanto o auto com que o povo daqui o festeja; aquele auto em que Herodes faz tremer meio mundo?

— Bem sei — respondeu Augusto sorrindo.

— Este ano teremos a Linda a fazer de Fama. Fama bonita, por certo; mas se soubesse os versos que lhe deram para recitar!

E Ângelo reproduziu, como pôde, as quadras do monólogo da Fama no auto dos Reis.

De vez em quando passava um sorriso pelos lábios de Augusto.

— Eu já conhecia isso. É o costume — disse ele por fim.

— Mas não lhe parece que de uma Fama como aquela se devia esperar melhor do que isto?

— E então o que quer que eu lhe faça?

— Outros para o lugar destes.

— Outros! Eu? — perguntou Augusto.

— Porque não?

— Que lembrança!

— Não me venha negar que os faz.

— Versos?

— Sim.

— Quer dizer que os leio.

— E que os escreve. Vamos. Mas, se insiste em recusar, diga-me então quem é que os escreveu na parede da capela da Senhora da Saúde para eu me dirigir a ele.

— Então houve quem escrevesse versos na parede da capela? — perguntou Augusto, sorrindo.

— Não que eu visse; mas já duas pessoas mo afirmaram, e as suspeitas de ambas recaíram no mesmo homem.

— Quem foram essas pessoas?

— De uma o ouvi agora mesmo. Foi Ermelinda.

— Ah!

— A outra foi Lena.

— Le... A Sra. D. Madalena?

— É verdade, minha irmã. E estranhou, com razão, que eu o não soubesse.

— E como o soube ela?

— Leu-os, e pela leitura conjeturou o autor.

Augusto calou-se como absorvido por um pensamento, que todo o preocupava.

Ângelo continuou falando, sem que fosse escutado; afinal concluiu, dizendo:

— Então quer falar ao poeta da ermida para que me dê o que lhe peço?

— Poesia não lhe pode ele dar; agora se. alguns versos o satisfazem.

— Sim, sim, venham os versos; que a poesia eu a procurarei neles, até a achar. Desde já lhos agradeço.

— A ele?

— A ambos — respondeu Ângelo, rindo. — E agora diga-me Augusto: ainda está resolvido a viver aqui sempre enterrado? Não pensa em mudar de vida?

— Nenhuma outra me namora mais; o destino que a bondade da Morgada me oferecia. não tenho coragem para aceitá-lo. Assusta-me o peso do crepe.

— Nem eu lhe digo que deva aceitar esse. Mas o Augusto não terá amigos que o ajudem a seguir outros destinos menos obscuros do que este e menos pesados do que o que o legado lhe impunha? Meu pai já.

— Que quer? Não me posso vencer até pedir ou aceitar de outrem auxílios, quando Deus mos não tem recusado ainda; nem sei até se esses destinos, que diz menos obscuros, me fariam mais venturoso. Há índoles que nasceram afeiçoadas para a obscuridade. Incomoda-as a demasiada luz. Umas plantas querem ar, e sol e luz; outras

vivem aí em qualquer canto escuro e obscuro, e lá mesmo dão flor. Porque é isto não sei, mas.

— Sei eu — disse uma voz da parte de fora da janela, junto da qual se passara o diálogo.

Voltaram-se os dois ao ouvi-la. A figura do ervanário desenhava-se no vão da janela, como um retrato de velho num caixilho de galeria.

— Ah! o Tio Vicente! — exclamou Ângelo, correndo-lhe ao encontro.

O ervanário encostou-se, ainda de fora, ao peitoril da janela, ficando assim com meio corpo para dentro da sala.

— Viva o nosso doutor! — disse ele, sorrindo, a Ângelo. — Por enquanto ainda esse coraçãozito está como era. Não esqueceu os seus amigos da aldeia.

— Está como sempre estará — respondeu Ângelo.

— Sempre! — repetiu o velho. — Sempre e nunca são duas palavras de terrível significação. Mas enfim. de bom metal é o coração; assim o não enferrujem os ares da cidade, como ao de. como ao de tantos.

E, mudando subitamente de tom, disse para Augusto:

— Com que dizias tu que não sabes porque algumas plantas vivem de pouca luz e de pouco ar, aí em qualquer buraco do muro? É porque vivem muito pelas raízes essas. As plantas vivem do ar pelas folhas e vivem da terra pelas raízes. Lá diz aquele livro da História Natural que eu tenho. Umas prendem-se pouco ao chão; precisam, pois, de se abrirem muito ao ar para poderem viver; outras, porém, profundam tanto na terra, com tantas raízes se seguram, que delas lhe vem todo o sustento e não desdobram muitas folhas, nem crescem em grandes ramos para o ar. Como umas e como outras há homens no Mundo. Tu és dos que deixam ganhar raízes ao coração e delas vivem. Que te importa o mais? Essas grandezas que os outros procuram? Mas é preciso cautela, rapaz! Há corações como a hera que, onde quer que se encosta, prende-se com raízes. Quem é assim deve dirigir com prudência as suas inclinações. Se para mau lado dobra, se se encosta a árvore de preço. mal dele! que o separarão com força, fazendo-lhe estalar todas as raízes, que o prendiam.

As palavras, de uma obscuridade sibilina, ditas pelo ervanário, parecia terem um sentido para Augusto, que visivelmente se perturbou ao ouvi-las.

— Que está aí a dizer, Tio Vicente! — disse Augusto, sem ousar fitar o velho.

— Nada. Tonterias de velhice. A prudência que os anos dão vê longe e fundo, rapaz. É verdade que. às vezes. o arrojo dos jovens é também guia feliz. Anda lá com a tua estrela, anda. Ao que já vejo, não sei se te possa chamar louco. como ao princípio não duvidei fazê-lo. É certo que é pouco seguro o terreno em que sustentas os teus castelos.

— Os meus castelos! Que castelos faço eu?

— Não hei de ser eu que tos mostre. Só te quero avisar que não ponhas grande fé em sonhos. Lembras-te do que se passou no monte da ermida?

— No monte da ermida?

— Não viste por lá no outro dia uns sinais de trovoada? A inconstância é sempre de recear. O que naquela manhã se passou, o que então vi.

— Que viu? Que se passou?

O ervanário demorou por algum tempo o olhar em Augusto e com tal expressão, que o obrigou a desviar o seu; depois acrescentou:

— Nada; o que todos os dias acontece. O céu azul fez-se pardo, a luz clara cobriu-se de sombras, os raios do Sol tornaram-se torrentes de chuva. Pois não te lembras? E tudo devido a uma mudança. de vento. a uns ares que vinham do sul.

Augusto não entendia ou fingia não entender estes misteriosos dizeres do ervanário. Ângelo estava distraído deveras.

O velho voltou-se, de súbito, para este, perguntando-lhe:

— Tem ido ao mosteiro o hóspede de Alvapenha?

— Esteve lá ontem.

— É amigo das crianças?

— Parece-o.

— Conta muitas histórias às senhoras?

— Entretém-nas bastante.

— E ao teu pai? Ouve-o com atenção?

— Conversaram muito toda a noite.

O ervanário parecia ligar grande valor a estas perguntas, porque, a cada resposta obtida, abanava pausadamente a cabeça com certo ar meditativo.

Augusto relanceava também para a cara, meio contraída, do velho um olhar entre curioso e tímido.

O ervanário prosseguiu:

— Enfim. A desconfiança é um achaque de velhice, e nem sempre os mais felizes são os mais acautelados. Deus que vele, se os bons Lhe merecem ainda a graça da Sua proteção.

— O Tio Vicente desconfia do primo Henrique? — perguntou Ângelo, rindo.

— Primo?! — repetiu o velho, admirado.

— Primo lhe chamamos nós, porque a tia Vitória teima que, sendo ele sobrinho da tia Doroteia, é nosso primo também.

— Ah? Já aí vamos? E Lena?

— Lena, Criste, todos lhe chamam por lá assim.

O ervanário pôs-se a murmurar algumas palavras ininteligíveis, terminando por estas:

— E, como no Egipto, é o vento sul que traz a praga dos gafanhotos. Mas Deus que vele, Deus que vele. E eu não me demoro mais, que vou ainda daqui aos pardieiros de Cernuche.

— À caça dos sapos, Tio Vicente? — perguntou Ângelo, gracejando.

— Não, que não é agora o tempo — respondeu, sisudo, o velho.

— Dos sapos! Galante caça, na verdade! — continuou Ângelo no mesmo tom.

— Galante não será ela, pequeno — respondeu o velho — ; mas abençoada a chamarias se te torcesses no leito com as dores do carbúnculo, que não há remédio mais eficaz para o curar do que a pele destes animais seca ao ar livre.

— E a das toupeiras? O Tio Vicente também caça toupeiras?

— Em seu tempo. Oh! a toupeira é animal de abençoadas virtudes! Basta que um dente que se lhe arranque, estando ela viva, trazido ao pescoço, cura a mais desesperada dor de dentes.

Não deve ser fácil operação a de tirar os dentes à toupeira — disse Ângelo.

O ervanário continuou:

— A quinta essência das toupeiras é milagrosa contra cancros e herpes.

— A quinta essência das toupeiras! — repetiu Ângelo, rindo.

— Não rias, criança — acudiu severamente o ervanário. — Que não é bonito rir do que homens doutos asseguram. Eu já o experimentei, logo que o li naquele grande livro da Polianteia, livro como se não faz hoje outro.

— E como é que se tira a quinta essência a uma toupeira, Tio Vicente?

— Tomam-se as toupeiras e queimam-se até as fazer em cinzas. Mistura-se a estas cinzas o sumo de celidónia-maior, até haver quatro dedos de sumo acima das cinzas. Mete-se tudo num vidro bem fechado, que se enterra por dez dias e. e. Bem, bem. Ele ri! Tolo sou eu em gastar tempo e paciência com crianças.

— Espere, espere, Tio Vicente. Não vá embora. Então depois de enterrar tudo isso, que se faz?

— Até logo. Pede a Deus que nunca te seja preciso fazer a pergunta com menos vontade de rir.

— E assim vai sem me dar um remédio! Olhe, Tio Vicente, eu padeço às vezes de um sono tão pesado que me não deixa estudar.

O ervanário voltou-se e, com toda a seriedade, respondeu:

— E julgas que não sei de remédio para isso? Experimenta e verás. Mete um ou dois morcegos debaixo dos travesseiros e eu te afirmo que. Mas adeus, que se me faz tarde, e daqui a Cernuche é uma légua.

E o ervanário retirou-se, meio agastado com o ceticismo de Ângelo e sobraçando a caixa de lata e o saco dos seus

tesouros medicinais.

Ângelo e Augusto ficaram rindo da ciência e das singularidades do velho, riso em que não entrava, porém, o menor laivo de malignidade; porque ambos tinham pelo velho uma verdadeira estima, que ele bem lhes merecia, pois sempre do coração o achavam votado ao seu favor.

O diálogo de Ângelo e de Augusto prolongou-se ainda até às horas do jantar.

CAPÍTULO XIV

Eu não sei se esta história terá leitor tão mal-aventurado, que não possua recordações e saudades associadas à noite de Natal, aquela festiva e abençoada noite, em que as ruas e os lugares públicos se despovoam, e nos lares domésticos parece crepitar e cintilar o fogo mais acalentador do que nunca. Se algum deserdado da fortuna há aí que não saiba o que é a festa das consoadas em família, esse que não leia este capítulo, que nele não encontrará prazer. Se alguns as gozaram já noutros tempos, porém hoje erram a essas horas pelas ruas solitárias, olhando com inveja para cada raio de luz que rompe das frestas de tantas janelas discretamente fechadas, ouvindo comovidos o ruído das alegrias que vão no seio das famílias, e pela fantasia criando em cada morada um mundo íntimo de afetos e de venturas como o de que a sorte os privou, que esses me perdoem as amargas saudades, que porventura lhes avive assim.

É certo que não há noite mais alegre; alegre desta alegria que vai direita ao coração, sem perturbar os sentidos com fumos de embriaguez; alegre deste alegria cândida a que o homem é sujeito do berço à velhice, a qual respeitam os estos das paixões, na idade delas, e o gelo do egoísmo, no declinar da vida.

Bem escura, bem ventosa, bem fria e húmida surjas tu sempre, noite de vinte e quatro de Dezembro, que melhor então se avaliará pelo contraste a luz, o calor, o aconchego dos lares, e mais íntimos se estreitarão os círculos da família em roda da ceia patriarcal.

E vós todos, a quem uma moda tola não constrangeu ainda a abandonar os hábitos que de pequenos contraístes, e festejais ainda o Natal de Cristo segundo o estilo velho, continuai a manter genuínos esses costumes nacionais, que não resultará daí desdouro para o vosso nome ou brasão. A roda da civilização, a que aplicais ombros com tanto denodo, não se cravará por isso. — Podeis, elegantes meninas, cantar loas sem escrúpulo diante do presepe armado na sala mais íntima da casa, que nem por isso cantareis pior na das visitas as árias italianas que

aprendestes no colégio; não coreis de colaborar, por exceção, esta noite nos misteres da cozinha, que sobra de água-de-colónia e perfumes tendes no toucador para as abluções purificatórias. Homens graves, a república perdoar-vos-á uma pequena infidelidade, a política do país e da Europa não periclitará, desnorteada, se, por um pouco, lhe negardes a vossa atenção; humanizai-vos, pois, uma vez por ano, e baixai ao seio da família os olhares que poderosos empenhos vos trazem sublimados. — Entrai com as crianças em jogos pueris e fáceis, que não destemperareis a inteligência para as filosóficas cogitações do boston e do whist.

A família do Mosteiro era fiel às clássicas usanças desta noite tradicional. E naquele ano sobretudo as festas das consoadas deviam ser coisa falada, graças ao plano de D. Vitória de reunir no Mosteiro a resumida família de Alvapenha; plano que vimos aprovado por aclamação por toda a assembleia presente.

D. Doroteia veio efetivamente na companhia de Henrique de Souselas e de Maria de Jesus.

Foram recebidos no Mosteiro por uma completa ovação das crianças.

D. Doroteia viu-se literalmente enlaçada em braços infantis, que lhe tolhiam os movimentos e que, dizia ela, quase ameaçavam asfixiá-la.

Tudo isto dava motivo a exclamações e risos, que inauguraram um estado de coisas, o qual nunca mais devia cessar aquela noite.

A balbúrdia, a azáfama festiva que ia no Mosteiro é indescritível. Na cozinha, nas salas, nos corredores tudo era movimento e ruído.

Aqui eram as crianças jogando, a pinhões, o «par-ou-pernão» e o «rapa», jogos popularíssimos e da ocasião, que, de tão conhecidos, dispensam o trabalho de descrevê-los. Estes jogos, como é de prever, não se executavam sem um concurso de vozearia e de algazarra, que desafiava a impaciência de D. Vitória, a qual, segundo o costume, ia, pelo que se passava na sala, ralhar com os criados à cozinha.

No aposento imediato ao quarto de D. Vitória, armara-se o presepe, diante do qual ardiam seis velas de cera em castiçais de prata maciça.

As duas velhas senhoras, D. Doroteia e D. Vitória, encetaram logo no princípio da noite uma longa e devota reza, meio recitada, meio cantada, a qual se continuava com uma interminável enfiada de Padre-Nossos e Ave-Marias, a que respondia, em coro, a parte feminina da família, as crianças e as criadas.

Corifeu era a senhora de Alvapenha, que, em voz trémula e quebrada pela idade, entoava em singela cantilena coplas como esta:

Ó infante suavíssimo,

Vinde, vinde já ao mundo

Livrar-nos do cativeiro

Deste jazigo profundo.

E seguia-se um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

Ângelo tinha, ao princípio, com as suas travessuras, desordenado um pouco o andamento regular das rezas, mas D. Vitória tomou o heroico expediente de o expulsar do congresso, e tudo serenou.

À sala, onde Henrique de Souselas conversava com o conselheiro em assuntos, todos desta vez longe da política, chegaram as surdas harmonias daquelas cantigas e rezas. Henrique mostrou curiosidade de saber o que era aquilo. O conselheiro, sorrindo, convidou-o a segui-lo para por si próprio se poder informar.

E, tomando por aposentos interiores, conseguiram ambos introdução na sala da novena, justamente ao lado de D. Vitória e de D. Doroteia, que, de embebidas que estavam nas suas orações, nem por eles deram.

O conselheiro e Henrique ajoelharam sisudamente ao lado daquelas boas senhoras, e, quando, após um dos Padre-Nossos, ditos por D. Doroteia, se devia seguir a resposta do coro feminino, este, emudecido com a chegada dos dois, a qual desafiara risos a custo sufocados, foi substituído por

um dueto de vozes masculinas, que sobressaltaram primeiro, e escandalizaram depois ambas as sisudas senhoras.

O tumulto que o episódio produziu fez atrair as crianças;

D. Vitória teve muito que fazer, muito que repreender o cunhado, muito que ralhar com os filhos e com o sobrinho, muito que carpir-se com D. Doroteia, muito que recriminar os criados, rindo-se, bem ao seu pesar, no meio de todas estas tarefas.

Terminou confusamente a novena com tal ocorrência. Os desordeiros somente capitularam, consentindo em retirar-se, quando lhes prometeram que se encurtaria a lista dos Padre-Nossos. Henrique voltou com o conselheiro a admirar o primor que a paciência de um artista imaginoso realizara na confeção do presepe, onde estavam representados todos os episódios da natividade de Jesus, e muitos outros.

Era efetivamente uma complicada máquina aquele presepe, e seria prova de profunda indiferença artística passar por ele sem um exame, embora fugaz.

Este traste, antiquíssimo na família, gozava de nomeada num círculo de léguas em redor. Havia empenhos para o ver no tempo do Natal, e, se algum viajante estacionava dois dias na aldeia, encontrava sempre quem lhe recomendasse o visitar o presepe, como coisa digna de ver-se.

Consistia ele numa espécie de Santuário de pau-preto, no meio do qual havia uma pequena gruta toda cravejada de caramujos, e rosas de papel com estames de fio de prata. Dentro desta gruta estava deitado o menino Deus, não sobre umas palhas, como a tradição refere, mas graças aos impulsos do compadecido coração de D. Vitória, que, ainda que tarde, parecia tentear um lenitivo aos antigos rigores da humanidade, numa bonita cama de lençóis de renda com cercadura doirada; colcha de cetim bordado, e colchão e travesseiros da mais macia penugem de aves americanas. Ao lado, Nossa Senhora e S. José, de proporções quase iguais às do menino; mais longe a vaca e a mula tradicionais. Os episódios, porém, eram inquestionavelmente o mais interessante da obra. Vários grupos de pastores, soldados e fidalgos de todos os

tamanhos, feitios e vestuários, ornavam a cena. Ali um cego tocador de sanfona; um grupo de galegos dançando, ao som da gaita-de-foles; uma pastora com ovos mais adiante; ao lado, um grupo celebrando um picnic, perfeita atualidade, tudo em mangas de camisa, com gravata e botas de cano; — outros fumando e bebendo cerveja. Uma amazona inglesa com o seu jockey galopava pelas cercanias de Belém; um vareiro e uma vareira caminhavam a par com ofertas para o menino. Ao longe, nos visos da serra, apareciam os três Reis Magos, que deviam levar dez dias a chegar abaixo.

Não esqueceu o inspirado autor daquele monumento escultural os muros de Jerusalém. Eles lá estavam coroados de ameias e de milicianos fardados à inglesa e armados de lanças e arcabuz. Eram gigantes aqueles guerreiros, pois, não obstante estar a muralha no plano do fundo do quadro, qualquer deles era duas vezes maior do que as figuras do plano da frente. Do alto da muralha arvorava-se a bandeira portuguesa. Havia vários santos espalhados pelas agruras daquelas montanhas, e, entre os aditamentos feitos pela devoção de D. Vitória ao presepe, contava-se o de um Santo

António de Lisboa, que, apesar de taumaturgo, parecia muito admirado de se ver naquele tempo e lugar. Um galo colossal soltava do telhado do presepe o grito anunciador; anjos e querubins espreitavam do Céu por entre nuvens de algodão e estrelas de ouropel. Era um prodígio!

Descrevendo rapidamente esta maravilhosa fábrica, sentia eu vivo orgulho de ter revelado ao Mundo uma preciosidade sem igual, e a que a unânime admiração faria cedo ou tarde justiça; tive, porém, de abandonar esta lisonjeira ideia, ao achar-me precedido por um dos romancistas mais justificadamente populares da nação vizinha. Das páginas de um delicioso quadro de costumes de Fernán Caballero, a eminente escritora de que a Andaluzia se ufana, conheci eu serem não somente nacionais, mas peninsulares pelo menos, estes modelos de presepes, com os seus ingénuos anacronismos, cunho irrecusável que o povo imprime a todas as suas obras de arte. Onde falta o anacronismo, falta a assinatura do povo.

Em todo o caso era digno da menção que dele fizemos o presepe do Mosteiro.

Enquanto Henrique e o conselheiro o estudavam por miúdo, D. Vitória fizera desfilar o cortejo das criadas para a cozinha, onde urgia o serviço, e, seguindo-as, ia-lhes demonstrando que eram as piores criadas do Mundo, por isso que, tendo tanto que fazer, perdiam tempo a cantar loas diante do presepe. D. Doroteia cedo tomou com Madalena e Cristina o mesmo caminho.

O conselheiro e Henrique ficaram nas salas com os pequenos, e com eles entraram em jogos, como se fossem crianças também.

O aspirante a ministro, o deputado, o orador, o homem grave e sério das salas de Lisboa perdera todo o ar diplomático; agora era somente o homem de família: pueril, travesso, alegre, folgazão.

— Meu caro — dissera ele a Henrique no princípio da noite — vou fazer-lhe um pedido. Hoje deve ser banido o menor assunto político, a menor discussão séria. Deixe-se correr frívola a conversa da noite; o contrário seria uma profanação, que atrairia sobre nossas cabeças as justas iras dos anjos domésticos, que nestas noites andam invisíveis misturados com a família.

— Apoiado! — respondeu Henrique. — Aceito e comprometo-me a cumprir a proposta.

Henrique possuía em alto grau o talento de se tornar agradável. Compreendendo que eram sinceros os desejos do conselheiro, tão frio e pueril conseguiu mostrar-se, que todos o tratavam como membro da família, e ao próprio conselheiro parecia já impossível que ainda fossem tão recentes as suas relações mais íntimas com aquele rapaz.

— Ânimo, Sr. Conselheiro — dizia-lhe Henrique, no momento em que eles ambos estavam empenhados a jogar a cabra-cega com os pequenos. — Coragem! que temos gloriosos exemplos a animar-nos; até entre outros, o do meu homónimo Henrique IV. É sabido o episódio recordado por uma gravura célebre.

O conselheiro secundava-o, rindo. Graças a estes jogos a sala estava dentro em pouco em desordem: os móveis fora da sua posição, o chão alastrado de cascas de pinhões, que estalavam sob os passos, os tapetes desviados, as cortinas soltas.

Já por noite avançada, disse o conselheiro para Henrique:

— Falta-nos ainda um artigo importante do ritual destas festas; o principal. É dirigir uma visita à cozinha. Porque a obra principal desta noite é fazer uma ceia e não comê-la. Por isso convido-o a acompanhar-me lá.

— Com tanto mais vontade, que estou há muitos dias comprometido a isso com as senhoras.

— Neste caso é tempo.

E ambos tomaram pelo corredor que conduzia à cozinha.

Escusado parece dizer que a turba infantil os seguiu tumultuariamente, anunciando-os ao longe com risadas e gritos de alegria.

A cozinha do Mosteiro era uma digna cozinha de frades. Ocupava um vasto recinto retangular, rasgado em amplas janelas e fornecido de bancas monumentais, condizendo com a estupenda chaminé, que parecia ainda saudosa dos odoríferos vapores que outrora espalhavam os tachos e as grelhas monásticas.

Ia indizível animação na cozinha, quando Henrique aí entrou com o pai de Madalena. Era um barafustar de criadas, um chiar de sertãs, um borbulhar de caçarolas e

tachos, um tinir de pratos, um tilintar de cristais no meio de uma babel de ordens, de perguntas, de reclamações, de conselhos, todos atinentes a negócios culinários. E D. Vitória ralhava, e a senhora de Alvapenha promulgava preceitos, e Maria de Jesus desdenhava do serviço das colegas, e Madalena e Cristina riam de todos e de tudo, e Ângelo a todos impacientava.

Não se imagina!

A chegada do conselheiro e do seu hóspede veio exacerbar a desordem. Ergueram-se risos e exclamações, as quais ainda assim eram subjugadas pelos reparos e censuras de D. Vitória, a qual dizia para o conselheiro:

— Sempre o mano tem coisas! Olhem agora para o que lhe havia de dar! Vão lá para dentro, vão. Não venham atrapalhar-nos mais ainda do que estamos. E o primo Henrique também! Ora esta.!

— Não se aflija, mana. Nós não podíamos resignar-nos a ficar alheios à tarefa principal do dia. E até porque é necessário dar andamento a isto para chegarmos a tempo da missa do galo.

— Pois querem ir à missa do galo?

— Está de ver que sim.

— Eu também vou — disse Cristina.

— E eu — acudiu Madalena.

— Mais um, que irá também — disse Henrique.

— E eu, e eu — acrescentaram diferentes vozes.

— Ai, minhas encomendas! — suspirou D. Vitória. — Então porque me não disseram isso logo? Agora como há de ser?

E saiu em direção à sala da ceia a dispor as coisas.

É preciso que se diga que D. Vitória vivia na cândida ilusão de que era ela quem fazia tudo em casa, enquanto que manda a verdade declarar que nunca mais regularmente corriam as coisas domésticas do que quando dormia esta aliás excelente senhora.

— Mãos à obra, Sr. Henrique! — bradou o conselheiro, insistindo na resolução com que viera.

— Pronto — respondeu Henrique.

— Então? então? Que vão fazer? — perguntava D. Vitória, aflita, voltando à cozinha.

— Querem ver que preparos?! — dizia D. Doroteia, sorrindo e olhando com curiosidade para o que faziam os dois.

— Cumpro uma promessa que fiz a estas senhoras, minha tia — dizia Henrique, aproximando-se da banca, perto da qual trabalhavam Madalena e Cristina.

— É verdade que sim — acudiu Madalena — e eu exijo o cumprimento da promessa.

— Vamos lá, Sr. Henrique — disse o conselheiro — aceite-me alguns preceitos de prática. A regra é fazer tudo o mais indigesto possível; porque essa qualidade é o característico dos manjares desta noite.

— Nesse caso, vejo que nasci para cozinhar a ceia do Natal, pois desafio o melhor estômago do mundo a que subjugue os meus guisados com os seus sucos digestivos.

— Eu já escolhi tarefa — disse o conselheiro, tirando das mãos de Cristina a colher com que ela mexia o vaso onde se preparava o vinho quente, esse punch nacional, que nesta

noite seria uma falta imperdoável se esquecesse no programa daquele banquete.

Cristina quis resistir, mas o conselheiro venceu, e cedo começou a desempenhar-se deste trabalho, no meio de hilaridade geral.

Ângelo dispensou a tia Doroteia do trabalho da preparação dos mexidos.

Henrique, seguindo o exemplo do conselheiro, e no seguimento do seu constante propósito, aproximou-se da Morgadinha, que naquele momento se ocupava a regar a calda de mel umas recentes rabanadas.

— Peço trabalho, prima Madalena.

— Não há falta de braços nesta repartição, primo Henrique. Vá a outra porta.

— Agrada-me mais essa tarefa, acho-a ao alcance das minhas forças.

— Esta? Como se engana! Não sabe que as rabanadas são a essência da ceia de Natal? E logo havia de confiar-lhas?

— Ah! Não ligava tanta importância a estas representantes da pastelaria primitiva, notáveis porque recordam a infância da arte! Enquanto a mim, já no tempo de peregrinação dos Hebreus, Moisés lhes ensinava a cozinhar disto.

Madalena abanou a cabeça em sinal de repreensão.

— Perdoe às pobres rabanadas o pouco ar de moda que têm. A sua elegância é implacável, primo Henrique. Um indigesto manjar francês seria de melhor tom, bem sei. Até nisso!

— Para provar que estou arrependido da minha irreverência, consinta-me que a coadjuve, prima.

— Não pode ser; pesa sobre mim uma tremenda responsabilidade.

— Isso equivale a recusar-me o foro de família, que tão humildemente reclamo.

— Justamente — respondeu Madalena. — Eu sou muito escrupulosa nisso. Faz mal em não reclamar esse foro a Cristina, que talvez encontrasse mais disposta a conceder-lho.

— Mas, se me não engano, foi a prima Madalena quem primeiro me conferiu o apreciável título de parentesco com que nos tratamos.

— O de primos? Esse sim; mas não tem os privilégios que lhe quer dar.

— Que privilégios são?

— Ah! o de colaborar numa ceia de consoadas, por exemplo.

— Parece-lhe, priminha, que será muito exigir o que eu peço? — perguntou Henrique a Cristina, que começara a escutá-los.

— Não ouvi — respondeu esta, corando e sorrindo, como sempre que lhe falava Henrique.

— Escusado é consultar Cristina — acudiu a Morgadinha — porque em muitas coisas pensa ela em oposição comigo. E nisto.

— E nisto?

— Nisto de atender a requerimentos, é talvez mais condescendente.

— Ao que estou vendo — disse o conselheiro jovialmente — grandes coisas se tinham passado aqui, antes da minha chegada. Vejo lavrar uma hostilidade entre Lena e o Sr. de Souselas, que me dá sérias inquietações.

— E eu julgo que não. Ao que ouvi ao Henrique, a primeira vez que viu a nossa Lena no Mosteiro! — disse D. Doroteia, com toda a indiscrição da sua ingenuidade.

Madalena procurou acudir a tempo à corrente das revelações, a que viu disposta a boa senhora.

Veio oportunamente no seu auxílio Ângelo, que, tendo feito uma digressão pela sala do refeitório, voltou com a alegre nova de que a ceia estava na mesa.

O anúncio foi recebido com aparente entusiasmo. Suspenderam-se trabalhos, quase completos, ultimaram-se à pressa outros, e a companhia dirigiu-se para o corredor.

Pouco depois de Ângelo, chegou D. Vitória, desmentindo-o e pretendendo suster a corrente, que ameaçava invadir a sala, que ela ainda não dera por pronta. Já não era tempo. O conselheiro, tomando duas crianças ao colo, rompia a

marcha, e atrás dele até a pacífica D. Doroteia clamava insubordinada que não recuaria um passo.

E falando e rindo assim entraram na sala.

Estava ofuscante de luzes, esplêndida de louças e baixelas, enfeitada de flores e de cristais e enevoada dos vapores das iguarias.

Houve um grande rumor de cadeiras arrastadas, uma confusão e incoerência de ordens de D. Vitória para marcar lugares, infrações destas ordens, que a impacientavam, como se com isso pudesse perigar a ordem natural e social do Mundo, e, como justa consequência, caía sobre a cabeça dos criados uma enfiada de recriminações, que eles por hábito já sofriam com exemplar paciência.

Restabelecida, enfim, a ordem, procedeu-se à ceia.

Ceia de Natal! Abençoado banquete, ao qual todos se devem sentar nas mesmas disposições de ânimo em que ordenava Cristo estivessem os que fossem orar ao templo; ceia com tanto afã cozinhada, e com tão pouca vontade comida, falem embora contra ti os médicos e os gastrónomos eméritos, condenando uns a indigestibilidade

dos teus cozinhados, outros o pouco delicado deles; reage contra as ideias novas, que vêm da França e da Alemanha; cerra as fornalhas às iguarias exóticas e furta-te às mãos da estranha geração de Vatéis, que aspiram a dominar pelos paladares o espírito nacional.

Modifiquem embora o carácter vernáculo de todas as outras refeições, mas respeitem esta, consagrada pelas memórias da família, justificada pelo facto de que quase não é feita para ser comida.

Assim sucedia com a do Mosteiro. Apesar das instigações do conselheiro, das instâncias de D. Vitória, das garantias de D. Doroteia sobre a inocuidade dos guisados, os pratos corriam à roda da mesa quase intactos e intactos voltavam à cozinha donde saíram.

Mas, se se comia pouco — e de facto, à exceção de Henrique, do conselheiro e das crianças, quase ninguém parecia haver-se sentado ali para cear — mas, dizíamos nós, se se comia pouco, em compensação falava-se muito.

O conselheiro a todos dirigia a palavra, demonstrando uma iniciativa eficaz para baralhar e generalizar as conversas e

assim conservar constante a animação. Tudo desafiava risos: o dito de uma criança, a anedota contada por Henrique, as distrações de D. Vitória, as canduras de D. Doroteia, os paradoxos sustentados pelo conselheiro, as alusões da Morgadinha a Cristina, a confusão desta, as maliciosas insinuações de Ângelo.

Assim procedeu o repasto noturno até à altura das saudações e dos toasts. Nesta parte, justo é confessar que Henrique e o conselheiro foram menos abstinentes. Era difícil resistir à preciosidade dos vinhos.

Passados os recíprocos brindes entre os parentes, o conselheiro, voltando-se para Ângelo, autorizou-o a propor também um brinde.

Ângelo levantou-se então para brindar Augusto.

O conselheiro secundou-o, levando o copo aos lábios.

— Ah! o Sr. Augusto — disse Henrique, antes de beber e com certo tom de ironia. — Conheço: é uma ave rara destas imediações, que tem brios de cavaleiro errante sob umas aparências de filósofo.

— Brios de cavaleiro? — disse Ângelo, com vivacidade. — ainda isso não é tudo, Sr. Henrique; pode acrescentar: e alma de herói também.

— Pois dê-se-lhe também alma de herói, e, se for preciso, até consciência de santo. Vá à saúde da fénix!

E bebeu.

Depois de pousar o copo, prosseguiu com o mesmo tom anterior:

— O que vejo é que é perigoso falar com a mais ligeira irreverência desta personagem; corre-se o risco de ver voltar contra o ímpio, que tanto ousa, os poderes conspirados do Céu e da Terra. Bem; prometo acatar essa preciosidade.

— E creia — disse-lhe o conselheiro — que lhe é merecedor de toda a consideração. Augusto é um destes caracteres excecionais que vivem à sombra de uma modéstia impenetrável e à sombra dela muitas vezes morrem. É necessário ter a vista muito exercitada nestas explorações de almas modestas, para descobrir uma assim.

— Felizmente para os míopes como eu — prosseguiu Henrique — elas fazem às vezes a fineza de se despojarem da sua timidez e de se mostrarem à luz. Não é verdade, prima Madalena?

— Que admira! — respondeu Madalena. — Bem oculto está o fogo na pederneira, primo Henrique, mas, percutindo-a, salta a faísca.

— Pobre rapaz! — notou a senhora de Alvapenha. — Aquilo nem parece deste tempo. O que eu não sei, primo Manuel, é porque ele se não resolveu a tomar ordens. Recusar o legado da D. Rosa!

— Não seja isso a dúvida. Ele sabe que, adotando essa ou outra qualquer carreira, não lhe faltarão recursos para segui-la até o fim. Devo-lhe esse auxílio; assim ele o aceitasse; mas tem um génio singular aquele rapaz!

— É uma fénix — insistiu Henrique, ironicamente. — Vejo que não é suscetível de discussão; impõe-se à gente como um axioma. Eu tenho hábitos de livre-pensador, mas. forçar-me-ei a incluir no meu credo esse dogma.

— Perdão — replicou Ângelo. — Um axioma não se demonstra, e a boa alma de Augusto está todos os dias a demonstrar-se por ações generosas.

— Por favor! Deem como não ditas as minhas palavras! Arrependo-me da minha irreverência, e, se ele aqui estivesse, começaria a penitenciar-me na sua presença.

— E é certo que nos falta aqui Augusto. Como te não lembraste dele, Ângelo?

— Não viria. Nesta noite não deixaria o Tio Vicente.

— Ah, sim. Esquecia-me daquele pobre Vicente.

— É do ervanário que falam? — perguntou Henrique.

— Justamente.

— Outra fénix; e quer-me parecer que também pertence ao número dos invioláveis; não é verdade, prima?

— Pertence ao número dos infelizes, primo, o que é justo considerar-se uma espécie de inviolabilidade.

A resposta colocou Henrique em mau terreno, e por isso apressou-se a desviar-se do ponto principal da questão, dizendo:

— Infeliz? Porque lhe chama infeliz? Os visionários como ele têm em si os elementos da própria felicidade, e ninguém possui poder de perturbar-lha. Além de que o ervanário goza aqui na terra de uma certa soberania, que deve lisonjeá-lo.

— E olha que nem em Lisboa há talvez quem saiba tanto como ele em coisas de doenças e de remédios, menino — disse D. Doroteia, que era uma das fervorosas apologistas da ciência do ervanário.

— É na verdade um homem singular! — disse o conselheiro. — Dantes, na noite de Natal, e em todas as solenidades de família, tínhamo-lo também por comensal, que ainda é parente arredado da casa. Há anos, porém, deu em tomar a peito o meu procedimento político e em pregar-me sermões e dirigir-me censuras, que eu fazia por escutar com a possível resignação. Mas um dia foi mais amargo nas suas recriminações e eu achava-me com maior suscetibilidade; julgo que lhe respondi com bastante acrimónia, e o homem saiu da minha casa ofendido e protestando não voltar mais a ela. Procurei-o, escrevi-lhe, tentei demovê-lo do seu propósito. Não houve de quê.

Havia-o ferido no seu orgulho, e é intolerante nestas condições.

— Sei-o já por experiência — disse Henrique —; que numa única entrevista que tive com ele, e que durou minutos, deu-me ocasião de lhe conhecer a irritabilidade.

— Vamos, primo Henrique; talvez possa haver quem suponha que nessa entrevista não demonstrou o primo pior do que ele possuir as qualidades de que o acusa.

— Agora — continuou o conselheiro — vão consideravelmente exacerbar-se os despeitos do ervanário contra mim.

— Porquê? — perguntou Madalena.

— Porquê ? Por causa do traçado que se adotou para a estrada.

— Então? — disseram simultaneamente Ângelo e Madalena.

— A casa e o quintal do ervanário são os primeiros cortados.

— Não pode ser! — exclamou Madalena, com evidente expressão de susto.

Ângelo dirigiu ao pai um olhar também inquieto.

Cristina não exprimiu menos apreensiva surpresa.

— É inevitável. Os dois primeiros traçados tinham certas durezas. O primeiro era uma luva lançada a uma influência eleitoral, poderosíssima, o brasileiro Seabra.

— Ah! — disse Madalena, com certa amargura na expressão e no olhar.

O conselheiro reparou nela e em Ângelo, em cuja fisionomia se não lia menos intenso desgosto.

— Estou adivinhando que os meus filhos votariam porque antes se arrostasse com os despeitos desse influente. A lógica do sentimentalismo tem dessas exigências absolutas.

Madalena respondeu:

— Julguei que era a da consciência, meu pai.

— A consciência diz-me que há interesses superiores às contemplações com as singularidades de um velho honrado,

mas. meio tonto. Na carreira política ceder ao coração é morrer ou ser vencido. O sentimentalismo exagerado, Lena, tem o inconveniente de dar tanto vulto às vezes a um sacrifício individual, que, para o evitar, não duvida prejudicar maiores e mais gerais interesses e operar sacrifícios mais custosos. É muito tocante na verdade o amor de um velho pelas suas árvores e pela sua casa; porém, mais respeitável é o bem-estar e a conveniência de uma localidade.

— E é tão necessário para a felicidade desta terra o sacrifício a que se quer obrigar o ervanário? — perguntou Ângelo, e Madalena secundou com o olhar a pergunta do irmão.

— Eu te digo, Ângelo — respondeu o conselheiro, levemente despeitado. — Eu tinha a vaidade de me supor ainda prestável para esta gente, que me tem elegido tantas vezes. Dos nossos patrícios, deixem-me dizê-lo aqui em família, não vejo ainda quem dê garantias de desempenhar o mandato muito melhor do que eu. Chamasse eu contra mim a animadversão deste povo, e eles, à falta de outros, aceitariam amanhã qualquer nome inscrito na carteira do

ministro; um homem que nunca tivessem visto, e que nem soubesse em que ponto da carta estava o círculo de que se propunha ser representante. Mas perdoa-me, Lena; talvez isto te esteja parecendo um censurável excesso de vaidade.

— Não, meu pai, ninguém acredita mais do que eu no muito valor da sua influência, mas. Ó meu Deus! isso vai ser a morte do pobre Tio Vicente! Imagina bem o que é, naquelas idades e com aquele génio, a grandeza do sacrifício que vão exigir dele?

— Custa-me ser obrigado a isso; porém.

— Valia mais esperar algum tempo. A vida dele não pode ser muito longa. Deixem-no morrer em paz, à sombra daquelas árvores a que ele quer tanto. Que importa passar mais alguns anos sem uma estrada?

— Poesia! — disse o conselheiro, sorrindo para Henrique, que lhe correspondeu.

— Perdão! — acudiu Madalena, corando — é caridade.

— Ora vamos, Lena. Sê razoável. Todos sofrem no mundo sacrifícios maiores do que esse; eu mesmo, que me não tenho ainda assim por vítima da sorte:

— E não haveria outro meio? — perguntou Ângelo. — Acaso há só esses dois lugares para dirigir a estrada?

— Que antes nunca se fizesse! — exclamou Madalena, apaixonadamente.

— Aí temos como o sentimento me torna retrógrada a minha Lena. Já clama contra as estradas como qualquer reacionário convicto. Havia um outro traçado, mas esse ia destruir completamente os campos do Brejo.

— Ah! então esse, esse! São bens nossos! — exclamou Madalena com vivacidade.

— São bens de Ângelo, filha, e porventura aqueles que um dia mais valiosos se tornarão para teu irmão.

— Os charcos? — disse Ângelo, encolhendo os ombros. — Ora! Só para viveiro de rãs.

— Hoje pouco mais são do que isso, e como tal no-los pagariam agora. Dentro, porém, de alguns anos, operados ali os trabalhos de esgoto, que eu projeto, verão em que se transforma aquilo. É exigir a um homem muita abnegação pretender dele que sacrifique assim os elementos da

riqueza futura dos seus filhos; quanto mais que as vantagens não seriam tais que.

— Não pediríamos esmola, meu pai — notou timidamente Ângelo.

— Nem o Vicente a pedirá. Visto que estais tão desprendidos de interesse, que não hesitais em fazer-lhe sacrifício dos vossos bens, podeis ceder-lhe o suficiente para o compensar da perda.

— Mas quem o compensará dos golpes nos seus afetos? — perguntou Madalena.

— Também tu! — São segredos do coração feminino essas compensações. Deixo-as à tua inspiração.

— O meu pai! O meu pai! se é ainda possível atalhar-se!

— É impossível.

— O meu tio! — secundou Cristina.

— Mano! Primo! — disseram a um tempo as senhoras mais idosas.

— O que posso fazer é ir eu próprio falar com o Vicente, para o mover a consentir na expropriação amigável, que

farei que lhe seja o mais vantajosa possível.

— E tem coração para lhe ir propor isso?

— Diz antes se tenho coragem para arrostar com as iras do velho, e com as maldições que já sei vai sacudir sobre mim.

Lena calou-se, suspirando.

— Mas vejam a inevitável fatalidade que me persegue! — continuou o conselheiro. — Eu, que tinha feito voto de não me entreter de negócios públicos esta noite! Ai, Lena, Lena, a culpada és tu!

— Eu?! Eu, que abomino a política! que, só ela podia fazer entrar uma crueldade no coração do meu pai!

— Ó tio, veja se faz com que a estrada vá por outro sítio! — implorou meigamente Cristina.

— Também tu, Criste! Também tu!

— Pudera, mano! Não, que uma coisa assim! Isso é até uma ingratidão para com um homem a quem esta aldeia tanto deve — disse D. Vitória.

— Pois não é! E logo um quintal onde cresciam tantas plantas de virtudes! — acrescentou D. Doroteia.

— Vá vendo, Sr. Henrique, como se conspiram todos contra mim. Veja como um sentimento insignificante organiza uma oposição.

— É uma lição que estou recebendo, Sr. Conselheiro.

— Meu pai — insistiu Madalena — eu espero ainda que, ouvindo o Tio Vicente, se comoverá e trabalhará por alterar esse fatal plano, que começa por arrancar árvores, mas que, pode estar certo, com elas arrancará uma vida.

— Romances! Lena, romances! Os romances, lidos em plena aldeia, são perigosos. Falta aqui nos ares um certo ceticismo, que, não sendo em doses exageradas, tem a vantagem de não deixar ver as coisas da vida através do prisma dos livros de imaginação. Mas basta de falar em política. Amanhã procurarei o ervanário. Espero uma receção de gelo, e vou preparado para uma ladainha de recriminações, mas irei. Nada esperes, porém, da entrevista, Lena; nem o mal, se mal é, se poderia já atalhar;

nem o orgulho do Vicente lhe permitirá expansões à sensibilidade, que cheguem a comover-me. Conheço-o.

Madalena não instou. Ficou, porém, pensativa e sem o menor vestígio da alegria com que começara o serão.

Nisto ouviu-se um toque de sino longínquo.

— Já toca para a missa do galo! Ouvem? — disse D. Vitória.

— Vamos! Não há tempo para demoras — exclamou o conselheiro, levantando-se.

Todos o imitaram, menos Madalena.

— Não vens, Lena? — perguntou Cristina.

— Não.

— São amuos, filha? — disse-lhe o conselheiro, indo por trás dela; e, tomando-lhe a cabeça entre as mãos, beijou-a na cara.

— Não, meu pai, é uma dor de cabeça tão violenta!

— A maldita política é o que faz! Pois fica; fica, porque está fria a noite.

— Far-te-ei companhia, Lena, disse Cristina.

— Não, não. Se insistes, obrigas-me a sair.

— Aviem-se! — dizia D. Doroteia. — Henriquinho, vens?

Henrique, cujo ardor em ouvir a missa da meia-noite esfriou desde que viu Madalena ficar, respondeu:

— Ó tia. a falar verdade! se me dispensassem!

— Vem daí, preguiçoso! Anda!

— É que. para um homem doente:

— Ai, não; se te há de às vezes fazer mal, então não — apressou-se a dizer a precavida senhora.

E foi deferido por unanimidade o requerimento de Henrique, a quem, cedo depois, Torcato foi ensinar o caminho para o quarto onde devia pernoitar.

O conselheiro, D. Doroteia, Cristina e Ângelo foram para a missa do galo.

D. Vitória, Madalena e Henrique ficaram no Mosteiro.

CAPÍTULO XV

Fechando-se no quarto que lhe deram para pernoitar, Henrique de Souselas sentiu poucas disposições de dormir. Uma profunda excitação impedia-lhe o repouso; em parte era devida às ocorrências daquela noite, tão fora dos seus hábitos de vida; em parte, digamo-lo em verdade, à influência dos vinhos com que secundara os brindes do conselheiro, e com que ele próprio iniciara outros.

A imaginação, excitada como estava, cada vez entre outras imagens, lhe representava mais bela a de Madalena. A espécie de hostilidade permanente, com que a Morgadinha o tratava, ainda mais parecia seduzi-lo.

Nos poucos dias que passara na aldeia, havia Henrique, com novos hábitos, adquirido uma maneira de ver e de julgar as coisas e as pessoas, diferente da que lhe era habitual na cidade, no círculo de amigos, com quem convivia; assim foi que abjurou tacitamente, e sem dar por

isso, certo ceticismo convencional, que uma antipática escola conseguiu pôr muito na moda.

Graças a estas melhoras morais, tão verdadeiras nele como as físicas, as quais até o constante pensamento das doenças lhe tinham dissipado, pudera ele considerar Madalena como uma mulher superior ao tipo pelo qual a mencionada escola costuma modelar o sexo; e aceitou sem má prevenção a aberta sinceridade daquele carácter simpático, que descrevia com entusiasmo nas suas cartas a um dos seus mais íntimos amigos de Lisboa.

Tais estados de convalescença são, porém, sujeitos a recaídas.

Neste dia, véspera de Natal, recebera ele a resposta àquelas cartas, e sob as impressões com que ficou da leitura tinha vindo para o Mosteiro.

O amigo ria-se, com todo o elegante ceticismo de um homem da moda, da candura e da ingenuidade de Henrique. Dizia-se sinceramente penalizado à vista dos profundos estragos que alguns dias de província tinham operado nele. Via-o disposto a idealizar a mulher, a mais

perigosa e mofina monomania que, dizia o tal, pode transtornar o cérebro de qualquer homem.

Com aquela ausência de escrúpulos com que, todos os dias, caracteres, aliás não pervertidos, levianamente caluniam ou ferem de suspeitas reputações de todo o género, ele fazia irreverentes alusões à Morgadinha e zombava de Henrique, que ainda tomava a sério as isenções de uma rapariga de vinte e três anos. Acabava por o aconselhar a que indagasse de algum primo tímido e modesto, ainda que menos ingénuo decerto do que ele Henrique se estava mostrando.

Esta carta fez mal a Henrique. Exacerbou-lhe a doença, que estava em via de cura. Um espírito mefistofélico parecia havê-la ditado. Henrique transportou-se pela imaginação, depois de lê-la, a um dos círculos que habitualmente frequentava em Lisboa; supôs-se a fazer ali a narração da sua vida na aldeia, e parecia-lhe estar vendo os sorrisos com que o escutariam, e ele próprio construía os epigramas, com que lhe seria, por certo, comentada a narração. E então uma vergonha de má índole, vergonha do homem que põe um preceito de elegância acima de um

ditame de moral, fazia-o corar, apesar de a sós consigo mesmo. Voltava a ler a carta, que lhe parecia ditada pela experiência e pelo bom senso, enquanto que a ingenuidade das suas crenças se lhe figurava ridícula e desarrazoada.

Quem há que não tenha tido momentos destes? Quem se pode gabar de não ter perguntado um dia aos seus escrúpulos mais nobres se não são meros preconceitos, que ficaram de uma educação acanhada? Quem não pôs um momento em dúvida as sublimes verdades que a mãe lhe ensinou em criança? Henrique estava passando por um desses acessos de ceticismo. Madalena era já para ele uma astuciosa, que muito se deveria ter rido da sua simplicidade; e tanto o incomodava esta ideia, que prometia a si próprio ser daí por diante mais arrojado. Esta ordem de reflexões estavam acudindo outra vez a Henrique e recebiam da excitação, que se apoderara dele aquela noite, uma tenacidade maior. Sentindo a cabeça em fogo, Henrique levantou-se, apagou a luz, e, abrindo a janela do quarto, saiu à varanda que deitava para a quinta, a respirar o ar livre.

A noite era sem luar e sem névoas. Descobriam-se muitas estrelas no céu, que com forte cintilação parecia iluminarem a terra de um ténue crepúsculo, que mal deixava distinguir os objetos.

O ar frio da noite estava produzindo em Henrique um prazer, que ele procurava prolongar.

Não tinha passado muito tempo, depois que assim se encostara à varanda do quarto, quando lhe atraiu a atenção certo vulto alvacento, que furtivamente se movia numa das ruas da quinta.

Pareceu-lhe uma figura de mulher.

Justamente naquela ocasião tinha Henrique na memória o período final da carta do seu amigo.

Por isso ocorreu-lhe uma ideia satânica:

— Ah! Querem ver que. A dor de cabeça súbita. A insistência em ficar só. Percebo. Um primo tímido e modesto.

E, murmurando estas palavras, um sorriso maligno encrespava os lábios de Henrique.

— Se eu pudesse averiguar isto. Mas ela corre com uma ligeireza que, antes que eu ache meio de sair para a quinta. já a levará bem longe.

O meio, porém, não era difícil de encontrar. Da varanda em que estava Henrique passava-se com grande facilidade para outra imediata, na qual havia uma escada de comunicação para a quinta.

Reconhecendo esta disposição do terreno, Henrique operou num momento a descida e pouco depois procurara através da quinta os vestígios da mulher que tinha perdido de vista.

Nesta operação esforçava-se por combinar com a máxima ligeireza a possível precaução, para não ser por causa alguma frustrada a sua pesquisa.

A quinta do Mosteiro era extensa e cerrada toda em volta por um sólido muro de alvenaria. Aqui e ali abriam-se nele diferentes portas que deitavam para os diversos lugares da aldeia. Neste vasto recinto havia pomares, lameiros, vinhedos e hortas, por onde Henrique errava à toa, já desanimado de ser bem sucedido no empenho.

De repente julgou ouvir, a pouca distância, o rodar de uma chave na fechadura. Parou por precaução e ficou-se a escutar. Logo depois ouviu o bater de uma porta e nada mais.

Então adiantou-se rapidamente; num momento deu com a porta, que ainda se conservava aberta.

Saiu por ela para a rua, mas achou-a deserta.

Dirigiu-se à esquina que dali avistava; dobrou-a, mas nada viu; as ruas eram solitárias, e uma só casa térrea que havia ao lado de um quintal estava discretamente fechada e silenciosa.

Desistindo de prosseguir na infrutuosa pesquisa, Henrique voltou para a porta.

— Esperemos aqui por esta donzela destemida que assim anda de noite a correr aventuras. Há de ser curioso observar como ela fica, quando me encontrar por guarda-portão. Veremos se ainda depois disto durarão aqueles ares de soberania, com que me trata. Um primo tímido e modesto!

E, sorrindo à lembrança da cena que se preparava, Henrique fechou a porta por dentro, e, acendendo um charuto, pôs-se a passear, aguardando o regresso da Morgadinha.

Para não perdermos muito tempo à espera também, aproveitá-lo-emos a inquirir de coisas e de pessoas, cujo conhecimento é útil à continuação da nossa história.

A pouca distância do extremo da quinta do Mosteiro e num sítio a que a abundância de vegetação e a suavidade de perspetiva davam o mais pitoresco aspeto, estava a casa e o quintal do ervanário, casa e quintal já condenados pelo lápis e tira-linhas dos engenheiros e oferecidos em sacrifício aos melhoramentos municipais e concelhios.

Acharia justificado o quase terror, com que Madalena e Ângelo escutaram a nova desta expropriação, quem conhecesse a vivenda rústica do ervanário e soubesse do amor que ele votava a cada objeto dela, assim como da vida que, há tantos anos, ali vivia, escondido e obscuro.

Para o quintal, que a abundância das árvores de espinho fazia sempre verde, abriam-se as janelas da pequena e

humilde saleta, onde o ervanário se entregava às suas leituras e lucubrações científicas. Logo ao pé da porta se estendia o jardim, em parte de recreio, pelas flores que o adornavam, em parte de utilidade, pelos símplices medicinais, de virtudes mais ou menos problemáticas, que o velho nele cultivava.

Vicente tinha entranhada a paixão vegetal, deixem-me assim chamar-lhe. Adorava as plantas pelas suas flores, pelos seus frutos e pelos poderes curativos que lhes atribuía. E, como se elas possuíssem a responsabilidade dos efeitos produzidos, assim lhes queria e as animava, quando salutares; assim as aborrecia e maltratava, quando nocivas. A vida insulada e o génio do velho, que sempre fora dado a singularidades, aumentaram estas disposições, que tinham o que quer que era de panteístico; e não era raro surpreenderem-no conversando com elas, como se convencido de que o estavam compreendendo.

A borragem, a salva, a fumária, a erva-terrestre, a erva-moura, os trevos, os gerânios, as papoulas, as violetas tão boa camaradagem lhe faziam, que nem lhe deixavam sentir a solidão.

O ervanário não tinha pessoa alguma ao seu serviço. Ele próprio cozinhava e pelas suas mãos fazia todos os mesteres domésticos.

É, pois, de imaginar que não seria muito complicado o banquete das consoadas naquela casa, e que devia formar em tudo contraste com o que à mesma hora se celebrava no Mosteiro.

De feito, quando ali eram mais ruidosas as conversas e mais espontâneos os risos, dois homens apenas, sentados um em frente do outro, a uma pequena mesa circular, solenizavam naquela modesta sala o santo aniversário. Um era o proprietário da casa, o outro Augusto, um dos poucos que se atrevia a frequentar àquelas horas mortas a habitação do velho.

Além da mesa, sobre a qual estava uma ceia composta de queijo, maçãs, nozes, castanhas, duas sopeiras com escabeche, especialidade na confeção da qual o ervanário era eminente, e uma garrafa de vinho do Porto, de prometedora cor de topázio, consistia o resto da mobília numa estante de pinho, vergada sob o peso de in-fólios de grossas encadernações e folhas vermelhas nos aparos, em

algumas cadeiras e bancos também ocupados com livros e com vários utensílios empregados nas explorações científicas do velho, tais como caixas de lata, frascos, martelos, foicinhas, limas, os quais ainda sobravam, para alastrarem o chão.

Todo o recinto era apenas iluminado por um candeeiro de azeite, e a escassa luz, que dos três lumes que, em atenção à solenidade da noite, o velho acendera, ia refletir-se no vulto alvacento de um Cristo de marfim, pendente de um crucifixo negro, que sobressaía naquelas paredes nuas e caiadas.

Há bastante tempo que aqueles dois homens, sentados em frente um do outro, guardavam silêncio, um desses silêncios, durante os quais os espíritos, como se impacientes com as longuras da palavra, tendo-se desembaraçado dela, voam a par, para adiantarem caminho e voltarem mais longe a associarem-se à sua mais lenta companheira.

Augusto, com os olhos fixos na luz que iluminava a cena, parecia alheio a quanto o rodeava.

O ervanário, sem desviar os olhos dele, com o braço estendido para o cálice que tinha em frente de si, e a cabeça inclinada, parecia espiar, um por um, todos os gestos de Augusto, e estudar neles os pensamentos que o preocupavam. Enfim, rompeu o primeiro o silêncio:

— Pobre rapaz! Diz-me para aí tudo o que tens. Para que te metes a esconder de mim aquilo que eu há tanto te leio nos olhos, criança?

— O quê, Tio Vicente? — perguntou Augusto, inquieto.

— O quê? Ouve, Augusto. Deu-te Deus o engenho, sem te esfriar o coração: são dons do Céu, que se pagam caro e com lágrimas, rapaz. Bondade de coração, com a cabeça. assim, assim. a dar esmolas aos pobres se satisfaz; cabeça de fogo, mas coração de gelo. todos os meios de levar ao fim ambições, tanto os bons como os maus, todos lhe servem; mas coração como o teu, com o espírito que tens! Ai, pobre Augusto, se se escapa ao infortúnio, é por milagroso poder do Senhor.

— Não o entendo, Tio Vicente — disse Augusto, com manifesta confusão.

— Não! Olha para mim. E vê se te atreves a repeti-lo.

Augusto baixou a cabeça.

O velho sorriu com ar de comiseração e simpatia.

— Tu ainda não sabes fingir. Vamos lá; e pensas que me não havia de custar, se não tivesse acertado?

E, depois de breve pausa, continuou:

— Mas ainda quando penso em como tu, uma cabeça forte, assim te deixaste enfeitiçar!

E, tomando o cálice, que tinha em frente de si, disse com resolução:

— Quero beber à tua saúde, Augusto, e para que em breve se te desfaça essa loucura.

Quando ia a levantar o cálice aos lábios, a mão de Augusto susteve-lhe o braço.

— Não beba. Loucura embora, deixe-me viver e morrer com ela. Sou feliz assim.

— Ah! — disse o velho ervanário, tomando um ar mais grave; e poisou o copo, sem desviar de Augusto o olhar

penetrante e fixo.

Augusto, depois de um curto silêncio, prosseguiu com maior veemência e colorindo-lhe as faces um não costumado rubor:

— Sim. Porque o não hei de confessar? Essa loucura que diz, trago-a comigo, vivo com ela e quase que para ela. Quero-lhe assim, e não a desejaria perder. Amor? Não é; a tanto não chega. antes um culto, isso sim. É uma adoração como aquela em que de pequenos nos educam para com a Virgem. Que esperanças tenho? Nenhumas. Nem procuro alimentá-las. Quer que lhe diga? Vê-la; respirar estes ares que ela respira; atravessar estas devesas em que ela passeia; amimar as mesmas crianças que ela amima; socorrer, com o meu óbolo de pobre, a miséria sobre a qual ela espalha caridosa as dádivas da sua abençoada opulência. e, aí está; são as minhas aspirações; é o futuro que desejo, e com que me contento. Leu no meu coração, disse; e há muito que mo dá a entender; mas não viu claro de todo, confesse. Julgou talvez que haveria em volta deste sentimento um enxame de esperanças loucas, e delas se ria. Delas por certo foi que se riu; é muito generoso para se

rir do mais. Enganou-se, porém, Tio Vicente; vê agora que se enganou, não é verdade? Essas esperanças não existem. Se existissem, bem vê que não estaria aqui. Não me teria impelido a ambição pelo caminho de realizá-las? Não se me têm oferecido os meios para tentá-lo? Mas, veja, quero-lhe tanto, e tanto me satisfaz esta felicidade ao meu modo, que não arrisco um instante dela para tentar uma ventura maior.

O ervanário escutava silencioso, porém abanando a cabeça com ares de quem não punha demasiada fé naquelas palavras.

— Aos vinte anos? — disse ele por fim — sentir o que dizes. ser feliz assim! Deixa passar mais tempo; deixa tomar corpo à paixão e verás. verás depois.

— Tem dez anos — disse Augusto, sorrindo.

— Dez anos!

— É verdade. De criança a conheço, a paixão que diz; por isso confio nela. Tenho fé em que se não transviará.

— Dez anos — repetia o velho, admirado. — Porém. há dez anos.

— Há dez anos saí eu daqui, Tio Vicente. Não se lembra? Era então uma pobre criança da aldeia, educada entre os braços da minha mãe, e conhecendo, uma por uma, as árvores destes sítios e mais nada. Saí daqui e fui para Lisboa. Não imagina as fortes impressões que recebi na noite que ali cheguei. Nunca a história mais maravilhosa de fadas e de encantamentos que ouvia quando era pequeno, nunca me feriu a imaginação assim! Tudo era novo para os meus sentidos. O rumor, as luzes, os palácios, os edifícios, os carros produziam-me quase uma vertigem; sentia-me vacilar. Achei-me, nem sei bem como, de tão atordoado que ia, numa casa onde estava o conselheiro, e em que se reunia, naquela noite, uma companhia numerosa de homens, de senhoras e de crianças, muitas da mesma idade que eu, e que formavam uma assembleia à parte. A sala era magnífica; muitas luzes, muitos espelhos, muitas flores, móveis dourados, tapetes, quadros, cristais, e, para acabar de me confundir, o piano, objeto novo para mim e que eu me não fartava de admirar. Tudo isto me perturbava, como imagina, e por força me havia de dar uns ares de estupefacto. O conselheiro recebeu-me com afeto; deu explicações às pessoas presentes a respeito da minha vida,

e deixou-me entregue às crianças. Aí fiquei eu, bisonho rapaz da aldeia, com a minha jaqueta mal talhada, o meu olhar tímido, os meus modos acanhados, no meio de uma turba de crianças elegantes, que se me afiguravam de uma essência superior à minha. As crianças são desapiedadas, quando assim em companhia. Cedo percebi que estava sendo o alvo da zombaria delas; riam ao princípio com disfarce e falavam-se ao ouvido, olhando-me de relance; redobravam as risadas e transmitiam reflexões ao meu respeito, cujo sentido julguei adivinhar. Depois dobrou a ousadia nelas; dirigiram-me ditos, gracejos, cada vez menos disfarçados; formaram grupos em volta de mim; se eu falava, respondiam-me rindo, Então apoderou-se de mim um profundo desalento, comprimiu-se-me o coração de tristeza. Lembrei-me, com saudades, das árvores da minha aldeia, do meu pobre quarto, da minha mãe; e achei-me ali tão só, tão sem conforto nem amizades, que as lágrimas me vieram ferventes aos olhos. Ainda hoje não hesito em dizê-lo: foi aquele um dos mais amargos momentos da minha vida. Nós, quando adultos, esquecemos facilmente os martírios da infância, quando nesta idade uma sensibilidade exagerada tão dolorosos os faz. Foi então que

se deu um facto que, na minha piedosa superstição de rapaz aldeão, quase me pareceu de intervenção divina. Abriu-se a porta, e entrou na sala uma criança, que eu não tinha ainda visto. Era uma menina pálida, de gesto afável e angélico. Vestia toda de branco. Entrou e aproximou-se do conselheiro, que jogava com uns amigos. O conselheiro, depois de beijá-la, não sei que lhe disse ao ouvido. Ela correu então a sala com a vista; viu-me e veio direita a mim.

— Não conhecias, já da aldeia, Madalena? — perguntou o ervanário.

— Não; a minha mãe veio para aqui no ano em que, por morte da sua, Madalena voltou a Lisboa.

A afabilidade, a gentileza desafetada com que me falou, causou-me um alívio inefável. Ainda hoje sinto como que os reflexos daquela suave impressão. Parecia-me ouvir a voz da minha mãe; tinha o timbre da simpatia. Encheu-se-me logo de confiança o coração. Com ela não senti mais aquele acanhamento que me enleava. Depois falava-me de coisas que eu sabia tão bem! Perguntava-me a respeito dos campos, das árvores, das abelhas, dos ninhos dos pássaros,

das flores, dos trabalhos do linho. interrogando-me e escutando-me com tanta deferência e atenção, que me inspirava coragem, e julgo que me estava dando ares de mais importância junto daqueles pequenos senhores e senhoras que, pouco a pouco, se foram despojando dos seus desdéns e acabaram por me escutar e interrogar também com curiosidade. Já uns me lançavam os braços ao ombro, outros formavam círculo em volta de mim, e cedo fui eu a principal personagem daquela noite. Essa criança.

— Era Madalena; adivinhá-lo-ia agora, se já o não soubesse. Não podia deixar de ser ela — exclamou o ervanário, com um fulgor de simpatia a iluminar-lhe o olhar. — Era ela; sempre assim foi!

— Era. Esta cena pueril teve uma grande influência no meu espírito. Hoje ainda, se penso nela, acho-a de uma grande significação moral. Pois não é mais apreciável numa criança esta prova de superioridade de carácter, do que nas idades em que muitas vezes a razão e o cálculo a impõem a uma índole naturalmente pouco generosa? Ali era tudo espontaneidade. Desde então a adoro.

O ervanário parecia não ter já o ânimo para sorrir.

— Agora vejo porque trouxeste da cidade aquela grande tristeza. Tão novo!

— É verdade. Foi esse o motivo. Madalena foi sempre para mim afável; inclinava-se sobre o livro em que me via estudar; corrigia, sorrindo, os defeitos da minha educação aldeã, e, se reconhecia progressos no discípulo, manifestava uma alegria que era para mim o maior incentivo e o maior prémio. Fiz os exames. Quando voltei a casa, Madalena, com certo ar de gravidade, que aquela criança já então tomava, perguntou-me, no meio de uma conversa própria de crianças: «E sente-se com génio para ser padre, Augusto?» Já me não lembro do que lhe respondi. Trouxe porém comigo aquela pergunta; trouxe-a para a solidão da minha aldeia. Procurei cerrar os ouvidos à voz interior, que desde então me repetia sempre, até junto da cabeceira da minha mãe, cuja maior aspiração era, como sabe, ver-me padre. Mas em vão! Foi desde então uma dúvida constante com que lutava. Com a morte da minha mãe tudo mudou. Pela primeira vez respondi à interrogação, que há tanto tempo dirigia a mim próprio, e

consegui por fim responder: «Não». Eis o segredo do meu passado.

— E porque disseste «Não»?

— Porque vi que toda a minha vida era para a consagrar a um sonho; que o sonharia no altar, no púlpito e no confessionário; que para toda a parte me seguiria a imagem, a que eu já não podia renunciar, e a qual então já não contemplaria sem remorsos, como agora o faço. Foi por isto!

— Só? Não te iludirás a ti mesmo, Augusto? Repara bem, que nisso pode ir a tua felicidade! Estás bem certo de que não há uma esperança dentro do teu coração?

— Se a tivesse.

Ia continuar, quando julgou ouvir o rumor de passos na rua. Cedo batiam na porta duas leves pancadas, e uma voz dizia, de fora:

— Está acordado ainda, Tio Vicente?

O ervanário trocou um olhar com Augusto. A voz era de Madalena.

Augusto ergueu-se com presteza. O ervanário quis retê-lo.

— Onde vais?

— Deixe-me sair. Não poderia vê-la agora. Não estou preparado com a minha indiferença.

— Pobre máscara! — Nesse caso sai pelo quintal.

— Tio Vicente! — repetia Madalena, de fora.

— Eu vou, minha ave noturna; eu vou já. Espera — continuou em voz baixa para Augusto: — dá-me a tua palavra que não escutarás.

— Dou; mas. promete que nada lhe dirá?

— Eu?! Louco! Assim te pudesse fazer esquecer, quanto mais. Adeus!

Depois de assegurar-se de que Augusto saíra pelo lado do quintal, o ervanário foi abrir a porta da rua à Morgadinha.

CAPÍTULO XVI

— Ora com Deus venha a minha fada; esta querida Lena, que se não esquece dos seus amigos velhos. Boas-festas me trazes pela noite, filha!

No rosto e nas maneiras de Madalena havia evidentes indícios de preocupação.

— Boas noites, Tio Vicente! Pouco me posso demorar; eu venho.

O ervanário conduziu-a para junto da mesa, onde estavam ainda os sinais da refeição, que ainda há pouco findara. Vendo os dois talheres, a Morgadinha olhou interrogadoramente para Vicente:

— Estava alguém consigo?

— Esteve Augusto, que ceou aqui. Porquê? Temos por aí mais alguns livros a comprar-lhe? — continuou, sorrindo com benévola malícia. —Tenho eu mais uma vez de chamar

no meu auxílio a fada que, de vez em quando, me ensina em segredos quais os livros que o rapaz mais deseja e de que mal sei dizer os nomes? Hei de ainda ouvir calado agradecimentos que não mereço, e que ele mais de coração daria a quem são de justiça devidos?

— Não, Tio Vicente; não se trata agora disso.

— Ai, Lena, Lena, que não sei bem o que devo pensar de todas estas coisas.

A Morgadinha parecia um pouco perturbada com as palavras do ervanário.

— Que há de pensar? Há nada mais natural? Ângelo foi que me deu o exemplo. Ele sabia o amor que Augusto tem à leitura. Porém o cofre de Ângelo é pequenino, bem sabe; enquanto que eu chego a nem saber em que hei de consumir o que me sobra. Por isso foi que me lembrei. Porém, como não conviria que eu própria fizesse o presente, nem ele de mim o aceitaria, é que eu lhe pedi que o fizesse no seu nome. Mas falemos de outra coisa, porque me não posso demorar. Venho às ocultas e enquanto a

minha gente foi à missa do galo. Tio Vicente, um objeto muito grave me obrigou a procurá-lo a estas horas.

— Ah! — disse o velho, sentando-se em tom de gracejo. — Adivinho a gravidade do caso. O filhito do boieiro, o teu afilhado predileto, tem algum princípio de sarampo ou de garrotilho, e vens.

— Não, não. Diga-me, Tio Vicente: tem muito amor a esta casa e a este quintal?

O velho tornou-se imediatamente sério.

— Se lhe tenho amor?! Que pergunta!

— Tem?

— Nasci aqui, filha.

— Custar-lhe-ia a.

— A quê?

— A. a.

E Madalena hesitava.

— Fala! — insistiu o velho, já inquieto.

— A separar-se dela?

O ervanário respondeu simplesmente:

— Ah! morreria.

Madalena fez um gesto de aflição.

Em Vicente crescia o desassossego.

— Mas. Diz, Madalena: o que significam essas palavras?

— É que.

— Explica-te! — exclamou o ervanário, quase imperiosamente.

— Ouça-me, Tio Vicente; ouça-me, mas não se aflija. Eu vim de propósito para o prevenir. Mas, por amor de Deus, sossegue; senão tira-me o ânimo de continuar.

— Que sossegue, e tu a atormentares-me com essas demoras!

— Perdoe. Fala-se em deitar abaixo estas árvores e esta casa, para.

O ervanário de um ímpeto pôs-se a pé. Fulgurou-lhe nos olhos um relâmpago de ira terrível!

Madalena calou-se, assustada.

— Deitar abaixo estas árvores e esta casa?! Quem? Quem se atreve? Pois que venham! que venham!

Mas, reparando no terror que estava causando a Madalena, procurou reprimir-se, e, com uma voz que ele se esforçava por tornar tranquila, continuou:

— Mas vejamos. Então querem, dizes tu. Fala, Lena, fala. Diz o que sabes. Quem é? Para que fim? Pois quem pode lembrar-se de.? Fala, bem vês que eu estou sossegado, filha.

— Há um projeto de estrada.

— Ah! — disse Vicente, com um grito de raiva. — Não digas mais. Já sei — continuou com renascente exaltação. — Já sei. Adivinho o resto. É o teu pai que o determina; é o teu pai que o resolveu?

Madalena baixou a cabeça com dolorosa expressão.

O furor do velho exaltou-se outra vez.

— O teu pai! O teu pai, Lena! Então esse homem jurou matar-me?

— Tio Vicente!

— Ele não sabe o que são para mim estas árvores e estas paredes? Ele não sabe que a minha alma está nelas, presa a estas raízes? que com elas se despedaçará? Esse homem sem coração não vê que são estas as minhas afeições, as únicas? A minha única família? Ele, o companheiro dos meus primeiros anos! que, como eu, aí brincou, à sombra dessas mesmas árvores e sob os olhares do meu pai, que também o abençoava, tão duro de coração se fez, que, sem respeito por estas memórias todas, assim me quer separar do que me dá vida, do que ainda me prende ao mundo? E é o teu pai este homem, Lena?

— Por quem é, Tio Vicente; ouça-me. Deixe-me dizer-lhe ao que vim, que talvez tudo se remedeie ainda.

— Sim, sim; tudo se remediará com a minha morte. Talvez que ela seja útil ao teu pai. Talvez precise dela.

— Oh! não creia, não creia.

— É duas vezes doloroso o golpe; porque me separa do que amo deveras e por vir da mão de quem vem. Eu era amigo do teu pai, Lena. Acredita que o era. ainda. Conheci-o tão generoso e tão inocente como teu irmão Ângelo.

Muitas vezes me entusiasmei ao ouvi-lo falar dos seus projetos. E acreditei nele. Tinha então no olhar um fogo, que não mentia. Vi-o seguir a carreira pública e acompanhei-o com a minha fé. Não tardaram os primeiros desenganos; não lhes quis dar crédito ao princípio. Vieram outros e outros. Fui vendo então que os maus ares daquela terra tinham embaçado o brilho do carácter, que eu julguei melhor do que os outros. Mas o pior dos desenganos estava-me reservado ainda. Para o teu pai hoje os homens são medidos pelos votos que podem lançar na urna eleitoral!

— Por amor de Deus, Tio Vicente, não fale assim! Não duvide do meu pai! — exclamou Madalena, a quem cruelmente estavam afligindo as recriminações amargas do ervanário. — Meu pai estima-o e respeita-o. Não tem o coração endurecido que diz. Ele mesmo amanhã aqui há de vir. Verá então.

— Ele? Amanhã?

— Para isso venho preveni-lo. Não o receba com asperezas, Tio Vicente; fale-lhe com brandura. Talvez o

comova, talvez seja ainda possível valer a tudo. Ainda não está decidido. Julgo. E que estivesse.

— Amanhã! Teu pai vem aqui amanhã? E ousa vir ele próprio anunciar-me o que sabe que vai ser uma sentença de morte?

— Não; ele ignora o mal que isto lhe causa, creia. Sabendo-o, verá como.

— Teu pai conhece-me Madalena. O teu pai conhece-me, e há muito. Não julgues que pode errar, calculando o efeito deste golpe. Mas que queres tu? Ensinaram-lhe já a avaliar em pouco as venetas de um velho quase tonto. Homens que trazem o pensamento em interesses tão altos, não têm vista para estas pequenas desgraças.

Madalena sentia-se possuir de uma profunda tristeza, ao ouvir falar o ervanário. Era uma dolorosa provação para o seu amor de filha ver assim uma nuvem de desconfiança ofuscar a ideal conceção que ela formara do pai, e não ter forças para a afugentar. Às vezes uma dúvida cruel fazia-lhe, ao seu pesar, supor que o ervanário tinha razão. Agora só conseguia opor um gesto suplicante àquelas acerbas

acusações, que por muito tempo ainda desatenderam esta súplica muda.

Afinal serenou a violência da irritação do velho; sucedeu-lhe, porém, uma comoção profunda, dominado por a qual disse a Madalena:

— Sossega, Lena; amanhã eu receberei teu pai sem a menor aspereza. Fizeste bem em vir primeiro, filha. Se o não esperasse, talvez não soubesse conter-me. — Agradecido. — Uma noite é bastante para me preparar. Agora vai, deixa-me só; deixa-me chorar.

E, cobrindo o rosto com as mãos, deixou-se cair, soluçando, sobre a mesa, junto da qual se achava.

Madalena correu para ele, comovida.

— Então. Tio Vicente, então! Sossegue! Amanhã o meu pai virá. Fale-lhe, e eu espero que ainda será tempo de evitar. o mal.

Pode ser, pode ser. — respondia o velho. — E, se não puder, Deus me acudirá, para não viver por muito tempo fora da casa em que nasci.

Madalena já não tinha que lhe dizer.

— Eu pedirei também, e Cristina, e todos pediremos, como já pedimos. — Tenho esperança.

— Não, filha, não peças tu. Deixa-me só com o teu pai amanhã. Disseste que tinhas vindo, sem ninguém saber? — continuou ele. — Olha que te não deem pela falta. Vai, que é tempo.

— Mas.

— Vai, filha. Eu estou já tranquilo. Bem vês. Deus te recompense a bondade que tiveste. Vai. Queres que te acompanhe?

— Não é preciso. Vim pela porta das presas, que deixei aberta. São dois passos, e estou na quinta. Mas, Tio Vicente.

— Vai então; e Deus te abençoe.

E o velho pousou a mão sobre a cabeça de Madalena, que saiu comovida.

E ele caiu outra vez sobre a mesa, sem reter o choro que lhe rebentava dos olhos.

É sombria a saudade naquelas idades, porque as esperanças são já muito débeis para lhe darem luz.

Saindo de casa do ervanário, perturbada ainda pelos sentimentos que ali a tinham agitado, a Morgadinha dirigiu-se à pressa para a porta da quinta por onde saíra. Ao impeli-la para entrar, a porta resistiu. Este facto surpreendeu e inquietou um pouco Madalena. Quem poderia ter fechado a porta? E, se efetivamente estava fechada, tornava-se-lhe necessário um longo rodeio pela aldeia para chegar a outra, que pudesse encontrar aberta.

Nesta hesitação impeliu outra vez instintivamente a porta, que lhe opôs a mesma resistência.

Cedo depois sentiu, porém, o rodar da chave na fechadura e viu mover-se lentamente a porta, e no vão, que aumentava, desenhar-se uma figura de homem.

Antes que pudesse, através da obscuridade da noite, reconhecer a pessoa, que assim tão a propósito lhe acudia, deram-lha a conhecer estas palavras:

— Muito boas noites, prima Madalena. Espero que pelo menos me concederá licença para exercer, junto de si, as

humildes funções de porteiro.

Era Henrique de Souselas.

Madalena não foi superior a um vago sentimento de receio, ao encontrar-se aí com o hóspede de Alvapenha; contudo esforçou-se por dominar-se e respondeu, com aparente presença de espírito:

— Ah! É o primo Henrique. Muito boas noites. Aí temos um requinte de galanteria, que eu estava muito longe de esperar.

— E de desejar, não?

— E de desejar também; confesso-o. Por mais diligente que seja um porteiro, nunca o é tanto como uma porta aberta.

— Mas é mais discreto.

— Duvido. Em todo o caso, agradeço o incómodo.

E, dizendo isto, preparava-se para entrar, sem mais explicações.

— Uma palavra, prima Madalena — disse Henrique, retendo-a por o braço e com certa expressão nas palavras e

no gesto, que redobrou o sobressalto da Morgadinha. — Não há mais acomodado terreno para um diálogo solene do que o limiar de uma porta. Ordinariamente no limiar das portas o homem muda de máscara; depõe a que apresenta na sociedade e afivela a que traz na família, e vice-versa. Ora nestas mudanças é fácil surpreender o verdadeiro rosto da pessoa.

— Será tudo o que quiser o limiar de uma porta, primo; menos um lugar muito confortável para serões numa noite de Dezembro.

E Madalena tentou de novo seguir para diante.

Henrique susteve-a outra vez.

— Um momento só, prima Madalena; tenho necessidade de saber se me quer para aliado ou para inimigo.

— Não vejo a necessidade da aliança que propõe, nem as razões para a luta.

— Sejamos francos. A prima deve confessar que a minha presença aqui foi um desagradável contratempo. Uma certa altivez e consciência de invulnerabilidade, de que tinha o

incómodo de se revestir sempre que tratava comigo, depois desta importuna ocorrência, terá de se modificar.

— Não tinha dado por essa revestidura que diz; mas, se ela existiu, far-me-á o favor de dizer: porque não pode continuar?

— Essa é boa! Porque eu faço a justiça à prima de supor que não vai tão longe a sua hipocrisia.

— Hipocrisia! — disse Madalena, com acento mais severo.

— Perdão; não tive tempo para inventar outro termo mais. brando. Dissimulação talvez lhe agrade mais. Seja dissimulação. Mas, depois do ocorrido:

— Agora exijo eu que se explique, senhor.

— Ora vamos. Seja razoável. Poder-me-á dar uma explicação. edificante. desta sua excursão noturna?

— Obsta apenas a que eu lha dê, Sr. Henrique de Souselas, a falta de uma pequena formalidade: a de lhe reconhecer o direito de interrogar-me.

— Muito bem. Cada vez confirmo mais a minha ideia. A prima é uma mulher admirável, uma mulher superior, educada na alta escola de uma sociedade distinta, sobranceira por isso a pieguices provincianas. Tanto mais me encanta! E creia que me envergonho só ao lembrar-me do que terá pensado de mim, vendo-me tomar a sério as suas profissões de fé, tão cheias de franqueza e de candura. Devo ter-lhe parecido bem ridículo! Não é verdade?

— Agora é que me está parecendo bem enigmático!

— Sim? Nesse caso eu me decifro. A prima não ignora que eu a amo.

— Pois ignorava! — atalhou Madalena, com ironia.

— E sabe decerto, por experiência do mundo, que, para homens como eu, a indiferença, a frieza e os desdéns redobram o ardor da paixão.

— Sim; já li isso num romance.

— A prima tem sido para comigo de uma crueldade revoltante, mas pouco sincera. Eu resignava-me a sofrer, porque um resto de ingenuidade, que me ficou dos quinze anos, iludia-me na interpretação de tais resistências. Tive a

puerilidade de a supor uma mulher de exceção; pouco me faltava para a divinizar. Estava reservado para esta memorável noite de Natal o desengano.

— Ah! então parece-lhe.

— Que a prima representa admiravelmente o seu papel. Pode gabar-se de ter iludido um homem habituado às cenas da comédia social.

Madalena respondeu, com um tom de voz, cheio de severidade e de nobreza:

— Tenho-o estado a escutar, Sr. Henrique de Souselas, sem que eu própria bem saiba o que me retém aqui: se é a compaixão que me inspira a profunda doença moral, de que o vejo tomado, se a curiosidade de saber a que tendem todos esses arrazoados. Vejo-o inclinado a imaginar que, por um facto, que a sua pouco delicada indiscrição preparou, eu ficarei de hoje em diante à mercê da sua generosidade. Conhece-me muito pouco, Sr. Henrique! Ainda quando esse facto não pudesse ter uma explicação natural, e que me não repugnará declarar quando quiser, saiba que tenho orgulho de mais para arrostar com tudo,

até com a calúnia, de preferência a resignar-me ao menor predomínio que me seja odioso.

— Bravo!

— Saiba mais, Sr. Henrique de Souselas, que, se eu não lhe fizesse a justiça de acreditar que desses seus atos e palavras não é absolutamente irresponsável talvez a má influência da ceia desta noite, bastariam eles para me inspirarem por si e pelo seu carácter o mais completo desprezo; e então seria, como nunca, manifesta a minha independência, porque eu nunca temi os seres que desprezo.

Henrique começava a ser de novo subjugado pelo tom de severidade e de energia, com que a Morgadinha lhe falava; ainda assim um gesto de ceticismo obrigou-o a replicar:

— Santo Deus! prima Madalena; não dê um colorido tão pavoroso às minhas suposições. Despojá-la de uma crueza desumana, para a dotar de uma sensibilidade verdadeiramente feminil, é uma justiça feita ao seu coração. E o facto que o acaso me revelou a nada mais me autoriza. O pequeno e natural despeito por me haver

deixado iludir desvaneceu-se já, creia; e agora só me resta invejar a sorte de quem tem a felicidade.

— Basta! Ordeno-lhe que se cale, senhor! Nem mais um instante o escutarei; poupar-lhe-ei assim os remorsos que amanhã teria da sua infâmia.

E, animada por uma resolução mais enérgica, Madalena caminhou soberanamente para a porta.

Henrique colocou-se-lhe outra vez diante.

— Um momento mais.

— Deixe-me passar, senhor.

— Não, sem que me ouça antes.

— É uma violência!

— É uma súplica.

Neste momento saiu da obscuridade da rua caraira um vulto que avançou para eles.

Sra. D. Madalena, se for preciso reter o insolente que se lhe atravessa no caminho, ponho um braço à sua disposição.

E Augusto, de quem partiram estas palavras, veio colocar-se entre Henrique e Madalena.

Ouvindo-o e reconhecendo-o, Henrique estremeceu de cólera. O olhar que fixou no recém-chegado traiu a veemência da impressão recebida. Depois sucedeu-se-lhe no espírito outra ordem de ideias. Olhou para Madalena, em quem não era menor a surpresa causada pela inesperada presença de Augusto, olhou outra vez para este e soltou uma risada cheia de malignidade e de ironia, que a ambos fez estremecer.

— Aí está uma aparição tanto a tempo, prima Madalena, que aos mais incrédulos infundiria fé na intervenção da Providência. Que foi sem dúvida providencial o acaso que trouxe por aqui, a estas horas mortas, um tão generoso e intrépido salvador. Não é verdade, prima? O que vale estar de bem com Deus!

Estas palavras mostraram a Augusto que a sua intervenção, ainda que generosa e devida a um espontâneo impulso da alma, não fora porventura das mais convenientes.

— Senhor! — exclamou ele, indignado, dando um passo para Henrique.

— Sossegue — disse este, com dobrado sarcasmo. — O senhor é um perfeito herói de romance; entusiasta, cavalheiresco, mas, em certas ocasiões, incómodo de candura, por isso mesmo. Se soubesse o transtorno que veio causar a um belo diálogo que eu sustentava aqui com a Sra. D. Madalena! Não vê como a deixou embaraçada? Perdeu com a sua vinda o fio da comédia que desempenhava com perfeita ciência de atriz. As almas ingénuas e generosas, como a sua, Sr. Augusto, sã o às vezes de uma impertinência! Vamos, Sra. D. Madalena; não descoroçoe. Assim esgotou todos os recursos da sua imaginação? Vamos, introduza mais este elemento de aparição de um herói no enredo, e organize a comédia com o superior talento que tem! Eu por mim aceito todos os papéis que me distribuir.

Augusto ia a responder, quando Madalena o atalhou, dizendo com voz firme:

— Perdão; vejo nesta noite em todos uma notável disposição para usurparem direitos, que não possuem! O

Sr. Henrique, o de me interrogar; o Sr. Augusto o de me defender. A um repetirei o que já há pouco lhe disse: se algum dia tiver necessidade de explicar as minhas ações, fá-lo-ei diante de outros juízes em quem reconheça o direito de o serem. Ao outro peço licença para lhe lembrar que, se o título de hóspede e de parente não fosse bastante para me assegurar da parte do Sr. Henrique de Souselas os respeitos que me são devidos, tinha ainda na minha família defensores legítimos e não seria por isso obrigada a recorrer à proteção de um estranho. Os meus senhores.

E, inclinando-se senhorilmente, a Morgadinha passou por entre eles e entrou para a quinta, sem que nenhum a procurasse reter.

— Se esta senhora aceitasse a sua proteção e eu teimasse naquilo que chamou a minha insolência, qual seria, pouco mais ou menos, o seu procedimento? Poder-se-á saber? — perguntou Henrique, logo que a Morgadinha desapareceu.

Augusto, em quem a fria altivez da resposta dela deixara o desespero no coração, respondeu acerbamente:

— Procuraria ensiná-lo a ser cortês. Bem vê que não me esqueço facilmente do meu programa de mestre-escola.

— Vejo; é a segunda tentativa de lição que lhe mereço. Permite-me que amanhã o procure para dar princípio a um curso de educação mais regular?

Augusto respondeu sorrindo:

— É um cartel em forma? Não sei se estarei ensaiado para essa comédia.

— Se o génio trágico lhe agrada mais, dar-se-lhe-á esse sabor.

— Bem ouviu que se me negou o direito de tomar partido por esta causa. Qualquer cena dessas entre nós seria pouco delicada. amanhã.

— Pois bem, contemporizemos; e até lá é de esperar que algum motivo ocorra que a explique melhor. aos olhos dos outros.

— Como queira; a minha porta não se fecha a quem me procura.

E separaram-se depois de se cortejarem.

— Se me não engano — dizia consigo Henrique, em caminho do quarto — é um verdadeiro desafio o que eu acabo de dirigir a este rapaz. Quer-me parecer que estou sendo bem ridículo, desafiando um mestre-escola. Se lhe deixo a escolha das armas, decide-se por a férula. Tem graça! Veremos o que amanhã, à luz do dia, eu penso disto tudo. Eu já não fico por mim esta noite. Estou a querer convencer-me de que tenho andado estouvadamente e com não demasiado cavalheirismo. Que diabo! É que esta mulher e este criancelho são irritantes. Ela com a sua altivez, ele com os seus brios. Mas, na verdade, será este o Endimião desta esquiva Diana? Caprichos feminis. É o tal primo ingénuo e tímido. A ociosidade da aldeia para alguma coisa há de dar. Mas da maneira com que ela lhe falou. Havia um certo tom de sinceridade. Astúcias. O que é certo é que estou em luta com uma mulher superior. Pois lutemos, priminha, mas com armas leais. Não me prevalecerei do segredo que o acaso me revelou, se segredo existe. Veremos como ela amanhã me trata.

Esta cena deixou em Augusto uma perturbação de espírito mais profunda.

As operações mentais que o preocuparam toda a noite eram daquelas a que repugna chamar pensar. É mais uma febre intelectual, um suceder de imagens sem ordem nem filiação, que não conduz a nenhum resultado, que não aconselha nenhum partido, que não esclarece; ofusca.

Como se explica esta diferença entre os dois? Por um aparente paradoxo: porque Augusto tinha mais hábitos de refletir. Quando, numa vida de episódios uniformes e aparentemente vulgares, o espírito exerce demasiado a análise, habitua-se a estudar factos que para outros passam por insignificantes, e descobre-lhes faces novas e desconhecidas. Costumado assim a ligar valor a tudo, quando sucede que no decurso da vida se lhe depara um facto de maior vulto, a confusão do primeiro momento é inevitável. Assim como a balança de precisão, apropriada para oscilar com pesos tenuíssimos, não é a que pode servir para os grandes pesos, também a inteligência, costumada a pesar subtis acidentes, de que se compõe o drama habitual da vida, não é a que de súbito pode avaliar algum mais complexo e importante.

A resolução nestes espíritos, depois de formada, é mais tenaz; mas, enquanto se não forma, vai neles um tumulto de ideias, que se não podem analisar.

Não analisemos, pois, as de Augusto.

Madalena não sossegou enquanto não viu Henrique voltar ao quarto, pelo mesmo caminho porque saíra.

— Que resultará disto? — pensava ela. — Que fará ele amanhã? É preciso não me acobardar, ou estou vencida. Mas que se passaria depois que os deixei? Veremos amanhã.

No meio desta série de pensamentos, Madalena sorriu.

É que lhe ocorrera então este pensamento:

— Dizem que nós, as mulheres, temos filtros subtis para nos tornar amadas. Pois será mais difícil fazer-se aborrecida? Como o conseguirei?

CAPÍTULO XVII

Não tinha mentido a grande cintilação das estrelas na noite de Natal.

A manhã do dia seguinte correspondeu ao augúrio meteorológico, rompendo pura e desenevoada, com um céu azul sem manchas e um sol de fundir os gelos dos montes e os gelos da velhice.

O frio intenso convidava a sair, e desde pela manhã aldeões de ambos os sexos, de camisas lavadas e roupas domingueiras, atravessavam os campos, saltavam sebes e cancelos, desembocavam das azinhagas e quelhas na direção da igreja matriz, onde se deviam celebrar as festas da Natividade.

Era dia-santo entre os que mais o são; e os dias santos na aldeia têm uma feição solene e festiva, que mal avaliamos nós, os que passamos a vida nos apertados horizontes das cidades, fantasiando o campo por meia dúzia de pardais,

que chilram ruidosamente nas copas das enfezadas árvores das nossas praças e jardins.

Desde que a moda estabeleceu a lei de não solenizar o domingo nem o dia-santo, com um vestuário mais asseado, com um prato mais esquisito na lista do jantar, com uma diversão excecional, e que todos deram em vestir-se, comer e trabalhar nesses dias, exatamente como em todos os da semana, perderam nas cidades os dias do Senhor a feição típica e interessante, que por muito tempo tiveram; e quem hoje bem os quiser apreciar tem de ir num sábado pernoitar ao campo, para amanhecer no domingo ao som do sino, que chama para a missa matinal.

Dirá, então, se não parece que até o Sol tem outra luz e que as árvores e as plantas se toucaram de flores novas, que guardam de reserva para os dias de festa.

Este particular aspeto do domingo estava-o logo pela manhã sentindo Henrique de Souselas, encostado à varanda do quarto em que pernoitara, e enquanto esperava que o chamassem para o almoço.

De vez em quando a recordação das cenas noturnas da véspera desviava-lhe para outra ordem de reflexões o pensamento; acudiam-lhe todos aqueles incidentes à memória, mas vagos e confusos, como se tivessem sido sonhados; chegava quase a duvidar da realidade deles.

Agora estava experimentando certa curiosidade e também receio de saber como seria recebido pela Morgadinha e que posição deveria tomar na presença dela.

Formava a este respeito várias conjeturas, sem se fixar em nenhuma.

Destas cogitações veio por fim arrancá-lo o toque da campainha anunciando o almoço.

— Vamos — disse Henrique —; preparemo-nos para o primeiro embate. Apuremos a vista para num relance julgar do estado das coisas, e por ele regular o meu plano de tática.

E, depois de uma rápida consulta ao toucador, desceu para a sala do almoço.

Já ali encontrou reunida toda a família do Mosteiro e a Morgadinha presidindo à mesa e preparando o chá.

Todos saudaram Henrique e a um tempo se informaram da maneira porque ele tinha passado a noite.

Henrique respondeu que a tinha dormido deliciosamente, e, falando, desviava o olhar para Madalena, que o encontrou do modo mais natural, sem timidez nem audácia.

Seguiram-se os cumprimentos em particular, chegando, portanto, a vez de cumprimentar Madalena.

— Bons dias, prima Madalena — disse Henrique, estendendo-lhe a mão e fixando-a com olhar investigador.

Madalena respondeu-lhe ao cumprimento, com sorriso que nada tinha de afetado nem de constrangido.

— Bons dias, primo Henrique. Devem-lhe parecer horrorosos estes nossos hábitos matinais. Foi uma indiscrição mandar tocar a campainha. Esqueci-me de prevenir que lhe respeitassem a indolência cidadã.

— Eu é que não consentia — disse o conselheiro. — Na aldeia como na aldeia. Em Lisboa também as minhas alvoradas são mais tardias.

— Tem razão, Sr. conselheiro. Eu próprio não esperei que me acordasse o toque da sineta. Há muito que eu namorava a manhã da janela do meu quarto.

— Eu não pude dormir toda a santa noite — disse D. Doroteia. — Estranhei a cama e a casa. Eu cá sou assim: quem me tira do ninho!

— Ó prima, não vá sem resposta — disse D. Vitória — que também eu não pus olho, e mais sou de casa. E por sinal que sempre hei de querer saber quem foi o criado que lhe deu para andar toda a noite por a quinta. Eram que horas e eu ainda ouvia pés nas escadas de pedra. É verdade: o primo Henrique não ouvia? Era mesmo junto do seu quarto.

— Não, minha senhora; eu não senti rumor.

E, dizendo isto, Henrique procurou os olhares da Morgadinha, que justamente naquela ocasião lhe servia uma chávena de chá e que de novo o fixou sem perturbação nem afetada indiferença.

Henrique sentiu-se embaraçado com isto. Custava um pouco à sua vaidade este nenhum vestígio de ressentimento

ou de receio, que encontrava em Madalena.

No entretanto, D. Vitória continuava a comentar com D. Doroteia o facto das passadas que ouvira de noite.

— Deixe-se disso, prima. É porque não sabe o que vai. São coisas destes criados. Não faz ideia! É uma pouca-vergonha! É preciso paciência de santa para os aturar.

— Ângelo — disse a Morgadinha ao irmão —, entretido como estás a conversar com as crianças, esqueces-te de servir a Criste, que também se esquece de se fazer lembrar. Que distrações por aqui vão!

Ângelo reparou para a prima, que em todo aquele tempo estivera calada e caída numa daquelas abstrações, a que ultimamente era sujeita.

— Eu não sei que tem hoje esta Criste — disse Ângelo. — Julgo que lhe fez mal o frio da noite de ontem.

— É verdade, até está falta de cor! Ora queira Deus que não seja coisa de preocupação. Dói-te alguma coisa, menina? — perguntou D. Vitória apreensiva.

— Não, mamã — respondeu Cristina.

— Ó meninas, vocês também são umas desacauteladas. Eu bem te disse ontem, Criste, que levasses mais roupa. Tudo é não faz mal, tudo é não tem dúvida, e depois é que vem o queixar-se.

Isto disse a senhora de Alvapenha e muitas coisas mais neste sentido. Estas reflexões fizeram Henrique desviar os olhos para a pessoa que era objeto delas.

Cristina estava efetivamente pálida e pensativa; e desta cor e desta expressão recebia uns ares de poesia melancólica, que a tornava mais graciosa.

Henrique notou pela primeira vez a beleza desta criança, em que mal fixara a atenção até ali, e pela primeira vez se demorou a observá-la com alguma insistência.

— É interessante esta pequenita — pensava ele consigo.

Cristina ia a levantar os olhos para responder a D. Doroteia, quando encontrou os de Henrique a fitá-la. Assomou-lhe então às faces um mal pronunciado rubor, a palavra resolveu-se num sorriso, e os olhos baixaram-se de novo.

— Há de ser adorável esta mulher — pensou desta vez Henrique, vendo-a sob novo aspeto.

O conselheiro disse, sorrindo:

— Ora que estão a dizer? A Criste até está com umas cores muito bonitas. Triste? Melancolias dos dezoito anos nunca me deram preocupações. Provavelmente está agora nalgum episódio sentimental do romance da sua imaginação. Não sondemos aqueles mistérios, mana. Já não é para nós compreendê-los, prima Doroteia.

Todos riram do dito do conselheiro, o que redobrou o enleio de Cristina.

A Morgadinha, a quem não passara despercebida a impressão, que a prima desta vez parecia ter causado a Henrique, quis aproveitar a opotunidade que há tanto procurava, e para isso propôs que se desse uma volta pela aldeia antes da missa do dia. Esperava ela que as atenções de Henrique, durante o passeio, seriam para Cristina, se não decorresse o tempo preciso para que se dissipasse no espírito do volúvel rapaz a impressão que o dominava.

A manhã convidava a excursão campestre. A proposta da Morgadinha foi acolhida com aplauso. O conselheiro prometeu acompanhá-los até à casa do ervanário, a quem tinha de visitar aquela manhã.

Levantaram-se todos da mesa, e à exceção de D. Vitória e D. Doroteia, todos saíram.

A Morgadinha, sob não sei que pretexto, deixou-se ficar um pouco atrás para dar tempo a Henrique de oferecer o braço a Cristina, o que efetivamente aconteceu.

— Bem — disse Madalena consigo, ao vê-los — agora que os anjos bons de um e de outro se convençam da obra meritória que fazem entendendo-se.

E, aproximando-se do pai, Madalena apoiou-se-lhe no braço.

Ângelo ia com as crianças adiante.

Aproximemo-nos nós de Henrique e de Cristina, para ver se os anjos bons deles ambos acederam ao convite de Madalena.

— Não há prazer que se compare ao de um passeio assim pelos campos, numa manhã como a de hoje, e em companhia tão amável — dizia Henrique, procurando aquilatar o espírito da sua partner, num certame de galanteria, fora do qual não concebia que se pudesse temperar uma paixão.

Pobre rapariga! Que eloquentes e apaixonadas respostas lhe estava porventura ditando a alma! Mas o enleio da timidez fechava-lhe os lábios, não lhe deixando formulá-las; apenas pôde responder:

— Está muito agradável a manhã, está; nem parece de Inverno!

— Pelo que vejo, não gosta do Inverno? É natural numa senhora isso. Faltam-lhe as flores e as aves, suas irmãs. Eu prefiro o Inverno, porque prepara a vida íntima, as cenas ao canto do fogão, as leituras em comum, e traz-me à ideia as imagens de viver a que a fantasia de todos sorri; de todos os que têm um resto de coração; refiro-me às imagens de uma família.

Não há quem sustente mais tremendas lutas do que os tímidos. A alma revolta-se neles, com toda a violência dos seus instintos, contra não sei que mistério de temperamento, que lhes reprime as expansões. Na aparência é fraqueza e serenidade, mas no íntimo há esforços realizados, que os fortes nem concebem sequer.

Cristina encobria no seu enleio uma destas lutas. Os lábios só puderam responder:

— Na cidade o Inverno é mais fácil de passar, julgo eu; porém, na aldeia.

— Na aldeia e em toda a parte se pode gozar a felicidade que eu imagino. Não é fora das portas de casa que devemos procurar os elementos para instituir a nossa ventura, e por isso. Mas a prima há de estar admirada de ouvir falar assim um homem que completou os seus vinte e sete anos sem família. Não é verdade?

Cristina só pôde sorrir.

— Mas que quer? Quem muito idealiza arrisca-se a morrer apaixonado do ideal e abraçado à pior das realidades. É a consequência legítima e triste do aspirar

demasiado. Até hoje tenho encontrado na vida muitas mulheres formosas, amáveis, interessantes; porém nenhuma que satisfizesse às necessidades do meu coração, de quem me afirmasse a consciência poder esperar a realização do meu sonho. Perdoe-me falar-lhe nisto, priminha; é uma ousadia que tomei, porque um instinto me disse que possui no coração bastante bondade para ma perdoar.

— Está a gracejar? — disse Cristina, em quem redobrava a turbação, e que, ao mesmo tempo que estava sendo feliz, desejava ver interrompida a sua felicidade: contradições próprias dos tímidos.

— A prima é muito nova — continuou Henrique, que não desesperava ainda de animar esta Galateia — e talvez por isso lhe causará estranheza este meu modo de falar. Um dia virá, porém, em que o compreenderá melhor. Se então encontrar um desconfortado como eu, peço-lhe que tenha misericórdia dele e o salve do desalento, em atenção a quem a conheceu numa época, em que só podia ver em si, priminha, a aurora de uma esperança que já não tinha de luzir para ele.

— Mas. salvá-lo! Como salvá-lo?

— Como as mulheres salvam; amando.

— Bem digo eu que está a gracejar — balbuciou Cristina, com voz trémula.

— Tem o defeito da inocência — disse Henrique para si. — Não se lhe tira uma resposta de jeito.

Nisto chegaram em frente da porta, por onde Madalena tinha saído da quinta na noite passada.

— Agora deixo-os por aqui — disse o conselheiro. — Irei encontrá-los à igreja. Vou arrostar com a fera silvestre ao próprio covil.

— Meu pai, lembre-se do que lhe recomendei — disse Madalena.

— Sossega, filha; serei de cera. Até logo.

— Até logo.

E o conselheiro tomou a direção da casa do ervanário.

— Era tempo! — disse Henrique consigo. — A minha eloquência arrefecia na proximidade deste gelo.

A Morgadinha tinha quase adivinhado tudo: estudando as fisionomias de Cristina e de Henrique, conheceu que se não tinham entendido os anjos.

— Ainda não! — murmurou ela. — Pobre Criste! Como se deve estar odiando a si mesma! Como há de esta criança vencer este obstinado? Mas não perco ainda as esperanças.

Henrique, na presença destes sítios, recordou-se da cena da véspera e tentou outra vez experimentar Madalena.

— Esta porta é da quinta do Mosteiro, não é, prima?

— É — respondeu Madalena, imperturbável; e voltando-se para Ângelo: — O que te faz lembrar esta porta, Ângelo? — perguntou ela.

— Que muitas vezes por aqui saíamos, eu e vós ambas, já de noite, e sem a tia saber, para irmos ter com o Tio Vicente, que voltava da caça das borboletas.

— Fica perto a casa dele? — perguntou Henrique.

— É ali, logo ao dobrar daquela esquina — respondeu Ângelo.

Henrique pensava:

— Seria para provocar uma explicação que ela fez a pergunta? Esta mulher é admirável! Não lhe sei resistir.

E já lhe não restavam vestígios da impressão causada por Cristina.

— Este ervanário — continuou ele em voz alta — deve, pelos seus hábitos excêntricos e até pelo solitário do sítio em que vive, ter aqui na terra certa famazinha de feiticeiro.

— E tem — afirmou Madalena — mas de feiticeiro bem intencionado.

— Devem correr muitas fábulas a respeito dele, do seu viver.

— É certo que poucos se atrevem a passar aqui de noite, apesar de todo o bem que ele faz de dia.

— Ah! Então temem-se de passar aqui de noite! Pobre homem! O que lhe valerá é algum espírito forte que ainda por aí haja, na aldeia. Que diz, prima Madalena? Haverá?

Antes que a Morgadinha respondesse, Ângelo disse:

— À exceção de Augusto, que aí vem quase todas as noites, ninguém mais o visita.

— Ah. O Sr. Augusto vem aí quase todas as noites?!

Madalena lutava para reprimir a impaciência.

— Lá me parecia que havia de existir alguém de coragem. Para tanto não chegava o seu ânimo, não, prima?

— Tanto chega, que já muita vez ali tenho ido só e a altas horas — respondeu Madalena, com a maior firmeza.

— Sim? E não tem medo?

— De quê? De almas do outro mundo? Não tenho crença para tanto. De malfeitores? Não os há aqui. Nesta terra todos me respeitam, nem com uma suspeita me ofendem — disse a Morgadinha, acentuando com expressão as últimas palavras.

Henrique acudiu imediatamente.

— Longe de mim duvidá-lo.

E calaram-se por muito tempo.

Pela sua parte prosseguia o conselheiro no caminho para casa do ervanário. Cruzou-se com vários homens, mulheres e crianças, de aspeto doentio e sofredor, que voltavam de consultar o velho a respeito dos seus males; eram mancos,

até ricos, escrofulosos, crianças de aspeto raquítico e enfezado, os mais melancólicos exemplares do infortúnio humano.

— São os peregrinos que vêm de Meca — disse consigo o conselheiro. — Pelo que vejo, a clientela do meu velho amigo ervanário mantém-se fiel, como dantes. Valha-nos Deus, que o meu severo censor não trata com muito respeito o código.

Entrou, enfim, a porta do quintal.

Poucos passos andados encontrou-se com o Zé P' reira, que vinha virando e revirando nas mãos um papel e monologando, segundo o costume:

— Ora! ora! ora! Estragar o vinho do nosso Senhor com esta mexerufada! Isso até era um pecado. Nessa não caio eu!

O conselheiro interrogou-o sobre as causas daquele aranzel.

O homem, depois de cortejar, respondeu, mostrando uma receita que lhe dera o ervanário no virtuoso intento de lhe fazer aborrecer o vinho, causa dos seus males. A receita

era extraída da Polianteia, e tinha por ingredientes uma cabeça e sangue de carneiro, cabelos de homem e fígado de enguia; mas o doente ia pouco disposto a experimentar-lhe a eficácia.

Depois de se separar do Zé Pereira, o conselheiro seguiu por uma rua de limoeiros, e como homem a quem era familiar a topografia do quintal. Cedo chegou à vista do ervanário, que dera audiência sub tegmine fagi.

Estava sentado à borda de um tanque, a que uma dessas árvores dava sombra.

O conselheiro saiu, enfim, detrás dos limoeiros e veio ter com ele.

Ao rumor dos passos, Vicente voltou a cabeça, e, depois de reconhecer quem era, retomou a sua primeira posição e ficou silencioso.

— Bons dias, Vicente — disse o conselheiro com familiaridade e parando em frente dele.

— Bons dias, Manuel — respondeu o ervanário, deixando-se ficar sentado.

— Saía agora daqui um homem, que julgo será rebelde a toda a tua medicina. Padece de mal que se não cura.

— Os vícios são enfermidades mais rebeldes do que os achaques do corpo, são.

— Já que tu não apareces no Mosteiro, como dantes, para solenizar connosco as festas do Natal, vim eu ver-te.

— Obrigado.

— A tua misantropia vai-se azedando, Vicente — continuou o conselheiro, sentando-se à beira do tanque. — Cada vez te estás a sequestrar mais dos homens, cada vez mais os aborreces.

— Eu não aborreço os homens, enganas-te. Não os aborrece quem passa a vida a procurar os meios de aliviar os padecimentos dos seus semelhantes. Estou velho, isso sim; e, como velho, encontro já no mundo pouca gente com quem me entenda. As ideias do meu tempo passaram. Por isso deixo-me ficar em casa a pensar nele.

— És um homem singular; um verdadeiro filósofo. Ora diz-me; e em que pensas tu, quando assim passas uma

manhã inteira, sentado nesse banco, com os joelhos ao sol, os braços cruzados, e os olhos no chão?

— No passado. Pois não to disse já? O domingo reservo-o eu para me recordar. Aí está que há pouco, quando aqui me vim sentar, ao ouvir os repiques na igreja, lembrei-me de que era dia de Natal, e o meu pensamento voltou quarenta anos atrás a um dia igual ao de hoje. Lembras-te dele, Manuel?

— Do dia de Natal de há quarenta anos? Não.

— Lembro-me eu. Faz hoje mesmo quarenta e dois anos que, mais cedo do que estas horas, vieste ter comigo aqui a casa. Tinhas pouco mais ou menos a idade que hoje tem teu filho Ângelo. O meu pai saíra; julgámos nós ambos boa a ocasião de levar a cabo um projeto que há muito tempo trazíamos na cabeça. Crescia a um canto do muro, além, à beira do poço, uma pequena faia que ali não podia durar muito tempo; o meu pai todos os dias a ameaçava com a enxada e a custo a tínhamos defendido. Resolvemos transplantá-la. Deitámos mãos à obra essa manhã, e, no fim de alguns segundos, estava a faia mudada. Trouxemo-la

para onde a deixassem em paz os hortelões, e para junto da água que ela já tinha procurado. Conheces a árvore hoje?

— Não — disse o conselheiro, olhando em roda, como à procura de algum pequeno arbusto.

— Olha que há quarenta anos; a planta é hoje árvore. É esta a que me encosto.

O conselheiro levantou então os olhos para os ramos vigorosos da árvore, como se lhe parecesse impossível ter sido removida para ali pelas suas mãos.

— É singular como os anos correm, e as árvores crescem depressa — disse ele, distraidamente.

— Depois da nossa tarefa, sentámo-nos — prosseguiu o ervanário. — Tu ficaste, exatamente como estás agora, à beira deste tanque. Então, lembra-me bem, olhando para os ramos tenros desse arbusto, que ainda não sabíamos se viveria, tu disseste: «Fizemos uma obra que durará mais do que nós». E eu respondi: «Quem sabe? O machado vem, quando menos se espera».

— Como te lembras bem dessas coisas! — disse o conselheiro, sorrindo constrangidamente, porque não

agourava bem do exórdio que abrira a entrevista.

— Ai, eu tenho boa memória!

Houve um momento de silêncio, que Vicente interrompeu subitamente dizendo:

— Mas afinal o que te trouxe hoje aqui?

O conselheiro respondeu com resolução:

— Ver-te, como disse, e ao mesmo tempo falar-te de um objeto grave.

— Sim? E comigo é que vens tratar os objetos graves?

— Porque não? Sempre foste homem de bom conselho.

— Nem sempre, Manuel, ou nem sempre pensaste assim.

— Não poderás dizer que deixasse alguma vez de te respeitar. Os nossos génios diferem, os nossos diversos hábitos de vida ensinaram-nos a pensar diversamente a respeito de muitas coisas. Daí procedem divergências naturais que contudo nos não obrigam a deixar de nos estimarmos, julgo eu.

— Bem; então dizias tu que vinhas?

— Trata-se de um negócio de muita importância, Vicente.

— Diz.

— Responde-me primeiro: tens ainda ânimo para sacrifícios?

— Pouco tenho que sacrificar.

— Tens, e é um sacrifício doloroso.

— Acaba.

— Trata-se de te desapossar desta casa e deste quintal, para abrir por aqui a estrada em projeto.

O ervanário, contra a expectativa do conselheiro, acolheu sem surpresa estas palavras, e respondeu, com certa ironia:

— E para que me vens consultar? Posso eu opor-me a isso? Avisas-me para eu me arredar a tempo da sombra destas árvores, mais velhas do que eu, a fim de que não me esmaguem ao caírem decepadas? És generoso, Manuel, em teres ainda em conta a vida de um homem inútil.

— Aí estás já com as tuas recriminações. Acredita que eu.

— Não mintas, Manuel, não mintas. Ias dizer que não tinhas tomado parte neste projeto. Tem coragem e lealdade, homem, e diz tudo. Entre mortificares o coração de um velho e pobre amigo e ofenderes os interesses de algum rico e poderoso influente, tomaste o primeiro partido; e, como os diferentes hábitos de vida te ensinaram em muitas coisas, como dizes, a pensar diferente de mim, não deste a isso o nome de ingratidão.

— Ouve.

— Sê franco, que eu te ouvirei.

— Pois bem, serei franco. Sim, confesso-te: era indispensável que esta estrada se fizesse. Bem o sabes. Estava nisso empenhada a minha palavra e a minha honra. Há muito que os meus adversários me fazem guerra por causa dela. Trabalhei e consegui, apesar desta situação política me ser contrária. Três traçados se ofereciam. Um sacrificava uma grande parte dos bens dos meus filhos, de Ângelo, que não é muito rico, que está no princípio da

existência e que só Deus sabe se no decurso dela não teria ocasião de maldizer a imprevidência de quem devera olhar por os seus interesses. Querias que o sacrificasse? Sabes que os Brejos, vendidos hoje, nada valiam, e que, dentro em pouco tempo, convenientemente trabalhados, podem ser de um valor importante. Querias que o fizesse? Ou não me desculpas por o não ter feito?

— Fizeste bem — respondeu o ervanário.

— O outro traçado cortava os bens do brasileiro Seabra. Conheces este homem? Um elemento que, nas mãos de quem lhe saiba lisonjear e conduzir a vaidade, pode ser de utilidade para esta terra, mas também uma cabeça que, entregue a si, não faz coisa de jeito. O homem opunha-se formalmente a esse traçado; se o não atendesse, declarava-se, por despeito, no campo contrário ao meu. Se vencia, e algumas armas tem para lutar, imagina a calamidade que seria para este círculo o confiar àquelas mãos os seus destinos; vencido, era perder a esperança de tirar dos bem fornecidos cofres, que o homem possui, alguma coisa mais útil do que um sino para a igreja ou vestimentas novas para as imagens dos altares. Eu ando a catequizar o homem,

para ver se consigo dele uma casa para escolas, melhor do que esse albergue que aí temos, e estabelecimento sericícola; se o desatendesse, lá iam as esperanças destes melhoramentos tão úteis, e que o mais que nos poderão custar é um diploma de visconde ou uma comenda. Sei que te não agradam estes meios, porém olha que em política são dos mais inocentes que podem empregar-se. Já vês, pois, que o segundo traçado tinha desvantagens para o círculo, por cujo interesse me empenho deveras; podes crê-lo. Resta, pois, o terceiro traçado que, lealmente o confesso, não era o melhor, nem científica nem economicamente considerado; eu sabia de mais o que valia para o teu coração o sacrifício que se te vinha exigir; eu mesmo possuo memórias ligadas a estas árvores, e não há homem que, aos cinquenta anos, veja sem repugnância desaparecerem os vestígios dos seus tempos de infância e de juventude; mas sabia também que tu eras uma alma generosa e heroica, e que não duvidarias comprar, à custa das tuas dores e saudades, um melhoramento para esta terra, que tanto amas. Esta estrada, prometida há tanto, e concedida ainda agora de má vontade, corre o risco de se não fazer, se, quanto antes, não começarem os trabalhos; a

menor oposição dos proprietários, o menor embargo dilatório podem ser motivo para o seu adiamento, porventura indefinido. Por isto também me animei, porque contava contigo, Vicente. Enganei-me?

O ervanário estava cada vez mais pensativo.

— Pensaste bem. A velhice é assim; e eu queria dar mais importância a dois anos de vida, que me restam, do que à vida nova que vai haver para esta terra. Fizeste bem.

— Esperava ouvir isso mesmo de ti, Vicente. Além de que, dissipa as apreensões com que estás; em toda a parte terás árvores.

O ervanário interrompeu-o:

— Se não entendes o amor que eu tenho por estas, não faças por consolar-me, Manuel, porque me afliges mais.

— Porém, deixa-me dizer-te, Vicente, que no Mosteiro, ou em qualquer das nossas propriedades, tens sempre um lugar vago à tua espera, tanto à mesa, como ao canto do fogão, e amigos que te receberão com prazer.

— Não receio ficar sem abrigo, Manuel. Em cada choupana de pobre teria teto e pão. Conto com a colheita de algum bem que semeei.

— Eu farei com que o contrato da expropriação seja o mais favorável possível. Vejamos, em quanto avalias.

— Não falemos nisso. A avaliar por o que eu lhe quero, ninguém mo pagaria; a não atender a isso, tudo será pagá-lo bem.

— Mas.

— Não falemos nisso, homem. Tenho medo de que estas árvores me ouçam propor o preço porque as vendo. Se alguma coisa posso pedir-te, então.

— Tudo. Diz em que te posso servir.

— Peço-te que decidas a pretensão daquele pobre rapaz, de Augusto; que te lembres um dia de que aqui na aldeia há um homem, que tem vinte anos, um coração e uma cabeça como tu sabes, e que de ti e dos teus, da gente que dá e vende graças, honras e empregos, só quer um favor. mas uma justiça: lembra-te disso.

— Falas do despacho efetivo para professor? É uma coisa facílima; mais que ele queira. E antes ele quisesse mais; esse rapaz perde por modesto. Acredita, às vezes é mais fácil servir os ambiciosos. Nem eu sei o que tem empatado esse negócio. É certo que há um competidor, por quem alguém trabalha; mas não importa, conta com isso, como negócio concluído.

— Enquanto não vir.

— Hoje mesmo escrevo para Lisboa. É só isso que pedes? Vê lá.

— E que me deixes agora só.

— E não me ficas querendo mal, Vicente?

— Não. Estou a acreditar que tiveste razão, ou pelo menos que supões que a tens. Basta-me isso para te perdoar.

— Ver-te-ei no Mosteiro antes de partir? Depois do dia de Reis volto a Lisboa, e só tornarei para a campanha eleitoral.

— Não prometo.

— Adeus.

O conselheiro estendeu a mão ao ervanário, que não retirou a sua, e partiu.

— Está feito! — ia pensando o conselheiro à saída. — Não foi tão difícil como julgava. Está razoável o homem. Quem o viu e quem o vê! O que faz a idade! Bem! Agora é apressar os trabalhos para antes das eleições, a ver se acalmam algum fermentozito de oposição, que por aí possa haver, que pequeno será.

Nestas cogitações chegou à igreja. Madalena esperava-o no adro.

— Então? — perguntou ela, com ansiedade.

— Tudo está remediado; entendemo-nos perfeitamente — respondeu o conselheiro, com manifesta satisfação.

— Deveras?! Eu logo vi que o pai havia de ceder! — exclamou Madalena, com alegria.

— Como ceder? — disse o pai. — Ele é que foi mais condescendente do que eu esperava. Não opôs a menor resistência, nem se queixou muito amargamente.

— Pois consentiu?!

— Sem grande custo, ao que parecia.

— Ó meu Deus! meu Deus! Agora é que eu temo deveras. Pobre Tio Vicente! Assusta-me isso que diz, meu pai!

— Ora vamos; a tua imaginação é que te ilude. Mas deixa-me aqui falar com o Morgado das Perdizes e com o Brasileiro, que julgo que têm que me dizer. Vai para a igreja, que eu vou já ter convosco.

E, separando-se da filha, o conselheiro dirigiu-se ao grupo, em que estavam aquelas duas notabilidades.

— Dou-lhes uma boa nova, meus senhores — disse o conselheiro, depois de cumprimentá-los — dentro em pouco temos os alviões a trabalhar cá na terra. Estive agora com o Vicente; receei resistências da parte do homem, que nos obrigassem a expropriações judiciais, sempre demoradas. Mas não, achei-o nas melhores disposições; e assim, dentro em poucos dias.

— Mas, para diante da casa dele, talvez os outros proprietários não sejam tão dóceis — lembrou o Brasileiro.

— Bem sabe que são terras insignificantes, cujos possuidores com pouco se contentam.

— Os antigos possuidores talvez se contentassem com pouco — disse o Brasileiro, sorrindo velhacamente — mas os modernos.

— Pois mudaram de senhorio?

— Por contrato de venda assinado e legalizado ontem mesmo.

— E quem os comprou?

— Este seu criado.

O conselheiro teve vontade de o esganar; conteve-se, porém, dizendo:

— Tanto melhor: quero-me antes com proprietários ilustrados e independentes, que compreendam a importância dos melhoramentos públicos, do que.

— Isso histórias, meu caro amigo; em primeiro lugar estão os melhoramentos particulares. Eh! eh! eh!

— Decerto que não há de querer pôr estorvos a uma empresa como esta.

— Estorvos, não, mas enfim. Amigos, amigos, negócios à parte.

O conselheiro sorriu, enquanto que interiormente mandava ao diabo o espírito mercantil e interesseiro do seu antigo condiscípulo:

— Pode-me dar duas palavras, Sr. Conselheiro? — requereu do lado o Sr. Joãozinho das Perdizes.

— Mil que pretenda — acudiu o conselheiro; e, tomando o braço do Morgado, afastou-se do grupo.

— Eu tenho a pedir-lhe um favor — começou o morgado. — Eu, como sabe, interesso-me muito pelo mestre-escola do Chão do Pereiro, que quer vir ensinar para aqui. Este negócio está empatado, como sabe; por isso queria que o senhor escrevesse para Lisboa a este respeito.

— Pois sim, mas. — fez-lhe notar o conselheiro — não sabe que é Augusto o outro concorrente?

— Então que tem isso?

— Não lhe parece que seria uma injustiça? Um rapaz de merecimento, como ele é, aqui da terra, que já exerce o

emprego há três anos e com tanta inteligência! E havíamos de.

— É verdade, — atalhou o outro — pois isso é verdade, mas. Enfim, ele que passe para outra parte.

— Mas se o rapaz quer isto?

— Quer! quer. Também o outro quer. Ora essa é fresca. E vamos, Sr. Conselheiro, a gente também não há de estar só a fazer favores, sem os receber quando os pede. Com este já são três. Pedi-lhe para o meu tio abade ser cónego; foi tanto cónego como eu; pedi umas coudelarias lá para a freguesia. estou à espera delas. Ora isto não se faz. O senhor sabe que eu lhe tenho vencido as eleições com a gente da minha freguesia, que vai para onde eu a levo. Pois agora não sei o que será. A não se decidir este negócio depressa.

— Ora não será isso motivo para tanto.

— Com certeza que é — insistiu o Sr. Joãozinho. — Então digo-lhe mais: a mim já me falaram. Há aí alguém que não desgostaria dos votos de que eu disponho, e votar pelos que já estão no poleiro não sei se lhe diga que não é pior.

O conselheiro, mortificado como estava, disse, sorrindo:

— Não posso convencer-me de que o meu amigo seja capaz de fazer isso por qualquer causa que possa dar-se. Mas deixe estar que, em relação ao que me diz, eu verei.

— Mau! Não é «eu verei». Então falo-lhe claro. Se daqui até às eleições não estiver feito o despacho, não conte comigo.

— Mas quem lhe diz que não há de estar?

— Pois lá isso.

— Sossegue. Hoje mesmo escrevo para Lisboa.

— Bem.

O sino tocava a chamar para a festa.

Terminou o diálogo.

O pior — ia pensando o conselheiro — o pior é que prometi ao Vicente que apressaria o despacho de Augusto. Não tem dúvida; é tão magra a posta, que não vale a pena disputá-la. Para Augusto arranjarei alguma coisa melhor. É preciso ter ambição por ele. Se ele quisesse ir para Lisboa? Mas, pelo

que me disse este basbaque, já se maquina no campo contrário! Hei de sondar o Tapadas, a ver o que sabe.

Estas conferências com o Brasileiro e com o Morgado tinham mortificado o pai de Madalena a ponto de não conter um movimento de impaciência, assim que viu que o Pertunhas se aproximava dele, e, à força de cortesias e cumprimentos, lhe pedia um momento de atenção.

Sabidas as contas, tratava-se do tal emprego de recebedor, que o latinista com tanto ardor namorava.

O conselheiro descarregou sobre este pouco influente eleitor o mau humor que os outros lhe causaram, e respondeu desabridamente:

— Ora adeus! O senhor é uma sanguessuga que se não farta de chupar. Contente-se com o que tem; vá conjugando o laudo, laudas, que outros, com mais merecimentos, nem isso conseguem; e deixe-me.

O mestre Pertunhas ouviu com humilde sorriso a admoestação, e curvou-se para deixar passar o conselheiro.

Mas lá consigo dizia:

— Sim? Ele é isso?! Pois veremos se a sanguessuga te não pica.

E entrou também para a igreja, com não muito cristãs disposições de espírito.

CAPÍTULO XVIII

Do dia de Natal ao dia de Reis passou o tempo para o conselheiro em visitas às freguesias e aos influentes daquele círculo eleitoral, visitas a que o acompanhava Henrique de Souselas, que tomava parte, com gosto, nestas excursões políticas.

Em casa do Sr. Joãozinho das Perdizes, na freguesia de Pinchões, passaram eles um dia. Nos solares do morgado tudo era desordem e desmazelo; a cada passo se tropeçava num podengo ou se trilhava a cauda a um perdigueiro. Henrique sustentou uma verdadeira luta com o proprietário, para esquivar-se a engolir todas as enormes doses de carne de porco e de vinho, com que ele, à viva força, o queria regalar.

No quarto em que os hóspedes pernoitaram estavam amontoados no meio do chão uns poucos de alqueires de milho e de castanhas, e aos pés dos leitos dormiam enroscados dois galgos, que eles não conseguiram

desalojar, e que toda a noite os incomodaram com latidos ao menor rumor que escutavam fora.

Henrique lamentou a influência eleitoral do morgado das Perdizes, que o obrigava a esta noitada.

Outro dia jantaram em casa do Brasileiro, que lhes mostrou toda a sua propriedade, tendo Henrique de obrigar a sua eloquência a esgotar-se em afetadas exclamações, diante dos prodígios de mau gosto reunidos ali.

As estátuas de louça, os alegretes de azulejo, os arcos feitos de cana, por onde se entrelaçavam magras trepadeiras; um pequeno modelo de fragata brasileira com tripulação de altura dos cestos de gávea, flutuando num tanque circular; uma gruta, estucada de azul e com assentos de palhinha, para onde vinha ler as folhas o Sr. Seabra, eram as principais maravilhas do jardim. Nas salas mobília rica, mas vulgar; litografias coloridas em custosas molduras douradas, bordados, diplomas de sócio de não sei quantas sociedades brasileiras, tudo encaixilhado, e no lugar de honra a estampa das capelas do Bom Jesus de Braga. À impertinência de admirar estas preciosidades

acrescia a de ouvir e de ter de achar graça a um papagaio que cantava o hino brasileiro.

Com estas visitas políticas, passou, como dissemos, todo o período das festas do Natal, sem que entre os personagens da nossa história ocorresse coisa que mereça nota.

Entre Madalena e Henrique mantinha-se a mesma luta moral; nem um nem outro recordavam declaradamente a cena noturna, em que tão acerbas palavras se tinham trocado. Augusto não voltara ao Mosteiro desde então. Era tempo de férias para as crianças, o que fazia natural esta ausência, contra a qual Ângelo em vão protestava. Madalena nunca, porém, aludia a ela. Cristina passava o tempo, querendo-se mal por a sua timidez e de vez em quando amuando de ciúmes com Madalena, que ria deles e os dissipava com uma palavra.

Chegou, enfim, o dia de Reis, aquele em que devia realizar-se no pátio do Mosteiro o auto que, há muito, mestre Pertunhas andava ensaiando.

Henrique e D. Doroteia vieram jantar ao Mosteiro, e ficaram para assistir à solenidade popular.

Já por vezes temos ouvido falar neste auto, que prometia ser coisa memoranda nos anais dos festejos públicos da terra. Há meses que o Sr. Pertunhas esgotava os tesouros da sua ciência dramática a ensaiá-lo, e vimos com antecipação andar Ermelinda decorando a parte da Fama, que lhe competia desempenhar.

Estes autos e entremeses, que nas aldeias se representam, são como os restos grosseiros que da nossa arte primitiva a varredura estrangeira deixou ficar pelo chão. Não obstante as extravagâncias e as modelações toscas e risíveis de muitos, é certo que nos mostram que a Euterpe rústica tem conservado mais fiel a índole peninsular, do que a sua irmã, a civilizada musa das cidades, a cujo paladar já sabem mal as popularíssimas redondilhas, tão apreciadas ainda na Espanha.

Em ocasiões de festa levanta-se em qualquer terreiro ou pátio de quinta um tablado; vêm adorná-lo as mais vistosas colchas de chita, das quais também se formam os bastidores; alugam-se nos depósitos mais modestos da cidade ou vila próxima vestidos de reis, de príncipes e de guerreiros, em que se combinam os elementos de épocas e

de nacionalidades disparatadas, e, perante uma plateia rústica, ao ar livre, como no teatro antigo, desafiam-se em cantada choradeira as sentimentais peripécias da vida de qualquer santo, ou, entre gargalhadas, os episódios cómicos de algum enredo popular.

A circunstância de ser o auto desta vez desempenhado no pátio do Mosteiro, o que fora em parte por deferência ao deputado do círculo, em parte por conveniência dos empresários, pela apropriação do terreno a todos os efeitos, e pela ajuda de custo, que sempre em tais casos recebiam de S. Exa., essa circunstância, dizemos, aumentava o número de espectadores.

Das janelas do Mosteiro gozava-se, como de um camarote de frente, do espetáculo popular.

O terreiro era destinado para o povo, em grande parte atraído também pela pipa de vinho, que o conselheiro nestes dias mandava pôr à disposição dos seus representados.

Desde a véspera havia grande agitação e azáfama no pátio do Mosteiro. Os artífices levantavam o tablado cénico;

pregavam e despregavam tábuas; serravam barrotes; os diretores, e à frente deles o infatigável e imaginoso Pertunhas, davam ordens contraditórias; e os curiosos estacionavam em magotes, dificultando tudo, censurando o que viam fazer, e aventando alvitres absurdos.

Herodes, o pai de Ermelinda, andava em brasas. Aproximava-se a hora dos seus triunfos. O génio dramático palpitava nele, cheio de vida e de entusiasmo.

Ia mais uma vez poisar nos ombros o manto da realeza judaica; brandir a espada infanticida, carregar aqueles sobrecenhos com que fazia chorar as crianças e estremecer as mães; ia ressuscitar Herodes, o déspota legendário.

Trabalhando e suando, resmoneava os versos do seu papel de tirano e insensivelmente fazia gestos e esgares prometedores de efeitos cénicos futuros.

Os seus colegas eram menos ardentes pela arte. O Herodes olhava-os com a sobranceria de um Talma, e muitas vezes lamentava sinceramente a ausência de vocações dramáticas que auxiliassem a dele.

E não sorriam os leitores a esta veleidade artística do recoveiro; ali havia fundamentos para ela. O Cancela era o minério de um trágico, deixem-me assim dizer. No meio de uma escória de rusticidade continha abafado mineral de lei.

Tivessem sido outras as contingências da sua vida, vê-lo-iam porventura arrebatar plateias inteiras com as revelações do génio, que, às vezes, num grito, num sorriso, num gesto se manifesta; mas, ainda assim inculto, não mentia nele o verdadeiro entusiasmo, o sentimento da arte que lhe afogueava as faces e os olhos e lhe animava o gesto no calor do desempenho; não mentia aquela embriaguez que lhe causavam os aplausos da multidão. Não há verdadeiro génio artístico, que se não namore do público, embora o saiba caprichoso, inconstante e ingrato. O homem, indiferente aos aplausos das turbas, nunca será poeta nem artista de verdadeira inspiração. O amor vivo da glória adianta a meio caminho os empreendedores desta nova conquista de velocino.

Ermelinda, essa, tremia com a comoção de artista novel, à lembrança do espetáculo, em que pela primeira vez ia entrar.

As senhoras do Mosteiro, ou antes, Madalena e Cristina, tinham querido encarregar-se da toilette da Fama.

Logo de manhã fora, pois, a pequena Linda para o Mosteiro, e passava das mãos de Madalena para as de Cristina e das desta para as daquela, e sempre com o recato preciso para que ninguém mais lhe pusesse os olhos, pois que pretendiam reservar para a ocasião a surpresa toda. Contra a curiosidade de Ângelo é que mais tiveram que lutar.

Logo depois da uma hora da tarde começou a povoar-se o pátio de espectadores, e os atores a reunirem-se na parte do tablado oculto, por as colchas de chita, aos olhares da multidão.

Principiava a ensaiar os instrumentos o pessoal da filarmónica, dirigida por mestre Pertunhas, cuja trompa célebre servia também de batuta.

Chiava já o clarinete, assobiava o flautim, roncava o trompa, uivava a flauta, e todos prometiam aos ouvidos a mais inarmónica das torturas.

Mestre Pertunhas, distribuídas as partituras, e vendo todos a postos, deu sinal de começar.

Um, dois, três; um, dois — dizia ou fazia ele com os olhos e com os movimentos da cabeça e pés, porque a boca, essa, já estava aplicada à embocadura da trompa. O segundo «três» era o tempo fatal. Os músicos, porém, ou por distraídos, ou por a comoção própria dos atos solenes, não corresponderam ao sinal, e a nota furiosa, extraída da trompa do mestre Pertunhas, achou-se só no espaço, e fugiu envergonhada a esconder-se na concavidade dos montes vizinhos, deixando na passagem os ouvidos quase em sangue.

Este sucesso foi saudado com uma gargalhada geral, que redobrou quando as notas dos outros instrumentos, vendo partir desacompanhada a nota chefe e reconhecendo a falta, saíram alvoraçadas atrás dela, cada uma pela sua vez. Foi uma debandada musical de indescritível efeito.

O auditório, o sempre implacável auditório popular, apupava, Henrique e o conselheiro riam, os atores do auto espreitavam detrás da cortina a ver o que era aquilo.

Mestre Pertunhas barafustava por entre os da banda, berrando, ralhando, cheio de cólera e de razão.

Uma sinfonia com quatro meses de ensaios! A falar verdade!

Ordenadas as coisas, rompeu, enfim, a sinfonia.

Os tipos dos artistas, marcialmente uniformizados com fardas que foram de um corpo de infantaria, eram para tentar um lápis de um Cham ou Gavarni. Ali um gordo e rubicundo merceeiro, que ameaçava estalar todas as costuras da farda, primitivamente feita para um indivíduo de metade das dimensões dele, com as faces insufladas, a testa contraída e os olhos injetados para extrair de um obsoleto serpentão, que embocava com arreganho assustador, as mais destemperadas notas; acolá um flautim, de braços compridos e tíbias esquinadas, com meio braço fora das mangas, com meia perna fora das calças, figura em que havia não sei o que de onomatopaico, também se casava com os silvos, horripilantemente agudos, que arrancava do exíguo instrumento; o artista pratilheiro era um velho recurvado, de nariz adunco, faces escavadas, olhos de coruja, suíças em tufos no meio das faces, e óculos

na ponta do nariz; um zarolha evacuava os pulmões dentro de um figle; um corcovado e semianão repicava os ferrinhos com uma prodigalidade assustadora; as baquetas da caixa estavam confiadas às mãos calosas de um rapaz de lavoura, de repas hirsutas a cobrir-lhe a testa, olhos esbugalhados e lábio pendente. E, no meio destas e análogas figuras, a alma de tudo, o Sr. Pertunhas, torcendo-se, batendo com o pé, suando, arregalando os olhos, piscando-os, marcando o compasso com a cabeça, armada da enorme trompa, que lhe dava então não sei que aparências de proboscidiano.

Tal era a filarmónica da terra, que Henrique, o conselheiro e toda a família do Mosteiro escutavam das janelas, à qual tiveram de dispensar elogios, que o regente aceitou com a modéstia de artista que se conhece. Henrique foi quem mais sublimes esforços fez para sofrer com paciência aquelas torturas acústicas. Ele que nem à orquestra de S. Carlos perdoava uma desafinação, obrigado a escutar com um sorriso aquela banda pandemónica!

— Coragem! Coragem! — murmurava-lhe o conselheiro, impassível como perfeito político. — Nas ocasiões é que os homens se conhecem! Coragem!

— É em extremo forte a provação! — respondia-lhe, gemendo, Henrique.

— Firmeza, e que a palidez do susto nos não atraiçoe — continuava aquele.

Isto obrigava Henrique a nova luta; desta vez para manter a seriedade.

Afinal calou-se a banda, sem que se pudesse dizer o que tinha querido tocar. Sucedeu-lhe um intervalo de silêncio. Passou pela assembleia o estremecimento que precede as ocasiões solenes. Os olhares de tantos espectadores fixavam-se na coberta de chita, que já se via ondular. Ouvia-se um surdo rumor, significativo de ansiedade, como se fora a resultante do palpitar de tantos corações.

Apareceu enfim a primeira personagem do auto. Era o Herodes.

A alta e membruda figura do pai de Ermelinda, com os seus ombros largos, as faces injetadas, o olhar faiscante, os cabelos e barbas negros e espessos, o andar grave e pesado, sob o qual gemiam as junturas do tablado, o timbre volumoso de voz e certo arreganho selvático, com que

falava e gesticulava, imprimia na multidão um quase pavor, que nem o conhecimento íntimo que tinham do homem conseguia dissipar.

Herodes trazia manto real e turbante muçulmano, borzeguins vermelhos, corpete de veludilho azul, calções golpeados. Pendia-lhe à cinta um alfange e uma pistola; ao peito algumas condecorações.

Aparência geral, a dos profetas nas procissões.

O auto rompe com um monólogo de Herodes.

O tirano da Judeia, sobressaltado e meditabundo, faz considerações substanciosas sobre a condição dos reis em geral e a sua em particular. Principia ele assim:

Não há vida mais inquieta,

Nem mais cheia de cuidados,

Do que a de um rei que pretende

Conservar os seus estados.

O Cancela dizia isto em tom pausado, com os braços cruzados, medindo o palco a passos largos.

Continuam várias proposições de fisiologia do trono, e, do caso genérico baixando ao particular, da tese à hipótese, começa a falar de si. Cancela, conhecedor dos segredos da arte, começava aqui a dar mais vida à recitação, como para mostrar o maior empenho que tomava a alma neste capítulo da especialidade. Referia-se aos anúncios da vinda do Messias, e inquietava-se; a maré das paixões subia; a voz traduzia-lhe o crescimento. Depois seguia-se um como reflexo de desalento, para com mais violência se exaltarem os afetos. Nos paroxismos da fúria, o Cancela, dando toda a força à sua voz potente, soltava berros, que participavam da natureza dos do tigre:

Começarei desde logo

A publicar leis tiranas,

Que aterrem os meus montes,

Os palácios e as choupanas.

Será tal o meu furor,

Tal a minha indignação,

Que ninguém se atreverá

A conquistar meu brasão.

O interesse do espetáculo aumentava. Os olhos do público começavam a fixar-se. A excitação de ânimos a que os transportes de Herodes, inquieto pelo seu brasão, levava o público, foi serenada por um chorado coro de anjos que cantavam atrás da cortina:

Não temas, ó rei cruel,

Que te conquiste o dossel.

Herodes pára aterrado, ao escutar estas vozes, apesar de lhe afiançarem a segurança do dossel, pela qual ele parecia

receoso. Vacila, entra-lhe o medo no coração, medo que procura afugentar com bravatas, em que ameaça pôr tudo por terra. O Cancela exprimia tudo isto com abundância de gestos e de movimentos.

Aqui é que subia a toda a altura o génio dramático do Herodes. Para este final do monólogo reservava todos os segredos da arte; apoderava-se dele a musa do palco; desapareciam-lhe diante dos olhos os espectadores, via o mundo; perdia a consciência da individualidade própria; supunha-se Herodes; e até. ó força da arte! ofuscavam-se-lhe os bons instintos da índole generosa e quase chegava a ter verdadeira ânsia de sangue e de carnificina. O público era dominado por o artista, e, num destes silêncios que todos preveem se desencadeará em brados de entusiasmo e frenesi, escutava-lhe as duas quadras finais:

Porém o furor me incita!

Dava, ao dizer isto, três passos à frente, desembainhava o alfange e abria os braços. Tinha o que quer que era de Adamastor, visto assim.

O brio dá-me ousadia

Levantava os braços acima da cabeça,

Espalmando a mão esquerda.

Para defender o cetro

A favor da tirania!

Aqui agitava os braços como asas de moinhos.

Será cada lança um raio!

E, dizendo isto, tinha nos olhos o fulgurar do relâmpago.

Cada espada um corisco.

E o braço, armado do alfange, baixava com a rapidez do símile.

Cada soldado um trovão!

E trovejava-lhe a voz.

Cada golpe um basilisco.

E, na posição e gesto em que ficava, não era menos terrível e pavoroso do que a fera da comparação.

Uma tempestade de aplausos rompeu de todos os lados; só as mulheres e as crianças ficaram silenciosas e imóveis,

porque lhes parecia um pecado aplaudirem Herodes. E não sei se o que fizera menos escrupulosa neste ponto a parte masculina fora o exemplo partido das janelas do Mosteiro; porque é certo que em geral os tiranos no palco são admirados, mas raras vezes aplaudidos.

Herodes, depois de agradecer os aplausos públicos, senta-se e segue o auto.

Daríamos de bom agrado na íntegra tão importante peça dramática ou pelo menos circunstanciada notícia dela, se não receássemos o recheio excessivo para esta ordem de alimentos literários, que se querem leves. Não podemos contudo resignar-nos a passá-la por alto inteiramente.

Além do Herodes, são figuras do auto: — o caixeiro do dito — assim se lhe chama pelo menos no folheto, o que dá a entender que Herodes era homem de escrituração regular —, o capitão das tropas reais, os três reis magos, o anjo, a Virgem, S. José e o menino Jesus, a criada de Santa Isabel, dois cidadãos de diferentes cidades, o criado de um deles, a Fama e duas crianças, chamadas Geraldinho e Amorzinho.

As cenas passam-se sucessivamente nos paços de Herodes, na lapa de Belém, e em diversas paragens da estrada do Egipto.

A imaginação do espectador era a encarregada da mudança do cenário.

O poeta corre toda a clave das paixões humanas, vibra todas as cordas do coração.

Ao terror despertado por Herodes e as suas ameaças, sucede a simpatia pelos três reis, personificados daquela vez por três rapazes de lavoura, de manto, luvas de algodão e turbante, os quais, em lamúria nasal e com profusão de xes, cantarolavam as quadras do seu papel; numa das quais, patrioticamente anacrónicos, pediam aqueles bons magos ao Deus nascido a proteção para Portugal. Excitava a piedade a família sagrada. O velho S. José, como carpinteiro que era, aparelhava um madeiro a enxó e plaina, enquanto a Virgem dormia. A Virgem era um rosado barbatolas, em quem começava a despontar o buço da puberdade. O anjo aparecia, como nas procissões, carregado de cordões de ouro.

No transe da fugida para o Egipto há uma cena da mais que homérica simplicidade. Quando os sagrados esposos estão para partir, chega a eles a criada de Santa Isabel, prima da Senhora, outro mocetão em trajes femininos, e da parte da ama oferece aos foragidos algum dinheiro e refrescos; pedindo desculpa por não poder dar quanto queria, o que tudo a Senhora agradece com as frases da tarifa, recomendando-se muito a sua prima.

O cómico caminha ao lado do patético, como no drama moderno. Há personagens, reflexões e cenas sempre apreciadas e já aguardadas pelo público, que as saúda com sinceras gargalhadas. Destas a principal é, evidentemente, a que se passa entre um cidadão, de quem a sacra família recebe gasalhado e o criado do mesmo.

É uma cena de disputa doméstica, cheia de alusões satíricas à classe dos criados de servir, a qual era sempre aplaudida. O cidadão, depois de mostrar ao criado, de relógio em punho — anacronismo shakespeariano — a demora excessiva que ele tivera fora de casa, diz para o auditório:

Não se pode ter criados

Hoje em dia, nesta vida,

Ou quem houver de os ter

Não lhes deve dar guarida. Neste ponto do auto houve aquela tarde um pequeno, mas gracioso episódio.

D. Vitória, que achava esta a parte melhor pensada e mais conceituosa de toda a peça, de afinada que estava pelo seu modo de sentir, não pôde conter-se, que não exclamasse:

— Aquilo é que é uma verdade!

A espontaneidade da reflexão fez rir a família do Mosteiro, riso que teve eco em baixo, entre o povo, que enchia o pátio.

A cena cómica prolonga-se, mandando o patrão distribuir pelo caixeiro rapé ao auditório, outra liberdade que produzia sempre o maior efeito.

O criado trazia uma enorme tabaqueira, um verdadeiro baú, e oferecia pitadas ao público, dizendo:

O meu amo, com ser rico,

Gosta destas paruscadas.

Nunca os senhores tiveram

As pitadas tão baratas.

Os risos e as galhofas desordenaram, segundo o costume, por muito tempo a regularidade do espetáculo. Todos tiravam pitadas, todos falavam e riam e guinchavam, todos fingiam espirrar e não se ouvia senão: «Dominus tecum» e «Deus te salve» no meio de toda aquela confusão. Porém a um sinal de mestre Pertunhas, que deixou por um pouco folgar o espírito das massas, tudo entrou na ordem.

Preparava-se nova transição dramática. O criado, que vai a sair, volta, dizendo com gesto espantado e tom exclamatório:

Jesus, Jesus, que é isto?

Jesus do meu coração!

O sinal da cruz me livre

De tão terrível visão.

Era a Fama que aparecia.

Ermelinda entrava em cena.

No meio daquelas figuras rústicas, e mais ou menos grosseiras que entravam no auto, a figura delicada e angélica de Ermelinda produzia tão completo contraste, que um murmúrio significativo de profunda sensação correu pelo auditório.

Ermelinda estava surpreendente de formosura. Tinham-se associado ao que era nela dotes naturais os cuidados de Madalena e de Cristina, para lhe darem a aparência superior.

O próprio Henrique, que até ali estivera comentando maliciosamente o espetáculo, não pôde reter uma exclamação de surpresa, que foi secundada por o

conselheiro. É que parecia que um verdadeiro anjo ocupava agora a cena.

A simplicidade do vestir concorria para esse efeito.

Ermelinda trazia uma longa túnica alvíssima e de amplas mangas, que lhe descia solta dos ombros sem sacrificar a menor beleza dos graciosos contornos e esbeltas proporções daquela criança, que prometia ser uma mulher escultural. Os cabelos, cuja cor loira era de uma pureza rara, caíam-lhe desatados e profusos sobre os ombros, brilhando como fios de ouro, na alvura dos vestidos; a cara ficava-lhe livre, e o oval das faces sobressaía naquela moldura natural. Com os braços descaídos, os dedos encruzados, e a cabeça ligeiramente pendida, em expressão de melancolia, e os olhos elevando-se para procurarem os de Madalena e de Cristina nas janelas do Mosteiro, mas que de longe parecia procurarem o céu, Ermelinda adiantava-se vagarosa, serena, tendo no gesto o encanto da inocência, tendo nos passos a hesitação da timidez. Havia tanto de sobrenatural no vulto cândido, franzino e melancolicamente suave daquela criança, que o ator que

estava em cena não teve de simular espanto, porque o sentia real e não podia desviar os olhos daquela aparição.

O silêncio era profundo; parecia que em todos estava atuando a força de um encantamento.

Como na antiga tragédia, o facto principal da ação, a carnificina dos inocentes passava-se fora de cena. À Fama competia narrá-lo.

Ermelinda, a meio do palco, parou. Com uma voz argentina e leve tremor de comoção, começou lentamente e no meio de um religioso silêncio a recitar os versos da narração, os quais, como o leitor já sabe, não eram os do auto, que mestre Pertunhas se estafara a ensaiar.

Os versos que Ermelinda recitou diziam assim:

Desci dos celestes coros,

Por Deus mandada a escutar

Da infância as queixas e os choros,

Para lhos ir confiar.

Desci. Na terra, nos mares,

Tanta miséria encontrei,

Que os meus magoados olhares

Da terra e mar desviei.

Desci. E tantos gemidos,

Tão dolorosos ouvi!

Que, turbados os sentidos,

Quis recuar, mas desci.

Nesta colheita de dores

Pelo mundo todo andei,

No choro dos pecadores

As minhas vestes molhei.

Vagueando dias e dias,

Chegara a Judeia enfim,

Quando um clamor de agonias

Veio de longe até mim.

O Sol, inflamado

Destas terras orientais,

Tinha no disco afogueado

Não sei que estranhos sinais.

Soavam menos distantes

Sinistros brados de dor,

Choros de mães e de infantes,

Cantos de morte e terror.

Vi anjos de asas nevadas

Em bandos subir ao Céu,

Quais pombas amedrontadas

Fugindo à voz do escarcéu.

«Onde ides? Quem vos persegue?

«A que tormentas fugis?»

Um, que triste o bando segue,

Estas palavras me diz:

«Somos as almas de infantes

«Mortos em guerra feroz;

«Inda das mães delirantes

«Nos chama a sentida voz.

«Só a materna saudade

«Nossa carreira detém,

«Embora no Céu, quem há de

«Esquecer o amor de mãe?»

Disse e o rosto formoso

Com as asas encobriu.

E ao bando silencioso se uniu.

Eu segui. Na ímpia cidade

Aterrada penetrei.

Aí, da fera humanidade

Os meus olhos desviei!

Que cena! Corre nas praças,

Sanguinária multidão,

Como nuvem de desgraças

Semeando a desolação.

Caem por terra sem vidb

Tenras crianças às mil,

E uma turba enfurecida

Corre à matança febril.

As mães pálidas, chorosas,

Suplicam, pedem em vão!

Nessas feras sanguinosas

Não palpita um coração.

Outras tentam, em delírio,

Os seus filhos disputar,

E com eles no martírio

Gostosas se vão juntar.

Sobre a terra ensanguentada

Eu soluçando, ajoelhei,

E, de intensa dor magoada,

A Deus piedade implorei.

Findava a prece, e uma estrela

No horizonte despontou,

Pura, cintilante, bela

O caminho me traçou.

À humilde e escondida estância

Da venturosa Belém

Cheguei; vi um Deus na infância

Nos ternos braços da mãe.

Minha colheita de dores

Naquele berço depus,

Da humildade aos rigores

Pedi remédio a Jesus.

No olhar do divino infante

Raiou suave fulgor,

Foi a aurora radiante

Que anuncia um redentor.

Não se descreve a impressão causada por estes versos, que assim transformavam a Fama do auto no anjo-da-guarda da infância. Muitas causas concorriam para produzir este efeito: a figura, a voz e o gesto de Ermelinda, que lhe davam uma aparência verdadeiramente angelical, e depois aquelas palavras inesperadas, aquela exposição desconhecida e em versos a que a melancolia da toada, em que eram recitados, parecia aumentar a cadência métrica. Enquanto debaixo da impressão daquela voz sonora e infantil, ninguém procurava explicar o mistério. Milagre lhes parecia e quase como milagre o aceitavam, e, de

ouvidos atentos, colos estendidos e bocas semiabertas, parecia recolherem, uma a uma, aquelas palavras, como se de um verdadeiro emissário celeste as escutassem. O tablado enchera-se pouco a pouco de gente, e ninguém dera por isso. Os atores que estavam atrás da cortina tinham sido feridos pelos primeiros versos, diferentes dos que eles esperavam; isto obrigou-os a espreitar. Depois, como arrastados pela magia daquela voz e daquele gesto, vieram adiantando-se, adiantando-se, e cedo formavam círculo à volta de Ermelinda. O primeiro da frente era o Herodes. O espanto, os afetos, o orgulho de pai, a exaltação de artista combinavam-se para dar-lhe ao rosto uma expressão quase de êxtase. Olhava para a filha como se a visse animada de inspiração divina.

Pertunhas, o ensaiador do auto, que franzira o sobrolho, prevendo trapalhada aos primeiros versos recitados por Ermelinda, agora, de boca aberta, era de todos o mais espantado. No Mosteiro só Ângelo sorria, ele só interpretava o milagre. Todos os mais escutavam silenciosamente aquela voz de criança, que, em campo descoberto e no meio de tantos espectadores, soava

distinta e vibrante como se efetivamente tivesse alguma coisa de sobre-humana.

Depois que ela terminou, persistiu por algum tempo o silêncio, sem que os espectadores pudessem voltar logo a si, nem os atores se lembrassem de continuar o auto. Henrique foi quem primeiro rompeu este quase encantamento. Profundamente impressionado também por aquela cena, exprimiu num «bravo» todo o entusiasmo que sentia. Foi o sinal.

O silêncio degenerou na mais altíssima ovação.

O Herodes esqueceu o papel que desempenhava, o carácter que tinha a sustentar, a lógica da situação, e, tomando nos braços musculosos o corpo débil e franzino da filha, levou-a em triunfo para a beira do palco; os outros atores disputavam-lha; do pátio estendiam-se centenas de braços para a receberem; das janelas do Mosteiro acenavam-lhe, vitoriando-a, os lenços das senhoras; os homens aplaudiam-na com palmas. Herodes parecia devorar a filha com beijos, afogá-la com lágrimas de entusiasmo e de paixão; e Ermelinda foi de braços em braços, entre beijos e afagos,

transportada do tablado para a sala do Mosteiro, onde não foi menos calorosa a receção.

Do auto ninguém mais se lembrou, e, apesar dos esforços do mestre Pertunhas, todos o deram por terminado ali e prescindiram de ver as restantes cenas, com grande desgosto dos atores que entravam nelas.

O Herodes, ainda vestido de rei, andava como doido pelas salas do Mosteiro. Seria para rir aquele entusiasmo, se não fosse bastante patético para comover.

— Mas como foi isto, meu Deus? Como foi isto? Que milagre foi este? Ai que versos, Maria Santíssima! Que versos! E como ela os dizia! — exclamava ele, quase convencido da milagrosa natureza da cena que vira.

Madalena, chamando Ângelo de lado, perguntou-lhe:

— Foi Augusto que fez aqueles versos?

Ângelo sorriu.

— Porque me perguntas isso, a mim?

— Porque o deves saber.

— Então não crês no milagre?

— Responde.

Ângelo ia a responder, quando Henrique disse em voz alta para o conselheiro:

— Se eu digo a V. Exa. que o Bernardim existe.

— Mas quem é? — perguntou o conselheiro.

— Não sei; porém posso afiançar a V. Exa. que não são estes os primeiros vestígios que encontro dele. As paredes das capelas dos montes são as suas confidentes. Não está certa, prima Madalena, de umas quadras sentimentais, que lemos na ermida da Senhora da Saúde?

— Sim; recordo-me.

— Não acha entre essas e as do auto analogias de estilo, que a levem a atribuí-las à mesma pessoa?

— Estou pouco habituada a analisar estilos, primo.

— Mas talvez este lhe seja habitual.

Madalena fitou Henrique com um olhar de altivez, que o obrigou a acrescentar:

— Por muito o ver por aí desperdiçado por paredes de capelas e ruínas e nos troncos das árvores.

Ermelinda foi de uma discrição impenetrável. Quando lhe perguntavam quem lhe ensinara os versos, sorria, respondendo que não sabia, ou que não podia dizê-lo.

— Apostemos que nisto entra Ângelo — disse o conselheiro.

O Herodes cada vez parecia mais convencido de que fora pura inspiração.

Henrique, aproveitando uma ocasião em que estava próximo da Morgadinha, disse-lhe ao ouvido:

— Parece-me que ia pôr o dedo no rouxinol silvestre, que tão bem canta sem se mostrar.

— Sim?

— Não há muitas noites que eu o vi vaguear nestas imediações. Estas aves melancólicas amam as inspirações noturnas.

— Pois as noites nem sempre são boas conselheiras, primo. É a hora favorável à espionagem e às. calúnias. Mas,

se sabe quem é, diga-o. Aqui na minha casa e no seio da minha família, é sempre bem recebida a verdade. Não há quem se tema dela.

E a Morgadinha, dizendo isto, deixou-o desdenhosamente.

— Desta vez foi de uma severidade!! — pensou Henrique. — Cada vez me convenço mais de que o idílio existe e que vai já muito adiantado. Mas agora me lembro: e o meu duelo com o Romeu, que nunca mais vi? Não foi má tolice aquela minha! Preciso de procurar o homem para lhe dizer que o caso não vale a pena.

O despeito de Madalena pelas palavras de Henrique fora desta vez mais intenso; quase chegou a fazê-la desesperar da tenção que alimentava ainda, pois disse a Cristina:

— Ai, filha, que não sei se deva curar-te antes a ti do que a ele.

— Que dizes?!

— Nada. Há doenças que fazem desesperar os médicos.

Era já noite. Os grupos, que ainda depois do auto se conservaram no pátio do Mosteiro, a brindarem à

hospitalidade dos proprietários, foram dispersando pouco a pouco.

A banda de mestre Pertunhas saiu também com o fim de se preparar para as serenatas a casa do Brasileiro e de várias personagens da terra, a quem era devido cantar os Reis.

Ângelo saíra da sala. Fora para o fim da rua de sobreiros, anterior ao pátio da quinta, esperar por Ermelinda para lhe dizer adeus.

À medida que a noite se cerrava, parecia que se estendiam as sombras à cara e ao coração do pobre rapaz.

Era a noite de Reis, a última dos dias de férias; na manhã seguinte devia partir com o pai para Lisboa.

Que amargura a destas últimas horas! Que intensas saudades não se amontoam no coração das crianças ao expirar o termo desse feliz espaço de tempo, que viveram para os carinhos da família e para os folguedos despreocupados!

Percebe-se em nós mesmos aquela iminência de lágrimas, que à menor palavra rebentam.

Quem não terá recordações de infância a falar-lhe disto?

O pátio despovoara-se de gente; através das vidraças da casa viam-se já brilhar as luzes interiores. Com o olhar fito no chão, a cabeça inclinada, Ângelo permanecia imóvel. Cortejavam-no, ao passar, homens e mulheres, sem que ele desse por isso.

De repente voltou-se, porque ouviu atrás de si uns passos conhecidos. Era Ermelinda, que voltava para casa. O pai ficara atrás a pôr em ordem as roupas e mais objetos que serviram no auto.

— Esperava por ti, Ermelinda, para te dizer adeus — disse Ângelo.

— Então vai embora?

— Vou amanhã — respondeu Ângelo, com a voz presa de comoção.

— Muito cedo?

— De madrugada.

Os dois calaram-se por algum tempo, olhando para o lado.

— E agora quando volta?

— Eu sei lá, agora, só para Agosto.

Novo silêncio.

— Então, adeus.

— Adeus. adeus.

Adeus, Ermelinda.

E com a voz quase sumida e os olhos enevoados de lágrimas, Ângelo estreitou contra o peito aquela que de pequena tratara como irmã, e que chorava ainda mais do que ele.

Que melancólico fim de dia tão alegre!

A este tempo uma sombra escura passou por eles e estacou.

Ermelinda! — disse logo a voz esganiçada e colérica, que saiu daquele vulto.

Ermelinda estremeceu ao ouvi-la.

Era a mulher do Zé Pereira, que voltava das suas devoções e ficara surpreendida com o espetáculo que vira. A

assustadiça castidade daquela matrona toda se alvoroçou com a tocante despedida das duas crianças.

Ermelinda aproximou-se, a tremer, da madrinha, que rudemente a agarrou pelo braço e a levou consigo.

Ângelo esteve quase resolvido a ir tirar das mãos daquela harpia a inocente vítima; mas a chegada de Herodes estorvou-o.

A Sra. Catarina do Nascimento de S. João Baptista ia dizendo, ao levar consigo a afilhada:

— Que terão ainda de ver meus olhos, meu Divino Pai do Céu? Que mundo este de abominação, meu doce Jesus! Ó Virgem das Dores, isto é para se ver e não se crer! Uma criança, uma criança de dois dias, se pode dizer, e já assim com a alma perdida! Ó meu Jesus crucificado!

— Minha madrinha — dizia Ermelinda, chorando.

— Anda, anda, anda, minha amiga, que já os demónios saltam e riem de contentes. O teu pai é que tem a culpa. Isto são lá modos? Trazer-te por entremeses, que são artes do demónio, e arredar-te da Igreja, que é a casa do Senhor! É a missa dos domingos, e acabou-se. Os resultados são

estes! Ai, filha, que muita penitência te é já precisa para salvares a alma!

— Minha madrinha, minha madrinha, por as almas não me diga isso — exclamava Ermelinda, aterrada.

— Os três inimigos da alma te farão guerra, criatura, assanhados como cães raivosos. Eu previa isto. É o lucro de andar por essas casas de Satanás, onde não há religião nem temor de Deus. Ó meu divino Jesus, e para isto tanto padecestes por nós! E nós tão pouco caso fazemos dos vossos preceitos, meu doce Jesus, filho de Maria Virgem. Depois queixamo-nos da vossa justiça, quando já ardemos nos fogos do Inferno!

A pequena Ermelinda tremia cada vez mais.

A velha prosseguiu, em todo o caminho, nestas exclamações, bramando contra o pecado, contra a família do Mosteiro, que acoimava de hereges, contra o pai de Ermelinda e contra esta, e, no seu fervor religioso, desenvolvia sobre o tema do pecado dissertações não em demasia apropriadas aos ouvidos de uma criança.

O resultado foi apoderar-se da pequena Linda um excessivo terror. Das palavras da madrinha, que nem bem entendia, ficara-lhe uma horrível convicção de que tinha a alma perdida, e com lágrimas ardentes pagava a pobre criança bem caro as alegrias daquela tarde, de que já tinha remorsos. Este desalento e pavor quase a fizeram doente.

Quando o pai voltou, estranhou-a. Ele, que vinha orgulhoso com os triunfos próprios e com os da filha, sobressaltou-se ao abraçá-la. Interrogou-a; pediu, ordenou; nada pôde saber que explicasse os vestígios de lágrimas que descobria nela; se instava, provocava-lhe o choro; desistiu pois.

Pobre pai! Não pôde dormir aquela noite! Logo de madrugada teve de levantar-se, porque tinha de partir para o Porto em recovagem.

Deixou Ermelinda a dormir; não a quis acordar; beijou-a na cara desmaiada, abençoou-a e saiu.

— Comadre — disse ao passar por casa do Zé Pereira — aí lhe deixo a pequena. Olhe-me por ela, que não está lá muito boa.

— Vá com Deus — disse uma voz de dentro.

Era a Sra. Catarina.

O recoveiro partiu, silencioso e triste.

CAPÍTULO XIX

No dia seguinte ao dos Reis partiram para Lisboa, como estava determinado, o conselheiro e Ângelo, o que deu lugar no Mosteiro a muitas saudades. O conselheiro devia voltar somente por ocasião das eleições gerais, que estavam próximas.

Alguns dias depois, num domingo em que se festejava na aldeia o padroeiro Santo Amaro, de quem reza a Igreja a quinze de Janeiro, estava Henrique de Souselas na sala de jantar de Alvapenha, escutando a sua tia e Maria de Jesus, que ambas o entretinham com longas conferências de coisas de pouco interesse e às quais ele ligava a mínima atenção.

Tinham acabado de jantar há pouco tempo. A mesa conservava-se ainda posta; Henrique fumava um charuto, recostando-se para o espaldar da cadeira. D. Doroteia, de mãos cruzadas diante da cinta, falava; Maria de Jesus, que, depois de pôr em arranjo a cozinha, viera, segundo o

costume patriarcal, tomar parte na sala na conversa do pospasto, auxiliava a memória da ama sempre que esta emperrava, corrigia-lhe as involuntárias e frequentes inexatidões em que a via cair.

Henrique habituara-se já a estes placidíssimos hábitos; e, apesar de não ligar atenção à conversa, ou por isso mesmo que lha não ligava, achava-lhe certas virtudes estomacais, que lha tornavam agradável.

Depois de muitas voltas, a conversa caiu sobre as ocorrências do auto dos Reis.

— Eu ainda estou para saber como aquilo foi! — dizia D. Doroteia. — Quando me lembro! Como aquela rapariga falava!

— Ó senhora; olhe que já me disseram que a pequena tinha espírito — disse Maria de Jesus, com ar de mistério.

— Olhem o milagre! — respondeu D. Doroteia. — Por essa estou eu.

— Diz que desde aquele dia anda amarela e triste, que nem parece a mesma.

— Então é mais do que certo.

— Ai, a tia Doroteia também com crendices! — disse Henrique, rindo. — Então parece-lhe que traz espírito aquela criança?

— Pois, menino, aquilo a falar verdade!

— E não é mais natural supor que alguém lhe ensinou os tais versos?

— Mas quem? Se o Pertunhas diz que os versos eram outros e até que aqueles não calhavam bem nas loas?

— O Pertunhas é um parvo. Houve alguém que ensinou aquilo à pequena e até suspeito com que fim.

— Não, Sr. Henriquinho, olhe que ali anda coisa ruim. Também o filho do Ceboleiro, quando trazia o espírito, dizia coisas tão bonitas, que nem um livro. A senhora não se lembra?

— Ora se me lembra!

— Digam-me — insistiu Henrique —: Quem há aqui na aldeia que faça versos?

— Versos! — repetiu a D. Doroteia, admirada. — Ninguém, que eu saiba.

— Ó senhora! Então o João do Trolha? Não deita tão bonitos versos nos desafios?

— Sem ser o João do Trolha — disse Henrique, sorrindo.

— Ai, não se ria, Sr. Henriquinho; olhe que os deita muito bem! Ainda no outro dia, na noite de Janeiras, não se lembra, senhora, dos versos que ele botou?

Viva a senhora D. Doroteia.

Palminho de bem-me-queres,

Quando põe a sua touca

É a rainha das mulheres.

E depois a mim:

Viva a senhora Maria,

A pérola das criadas,

Quando se chega à janela

Ficam as estrelas pasmadas.

— Ora com o que você vem, mulher! Não tinham as estrelas mais que fazer do que pasmarem — disse D. Doroteia.

— Isto é por dizer, senhora; já se sabe que. sim. como o outro que diz.

— E além do João Trolha, quem há mais que faça versos? — perguntou Henrique.

— Que eu saiba. — disseram as duas.

— E aquele Augusto?

— O Augustito do doutor? Ó filho! Coitado do pobre rapaz. Ele sim! Credo! Não, aquilo é um rapaz de muito juízo.

— Isso não tira. Então a tia julga que só os tolos fazem versos?

— Tolos não digo, mas.

— Mas um pouco feridos na asa, não é verdade?

— Ora pois então diz-me tu, menino, se um homem sério. sim. um homem de respeito faz versos.

— Porque não?

— Versos?!

— Versos, sim, senhora.

D. Doroteia fez um gesto de incredulidade.

Henrique ia a redarguir, quando ouviram passos no patamar de pedra da entrada e, após, algumas pancadas à porta da sala.

— Abra, tia Doroteia — disseram de fora as vozes de Madalena e de Cristina, que foram logo reconhecidas.

E cedo depois entravam alegremente na sala, em companhia de D. Vitória, que vinha mais retardada.

D. Doroteia levantou-se para recebê-las.

— Bons dias ou boas tardes, tia Doroteia, porque me parece que já jantaram. Vimos aqui para confiar aos seus cuidados a tia Vitória, que não nos quer acompanhar a

ouvir a palavra eloquente do missionário — disse a Morgadinha.

— Eu não; para apertos e barafundas é que não estou.

— E tu vais, Lena? — perguntou D. Doroteia.

— Então? Não quero passar por impenitente. Ainda não o ouvi. Pode crer? Além de que percebi na Criste um fervor, com o qual quis condescender.

— Dizem que prega tão bem — atalhou Cristina.

— Pois pregará, mas eu é que já não estou para sermões — ponderou D. Vitória.

— Vou eu também ouvir o missionário — disse Henrique, levantando-se. — Já mo mostraram há dias. Se os dotes oratórios do homem corresponderem à figura.

— Então? — interrogou D. Doroteia.

— É um homem gordo e vermelho, de pulso grosso e, em geral, tipo da grossura do pulso.

— Pois bom é que vás, menino — disse D. Doroteia — para acompanhares as pequenas.

— Como quiser, primo — acudiu Madalena — mas não se constranja. O Torcato também vai.

— Que quer dizer? Que me dispensa?

— Não; mas que, se é só por condescendência que.

— É por prazer. É por devoção.

— Nesse caso.

E Henrique foi procurar o chapéu para acompanhar as duas primas à igreja.

O Santo Amaro fora festejado com espavento na freguesia da sua invocação. Vésperas, missa cantada, duplo sermão, e procissão à volta da igreja, nada faltara para solenizar a festa.

O sermão da manhã fora pregado por o abade; o da tarde tinha sido concedido ao missionário, que o aproveitara para uma das suas catequeses.

A procissão já tinha recolhido, quando chegaram à igreja a Morgadinha e Cristina, na companhia de Henrique e de Torcato. Havia no adro muita gente e algumas barracas de doces e de café, como num arraial.

Pela porta principal da igreja engolfava-se a multidão, como em boca de sorvedouro, subitamente aberto no leito de um rio, se precipitam as águas impetuosas.

A fama que pelas aldeias circunvizinhas apregoava o nome do missionário, atraíra imensa gente a escutar o sermão.

As senhoras do Mosteiro romperam a custo por entre a compacta massa popular, que se amontoava à porta da igreja, e conseguiram, por deferência excecional dos mesários, entrar pela sacristia para a capela-mor.

Tinha um aspeto melancólico o interior da igreja naquela ocasião. Pobre de si e pouco iluminada, mais escura e lúgubre parecia com a extraordinária quantidade de gente que a enchia, na maior parte mulheres de roupas escuras e em que só alvejava o lenço branco que usavam à cabeça.

Apesar da quadra ir fria, como de Janeiro que era, respirava-se ali dentro uma atmosfera quente, abafadiça e pouco salutar.

Um surdo murmúrio formado por centenares de vozes rezando, a meio tom, orações e ladainhas, contrastava com as altas vozes de festa, que se escutavam lá fora, e

requintava a triste impressão que se recebia ao entrar. Ali um grupo de mulheres, de joelhos, escutavam a leitura de pias orações, que uma fazia em tom lutuoso, e respondiam em coro com Padre-Nossos e Ave-Marias; além viam-se outras com as faces rojadas no chão, batendo no peito e desentranhando exclamações, para comoverem a Divindade; outras em êxtase, como Santas Teresas, de braços abertos diante da imagem da Virgem; outras amortalhadas, em cumprimento de promessa feita a algum santo. Cavados na espessura das paredes havia uns pequenos cubículos, que serviam de confessionário. Às portas destes nichos, munidas de um crivo de folha, aderiam, como as lapas nos rochedos, os vultos escuros das penitentes, fazendo para dentro a circunstanciada exposição dos pecados da semana, e recebendo de lá regras de bem viver, preceitos de devoção, às vezes exagerada e inspirada de certa moral de convenção, com que a ignorância ou a má-fé porfiam em falsificar os simples e luminosos ditames da moral, que a consciência reconhece e que o Evangelho apregoa.

Às vezes despegava daquele crivo de pecados uma das confessadas; e, exausta de forças, abatida de ânimo, descrendo da misericórdia divina, ia cair com desalento nos degraus do altar de Deus, que o fanatismo cego, se não hipócrita, lhe pintara inexorável verdugo. Quando outra se não sucedia a esta, via-se rodar nos gonzos a pequena porta destes cubículos, e sair de lá um padre de batina, socos e capote de cabeção, satisfeito de si e revendo-se naqueles corpos prostrados, naqueles gemidos surdos, naquelas lágrimas humedecendo o pavimento do templo, tristes indícios de desalento moral, com que conseguira quebrantar os ingénuos espíritos que dirigia pela intimidação cruel.

De tudo isto vinha o aspeto sombrio e lúgubre à igreja, que nem as luzes dos altares, nem as sanefas e cortinas de damasco, que com tanta arte dispusera mestre Pertunhas, conseguiam dissipar.

Henrique estava sendo desagradavelmente impressionado por o que via.

Olhava com desgosto para aqueles sinais de um terror supersticioso, e sentia exacerbarem-se-lhe as prevenções

que nutria contra o clero, cuja influência moral, aliás justa e vantajosa, é cada vez mais diminuída por aqueles dos seus membros que pretendem aumentá-la por meios impróprios da sublimidade da sua missão e até dos preceitos da religião, de que se dizem ministros.

Henrique fez algumas reflexões neste mesmo sentido a Madalena, que não pôde deixar de apoiá-las, tanto mais que sabia o ânimo de Cristina, que os escutava, não de todo superior a este aparato terrorífico.

A hora marcada para o sermão aproximava-se; tinham-se já evacuado os diferentes confessionários, e o povo cada vez se apertava mais em todos os pontos da igreja e trasbordava para fora das portas do templo. Quem de dentro olhasse para a porta principal veria que a grande distância, na rua, se prolongava a multidão.

Apenas um confessionário permanecia ainda ocupado. Havia mais de uma hora que ali estacionava de joelhos uma penitente com a cabeça coberta por a capa de pano, com que rodeava o crivo da confissão.

Nem o menor movimento revelava animação naquele vulto.

Henrique notara essa imobilidade, que ao princípio o fez sorrir; depois causou-lhe espanto e acabou, enfim, por o indignar. Qual, porém, não foi a sua surpresa e a de Madalena, quando, ao terminar a confissão, reconheceram as feições da penitente por as de Ermelinda, a filha de Herodes, a formosa e amorável criança, que, dias antes, tanto entusiasmo causara, agora pálida, abatida, sem aqueles sorrisos nos lábios, que tanta graça lhe davam!

E era esta criança que tão longos pecados tinha a narrar, para assim ficar tanto tempo aos pés do confessor?

Ermelinda, vagarosa, trémula, tendo claros os vestígios de lágrimas, e, como que enleada de vergonha, caminhou por entre os grupos de mulheres ajoelhadas na igreja e veio cair de joelhos ao lado da madrinha e cedo rojava com ela a cara no chão, que regava de lágrimas ferventes.

Pobre criança! Que negros crimes lavariam aquelas lágrimas? Que culpas teria a expiar aquela inconsolável dor?

O confessionário donde ela se afastara abriu-se, enfim, e às vistas, que para ali se voltaram, mostrou um padre gordo,

corado, de olhos e cara pequenos, cabelos grisalhos, rompendo-lhe a um dedo das sobrancelhas. O homem parou algum tempo a fitar o auditório.

Espalhou-se no templo um sussurro particular; um movimento comum animou aquelas cabeças todas, quando este homem apareceu.

Era o missionário.

A sua passagem para a sacristia foi uma passagem verdadeiramente triunfal. Curvaram-se até ao chão as beatas, beijando-lhe a mão ou as borlas da batina, e pedindo-lhe a bênção, que ele distribuía com profusão.

Mas, a meio caminho da sacristia, para onde se dirigia, surgiu-lhe quase do chão um estorvo.

Zé Pereira, o desconfortado marido, estava diante dele, gesticulando e realizando um tríplice e admirável esforço para firmar as pernas, para abrir os olhos, e para desembaraçar a língua.

Dizia o homem:

— Ó Sr. aquele. ó Sr. padre, ou missionário, ou lá o que é. eu quero-lhe perguntar uma coisa. Deus disse. sim, Deus disse. A religião manda. Quando um homem se casa.

O missionário não esperou pelo fim da inesperada interpelação; com modos rudes e pulso vigoroso arredou de si o atrevido, e bradou, fulo de cólera:

— Então que desaforo é este? Deixam um homem neste estado vir ter comigo?

E com maneiras e palavras igualmente ásperas impôs o silêncio ao povo, que ria do desengano do Zé Pereira. Os mordomos acudiram logo para afastarem o Zé Pereira dali para fora. Ele deixou-se ir, limitando-se a dizer mansamente:

— Ora, senhores, que é forte desgraça a minha. Então uma pessoa não pode dizer o que sente?

Ia ele já fora da igreja e ainda se lhe ouvia a voz repetir:

— Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!

Quando, depois desta cena, o missionário passou por Henrique, murmurou este, em voz percetível, ao ouvido da

Morgadinha:

— Diga se este todo e este modo de tratar ovelhas não é mais de magarefe do que de pastor.

O missionário ouviu estas palavras, pois que se voltou como se uma víbora o picasse, e faiscou-lhe no olhar o fulgor de um ódio farisaico. Henrique arrostou-o com audácia provocadora.

O padre entrou para a sacristia.

No entretanto o auditório dispunha-se para escutar o sermão, o mais comodamente que era possível naquele pequeno recinto.

No fim de alguns minutos aparecia no púlpito a figura bem nutrida e pouco atraente do famigerado educador dos povos.

Fitou com sobranceria os ouvintes e com particular insistência fixou em Henrique, que lhe ficava carairo, um olhar, que ele sustentou com firmeza.

Esta tácita provocação durou alguns minutos, no fim dos quais poderia talvez, quem estivesse prevenido, distinguir

nos lábios do padre um sorriso rancoroso e perceber-lhe um movimento de cabeça quase ameaçador.

Enfim soltou o texto latino do sermão.

Seguiu-se nova pausa e começou.

Apesar do exemplo de Sterne, que não duvidou entressachar nas páginas humorísticas da Vida e Opiniões de Tristram Shandy, um sermão sobre a consciência, eu não ouso transcrever para aqui o modelo de eloquência sacra, recitado pelo missionário naquele dia.

Ainda se eu pudesse transmitir aos leitores o tom rouco de voz, extravagância de gestos, o descomposto dos movimentos com que o orador acompanhava a recitação dos descosidos períodos daquela indigesta prática, talvez me animasse à empresa, para lhes dar um exemplo da vigorosa eloquência com que se anda atrasando a civilização do povo e prejudicando a verdadeira religião, a despeito dos bons sacerdotes, cuja voz é abafada por aquela gritaria.

As mais tétricas e pavorosas imagens adornavam o discurso.

Era o enxofre a ferver, o chumbo derretido, as caldeiras de pez, as fornalhas ardentes, inúmeras torturas, a que o menor delito, tal como um jejum mal guardado, uma confissão mal feita, uma involuntária falta à missa, uma penitência esquecida, uma oração suprimida, arriscava as almas, por toda a eternidade. Para cada pecado venial uma perspetiva de tormentos sem fim. O tribunal de Deus arvorado em tribunal do Santo Ofício, onde os autos-de-fé, os potros e cavaletes aguardavam os delinquentes arrastados até ali, eis o resumo da oração. A fatal e desesperadora sentença, que o poeta florentino esculpiu no pórtico do Inferno, traçava-a este sobre os umbrais do tribunal do Eterno.

Na escultura do Cristo, obra rude do buril popular, mostrava o vulto de um acusador, surgindo ali a pedir vingança, e não o do Redentor sublime a implorar e prometer perdão. E tudo isto de mistura com imprecações contra as modernas instituições sociais, contra a obra do século, contra os descobrimentos, contra a ciência, contra tudo em que se descobrisse o cunho da época e que

tendesse a modificar os costumes e as ideias em sentido menos favorável à propaganda reacionária.

À medida que a oração progredia, animava-se a voz do orador; aumentava a desordem dos gestos e refinava a selvajaria das imagens.

Ao mesmo tempo os gemidos, os soluços e os ais do auditório, e principalmente da parte feminina dele, iam crescendo em choro manifesto, em gritos e alaridos. Cedo era já um angustioso clamor em toda a igreja. Madalena, que se sentia, ela própria, um pouco impressionada por este espetáculo de desolação, voltou os olhos para Cristina. Viu-a trémula, pálida, com as faces banhadas de lágrimas, tendo no gesto todos os sinais de um intenso pavor.

Assustada com o estado da prima, a Morgadinha fez notá-lo a Henrique, e tacitamente lhe comunicou as apreensões que sentia.

Henrique compreendeu a necessidade de dissipar a funesta influência que se estava exercendo no ânimo tímido de Cristina.

Sentou-se por isso junto das duas raparigas e começou a distraí-las com comentários satíricos às palavras do sermão e à figura do orador, que ambas ofereciam farto alimento para eles.

Daí a pouco Madalena instava já com Henrique para que se calasse.

Previa o perigo que poderiam correr, persistindo naqueles comentários impróprios do lugar.

Efetivamente não tinham passado desapercebidos do padre os comentários de Henrique, nem os sorrisos mal disfarçados de Madalena; e a raiva despertada pela descoberta cada vez inflamava mais o orador, exacerbando-lhe a virulência da frase.

Já não podia tirar os olhos daquele grupo, e por vezes a cólera, estrangulando-lhe quase a laringe, interrompera-lhe o discurso.

Alguns ouvintes, seguindo a direção daqueles olhares faiscantes, tinham atingido já a causa deles.

Daí algumas murmurações que começaram a sussurrar pela igreja.

No grupo das beatas, em que estava Ermelinda, foram elas mais acerbas do que nenhumas. A Sra. Catarina e as suas companheiras fartaram-se de anatematizar a impiedade e a heresia da gente do Mosteiro, e no coração da filha do Cancela, dominado pelo terror que o sermão levara ao cúmulo, calavam aqueles dizeres, que a faziam quase olhar, como se fossem já presas do Inferno, para Madalena e Cristina, a irmã e a prima de Ângelo, do seu amigo de infância, em quem já não se atrevia a pensar.

Numa ocasião em que o missionário fulminava com mais veemência os progressos da indústria moderna e chamava redes do demónio e caminhos do Inferno aos telégrafos elétricos e às vias-férreas, Henrique, aproximando-se dos ouvidos das duas primas, fez não sei que reflexão tanto a propósito, que a Morgadinha não conteve o riso e a própria Cristina sorriu também.

Era de mais! O padre pulou no púlpito. Com os olhos em chama, as faces apopléticas, os lábios espumantes, os punhos cerrados e os braços hirtos e estendidos na direção de Henrique, rompeu nestes violentos termos:

— Fora do templo, pedreiros-livres, que vindes aqui escarnecer da palavra do Senhor! Fora do templo, ímpios libertinos, que não respeitais os ministros de Deus, nem o seu altar! Andam lobos no povoado e vieram esconder-se entre as ovelhas na casa do Senhor! Escorraçai-os, irmãos, se não quereis que se vos pegue a lepra do pecado e que Deus arrase esta aldeia, como arrasou Gomorra e Sodoma. São esses os que trazem das cidades a peste para as aldeias; são estas as pragas que nos vêm com as estradas e com a civilização. Fugi deles, que trazem o demónio na alma! Homens sem religião, mulheres sem temor de Deus, mações, pedreiros-livres, vindes para aqui tentar as almas? Eu vos esconjuro! Eu vos requeiro! Vade retro, Satanás, vade retro! Vade retro!

E, de cada vez que repetia a fórmula exorcista, o missionário estendia o braço na direção de Henrique.

Este, desde que viu que a imprecação lhe era dirigida, levantou-se e fitou o padre com ousadia imprudente. Preparava-se para lhe responder ali mesmo.

Quando o missionário concluiu, o sussurro da igreja degenerou em desordem. Das beatas transmitiu-se a

revolta aos homens do campo, cuja má vontade para com as gentes das cidades cresce sempre que se suspeitam alvos dos desdéns ou zombarias desta. As ameaças soavam já distintas, os varapaus mexiam-se pouco pacificamente, o escândalo tomara proporções assustadoras.

Cristina quase desfalecia; Madalena, pálida, mas sem perder a presença de espírito, que nunca a abandonava, segurou o braço de Henrique e queria obrigá-lo a retirar-se da igreja.

Henrique resistia e procurava falar.

O velho Torcato, trémulo e enfiado, puxava também por ele como podia.

O alarido, a confusão, a desordem recrudesciam. O padre tinha perdido a cabeça, e do púlpito animava a anarquia berrando e bracejando.

Alguns homens prudentes, e entre eles o santo homem de um cura que havia na freguesia, obrigaram, quase à força, Henrique a sair da igreja por a porta da sacristia.

Ao vê-lo retirar, acompanhado das senhoras, o povo precipitou-se em confusão para a porta principal para os vir

esperar à saída da sacristia, e correu clamando atordoadoramente.

E, de feito, quando ali chegaram, viram-se em frente de uma impenetrável parede humana, de centenares de rostos que os fitavam furiosos, de braços que os ameaçavam, e de bocas donde partiam gritos de «morte aos pedreiros-livres, aos libertinos e aos hereges».

Madalena recuou; Cristina encostou-se-lhe ao ombro, quase desmaiada.

Henrique parou à porta, pálido, mas sem recuar diante daquela gente furiosa e ameaçadora.

— Que querem de mim e destas senhoras? — perguntou ele, com voz firme.

Em vez de responder-lhe, berraram com mais violência:

— Morra o pedreiro-livre!

— Ensinem esses senhores da cidade!

— Pouca vergonha!

— Isto não fica assim! Isto é de mais!

— Mação!

— Herege!

— Quero passar! — repetiu Henrique, no mesmo tom imperioso.

— Havemos de ensinar estes fidalgos.

— Excomungados!

— Havemos de lhe dar os risinhos na igreja.

Henrique não podia já reprimir a impetuosidade do génio; deu um passo para eles, levantando o chicote que trazia na mão.

Era uma imprudência perigosa. Num momento uma verdadeira nuvem de varapaus cruzaram-se sobre a cabeça dele.

E os gritos de — morra! mata! abaixo os pedreiros-livres e hereges! — levantaram-se mais ameaçadores do que antes. Madalena susteve, a tremer, o braço de Henrique.

E o tumulto crescia cada vez mais e cada vez mais aumentava o perigo.

Uma grande pedra, impelida de longe, veio bater na verga da porta da sacristia, e na queda ameaçava ferir a cabeça de uma criança, que entremetendo-se no grupo dos amotinadores, conseguira colocar-se junto de Madalena e de olhos espantados assistia àquilo tudo com infantil curiosidade, enquanto a mão, aflita, a chamava em altos gritos, procurando-a no adro. A Morgadinha, estendendo as mãos para proteger a cabeça da criança, foi ferida nos dedos pela pedra. Com gesto sereno, e em tom desafetadamente repreensivo e ao mesmo tempo plácido, disse para toda aquela gente:

— Não veem que iam matando esta criança?

Esta simples ação e estas palavras da Morgadinha produziram mais efeito do que todos os arrazoados e todas as resistências. Havia nelas claros indícios de uma índole generosa, e a generosidade foi e será sempre um dos mais poderosos elementos para dominar e comover as massas. Sabem-no os especuladores políticos, que tanto se esforçam por simulá-la, quando precisam do povo.

— Quem foi que atirou a pedra? — perguntou um.

— Temos tolice!

— Nada de pedras, olá!

— Então isto é coisa de miúdos!

Estava a quebrar-se a fúria da onda popular. Os que antes gritavam «morras» achavam já repreensível a primeira tentativa de lapidação. E contudo era a pedra a arma mais pronta para executar a sentença. Era evidente que o maior perigo passara e que um pouco de prudência resolveria a crise.

O pior era que Henrique possuía em pequeno grau essa qualidade, e, irritado pelo insulto, ia cometer talvez um ato irrefletido, apesar dos esforços de Cristina e de Torcato para o reprimirem.

Uma circunstância, porém, veio inesperadamente em auxílio deles e concorreu para dissipar a tempestade.

Foi o caso que, depois de ser posto fora da igreja o Zé Pereira, que, pelas razões que o leitor já sabe e ainda mais depois do malogro da interpelação ao missionário, não olhava com bons olhos para este, veio desconsoladamente sentar-se no adro, sobre os degraus de um cruzeiro, tendo

ao seu lado o popular tambor, instrumento das suas glórias, e que ainda naquele dia servira à frente da procissão.

Aí se conservou enquanto durou o sermão. Junto do artista deitara-se a dormir o seu satélite, o rapaz do bombo, o que, a pancadas compassadas e valentes, secundava os rufos rápidos e febris que o outro executava na caixa — pancadas que eram, por assim dizer, as vírgulas daqueles floridíssimos períodos acústicos.

Em posição de cansaço e desalento o Zé Pereira monologava, como era hábito seu, sempre que tinha o cérebro repassado do espírito familiar.

Lamentava consigo o bom do homem o desmazelo doméstico da sua cara-metade; a influência funesta dos missionários na paz das famílias, e sobretudo a indiferença que começava a perceber nas massas para as maravilhas do predileto instrumento, que ele conhecia a preceito.

Era de facto esta uma das causas dos pesares secretos do hortelão.

Desde que, por influência do mestre Pertunhas, se instituíra a filarmónica na aldeia, Zé Pereira andava triste e

desassossegado.

Naquilo viu ele a morte da sua arte. Uma cela, como o que preocupava e entristecia o arcediago de Notre-Dame de Paris, analogamente inquietava o nosso homem. O espírito e gosto público entravam em nova fase, preparava-se uma revolução na arte. O reformador era o mestre Pertunhas; instituindo a banda marcial, verdadeira extravagância romântica comparada à simplicidade e nobreza clássica dos portentosos rufos do Zé Pereira, o mestre de latim realizou um cometimento digno de menção na história da arte.

Pobre Zé Pereira!

Estas reflexões estavam-lhe acudindo todas, e mantinham-no, há perto de uma hora, numa posição contemplativa diante do tombado instrumento dos seus ruidosíssimos triunfos. Lia-se naqueles olhares fixos uma melancolia quase poética.

Nesta contemplação o surpreendeu a tumultuosa e súbita saída do povo pela porta da igreja, e as cenas de motim que se lhe seguiram. A inteligência perra de Zé Pereira não achou logo a explicação do que via. Pouco a pouco, porém,

os varapaus no ar, os gritos, a confusão começaram a dar-lhe uma vaga consciência da desordem popular.

Os instintos ordeiros e pacíficos de Zé Pereira acordaram, e o homem ergueu-se.

Olhou algum tempo para o lugar do maior tumulto, e em seguida passou ao tiracolo a alça do tambor.

Olhou outra vez, e com um pontapé acordou o seu satélite, que, estremunhado, tomou automaticamente para si o bombo do acompanhamento.

Olhou outra vez, e viu nos ares a pedra que feriu Madalena. Então o Zé Pereira não esperou mais nada, tomou uma resolução, fez um sinal ao rapaz, e.

Pom — fez a baqueta deste, com toda a força sobre a retesada superfície do bombo.

Taplão, taplão, rataplão, rataplão. — responderam as baquetas, movidas pelas amestradas mãos do Zé Pereira.

Muitas cabeças de amotinados voltaram-se na direção do som.

O Zé Pereira prosseguiu; adquiria cada vez mais velocidade o jogo das baquetas; começava a ganhá-lo a vapor do entusiasmo.

Principiou a acudir o povo para junto do artista.

Este tomara-se já do raptus, do frenesi musical. Já não eram só as mãos, eram os cotovelos, eram os joelhos, era a cabeça que rufavam. De olhos fechados, dentes ferrados nos lábios, ventas ofegantes, contraídos quase tetanicamente os músculos do pescoço, a vergá-lo para trás, Zé Pereira parecia endemoninhado. Não via, não ouvia, não sentia, não tinha consciência de si, nem dos seus atos; todo ele era fogo, delírio, convulsão, febre, loucura. Parecia que poderosas correntes elétricas se transmitiam do tambor ao cérebro, e do cérebro ao tambor, desafiando aqueles movimentos coreicos, aqueles grunhidos surdos, aquelas visagens extravagantes, aquelas contrações gerais, que o torciam, desconjuntavam e desfiguravam.

Vencera-o completamente a febre; sangue, nervos, músculos, cérebro, tudo era domínio seu; congestionado, alucinado, louco, rufou, rufou, rufou com desespero, rufou até as baquetas se não avistarem, de rápidas que se

moviam; rufou até o ouvido quase não perceber a descontinuidade dos sons; rufou finalmente até cair por terra exausto, no colapso que sucede às convulsões do espasmo. Se tinha de ser aquele o declinar de uma glória, todos os astros lhe invejariam tão esplêndido crepúsculo.

O povo inteiro aplaudiu o artista.

E, quando voltaram a si do êxtase em que ele os tivera, acharam já fechadas as portas da sacristia e nem vestígios da família do Mosteiro. O povo dispersou pacificamente.

CAPÍTULO XX

Passados dias voltava Herodes do Porto, quando nas proximidades da aldeia encontrou alguns homens a cavalo, que lhe eram desconhecidos.

O leitor que tenha sempre vivido numa cidade populosa, onde lhe é impossível conhecer todos os que com ele habitam na mesma terra, mal pode fazer ideia da sensação que produz no habitante de uma aldeia, vila ou cidade pequena, a presença de uma cara estranha.

Formam-se-lhe logo no espírito mil conjeturas, e a mais inquieta curiosidade instiga-o a decifrar a significação daquele aparecimento.

Isto aconteceu com o Cancela.

Desde que avistou os desconhecidos, que dissemos, não tirou mais os olhos deles. Eram três em número, traziam grandes botas, e largos chapéus, mantas ao ombro, usavam bigode e lunetas escuras.

— Pássaros de arribação. — pensava o Herodes consigo. — Que vento traria isto para aqui?

E, chegando-se mais de perto, saudou-os cortesmente.

Um deles dirigiu-lhe a palavra:

— Olá, ó amigo; onde há por aqui uma casa habitável, em que nos alojemos?

— Por pouco ou por muito tempo, meu amo?

— Por o tempo que leva a construir uns quinze quilómetros de estrada.

— Ah! Então V. S.as são engenheiros?

— Julgo que sim.

— Então, visto isso, as estradas sempre vão começar?

Antes de arranjarmos casa em que fiquemos, decerto que não.

— Ai, sim, querem uma casa. Eu lhes digo, não tem nada que saber; os meus amos vão por aí sempre a direito, e, lá adiante, chegando ao pé de uma oliveira, tomam à sua mão esquerda por um caminho estreito, que tem uma cancela no

fim; depois, logo que virem uma nora, carregam à direita, seguem sempre ao lado de um muro branco, até chegarem à eira; aí tomam por outro atalho, que está ao lado e vão dar a um larguinho. Depois não tem que saber, deitam pela rua em frente e, perguntando ali pela estalagem da Mouca, logo lhe dizem.

Os três cavaleiros olharam uns para os outros, consternados com a explicação.

Iam a dirigir mais algumas perguntas, quando passou por ali uma rapariguita, guardando porcos, que parou pasmada a olhar para os engenheiros.

— Se V. S.as querem, esta pequena vai ensinar-lhes o caminho.

Aceitaram contentes, e cedo partiam, precedidos por a pequena cicerone.

— Grande novidade! — ficou dizendo o Cancela consigo — sim, senhor, com que vão começar as estradas! Pois nunca pensei que fosse nos meus dias. Então. querem ver que sempre sai certo o que eu ouvi dizer, que vai abaixo a casa e o quintal do Tio Vicente? Pois se querem ver. O

pobre homem estala de paixão, se isso assim é; isso é que com certeza. Pois, senhores. isto de estradas. é bom, é; pois não é? Sempre é outro arranjo para quem tem de ir à cidade.

Nova surpresa esperava o Herodes neste regresso aos lares. De longe ainda, divisou afixado à porta da igreja um edital. Outra circunstância que nas cidades nem nos obriga a desviar a cabeça, porém que nas aldeias toma as proporções de um grande sucesso.

— Ui! Temos novidade — disse o Herodes ao vê-lo. — Edital à porta da igreja! — e aproximou-se para ler.

Proclamava o chefe do concelho aos seus administrados que, por ordens terminantes do governo, eram, desde aquela data, expressamente proibidos, sob as mais severas penas, os enterramentos no interior da igreja, e que todos se fariam no cemitério, para esse fim já construído. Havia no lugar um grupo de populares comentando a ordem e murmurando contra o governo e contra o conselheiro, e falando de oposição e motim.

— Bom, mais outra! — dizia o Herodes, ao afastar-se do lugar. — Grandes coisas se passaram cá na terra, enquanto eu andei por fora! O pior é que não sei se a coisa irá assim às mãos lavadas; ao que já ouço por aí rosnar! É o diabo! Eu digo, não sei se é do costume em que uma pessoa se põe. mas. lembrar-se a gente de que fica assim à chuva e ao sol. Mas é do costume, é. Bem sente lá uma pessoa o frio depois de morta.

E, fazendo estas reflexões, prosseguiu no seu caminho.

Passou por uma pequena capela, ereta à borda de um pinheiral, sob a invocação da Virgem da Esperança, e reteve-se a fazer oração. Àquela imagem costumava encomendar a filha, sempre que saía da aldeia, e no regresso pagava-lhe em fervorosas orações a proteção obtida, e separava-se dali mais consolado e tranquilo. Desta vez, porém, ficou triste e sobressaltado. Porquê?

É que se lembrava de que tinha, ao partir, deixado Ermelinda doente, e estremecia agora na incerteza de como a iria achar.

Esta ideia fê-lo apressar o passo, como se quisesse, quanto antes, tirar-se daquela incerteza; mas, desde que avistou os telhados e muros da casa, parou irresoluto.

Parece que os objetos inanimados nem sempre têm para nós um mesmo aspeto. Há ocasiões em que as casas, as árvores, os muros, as portas se nos mostram com certos ares melancólicos, e quase direi pensativos, que nos enchem de sombras o coração; outras, em que umas aparências de sorrisos lhes dão uns ares de festa que alegram e convidam.

Ao Herodes aparecia-lhe triste desta vez a casa, que, de ordinário, ao avistá-la, lhe enviava um sorriso a dar-lhe as boas-vindas.

Seria o efeito das tintas desmaiadas, que dá aos objetos o sol crepuscular? Seria o reflexo dos pressentimentos próprios, que lhe estavam confrangendo o coração? Mas como lhe acudiram tão de súbito esses pressentimentos, a ele, ainda pouco tempo tão despreocupado? Como lhe ocorrera de repente a memória daquele dia em que, voltando também de fora, viera encontrar quase morta a mulher que chorava ainda, a mãe de Ermelinda?

Fenómenos que se perdem na parte obscura da vida moral, da qual ainda a análise não conseguiu devassar as sombras.

Crescia o sobressalto do pobre homem ao pousar os pés nos primeiros degraus da escada de pedra. Ao passar pela porta do compadre, não tivera coragem de perguntar; receou sair da incerteza.

Foi quase a tremer que empurrou diante de si a porta da casa, que encontrou aberta.

Logo ao entrar, recuou espantado e não reprimiu uma exclamação de surpresa.

Fora a causa o achar novidades na primeira sala.

Deu com os olhos numa fileira de pequenas cruzes de pau-preto que cercavam as paredes, e em alguns caixilhos com imagens de santos, que não deixara ali ao partir. E ninguém a recebê-lo.

— Credo! — disse o Cancela, desgostoso. — Para longe o agoiro! Cruzes negras à chegada! São coisas da comadre. Maldita velha! Jurou meter-me cismas em casa e na cabeça da rapariga, e, se não lhe acudo.

— Ermelinda! — exclamou, chamando por a filha.

Como não recebesse resposta, passou para os aposentos interiores.

À entrada do corredor descobriu uma pequena pia de louça, cheia de água benta, em que mergulhava um ramo de alecrim.

— Mau! — disse o Herodes, cada vez mais descontente. — Vou vendo que a minha comadre fez por aqui das suas. Ora queira Deus. queira Deus. Ermelinda!

E correu toda a casa, que não tinha muito que correr, e explorou o quintal, sem achar a filha; já inquieto, chegou a um quarto mais retirado, o único que ainda não revistara. A porta estava fechada por dentro, porém a pequena cravelha fraca resistência opôs à pressão que na porta exerceu o Herodes.

Franqueando assim a passagem, parou no limiar.

Moveu-se, ao ruído que ele fez, um vulto que parecia ajoelhado num canto escuro do quarto.

— És tu, Linda? Estás aí? — perguntou o Cancela, afirmando-se naquele vulto, sem ainda o reconhecer.

— Meu pai. — respondeu uma voz fraca.

— Que fazes tu aqui metida e fechada neste quarto, filha? No quarto mais escuro e mais abafado de toda a casa? Chega-te cá, rapariga, quero-te abraçar e beijar. Então que é isso? Tens hoje tão pouca pressa de abraçar o teu pai? Dantes, até ao caminho me vinhas esperar. Vem cá, minha filha, vem cá. Se soubesses como me consola.

E estendia os braços para a filha, que lhe viera enfim ao encontro. Quando, porém, a viu mais perto da luz, calou-se subitamente e começou a examiná-la com inquieta ansiedade. Depois, como se lhe não bastasse a luz daquele recinto para desvanecer não sei que suspeitas assustadoras que o devoravam, trouxe, silencioso ainda, a filha para o corredor, e continuou aí a fitá-la com olhos eloquentes de paixão e de espanto, bradando enfim, com voz consternada:

— Que é isto? Que tens tu, filha? Estás doente? Estas não são as tuas feições. Os olhos pisados. as faces abatidas. sem cor. sem risos. sem saúde! Linda, tu que tens? Diz:

choraste, filha? Está s doente? Fala! Anda, fala! Por piedade! Por amor de Deus, Linda, fala!

A rapariga, em vez de responder, desatou a chorar.

— Meu Deus! Isto que é, meu Deus? — exclamava, mais assustado, o pai. — Choras ainda mais? Que te fizeram, filha? Ó Linda, tu não tens pena de mim? Não chores! Ou chora, chora, se te faz bem chorar; mas. fala, diz-me o que tens, diz-me porque choras, filha. Então?

E, com voz trémula, com as mãos unidas e o susto no gesto, como no coração, o pobre homem quase ajoelhava a implorar da filha a explicação daquele doloroso mistério.

Como ela lhe não respondesse ainda, continuou o aflito pai, cada vez mais comovido:

— Ai os pressentimentos do meu coração! Não sei o que me dizia isto! Não sei! Meu Deus, meu Deus! E como te pareces com a tua mãe naquele dia em que. Nem quero imaginar. Ó filha, filha, não vês que me matas assim? Fala!

E beijava-a, e afagava-a, e cobri-a de lágrimas ardentes, que mais lágrimas desafiavam à criança, sem que a fizessem falar.

Nos movimentos desordenados que fazia, o desgraçado parecia louco. Ele apertava as mãos da filha, levava-as aos lábios, abraçava-a, tomava-a ao colo, pousava-a no chão: ora a atraía a si, ora a afastava, sem saber o que fizesse, nessa incoerência de atos que produz um espírito inquieto.

Como para melhor examinar aquelas feições queridas, cujo abatimento e palidez tanto o assustavam, afastou da cara da criança, com as mãos trémulas, o lenço que lhe envolvia a cabeça; mas de repente retirou-as, soltando um grito medonho, ergueu-se e recuou com terror.

Depois, fitou a filha com olhar desvairado, e, sem pronunciar uma palavra, quase que a arrastou para mais perto da luz, que entrava no corredor pela porta aberta do quintal; aí, arrancou com ímpeto febril o lenço da cabeça de Ermelinda e um novo grito, mas desta vez rouco, abafado pela dor, cortado pelos soluços, saiu-lhe do seio, e ele, o desgraçado pai, desatou a chorar como uma criança.

É que aqueles formosos cabelos loiros de Ermelinda, que com tanto amor beijava, que com tanta soberba lhe desatava pelos ombros, o orgulho, o enlevo do seu coração

de pai, aqueles cabelos loiros tinham caído aos golpes de uma tesoura desapiedada e quase irreverente.

Só quem for pai pode conceber toda a desesperadora aflição em que esta descoberta lançou o coração daquele.

Ermelinda caiu-lhe aos pés, de joelhos, chorando também.

Por algum tempo, nada mais se ouviu ali dentro senão os soluços de ambos.

A reação não se fez, porém, esperar muito no ânimo violento do Cancela.

Afastou com vivacidade as mãos do rosto, ergueu a cabeça, e, com os olhos inflamados de raiva e de cólera, disse para a filha, tremendo e gaguejando, tal era a impetuosidade dos sentimentos que se lhe amontoavam no coração:

— Quem foi?! Responde! De quem foi essa mão atrevida que fez isto? Fala! Não ouves? Quero sabê-lo, para cortá-la mais rente do que te deixou os cabelos. E tu, desgraçada, tu, consentiste! Má filha! Filha desagradecida e sem coração, que assim deixas que me roubem as minhas riquezas e alegrias! Ao teu pai! É assim que pagas o amor com que te tenho criado? A adoração com que de

pequenina te tratei? É assim? É com este desamor?! E com esta ingratidão?

— Meu pai! Meu pai! — implorava Ermelinda, sufocada pelo choro. — Perdoe! Não se aflija assim, meu pai, que me mata! Não vê? Escute. Para servir a Deus. Foi para servir a Deus que eu os cortei! A vaidade é um pecado grande.

— Quem te ensinou isso? Quem te aconselhou a que os cortasses? Fala!

— Por alma da minha mãe, não me fale assim, que me assusta!

— Vá! Pois já não falo. Eu estou sossegado. Mas então? Eu não hei de saber? Bem vês que eu preciso de saber. Vá! Eu sou o teu pai. Ordeno. Peço. Diz, filha, quem foi?

— O missionário. — ia a dizer Ermelinda.

O pai não a deixou prosseguir.

— Ah! Já sei! O missionário! É isso! Os padres. as beatas. A tua madrinha! A bruxa a quem eu confiei a filha e que ma entrega assim! Vendeu-ma às mãos desses malvados sem dó, sem consciência, sem religião, sem Deus.

— Meu pai, não diga isso! Não fale assim, que é pecado.

— Cala-te! Que grande, maior pecado fizeste tu, afligindo assim o teu pai! Os missionários! Quem lhes deu o direito? Quem lhes ordenou? Deus? Se Deus é assim, se Deus quer estas crueldades. Deus não é Deus, e eu não o reconheço, nem adoro!

Ermelinda tremia de terror, ouvindo estas palavras, que a irritação e o desespero estavam ditando ao pai. A tímida e nervosa criança horrorizava-se ouvindo aquelas frases audaciosas e quase blasfemas, e a cada momento esperava ver cair um raio fulminador a castigá-las.

— Por amor de Deus! — murmurava ela, com a voz chorosa e quase sumida — por alma da minha mãe!

— Cala-te! Não fales na tua mãe, que não mereces dizer esse nome! Tua mãe! Aquela sim, que sabia como eu lhe queria; que sempre lidou para me não causar penas, e que só com a sua morte me fez chorar lágrimas tão amargas e tantas, como eu choro agora!

E chorava cada vez mais, chorava, como um fraco, aquele homem forte e valente, chorava, porque tinha um coração

de pai.

Ermelinda lançou-se-lhe nos braços, cobrindo-o de afagos e de beijos.

— Perdoe-me, meu pai! Perdoe-me! — dizia ela. — Se soubesse. Fui eu que pedi. Fui eu que sonhei. Não chore assim, meu pai! Não culpe ninguém; fui eu, eu que pedi a minha madrinha! Foi por a salvação da minha alma, porque.

— E foi tua madrinha que tos cortou?

— Foi, mas. É que o missionário tinha dito. O missionário é um santo! Não olhe para mim desse modo, meu pai, que me faz medo.

E cobria os olhos com as mãos, para não ver a expressão do rosto do Cancela.

— Querem matar-me a filha! — bradava ele. — Ó meu Deus! Pois não é isto um grande pecado? Fazer da criança, linda e alegre, que eu deixei aqui, esta desgraçada rapariga, sem cor, sem risos, sem alegria! Não é isto um crime, meu Deus? Não se vos pode amar e servir, Senhor, senão com lágrimas, com penitência e com tristezas? Não!

Mentem eles! Mente esse missionário! Mente essa mulher! Mentes tu, filha! E maldito seja quem traz assim o desespero ao coração de um pai!

E o Cancela levantou-se exasperado, sacudindo rudemente de si a filha, cada vez mais gelada de terror e aflição. Deu alguns passos no corredor, e voltou ao quarto onde a encontrara. Ela seguia-o de mãos postas, chorando, pedindo-lhe que se não afligisse assim. Mas o Cancela era dominado pela impetuosidade do seu génio. Nem a ouvia. De repente parou, fitando os olhos no registo do Coração de Maria, que ali fora introduzido por a mulher do Zé Pereira. Estava adornado com jarras de flores e velas de cera; era esta a imagem a que Ermelinda fazia oração, quase extática, quando o pai entrou.

— Coração de Maria! — disse o Cancela, quase desvairado, conservando a vista fixa na imagem, e como falando para si. — Coração de mãe, e de mãe extremosa, que foi esta, e bem lanceada de dores. Soube o que é querer a um filho, o que é vê-lo padecer. o que é perdê-lo. E será ela a que deseja as lágrimas, as tristezas e a morte desta criança? as desventuras de um pai? Ela! Não! E, se tu

o queres — continuou alucinado, voltando-se para a imagem — se não podes ser adorada senão assim, é porque és falsa, falsa como a mão que aí te pintou, falsa como as bocas que te pregam os milagres. Vai-te!

E, no acesso de raiva, que cada vez mais crescia nele, fez voar o caixilho, as jarras e os castiçais pelo ar, e tudo veio fazer-se em pedaços no pavimento.

Ermelinda soltou um grito dilacerante e agudíssimo ao ver aquilo. O terror secou-lhe as lágrimas. Com o olhar espantado, as faces quase lívidas, as mãos juntas, quis falar, mas não pôde; moviam-se-lhe os lábios descorados, mas não lhe saía a voz da garganta.

Cada vez mais cego pelo desespero, o pai já não a atendia. Passou outra vez ao corredor, derrubou, em igual acesso de fúria, o vaso da água benta, bradando:

— Vai-te, que estás empestada também pelo bafo maldito da impostura.

Ermelinda lançou-se-lhe aos pés, abraçou-o pelos joelhos para o reter, mas ele não a sentia, e, continuando a

caminhar desorientado, quase a levou de rastos até à outra sala.

Aí imagens, cruzes, esculturas, tudo lançou por terra, tudo despedaçava ou rasgava.

Neste ímpeto de loucura, nesta cegueira de raiva, não viu a filha, que, como se galvanizada pelo terror, ergueu-se arquejante, com os braços estendidos, fazendo esforços para falar, e caindo por fim no pavimento, inerte e fria como um cadáver.

Atraída pelos gritos e rumor que partiam de casa do Cancela, a madrinha de Ermelinda acudiu a ver o que era aquilo.

Chegando ao limiar da porta, assistiu ainda ao final da cena que descrevemos; ia a gritar, mas o olhar e gesto com que a fitou o Cancela cortou-lhe a fala na garganta.

Era de facto um olhar selvagem e sinistro.

A Sra. Catarina parou.

— Que vem fazer aqui, mulher? — dizia-lhe o Cancela com voz cavada.

— Eu.

— Vem acabar de matar-me a filha, serpente? Vem empeçonhar estes ares, onde meteu a tristeza?

E, a cada pergunta que fazia, dava para ela um passo e ela recuava outro.

Crescia outra vez a impetuosidade nas paixões e nas palavras do Herodes.

Saia! Saia da minha vista, se não quer que eu lhe faça como fiz a esses feitiços com que me enfeitiçou a filha, com que ma quis matar.

A velha ganhou ânimo ao ver-se fora da porta e por isso disse:

— Lá se vê quem a matou. Repare e diga se não tem remorsos, carrasco!

Estas palavras fizeram quebrar a veemência do desespero do Cancela.

Voltou-se, e, vendo a filha estendida no chão, quase como morta, com a palidez, com a imobilidade, com a aparência de um cadáver, correu para ela soltando um grito

angustioso e começou a chamá-la pelo nome, beijando-a, chorando, pedindo misericórdia a Deus, pedindo perdão a ela, soltando palavras sem nexo, arrepelando-se, ferindo-se.

A velha, que já não o temia, ao vê-lo assim, vingava-se agora chamando-lhe ímpio, herege, malvado, assassino da filha, condenado de Deus. e ele, o desgraçado, tudo escutava humildemente, com remorsos, e implorando misericórdia.

— Não! Ela não há de morrer-me assim. Deus não pode consentir nisto. Não deixará que eu tenha assassinado minha filha. Ah! senti-lhe o coração! Vive! Senti-lhe o coração bater. Olhe! Venha ver. pouse aqui a mão, comadre, no peito dela, aqui. Não sente? É o coração, não é? Não lhe parece que não morreu? Ar, ar, é do que ela precisa.

E, erguendo-se, correu, com a filha nos braços, para o meio da rua.

Ermelinda ainda estava sem acordo. Juntaram-se algumas mulheres, atraídas pelo espetáculo e pelas arguições da beata, que não cessara de falar.

Foi voz unânime que a pequena estava a expirar. O Cancela tremia e pedia por amor de Deus que lhe não dissessem aquilo.

Subitamente, soltou um grito de triunfo e pôs-se a rir como doido. Ermelinda tinha aberto os olhos.

Mas, ao fitá-los no pai, instintivamente desviou a cabeça, como se o aspeto dele lhe causasse terror.

— Filha! — disse o Cancela, tremendo de interpretar aquele gesto e com maior consternação na voz e no olhar.

Ermelinda, sempre com os olhos fechados, começou a tremer convulsivamente e numa ansiedade extrema.

— Deixe a pequena! — disse a beata. — Não vê que lhe faz medo? E com razão, pobre criança! Depois do que viu!

— Pois eu hei de fazer medo a minha filha? — repetiu timidamente o pai. — Eu?! Ó Ermelinda. pois tu.

Um estremecimento, que correu pelos membros da rapariga, fê-lo calar. Comovido, consternado, passou-a para os braços da velha, e sentou-se a soluçar como uma criança, dizendo entre gemidos:

Perdi o amor da minha filha! Perdi o amor da minha filha! Ai que desgraçado que eu sou!

A cena era bastante comovente, para que se não sentissem impressionadas todas as pessoas que ela atraíra ali.

Houve um longo silêncio, só interrompido pelos roucos soluços do infeliz, em quem entrara o desespero no coração.

Este silêncio permitiu ouvir-se um vago som, como de música longínqua, que, a pouco e pouco, se percebeu ser um coro de vozes femininas; cedo a toada, e depois da toada a letra, começou a tornar-se distinta.

Ouviram-se perfeitamente estas palavras:

Vinde, vinde, ó missionários.

Com a palavra de Deus

Libertar-nos do pecado,

Encaminhar-nos aos Céus.

O Cancela ergueu a cabeça e pôs-se a escutar.

As vozes continuaram:

Minha alma por vós anseia,

Ó ministros do Senhor!

E o meu peito em chamas arde,

Em chamas do vosso amor.

O Cancela começou a abanar a cabeça, e os olhos a animarem-se-lhe de um fulgor estranho.

O coro soava cada vez mais perto, e dentro em pouco desembocou na rua, em que se passavam estas cenas, um singular cortejo.

O missionário, que nós já conhecemos por o termos visto em pleno exercício da suas funções predicatórias, vinha seguido por uma coorte de mulheres, de roupas escuras e cabelos cortados, que cantavam em chorada cantilena estas e análogas quadras, que os missionários, ou os agentes

seus, têm quase sempre o cuidado de vulgarizar, como preparatórias dos ânimos impressionáveis das mulheres e das crianças.

Ia no meio uma destas quadras, quando se aproximava a procissão da casa do Cancela.

Este já estava em pé no meio da rua, à espera dela.

O missionário viu aquele homem grande e imóvel no meio do seu caminho, aquele agigantado vulto que, virado de costas para o Poente, se lhe apresentava escuro como um fantasma, e não conjeturou bem do que via. Por isso parou também, olhando para ele. O coro suspendeu-se.

O Cancela fitou por algum tempo em silêncio o padre, e depois perguntou-lhe:

— Sabe quem eu sou?

O padre fez um sinal negativo com a cabeça.

— Sou um homem desesperado, um homem que, neste momento, nem ouve Deus.

O padre olhou inquieto para trás de si e para os lados, como quem procurava uma saída para o caso de

necessidade, pois dizia-lhe a razão que um homem que não ouve Deus não estaria muito disposto a escutá-lo, a ele, humilde criatura.

— Sabe o que lhe quero? Perguntar-lhe por a alegria e por a saúde da minha filha; perguntar-lhe por o amor dela, que me roubou; perguntar-lhe a que demónio ofereceu os cabelos daquela criança sem culpas nem maldade; perguntar-lhe com que envenenou o coração, e depois. depois matá-lo.

O padre enfiou; ia a abrir a boca para falar, mas viu caminhar para ele o Cancela, viu no ar aquela mão musculosa e larga, e, calculando a violência do embate pelo volume do braço, julgou-se de antemão esmagado e só pôde encolher os ombros, fechar os olhos, contrair comicamente as feições, e suspender a respiração, aguardando nesta postura o golpe, que não podia evitar.

Este de facto não foi suave. A mão do Cancela caiu em parte sobre o cabeção, em parte sobre o pescoço do padre, e com tal força, que este foi constrangido a ajoelhar.

Anda, meu impostor do Inferno!

E uma forte sacudidela o impeliu para diante e restituiu de novo à primeira posição. O chapéu rolou a alguns passos de distância.

— Anda, meu envenenador de almas!

Nova sacudidela, seguida de iguais resultados, e os óculos seguiram caminho do chapéu.

— Anda, meu caluniador de Deus!

E desta vez o Cancela começou por colocar o padre em pé e, após, dando-lhe um forte impulso e soltando-o das mãos, deixou-o ir à mercê da força transmitida.

O padre estendeu os braços instintivamente para se amparar na queda provável, e, pé aqui, pé acolá, a passos descomunais, escapou miraculosamente de cair; porém, não conseguiu parar senão a muitos metros de distância.

Escusado é dizer que esta cena não correu entre o silêncio dos espectadores. Mal o Cancela levantou a mão sobre a cabeça do padre, as beatas ergueram um alarido de atroar céu e terra.

— Aqui d'el-rei!

— Aqui d'el-rei sobre o Herodes!

— Aqui d'el-rei, que matam o Sr. Fr. José!

— Quem acode ao Sr. Fr. José?!

— Ai, que matam o santinho do missionário!

E estas e outras vozes pipilavam, uivavam e chiavam aquelas esganiçadas mulheres, sem que o zelo religioso as decidisse, porém, a intervir mais ativamente.

A celeuma atraiu gente, e, no número, alguns cabos de polícia, que, em cumprimento dos seus deveres, se acercaram do Herodes, mas com respeito.

Este, porém, não opôs resistência.

Tinha-lhe passado a fúria e voltou-lhe o desalento.

Assim deixou-se levar em prisão, acompanhado das imprecações das beatas e dos gritos de indignação dos homens.

As devotas mulheres correram para o missionário.

Umas levavam-lhe o chapéu, outras os óculos, outras o capote.

— Magoou-se, Sr. Frei José?

— Dói-lhe alguma coisa?

— Feriu-se?

Mas o padre não se demorou a informá-las. Limitou-se a abanar com a cabeça negativamente e deitou a correr, como se visse atrás de si ainda a mão espalmada do Cancela, pronta a cair-lhe outra vez sobre a cabeça.

Quando o Cancela chegou a casa do regedor, já a multidão engrossara e em altos gritos pedia o castigo do criminoso.

O regedor tinha a precisa finura para saber condescender com a multidão. In continenti, redigiu um ofício ao administrador, no qual foi tão feliz que escreveu três palavras com boa ortografia; e, falando às turbas, disse que estavam dadas as providências, e que o crime havia de ser punido com todo o rigor das leis.

CAPÍTULO XXI

O ato violento do Cancela, contra a pessoa do missionário, foi assunto das conversações gerais de toda a aldeia. Era com indignação que se comentava a façanha. Dizia-se que o Cancela fora apenas o instrumento de que se servira a gente do Mosteiro para se vingar do padre, pela ocorrência da tarde do sermão.

Os adversários do conselheiro aproveitaram a oportunidade que se lhes oferecia para lhe alienarem simpatias e tentarem um cheque, pelo qual há muito suspiravam.

O missionário e os seus ardentes sequazes foram dos mais acerbos propugnadores destas ideias, que reforçavam com muitas acusações de heréticos e de ímpios, contra todos os membros da família do conselheiro.

A política viu nisto uma arma favorável para combater o adversário, e não a desprezou. Depois veio a portaria a respeito do cemitério, manifestamente devida à iniciativa

do pai de Madalena, e impopularíssima na aldeia, aumentar a irritação dos ânimos e servir de tema a uma violenta diatribe do missionário contra a impiedade da época, que nem aos fiéis concedia a santa consolação de repousar à sombra dos templos.

Tudo isto começou, pois, a fomentar uma reação contra o conselheiro, a qual ameaçava o resultado da sua candidatura.

Não pequena parte nesta guerra surda, que começara a lavrar, tomava o seu companheiro de infância e particular amigo, o brasileiro Seabra.

Nunca ele sentira entranhada no coração metade da benquerença que aparentemente ostentava para com o conselheiro; mas, depois de uma conferência que tivera com mestre Pertunhas, tornara-se mais manifesta a sua hostilidade e menos observadora de etiquetas e rebuços.

Foi ele, por exemplo, quem teve o cuidado de lembrar que a família do conselheiro estava de posse de bens religiosos, circunstância que o missionário atendeu, clamando do púlpito contra os dilapidadores dos bens da Igreja.

Foi também o Brasileiro quem trouxe à flor de água os antigos excessos demagógicos, que caracterizaram o princípio da carreira política do conselheiro, e referia, com modos de horrorizado, a substância dos exaltados discursos que ele proferira nas Câmaras, advogando ideias cuja só exposição feria de pavor a imaginação dos povos.

Finalmente, até o princípio dos trabalhos para as estradas, cujo protraído adiamento fora até àquele tempo um capítulo de acusação contra o pai de Madalena, servia agora de arma à oposição.

O Brasileiro, em atenção a quem se adotara o traçado que ia ser posto em execução, era o que provava à saciedade, com grande exibição de cifras e de razões económicas, ser esse traçado, sobre dispendioso, irracional.

E cumpre advertir que estes argumentos ouvira-os ele ao próprio conselheiro, quando este os alegava para ver se conseguia demovê-lo do empenho que mostrava em que o traçado em questão fosse preferido aos outros. Tal era o estado das coisas públicas na terra no dia em que começaram os primeiros trabalhos de campo.

Tinham-se passado alguns dias depois da prisão do Herodes.

A aldeia vira-se invadida por um bando de seres desconhecidos, que vieram alterar a perene serenidade de ânimo de uma população habituada a considerar como ocorrências de máximo interesse a reforma dos muros ou das cancelas de qualquer proprietário da localidade.

A coorte de engenheiros, condutores, apontadores, cantoneiros e mais operários vinha, com os seus hábitos e costumes novos, fazer tantas ou maiores mudanças na vida moral da aldeia do que nas condições físicas dela as bandeirolas, os niveladores, as enxadas, as pás, alviões, picaretas, carros de mão e padiolas, de que era armada essa coorte.

Por isso corria uma verdadeira romagem para o lugar onde com a maior atividade tinham começado os trabalhos. Era, como já dissemos, na casa do ervanário. Pela demolição dela e do quintal que a rodeava, começaram as obras.

O velho Vicente assinara dias antes o auto de expropriação e recebera o preço da venda estipulado, o qual, por

influência do conselheiro, não lhe foi muito regateado.

Ele, porém, o desconsolado velho, recebeu-o comovido. Por as árvores nada quis; não podia resignar-se a vendê-las. Podia vê-las cair, como amigos sacrificados no cadafalso, mas mercadejar-lhes com os restos, isso não.

O desinteresse e o escrúpulo do ervanário serviu à Fazenda Nacional de compensação ao excessivo preço porque foram expropriados os bens de que o Brasileiro se apossara, com o patriótico intuito de promover os seus melhoramentos particulares, preço que por empenho do conselheiro não foi litigado.

Ao começarem os trabalhos, alguns grupos populares tentaram resistir, mas refrearam-se, em parte pelo respeito devido à coorte de operários melhor armados do que eles, em parte cedendo às imperiosas ordens do ervanário, que, ao sair pela última vez da casa, onde envelhecera, lhes disse, com voz irritada e severa:

— Quem lhes pediu que defendessem estas árvores? Que amor lhes tendes vós, para vos amotinardes por causa delas? Para trás!

Os instigadores das massas conheceram que não era aquela a ocasião nem aquele o pretexto próprio para os seus projetos, e adiaram, em vista disso, a empresa, prudentemente.

Era no fim da tarde de um dia enevoado e frio, de um desses dias em que os ânimos mais fortes se deixam dominar de uma melancolia profunda.

Na baixa, em que ficava a habitação do ervanário, ia azáfama extraordinária.

O machado demolidor e a alavanca começaram a sua obra de destruição; desconjuntavam-se as pedras dos muros, desfazia-se em pó a argamassa secular, caíam a golpes de machado as vigas dos tetos e os troncos das árvores, alastrava-se de tijolo e caliça a verdura dos tabuleiros, e, cedo, de toda aquela vivenda tão amena e virente, só restavam ruínas.

Numerosos grupos de já pacificados espectadores seguiam com curiosidade as operações de devastação; mas, longe dali, a maior distância do que os indiferentes, assistiam ao

espetáculo os únicos olhos que ele orvalhava de lágrimas, o único coração que ele deveras apertava de dor.

O ervanário fora sentar-se na encosta de um outeiro vizinho, donde se divisava toda a cena. Com a cabeça pousada na mão e o braço apoiado sobre o joelho, com voz comovida, dizia adeus a cada árvore, que dali via vacilar e cair, como se fosse um amigo que o precedesse no túmulo. Parecia ter fugido para longe, para pelo menos não lhes ouvir o estertor da agonia.

Ao lado do velho estava Augusto.

Não era também sem tristeza que ele seguia os progressos da demolição.

Mais do que uma vez tentara arrancar o ervanário daquele sítio. O velho, porém, resistiu; queria estar ali até ver cair a última árvore.

Ao pinheiral, donde assistia à cena, chegava em confusão o alarido dos trabalhadores, o rumor do manobrar dos instrumentos, e até o da queda das árvores cortadas.

O ervanário, sempre que via brilhar o machado sobre uma nova árvore, recordava sentidamente algum episódio do

seu passado, a que ela estava ligada.

— Lá vai aquela faia — dizia ele com intensa melancolia — pobre velha! Era à tua sombra que o meu pai me ensinava a ler! Encostava-se àquele tronco sobre a grossa raiz que ele tem à flor da terra e, pegando em mim ao colo, guiava-me nas primeiras lições! E viver eu para te ver cair!

E, ao perceber-lhe balançar as sumidades, o velho fechou os olhos instintivamente. Cedo ouviu um estrondo. Quando os abriu, estava por terra a faia.

— Agora é a tua vez, pobre carvalho! — dizia algum tempo depois — Muito queria a minha mãe àquela árvore! pelas suas mãos a plantou bem tenra. Nunca me sentei àquela sombra, que me não lembrasse da santa mulher! Parecia que eram vozes tuas, que ma recordavam, infeliz! Bárbaros! Olha com que desamor a decepam! Perdoa-me, meu velho amigo, mas bem vês que te não posso valer.

E o carvalho caiu.

— Ei-los agora contigo, cerdeira. Mal adivinhavas tu, quando o ano passado te enfeitavas com aquelas cerejas

escarlates, que tanto cobiçavam as crianças, que pela última vez o fazias! Adeus, pobre amiga, adeus.

E caía a cerdeira também.

E caíam, uma após outra, todas as árvores do quintal: os limoeiros, as nogueiras, os salgueiros e toda a família vegetal do velho Vicente, que sentia ir-se-lhe com ela a alma. Memórias de infância, sonhos de juventude, e reminiscências de velho, como aves invisíveis, ocultas nas copas daquelas árvores, surgiam agora, espavoridas e desnorteadas, a procurar o refúgio que não encontravam fora dali.

Por outro lado os delicados sentimentos do ervanário eram dolorosamente feridos, ao desmoronarem-se as paredes daquela pequena casa, onde ele envelhecera e contava morrer, e ao patentear-se indiscretamente aos olhos irreverentes e curiosos do povo aquele recatado asilo.

A demolição prosseguia com ardor e atividade. Em pouco tempo, só restavam da casa os muros, meio derrocados; e, no quintal, a serra e o machado começavam a exercer no tronco da última árvore a sua obra destruidora. Era o

castanheiro da entrada, gigante de outro século, que desafiara os raios de muitos invernos sucessivos.

A exaltação do ervanário cresceu naquele momento. Ergueu-se, pálido e trémulo, apoiou-se no ombro de Augusto, murmurando:

— Também o castanheiro! Já era árvore quando eu nasci! Como eles se encarniçam contra ele! Mas não te parece, Augusto, que não sofre muito o castanheiro? Sabes? É que ele já não agradeceria a vida, porque tinha de viver assim desamparado dos seus outros companheiros, que vê caídos no chão. Tarda-lhe talvez o deitar-se ao lado deles. É como eu.

O castanheiro começou a oscilar.

— Repara — disse o ervanário, cada vez em tom mais baixo, e apertando o braço de Augusto. — Ele já treme! Não vês? Lá lhe deitam a corda. Vai cair! Parece-me que estou a sentir aquele estalar de fibras.

E a árvore caiu com fragor no chão, que por tanto tempo cobrira de sombras.

Estava ultimada a obra.

O ervanário encostou a cabeça ao ombro de Augusto e rompeu em soluços.

— Então, Tio Vicente, tenha ânimo — dizia-lhe Augusto, igualmente comovido.

— Se tu soubesses, Augusto, o que eu estou sentindo! Olhar para acolá e não ver em pé uma só das árvores que eu conheci em pequeno! Parece-me um sonho isto, um sonho de aflição! Sinto-me tão só no Mundo! Ai! se a morte me ferisse agora!

A dor, a saudade e o desalento davam uma unção de poesia elegíaca à figura, ao gesto e às palavras do velho, que desvanecia tudo o que nele pudesse haver, nas situações ordinárias da vida, capaz de desafiar um sorriso nos lábios de quem o observasse friamente.

Conceda-se uma lágrima a estas obscuras vítimas dos progressos materiais, lágrima que não importa uma ironia à civilização. Exalte-se, embora, a rápida carreira da locomotiva, que atravessa, como meteoro, as povoações e os ermos, mas não seja isso motivo para condenar a compaixão pela violeta dos campos, que as rodas deixaram

esmagada à beira do carril. ainda quando um vencedor tem um papel providencial a cumprir, e o seu triunfo seja uma obra de redenção, o vencido, desde que cai, tem direito a um olhar compassivo, a uma lágrima de saudade. Não tenteis a louca empresa de aniquilar o sentimento, espíritos áridos que infundadamente o temeis, como coisa desconhecida à vossa alma seca e estéril. Quem deveras confia nos destinos da humanidade não tem medo das lágrimas. Pode-se triunfar com elas nos olhos.

Passado algum tempo, e quando já as sombras da noite se condensavam nos vales e subiam lentamente as encostas dos outeiros, o velho disse para Augusto:

— Agora que não tenho casa, dá-me por alguns dias o abrigo da tua.

— Por alguns dias? — repetiu Augusto, admirado. — Pois quer deixar-me depois?

— Quero. Vou com elas.

E apontou, ao dizer isto, para as árvores derrubadas.

Atravessaram a aldeia à hora a que vibravam nos ares os sons melancólicos da Ave-Maria.

Em silêncio chegaram a casa de Augusto, agora comum para os dois.

— Metes na tua casa um triste hóspede, pobre rapaz! — disse o ervanário, ao transpor o limiar. — Má companhia te fará a minha velhice.

Boa companhia me faz sempre a sua amizade, Tio Vicente. Nem a sua presença podia desalentar quem na mocidade é mais fraco e desalentado do que ninguém o pode ser na velhice.

— Custou-me muito este golpe de hoje! Não contava com ele! Desde ontem envelheci muitos anos. Podes crê-lo.

Quando Augusto ia a replicar, interrompeu-o uma voz que dizia de fora da porta:

— Dão licença?

E no limiar apareceu a figura do mestre Pertunhas, animada de cordeais sorrisos.

O ervanário e Augusto não reprimiram um gesto de impaciência.

O homem entrou.

— Ora Deus seja aqui! Tão grande é o dia como a romaria, Sr. Augusto! Ainda ninguém o viu hoje! Disseram-me que tinha ido de manhã para casa do Tio Vicente; vou lá. Estava um mundo de gente no sítio. Mas qual Sr. Augusto, nem Tio Vicente! Então com que escorraçaram-no do seu ninho? Pobre homem! A falar verdade, nessa idade! Já sei que vem para casa do nosso Augusto. Ontem vi para aí entrar os fardéis. Ainda bem que o temos por vizinho. Faremos boa camaradagem. Olhe que também fizeram-na fresca com o tal projeto da estrada! Uma coisa assim! Coisas cá do Sr. Conselheiro! Vai-se fundir um dinheirão na tal estrada! E já por aí se rosnam coisas! Enfim, políticos! Políticos! Todos são os mesmos. Vai por aí uma poeira dos meus pecados com a ordem a respeito do cemitério; e com a história do Herodes? Sabem que ele esteve ontem para matar o missionário? E, valha a verdade, dizem que por ordem de alguém do Mosteiro. Que eu não acredito, mas enfim, aquela história no sermão do outro dia. E o tal Sr. Henrique que é unha e carne com eles. Ele será muito boa pessoa mas não me calha. Lá feliz, isso como não sei de outro, com dinheiro e sem cuidados! E sempre se faz o casamento dele com a Morgadinha? Ouvi dizer que sim.

O ervanário levantou os olhos para fitar Augusto; a aparente impassibilidade deste não iludiu o velho.

O Pertunhas não se esgotara ainda:

— Ora agora, quem anda fulo é o Brasileiro, o Seabra. Pelos modos, eu não sei o que aí houve; o conselheiro não o tratou muito bem, dizem, numa carta que escreveu ao ministro, ou criatura do ministro. Umas histórias muito complicadas, que eu não entendo, mas que prometem dar de si. Veremos em que ficam as eleições este ano. O conselheiro bem pode trabalhar, senão. Ele pensava que era só apresentar-se, e quanto a fazer vontades. Que me dizem do Sr. Joãozinho das Perdizes? Será fiel esse? Já me disseram também que.

— Ó Sr. Pertunhas — atalhou o ervanário, enfastiado — antes queremos não saber. Importa-nos pouco a política.

— Estão com eu. Isto também não é política, mas, enfim. Pelo que vejo estão cansados? Eu também não os maço mais. E, antes que me esqueça, há muitas horas que estou de posse de uma carta para vossemecê, Tio Vicente. É de Lisboa, veio por o correio de hoje. Não lha mandei a casa,

porque. não sabia o que era feito dela. Eh, eh, eh. Mas, como o vi passar, conjeturei que viria para aqui, e por isso.

O ervanário recebeu a carta, que o mestre Pertunhas lhe deu, e, olhando para o sobrescrito, disse com indiferença:

— É do Manuel.

E abriu-a lentamente.

O mestre de latim deixou-se ficar, na esperança de ouvir novidades.

A meio da leitura o ervanário ergueu-se com ímpeto e exclamou, cheio de indignação e de cólera:

— Mentiu-me como um vil! Mentiu-me aquele homem sem dignidade nem sentimentos! Aquele homem importa-se menos com a felicidade dos amigos, com a justiça das causas e com a voz da própria consciência do que com os caprichos e interesses dos poderosos com quem vive!

— Mas que é? — perguntou Augusto, sem atinar com a significação daquelas palavras.

— Lê.

E passou a carta para as mãos de Augusto.

O conselheiro participava nesta carta ao ervanário que se vira obrigado a ceder, na questão do despacho de Augusto, a fortes influências que se empenhavam nisto muito mais do que ele julgava; que mais tarde lhe explicaria tudo. Enquanto a Augusto, acrescentava ele, talvez fosse isto até uma vantagem; que o lugar que pedira era a sua anulação perpétua, e que ele, conselheiro, havia de lutar contra a grande modéstia do rapaz, trazendo-lhe à luz os merecimentos reais, dando-lhe melhor colocação, e que esperava ainda empregá-lo na capital.

Era uma carta toda de homem político, que tudo espera da diplomacia.

Ao acabar de a ler, Augusto disse, com um sorriso amargo nos lábios:

— Eu sou pouco ambicioso; contento-me com morrer aqui.

— A mim me deu ele, ao partir, a sua palavra em que te faria despachar, e breve, e quebrou-a como um pau! Oh! O que fizeram daquele homem!

— Quê?! Pois é possível? — perguntou, exagerando a sua consternação e espanto, o oficioso Pertunhas. — É possível que o Sr. Augusto não fosse despachado?!

E, dizendo isto, passou a desfiar uma série de consolações, qual delas mais tola e sem cabimento.

Até que, enfim, tendo já novidades para contar, e almejando comunicá-las aos frequentadores da taberna do Canada, onde devia estar reunida grande e luzida assembleia, o Pertunhas saiu, a pretexto de não ser mais tempo incómodo, e deixou-os outra vez sós.

— Estão-me guardados para o fim da vida todos os desenganos! todas as amarguras! todos os desesperos! — disse o ervanário momentos depois. — É para se odiar o Mundo e os homens, ver um, que conhecemos generoso e inocente, contaminado também! Pobre Augusto! Não basta que sejam modestos os teus desejos. nem assim tos deixam realizar.

Guardados alguns momentos de silêncio, continuou, com amargo sarcasmo:

— Porque não te fazes político? Porque não vais também para a taberna do Canada dizer tolices sobre a governança do país? Talvez levasses contigo alguns tolos, e tinhas nisso uma recomendação poderosa. Olha para aquele basbaque do morgado das Perdizes. Aí tens um influente. Imita-o. Mas diz: o que tencionas fazer?

— Ficar — respondeu Augusto, com firmeza.

O ervanário fixou-o com um olhar penetrante.

— Ainda? Mas. não te vai ser suave agora a vida, rapaz. Para se viver não basta uma. uma loucura. Repara bem. Se quiseres. O Manuel é leviano, mas creio que ainda não perverso; eu lhe escreverei. talvez que em Lisboa.

— Não lhe escreva. Sabe que não partiria para Lisboa.

— Mas. repara! Estás muito novo, Augusto. Tens um longo futuro diante de ti. E, ficando, o que te espera?

— A morte que fosse, a morte de miséria e de fome, ficava. Mas resta-me o trabalho. Tenho coragem para aceitá-lo.

O ervanário baixou a cabeça, pensativo.

Soaram nisto à porta da sala duas pancadas lentas.

O ervanário fez um gesto de enfado.

— Não abras sem eu sair — disse ele a Augusto, que se erguera —; não estou de ânimo para aturar importunos.

E passou para a sala contígua.

Augusto foi abrir ao novo visitante.

Achou-se na presença do brasileiro Seabra.

O grave personagem entrou pausado e sisudo, como homem que sabe fazer valer a honra que dispensa, visitando um rapaz sem dinheiro.

Augusto ofereceu-lhe cadeira para se sentar, sem inquirir do motivo de tão inesperada visita. O Brasileiro sentou-se e começou:

— Acabo agora mesmo de saber da injustiça que lhe fizeram. Senti-a como se fora própria, e venho aqui declarar-lho.

Augusto curvou-se, em sinal de agradecimento.

— Mas então que quer? — prosseguiu o homem. — Hoje em dia é tudo assim. Padrinhos e mais padrinhos, e o mais são histórias. Estamos numa época de corrupção e de imoralidades, e ninguém sabe onde isto irá parar.

Augusto ouvia em silêncio os trenos do capitalista, que prosseguiu:

— Tolo é quem não faz como os mais. O mundo está para os velhacos.

Parou, assoou-se, tossiu, e, puxando a cadeira para mais perto da de Augusto, continuou, em tom diferente e mais baixo:

— Quando um homem tem uma gota de sangue nas veias não pode receber as ofensas e ficar-se com elas assim. O perdão evangélico é muito bonito, mas não é para homens. Não lhe parece? Eu, por mim, não gosto de génios de lama. Falemos como amigos. Nós ambos somos vítimas de um mesmo homem. O Sr. Augusto foi enganado e escarnecido por o conselheiro, que se apregoava seu protetor. Aí temos a proteção que ele lhe deu. Eu também lhe devo finezas.

— V. S.A.? — perguntou Augusto, que não podia saber o que lhe queria no fim de tudo o Brasileiro.

— Eu, sim, senhor. Eu digo-lhe como isto foi.

E o Brasileiro, puxando a cadeira, aproximou-se mais de Augusto, e deu princípio à exposição dos agravos:

— O conselheiro, que joga em política com pau de dois bicos, andou-me a causticar, para que eu aceitasse um título qualquer.

Queria fazer-me visconde por força. Coisas de que eu me estou rindo. Mas, enfim, para me livrar daquele importuno, disse-lhe que. fizesse lá o que quisesse. Pois, senhores, não teve o petulante o atrevimento de escrever ao ministro, com quem, apesar de se dizer da oposição, mantém aturada correspondência, não teve a audácia de lhe dizer que eu andava sonhando com viscondados, e que a minha mania era atendível, pois prometia ser uma fonte de melhoramentos locais muito baratos ao Estado, visto que com tão pouco me contentava, e outras coisas neste gosto? O petulante!

Augusto, apesar dos pensamentos pouco alegres que o preocupavam, lutava para se conservar sério perante aquela indignação do Sr. Seabra.

— Mas tem a certeza disso? — perguntou ele. — Às vezes são calúnias.

— Eu vi a carta do ministro em resposta a esta; do ministro não, mas do secretário, que é o mesmo. Um acaso fez com que ela me chegasse à mão. O ministro fazia-me o favor de me conceder o título; mas era de parecer que, por cautela, se tirasse, antes, de mim tudo quanto eu pudesse dar, porque. porque. por umas tolices de que eu me lembrarei a tempo. Ora aí tem como eles são! Que venham para cá com os seus melhoramentos. Eu lhas cantarei! Prometo-lhes que se hão de arrepender.

— Mas. talvez haja aí um equívoco.

— Equívoco? Ora essa! Pois eu não li a carta? Ela há de aparecer em público; oh! se há de! Isto é, não a parte que me diz respeito. porque enfim são negócios particulares, que não interessam a terceiros; mas umas últimas linhas dela, umas promessas do ministro, que põem a calva à

mostra a este Catão, que nos anda aqui a pregar liberdade e independência! Isso há de aparecer, e há de ser lido com muita vontade.

— Acaso tenciona?

— Se tenciono?! Pudera não! Eu lhe afianço que o homem há de saber com quem se meteu. Deixe vir as eleições, deixe-as vir. Já há de achar o caldo azedado, quando quiser comê-lo; isso lhe prometo eu. A lição há de levá-la breve.

— Vão guerrear a eleição do conselheiro?

— Faço essa tenção.

— E quem lhe opõem?

— O candidato que a autoridade propuser; um indivíduo de Lisboa.

— Que nem o círculo conhece?

— Que importa? É uma lição. Aqui não há política nem meia política. Eu não morro pelo governo, porque também fui ofendido pelo ministro. Mas é preciso aproveitar tudo. E assim temos por nós a autoridade, além dos padres.

Augusto não se sentia com disposições para discutir esta questão política; por isso nada mais lhe replicou.

O Seabra prosseguiu:

— O que eu quero saber é se o amigo quer entrar na nossa aliança e aceita uma proposta que eu lhe vou fazer. A vingança é o prazer dos deuses, e, visto que foi também ofendido.

— Não, senhor, não aceito — acudiu com vivacidade Augusto.

— Escute. Deixe-me concluir. Não sabe do que falo. Pouco se exige. A coisa é esta: — Na carta a que me referi, e que por acaso me chegou às mãos, fala-se numa outra, ou em outras anteriores, em que se tratava, mais por miúdo, de uma curiosa transação política que nesta se revela claro. O conselheiro é pouco acautelado; haja vista ao extravio desta, e por isso.

Augusto olhava admirado para o Brasileiro, como se não pudesse compreender onde ele queria chegar.

O Seabra prosseguiu:

— Ora, a mim lembrou-me. como o senhor vai muito pelo Mosteiro. sim, porque julgo que continua a ensinar os pequenos, e, já se sabe. como mestre, entrando a qualquer hora no mais íntimo da casa, sim. demais como a D. Vitória é. um tanto descuidada, como todos nós sabemos. Não sei se me percebe! Dizia eu. sim, que, se às vezes, por acaso, encontrasse coisa que valesse.

Augusto levantou-se, indignado.

— Sr. Seabra! — exclamou, cheio de cólera.

— Valha-me Deus, eu não quero dizer. Não me entendeu. Bem vê que, se o senhor devesse obrigações ao conselheiro, eu não ousava. Mas.

— Obsequeia-me muito, Sr. Seabra, se não insistir.

Entendamo-nos. O senhor está no princípio de vida. Precisa do auxílio de alguém. Oferece-se-lhe ocasião para fazer serviços ao governo, que é finalmente quem pode pagá-los, e que se lhe pede para isso? Quase nada. O senhor sabe perfeitamente que se não trata aqui de desgraçar ninguém, de levar ninguém à forca.

— Visto que V. S.A. insiste, sou obrigado a retirar-me.

— Espere, Sr. Augusto — acudiu o Brasileiro, segurando-o. — Repare no que faz. Não seja precipitado. Eu estou pronto a fazer alguns sacrifícios, se vir que nas suas circunstâncias.

— Visto que V. S.A. não se cala, nem quer que eu me retire, ouça então o que tenho para lhe dizer. A sua proposta seria para mim o maior dos insultos, se não fosse tal a baixeza dela, que até despe de toda a imputação a pessoa que a faz. Os homens, faltos de sentimentos de honra, não ofendem, quando insultam; não se lhes pode pedir razão da infâmia, porque não a conhecem como tal; identificaram-se com ela. Por isso, só me resta um partido, é convidá-lo a sair.

O Brasileiro fora erguendo-se à medida que Augusto falava. Estava espantado por ver que um rapaz, sem um vintém de seu, ousasse falar com tal irreverência a um homem que tinha dinheiro e crédito em tantos bancos! A ordem do Mundo estava perturbada!

— Ora esta! — disse ele no fim. — Então o senhor ordena-me?

— Que saia! — respondeu Augusto, indicando-lhe a porta.

O Brasileiro estava pasmado. Olhou para Augusto como se duvidasse do que ouvia; deu dois passos para a porta e tornou a olhar, seguiu outra vez, e, no limiar, parou para dizer:

— Veja lá o que faz! Eu só lhe digo que me não convém dar a minhas filhas um mestre de soberbas.

— Decerto que lhe não poderá convir a educação que eu desse a suas filhas; é natural não querer educar consciências que sejam juízes da sua corrupção. Deixe-as ignorantes, para não ser castigado pelo desprezo delas.

— Quer então dizer.

— Que lhe desejo muito boas noites, Sr. Seabra.

O Brasileiro saiu, bufando.

Augusto, que ficara só, sentiu-se apertar nos braços de alguém que entrou, sem ele sentir.

Era o ervanário.

— É assim, é assim que te vingas de todos, rapaz! Esmaga-mos com a tua nobreza!

Augusto sorriu tristemente.

— O pior é, meu amigo — disse ele — que é a segunda subtração que hoje se opera no meu orçamento, e. a nobreza não nutre!

— Mas consola! — replicou o velho.

CAPÍTULO XXII

Dias depois das cenas descritas no anterior capítulo, estava a Morgadinha ocupada a escrever numa das salas do Mosteiro, quando ouviu atrás de si correr o reposteiro da entrada.

Julgando que era algum criado, nem se voltou e prosseguiu na escrita.

— Retiro-me, se sou importuno — disse a pessoa que entrara, e que ficara no limiar da porta.

Madalena voltou-se então e reconheceu Henrique de Souselas.

— Ah! É o primo Henrique? Pode entrar.

— Eu sei! Há correspondências tão delicadas, que demandam a aplicação de todas as nossas faculdades, e a presença de um importuno.

— Mas não se dá agora esse caso; nem quanto à delicadeza da correspondência, nem quanto à importunidade do visitante.

— Então utilizo-me da concessão.

— Ocupava-me a escrever àquele pobre Cancela, para o tranquilizar em relação à filha. Pobre homem! Ainda se lhe não pôde obter fiança, apesar do meu pai tratar disso, a pedido meu. Há quem trabalhe contra ele. E como há de ter padecido na cadeia na incerteza em que está! Quem há de dizer que, naquele corpo, robusto e forte, se aloja uma alma de tão delicados sentimentos? ainda lhe hei de mostrar a carta que ele me escreveu a pedir-me que trouxesse para o Mosteiro a filha, e a tirasse de casa da madrinha, que com o seu fanatismo a perdeu. É um modelo para seguir.

— E como vai a pequena?

— Mal. Estou aqui a mentir, fazendo conceber àquele pobre homem esperanças, que eu mesma não tenho.

— Que disse o cirurgião?

— Nada animador.

— Como capitulou a moléstia?

— Não sei quê de cérebro; nem eu quis saber. Nunca pude compreender a necessidade que tem certa gente de conhecer a natureza da doença que lhes ameaça roubar uma pessoa querida. Perdê-la ou salvá-la, é a questão que me interessa. Tudo o mais me é indiferente. Numa pessoa doente vejo um espírito que hesita entre deixar-me e permanecer. Aos médicos peço que removam, se podem, aquilo que o faz partir, mas não quero saber o que é. Julgo natural ao sentimento o considerar assim a moléstia e a morte.

— À maneira da arte, ainda que hoje o diagnóstico entrou na literatura, prima. Mas, a propósito do Herodes, deixe-me dizer-lhe que está sendo muito comentada na aldeia a violência dele contra o missionário. É voz constante que fizera aquilo por influência nossa, e as honras daquela bem empregada sova são-nos também concedidas inteiras. Imagine o clamor que por aí vai!

— Deixe clamar — respondeu Madalena, encolhendo os ombros.

— Deixo, deixo. Eu sou odiado como um Lúcifer, feito homem; seguem-me, quando eu passo, uns olhos rancorosos, e adivinho que na ausência não sou muito bem tratado.

— É bom acautelar-se. Não os irrite. Viu que não era prudente.

— Não receie. Esta gente afinal é cobarde.

— Tanto pior. O inimigo cobarde é mais para temer. Bem sabe. Foi uma desastrada ideia aquela da nossa ida ao sermão do missionário.

— Parece-lhe? Eu não estou arrependido. Bastava-me, como recompensa, o ter presenciado o acesso de furor rábico do homem.

— Vamos, primo Henrique; confessemos que a situação não foi das mais agradáveis.

— Sinto-a, principalmente por o incómodo que tiveram as senhoras e talvez por esse episódio dar vigor à oposição, que alguém por aí se interessa em organizar contra o Sr. conselheiro.

— Ah! Pois trata-se disso?

— Se se trata?! E muito seriamente. A portaria a respeito do cemitério, a história do sermão, e agora o episódio do Cancela, têm feito um grande mal.

— Oh! Se o meu pai perdia!

— Não entendo essa exclamação, prima Madalena. Ia jurar que era a expressão de um desejo.

— E porque não? Se isso fosse motivo para o meu pai abandonar de uma vez para sempre a política, pedi-lo-ia a Deus.

— Conhece pouco ainda o coração humano, prima. O seu pai está votado à política para toda a vida. Desengane-se. E, se o prendessem nesta aldeia, aqui mesmo faria a mais deplorável, impertinente e inútil de todas as políticas, a política local.

A Morgadinha suspirou, como se reconhecesse a verdade do que Henrique dizia.

Henrique prosseguiu:

— Está organizado um clube oposicionista na taberna de um tal Canada. O Brasileiro capitaneia a falange, os padres são os tribunos e a propaganda estende-se assustadoramente. É preciso olhar por isto e sobretudo não perder de vista o Sr. Joãozinho das Perdizes, cujo voto o seu pai tinha em grande conta, porque representa o de uma freguesia inteira. É de supor que o requestem muito e. o homem é frágil. Já vê, prima, que eu tomo muito a sério os preceitos higiénicos que me deu o meu médico, quando parti de Lisboa, e que a prima aprovou. Estou a interessar-me pelas questões locais, como se aqui estivesse há anos.

— E é um bom indício de cura, pode crer.

— E ainda tem empenho de me curar?

— Empenho, todo; esperança é que menos.

— Ó meu Deus! Que sinceridade de médico tão cruel! Seja; escutarei a sentença com coragem. Diga-me o que pensa de mim. Há muito que não falamos nisto. A última vez que o fizemos, um tanto categoricamente, foi uma ocasião bem crítica. Julgo que o meu procedimento de

então até hoje lhe terá feito conceber do meu carácter um não muito desfavorável conceito. Bem vê que não abusei.

— De quê? — perguntou Madalena, contraindo a cara, num gesto de altivez. — É certo que tem em todo este tempo dado provas de discrição, no que se mostrou mais contrito que generoso. Pelo menos é assim que eu interpretei o seu silêncio, e aprovo-o em vez de agradecê-lo.

— Seja contrição, visto que assim o quer. Mas não lhe merecerá ela alguma misericórdia para com o pecador?

— Escute. Sinto sincera misericórdia de si, pode acreditá-lo. Ela só me obriga a perdoar-lhe algumas impertinências, nem sempre demasiado delicadas, com que me mortifica.

— Está sendo tão amável!

— Perdoe, mas a sinceridade tem destas exigências.

— Curvo-me perante as exigências da sinceridade. Continue, prima Madalena.

— Vai mais longe ainda a minha misericórdia, porque, apesar da rebeldia do mal, ainda não desisti de curá-lo.

— Inda bem. E como? Ser-me-á lícito penetrar no segredo do tratamento?

— Há já agora uma única maneira de o salvar.

— E é?

— Apaixoná-lo.

— Ah! Nesse caso estou salvo! — exclamou Henrique, num ímpeto, que não pôde passar sem um sorriso da Morgadinha.

— Ouça. É preciso andar com tento na escolha do objeto dessa paixão, sob pena de agravar o mal em vez de minorá-lo.

— E como hei de escolher?

— De modo que lisonjeie a opinião que o primo tem de si próprio.

— A opinião que eu tenho de mim! Se pudesse ser mais clara!

— De boa vontade. O primo Henrique tem uma forte necessidade de persuadir-se de que representa no Mundo um grande papel, uma missão heroica e generosa, quase providencial. Exigências de uma vaidade de boa índole, que se lhe não pode levar a mal. Repugna-lhe a ideia da inutilidade, da insignificância da sua existência. Não se resigna ao papel de comparsa, ambiciona o de protetor. Se o acaso, ou uma inconsideração de momento, o associasse, por toda a vida, a um carácter igualmente forte, que, em constante oposição, pretendesse provar-lhe que prescindia da sua proteção, grandes desgostos e amarguras o esperavam no futuro. Uma índole branda, dócil, fraca, um destes seres nervosamente delicados, que tremem ao verem-se sós, cheios de poéticas superstições, que tenha a dissipar; que se lhe apoie ao braço, como se nele encontrasse a coragem que não sente em si, e que, ao mesmo tempo, domine pela fraqueza e pela doçura, domine sem consciência do império que exerce e sem vaidade, portanto; um carácter destes é que deve procurar para salvar-se; só dele pode esperar a realização da vaga ideia de felicidade, que todos concebem na vida.

— E, se essa teoria engenhosa fosse verdadeira, parece-lhe que poderia encontrar à mão o tal anjo salvador, que precisa do meu braço para se apoiar?

— Julgo que pode, e que já o teria encontrado, se pensasse seriamente nas necessidades do seu coração.

Henrique ia a responder, quando entrou na sala um criado com as cartas do correio.

— Tréguas à nossa conferência, enquanto eu leio a carta do meu pai — disse Madalena, examinando a carta recebida.

— Concedidas, e eu aproveito-as para correr a vista pelos periódicos que chegaram.

E, enquanto Madalena lia a carta, Henrique passava pelos olhos as folhas de Lisboa.

Não tinham decorrido muitos instantes, quando a Morgadinha interrompeu a leitura, exclamando:

— Ó meu Deus! Mas de que se trata? Que quer dizer isto?

Ao ouvir estas palavras, Henrique desviou para ela os olhos.

Viu-a agitada e lendo com vivacidade e comoção a carta do conselheiro.

— Há alguma má nova? — perguntou Henrique, ferido por aquela expressão.

Antes, porém, de responder-lhe, a Morgadinha seguiu com ardor a leitura até o fim.

Henrique continuava a observá-la e cada vez mais evidentes descobria nela os sinais de uma funda agitação. Ao findar a leitura, passou a mão pela cara como para desviar uma ideia amarga.

— Por amor de Deus, prima Madalena, que diz essa carta, para assim a perturbar? — perguntou Henrique, já assustado também.

— Não sei bem; não posso ainda dizer a que se refere o meu pai; mas sinto-me interiormente sobressaltada, como se o adivinhasse.

— Mas afinal o que se diz aí?

— Leia, e veja se, melhor do que eu, pode compreender esse enigma, por certo doloroso.

Henrique examinou a carta, que a Morgadinha lhe passou para as mãos.

Nesta carta queixava-se o conselheiro à filha de ter sido vítima de um abuso de confiança cometido por alguém, que ele ainda não sabia dizer quem fosse. Num periódico de Lisboa fora publicada por aqueles dias uma carta dirigida tempos antes ao conselheiro por não menor personagem política do que o secretário íntimo do ministro.

O próprio conselheiro confessava ser esta carta demasiado comprometedora, e assim também o demonstrava a excecional irritação que transparecia em todos os períodos da que escrevera à filha. O periódico que, para fins políticos, fizera a publicação, tinha ocultado os nomes, porém, muitas circunstâncias referidas tornavam inútil a discrição, e em Lisboa ninguém hesitou em apontar os personagens entre quem se passara o facto. Durante uma das suas demoras na aldeia, recebera o conselheiro essa carta; ali, no seio da família, a confiança que depositava em quantos o rodeavam impediu-o de ser previdente, como por

hábito o era; fácil foi, portanto, o extravio. O conselheiro dizia à filha que era preciso descobrir o traidor, para evitar futuros abusos; e para isso, que se lembrasse de que o alcance da carta não era para todos compreendê-lo, e, portanto, não se limitassem a indagar entre os da baixa classe. «A vingança — concluía o conselheiro, de uma maneira misteriosa, como de quem deseja e receia, ao mesmo tempo, fazer uma alusão — a vingança, bem ou mal fundada, obriga, às vezes, os mais nobres caracteres a uma ação baixa e vil; entre os que por mim se possam julgar ofendidos, é natural encontrar o criminoso».

— Esclareça-me este mistério! — disse Madalena, consternada. — De que se trata aqui?

— Alguma correspondência política extraviada. O seu pai diz bem; é necessário descobrir o traidor por cautela. Além de que, para todos os que como eu têm entrada nesta casa, é isto um mistério em que a nossa honra está empenhada, porque V. Exas têm direito a alimentar suspeitas.

— Por amor de Deus! — acudiu, interrompendo-o, a Morgadinha. — Não pronuncie essa palavra! Suspeitas!

Esse envenenamento moral, que eu até aqui não conhecia, quer o meu pai que voluntariamente o contraia.

— Seja envenenamento, muito embora, mas é um envenenamento salvador, prima, como o da vacina; é um preservativo de traição.

— Viver para desconfiar! Procurar nas palavras que se ouvem um sentido oculto! Nos gestos uma expressão denunciadora! Nos afetos uma intenção egoísta! Oh! Isto é horrível! Mas que carta é essa, meu Deus? Que correspondência pode ter o meu pai, que não deva ver a luz do dia? Meu pai! Há por força ilusão nisto! O meu pai não tem crimes; o meu pai não tem ações que o envergonhem; o meu pai pode franquear a todos as portas da sua casa sem recear-se de indiscrições. Pois não é assim?

— Por certo, prima, mas na política há atos que sem serem criminosos.

— A política! Sim, é isso! Eu devia prever que essa palavra viria para explicar este mistério! Por política é-se cruel, por política sacrifica-se um amigo, por política força-se a consciência, e depois ela justifica tudo. Que obras são

as obras políticas que precisam da sombra e do mistério para se fazerem? Pois, para dirigir ou salvar uma nação, pois para se tratar dos interesses de um povo, é sempre necessário o disfarce, a dissimulação, o mistério?

— Quando se não pode contar com a boa-fé dos outros, perde sempre quem for escrupulosamente fiel à sua.

— Mais valeria então abandonar por uma vez essa carreira cruel. Oh! Ainda agora reparo. Tem aí as folhas de Lisboa. Deixe-mas ver quero saber que carta é esta.

Henrique procurou dissuadi-la. Um número avulso de um periódico, que não costumava vir ao Mosteiro, havia-lhe já feito suspeitar que era esse o que publicava a carta em questão. Não fazendo do conselheiro tão subido e ideal conceito como a Morgadinha, achava muito natural que efetivamente o comprometesse a carta aludida. Conhecendo bastante Madalena, sabia quanto seria cruel para o seu extremoso coração de filha, e para o seu carácter apaixonado por tudo quanto era idealmente nobre, generoso e justo, o descobrir no pai uma dessas máculas frequentes na vida dos homens políticos, por mínima e desvanecida que fosse. Por isso quis evitar-lhe a leitura.

Não o conseguiu, porém. Madalena, com aquela firmeza de resolução que energicamente se lhe revelava na voz e no gesto, disse, estendendo a mão para receber os periódicos:

— Deixe-me ver, primo Henrique. Não é possível que do meu pai se diga aí alguma coisa que não devam ler os olhos de uma filha.

E quase arrebatou das mãos de Henrique a folha, justamente aquela de que ele mais receava.

E, abrindo-a, examinou-a com ansiedade quase febril.

Henrique observava com curiosidade os movimentos e a fisionomia de Madalena.

Viu-a tornar-se de repente mais atenta à leitura; os olhos, que até ali vagueavam por diversas secções do periódico, fixaram-se num ponto; contraiu-se-lhe a cara; um ligeiro tremor correu-lhe os lábios; corou e empalideceu alternadamente; e, no fim, afastando de si a folha com um movimento nervoso e apaixonado, exclamou, sob o domínio de uma comoção profunda:

— Ó meu Deus! E não ter um coração, como o dele, a força precisa para fugir destes enredos! Isto é de

enlouquecer!

Henrique pegou na folha, que ela arrojou de si com ímpeto, e examinou-a.

Tinha conjeturado bem.

O caso devia consternar Madalena, para quem o conselheiro era um homem tão perfeito na vida política e na vida social, como na vida de família. Para Henrique, em quem há muito se inoculara o ceticismo da época, impedindo-o de divinizar os homens, por mais rodeados de prestígios que lhe aparecessem, não tinha o facto de que se tratava grande significação nem gravidade. O caso era o seguinte:

Tempos antes havia-se agitado nas Câmaras uma importante questão política; uma destas questões que servem para estremar os campos e discriminar os programas dos partidos. Vacilar nelas é já trair os princípios fundamentais de uma causa, e abjurar um credo político inteiro. O pai de Madalena, militando no partido de mais avançadas ideias liberais, tinha de antemão traçado por ele o caminho a seguir nesta conjuntura, o círculo, fora

do qual não poderia combater sem apostasia; mas, como já atrás dissemos, o conselheiro não era já o homem que fora nos primeiros tempos da sua carreira pública; perdera a fé nas utopias e nos princípios abstratos, e trocava-os de barato por qualquer pequena vantagem positiva que pudesse obter, se não para si, para a localidade de que era representante. A lógica partidária sacrificara-a, sem remorsos, mais do que uma vez, ao que, em linguagem não sei se parlamentar, se chama conveniências políticas.

Dera-se mais um exemplo desta flexibilidade de princípios no conselheiro.

Conquanto membro da oposição, e dos mais temidos pela sua eloquência, variados conhecimentos e vigor de discussão, não era ele de tão espinhosa moral que não tivesse amigos no seio da maioria, sendo até o próprio ministro um dos mais íntimos. No tempo da discussão, de que falámos, o ministro, que desejava afastar das Câmaras todos os adversários de importância, não duvidou entrar em ajustes com o conselheiro. Este, que já não era homem para repelir com indignação tais factos, teve a astúcia

precisa para se aproveitar das contingências. Entenderam-se.

Chegada a época da discussão, o conselheiro, que sempre se mostrou ardente adversário da medida ministerial, e de quem se esperava uma oposição vigorosa e eficaz, pretextou súbitos negócios a chamá-lo à província, e partiu, prometendo voltar a tempo ainda de discutir a questão.

Depois de chegar ao Mosteiro escreveu para os amigos, lamentando que inesperados negócios de família o retivessem ali mais tempo do que contava, e alentando-os de longe à luta. No entretanto, a questão foi apresentada nas Câmaras: oradores tíbios e mal escutados acharam-se sós a combatê-la; apagadores oficiais e oficiosos abafaram a tempo a discussão; e, quando o conselheiro voltou a Lisboa, só pôde protestar nos círculos políticos contra o resultado da votação e expender as razões que deviam fazer repelir a medida.

Em recompensa eram concedidos melhoramentos para o círculo que o elegia; e entre eles a estrada que vimos começar. Tal fora o preço dela.

Tudo isto trazia agora à luz a carta desencaminhada, que era do secretário do ministro, e que, no seu conteúdo, deixava ver claramente as condições do pacto.

Esta publicação causou profunda sensação em Lisboa. A importância política do conselheiro sofreu com isso.

Atacavam-no os partidários do governo, para declinarem deste, quanto possível, a responsabilidade do facto; atacavam-no os oposicionistas declarados, para com o mesmo golpe ferirem o ministério.

Os influentes políticos têm sempre no próprio partido, a que pertencem, invejosos que só almejam o primeiro pretexto para os derrubarem, embora caia com eles o partido a que se filiam.

Aquela carta foi, durante algum tempo, uma arma poderosa nas mãos dos tais; originou discussões e ataques violentos; e o conselheiro correu risco de se malquistar por causa dela com gregos e troianos.

Tudo isto se revelava ao espírito de Madalena e tudo isto a consternava. O seu muito amor filial fazia-lhe achar no facto uma significação dolorosa e triste, que só desilusões,

como as de Henrique de Souselas, velhas desilusões de cético impenitente, seriam capazes de atenuar.

O conselheiro expiava cruelmente o seu delito.

A leviandade e doblez do homem político pagava-a caro o homem de família.

É que a moral é uma. O homem não pode dividir-se; os pecados sociais de quem é virtuoso nos lares domésticos pagam-se, expiam-se nesses mesmos lares. Os filhos que criou e educou segundo os preceitos da honra e da virtude serão mais tarde os seus próprios juízes, e que cruel julgamento para o coração de um pai! É justo que a pátria peça contas dos crimes de família e desconfie dos tribunos que não sabem ser pais, filhos, irmãos e esposos; é justo que a família exija que se seja fiel à pátria e às crenças que se professam, e castigue, pelo menos com lágrimas, como as de Madalena, as culpas do homem que julgou poder ter duas consciências: uma para responder por os atos cívicos, outra para os atos domésticos.

Henrique procurou minorar o efeito que esta leitura tinha produzido no ânimo da Morgadinha por meio de algumas

consolações, que uma indulgente moral, muito do uso da sociedade, lhe inspirava.

Percebeu, porém, que, embora as manifestações do sentimento tivessem cessado já em Madalena, não se lhe tinha ainda dissipado a profunda e penosa impressão que lhe ficara da leitura.

Como para fazer cessar aquele género de consolações, a que Henrique se julgava obrigado, e que a ela eram custosas de ouvir, Madalena disse, em tom já aparentemente sereno:

— Bem; visto que é necessário precavermo-nos, vejamos de quem e quais as cautelas que temos a adotar. O meu pai parece suspeitar de alguém, mas não se pronuncia claramente.

Nisto entrou na sala D. Vitória, carregada de roupa como para uma viagem aos pólos, e queixando-se do frio, cuja intensidade atribuía em grande parte aos criados, por se terem descuidado de acender logo de manhã os fogões da casa.

Quando D. Vitória foi informada do conteúdo da carta do seu cunhado, levantou um alarido desolador. pela sua vontade ordenava logo ali um interrogatório e uma devassa geral a todos os criados da casa, aos quais, segundo o costume, atribuía a culpa toda. Madalena e Henrique tiveram muito que fazer para a convencerem da inutilidade e inconveniência desse alvitre e para lhe mostrarem a necessidade de usar de toda a prudência e dissimulação nesta pesquisa.

— Aqui entre nós — dizia Henrique — vejamos em quem se pode, com plausibilidade, fazer recair as suspeitas. O Sr. conselheiro diz bem: um criado boçal pode roubar uma joia, subtrair qualquer objeto de valor intrínseco; porém, os ladrões de cartas, como estas, são de outra espécie e de inteligência mais apurada. Ora entre a gente que frequenta o Mosteiro.

E, parando subitamente, Henrique disse para D. Vitória, que olhava para ele com um gesto espantado:

— Porém, minhas senhoras, eu mesmo não me devo excluir dos indiciados, e nesse caso deixo V. Exas livres para me instaurarem processo.

Ora essa, primo Henrique — exclamou D. Vitória. — Era o que faltava! Nada, nada; não se canse; não tem que ver. Aquilo foram os criados.

Madalena estava tão abatida de ânimo, que nem deu atenção a este episódio.

Henrique prosseguiu:

— Nada de magnanimidade, minha senhora; quem quer ser juiz a ninguém deve excluir da possibilidade de ser réu. O Sr. Conselheiro, porém, alguns indícios nos aponta. Fala, por exemplo, vagamente, de alguém que nesses últimos tempos se pudesse considerar ofendido por ele, e que por vingança. Ora atos capazes de trazer estas animadversões ao seu pai, prima Madalena, só a questão do cemitério, mas essa não importa a ninguém que tenha entrada aqui. Há também a das expropriações, porém.

Henrique parou, como se lhe tivesse acudido uma ideia, que examinava, antes de enunciá-la.

— Tive agora um pensamento diabólico; nem quero atendê-lo.

— Diga, primo, diga — acudiu logo D. Vitória.

— A expropriação da casa do ervanário. O muito amor que o velho tinha àquela vivenda. A repugnância com que viu cortar aquelas árvores velhas.

— Então julga que foi o Vicente? — perguntou D. Vitória — Mas ele não vem ao Mosteiro há muitos anos, primo.

— Não digo que fosse ele, minha senhora — disse Henrique, cujo embaraço aumentava, sentindo que a Morgadinha o fitava com um olhar penetrante, como se lhe estivesse lendo no pensamento.

— Então? — insistia D. Vitória.

— Mas — prosseguiu Henrique — o velho exerce certa fascinação na gente da terra; um verdadeiro prestígio; e certas intimidades entre ele e alguém que tem aqui entrada a todo o momento. Enfim, eu não quero seguir mais adiante este antipático pensamento, que talvez fosse rejeitado com indignação por quem me escuta e atribuído a mesquinhos ressentimentos da minha parte.

— Faz bem em o abandonar, primo Henrique — disse Madalena, com severidade. — Entre ser vítima de uma traição e culpada de uma suspeita injusta, cruel e maligna,

prefiro arriscar-me à primeira sorte. Se um passado inteiro de honra e de probidade, se um carácter provado nas mais tentadoras situações da vida, se um nome enobrecido pelo infortúnio não são garantias bastantes para proteger um homem contra os ataques da suspeita, não quero entrar nessa pesquisa inquisitorial, que nada respeita, que é capaz de lançar sacrilegamente a dúvida entre pais e filhos, entre irmãs e irmãos. Inocente, prefiro aguardar a calúnia; culpada, o castigo, a sentar-me como juiz nesse tribunal ímpio que quer arvorar.

— Previ essas palavras, prima Madalena; por isso hesitei. Lamento sinceramente ter já perdido no uso do mundo uma tão simpática e adorável boa-fé nos outros, que é a maior prova de candura que se pode dar do próprio carácter.

D. Vitória não percebeu nada deste rápido diálogo; por isso exclamou:

— Mas que estão vocês aí a dizer? De quem falam? Eu, se vos entendo! Enquanto a mim, foram os criados, e disto é que ninguém me tira.

Abriu-se neste momento a porta da sala e apareceu Augusto. Era a hora das lições dos pequenos.

Conquanto, desde o termo das férias, Augusto viesse todos os dias ao Mosteiro, era aquela a primeira vez que se encontrava com Madalena e com Henrique, depois da cena que entre eles se passara na noite de Natal.

A Morgadinha fitou por momentos nele os olhos; pareceu-lhe mais pálido e triste do que de costume. Desviou-os, porém, como se até sentisse remorsos de ter escutado as alusões de Henrique sobre o carácter de um homem que ela se costumara a respeitar. Porque o leitor, cuja inteligência é, sem lhe fazer favor, mais perspicaz do que a de D. Vitória, percebeu decerto que era a Augusto que se referiam os vagos termos trocados entre Henrique e Madalena.

— Muito bons dias, Sr. Augusto — disse D. Vitória afavelmente.

— Então são horas de me vir aturar a pequenada? Não lhe invejo a vida. Sabe? De manhã até à noite a aturar crianças! Deus me livre!

— Agora já não sucede assim, minha senhora. Estou dispensado de parte das minhas obrigações — disse Augusto, depois de cortejar as senhoras e Henrique.

— Como?

— Pois V. Exa. não sabe que já foi nomeado outro professor para o meu lugar?

— Que me diz?

Em todas as pessoas presentes produziu sensação esta notícia.

D. Vitória e a Morgadinha fixaram em Augusto um olhar interrogador. O gesto de Henrique tinha uma expressão particular.

— Recebi há dias a participação oficial — continuou placidamente Augusto.

— Mas — prosseguiu D. Vitória — o mano tinha aqui dito que o seu despacho estava seguro, que, além de ser de toda a justiça, ele o tomaria ao seu cuidado. E então agora. Olhem, sabem que mais? Eu cada vez me entendo menos com esta gente. Isto de políticos.

Madalena inclinou a cabeça, suspirando.

— Bem vê V. Exa. — disse Augusto, com leve tom de amargura — que às vezes há grandes interesses sociais dependentes do despacho de um modesto professor de instrução primária da aldeia, e, portanto, não se deve estranhar que um homem político atendesse a eles antes de tudo.

Madalena que, ao ouvir estas palavras, levantara os olhos, encontrou os de Henrique, que parecia procurarem os dela com intenção.

A Morgadinha desviou os seus com impaciência e desgosto, que se lhe manifestou na contração da cara.

— V. Exa. dá-me licença que comece os meus trabalhos? — disse Augusto.

— Ai, quando quiser — respondeu D. Vitória. — Os pequenos estão na sala verde.

Augusto saiu.

D. Vitória entrou no panegírico do mestre dos seus filhos, e não se fartou de exaltar-lhe os talentos e as virtudes,

apregoando o muito que aproveitavam os pequenos sob tão inteligente direção.

— Olhe que o Eduardito já escreve e já lê manuscrito como um homem — dizia ela. — Quer ver? O Sr. Augusto deixou aqui ficar a pasta; há de ter alguma escrita do pequeno. Ora também vou ver.

E D. Vitória, cedendo aos impulsos do seu entusiasmo de mãe, foi buscar a pasta de Augusto e pôs-se a procurar a escrita do filho.

— Não vejo. — disse ela, remexendo os papéis. — Isto que é? Ai, isto é uma escrita de Mariana. Ora veja.

Henrique fingiu examinar com atenção a escrita.

— Aqui estão os temas franceses dele. Quer ver? Eu disso não entendo, mas hão de estar bons.

E passava também os temas para Henrique, que os examinava com a mesma atenção.

— Ora onde estará a escrita de Eduardo? Eu sempre queria que a visse. Isto. isto é. Há de ser alguma carta, que

ele anda a ler. Ora veja, primo; olhe que a letra ainda não é das mais fáceis. Eu por mim não a leio. Quer ver?

Henrique recebeu, com a maior condescendência, o novo documento que lhe ministrava D. Vitória, no simpático intento de provar a habilidade dos filhos.

Voltou distraidamente a primeira folha da carta e pôs-se a lê-la no fim; cedo, porém, começou a examiná-la com grande curiosidade; leu uma e outra das faces escritas, e, ao acabar a leitura, estava-lhe nos lábios um sorriso entre de ironia e de triunfo.

Oferecendo à Morgadinha a carta que lera, disse-lhe, com um modo que a impressionou:

— Veja se compreende a significação desta carta, que estava na pasta do Sr. Augusto, do amigo do seu irmão. A mim parece-me que as crianças não a compreenderiam bem.

Madalena olhou para Henrique e depois para a carta, que começou a ler.

Sucedeu-lhe como a Henrique: cedo a dominava uma ansiosa curiosidade, que a obrigou a ler com rapidez até ao

fim.

Ao acabar, amarfanhou-a com raiva, arrojando-a no chã o; escondeu o rosto entre as mãos e não pôde reter o choro que lhe rebentava dos olhos.

D. Vitória parou a olhá-la, estupefacta.

— Que é isso, Lena? Santo nome de Deus! Tu que tens, menina?

— É que há momentos, minha tia — respondeu Madalena, fitando-a com os olhos arrasados de lágrimas — em que eu não sei como se resiste à loucura; em que, para não duvidarmos de nós mesmos, é necessário duvidar da Providência, que dizem que protege os bons.

E, levantando-se nesta agitação nervosa, saiu da sala, sufocada pelos soluços.

D. Vitória interrogou Henrique a respeito da causa deste episódio, que ela não podia compreender.

Henrique respondeu simplesmente:

— Sucede, minha senhora, que a carta encontrada na pasta do Sr. Augusto parece-se muito com aquela de cujo

extravio o Sr. Conselheiro se queixa e que foi publicada nos periódicos de Lisboa.

D. Vitória esteve algum tempo a pensar na verdadeira significação da resposta.

— Mas. nesse caso. visto isso.

— Visto isso, só o Sr. Augusto pode explicar o mistério que ainda há pouco nos preocupava a todos. Os meus pressentimentos malignos tinham infelizmente um fundo de verdade.

D. Vitória, tendo afinal compreendido, exclamou:

— Pois seria ele?! Era dele que o primo há pouco falava? Por esta não esperava eu! Ora fie-se uma pessoa nestes santos! Uma coisa assim! Ora deixa estar que eu vou. Aí está o pago que se tira de bem fazer! Aí está! Veremos a cara com que ele me responde. Ora deixa.

— Eu retiro-me — disse Henrique, pegando no chapéu para sair.

— Fique, primo, fique. Até é bom que ouça.

— Perdão, minha senhora. É melhor que eu não fique. Há razões para isso. Tudo deve passar-se entre V. Exa. e ele, e se me é lícito um conselho, bom será que não seja demasiado violenta.

Apesar dos pedidos de D. Vitória, Henrique retirou-se.

Não ia satisfeito consigo o hóspede de Alvapenha. E porquê? Não tinha feito o seu dever? Por acaso não era flagrante o delito de Augusto e irrecusáveis as provas que o acaso contra ele ministrara?

Mas em nós todos se deve ter já passado um fenómeno moral, comparável ao que se estava dando com Henrique. Ocasiões há em que, apesar de todos os argumentos da razão, apesar da conspiração de todas as provas a justificar-nos, persiste em nós uma voz instintiva a avisar-nos de que cometemos um mal, formulando uma acusação.

Isto somente não sucede a quem tenha adormecidos os mais generosos escrúpulos da consciência; e este caso não se dava com Henrique.

D. Vitória ficou só na sala, meditando na maneira de confundir e castigar o criminoso. Passeava agitada,

elaborando consigo o diálogo que se ia seguir, encarregando-se ela própria de responder por Augusto.

Não se passou muito tempo que Augusto não viesse procurar a pasta que lhe esquecera na sala.

— Que procura? — Disse D. Vitória, que, ao vê-lo, parou junto da mesa.

— Uma pasta que deixei aqui.

— Será esta? — Disse D. Vitória, mostrando-a.

— É essa mesma — respondeu Augusto, indo para buscá-la.

— Como vão na leitura do manuscrito os meus pequenos, Sr. Augusto? — perguntou D. Vitória, retendo a pasta.

— Muito bem, minha senhora.

— Já entenderam esta carta?

Augusto pegou na carta, que examinou superficialmente.

— É provável que já, minha senhora; ainda que não me lembro de haver escolhido esta entre as que V. Exa. me

deu.

— Pois escolheu por certo, visto que a tinha na pasta; mas, como lhe pareceu difícil de mais para os pequenos, teve o cuidado de mandá-la imprimir para eles lerem melhor. Não posso consentir que entre nesses gastos por causa dos meus filhos; por isso queira dizer a despesa que fez para se lhe mandar pagar.

D. Vitória tirava da raiva, que se apossara dela, uma ironia superior aos seus habituais expedientes de espírito.

Augusto ergueu para ela os olhos, admirado, porque não podia compreender aquelas singulares palavras.

— Diz V. Exa. que.

Em vez de lhe responder logo, D. Vitória pegou no periódico que Henrique deixara sobre a mesa, e, mais exaltada já, acrescentou:

— Veja se saiu exato. Compare. Talvez precise de fazer alguma emenda.

Augusto olhou para o periódico e para a carta, sem bem saber o que fazia nem o que queria dizer tudo aquilo.

— Mas, por amor de Deus, minha senhora — disse ele, já sobressaltado — que quer dizer tudo isto?

— Quer dizer, Sr. Augusto, que, quando para outra vez se lembrar de atraiçoar mais alguém que o tenha favorecido, seja mais cuidadoso em esconder as provas da sua vileza.

— Minha senhora! — exclamou Augusto, fazendo-se pálido.

— Fez mal em não nos ter prevenido antes do que tinha descoberto; nós ainda tínhamos bastante dinheiro para cobrir o lanço e ficarmos com a carta.

— Ó, meu Deus! Pois suspeita-se.

E Augusto, quase como louco, arrancou das mãos de D. Vitória a folha, e começava a lê-la; mas as nuvens que lhe passavam pelos olhos, a vertigem que lhe turbava a cabeça não o deixavam compreender o que lia.

Enquanto Augusto assim lutava consigo mesmo, D. Vitória dizia:

— Agora é que eu entendo o que queria dizer o primo Henrique. Sempre é um homem que sabe o que é o mundo.

Ao ouvir estas palavras, Augusto arrojou de si o periódico, e cintilou-lhe o olhar, de cólera:

— Ah! Foi ele? Sim. Havia de ser. Devia suspeitá-lo. Era de esperar que o fizesse. É o pretexto. A minha senhora, há aqui uma traição infame, uma traição que eu não ousaria suspeitar de ninguém! Mas juro-lhe que.

— Há de dar-me licença de ir acomodar meus filhos — disse D. Vitória, interrompendo-o friamente. E encaminhou-se para a porta.

Augusto viu-a afastar-se, e disse-lhe em tom sereno, mas comovido.

— Vá, minha senhora, vá; mas, se tem a essas crianças amor de mãe, não lhes ensine por agora a suspeitar de um homem que elas se tinham habituado a amar e a venerar. Peço-lhe por elas, mais do que por mim. É uma triste e prematura experiência que lhes vai dar; vai-lhes envenenar para toda a vida o coração e talvez que contra si mesma veja voltar-se a desconfiança que lhes semeia tão cedo.

D. Vitória saiu da sala sem lhe responder; é certo, porém, que não ousou dizer aos filhos coisa alguma em desfavor do mestre. Sob as singularidades do génio daquela senhora havia um fundo de bom-senso, onde perfeitamente calaram as reflexões de Augusto.

É singular: ao entrar na sala imediata, ia a limpar os olhos, comovida.

Augusto permaneceu abatido e desalentado, como se naquele momento tivesse visto dissiparem-se todas as esperanças da sua vida. Lágrimas inflamadas e amargas assomaram-lhe aos olhos ao ver-se humilhado no seio de uma família que ele respeitava, da família daquela a cujos olhos mais desejaria nobilitar-se, engrandecer-se, revestir-se de todos os prestígios.

Era uma dor para enlouquecer, a sua! Ao desalento sucedeu, porém, a reação. Naquele carácter havia latente uma energia de homem.

— Agora, mais do que nunca, preciso de alento para não sucumbir — exclamou ele, erguendo a cabeça e vindo-lhe às faces o rubor da exaltação. — Obriga-me a isso o nome

honrado do meu pai, a santa memória da minha mãe. A consciência me dá forças para lutar com a intriga e com a calúnia, onde quer que ela esteja. Ir-lhe-ei ao encontro, a descoberto, sem disfarce, nem artifícios, como lutador leal. E, se há justiça no Céu, hei de vencer! Não voltarei mais a esta casa, sem ser com a cabeça erguida; não pensarei mais em ti, Madalena, única suave imagem que ainda me oferecia vida, enquanto não saiba que no teu pensamento o meu nome não é o de um infame.

Ao voltar-se para sair descobriu Madalena, que o observava da porta.

Augusto estremeceu, mas, fazendo por dominar a turbação, curvou-se respeitosamente perante a Morgadinha, e ia a retirar-se.

— Espere — disse-lhe ela, estendendo-lhe a mão, e com profunda melancolia — não saia sem se despedir de uma amiga que, apesar de tudo, o reputou sempre inocente.

Augusto parou, como se aquelas palavras o ferissem no coração.

Madalena, com as faces pálidas e as lágrimas nos olhos, continuava a estender-lhe a mão.

Augusto apoderou-se dela e cobriu-a de beijos e de lágrimas.

— Oh! Obrigado, minha senhora, obrigado! — exclamou ele — Precisava dessas palavras para não enlouquecer.

— Vá, Augusto, vá. Dentro em pouco tempo todos lhe pedirão perdão. Creio-o firmemente.

— E eu não procurarei tornar a vê-la, senão quando puder justificar essa generosa confiança. Juro-lho.

As lágrimas de Madalena não podiam mais tempo conter-se-lhe nos olhos; iam soltar-se e já ela, para as ocultar, desviava o rosto, quando Cristina entrou na sala.

Cristina, a quem a mãe acabara de contar o acontecido, parou ao ver a cena e a comoção dos dois.

Augusto não se demorou; saiu sem pronunciar uma palavra.

Madalena deu largas à tristeza, que lhe pesava no coração, deixando correr livremente o choro.

Cristina correu a abraçá-la.

— Meu Deus! Meu Deus! Lena, isto que quer dizer? — exclamou Cristina.

E, aproximando os lábios do ouvido da prima, murmurou, com adorável ingenuidade:

— Pois tu. amava-lo?

Por única resposta Madalena apertou-a apaixonadamente ao seio.

E ambas por algum tempo confundiram as suas lágrimas.

CAPÍTULO XXIII

Dominado por os mais enérgicos e desencontrados sentimentos, Augusto saiu do Mosteiro, ainda sem plano formado, sem tenção definida, mas compreendendo vagamente a necessidade de abraçar uma resolução qualquer.

As palavras que D. Vitória inconsideradamente soltara, tinham-lhe feito conceber a suspeita de que Henrique não fora alheio à calúnia que pesava sobre ele. Daí a atribuir-lhe todo o plano da intriga não ia longe, e justo é confessar que não era destituída de plausibilidade a ideia.

A espécie de aversão recíproca que, desde o primeiro encontro, os dividira, a maior veemência da entrevista na noite de Natal, em que ficara pendente entre eles uma provocação, só à espera de pretexto, concorriam para dar vigor a esta suposição.

Por isso, depois de por muito tempo percorrer à toa os caminhos dos campos, sem consciência nem destino, Augusto encaminhou-se resolutamente para Alvapenha.

Estava ainda pouco senhor de si para meditar nas circunstâncias que ocasionaram a sua acusação. Mal poderia até dizer do que era acusado. Percebeu que se tratava de um abuso de confiança, de uma infâmia, mas a impressão recebida fora tal que não o deixara investigar os pormenores do facto. Previa em tudo isto uma traição, e, para a esclarecer, dirigiu-se à única pessoa de quem lhe parecia provável que ela partisse.

Quando chegou a Alvapenha, já tinha ali passado a hora de jantar.

Henrique retirara-se para o quarto; D. Doroteia e Maria de Jesus, aquela dobando, esta fiando, aproveitavam o tempo a rezar parte das suas longas orações quotidianas.

Quando Augusto bateu à porta, estavam elas de volta com a ladainha, que D. Doroteia dizia em latim, ao seu modo, e a que Maria de Jesus respondia no mesmo idioma.

— Turris e burris, fedilisarca, espeque da justiça, Joannes asellis — dizia D. Doroteia.

— Orá pér nós — respondia invariavelmente a criada.

A reza interrompeu-se ao entrar Augusto na sala.

Poucas situações se podem conceber mais exasperadoras de ânimo do que a de Augusto naquele momento.

Vir com o espírito dominado por as mais violentas paixões, trazer no coração uma verdadeira tempestade afetiva, e, de súbito, achar-se na presença de duas índoles essencialmente pacíficas, de dois corações a que a paixão nunca alterou o ritmo, de duas consciências de que nunca a dúvida, o remorso, ou o ódio turbaram a celeste serenidade, é um martírio cruel.

Augusto teve desejos de recuar, porque previu a tortura que o esperava.

— Ditosos olhos que o veem! — disse D. Doroteia, arredando diante de si a dobadoira, para mais à vontade contemplar o recém-chegado. — Não sei que mal lhe fizeram nesta casa?

— As minhas ocupações. — balbuciou Augusto, sem saber o que dizia.

Maria de Jesus veio de reforço à ama:

— Isso! Fale-nos nas suas ocupações, nem que se não soubesse cá que todos os dias dá o seu passeio ao fim da tarde; sem falar nas quintas-feiras e domingos.

Augusto não respondeu.

— Pois olhe que todos aqui lhe querem bem — disse D. Doroteia.

— Assim o creio, minha senhora.

— Eu fui muito amiga da sua mãe, que era uma santa criatura. ainda me parece que a estou a ver aí sentada, com aquela capa roxa que trazia. A alegria dela, quando o Augustinho veio de Lisboa! Vi-a chorar e agradecer a Deus o filho que lhe tinha dado. Todo o seu desejo era não morrer antes de o ver padre; queria pelo menos uma vez comungar das suas mãos. Coitada! Não lhe concedeu isso o Senhor, que bem cedo a chamou a si.

E continuou para Augusto:

— Quando morreu a morgada, a madrinha da Lenita, e que me contaram aqui do legado que ela deixara, eu disse logo: «Ora a alma tem ela no Céu por isto, quando por mais não seja». Porque, enfim, só quem não conheceu a sua mãe é que não diria outro tanto. Verdade é que ele não chegou a aproveitar. mas. Enfim cada um sabe o que lhe convém e o que lhe não convém. E eu digo, a vida de sacerdote é muito bonita, isso é, mas. não havendo inclinação.

Augusto estava impaciente com a loquacidade da senhora de Alvapenha.

— O Sr. Henrique de Souselas está em casa? — perguntou ele, logo que pôde. — Desejava muito falar-lhe.

— Ai, sim? Quer falar com ele? Eu acho que. Parece-me. Sim, ele deve estar no quarto. Há de estar a ler. Não tem outra vida aquele rapaz! Uma coisa assim! Por mais que eu lhe diga: «Henriquinho, olha que isso faz-te mal.» É o mesmo que nada. Só ler, ler, ler, que é uma coisa por maior. Ao princípio ainda por aí dava alguns passeios. Agora, tirando lá as suas visitas ao Mosteiro, ele para aí fica. Lá ao Mosteiro sim, para aí ainda ele vai.

— É que os ares são por ali muito saudáveis — disse maliciosamente Maria de Jesus.

— Adeus! Aí vem você com as suas coisas. E então que tem? Pois está claro que um rapaz, como ele, dá-se com a gente nova.

— Pois sim, senhora, eu não digo.

— E as raparigas de lá já não estão bem sem ele. Ora eu confesso, quando ele está de maré, é um gosto ouvi-lo. Sempre às vezes tem coisas que fazem rir as pedras.

— E pondo-se a contar histórias? Ih! Isso então é que é! Eu não sei onde ele as vai buscar! — acrescentou a criada.

— Com esta — continuou D. Doroteia, apontando para Maria de Jesus — é às vezes um passo. Eu ainda queria que o Augustito os visse a ambos. É perdido em pouca gente. Ele põe-se lá a inventar patranhas, e ela, a tola, que sabe já como ele é, ouve tudo muito séria e fiada, e, no fim, então é que são os escarcéus. Enfim, uma coisa é dizer, outra é ver!

E D. Doroteia ria, com aquele rir meio tossido de velha, em que há não sei que indícios de uma existência plácida, que consola ouvir.

Augusto forçava-se a sorrir àquelas narrações das duas velhas, a que mal atendia.

— Eu digo — continuou D. Doroteia — que já nos havia de fazer falta se saísse daqui; quando cá não está, parece-me a casa morta.

— Deixe lá, senhora, que este já daqui não sai.

— Ora bem sabe você disso.

— Pois a senhora verá. Ora! Os passeios ao Mosteiro são muito bonitos.

Augusto ergueu-se, deveras resolvido a cortar a conversa por uma vez.

— Se me dá licença, eu vou procurá-lo ao quarto. Desejava falar-lhe, quanto antes, para um negócio de urgência.

Depois de mais algumas reflexões, resignaram-se a deixá-lo partir.

Augusto transpôs rapidamente os corredores, que o separavam do quarto de Henrique, e bateu à porta deste.

— Entre quem é — disse de dentro Henrique.

Augusto entrou.

O sobrinho de D. Doroteia estava sentado junto da janela, lendo uma folha e fumando.

Ao ver Augusto levantou-se.

A lembrança das cenas daquela manhã no Mosteiro e a expressão de fisionomia de Augusto fizeram-lhe prever a índole da entrevista que se ia seguir.

Evitando, porém, o menor indício que pudesse revelar a prevenção em que estava, disse naturalmente, estendendo a mão a Augusto:

— Oh! Por aqui! A que devo o prazer desta visita?

Em vez de lhe corresponder ao cumprimento, Augusto disse friamente:

— Assim estende a mão a um miserável? Ou é tibieza de pundonor, ou excesso de magnanimidade!

Henrique retirou logo a mão e respondeu com orgulhoso desdém:

— Nem uma coisa, nem outra; simplesmente o juízo bastante para não me arvorar em superintendente de

negócios que me não dizem respeito; é um sentido especial, que se chama — delicadeza.

— É um pouco sujeito a adormecer em si esse precioso sentido — replicou Augusto no mesmo tom. — Nem sempre são tão observadas pelo senhor essas delicadas abstenções, como agora. Sei-o por experiência.

— Não são, desde que os interessados me ordenam que intervenha, e desde que a minha intervenção pode ser útil a amigos.

— Pois bem; como, por qualquer dessas causas, se deu o facto em relação ao objeto que me traz aqui, espero que me explique a natureza da sua intervenção.

— Mas com que direito me vem o senhor pedir aqui explicações?

— Com o direito que me dá a consciência, senhor! — respondeu energicamente Augusto, despojando-se de toda a aparência de ironia — com o direito que tem todo o homem, caluniado cobarde e infamemente, como eu fui, de provocar uma acusação aberta e leal. Direito? É mais ainda do que direito; é dever. É um dever para com a moral, é um

dever para com a consciência, é um dever para com a memória daqueles que nos transmitiram um nome honrado.

— Muito bem; mas, admitido que seja esse direito ou esse dever, e não lho contestarei, porque singularidade acontece que seja eu a pessoa que tem de responder por tudo isso? Por acaso será este o pretexto, para depois do qual tínhamos adiado uma entrevista que supusemos necessária?

— Se houve pretexto para ela, foi da sua parte, e escolheu-o bem infame e vil. Não lho invejo. Da minha não é pretexto; é uma interrogação bem positiva e terminante. Todos os motivos anteriores, que podiam autorizar-me a procurá-lo, cessaram perante a impreterível exigência deste. Preciso de justificar-me, e por isso preciso de conhecer e de ouvir os meus acusadores.

— E imagina que sou eu quem devo auxiliá-lo na tarefa? Pelo menos devia escolher uma hora mais cómoda. Sabe que na Alvapenha se janta patriarcalmente ao meio-dia.

— Não julgue que com essas ironias de mau gosto se esquivará a responder-me. Juro-lhe que hei de obrigá-lo a

falar com seriedade.

— E tem meios para isso?

— Faço-lhe a justiça de acreditar que sim; creio que ainda não estará tão envilecido que receba com um sorriso cínico o insulto que lhe infligir.

— É provável que não risse, no caso que diz; mas também não falava, acredite. Há, para interrogações dessas, respostas mais adequadas e discretas. Não tente; aconselho-o. Mas, valha-me Deus, quem lhe disse que eu não queria dar-lhe todas as explicações que souber? Sente-se, conversemos placidamente, que é a melhor maneira de ver claro as coisas. Não fuma?

Augusto, indignado com este frio sarcasmo, respondeu com veemência:

— Está-me causando tédio e compaixão ao mesmo tempo, senhor. Deve ter já uma alma bem corrompida para me receber assim. Ainda quando eu fosse um criminoso, se no seu carácter houvesse brio, dignidade e sentimento moral, devia a minha presença ser-lhe um espetáculo demasiado abjeto, para o não deixar sorrir, ainda que de

sarcasmo; mas na incerteza em que está, em que deve estar por força, a só ideia de que pode caluniar um homem inocente, devia bastar para lhe fazer sentir toda a gravidade desta entrevista e obrigá-lo a atender-me como eu exijo ser atendido. Para não compreender isto, para não respeitar este sagrado direito que tem todo o acusado de se defender, é necessário estar corrompido até o fundo da alma. O ceticismo e a irreverência para com os outros só se dá em quem duvida de si próprio, e a si próprio se não respeita, porque se conhece. O senhor soube insinuar a calúnia no seio de uma família, cujos ânimos generosos não a receberam sem dor; e, quando o caluniado lhe vem pedir explicações, porque se trata da sua única riqueza, porque, sem família e pobre, e amanhã talvez na miséria, precisa de defender o único bem que lhe resta, o senhor recebe-o com um sorriso ultrajante, para ocultar talvez a cobardia, que não ousa repetir na face do acusado as insinuações que contra ele fez na ausência. Se a consciência lhe não exprobra esta infâmia, teve razão ao dizer-me que me enganei procurando-o. A caracteres desses não se pede a explicação da calúnia; é a sua manifestação natural.

E, terminando estas palavras, que a mais violenta paixão lhe ditara, Augusto caminhou para a porta do quarto.

Henrique deteve-o.

No espírito do leviano hóspede de Alvapenha passara-se neste curto intervalo de tempo uma profunda revolução moral.

Na voz, no gesto e na indignação de Augusto pareceu-lhe perceber vestígios de sinceridade, em que até ali não acreditara, e, desde esse momento, além dos remorsos pelos desdéns com que o recebera, sentia viva a necessidade de uma reparação.

Madalena tinha razão.

No meio de todos os seus defeitos, havia neste rapaz um não esgotado fundo de pundonor e de moralidade.

— Não saia — disse ele para Augusto, já sem a menor sombra de ironia. — Se para isso for necessário pedir-lhe perdão, pedir-lho-ei. Que mais quer? Reconheço-lhe o direito que tem de ser escutado. Fique. E creia que, apesar das aparências lhe serem desfavoráveis, eu, que em bem pouco concorri para elas, sinto-me já movido a não lhes dar

fé. É já um convencimento tão íntimo como o que até agora tinha da sua culpa, confesso-o. Se na minha mão estiver esclarecer o mistério, conte comigo. Fale.

Augusto fitava-o ainda com desconfiança.

Henrique percebeu-o e continuou:

— É justa a dúvida que lhe leio no olhar, mas, como somente o meu procedimento futuro a pode desvanecer, peço-lhe que não deixe por isso de falar.

— Antes de mais nada: de que me acusam? — perguntou Augusto.

— Pois não sabe?! — exclamou Henrique, admirado.

— Vagamente apenas. Sei que há uma carta extraviada, mas a confusão em que fiquei, mal me deixou compreender.

Henrique contou, então, tudo o que se passara no Mosteiro, e terminou, dizendo:

— Já vê que eu não fiz mais do que faria outro qualquer no meu lugar: pesava sobre todos quantos frequentavam aquela casa uma desconfiança odiosa; esclarecer o mistério, dissipar as suspeitas, lançar aos ombros do

culpado toda a responsabilidade de traição, era o natural empenho de todos. A descoberta da carta na sua pasta acusava-o. Esta descoberta foi ocasionalmente feita por D. Vitória. Eu não o conhecia bastante para que o seu passado me obrigasse a recusar o testemunho das aparências. Os motivos de despeito, que as suas mesmas palavras por aquela ocasião confirmaram, explicavam muito bem certas tentações de vingança. Nada mais natural do que supor.

Augusto cobriu o rosto com as mãos, murmurando:

— Acusado! Acusado de uma infâmia, e diante de.

Aqui reteve-se, como se a tempo compreendesse a indiscrição da sua dor. Henrique cada vez se sentia mais modificado nas suas disposições para com Augusto; por isso, quando este cortou assim no meio a expressão do pensamento, ele, que lho percebeu, disse-lhe, sorrindo:

— Dela? Sossegue. Tem junto desse tribunal, de que se receia tanto, advogados eloquentes.

Augusto levantou para Henrique um olhar interrogador.

— Diz que.

— Que não deve temer da impressão produzida por todas as provas deste mundo no ânimo de quem, através de tudo, acreditará sempre na sua inocência.

— Refere-se a.

— Ao seu segredo, que há muito o não é para mim. Veja como eu estou virado! Acho-me quase disposto a simpatizar com ele, quando há pouco tempo ainda, sinceramente o confesso, era esta a causa oculta de tal ou qual antipatia, que sentia pelo senhor. que sentíamos um pelo outro, digamos assim.

— Mas.

— Vamos, vamos, eu sei que é discreto; nem esta era ocasião para entrar em confidências. Tratemos do que mais importa. Não sei como é que iria jurar agora a sua inocência em toda esta desastrada intriga, e com o tempo. porque francamente lhe declaro que me é necessário algum tempo para desvanecer em mim todos os restos de despeito e de. paixão. porém, com o tempo, talvez venha a ser seu verdadeiro amigo. sem a menor prevenção.

E, depois de um momento de silêncio, prosseguiu, mudando de tom:

— Mas, com os diabos, sendo o senhor inocente, deve ter grandes inimigos aqui na terra para o enredarem assim! É preciso esclarecer isto.

— Inimigos?! Não os conheço, nem vejo motivos. — disse Augusto, pensativo. Mas, de repente, como se lhe acudisse um pensamento luminoso, fez um gesto que Henrique percebeu.

— Que é? — perguntou este logo. — Descobriu? Diga. Uma suspeita é já um rasto precioso. guia os primeiros passos. Diga. E eu o ajudarei a segui-lo.

— Lembro-me agora de uma notável visita, que há dias recebi. É isso.

E Augusto contou toda a entrevista que tivera com o Brasileiro.

— E ainda agora se lembra dele? — exclamou Henrique, ao ouvi-lo — e ainda hesita?! O senhor é de uma boa-fé! Temos o fio!

— Mas como pôde ele.?

— Isso depois; o mais virá ao seu tempo. Agora trata-se de vigiar esse senhor. E agora me lembra; ele é um dos oradores do clube do Canada. Sondarei esse antro tenebroso. Eu já devia supor que andava aqui miséria política. Estou a achar razão àquela adorável Madalena. Perdão. ainda não perdi o hábito de a adorar. Também, desde que o consiga, serei seu amigo sem restrições. Até lá, porém, não será isso motivo para de corpo e alma me não dedicar à sua causa. Eu posso ter todos os defeitos, menos o de colaborar de boamente numa velhacaria, e, fosse o meu maior inimigo que eu visse vítima dela, creia que procuraria desfazê-la.

— Agradeço-lhe essas palavras, que acredito são sinceras; não posso, porém, aceitar a intervenção que me oferece. Eu sou que devo justificar-me. Está empenhada nisso a minha dignidade.

— Como queira. Em todo o caso espero que uma má prevenção o não constranja a não recorrer lealmente a mim, se o meu auxílio lhe puder servir. Agora peço-lhe perdão, se alguma vez o ofendi de mais; mas, vamos lá, o

senhor também não está de todo isento de culpa. E enquanto ao pretexto. adiado mais uma vez, não lhe parece?

Augusto não podia fechar-se àquele carácter, que se lhe estava mostrando agora sob uma face nova e simpática. por isso respondeu, sorrindo:

— Adiado para sempre.

E estenderam as mãos um ao outro, apertando-as já sem o menor ressentimento.

Eram duas almas generosas, que acabavam de se compreender.

— É notável — pensava consigo Henrique —; estou simpatizando à última hora com este rapaz! Mas como se combina isto com a minha paixão por Madalena, a quem ele ama igualmente? Dar-se-á que ela acertasse, e que não fosse paixão o que eu senti? Isto de mulheres têm uma vista tão apurada para estas discriminações!

CAPÍTULO XXIV

O processo instaurado contra o Cancela seguiu os seus trâmites normais; porém, graças ao empenho do conselheiro, a quem a Morgadinha escrevera a favor do preso, e apesar da perseguição que lhe moviam os padres, contava-se que ele fosse solto, e era esperado na aldeia dentro em poucos dias.

Madalena não se descuidara de mandar todos os dias ao pobre homem notícias da filha, a qual, depois de ter por algum tempo inspirado sérios cuidados à medicina da terra, parecia haver entrado num período de convalescença.

Madalena assim o participou ao Cancela para o animar, mas, sem saber porquê, ela própria não sentia as esperanças que dava.

Há espíritos tão instintivamente sensíveis e perspicazes, que, à maneira dos médicos experientes, pressentem a

gravidade ou a aproximação do mal, ainda quando os sintomas tenham perdido toda a feição assustadora.

Já os sorrisos flutuam nos lábios do doente e um desmaiado rubor de saúde começa a tingir as faces, até então pálidas, e eles sentem-se ainda estremecer de secretas apreensões.

Assim acontecia a Madalena ao contemplar as feições da pequena Ermelinda.

A frequência e intensidade dos acessos diminuíra; certo colorido de vida começara já a animar-lhe o rosto infantil, havia pouco gelado pelo terror e pela doença; às vezes até um sorriso, ainda que melancólico, distendia-lhe os lábios desmaiados, e só de vez em quando raras nuvens de tristeza, evocadas por uma recordação penosa, parecia assombrarem-lhe o olhar límpido e meigo; os sonos eram tranquilos, as vigílias serenas, e, apesar de tudo, a Morgadinha entristecia ao reparar nela.

O facultativo da localidade, apalpando com os dedos robustos o delicado pulso da criança, assegurara que ela estava já livre de febre; e, apesar disso, Madalena quase

sentia remorsos quando escrevia ao Herodes a dar-lhe a boa nova.

E é certo que mais do que justificadas tinham de ser estas apreensões da Morgadinha.

Na tarde daquele mesmo dia, em que Ermelinda acordara mais tranquila e animada, renovaram-se subitamente, e assustadores como nunca, os indícios do mal profundo.

Um delírio violento, caracterizado por vagos e mal definidos terrores, gritos angustiosíssimos, contrações espasmódicas, que parecia despedaçarem aquele corpo, frágil e delicado, surgiram de novo, e, ao dissiparem-se, deixaram, como rastos, uma prostração extrema, uma quase completa insensibilidade de funesta significação.

Madalena, assustada, tomou nos braços a débil e emagrecida criança, e trouxe-a para junto de uma janela, donde ainda se avistava o Sol, já quase a esconder-se por detrás de uma colina distante.

Dir-se-ia querer pedir aos froixos raios de um quase crepúsculo de Inverno um pouco de calor para fundir os gelos da morte, que começavam a invadir os membros

delicados daquela formosa criança; ao clarão levemente afogueado do horizonte, um pouco das suas tintas para aquelas faces morbidamente pálidas; à amenidade da paisagem, um reflexo de sorriso para aqueles lábios, onde ele se apagara.

Os olhos de Ermelinda fitaram-se tristemente no Sol já vacilante, com a expressão, cheia de saudade e de poesia, de uma alma jovem, que se despede da vida, e, quando o Sol desapareceu, desviaram-se lentamente para o rosto de Madalena, que a observava com ansiedade.

Ermelinda sorriu; um sorriso mais triste do que as mais tristes lágrimas.

A Morgadinha apertou-a ao seio, comovida.

— Que tens tu, minha filha? — disse-lhe com meiguice, afagando-a.

Ermelinda não respondeu, mas continuou a fitar Madalena com a mesma expressão de afeto e de tristeza.

A Morgadinha aproximou os lábios dos dela para beijá-la.

A pequena doente correspondeu-lhe ainda ao beijo e continuou a fitá-la como dantes. E durou, e durou este olhar até que pareceu a Madalena haver nele não sei que estranha fixidez, que a inquietou.

Palpou as mãos da criança, estavam frias; o coração, parado; chamou-a pelo nome. a mesma fixidez no olhar, a mesma imobilidade nas feições. Estava morta.

Foi assim que se despediu da vida aquele cândido espírito. Foi como o adormecer de uma alma, que algum anjo invisível, namorado dela, arrebatasse nas asas, para o trono de Deus.

A morte de uma criança como Ermelinda é um facto de ordinário indiferente na vida social; alguns sorrisos de menos no Mundo; uma voz que emudece nos festivos coros da infância; algumas sentidas lágrimas de mãe sobre um berço vazio; algumas flores sobre um túmulo; e à superfície das ondas sociais nem sequer a leve vibração que a rosa desfolhada imprime à água tranquila do lago. Eis tudo.

A multidão segue no delírio das festas, na luta das paixões, na febre da ambição e das glórias, e o perfume da flor

pendida não afeta os sentidos embriagados.

Às vezes, porém, não sucede assim, e assim não devia suceder com Ermelinda.

As paixões humanas, que perante o cadáver de uma criança, coroada de flores cândidas e cingida da alva túnica da pureza, deviam abrandar-se, como diante de uma visão do Céu, tomam-no às vezes por estímulo para mais furiosas se desencadearem, e proclamarem a luta, a sedição e a vingança.

Desde que fora publicada a portaria, proibindo expressamente os enterramentos na igreja, medida tão adversa ao espírito do povo, não tinha havido na terra uma morte que obrigasse a pôr a medida em execução.

A ira popular, exacerbada de contínuo pelas secretas instigações de alguns padres fanáticos ou hipócritas, e dos adversários políticos do conselheiro, rugia, havia muito, surdamente, mas não rompera em explosão por falta de pretexto.

Notava-se apenas uma maior afluência de gente na taberna do Canada, um maior calor nos discursos dos tribunos, e a

tendência à formação de magotes nas encruzilhadas e nos largos.

Quando, porém, se espalhou a notícia da morte de Ermelinda, aumentou a efervescência dos ânimos. Era chegado o momento.

A Morgadinha, que chorou com lágrimas sinceras a filha do Cancela, quis que ela fosse sepultada no mausoléu da casa do Mosteiro; cumprindo assim a lei, prestava-se também culto à afeição que todos sentiam pela criança, companheira de brinquedos de Ângelo, que lhe queria como a irmã.

Sabendo-se desta resolução, rebentou a indignação popular.

No dia seguinte ao da morte de Ermelinda, e naquele, no fim da tarde do qual devia realizar-se o enterro, havia na taberna do Canada extraordinário ajuntamento.

O Brasileiro, o Sr. Joãozinho das Perdizes, o latinista Pertunhas, alguns padres e lavradores, caseiros e camaradas do Sr. Joãozinho falavam, berravam e gesticulavam a um tempo.

O Morgado das Perdizes, cujo ânimo flutuava indeciso entre favorecer e guerrear o conselheiro, mas que, depois do despacho do professor que pedira e conseguira, como que sentia remorsos de o atraiçoar, achava-se agora muito abalado, porque na questão dos cemitérios era intolerante, não podendo levar à paciência que quisessem enterrar um homem, como ele, num lugar onde chovia e fazia sol, como num campo de centeio.

O Brasileiro, cônscio do valor do voto eleitoral do Sr. Joãozinho, não se cansava de o catequizar, usando para isso de todas as armas e atacando-o por todos os pontos vulneráveis que lhe conhecia.

Era assim, por exemplo, que, sabendo da simpatia e gratidão do morgado para com o ervanário, insistia muito sobre a dureza do coração do conselheiro, que privara cruelmente o pobre velho da sua propriedade, golpe fatal que dentro em pouco o levaria ao túmulo; e a propósito contava como o ervanário pedira de joelhos ao conselheiro para lhe poupar a casa, e como este se rira das lágrimas do velho, porque tinha interesse em que não fosse adotado o

outro plano, que lhe cortava uma grande porção dos próprios bens.

Ouvindo estas coisas, o Sr. Joãozinho, que tinha mais de grosseiro e bestial do que de perverso, dava punhadas sobre a mesa, despejava copos de quartilho e dizia pragas sacrilegamente eloquentes.

Outras vezes, era no tópico do cemitério que ardilosamente o espírito tentador do Brasileiro insistia. Fazia avivar a ideia ao morgado de que ele próprio tinha de ser ali enterrado, porque na freguesia de Pinchões iam também ser proibidos os enterros na igreja; o que este negava, berrando, e todos afirmavam o mesmo que o Brasileiro dizia; o que deu lugar a novas punhadas, novas irrigações e a novas pragas do Sr. Joãozinho.

No dia que dissemos, multiplicara o morgado, mais que de costume, as suas libações de vinho; e com as faces injetadas, os olhos meio fechados, ouvia com irritação os comentários dos circunstantes e distribuía com profusão pragas e murros.

— Com os diabos! — berrava ele, acabando de despejar um copo de quartilho. — Se me chega a mostarda ao nariz. sou homem para ir à igreja e obrigá-los a enterrar lá a pequena.

— Isso não se faz assim com essa facilidade e arreganhos — disse velhacamente o Brasileiro, de propósito para o irritar ainda mais.

— Eu lhe diria se se fazia ou não, se se tratasse de coisa que me dissesse respeito! Mas, lá com a filha do Cancela. não tenho eu nada. lá se avenham.

— A questão não é ser a filha do Cancela ou deixar de ser — tornava o Brasileiro —; a questão é do exemplo; enterrado o primeiro, enterram-se os outros.

— Menos eu — exclamou o morgado.

— Se Deus quiser, também vossemecê se há de lá enterrar.

— Diabos me levem se....

— Pelos modos — disse um padre do lado — eles enterram a rapariga no túmulo da família do conselheiro.

— Pois vedes; se eles são todos da mesma confraria! — ponderou o Pertunhas.

— E se não, é ver no outro dia o que o Herodes fez ao missionário! Então julgam que aquilo não foi combinação? — disse o padre.

— Dizem que o Herodes ganhou vinte soberanos para lhe bater — acrescentou um lavrador.

— A mim me disseram que trinta.

— Sempre uma pouca vergonha como aquela!

— E verão que não lhe sucede mal.

— Pois não, não; ele está ali, está na rua.

— Diz-se que o soltam à fiança.

— Não pode ser; aquele crime não tem fiança — ponderou um fazendeiro, que se tinha por muito visto em demandas e coisas da justiça.

— Ora adeus! Com o que você vem! Querendo eles.

— Aquilo parece uma seita.

— E ainda aí está? Pois já se sabe que eles são pedreiros-livres.

— E o tal lisboeta?

— Esse, então, é que é daqueles!

O Sr. Joãozinho pestanejou, ouvindo falar de Henrique.

— Ah! É do tal petimetre que falam? No tal que foi para a igreja caçoar com o missionário? Sempre vocês são uns homens de lama, também! Ó Cosme — continuou, voltando-se para um alentado camarada que estava ao lado dele — olha aquilo connosco, hem? Onde estaria o amigo?

O valentão sorriu modestamente, encolhendo os ombros.

— Pois, senhores — prosseguiu o Brasileiro, que não queria deixar arrefecer o entusiasmo e a irritação do público. — Hoje decide-se a coisa. Daqui a uma hora está enterrada a pequena e depois. o uso faz lei.

— Isso é que é verdade — secundou o Pertunhas.

— Faz lei enquanto eu não me lembrar de ir desenterrá-la — respondeu, cada vez mais azedado, o Sr. Joãozinho.

— Não; isso lá mais devagar — acudiu o Brasileiro. — Vossemecê bem sabe que, estando ela no mausoléu do conselheiro.

— Importa-me cá o mausoléu. O senhor está a ler. Eu com um empurrão arrumo aquela plataforma a terra. Ó Cosme, olha nós, hem?

O Cosme tornou a fazer o mesmo gesto expressivo.

— Aí está quando era preciso que houvesse nesta terra um homem de vontade, que não deixasse fazer o enterro — disse o padre.

— Era bem feito, para eles saberem também que se não brinca assim com o povo.

— Lá isso era! — repetiram algumas vozes.

— Eu por mim. se alguém for. — aventurou um.

— E eu, e eu — ouviu-se dizer de vários pontos da sala.

— Deixem-se de contos — continuou o padre. — Eles fazem o que querem, porque sabem que não há um homem de coragem, que se ponha à frente do povo.

— Lá isso é que é verdade.

— Já não há homens para as ocasiões.

O morgado das Perdizes, que tinha presunções de valente, e gabava-se de ter varrido feiras a varapau, espinhou-se com estas palavras e protestou, dizendo:

— Então julgam vocês que eu, se me der para aí, não vou ao cemitério, eu só e ponho tudo aquilo em cacos? Hem?

— Isso não se faz com essa facilidade — disse o Brasileiro impertinentemente.

— A quanto aposta você? — bradou, cada vez mais afogueado, o Sr. Joãozinho.

— Ora vamos — continuava o Brasileiro com os mesmos modos. — Não que a autoridade.

— A autoridade! Para mim é que eles vêm! Olha o regedor! O regedor comigo! E os cabos? Ó Cosme, hem? Que te parece? Os cabos connosco?

— O Cosme sorriu e resmungou por entre dentes:

— Se queres tentar.

— Com mil demónios! — disse o morgado, esgotando mais um copo — vamos a isso! Anda daí, ó Cosme!

O Cosme levantou-se.

— Nada de imprudências — aconselhou o Brasileiro, de um modo que tinha a significação contrária ao pensamento que exprimia.

— Quem tiver medo, que fique em casa. Ora quero mostrar a esta gente se há ou não há um homem para as ocasiões.

E estavam no meio da sala o Sr. Joãozinho e os seus arrojados camaradas, e o Brasileiro já conferenciava com o padre, que lhe respondia com sinais de inteligência, como quem tinha projetos filiados naquele movimento, quando entrou na taberna um novo personagem que, por não habitual ali, e por outras circunstâncias fáceis de conjeturar, causou geral estranheza.

Era Henrique de Souselas.

Tendo sabido da morte de Ermelinda e encontrando no Mosteiro todos ocupados com os aprestes do funeral da

pequena, Henrique montou a cavalo e deu um longo passeio pelos arredores.

Na volta achou-se em frente da taberna do Canada.

Chegou-lhe aos ouvidos o rumor das altercações e das pragas que iam lá dentro, e isto resolveu-o a entrar, cumprindo, assim, a promessa que fizera a si mesmo de estudar aquele terreno, a ver se encontrava vestígios que o levassem a provar a inocência de Augusto.

Apeou-se, prendeu o cavalo ao peão da porta e entrou.

Ao entrar, percebeu que tinha causado sensação a sua presença, e até, pela expressão com que o fitavam, suspeitou que talvez não fosse demasiado prudente o passo que dera.

Era tarde, porém, para recuar, e o orgulho impedia-lhe a menor manifestação de receio.

Sentou-se tranquilamente numa banca vazia.

O Canada, como taverneiro atencioso, veio informar-se pressurosamente do que desejava o recém-chegado.

Henrique pediu vinho, para pedir alguma coisa, não obstante estar firmemente resolvido a não lhe tocar.

O Canada trouxe-lhe um copo largo para diante dele, e de moto próprio associou-lhe algumas azeitonas, que recomendou como excitadoras da sede.

Henrique pediu lume para acender um charuto, e, pondo-se a fumar, correu a vista pelos grupos que enchiam a sala. A efervescência dos ânimos tinha abatido com a chegada de Henrique, como a da água em que se lançasse uma pedra de gelo.

Reinava, porém, um rumor surdo, um cochichar pouco tranquilizador, e que ameaçava degenerar em maior tormenta.

O Brasileiro escondia-se por detrás de uns homens do povo, para não ser visto; o Sr. Joãozinho olhou para Henrique, como se o não conhecesse, e conversava em voz baixa com o seu camarada Cosme, o qual fitava no recém-chegado olhares sombrios e ameaçadores.

Henrique, ainda que interiormente não tranquilo, sustentava-os sem desviar os seus e continuava fumando

quase provocadoramente. Pouco a pouco subiu de tom a conversa dos dois, assim como a dos outros grupos.

— É preciso ensinar estes espiões — dizia uma voz audivelmente.

— Que quererá daqui este figurão? — perguntava outro.

— Era bem feito que lhe ensinassem a não se meter com a nossa vida.

O morgado, cada vez mais excitado pelo vinho, cruzou os braços sobre a mesa, e com o corpo inclinado para diante e os olhos abertos para Henrique, começou a dizer, retardando-se-lhe já algum tanto a voz nas fauces:

— Eu, se sei que há alguém que me anda a seguir os passos e a espiar, sempre lhe dou uma lição, que lhe há de lembrar toda a vida! Não que isto aqui não é Lisboa! Eu não admito que se olhe para mim com falta de respeito. Já disse! Eu não gosto de repetir as coisas. Tenho dito! O senhor não ouve?

Henrique continuou a fumar, sem desviar os olhos do morgado.

— Ó senhor lá. Faz favor de não olhar para mim dessa maneira.

Henrique exalou uma baforada de fumo e sorriu.

— Você ri-se. Ele riu-se, ó Cosme? Pois ele riu-se de mim? Espera!

E o Sr. Joãozinho executou um movimento para levantar-se.

O Cosme imitou-o, e os camaradas puseram-se a postos.

Susteve-os o Brasileiro e outros igualmente pacíficos.

— Então! Então! Isso que é?

— Quero perguntar àquele senhor de que é que se ri — bradava o morgado, furioso.

— Para isso não se incomode — respondeu Henrique. — Eu mesmo daqui lhe respondo. Rio-me da ridícula figura que está fazendo.

— Ah! Ouvem-no? Larguem-me, deixem-me, deixem-me. Ó Cosme!

E o morgado barafustava entre os braços débeis que o retinham. No povo começou a subir a maré das

murmurações contra Henrique.

— O senhor vem para aqui armar desordens?

— É para espiar?

— Depois queixe-se.

— Não se meta com a gente.

O morgado, bracejando, espumando, e largando por pouco a jaqueta nas mãos que o retinham, conseguiu, graças aos seus músculos robustos, sacudir de si todos os obstáculos, e correu para Henrique, que por prevenção se colocou de pé.

O Sr. Joãozinho, cego de embriaguez e de raiva, berrava voltado para ele:

— O senhor conhece-me? O senhor sabe com quem fala? Olhe bem para mim. Quero ver agora se ainda se ri.

— Porque não? Se cada vez está mais ridículo.

O morgado deu um urro selvagem e fez um movimento como para se atirar a Henrique.

Este recuou um passo, e, pegando no copo que ainda tinha intacto diante de si, despejou-o todo sobre aquela figura já avinhada, dizendo motejadoramente:

— Aí tem; é isso provavelmente o que vem buscar.

O rosto, as mãos e a camisa do Sr. Joãozinho ficaram literalmente tingidas. Soltando um rugido de fera, levou a mão à faixa da cinta, como a procurar uma arma. Henrique, percebendo-lhe o movimento, antecipou-se a segurá-lo pela garganta, para o reter e afastar de si.

O morgado torcia-se e espumava sob a constrição de Henrique, e, já congestionado e rouco, bradou:

— Ó Cosme! Ó Cosme! Mata este maldito!

A falange do Sr. Joãozinho correu em socorro do chefe. O varapau do Cosme girou no ar, produzindo um zunido como o de um enorme zângão.

O braço diligente do Canada, movido pelo empenho de salvar o crédito do estabelecimento, afastou a tempo Henrique do terrível embate, que infalivelmente lhe seria fatal.

A pancada caiu sobre a mesa, que lascou ao comprido.

Henrique estava incólume, e o morgado solto.

Mas o perigo não passara para Henrique. O morgado preparava-se com os seus para nova investida, quando se ouviu a voz do Brasileiro e do padre bradarem:

— Já estão a tocar o sino! Ao cemitério enquanto é tempo!

E no entretanto o Brasileiro, chamando de lado o Cosme, convencia-o, por vários géneros de argumentos, da conveniência deste partido, e tão convencido o deixou, que ele berrou daí a pouco:

— Deixa o homem para outra vez, João; deixa-o e vamos a eles ao cemitério!

— Ao cemitério, ao cemitério! — repetiam algumas vozes.

— E queime-se a papelada da Câmara!

— E mate-se o escrivão da Fazenda!

— E quebrem-se os vidros do Mosteiro!

— E pegue-se fogo à casa!

— Eram de bastante força estes argumentos para convencer o Sr. Joãozinho.

— Pois vá lá, rapazes. Com este faremos contas depois. Ao cemitério! Atiremos a terra com o tal mausoléu!

E prepararam-se para sair tumultuariamente. Henrique, ouvindo isto, percebeu do que se tratava, e, prevendo sérios riscos para as senhoras do Mosteiro, desembaraçou-se dos braços do Canada, que teimava em segurá-lo e em dar-lhe conselhos de prudência, e correu a montar a cavalo para se antecipar aos desordeiros. Efetivamente assim o fez; mas, ao passar por entre o grupo deles, o varapau do Cosme, floreteando outra vez no ar, caiu sobre a cabeça do cavalo. O animal, atordoado por a pancada, partiu em galope desenfreado, e, apesar de toda a arte de Henrique, acabou por o arrojar a terra com tal violência, que o deixou como morto.

Os desordeiros seguiram, capitaneados pelo morgado, o caminho do cemitério. O Brasileiro, o padre e o Pertunhas acolheram-se pacificamente aos lares.

O sino da igreja continuava a repicar.

CAPÍTULO XXV

Era uma perspetiva profundamente melancólica a do cemitério da aldeia por aquela tarde de Inverno!

Imagine-se um campo plano e raso, onde vegetavam algumas roseiras de toda a estação, e a murta e a alfazema, vivendo a custo naquele solo ingrato, que pouco alimentava apenas urzes, tojeiras e pinheirais. No centro deste espaço elevava-se, singelo mas elegante, o túmulo da família do Mosteiro, sobre o mármore do qual pousavam tristemente os ramos flexíveis de um salgueiro-chorão, e nos cantos começavam a erguer-se, como obeliscos funerários, quatro jovens ciprestes pontiagudos. Para além do muro, que circundava este terreno, estendia-se um vasto pinheiral, através de cujos troncos, confusamente cruzados, se podia ainda divisar ao longe uma ou outra casa da aldeia, e o verdor dos campos e pomares. A igreja paroquial erguia, a pequena distância dali, a grimpa do campanário, e o

sussurrar dos álamos despidos do adro, agitados pelo vento, ainda chegava àquela estância mortuária.

A tarde tinha um destes aspetos ameaçadores, que deixam pressentir a tempestade; destas serenidades insidiosas, interrompidas, de vez em quando, por uma súbita viração, que faz revolutear na estrada as folhas secas como em espirais fantásticas. O céu pintara-se do colorido melancólico e triste, que em alguns quadros de Anunciação tão fielmente se vê reproduzido. Estava quase todo coberto! Só muito para o Ocidente uma estreita zona se conservava limpa de nuvens, mas nela mesma o azul recebia, do contraste das cores vizinhas, um cambiante quase esverdeado. As nuvens inferiores, acima das quais passavam os raios do Sol, tinham o aspeto roxo-lívido, que o avizinhar da noite ia tornando mais carregado; no mais alto da abóbada, as superiores, iluminadas ainda, apresentavam reflexos amarelados que cada vez se afogueavam mais.

Para o Oriente tinham-se fundido os nimbos numa massa única, uniforme, cerrada, como uma abóbada metálica, cujo

livor imitava. De vez em quando cruzava os ares uma ave de voo rápido, soltando pios angustiosos.

Era a esta hora que devia efetuar-se o enterro de Ermelinda.

Estava já aberto o jazigo da família do conselheiro, aguardando a infeliz criança.

Os padres cantavam na igreja, e o sino repicava, como de festa, saudando a entrada de mais uma alma sem culpas no grémio dos anjos.

À porta da igreja no adro e no cemitério estacionavam alguns ociosos; muitos acercavam-se do sepulcro, movidos pela curiosidade que a nova forma de enterro lhes suscitava.

As murmurações, conquanto menos manifestas aqui do que na taberna do Canada, nem por isso faltavam.

Até da porta da igreja para dentro, até de joelhos, até de contas na mão e olhos fitos no altar, os murmuradores existiam. Velhas beatas clamavam assim a justiça celeste sobre os ímpios do século, que não queriam enterrar-se no chão sagrado da igreja. Junto da pia da água benta,

aspergindo-se, persignando-se sobre a boca, para que Deus as livrasse de pecar por palavras, nessa mesma ocasião, elas entoavam os seus trenos e maldiziam dos reformadores, sobre quem chamavam as penas do Inferno.

Havia também no grupo alguns que conferenciavam em voz baixa e se entreolhavam de maneira misteriosa, fitando às vezes os caminhos próximos, como se dali aguardassem alguma coisa.

A Morgadinha viera junto ao túmulo despedir-se da filha do Cancela.

Cristina ficara a fazer companhia a D. Vitória, que se achara adoentada.

Segundo o costume de algumas aldeias, Ermelinda devia ser acompanhada à campa por crianças quase da mesma idade, vestidas como para festa. Uma delas era a pequena Mariana, a irmã mais nova de Cristina; as outras, raparigas das vizinhanças, que as senhoras do Mosteiro tinham pelas suas próprias mãos vestido e enfeitado. O enterro fazia-se com extraordinário aparato, não só em honra da família do

Mosteiro, mas para desvanecer a má impressão dos ânimos populares por meio da pompa religiosa.

Era digno do pincel de um artista, a quem a poesia das cenas campestres ainda inspirasse, o cortejo, ao mesmo tempo melancólico e risonho, que, saindo da igreja, se encaminhava lentamente para o túmulo onde Ermelinda devia ser sepultada.

O Sol, quase a desaparecer sob o horizonte, entrava na estreita zona, que as nuvens não toldavam.

A paisagem inundava-se agora de luz, mas de uma luz froixa, amarelada, que dá ao verde da relva e das frondes das árvores uma maior intensidade.

A cruz de prata, que, arvorada por um homem de opa, abria o cortejo, refletindo aqueles raios amortecidos, brilhava como cingida de uma verdadeira auréola. Seguiam-se alguns padres de sobrepeliz e batina, recitando as orações da ocasião; entre estes havia um de aspeto venerando, curvado pelos anos, de fisionomia bondosa e pensativa. Era o cura, santo e respeitável ancião que, em vez de exacerbar

os preconceitos do povo contra os enterros no cemitério, antes energicamente os combatia e censurava.

Depois vinha, em caixão aberto, e no meio de uma numerosa companhia de crianças, Ermelinda, a quem a palidez da morte não dissipara a formosura.

Dir-se-ia apenas adormecida. Trazia nos lábios o sorriso da inocência. As mãos cruzavam-se-lhe naturalmente sobre a túnica alvíssima que a cingia, a mesma com que aparecera no auto, e a cabeça, cercada por uma singela coroa de flores, conservava a graciosa inclinação que lhe era habitual em vida.

As crianças do acompanhamento tinham sido escolhidas, por Madalena e Cristina, entre as mais gentis da aldeia.

Era uma coorte de querubins humanados, qual deles mais louro e mais formoso.

A Morgadinha precedera o cortejo e viera esperá-lo junto do túmulo. Com o braço apoiado na pedra sepulcral, e a cara encostada à mão, seguindo melancolicamente com a vista a vagarosa procissão que entrara no cemitério, dissera-se uma estátua primorosa, cinzelada por mão de

inspirado artista, para simbolizar junto do túmulo a saudade pelos que morrem.

Cada vez se ouvia mais perto o latim dos padres; o coveiro viera já ocupar a posição que lhe competia; estreitou-se o círculo dos curiosos em volta da campa. A cruz parou junto dos degraus do túmulo; os padres abriram alas e as crianças encaminharam-se, por entre eles, para a borda da sepultura.

O abade molhou o hissope na caldeira, para aspergir a cova.

Uma imprevista ocorrência mudou, porém, o aspeto da cena.

Há já alguns momentos que começara a ouvir-se um vago rumor, que tanto podia ser do vento na rama dos pinheirais, como de multidão que se aproximasse em tropel.

As conferências solapadas de alguns personagens dos grupos tinham-se ativado ao ouvi-lo. Pouco a pouco começou a mover-se alguma coisa por entre os troncos dos pinheiros; tornaram-se distintas uma, duas, três e muitas figuras de homens, correndo em direção ao cemitério,

gesticulando, berrando, soltando ameaças, algumas das quais já a distância a que eles vinham permitia ouvir claramente.

Não era difícil adivinhar a significação daquilo: a questão vital do dia era, para todos os espíritos, a dos enterros em campo descoberto; a cada momento se falava em motim pronto a organizar-se e a rebentar. Ficava, pois, evidente que tinha chegado a ocasião da crise popular já antevista.

Cedo invadiam o cemitério um bando de furiosos, desorientados, de aspeto feroz, berrando e brandindo ameaçadoramente paus, fouces e chuços e todas as peças do extravagante arsenal a que o homem do povo recorre sempre, ao chamamento da arruaça ou da sedição.

Era o bando dos influentes da taberna do Canada, de cujo propósito estávamos prevenidos; agora, porém, já engrossado, como a corrente a que no caminho se incorporam as águas dos algares.

Entre os primeiros vinha o Sr. Joãozinho das Perdizes e ao seu lado o seu factotum Cosme.

Estes enraivados correram para o lugar onde parara o enterro, bradando em confusão:

— Alto lá! Alto lá! Ninguém se enterra aqui!

— Esperem! Isso não vai assim!

— Não façam a festa sem nós!

— Fora com os do cemitério!

— Morram os pedreiros-livres!

— Para a igreja!

— Enterre-se na igreja!

— Olá, Sr. abade, espere por nós!

— Aqui vamos para abençoar a cova!

E num momento o cortejo fúnebre viu-se rodeado de figuras avinhadas, gesticulando e vociferando pouco tranquilizadoramente.

O cruciferário e os padres, à exceção do velho que dissemos, abandonaram o posto; as crianças, pousando no chão e abandonando o esquife de Ermelinda, correram a acercar-se de Madalena, amedrontadas e chorosas.

A Morgadinha conservou-se junto do túmulo da mãe, olhando com serenidade para os revoltosos, mas intimamente sobressaltada. E no meio do grupo o cadáver de Ermelinda, com aquele sorriso nos lábios, como de anjo que já de longe estivesse vendo o desencadear das paixões humanas, e rindo de piedade.

O velho cura foi quem interrogou com voz firme e severa os amotinados.

— Que querem daqui? — perguntou ele, fitando-os. — Com que fins vieram perturbar, com desordens de taberna, as cerimónias religiosas?

— Não queremos que ninguém se enterre no cemitério — respondeu o Sr. Joãozinho.

— É verdade! É verdade! Ninguém se enterra aqui! — confirmaram diferentes vozes.

— Porquê? — continuou o padre. — Julgam que Deus não receberá as almas, cujos corpos não estejam lá dentro, a apodrecer sob os telhados da igreja e a envenenar o ar que se respira lá?

— Não queremos saber de contos. Não queremos. Já disse!

— Eu não lhes reconheço o direito de querer.

— Ora o padre-mestre tem vagares! — disse o façanhudo Cosme — e tu pachorra para escutá-lo, João. Para isto não foi que viemos. Sermões para a Quaresma. Vamos! Cante lá os seus responsos e latinório, e ande-me para a igreja. Vamos nós fazer o enterro. Ó Manuel coveiro, traz a enxada e vem daí.

E, dizendo isto, o Cosme já se abaixava para levantar o caixão em que jazia Ermelinda.

A justiça de Deus caia sobre o ímpio, que com as mãos impuras tocar nesse cadáver, que está abençoado pela Igreja! — exclamou o velho, indignado e com um metal de voz vibrante e terrível.

Na aldeia os homens mais endurecidos não são superiores à intimação religiosa. O Cosme retirou a mão, como se receasse que a imprecação do padre se cumprisse ali mesmo.

Houve uma momentânea quebra no furor popular; um destes momentos de hesitação, que tão fatais são ao êxito das revoluções democráticas; ninguém se sente com coragem de erguer o novo grito, e quase todos procuram esconder-se, como envergonhados já do primeiro ímpeto.

Mas a primeira onda não é a mais temível; os primeiros bandos populares, que saem à rua, soltando o grito de revolta, são ingénuos no meio da sua quase selvagem ferocidade; entregues a si, cedo espontaneamente se dariam por vencidos; fácil seria subjugá-los. Mas, quando esses poucos momentos, em que tumultuam sem pensamento que os dirija, não são os precisos para ficarem esmagados sob a repressão do poder; quando o grito sedicioso, em vez de sacrificar estes revolucionários, quase cândidos, mandados por os cautos para tentar a oportunidade da ocasião, aparenta surtir efeito, ou porque satisfaz uma aspiração legítima das massas, ou porque lisonjeia um falso preconceito delas, vem então a segunda onda, mais ordenada, mas mais terrível, porque não é a embriaguez do motim que a impele, é a ideia fixa, o pensamento reservado, o plano de antemão traçado e

urdido no mistério e na sombra. Vem, então, reforçar a primeira, insuflar-lhe o alento que esta não tem de si, e amparar-se com ela dos golpes dos inimigos. Se a tentativa não vinga, retiram-se antes que, derrubada a vanguarda, fiquem a descoberto; mas, se a sorte os favorece, deixam cair os primeiros como vítimas, e no campo da vitória adiantam-se, então, a colher os troféus conquistados.

Foi assim que, no momento em que o bando capitaneado pelo morgado das Perdizes ia ceder, um pouco subjugado pela figura solene e a palavra severa do venerando cura, saiu da igreja uma singular procissão.

À frente vinha o estandarte da confraria ereta pelo missionário; este seguia-o, e, atrás dele, os seus confrades e sequazes, no número dos quais se encontravam padres e mulheres.

A hoste do Sr. Joãozinho sentiu-se reanimar com este reforço.

Um grito uníssono saiu dos lábios de todos ao ver a procissão.

— Viva o missionário!

— Viva o santo!

— Abaixo os pedreiros-livres!

E os do bando do estandarte correspondiam a estas saudações, dizendo:

— Abaixo os maçónicos!

— Morram os jacobinos!

— Viva a santa religião!

Mais uma vez este brado augusto, que devera proclamar o perdão das injúrias, o amor recíproco, a caridade indistinta, era profanado por o fanatismo e por a hipocrisia, e manchado pelo sofisma de séculos, o mesmo sofisma que maculou os feitos de armas dos passados guerreiros da Cristandade.

A embriaguez da revolução apoderou-se de novo do morgado das Perdizes. Duas influências inebriantes lhe disputavam agora o cérebro, que não fora nunca dotado de grande fortaleza contra as paixões.

Palpitava-lhe o coração, quando se imaginava caudilho de um movimento popular.

Sentia a necessidade de se fazer notável por um feito heroico.

— Não se consentem aqui enterros, e comecemos já por deitar abaixo estas pedras — bradou ele, apontando para o túmulo da família do conselheiro.

— É verdade! É verdade! Abaixo! Abaixo!

— São invenções dos pedreiros-livres!

— É isso, é isso! Pois não veem que são de pedra!

— Abaixo! Abaixo!

O Sr. Joãozinho, arrojando de si o chicote, tirou um machado das mãos de um homem que lhe ficava próximo, e deu alguns passos para o túmulo.

Madalena colocou-se diante dele.

Já não estava pálida; tinha nas faces o rubor, nos olhos o lampejar da indignação.

— Afaste-se, senhor! — bradou ela, estendendo a mão para o ébrio, que parou a fitá-la com olhos espantados. — Nem sequer pouse os pés nos degraus desta sepultura. Aqui repousa a minha mãe. Atrás!

A figura, o olhar, a voz, as palavras de Madalena exprimiam uma das resoluções enérgicas e potentes daquela índole simpática, que aos afetos e branduras de mulher sabia combinar a firmeza e energia quase varonis.

O morgado sentiu uma vaga consciência da sublimidade daquela cena, e ficou enleado.

Porém o Cosme, o seu génio mau, não sei que lhe murmurou ao ouvido, que ele desatou a rir a mais alvar gargalhada que ainda escancarou boca humana.

Estendendo para Madalena a mão calosa e grosseira, disse-lhe, com um sorriso que tinha tanto de cínico como de estúpido:

— Está dito! Toque! Gosto desse desengano! Toque!

Madalena repeliu-o com desprezo e aversão.

— Ah! ah! Faz-se fidalga! — disse o Sr. Joãozinho, despeitado. — Pois não anda bem.

O missionário inclinou-se ao ouvido de um homem do povo, que, depois de escutá-lo, bradou:

— Abaixo com o túmulo dos pedreiros-livres!

— Abaixo! — repetiram muitas vozes.

— Pois vá abaixo! — repetiu também o Sr. Joãozinho, adiantando-se com o machado.

— Para trás! — exclamou outra vez Madalena, já trémula de exaltação.

O cura, enfiado e convulso, correu para o lado dela.

O Sr. Joãozinho sorriu.

— Isso é que é mandar! Sossegue que não fazemos mal a sua mãe, só lhe queremos tirar essas pedras de cima dela. Devem-lhe pesar! — e soltou, ao dizer isto, uma gargalhada, que ecoou no grupo que o rodeava.

— Abaixo, abaixo! — repetiam ainda as vozes, e o morgado preparou-se para cumprir o feito. Madalena sentiu que a razão se lhe perturbava. Era-lhe preciso defender de uma profanação as cinzas da sua mãe, ainda que fosse à custa da própria vida.

Ia para suplicar, para ajoelhar diante daqueles homens; já as lágrimas lhe brilhavam nos olhos, e os lábios começavam a murmurar a palavra: «piedade».

O morgado viu-a assim, e, como homem em quem as lágrimas de mulher ainda achavam caminho para chegar ao coração, hesitou, resmungando:

— Mau! Se temos choro, nada feito.

Mas já não podia hesitar; a onda impelia-o; os gritos redobravam, e outros braços se agitavam ao seu lado, preparando-se para a obra de profanação.

O Sr. Joãozinho cedeu outra vez e levantou o machado.

Imitaram-no muitos.

Madalena então correu a abraçar-se ao túmulo da mãe para o proteger da violência.

Antes de o abater tinham de a ferir a ela.

Os machados, que já se brandiam no ar, suspenderam-se. Alguns baixaram-nos, como arrependidos.

O morgado formulou numa jura a impressão que lhe estava causando a cena.

Desviando os olhos, disse com modo desabrido:

— Tirem essa mulher daí.

Deus sabe que cenas de violência se seguiriam a esta ordem, se um novo facto não viesse desviar as atenções e modificar diversamente o ânimo popular.

Um homem, que parecia chegar de longa jornada, aproximara-se do cemitério, cada vez mais pressuroso à medida que se afirmava nos grupos ali reunidos.

Entrou justamente quando a fúria popular crescia mais impetuosa.

A figura da Morgadinha, em pé sobre os degraus do túmulo, abraçada a ele, dominava toda aquela multidão.

Ao descobri-la a distância, o homem que dissemos soltou uma exclamação, como de quem tinha compreendido ou adivinhado a significação daquela cena; e, apressando ainda mais os passos, achou-se, dentro em pouco, no lugar do motim.

Era tempo.

A populaça alucinada ia talvez exercer algumas dessas irrefletidas violências, que tantas vezes maculam e desonram a causa do povo nas lutas em que ele toma parte.

— Que é isto aqui? — disse o homem, rompendo com os braços potentes a onda que se lhe antolhava.

À rudeza do impulso ninguém resistiu; em pouco tempo abriu caminho até ao meio do círculo.

Uma só voz correu por as diferentes pessoas do grupo dos amotinados.

— O Herodes! É o Herodes! — diziam, afastando-se.

Efetivamente era o Cancela o homem que tinha chegado.

Obtendo fiança, graças à intervenção do conselheiro, voltava à terra, ansioso por ver e beijar a filha, cuja ausência fora a única dor que o atormentara.

O desgraçado não sabia ainda da sorte dela.

Uma carta que Madalena lhe escreveu, noticiando-lha, já não o encontrara na prisão, para onde fora dirigida.

Vinha cheio de esperanças o pobre homem, porque eram para animar as últimas notícias recebidas.

Vendo de longe o ajuntamento no cemitério, ouvindo os gritos sediciosos, conjeturou que havia algum motim

popular por causa dos enterros no adro, que ele sabia serem antipáticos aos espíritos da terra.

Quando descobriu a Morgadinha, envolvida pelo tumulto, e no túmulo da mãe, previu que ela estava correndo perigo, e apressou-se logo a acudir-lhe.

Ao chegar, porém, ao meio do círculo, que conseguiu romper, e quando ia a dirigir a palavra a Madalena, reparou para o cadáver da criança do esquife, o qual continuava ainda pousado no chão; fitou os olhos naquela pálida e serena fisionomia, ainda animada pelo mesmo sorriso de inocências, e, apesar da débil claridade da hora, reconheceu a filha.

Nem um só grito de dor lhe saiu dos lábios, nem um só movimento de surpresa; ficou mudo, imóvel, com os olhos fitos naquela criança morta, com as mãos juntas e com as faces extremamente pálidas.

Perante esta terrível manifestação de dor, que toda se concentra, para num momento gastar mais vida do que o perpassar de muitos anos, calmaram todos os outros sentimentos que dominavam os corações.

Fez-se um profundo silêncio. O Herodes, numa espécie de recolhimento fervoroso, ajoelhou junto do caixão de Ermelinda, e, trémulo, oprimido, quase sem alento para chorar, aproximou a medo as mãos das mãos cruzadas da criança.

Ao primeiro contacto retirou-as rapidamente por achá-las de gelo; mas, tomando-as outra vez, murmurava:

— Jesus, meu Deus! Está morta! Ermelinda! Filha! Isto não pode ser, Senhor! Pois minha filha está morta?

A paixão começava enfim a manifestar-se mais tumultuosa; mas havia no tom de voz, com que estas palavras foram pronunciadas, não sei quê tão intimamente doloroso, que pressentia-se que, no curto espaço de tempo que as precedera, se tinha operado naquele peito uma revolução tremenda, como se uma íntima dilaceração o tivesse destruído. Adivinhava-se lá dentro já um desalento mortal, um mal de que se não convalesce nunca. Aquele homem estava perdido.

— Mataram-me a minha pobre filha! A minha Ermelinda. Que mal lhes tinha eu feito para ma matarem? Ó anjo do

Céu! Viver eu para te ver assim!

E, tirando-a do esquife, cingiu-a contra o peito, cobrindo-a de beijos, que não conseguiam aquecer o gelo daquelas faces.

Raros olhos ficaram enxutos perante aquela sincera dor. Desvanecera-se a ira popular; como que uma nobre vergonha, uma vergonha de boa índole, fazia já renegar aos mais atrevidos os seus excessos passados.

O Cancela continuava:

— Esta frialdade da morte! Esta brancura das faces! Isto mata-me, despedaça-me o coração! Não me morras assim, filha! Não me morras, antes de dizer-me uma palavra de amor. de perdão. Sim, tu tinhas que me perdoar antes de morrer! Porque não esperaste ao menos? Pensar eu que hei de ver-te partir, sem que me dês um beijo de despedida? Que te não hei de ouvir falar? Só! Só! Ficar só! Só neste mundo, Senhor! Em que tanto vos ofendi, meu Deus, para me castigardes assim!? Em quê?

Madalena chorava, comovida, ao ouvir estas palavras dolorosas.

O Cancela voltou para ela os olhos já marejados de lágrimas.

— Ó menina Madalena, pois Ermelinda morreu? Fale, diga-me. A minha filha morreu? A que horas? Como? Falou em mim? Pensou em mim? Perdoou-me? Chora, e não responde. Então não me perdoou? Pois minha filha não me perdoou?

Madalena respondeu a custo:

— Que tinha ela a perdoar-lhe?

— Não é verdade que eu lhe queria muito? Não é verdade que eu vivia por ela? Agora. que me importa o viver? Como posso eu viver!? Ai, se Deus me matasse agora, assim! Abraçado a este anjo! Se Deus me matasse!

E outra vez a estreitava nos braços.

Depois, voltando-se para o povo que se conservava ali, perguntou com voz alterada:

— Que procuram? Que querem? O que fazem aí armados, ao pé da minha filha morta?

— Queremos que eles a enterrem na igreja — responderam, já tibiamente, algumas vozes.

— Na igreja? Isso é que não! Sabem quem me matou a filha? Foram eles. Esses que ma tolheram de medos, que lhe roubaram as alegrias. que fizeram dela isto que aí vedes. Pois não a conheciam? Não a tinham visto aí nos campos, nas novenas e nas festas? Viram-na nunca com estas cores desmaiadas? Viram-na sem aqueles cabelos louros, que tão bem lhe ficavam? E que eles cortaram sem piedade? E querem-te ainda guardar, desgraçadinha! Não, não te entregarei. Não, não irás lá para dentro. Quero-te aqui, minha filha; aqui, debaixo dos olhares de Deus. Eu mesmo te vou deitar como tantas vezes o fiz quando dormias no berço, que ficará sempre vazio! Ó meu Deus, que vida vai ser a minha, se te não compadeces de mim, Senhor!

E, sufocado de choro, que rompia agora abundante, o desesperado pai ajoelhou junto do esquife, onde depôs com cautela o corpo da filha.

— Obrigado, menina Madalena, por dar à minha pequena um lugar ao pé da sua mãe; obrigado. Junto

daquela santa parece-me que dormirá em sossego. A minha pobre filha!

E, pousando nos lábios frios da criança um beijo prolongado, cheio de paixão e de saudade, levantou o esquife nos braços para, pelas suas próprias mãos, o descer ao jazigo. Antes, porém, de fazê-lo, beijou ainda uma vez aquela de que mal podia separar-se.

Cedo baixou sobre o pequeno esquife a pedra tumular.

Nem um só movimento, nem uma só voz tentou opor-se àquele ato, contra o qual momentos antes se erguia irreprimível a resistência popular.

Os influentes mais insofridos tinham abandonado o campo.

O primeiro que o fizera fora o missionário. Desde que vira assomar a figura do Cancela, vieram-lhe ao espírito umas memórias pouco agradáveis, e julgou avisado retirar a tempo.

Ao terminar esta cena, o próprio morgado e o inseparável Cosme já não estavam presentes. Saíram desde que viram os ânimos pouco dispostos a secundá-los.

Os circunstantes quase faziam já coro com as arguições do Cancela contra os excessos do fanatismo e do beatério.

— A falar a verdade — dizia um — este pobre homem tem alguma razão. Isto de meter cismas às crianças!

— E a Rosita do Gaudêncio olha que vai por a mesma.

— Também é de mais.

— Eu por mim se fosse a ele. Não sei o que faria.

Nestes e noutros dizeres se iam retirando do cemitério.

Não seria difícil a um espectador aproveitar aqueles mesmos braços e armas para organizar uma sedição sobre uma divisa oposta à que primeiro os convocara.

Ao ver cerrar-se a campa sobre o corpo da filha, o Cancela caiu de joelhos, sufocado em choro.

As crianças presentes, por o contágio da comoção, a que é tão sujeita aquela idade, choraram também.

Madalena ia a consolá-lo, mas o sentimento próprio não a deixou falar.

Só pôde pousar-lhe em silêncio a mão no ombro.

O Cancela apoderou-se dela, e, levando-a aos lábios, rompeu em mais desafogado choro do que nunca.

A noite crescia; cada vez era mais cerrado de nuvens o firmamento.

Os sons das Ave-Marias vibraram nos ares, prolongados e tristes. O padre velho pronunciou em voz alta a saudação angelical. Responderam-lhe as crianças.

Tudo concorria para aumentar a extrema melancolia do quadro.

O Cancela a muito custo se resignou a arrancar-se dali.

A Morgadinha voltou a casa com o coração opresso de tristeza.

CAPÍTULO XXVI

Quando Madalena voltou ao Mosteiro, encontrou a casa em completa agitação.

Momentos antes tinha sido para lá transportado, quase sem acordo, Henrique de Souselas, que um criado de lavoura se encarregara de trazer da taberna, onde o Canada o recolhera, até o Mosteiro, sobre um carro de erva que vinha guiando.

Ao ver naquele estado o sobrinho da senhora de Alvapenha, D. Vitória perdeu totalmente a cabeça, e, em vez de tomar as providências que o caso pedia, deu em ralhar, em fazer exclamações, em andar de sala em sala, de corredor em corredor, sem tenção formada, sem método, sem direção. Levava as mãos à cabeça, juntava-as consternada; dava uma ordem ociosa; mandava logo suspender a execução dela; impacientava-se; chamava a toda a pressa um criado e não sabia depois o que tinha para dizer-lhe; estranhava a

tardança de outro que não mandara chamar, e sem dar afinal expediente a coisa alguma, nem saber o que fizesse.

Os criados ressentiam-se desta falta de inteligente direção; paravam embaraçados, ou corriam sem saber para onde, nem para quê, e sem adiantarem serviço.

As crianças concorriam também para esta desordem, porque, cheias de susto, andavam agarradas às saias de D. Vitória, que nem sequer dava por elas.

Cristina foi a única pessoa que conservou a presença de espírito naquela ocasião.

Nada do que fazia era inútil; nem uma só ordem dava que pudesse dizer-se ociosa; graças ao método com que procedia, às instruções que ordenava, a tudo se providenciou convenientemente, sem que D. Vitória o percebesse até.

Cristina também, ao ver chegar Henrique naquele estado assustador, sentira-se desfalecer; mas disse-lhe a consciência que lhe era precisa toda a firmeza, visto que estava ausente Madalena, em quem somente poderia descansar, e logo achou na necessidade valor, e, com

serenidade aparente, só traída pela extrema palidez das faces, a tudo atendeu, tudo previu, tudo providenciou.

Sem uma exclamação, sem uma palavra de desespero ou de susto, sem nem ao menos erguer o tom de voz, ou modificar a inflexão afável, que lhe era natural, preparou um quarto para Henrique e nele todos os aprestes que o seu grave estado pedia, dirigiu os primeiros socorros com inteligência e eficácia, mandou chamar o cirurgião, enviou a Alvapenha parte do sucedido, e ordenou que procurassem Madalena, ocupando nisto a menor gente possível, e deixando a outra toda como alimento à impaciência da sua mãe.

A índole de Cristina tinha destas energias essencialmente feminis e simpáticas. Não era para o salão que se formara e educara o ingénuo e meigo carácter da prima de Madalena. Aí tomava-a um acanhamento, que já não conseguiria vencer, mas nas lides domésticas, na vida do lar era dessas corajosas lutadoras, a quem a desventura não derruba, cuja inteligência por tudo se reparte; destes génios providenciais, que pairam sobre o estreito horizonte da família, ativos, laboriosos, achando nas fadigas um prazer; nos sacrifícios, estímulos para mais amar; nos sorrisos que

provocam, nas dores que aliviam, nas lágrimas que enxugam, prémio bastante para compensar as penas que sofreram.

Mulheres são estas nascidas para serem esposas e mães, o que é quase o mesmo que dizer: nascidas para serem mulheres.

A chegada de D. Doroteia, que acudiu apressada logo que soube o que sucedera ao sobrinho, não dispensou Cristina destes cuidados, que voluntariamente tomara.

Conquanto a senhora de Alvapenha fosse mais razoável do que D. Vitória, e de temperamento menos suscetível daquelas inúteis efervescências, em que esta se deixava arrebatar, não era também mulher para casos destes.

Na sua longa vida de celibatária sem família, D. Doroteia perdera ou embotara a faculdade preciosa de acertar bom caminho em qualquer imprevista ocorrência.

Facto que destoasse dos monótonos hábitos do seu viver de muitos anos já a lançava em sérios embaraços. Ela própria confessava que ainda há pouco tempo começara a afazer-se

à estada de Henrique em Alvapenha, e a fazer o que era seu costume fazer antes de ele vir.

É, pois, evidente que D. Doroteia pouco mais podia fazer do que rezar, e para isso ninguém estava mais habilitado do que ela. Em relação à corte celestial era a boa senhora como estes almanaques vivos, que nos sabem dizer todos os canais por onde os diferentes negócios poderão ser melhor conduzidos nas cortes. terrestres. Conhecia a especialidade de cada santo e para cada um tinha uma fórmula de requerimento particular.

Cristina não a consentiu por muito tempo no quarto de Henrique, onde, com as melhores intenções, mais embaraçava o serviço do que auxiliava; usando de uma débil violência, foi-a levando para a sala do oratório, onde ela encetou uma reza sem fim.

Quando a Morgadinha chegou, ainda perturbada com as cenas do cemitério, e soube do sucedido na taberna, correu, assustada, para verificar a realidade do que lhe diziam.

Nos corredores encontrou um criado caminhando apressado num sentido, uma criada em sentido oposto, enquanto que, na sala próxima, D. Vitória tocava freneticamente a campainha a chamar por ambos.

Madalena dirigiu-se para lá.

Quando entrou, estava D. Vitória pronunciando uma daquelas intermináveis e arrevesadas objurgatórias, de que só a fecunda verbosidade feminina é capaz. Em geral as mulheres, seja dito antes em honra do que em censura do sexo, são oradoras de muito mais fôlego que os homens que blasonam de eloquentes. O assunto mais simples, uma colher que se perdeu, uma peça de louça que se quebrou, por exemplo, fornecem-lhes tema para uma prédica de duas horas.

Encaram o assunto por todos os lados, parafraseiam-no de mil formas e estendem milagrosamente por muitos períodos aquilo que a um homem a custo daria para uma magra oração.

— Mas onde estavas tu? Sim, eu quero saber onde é que tu estavas. Faça o favor de me dizer onde é que estava!

Isto dizia D. Vitória a um criado, estatelado diante dela, com a cara e postura de réu.

Eu, senhora. — ia ele a dizer.

— Eu senhora? Eu senhora? Eu nada. Ora é o que é. Um desaforo assim! Eu só quero saber se vossemecê ganha soldada para andar lá por onde muito bem lhe parece. Por as tabernas. por as vendas. Porque ele não há mais. Como o dinheiro se vai roubar à estrada. O que tu merecias. Estou eu aqui a chamar há mais de duas horas e vossemecê aparece-me lá quando é muito do seu gosto! Isto atura-se? A culpa tem quem eu sei. Tu pensar que mandriar não é roubar?

— Mas.

— Cale-se! Ouça e cale-se. Tens a língua muito pronta para responder. Ora toma-me cautela, senão vais já, já pela porta fora. Pouca vergonha! Uma pessoa aqui aflita, com as coisas por fazer, a querer mandar onde é preciso e não aparece um criado nesta casa! A pagar-se aqui umas soldadas por aí além, e, quando se quer o serviço feito, tem uma pessoa de o fazer pelas suas mãos! Tu pensas que isso

não é pecado também? Deixa, meu amigo, que tens boas contas a dar de ti. Quem é que lhe deu licença de sair sem ordem dos seus amos? Faz favor de me dizer?

— A Sra. Cristininha.

— Eu não quero saber da Sra. Cristininha, quero saber mas é quem lhe deu licença para sair!

— Mas é o que eu estou dizendo à senhora.

— É muito padre-mestre. Ora não seja confiado e veja como responde.

Enfim, este diálogo prometia ser eterno, não obstante a urgência de serviço de que falava D. Vitória, serviço que ela própria adiava com este importuno sermão.

A entrada da Morgadinha operou uma diversão. D. Vitória esqueceu-se do criado, o qual pôde retirar-se sem ser percebido e sem receber as ordens urgentes para que fora chamado.

D. Vitória começou a contar a Madalena o sucedido, conforme ela própria o soubera do rapaz do carro em que viera Henrique.

— Andam desaforados — concluiu ela. — Já nem atendem a uma pessoa de respeito. É porque não há justiça nesta terra. Estão para aí uns patetas de umas autoridades que são outros que tais. Era preciso um exemplo. Aí está quando eu, se fosse rei, não tinha pena nenhuma: havia de os esquartejar e era bem feito!

Cumpre dizer que D. Vitória não era capaz de bater num gato.

A Morgadinha contou também rapidamente o que sucedera no cemitério.

Então é que trasbordou a indignação da tia.

— Tu que dizes, menina? Tu está s a falar sé rio? Pois eles? Em nome do Padre. Que mais teremos ainda de ver? Ó meu Deus! E esses malvados estão ainda na rua? Deixa que o teu pai há de ainda saber. Não, isso não fica assim. Daqui a pouco põem-nos o pé no pescoço. Nada, nada; para os malvados é que se fizeram as forcas. Ora deixa que. Isto aqui anda trama.

— Não falemos mais nisso. Agora vou ver o estado do ferido.

— Vai, e vê se encontras por aí alguns criados. Eu não sei onde eles se meteram. Há de ser preciso ir à botica, e muitas mais coisas, e não vejo nenhum!

Madalena deixou a sua tia a tocar outra vez a campainha.

Encontrou-se na sala imediata com Cristina, que ia em direção ao quarto de Henrique, com um copo de água acidulada.

— Que há, Criste? — perguntou-lhe Madalena.

— Que há de haver, Lena? — respondeu Cristina com tristeza, mas com serenidade ao mesmo tempo — uma desgraça, mas que Deus há de permitir que não seja sem remédio.

— Como está ele?

— Estonteado ainda, mas um pouco mais tranquilo do que quando chegou. Os balanços do carro fizeram-lhe mal. Com as bebidas calmantes que lhe tenho dado, achou-se bem.

— E ainda não mandaram chamar o cirurgião?

— Já mandei, já veio, já o sangrou, já.

— Mas a tua mãe não o sabe e ia mandar.

— Deixa-a lá, Lena. Deixa-a lá com os criados, que por agora não convém que venha. Ele precisa de sossego. Já mandei sair daqui a tia Doroteia, que não adiantava serviço. Queres vir vê-lo?

Madalena seguiu a prima, e entraram ambas no quarto de Henrique.

Mantinham-se ainda em Henrique as consequências da profunda comoção cerebral, que lhe produzira a queda. A tendência ao estado comatoso que apresentava tornava incerto o resultado e melindrosíssimo o caso.

Voltara-lhe a razão e os sentidos; mas tardia aquela, e estes sem possibilidade de longa fixação em qualquer objeto. Sobretudo, o que nele se notava pouco de tranquilizar, era uma indiferença mórbida pelo seu estado e por tudo quanto o cercava.

Aceitou das mãos de Cristina a bebida refrigerante, que ela mesma preparara, com os movimentos quase instintivos do sonâmbulo.

No fim, como se o prazer que o frescor do líquido lhe causara lhe avivasse por instantes a consciência, fitou em Cristina um olhar de gratidão, sorriu-lhe, e, pousando outra vez a cabeça no travesseiro, fechou os olhos para dormir. Esta sonolência era habitual.

Cristina não ficou inativa; preparava um remédio, arrumava um móvel, desviava os raios da luz da cara do enfermo; ia ao corredor mandar calar os irmãos ou os criados, ou desfazer alguma dúvida suscitada por os últimos sobre o cumprimento de qualquer ordem; outras vezes parava a espiar o aspeto do doente e a escutar-lhe o ritmo do respirar. E sempre movendo-se ágil e sem ruído, diligente e sem confusão.

Madalena, que se sentara a um canto da sala, quase subjugada pelas muitas e violentas comoções daquele dia, contemplava a atividade da prima e estranhava-a.

Ela própria, que melhor do que ninguém conhecia Cristina, nunca a supusera capaz daquela firmeza de ânimo e daquele espírito metódico e providencial de que estava dando agora irrecusáveis provas.

Apreciara-lhe até então os dotes de criança, a bondade do coração, os extremos de afeto que possuía; mas ainda a não tinha visto tomando assim tanto a sério a sua missão de mulher e desempenhando-se dela tão dignamente.

Esta ordem de reflexões conduzia naturalmente a outras o espírito da Morgadinha. Reparando para Henrique, assim derrubado no leito, e como que sob a proteção de uma tímida e débil criança que, mais do que ele, parecia carecer de amparo, Madalena não pôde reprimir um sorriso benigno e pensou:

— Sim; aquela cabeça estouvada pôde até hoje passar por este anjo sem o conhecer; mas é preciso não ter coração para que, ao erguer-se daquele leito, não seja o seu primeiro movimento o de ajoelhar diante dela para a adorar. E Henrique não é falto de coração. Lida, lida, minha boa Cristina, que para a tua felicidade lidas. Foi a Providência que quis que tu vencesses com as mais abençoadas armas que concedeu à mulher. Confio em Deus que vencerás. Deixar-te-ei todas as fadigas, para te pertencer todo o prazer.

E, em harmonia com esta resolução, a Morgadinha absteve-se de intervir no tratamento de Henrique.

CAPÍTULO XXVII

Foi opinião do facultativo que tratou de Henrique que a vida deste correra sérios riscos durante a primeira semana, por não sei que complicação que se lhe manifestou no decurso da moléstia. Se se enganou o prático, não nos compete a nós decidir; aceitemos-lhe a opinião, como de legítima fonte, e não profundemos matéria alheia ao nosso intento.

Ao fim dos oito dias, porém, começaram a manifestar-se melhoras evidentes, e o próprio facultativo foi o primeiro a assegurar às senhoras, que sempre o vinham consultar à saída com ansiosa curiosidade, que o «homem estava salvo».

De facto, nos primeiros períodos da doença, Henrique caíra, como já dissemos, num daqueles estados de indiferença para tudo e para todos, de que se não pode agoirar nunca bem. Agora, porém, começava já a manifestar atenção para os cuidados de que era objeto, e a

agradecer, com palavras de sincera gratidão, o tratamento afetuoso que recebia naquela casa e especialmente os desvelos de Cristina.

Esta fora efetivamente sempre incansável, solícita e carinhosa enfermeira.

Os cuidados de que o rodeava, como a um irmão, absorviam-lhe todos os instantes; prever-lhe os desejos, adivinhar-lhe as penas, procurar-lhe alívio às dores físicas ou morais, era agora para ela a tarefa de cada momento, a preocupação permanente de todos os pensamentos.

Henrique costumara-se a ver mover-se no seu quarto aquela meiga e delicada figura de mulher, criança de ontem, a ouvir-lhe o timbre suave e ainda um pouco infantil da voz, a cruzar o olhar com aquele olhar brando que o fitava com simpatia e meiguice, e já se não sentia bem, longe dela, e a cada momento, se estava ausente, dirigia as vistas para a porta à espera de a ver aparecer.

Madalena espiava estes sintomas, notava a influência crescente de Cristina sobre o ânimo do rebelde, que até ali fora insensível, e exultava. Muito de propósito, a

Morgadinha afastava-se o mais possível da cabeceira do enfermo, por uma razão análoga à que obriga os pintores a deixar em meias tintas os acessórios de um quadro, para que a atenção se fixe no objeto principal.

Madalena estava também dispondo uma obra de arte, na qual Cristina devia ser a figura principal.

Neste intento, a Morgadinha conservava às visitas que vinha fazer a Henrique um ar cerimoniático, que contrastava com a insinuante familiaridade da prima. Para isso teve Madalena de sufocar os impulsos da sua índole de mulher, e de mulher que tão bem compreendia os deveres da sua missão, ao mesmo tempo carinhosa e heroica. Apresentava-se o mais estranha que lhe era possível a estes pequenos cuidados, que tão irresistível influência exercem no coração do homem que experimenta a ventura de ser objeto deles.

De dia para dia crescia o ascendente de Cristina sobre Henrique, e crescia à custa de Madalena.

Esta percebia-o e não cabia em si de contente com a descoberta. É necessário ser dotado de um grande fundo de

generosidade, para que um coração de mulher faça destas descobertas com o íntimo contentamento que Madalena sentia. É tão natural defeito a vaidade! — Não se exprime o prazer que Henrique experimentava a cada pequeno incidente da vida doméstica, que punha em relevo este predomínio de Cristina.

Havia uma hora no dia em que Henrique gozava um destes prazeres plácidos, de que tão pouco abundante era todo o seu passado.

Ao fim da tarde, D. Vitória, Madalena e toda a família do Mosteiro, e a própria tia Doroteia reuniam-se, no quarto do doente para tomarem o chá. Não era, porém, a presença de nenhuma delas, nem a de Madalena, que o consolava e obrigava a suspirar por aquela hora, mas uma pequena circunstância, que fará sorrir um homem de sensibilidade embotada, enquanto o facto se não der com ele. Era que Cristina, que em qualquer outra ocasião cedia sempre a Madalena a direção dos trabalhos domésticos, aí dentro não resignava em ninguém essas funções. Tomava naturalmente as maneiras de dona de casa, e recebia a

mãe, a prima e todas as outras como visitas de intimidade, mas, em todo o caso, visitas.

Não se imaginam os encantos que Henrique achava àquilo. A ele próprio parecia já que de facto o prendiam a Cristina laços mais íntimos, laços mais de família, do que às outras senhoras. Era assim que qualquer pedido que tinha a fazer o dirigia sem hesitar a ela, como o faria a uma irmã; enquanto que naturalmente custava-lhe a incomodar outra qualquer pessoa, e não o fazia sem as desculpas e cumprimentos do estilo, que para ela não usava já.

Outra particularidade o enlevava tanto como esta. Era a maneira despótica porque o governava Cristina, fazendo-o cumprir à risca as dietas e as prescrições do facultativo, recusando-se obstinadamente a deixá-lo ler, e até ralhando-lhe às vezes com severidade quase maternal, aparências de dureza que ocultavam tesouros de sensibilidade e de afeto.

O pobre rapaz, que não conhecera família, que nunca vira do seu leito de doença, nas vezes que caíra nele, o vulto suave e consolador de uma mãe, de uma irmã ou de uma esposa sorrir-lhe ao despertar, interrogá-lo com essas entonações carinhosas, que nos provocam o cobrir de

beijos a mão que nos estende a taça do mais amargo remédio; ele que não sabia ainda o que era sentir-se amparar a cara, que escalda de febre, pelo apoio de uma débil mão de mulher, a que o amor dá forças extraordinárias, comovia-se até às lágrimas agora, e quase não pensava sem tristeza na convalescença, que havia de o privar daqueles cuidados afetuosos.

O olhar com que fitava Cristina todas as vezes que ela se lhe aproximava do leito era mais eloquente de reconhecimento do que todas as palavras que lhe dizia, do que todas quantas lhe poderia dizer.

Agora o enleado e tímido era ele; Cristina, a corajosa.

Um dia, em que Henrique parecia sofrer mais do que de costume, e em que se agitava no leito com a inquietação da febre, Cristina, depois de lhe dar a beber o calmante que lhe prescrevera o médico, perguntou-lhe, com a mais adorável candura:

— Não sabe rezar?

— Henrique sorriu, respondendo:

— Julgo que desaprendi já as orações que a minha mãe me ensinou.

Cristina calou-se e ficou tristemente pensativa.

Aquela alma inocente perguntava a si mesma que consolação encontraria nas provações da vida um espírito que não soubesse recolher-se na oração.

Henrique, que a viu assim, disse-lhe:

— Quer-me ensinar a rezar, Cristina?

Cristina fitou nele um olhar perscrutador, como para sondar a intenção daquelas palavras.

— Juro-lhe que recitarei com o fervor, de que ainda for capaz a minha alma, as orações que me ensinar.

Cristina respondeu-lhe gravemente:

— Reze, reze e verá como nisso achará consolação. Vou emprestar-lhe o meu livro de orações; quer?

— Porque me não há de antes ensinar, como a minha mãe o fazia?

Cristina ouviu com seriedade a proposta.

E o certo é que um dia, em que Henrique passara pior, Madalena ouviu, na sala próxima, Cristina, recitando uma singela prece à Virgem, e o doente repetindo-a com docilidade de criança.

Como se ririam dele os seus amigos da capital, se naquele momento o vissem! Mas rir-se-iam de um fenómeno naturalíssimo, de uma destas modificações a que todos os caracteres estão sujeitos, quando se dão a atuá-los dois elementos tão poderosos, como se davam em Henrique — a doença, que quebra a inteireza das índoles mais rijas e abre o coração às doces influências — e a catequese feminina, a mais poderosa, eficaz e irresistível de todas.

Não direi que fosse com inteira fé que o doente orava; talvez que houvesse mescla de sentimento profano no prazer suave que experimentava ao orar assim; é certo, porém, que, desde então, frequentes vezes, se lhe desviavam os olhos para o pequeno crucifixo que Cristina trouxera do seu quarto para a cabeceira do leito de Henrique.

Outra vez, quando Cristina acabava de fazer-lhe tomar um remédio, Henrique, obedecendo aos impulsos da sua

gratidão, beijou-lhe, comovido, a mão, que ela ia a retirar.

Que faz? — disse Cristina, corando e afastando-a.

— Deixe-me beijar a mão piedosa que me prendeu à vida, à vida que só agora comecei a amar.

— Ora vamos — acudiu ela, com um meigo tom de repreensão.

— Como não quer que a adore, Cristina, depois de se fazer anjo para me salvar? Não costuma rezar ao seu anjo-da-guarda?

— Repare que eu não tenho asas de anjo.

— Mas voa mais alto ao Céu, quando desce assim a velar por um pobre doente como eu, que nenhuns títulos possui para lhe merecer essa dedicação, pobre menina! Que vida tem sido a sua há tantos dias?

— Nenhuns títulos? Que diz? — disse Cristina com um sorriso adorável.

— Pois quais?

— Então não somos primos? — disse ela, jovialmente.

E saiu do quarto, com aquele andar ligeiro e fácil que tanto enlevava Henrique.

Estava já Henrique em convalescença, e o facultativo permitira-lhe alguns passeios pela quinta, mas ainda não a sua transferência para Alvapenha. O lugar favorito de Henrique nestes passeios era à sombra de umas laranjeiras, que havia a pouca distância de casa. Das janelas do quarto de D. Vitória descobria-se o lugar. Quando as manhãs estavam serenas, Henrique para ali ia, com um livro que não fazia tenção de ler, e apoiando-se ao braço de Cristina, que levava a costura para junto dele, para lhe fazer companhia.

D. Vitória seguia-os da janela com as suas recomendações.

— Por aí não, Criste! Olha que é muito húmido. Dá antes a volta pela nora. Assim. Cautela com essas ervas, que hão de estar molhadas. Vê lá que não esteja frio. Olha se esses troncos estão molhados.

Henrique tornava-se melancólico e sombrio nestes momentos, a ponto de uma manhã Cristina o interrogar naquele tom de familiaridade afetuosa, que começava a

poder ter para com ele, desde que o vira fraco e doente e a carecer do seu auxílio e proteção.

— Que é isso? Porque está sempre triste, agora que vai melhor?

— Estou triste, porque estou melhor — respondeu Henrique.

— Que está a dizer?!

— A verdade. A poucos doentes terá sucedido o que sucede comigo; este renascer para a vida, este sangue novo que sentimos circular nas veias, este vigor que de instante para instante conhecemos acumular-se em nós, que tantos gozos dá aos convalescentes, a mim fazem-me entristecer; como que estou pressentindo já as saudades deste tempo que passei prostrado no leito da doença, Cristina.

— Não diga isso.

— E admira-se? Se ele foi o tempo mais feliz da minha vida! Não sabe que me eram desconhecidos inteiramente os inefáveis carinhos de família que me fez experimentar? Com a saúde vão voltar para mim os dias da solidão, do desconforto, daquela vida gelada e inútil que abomino,

desde que comecei a conceber outra desde que ma fez conceber, Cristina! Quando penso em voltar para Lisboa.

— E tenciona voltar?

A esta pergunta, feita com a maior naturalidade, Henrique sentiu uma íntima comoção. Há destes efeitos. Às vezes o olhar menos significativo, a palavra menos pensada é pelo coração interpretada de maneira tal que ele próprio se sente estremecer.

— E queria que eu ficasse, Cristina? — perguntou Henrique, sob o domínio desta impressão.

Cristina não respondeu logo.

— Deixe-me acreditar que sim; é bastante generosa para isso, para não ver partir sem saudade o homem a quem salvou com os seus extremos de irmã. Esta ideia será a minha consolação; deixe-me partir com ela.

— Partir? Mas. para que há de partir?

— Então quer que me fique perpetuamente com aquela boa tia Doroteia, cuja vida plácida vim alterar com os meus hábitos cidadãos?

— Pois não lhe custaria ela mesma vê-lo partir? E depois. que vai fazer para Lisboa? Adoecer outra vez, ou cismar que está doente, que é quase a mesma coisa.

— E dar-me-á sempre a sua amizade se eu ficar?

— Porque havia de lha negar?

— Tempo virá em que outros me disputarão a menor porção de afeto que me conceder, Cristina... então...então é que eu ficarei mais só do que nunca. ou mais do que nunca sentirei que o estou.

— Anda só, porque quer. Não há tanta gente por esse mundo?

— Então a menina não sabe que se está só mesmo em companhia? Quem está só é a alma. Ai, a alma está só quase sempre!

— Porque quer.

— Porque desconfiou das companhias que se lhe ofereciam, e porque não obteve a que desejava. Além de que há almas tão tristes que intimidam as outras. E a minha é dessas. Ora diga, se eu lhe pedisse para fazer

companhia à minha alma, a esta alma melancólica e sombria com que nasci, não hesitaria? Confesse.

Depois de um momento de silêncio e hesitação, Cristina respondeu:

— Se a companhia da minha fosse bastante para desfazer essa tristeza.

— Concedia-ma?

— E porque havia de negar-lha?

Henrique tomou-lhe a mão, apaixonado.

— Cristina, sabe que essas palavras podem fazer-me conceber loucuras? Se o meu coração é tão ousado.

Cristina, corando, retirou a mão de que Henrique se apoderou, e, levantando-se sobressaltada, disse:

— Julgo que são horas do seu remédio. Vou preparar-lho.

E fugiu, correndo em direção de casa.

Cenas mais ou menos análogas a esta reproduziam-se todos os dias durante a convalescença de Henrique. Reinava o idílio e uma como perfumada atmosfera, que exercia

profundas revoluções no carácter de Henrique e de Cristina. Ele ia perdendo de dia para dia aquelas exterioridades artificiosas que Madalena por tanto tempo combatera em vão; ela, Cristina, ganhando vida, atividade, sofrendo uma dessas metamorfoses análogas às da vida de borboletas; da infância, estado de crisálida para a imaginação, passara à verdadeira juventude, ao período em que a imaginação ganha asas, em que o coração se completa.

Desde que Henrique se achava em estado de passear, não havia razão plausível para permanecer no Mosteiro; portanto tornou-se inevitável a mudança para Alvapenha.

Já se não fez sem lágrimas a despedida.

Choraram as crianças, chorou D. Vitória e a própria Madalena se sentiu comovida; só Cristina não se achava na sala em que se passou a cena.

Encontrou-a Henrique no patamar da escada por onde tinha que sair.

Seria casual esta circunstância?

Henrique não perguntara por Cristina; dizia-lhe o coração que a encontraria ali.

— Volto à minha solidão, Cristina — disse-lhe, comovido. — Não lhe tinha eu dito?

A pobre menina quis sorrir, mas do esforço que para isso fez só lhe resultaram lágrimas.

— Não diga mais nada — disse Henrique, levando aos lábios a mão, que ela não retirou. — Essas lágrimas bastam-me.

Escusado é dizer que estas palavras mais lágrimas produziram.

E Henrique desceu do patamar com a vista enevoada por elas.

Cristina ficou a chorar na varanda.

A Morgadinha veio, sem ser sentida, abraçá-la, dizendo:

— Pago-te hoje o abraço que me deste no outro dia; mas eu escuso de te perguntar: «Pois tu amava-lo?»

— Ai, Lena! — exclamou Cristina, cada vez chorando mais.

— Faltava aos vossos amores este arremedo de infelicidade, e imaginarem uma separação de duzentos passos para poderem representar a cena das despedidas, e chorarem como Paulo e Virgínia. Impostores! — dizia Madalena, para consolá-la.

Em Alvapenha, Henrique passou horas de intensa melancolia. Impacientavam-no as conversas da sua tia e de Maria de Jesus, a qual tais mudanças notava nele, que chegou a aventar à ama a ideia de que a doença tinha transtornado o juízo ao rapaz, opinião que D. Doroteia levou muito a mal.

Outro sintoma que se manifestou em Henrique foi a indignação que lhe causou a carta de um amigo que, com o maior ceticismo, lhe perguntava notícias dos seus hábitos pastoris e das Tirses e Galateias que o traziam enlevado. Henrique revoltou-se desta vez, com todo o fogo do coração, contra aquele tom frio e sarcástico da epístola, e nem lhe respondeu.

Depois teve Henrique uma visão.

Não se assustem os leitores que antipatizam com o maravilhoso. Nada há aqui que se pareça com as visões épicas; foi uma visão como muitas, que nós todos, uma ou outra vez na vida, experimentamos; um desses espetáculos que nos prepara de vez em quando a imaginação, esta fértil e poderosíssima criadora, que nos acompanha incessantemente. A quem não terá, de facto, sucedido ver transformar-se pouco a pouco uma perspetiva, desvanecerem-se os efeitos da visão exterior, enfraquecerem as impressões dos sentidos, e avultarem, tomarem forma, realidade, vida, as imagens de uma mais íntima, espontânea e misteriosa visão?

Estava Henrique à janela do quarto que habitava em Alvapenha. Sabemos já que se gozava dali um panorama extenso e ameníssimo. A tarde parecia de Primavera. Henrique corria com prazer a vista pelos diferentes lugares da Quinta de Alvapenha, com as suas noras e medas, colmeias, eiras, cabanas e sebes. Era uma verdadeira quinta rural, ressentindo-se, porém, um pouco de ser a proprietária dela uma senhora velha, e com pouca atividade para tratar de lavouras.

Pouco a pouco deixava Henrique de ver a quinta como ela era.

Principiava a visão interior.

As árvores copavam-se de folhagem; messes aloiradas ondulavam nos campos; numerosos rebanhos cobriam os lameiros extensos; atulhavam-se de cereais os celeiros; alastrava-se de grão o chão das eiras; gemiam as noras e os lagares; soltavam-se às presas os diques, e uma verdadeira rede líquida envolvia nas suas malhas a vegetação dos campos; alvejavam as camisas dos ceifadores e ecoavam nos montes e arvoredos as cantilenas aldeãs; e os mais característicos e poéticos episódios da vida agrícola desenrolavam-se aos sentidos, deleitosamente alucinados, do sobrinho de D. Doroteia. Era uma perfeita geórgica! E ele a dirigir todos os trabalhos, a regular o serviço, verdadeiro patriarca ao modo antigo; e ao seu lado, e em toda a parte, à sombra de uma árvore, à borda do tanque, debruçada no muro, por entre os silvados das sebes vivas, uma figura suave, casta, adorável. a figura de Cristina!

Quem meses antes adivinharia que Henrique de Souselas, o homem elegante, o homem da moda, em quem estavam

encarnadas todas as qualidades boas e más da sociedade que frequentava, havia de ter uma visão como esta?

No quase êxtase em que a imaginação o lançara, permanecia ainda, quando soube que o procuravam de mando das senhoras do Mosteiro.

Apressou-se logo a receber a visita.

Era o velho Torcato que vinha saber dele, de mando de D. Vitória e das meninas.

O pobre homem era um dos que ficara com afeição a Henrique depois que este estivera no Mosteiro.

Henrique ouvia-o com uma paciência, que ele já em poucos encontrava, contar as longas histórias dos seus tempos passados, e isso era o bastante para o velho lhe querer bem.

— Diga às senhoras que eu mesmo irei ralhar com elas, pelo incómodo que estão tendo comigo. E você também, Torcato, na sua idade, estes passeios.

— Ai, não tem dúvida. Isto faz bem. É exercício afinal. Pois é verdade. Eu dantes corria a aldeia toda num minuto.

agora. Olhe que eu já tenho os meus anos! Veja lá, se no tempo dos Franceses eu era já homem feito. ainda me lembra.

Seguiu-se um episódio da época, e depois, sem transição sensível:

— Mas lá enquanto às senhoras. Isso sempre devo dizer que têm tomado um cuidado! Todas! Até a Cristininha!

— Sim?! Também essa?

— Ora se também! . Pois a Sra. D. Vitória?

— Mas. mas. Cristina. a Sra. D. Cristina, então.

— Isso é um coração de pomba. ainda há pouco, ao sair, já vinha no pátio, e ela veio ter comigo a correr, e disse-me: «Olhe, ó Torcato, há de reparar-lhe para a cara e ver se tem ar triste».

— Ela disse-lhe isso?

— É verdade. Eu, eu lá lhe vou dizer que o encontrei alegre como.

— Não, não; não lhe diga isso, homem — atalhou Henrique.

— Então porquê?

— Porque. porque. porque não é verdade. Então eu estou assim tão alegre como isso?

— Não digo que esteja, mas para a sossegar.

— Diga que me achou com saúde, mas triste. E não lhe disse ela mais nada?

— A Sra. D. Vitória.

— Falo de Cristina.

— Nada. Ai. Agora me lembra. Mas isso é segredo.

— Diga, diga.

— Não é nada; é uma promessa que.

— Uma promessa? Que promessa?

— Sim, olhe, eu digo-lhe, mas guarde segredo! Quando o senhor esteve muito mal, que nem o cirurgião dava nada por si, a Cristinita prometeu rezar na capela dos Canaviais as estações da meia-noite.

— As estações da meia-noite?

— Sim; as estações rezadas à meia-noite à Senhora que está na capela da casa dos Canaviais. É tão milagrosa que, dizem, nunca recusou favor que se lhe pedisse assim. Contava o meu pai.

E vinha um caso comprovativo da tradição popular.

— Sim, lembra-me que já me falaram nisso — disse Henrique, pensativo.

— É verdade. O pior é que é este seu criado quem tem de a acompanhar até à quinta, depois de amanhã à meia-noite.

— Então depois de amanhã à meia-noite?

— Sim, mas não diga nada, que isto é segredo da pequena.

— Esteja descansado.

E, depois de mais algumas histórias contadas por Torcato, e a que Henrique não ligou atenção, aquele retirou-se.

Ao ficar só, Henrique caiu em nova e profunda abstração. Elaborava-se-lhe na ideia um projeto. O de ir aos Canaviais para presenciar aquele ato de fervorosa devoção de

Cristina, que suplicara por ele enfermo, com o ardor da mais pura crença, com a efusão do mais generoso afeto.

Neste intento tratou de se informar a respeito dos caminhos que conduziam à quinta, que ele ainda não visitara, e sobre como penetrar até à capela da casa, onde devia ser cumprida a promessa.

D. Doroteia, D. Vitória e Madalena deram-lhe os esclarecimentos precisos sem que suspeitassem das intenções com que ele lhos pedia.

CAPÍTULO XXVIII

A casa e a quinta dos Canaviais, desabitadas depois da morte da velha morgada, madrinha de Madalena, era uma sombria residência, situada num dos mais ermos e melancólicos lugares da aldeia.

O tempo, cuja ação não contrastada se exercera livremente nelas, viera aumentar o aspeto soturno que desde a origem apresentava esta casa, enegrecendo-lhe as paredes, revestindo-lhe de erva os telhados, de musgo as padieiras e as junturas da pedra, e povoando-lhe de morcegos e de corujas os buracos dos muros. Enfim, a superstição popular terminara a obra, fazendo divagar as almas do outro mundo por aquelas salas e corredores vazios, e nas ruas daquela quinta, entregue à natureza.

A defunta morgada, que não se recolhera à aldeia senão depois de ter gozado na capital de todos os esplendores da vida das cidades, e brilhando nas mais concorridas e elegantes salas do seu tempo, gozava nesta pequena terra,

onde passara o resto da vida, de uma fama de espírito forte, que, em grande parte, concorrera para generalizar a opinião de que a sua alma andava ainda penando por cá.

Contavam-se entre o povo anedotas absurdas, em relação aos anos da mocidade da morgada. A imaginação popular fazia a biografia daquela senhora, colorindo-a com as tintas maravilhosas com que costuma fantasiar a vida dos grandes centros, de que vive afastada.

A morgada, que só renunciou ao mundo quando os espelhos começaram a falar-lhe da vaidade das glórias que repousam nos encantos da beleza, passou, como sucede muitas vezes, de um extremo a outro extremo, e da vida elegante às práticas de devoção.

Nos Canaviais ouvia missa todos os dias, confessava-se todas as semanas, comungava todos os meses, sem contudo resignar absolutamente os hábitos de elegância de que já fizera uma necessidade natural. Trajava sempre com distinção e esmero, e ao corrente das modas.

Tudo isto, e as próprias devoções da morgada acabaram por convencer o povo de que tinha grandes culpas no

passado dela, as quais procurava remir à força de missas. Dizia-se que a morte a viera tomar antes das contas saldadas, e que por isso a sua alma voltava à terra penando.

Já se vê que o lugar era para apavorar as imaginações tímidas e de noite pouca gente da aldeia gostava de passar por lá.

Henrique, depois de ter dito em Alvapenha que ia passar a noite ao Mosteiro, donde voltaria tarde, saiu mais cedo do que a hora devida, e, fazendo obra pelas informações da Morgadinha, dirigiu-se para os Canaviais para escolher posição donde pudesse, sem ser visto, observar Cristina, não tendo ainda resolvido se lhe apareceria ou se a deixaria imperturbada na sua piedosa tarefa.

A noite fizera-se escura e ameaçava chuva.

Henrique, iluminando-se com uma lanterna de furta-fogo, já um pouco habituado aos caminhos estreitos e escabrosos do campo, atravessou a aldeia, examinando com atenção todos os objetos que lhe deviam servir de indicadores da estrada.

Pouco passava das dez horas, quando se achou em frente de uma casa, que, por a aparência, julgou ser a demandada propriedade.

Era uma casa escura, crivada de pequenas janelas de peitoril, tendo a um lado o alto portão da quinta, do outro a capela, cuja porta Henrique achou ainda fechada.

O sussurro dos canaviais agitados pelo vento era uma garantia de haver acertado.

Principiavam a cair algumas grandes gotas de chuva e a escuridão a fazer recear grandes aguaceiros.

Henrique achou prudente procurar um abrigo onde pudesse resguardar-se. Neste intento aproximou-se do portão. Com grande espanto seu, achou-o aberto.

Já teria chegado Cristina? Enganar-se-ia ele na casa? Estaria habitada a quinta?

Estas três explicações do inesperado facto debatiam-se-lhe no espírito, sem que ele soubesse qual adotar.

Transpôs o portão e entrou na quinta. Nenhuma aparência de vida.

A chuva caía com mais força. Para se abrigar, Henrique subiu os degraus de pedra, no topo dos quais havia um patamar lajeado e convenientemente toldado.

Ao chegar ali achou também aberta a porta da primeira sala, e ao fim de um corredor pareceu-lhe divisar luz.

Henrique parou indeciso.

— Decididamente enganei-me. Não é aqui a casa dos Canaviais. Sempre perguntarei.

E bateu as palmas.

Ninguém lhe respondeu.

Bateu outra vez; o mesmo resultado.

Aventurou-se a entrar, deu alguns passos no corredor e bateu.

O mesmo silêncio; seguiu até o fim o corredor em direção à luz; chegou a uma sala mobilada com antigas cadeiras de alto espaldar, e iluminada por um candeeiro de metal, pousado na pedra da chaminé, em cujo foco brilhavam ainda uns carvões candentes.

— Parece uma história de fadas! — pensava Henrique. — Dar-se-á que a alma da morgada goste ainda das comodidades?

Ia a dirigir-se a uma porta para chamar, quando se abriu outra do lado oposto, e apareceu-lhe uma mulher velha, com um vestuário meio do campo, meio da cidade, e trazendo uma luz na mão. Henrique voltou-se e preparava-se para lhe dirigir a palavra, quando ela primeiro lhe disse:

— Procurava alguém o senhor?

— Peço perdão pelo meu atrevimento. Bati muito tempo à porta, e, enfim, como a visse aberta, decidi-me a entrar. Desejava saber onde é aqui a casa dos Canaviais.

— A casa dos Canaviais é esta mesma.

— Mas.. eu julgava... supunha ter ouvido dizer que não morava aqui ninguém.

— E não o enganaram. Hoje por acaso é que está cá a Sra. morgada.

— A Sra. morgada? — perguntou Henrique, sem bem saber o que devia pensar da resposta e de tudo que via.

— Sim, senhor; a Sra. morgada, e não tarda aqui. Ela esperava-o.

— Ah! A Sra. morgada esperava-me?

— É verdade — disse a mulher, sorrindo. — Adivinhou que o senhor vinha aqui. E o que é que ela não adivinha?

Henrique dava tratos à imaginação para compreender esta cena.

— Então é a Sra. morgada em pessoa que.

— Que o convida para tomar uma chávena de chá — disse uma voz por trás dele.

Henrique julgou conhecer o timbre daquela voz.

Voltou-se, viu a Morgadinha que entrava na sala, com o sorriso nos lábios e a mão estendida, com aquela habitual franqueza de maneiras, que de tantos encantos a revestia.

Henrique exclamou, admirado:

— A prima Madalena!

— A Morgadinha dos Canaviais, se faz favor. Competia-me fazer as honras da minha propriedade, que, pelos

modos, está para ser muito visitada hoje. Chamei, para me acompanhar, a Brízida, que viveu muitos anos aqui com a minha madrinha, e hoje vive em casa sua do rendimento do legado que aquela senhora lhe deixou. A Brízida é quem se encarrega de vir, de vez em quando, abrir as janelas desta casa, para que os ratos a não destruam de todo, e os tortulhos lhe não enfeitem as paredes.

— Mas como soube que eu.?

— Isso é um segredo. Não o esperava, porém, tão cedo, nem imaginei que nos viesse ter assim ao íntimo da casa. Fiquei embaraçada quando o ouvi. Ao princípio quase julguei que era a alma da minha madrinha. Mas fez bem em recolher-se. Ouve?

E com o gesto indicava a chuva, que já batia com força nas vidraças.

— O pior é se isto não espalha e a Cristina muda de tenção.

— O vento é do mar, menina; isto são aguaceiros — notou Brízida, como para desvanecer aquele receio.

— Pois sabe que Cristina vem?

Eu sei tudo. Ora sente-se ao fogão, que deve vir muito frio. Acendi o lume, porque estava aqui dentro um ar húmido e mofento, muito pouco hospitaleiro. — Brízida, olhe que se não percebam lá fora as luzes, que podem amedrontar Cristina. E feche a porta da sala. Abra o coro da capela e prepare chá para quatro. Aqui mesmo, Brízida, aqui mesmo, porque a cozinha está pouco habitável.

Enquanto Brízida cumpria as ordens que a Morgadinha lhe dava, esta, chegando uma cadeira para o fogão, sentou-se em frente de Henrique de Souselas.

— Agora conversemos amigavelmente, primo Henrique. E, antes de mais nada, responda-me a uma pergunta! O que o trouxe aqui?

— Pois não diz que sabe tudo?

— Até certo ponto, entendamo-nos. Não vã o tão longe as minhas faculdades que cheguem a devassar intenções, que, porventura, à própria consciência de quem as forma, repugne aceitar.

— Não é esse o meu caso; as minhas intenções são reconhecidas e aprovadas pela minha consciência. Vim

para assistir ao espetáculo comovente de um anjo que ora por mim. É um espetáculo a que ainda não assistira, prima. Admira-se da minha curiosidade?

— Acho-a natural e até. louvável. O ponto está que a sua convalescença esteja bastante segura já. Porque o primo Henrique convalesceu há dias de duas doenças.

— De duas?

— Sim; e a mais rebelde não foi a de que o cirurgião o tratou.

— Então?

— A pior, aquela de que eu tinha chegado já a desesperar, era a que lhe tinha descoberto, logo na sua chegada aqui, uma doença moral; revelava-se por uma maneira de ver as coisas, de pensar e de proceder, verdadeiramente doentia.

— Estou curado disso.

— Estará? Eu sei! É certo que já é bom sinal admitir que era doença.

— Dou pelo seu diagnóstico, prima, e até pelo tratamento que me aconselhou em tempo; falou-me na vida campestre, no interesse pelos negócios locais. E sobretudo numa paixão sincera.

— Ah! E experimentou a receita?

— Experimentei e curei-me.

— Ou tomou por forças de saúde o que era apenas o falso vigor da convalescença? Convém não abusar; ouço dizer aos médicos que são perigosas as recaídas.

— Pois teme que eu recaia?

— Porque não? Esta sua vinda aos Canaviais a horas mortas. conquanto motivada por louváveis intenções. tem ainda assim uma certa feição romântica. que era bom vigiar. Sempre vim para acudir a algum acidente.

— É um perfeito médico da época; não tem fé na eficácia dos remédios que prescreve.

— Tenho; mas não desacompanho a ação deles, isso não. Agora fale-me com franqueza: ao recordar-se de certas

ideias com que veio de Lisboa não se lhe figuram algumas estranhas e inaceitáveis já?

— Confesso que algumas.

— E compreende agora o que eu lhe dizia? O remédio para o mal do coração, que o minava, tinha-o ao seu lado, desde o primeiro dia que pusera os pés no Mosteiro, e teimava em ser cego para o não ver.

— Desde o primeiro dia? Pois Cristina.

— Cristina deixou de ser criança desde aquele dia.

— Querido anjo!

— Querido anjo? Diz bem; deve adorá-la; tal como ela é, ingénua, tímida, supersticiosa até, se quiser; mas bondosa, mas adorável, mas uma índole talhada para acalmar as paixões, demasiado violentas, de um carácter como o seu; para lhe fazer ter mais esperança na vida, mais coragem e mais fé no futuro.

Henrique, depois de instantes de silêncio, disse, sorrindo, para Madalena:

— Diga-me uma coisa, prima Madalena: compreendendo tão bem as necessidades do coração dos outros, não pensou ainda nas do seu?

— E quem lhe disse que as tinha?

— Conceda-me também um pouco da sua admirável perspicácia, e não se julgue tão impenetrável, que não ofereça leitura aos olhos que a observam.

— Ah! Então leu?

— Uma página eloquente de sentimentos generosos, prima; uma página que eu só agora estou habilitado para a apreciar como merece; página, porém, tão recatada, que julgo que ainda a não leu bem o principal interessado nela. Cego, como eu fui.

— Não leria? — perguntou Madalena, sorrindo. — Está certo disso?

— E pode ser que lesse, pode; ou pelo menos que por inspiração a adivinhasse. Há casos desses.

Madalena disse, mudando de tom:

— É ainda cedo para tratar de mim. Quando me resolver a isso, verá que sou um doente modelo. Não hesitarei perante a violência do remédio.

— E porque demora o tratamento?

— Pois parece-lhe que será urgente o caso?

— Prima Madalena, o que vejo é que há mais fortaleza da sua parte do que.

— Silêncio! — disse a Morgadinha, escutando.— Pareceu-me ouvir.

Neste momento a Brízida, que fora a uma sala imediata, voltou, dizendo em voz baixa:

— Parece-me que abriram as portas da capela. Devem ser eles.

— Então depressa — disse Madalena. — Abra-nos o coro; mas antes apaguemos as luzes. Teve uma feliz lembrança em prevenir-se com essa lanterna de furta-fogo. Traga-a e siga-me; mas oculte a luz. Não faça barulho.

Apagadas as luzes da sala, Madalena e Henrique entraram, por um corredor estreito, no coro da capela, donde a

morgada costumava ouvir missa, enquanto mandava patentear ao povo o pavimento inferior.

Quando ali chegaram, com as precisas precauções para não fazer estalar as tábuas do soalho, havia já em baixo uma luz escassa, que desenhava, longas no pavimento, as sombras de duas pessoas, ainda ocultas sob a varanda do coro.

Cedo se adiantaram para o altar, e claramente se reconheceu serem Cristina e Torcato.

Caminharam silenciosos até o altar principal. Torcato subiu os três degraus, sobre que este ficava elevado, e acendeu duas velas de cera que, em enegrecidos castiçais de madeira dourada, ornavam uma imagem da Virgem da Soledade. Espalhou-se no recinto uma froixa claridade, que não dissipou as sombras dos recantos, nem as que se condensavam no teto.

Cristina fez sinal então a Torcato, para que se retirasse; e o velho, com os passos arrastados e tossindo, caminhou para a porta, que dentro em pouco se ouviu gemer sobre os gonzos e fechar-se com estrondo.

Tudo ficou depois em silêncio.

Cristina então ajoelhou diante daquela imagem, que era a de que a tradição popular contava milagres, e em profundo recolhimento ficou imóvel a rezar a devoção prometida.

Henrique de Souselas sentia-se enlevado por esta cena. Aquela angélica criatura viera ali agradecer à Virgem o tê-lo salvado! Aquele anjo amava-o! Havia, pois, no Mundo quem o amasse com um amor puro e cândido, em que ele já nem acreditava. E cabia-lhe a suprema ventura de gozar um amor assim!

Madalena via com alegria a comoção de Henrique.

A oração de Cristina prolongou-se por alguns minutos.

Henrique murmurou, juntando as mãos:

— Deus te recompense, anjo, a consolação que me dás.

— Não peça a Deus o que está na sua mão — respondeu-lhe em voz baixa Madalena.

— Que diz?

— Está ou não sinceramente apaixonado?

— Como nunca imaginei que fosse possível estar.

— Crê na pureza daquele coração?

— Como na dos anjos.

— Está convencido de que o pode salvar, ela?

— Não há credo que professe com mais fé.

— Porque não vai então ajoelhar ao lado dela e jurar-lho?

— E consente?

— A Morgadinha respondeu-lhe, conduzindo-o ao princípio de umas estreitas escadas que, pela espessura da parede, iam do coro para a capela-mor.

— Aí tem o caminho — disse ela. — Siga-me.

E, servindo-se da lanterna de furta-fogo, foi descendo com precaução. Henrique seguia-a.

No fim da escada, Madalena ocultou de novo a luz, e, dados mais alguns passos, parou junto de um reposteiro.

— Agora faça o que lhe ditar o coração — disse ela para Henrique.

Este correu o reposteiro com precaução, e achou-se na capela.

Cristina rezava ainda, e, como a porta por onde Henrique entrara ficava por detrás dela, não o viu chegar.

Henrique ficou a contemplá-la todo o tempo que ainda durou a oração.

Ao levantar-se, Cristina, voltando a cabeça, descobriu-o, e soltou um grito de susto. A obscuridade que havia na capela não lhe deixou perceber logo quem fosse, o que mais lhe aumentou o terror.

Henrique caminhou para ela, dizendo-lhe:

— Não tenha receio, Cristina. Sou eu.

Reconhecendo-o, a tímida rapariga ficou espantada. Como se explicava a presença de Henrique naquele lugar? Nem tempo teve de imaginar explicações; Henrique acrescentou:

— Sou eu, Cristina; eu a quem a menina salvou e por quem com tanto fervor veio rezar aqui. Obrigado, mais uma vez lhe digo: obrigado, Cristina. Quis fazer-me compreender todos os castos e abençoados prazeres da

família; depois de me dedicar as suas vigílias, dedicou-me as suas orações. Deixe-me beijar-lhe a mão com todo o afeto, com toda a paixão que pode haver na minha alma.

E, dizendo isto, levou aos lábios a mão, que ela, de enleada, nem ousou retirar das suas.

— Agora peço-lhe, Cristina, que, já que me fez antever as delícias do viver de família, não me condene para sempre ao suplício de as não ver realizadas. Lembre-se de que não conheci mãe, de que não tenho irmãs, de que tenho vivido só e de que cedo voltarei a essa vida solitária e gelada, que me será agora uma tortura. Compadeça-se de mim. Quer vir ocupar no meu coração o lugar vago que há nele para as afeições de mãe, de irmã, e de.?

— Henrique! — murmurou quase ininteligivelmente a sobressaltada criança.

— É diante desta Virgem, a quem orava com tanto fervor, é pousando a mão sobre os Evangelhos desse altar, que eu lhe prometo mais do que uma paixão efémera de rapaz; prometo-lhe a constante adoração, rodeada de respeitos, do homem que as suas virtudes reconciliaram

com o mundo. Aceite, Cristina, aceite o oferecimento do meu coração.

Cristina tremia sem poder responder.

Madalena entrou pela sua vez na capela.

— Não se pode exigir assim uma resposta direta, primo Henrique — disse ela.

Cristina, cada vez mais surpreendida por estas sucessivas e inesperadas aparições, correu para a prima.

— Tu, Lena! Tu também aqui?!

— Então não me competia receber na minha casa as visitas? Mas vamos, diz-me aqui ao ouvido a resposta que queres que eu dê por ti ao Sr. Henrique de Souselas, que me parece acaba de te pedir, muito terminantemente, a tua mão.

Cristina não respondeu senão cingindo-a mais intimamente ao seio.

— Não responderam os lábios, primo — continuou a Morgadinha — mas falou o coração ao meu, na linguagem das pulsações. Estou-o sentindo.

— E disse?

— Que havia de dizer? Que sim.

E Madalena, que tinha a mão de Cristina na sua, estendeu-a a Henrique, que a apertou apaixonadamente e a beijou de novo.

Parece-me poder afirmar que desta vez já houve correspondência.

O velho Torcato, farto de esperar de fora da capela, e achando que as rezas se prolongavam de mais, resolveu chamar Cristina.

Ao entrar divisou porém três pessoas em lugar de uma só, que esperava, e recuou estupefacto e aterrado.

Supôs que almas penadas andavam na capela.

O bom do homem não ousava aproximar-se.

Madalena, que o ouvira entrar, animou-o, dizendo:

— Não tenha medo, Torcato. A alma da minha madrinha encarregou-me de fazer esta noite as suas vezes. Sou eu.

O espanto do feitor não era agora menor. Esfregava os olhos, como se receasse estar dormindo, e não passava de olhar para Madalena, para Henrique e para Cristina, sem entrar na explicação do que via.

Custou a fazê-lo voltar da sua estupefação.

Momentos depois entravam todos quatro na sala onde Henrique fora recebido por Madalena, e aí a velha Brízida lhes serviu o chá.

A antiga criada da morgada fez muita festa a Cristina, e, como já percebera a casta de sentimentos que havia entre esta e Henrique, soltou algumas insinuações, que a obrigaram a corar, e a rir Madalena.

Passou-se uma bela noite, conversando-se e rindo-se em perfeita intimidade.

— Que longe estava eu hoje de pensar neste delicioso serão! — disse Henrique. — Decididamente é de maravilhas esta casa; o povo tem razão. A morgada defunta foi decerto quem se encarregou de fazer os convites.

— É verdade: como foi que vieram aqui? — perguntou Cristina, já mais desenleada. — Já sei: foi este Torcato que

me não guardou segredo. O que merecia!

— Eu, menina?! Ora essa! Eu até.

— Neste Torcato há alguma coisa mais para recear do que a indiscrição — disse Madalena.

— Que é? — disse a prima.

— É a discrição.

— Então porquê?

— Torcato é discreto, com umas meias palavras, que exprimem mais do que a verdade.

— Eu. — ia a dizer o velho, justificando-se, quando Henrique o interrompeu.

— Mas enfim, expliquemos mutuamente a nossa presença aqui.

— Nesse caso é justo que fale primeiro Cristina.

— Que hei de eu dizer?

— Explica a tua presença aqui. Então não ouviste o primo Henrique?

— Ora, já o sabem.

— Mas talvez não lhe seja desagradável ouvi-lo outra vez da tua boca.

— Não, não, a minha vinda, essa não tem que explicar.

— Que diz, primo Henrique?

— Não tenho coragem para pedir mais do que tenho pedido já.

— Pedido e obtido, pode acrescentar. Bem, Cristina veio aqui trazida por um sentimento de piedade e de.

— Lena!

— Assim mesmo sempre seria curioso ouvir a narração dos sustos que ela sentiu por o caminho desde o Mosteiro até aqui. O Torcato não era decerto bastante para lhe limpar a estrada de visões e malfeitores.

Cristina pôs-se a rir.

— Mas vamos às explicações da presença dos mais. A Cristina avisou o Torcato, o Torcato avisou o primo Henrique.

— Eu?!

Cristina olhou para o velho com um meigo gesto de repreensão.

— Se eu o soubesse!

— Eu.. eu não disse. Eu… eu só disse.

Henrique tomou a palavra.

— Torcato não é de todo culpado. Pois acha que não haveria em mim alguma coisa que me ajudasse a adivinhar? Torcato atraiçoou-se involuntária, inconscientemente. Mas, enquanto à prima.

— Eu? Soube-o também do Torcato.

— Pois também a ti o disse? Olhem que homem de segredo!

— Isso é que não. Eu não disse à Sra. D. Madalena. Ela é que.

— Foi o que eu disse há pouco. A discrição do Torcato é que revelou o segredo.

— Como?

— O Torcato falou com o seu velho amigo ervanário.

— Eu a esse não disse.

— Não, a esse quis ocultar, e daí é que veio o mal.

— Ora, ora.

— O que eu sei é que o Vicente veio procurar-me à porta do Mosteiro, e ralhou-me com uma severidade e uma aspereza, como ainda lhe não tinha merecido nunca. Estava o homem convencido de que eu era a heroína de umas aventuras românticas que se verificavam de noite nesta minha propriedade dos Canaviais. E tão irritado estava, que me não quis ouvir, quando eu procurava esclarecer o que para mim era um perfeito enigma. Ao retirar-se, porém, disse-me que não lhe quisesse ocultar a verdade, porque do Torcato soubera tudo.

— Eu não disse.

— E depois a prima.

— Eu então chamei este senhor, armei-me de toda a minha gravidade, e exigi que falasse e me dissesse tudo o que havia e tudo o que sabia a respeito de uns passeios aos Canaviais; ele estava perro, mas afinal falou.

— Mas sabia também que eu vinha? — perguntou Henrique.

— Pois não se lembra de que pela manhã me tinha cansado com perguntas a respeito do caminho para a casa dos Canaviais? Eu já estranhava a insistência; depois do que soube, tive uma suspeita. Perguntei ao Torcato se lhe falara nisto. A resposta dele, apesar da sua hesitação e ambiguidade, habilitou-me a concluir que teria o gosto de receber o primo na minha casa.

— E que disseste no Mosteiro? Sabem que vieste?

— Não. Disse que ia visitar Brízida, onde passaria a noite. Bem me viste sair. Viemos ambas para aqui ainda com dia para pôr a casa em arranjo.

— São mesmo coisas tuas — disse Cristina, rindo.

— Mas eu não disse nada — insistiu Torcato.

— Porém, porque motivo se irritou tanto o ervanário? — perguntou Henrique. — Que imaginava ele afinal?

— Ah! É porque este Sr. Torcato teve a habilidade, com as suas meias palavras, e reticências indiscretamente

discretas, de arranjar as coisas de maneira que o velho Vicente chegou a persuadir-se de que havia aqui um romance em que entrava eu. A discrição do Torcato é das que respeitam os nomes, de maneira que as honras da aventura foram-me todas atribuídas. Neste mesmo romance parece que entrava também o primo Henrique.

— Ah! Percebo agora — disse Henrique, rindo. — O velho é ciumento por procuração.

Madalena abanou a cabeça, sorrindo também.

Cristina, que já estava habilitada para entender a alusão de Henrique, sorriu com eles.

O Torcato foi o único que nada percebeu.

Eram perto de duas horas, quando a Morgadinha lembrou a necessidade de voltarem a casa.

— Choverá? — perguntou a Brízida.

— Julgo que não — respondeu Madalena, e, como para assegurar-se, correu a vidraça da janela e examinou o firmamento.

Henrique acompanhou-a.

— A noite está serena — disse ela. — São horas de voltarmos.

— Mal sabe a tia D. Vitória por onde lhe anda parte da família a estas horas — dizia Henrique, debruçando-se à janela, e continuou: — Mas que agradável noite! Não poder prolongá-la por toda a eternidade!

— Vamos, vamos — respondeu Madalena — o dia de amanhã deve ser mais feliz ainda, porque.

Nisto, como se alguma coisa tivesse observado na rua que lhe atraísse a atenção, calou-se, mal podendo reter um leve grito.

— Que foi? — perguntou Henrique, que o percebeu.

— Nada — respondeu ela, correndo a vidraça e afastando-se da janela.

— Viu a alma da morgada? — perguntou jovialmente Henrique, vendo-a preocupada.

— Não — respondeu Madalena, meio a sorrir e meio séria. — Pode, porém, haver aparições piores.

— Que é, Lena? Que viste tu? — perguntou Cristina, assustada.

— Sossega, filha, nada que possa transtornar o nosso regresso. Vamos.

E, passados poucos minutos, saíam todos os que até ali animavam aquela habitação solitária, e ela permanecia outra vez em trevas, em silêncio e na sua quase desolação.

CAPÍTULO XXIX

No dia seguinte, pela manhã, recebeu-se na Alvapenha notícia da chegada do conselheiro e de Ângelo. A impressão profunda que a este último causara a morte de Ermelinda tinha resolvido o pai a trazê-lo consigo para a aldeia a distrair e robustecer com os ares livres do campo. D. Doroteia apressou-se, segundo o costume, a visitar o conselheiro; Henrique acompanhou-a e de caminho pô-la ao facto do estado do seu coração, e encarregou-a de comunicar isto mesmo a D. Vitória e de fazer-lhe, no seu nome, um formal pedido da mão de Cristina.

D. Doroteia ficou ao princípio admirada. Ainda se não desacostumara de considerar Cristina como uma criança. Há tão pouco tempo que usava ainda de vestidos curtos!

Refletindo, porém, acabou por achar a coisa natural, vantajosa e agradável, e felicitou o sobrinho pela boa

escolha que fizera.

Henrique, com o prazer pueril de um verdadeiro namorado, não se fartou de fazer falar a tia nas qualidades de Cristina, e desta vez as habituais prolixidades da boa senhora não conseguiam enfastiá-lo. Estava deveras apaixonado.

Chegaram ao Mosteiro.

O conselheiro recebeu-os com ar de satisfação e aparente tranquilidade de espírito; mas um exame atento conseguiria descobrir-lhe no sorriso o que quer que era, forçado, a revelar certa preocupação interior.

É que, desde que chegara, tinha sondado melhor o ânimo do público da terra, ou o dos influentes que o representavam, e reconhecera que estava muito arriscada desta vez a sua candidatura.

Não lhe sobrava muito tempo para trabalhos, porque daí a dois dias realizavam-se as eleições; tudo estava por fazer, enquanto que os seus adversários há muito que tinham tudo feito. Alguns dos personagens políticos, com que contava, falhavam-lhe, e até nem o visitavam. As

autoridades locais eram-lhe manifestamente hostis, desde o administrador até o cabo de polícia.

Henrique percebeu a violência que sobre si estava fazendo o conselheiro para conversar em assuntos alheios à questão que o interessava, para sorrir e prestar atenção ao que se dizia.

De vez em quando lia ou relia uma carta, tomava um apontamento, escrevia um bilhete, retirava-se por momentos para receber algum agente eleitoral que o procurava, despachava um emissário; finalmente não podia sossegar.

Foi na ocasião em que ele consultava mais uma vez a lista dos recenseados daquele círculo eleitoral, enquanto Henrique e Madalena faziam por distrair Ângelo, conversando em vários assuntos, que entrou D. Vitória, a quem acabava de ser formulado por D. Doroteia, e em nome de Henrique, o pedido da mão de Cristina. D. Vitória trazia bem visível na fisionomia todo o júbilo que a nova lhe causara. Era muito amiga de Madalena, mas, desculpem-lhe esta vaidade maternal, o que mais que tudo a lisonjeara

fora a preferência dada por Henrique a sua filha sobre a Morgadinha.

— Tenho muito que lhe ralhar, Sr. Henrique — dizia ela. — Estou mesmo muito arrenegada consigo.

— Porquê, minha senhora? — perguntou Henrique, sorrindo.

— Pois então isto é coisa que se faça? Já precisa de embaixadores para se dirigir a mim?

— Perdão, minha senhora! Era do meu dever deixar completa liberdade a V. Exa. a para fazer todas as reflexões que a proposta lhe sugerisse e discuti-la à vontade, e, por delicadeza, podia V. Exa. às vezes, sendo eu mesmo quem a fizesse, coibir-se.

— Ai, eu havia de pôr muitas dúvidas! Na verdade um rapaz de tão má nota! Ora sempre tem coisas!

— Visto isso, posso esperar?

— Da minha parte uma guerra de morte — disse D. Vitória, não resistindo a dar um abraço a Henrique, já com

familiaridade de mãe, abraço que Henrique retribuiu com afeto.

O conselheiro não dava atenção à cena.

— Então, mano! — bradou-lhe D. Vitória. — Deixe lá essas políticas, que temos negócios sérios em casa.

— Sim? — disse o conselheiro, dobrando os papéis que lia, e simulando um ar de interesse, que realmente estava muito longe de sentir. — Então de que se trata?

— De um negócio importante, em que é preciso que seja ouvido.

— Ah! Então é um caso de consciência?

— E não o diga a rir, que é. Aqui o Sr. Henrique de Souselas acaba de me fazer um pedido. Isto é, a prima Doroteia foi que mo…

— Mas por ordem dele — acudiu esta.

— Pois sim, o que era bem escusado.

— Mas então que pede de nós este caro Sr. Henrique?

— Nem mais nem menos do que uma das nossas pequenas.

O conselheiro relanceou um olhar para Madalena. Já, por mais de uma vez, a hipótese do casamento da filha com Henrique lhe tinha passado pela ideia, e de modo algum lhe era antipática. Henrique tinha um bom nome, rendimentos suficientes, e, se quisesse, um futuro na sociedade, e o conselheiro tudo isto invejava para os seus filhos.

Madalena, que percebeu no gesto do pai a ideia que ele tivera, quis tirá-lo quanto antes da ilusão e disse:

— Quem mais razão tinha para protestar era eu. Há de fazer-me falta a amizade de Cristina.

— Ah! — disse o conselheiro, com um sorriso um tanto contrafeito. — Então quer-nos roubar a nossa Cristina, Sr. Henrique?

— É apenas uma restituição que peço, Sr. Conselheiro, porque não me posso resignar a viver sem coração.

— Faz madrigal? Está então apaixonado deveras, já vejo — disse o conselheiro. — Pela minha parte folgo de o ver assim associado à minha família, por tão bom caminho. Mas

onde está a taumaturga que fez o milagre de converter este celibatário emérito, que eu conheci em Lisboa a rir-se do casamento?

— Por piedade, não me recorde esses pecados diante da prima Madalena, que é tão rigorosa nos castigos!

— Diga antes que sou tão excessiva nas recompensas.

— Mas o mano tem razão — disse D. Vitória. — Onde está a Criste? Admira-me não a ver aqui!

— Admirar, não me admiro eu — disse o conselheiro. — É provável que soubesse do que se tratava, e eclipsou-se discretamente. Porque isto foi decerto discutido por as partes interessadas, antes de subir ao nosso tribunal.

Henrique e Madalena sorriam.

— Ora se foi! E parece-me que tu, Lena, fizeste desta vez de S. Gonçalo. Deus queira que te não queimes ainda no fogo ao ateares destes fachos.

— Eu vou buscar a Criste — disse a Morgadinha, rindo das palavras do pai, e saiu da sala como para evitar que a conversa seguisse a direção que ele lhe deu.

O conselheiro voltou neste intervalo a consultar papéis e cartas, enquanto D. Vitória falava com Henrique, e D. Doroteia tentava distrair Ângelo, contando-lhe várias histórias de crianças, que ele mal escutava, e que ela tinha a candura de julgar alimento acomodado à inteligência dele.

Passados momentos, voltava Madalena, trazendo Cristina consigo, a qual já vinha com o rubor nas faces e com os olhos no chão.

— Aqui está a acusada — disse a Morgadinha ao entrar.

O conselheiro voltou a guardar os papéis e disse jovialmente para a sobrinha:

— Ora venha cá, venha cá, que temos muito que falar.

E, passando-lhe a mão por baixo da barba, para a obrigar a fitá-lo, continuou:

— Então assim se trama uma conspiração às caladas? Surpreender a gente com uma notícia de tal ordem! Ainda há pouco demitido um ministério de bonecas, e já um golpe de estado desta natureza! Sim, senhora, é energia. Nunca o

esperei! Ora dê cá um beijo, enquanto não tenho quem me peça explicações por os que lhe roubar.

E o conselheiro, com perfeita galanteria e afeto, beijou-a nas faces, tingidas pelo pejo e pela alegria.

Depois, voltando-se para Henrique, acrescentou, sorrindo:

— São os penúltimos.

— Os penúltimos? — disse D. Vitória, rindo. — Ora essa! Então para quando ficam os últimos?

— Para quando a vir com uma grinalda de noiva.

— O que eu nunca esperei é que fosse a nossa Criste que desse o exemplo à prima. Não tens vergonha, Lena? — disse D. Doroteia para a Morgadinha, em quem esta reflexão fez nascer um gesto de contrariedade, que trouxe aos lábios de Ângelo o primeiro sorriso daquela manhã.

O conselheiro e Henrique sorriam também.

— Eu prometo casar-lhe a prima Madalena, dentro em pouco, tia — disse Henrique com intenção.

— Não prometa. Esses negócios deixe-os ao meu cuidado. Bem sabe que sou teimosa e tenho a ingenuidade

de acreditar que ainda há coisas no Mundo que se devem decidir pelo coração somente.

— E Deus me livre de o não consultar. Seria abjurar os meus próprios atos.

— O somente é que veio de mais, filha — disse o conselheiro. — Atenda-se ao coração, embora. Mas só ao coração? Isso era bom se vivêssemos num mundo de corações.

A chegada de novos personagens desviou a direção da conversa e modificou a cena.

Eram influentes políticos, que obrigaram as senhoras a retirarem-se. Henrique ficou, a pedido do conselheiro. O mestre Bento Pertunhas entrava no número dos recém-chegados. O papel que ali desempenhava o latinista era de suspeitosa natureza.

Vinha também a alma política do partido do conselheiro, o Tapadas, que nestas épocas não comia, não dormia, não respirava, por assim dizer, senão eleições, e desenvolvia uma miraculosa atividade, correndo a todos os pontos perigosos, conquistando votos, um a um, e lidando por

desenredar as meadas políticas dos adversários e enredar as suas.

— Então que notícias temos da campanha, meus senhores? — perguntou o conselheiro, puxando cadeiras para os seus constituintes, e afetando um tom de confiança que não sentia.

— Más, Sr. Conselheiro, — respondeu o Tapadas — muito más. Vejo isto muito feio.

— Ora a coisa ainda não há de ser tão má como diz.

— Nada, nada; não me agrada. V. Exa. descuidou-se. Tenha paciência, mas eu bem lho disse. Eu sei como estas coisas são. É preciso não as desacompanhar. V. Exa. devia vir há mais tempo.

O Pertunhas acudiu:

— Deixe lá, Sr. Tapadas, o Sr. Conselheiro tem amigos decididos, e os serviços que fez à terra.

— Ora com o que vossemecê vem! — replicou o Tapadas, com modo azedo. — Então não sabe como é esta gente?

Então não os ouve aí berrar já contra as estradas, quando até agora berravam por as não terem?

— Meia dúzia de miúdos — disse o Pertunhas.

— Não, senhor, não é assim; não estejamos a enganar-nos. Os que não dizem mal das estradas sabem muito bem dizer que ao ministério as devem, e estamos na mesma. A coisa vai mal.

— Então decididamente o Seabra? — perguntou o conselheiro.

— Esse é o chefe de todos eles — disse um merceeiro. — À porta da minha loja o ouvi eu estar a dizer ao cunhado do administrador que o traçado da estrada era o pior que podia ser, que se gastava ali um dinheiro louco, sem utilidade para o povo.

O conselheiro olhou para Henrique, dizendo:

— Lembra-se do que eu lhe disse na noite do Natal a respeito deste traçado e dos pedidos do Brasileiro para ele se adotar? Admire agora o velhaco.

Henrique sorriu, encolhendo os ombros.

— Arremedos do que se faz em terras maiores — disse ele. — Não estranho.

— E tem razão — respondeu o conselheiro.

— Mas, afinal — continuou o conselheiro — o homem não tinha na freguesia grande influência. Como é que.?

— Tem-se popularizado ultimamente um pouco mais. Deu em franquear vinho por aí a toda a gente, e depois os padres estão bem com ele e de mal com V. Exa..

— Mas como se lhe desenfreou tão de repente esse ódio contra mim? Deixámo-nos em Janeiro nas melhores disposições um para com o outro.

— Pelos modos não sei que aí se falou de uma carta do ministro ou ao ministro. — disse o Tapadas, com maneiras de quem não dera grande importância ao objeto a que se referia.

O conselheiro mudou logo de assunto.

— E os padres? Os padres? Que heresia disse eu, que pecado grande cometi, para me terem esse ódio?

— Dizem que V. Exa. é mação — respondeu um lavrador.

— O diacho da questão do cemitério. — acudiu o Tapadas.

— Isso acalmou já.

— Não acalmou, não senhor. O povo não está contente. É certo que lhe passou a fúria do princípio, depois daquela história com o Cancela, mas.

— Quando me lembro de que aquela canalha se atreveu a insultar minha filha!

— É melhor não falar nisso — aconselhou prudentemente o Tapadas. — O que lá vai, lá vai. Os homens estão meio arrependidos, e até o missionário perdeu um pouco entre o povo, porque o Herodes tem por aí berrado que foi ele quem lhe matou a filha, e o pobre homem mete pena. Até me dizem que por causa disso o padre já se retirou da aldeia. O que era bom era ver até se se falava ao Herodes, porque talvez ele possa agora ainda arranjar alguns votos — acrescentou o Tapadas, disposto a servir-se da dor de um pai como arma eleitoral.

E continuou-se fervorosamente na edificante obra de combinar tramas políticos. Discutiram-se os diversos

processos de angariar as potências eleitorais do círculo. Estudaram-se as ambições de cada uma; ponderaram-se as exigências feitas por uns, os desejos adivinhados em outros; para este o emprego de um afilhado, àquele o bom êxito de uma demanda, a outro o pagamento de uma dívida, ou o resgate de uma hipoteca e a alguns até nua e descaradamente o dinheiro. Nesta empresa de subornar consciências e sofismar a urna entreteve-se o conciliábulo, sem que nenhum dos membros dele sentisse remorsos por o que estava fazendo ali.

Entre os discutidos foi o Sr. Joãozinho das Perdizes um dos principais.

— Então sempre é certo que me roeu a corda esse basbaque? — perguntou, ao falar-se nele, o conselheiro.

— É dos mais assanhados — responderam-lhe.

— Mas quem diabo lhe virou a cabeça? Um velhaco a quem tantas vezes tenho tirado de apuros!

— Tanto lhe atordoaram os ouvidos com a história dos cemitérios. — disse o Pertunhas.

— Deixe lá! Ali andou também um presente que lhe fez o Brasileiro. O morgado está muitas vezes com a corda na garganta — explicou malignamente o Tapadas, cujo ceticismo, robustecido no uso das demandas e da política, não achava explicações tão plausíveis como a corrupção.

— E depois, o homem tomou as dores pelo Vicente ervanário — insinuou um tendeiro.

— Ora adeus! — disse o Tapadas. — Bem me fio eu nessas compaixões. Quem os não conhecer.

— E que tem o tolo com os negócios do ervanário? — insistiu o conselheiro, de mau humor.

— Então? Deu-lhe para ali.

— Qual histórias! Para mim é que vem com isso? — teimava o cético Tapadas.

— Também uma coisa que buliu com ele foi aquilo no outro dia na taberna com este senhor — disse o Pertunhas, designando Henrique.

— Sinto, Sr. Conselheiro — disse ele — se de alguma maneira concorri.

— De modo algum. Aquele selvagem vai para onde o empurram. À última hora é capaz de mudar de tenção. E por causa dele é que ficou despachado um pateta em vez de Augusto.

Depois de dizer estas palavras, o conselheiro acrescentou com despeito:

— Mas até certo ponto, foi bom para me desenganar a respeito do carácter de certos homens. Há vinganças tão torpes e mesquinhas, que nenhum agravo as justifica.

Henrique procurou defender Augusto; achou, porém, o conselheiro obstinado na sua crença.

Henrique aludiu ao brasileiro Seabra como o mais plausível promotor da intriga.

— Embora o fosse — respondeu o conselheiro —; mas que tem isso? O Seabra não veio a minha casa; não suspeitava da existência de tal carta. Alguém houve que a leu primeiro e que lha foi entregar depois, e já é ser muito indulgente supor que foram só cegueiras de vingança e não a sordidez da cobiça quem o moveu a essa infâmia.

Henrique viu que perdia o tempo em defender Augusto; contudo jurou pela inocência dele.

O conselheiro ia a responder-lhe, quando o distraiu uma altercação travada entre Pertunhas e o Tapadas.

Aquele estava sendo fertilíssimo em alvitres para vencer resistências eleitorais. O Tapadas, que desconfiou dele, disse-lhe subitamente:

— Olá, Sr. Pertunhas, é melhor parolar menos e fazer coisa que se veja; ou deixa só as obras para o seu amigo Seabra?

Daqui protestos enérgicos do Pertunhas, e a altercação virulenta, que o conselheiro teve de apaziguar. A conferência durou até às horas do jantar.

CAPÍTULO XXX

Chegara o prazo e dia assinalado de se dar perante a urna a batalha eleitoral.

A azáfama política ativara-se nestes últimos dias consideravelmente. De parte a parte, tinham-se posto em campo todos os influentes e em exercício todas as armas. Promessas, aliciações, pressão de autoridades, exigências a dependentes, subornos, ameaças mais ou menos declaradas; de tudo se lançava mão.

Às vezes até o calor das discussões degenerava em pugnas menos pacíficas; os argumentos físicos, que figuram no catálogo das razões mais convincentes, tinham já sido invocados a pleitear ambas as causas, berrando-se depois, de um lado, contra a violência e o despotismo do governo, do outro, contra os manejos sediciosos e anárquicos da oposição.

Em algumas freguesias que entravam neste círculo eleitoral, eram os padres que, arvorando a cruz e o estandarte, pregavam a cruzada contra o conselheiro e instavam com o povo para que não elegesse para representante um ateu e um pedreiro-livre; em outras eram os agentes do Brasileiro e os da autoridade fazendo promessas aos caudilhos populares; resgatando penhores, levantando hipotecas, remindo dívidas, empregando afilhados, e conquistando assim para o seu partido.

O conselheiro e os seus parciais não desprezavam também nenhum destes mesmos meios, e grossas quantias circulavam a combater as do brasileiro Seabra.

Os periódicos do Porto e de Lisboa recebiam os ecos desta batalha. há muito que em longas e difusas correspondências os gladiadores dos dois campos se mimoseavam com as mais descabeladas verrinas, assinando-se: O Amigo da verdade; o Epaminondas; o Vigilante; a Sentinela; o Alerta, etc., e pondo ao soalheiro as máculas da vida privada uns dos outros e todas as bisbilhotices da terra; correspondências que felizmente

para o crédito da humanidade, por ninguém mais, além dos interessados e dos que já os conheciam, eram lidas.

O Brasileiro era um dos mais ativos e fecundos colaboradores desta secção periodística. Os seus comunicados eram estirados, compactos, obscuros e enrevesados tanto ou mais do que os seus discursos. Perdia-se em minuciosos incidentes, em labirintos de orações secundárias, donde a gramática da principal saía frequentemente maltratada, deixando ficar por lá o sujeito, o verbo ou qualquer complemento necessário. Mas o Brasileiro imaginava que o país inteiro aguardava com ânsia os seus escritos. Era frequente abrir uma resposta a alguma zargunchada de um seu adversário por estas palavras: «Os leitores hão de ter notado o meu silêncio, depois das caluniosas asserções.» Os leitores não tinham notado nada.

Finalmente a aldeia achava-se em plena fermentação política.

Eu tenho a fraqueza de a não amar debaixo daquele aspeto.

A vida política tem isso consigo. Quanto mais estreito, mais apertado é o círculo social onde se manifesta, quanto mais vizinhos e conhecidos são os que vivem dela, tanto mais acanhada, mexeriqueira e antipática se torna. Se a política do nosso país é já pequena como ele, se degenera em desavença de senhoras vizinhas, que fará nas terras pequenas deste país, em que muito acima dos princípios e dos partidos estão os mexericos e as vaidadezinhas que brotam como tortulhos à sombra das árvores do campanário?!

Que desconsoladora distância da realidade ao ideal da vida dos povos!

Henrique de Souselas não ficara indiferente ao movimento político da aldeia. Pegara-se-lhe a febre eleitoral. Impedido de votar, auxiliava, porém, os parciais do conselheiro com os avisos da sua experiência. Um dia lembrou um meeting. O conselheiro pôs-se a rir.

Que utopia! Com que espécie de eleitores imagina que está tratando? Um meeting, para quê? Não se esqueça de ir domingo à igreja e lá se desenganará por os seus olhos. O espetáculo não é muito para alegrar, porque mostra como

em geral o nosso país está ainda pouco educado no regime constitucional. Mas em todo o caso é instrutivo.

Os manejos dos amigos do conselheiro e principalmente do infatigável Tapadas conseguiram ainda resultados importantes em relação ao tempo em que começaram a operar com mais energia. Algumas freguesias havia com que já se podia contar.

A eleição, porém, estava muito arriscada ainda. O Sr. Joãozinho das Perdizes devia decidir a contenda. Para onde se inclinasse o morgado com todo o peso dos seus comparoquianos, desceria o prato da balança.

Contra ele assestou, pois, o conselheiro toda a artilharia; mas sem o menor resultado. O homem evitava subtilmente encontrar-se com ele, e aos seus emissários respondia com insolência. O Seabra pela sua parte nunca o largava, vigiava-o como um precioso tesouro, não se descuidava de o manter nas disposições hostis contra o conselheiro. A todo o momento fazia-lhe sentir o insulto que recebera na taberna, e a necessidade que tinha, para se desafrontar, de infligir uma lição ao conselheiro, com quem Henrique

estava ligado. Depois disse-lhe que o conselheiro se gabava de ter dinheiro para comprar o morgado e toda a freguesia.

O morgado, sob estas e análogas instigações, praguejava e jurava despejar na urna ministerial o sufrágio da sua freguesia.

Assim, pois, todas as probabilidades eram a favor do candidato do governo, homem desconhecido deste povo, o qual também era desconhecido para ele, um empregado de secretaria, que nunca saíra de Lisboa e que era o primeiro a rir-se do campanário obscuro de que se propunha ser representante; criatura dos ministros, que o desejavam eleger a todo o custo, por terem nele um voto complacente e um parlamentar de boa feição.

Logo pela manhã do domingo marcado para a solenidade civil, o adro da igreja paroquial apresentava uma animação fora do costume. Grupos formados aqui e ali conferenciavam, entreolhando-se com desconfiança, ou correspondendo-se por sinais de inteligência, conforme pertenciam à mesma ou a oposta parcialidade. Os agentes eleitorais, os influentes dos dois campos acercavam-se deste, apertavam a mão àquele, segredavam com um,

batiam no ombro a outro, discutiam com um terceiro, e, sempre que era possível, distribuíam listas ao maior número.

O Brasileiro era a alma do partido governamental. O Tapadas capitaneava a falange do conselheiro. Pertunhas falava com todos, esfregando as mãos e sorrindo. O regedor passeava com importância por entre os grupos, recomendava ordem e respeito às autoridades, e dava de olho aos cabos, seus subordinados, para que se não esquecessem de cumprir as instruções recebidas, votando no candidato ministerial.

Aproximava-se a hora, e começavam os trabalhos para a constituição da mesa. O pároco, o administrador e o regedor foram ocupar o seu lugar. Ficou presidente o Brasileiro, e o resto da mesa formou-se dentre as duas parcialidades.

Enquanto se organizavam assim os trabalhos, eram discutidas no adro as probabilidades da vitória.

Num dos grupos formados, junto da porta da igreja, por os partidários do Brasileiro, dizia-se:

— Venceremos por uma maioria de mais de duzentos votos; verão!

— Só a freguesia de Pinchões enche-nos aí a urna.

— E estará bem seguro o morgado?

— O Sr. Joãozinho? Ora! Está de ferro e fogo contra o conselheiro.

— Pois se te parece! Depois daqueles mimos que lhe fizeram na taberna e do que dele se tem dito no Mosteiro!

— Não é só por isso. Ele já estava do nosso lado, desde que soube que tinham deitado abaixo a casa do ervanário, e que o pobre do homem estava sucumbido de todo.

— É verdade! Aí temos mais um a votar contra o conselheiro desta vez.

— Quem? O Vicente? Esse sim! Então não sabes que o pobre velho já se não levanta da cama?

— Ai não?

— Andava já muito fraco e doente; mas, há três dias, sobretudo, tem ido de pior a pior, e com uma pressa que,

segundo ouvi dizer, aquilo está por pouco tempo; nem deita a semana fora.

— Coitado!

— Aí vem quem ainda hoje o viu. Não é verdade, Sr. Pertunhas?

— O quê, meus amigos, o quê? O que é que é verdade? O que é que dizem? — perguntou o mestre de latim, esfregando sempre as mãos.

— Não é verdade que o Vicente ervanário está a ajustar contas?

— Oh! pobre de Cristo! Aquilo corta o coração! Sempre eu digo que uma crueldade assim, como a do conselheiro!

— Muito do povo daqui vem votar contra o conselheiro só por causa do mal que fez àquele santo velho.

— E com razão.

— E então para quê, senhores, para quê? — continuava o Pertunhas. — Para fazer uma estrada em que se gastam rios de dinheiro, e que afinal não presta! Pois eu passei por a casa do ervanário há pouco, quero dizer, por a casa do

Augusto, que é onde vive agora o Vicente. O rapaz estava à porta. Então, Sr. Augusto, disse-lhe eu, à urna! Vamos à urna! Ele encolheu os ombros como quem diz: «Bem me importa a mim com isso».

— Aí está outro, que também não é pelo conselheiro.

— Porque não ? Pois não é ele todo do Mosteiro?

— Foi, foi — replicou o Pertunhas. — Então vossemecê não sabe que o conselheiro, depois de lhe fazer a fineza de lhe arranjar a demissão, ainda por cima o pôs fora de casa, porque pelos modos o rapaz. fez publicar umas certas cartas. que comprometiam o homem? A falar a verdade, também não foi bonito.

— Fez ele muito bem.

— Mas, como eu dizia, pusemo-nos a falar, e eu estava-lhe dizendo que o povo o vingaria da afronta que lhe fizera o conselheiro, porque ia dar a este um xeque de que ele se havia de lembrar toda a vida, quando o Vicente, que me ouvia de dentro, chamou-me e mandou-me entrar. Foi então que eu o vi. Parecia-me outro! Imaginem vocês, outro tanto de magro e outro tanto de velho. Metia dó! Pôs-se a

perguntar-me muitas coisas, o que havia, o que não havia, por quem estava este, por quem estava aquele. Eu disse-lhe tudo: que o conselheiro, por mais que fizesse, já não podia vencer; que não arranjaria os votos precisos para cobrir a freguesia de Pinchões. O velho ficou admirado quando eu lhe disse que o Sr. Joãozinho era dos nossos. E lá o deixei a remoer a notícia. Ao menos resta-me a consolação de lhe ter adoçado com ela os últimos momentos.

Neste ponto da conversa viram passar por eles Henrique, que ia ter com um agente eleitoral, a sugerir-lhe uma ideia para vencer não sei que eleitor recalcitrante.

— Aí anda este — disse um dos do grupo, seguindo-o com a vista. — Era bem feito que lhe dessem outra lição, como a da taberna do Canada.

— Ordem, ordem e prudência! — disse o Pertunhas. — É preciso manter a liberdade da urna, senhores, e as garantias constitucionais!

— Mas que tem este senhor com as nossas eleições?

— Quem o manda meter-se cá nestas coisas?

— Ora é boa! Então não sabem que ele casa no Mosteiro? — disse o Pertunhas, que andava sempre informado das vidas alheias.

— Sim?!

— É verdade. Há pouco, quando eu estava falando com Augusto, veio a nós o José Barbeiro, que nos deu essa novidade, que lha dissera o Manuel da Quinta, que a ouvira à Gertrudes, criada do Mosteiro.

— Casa com a Morgadinha, já se sabe!

— Pois vedes! Não que a bolada convida! A mim logo me farejou isso, quando vi chegar este figurão cá à terra. Mas querem vocês saber uma coisa engraçada? Pareceu-me que o Augustito do doutor não gostou da novidade.

— Não? Então porquê?!

— Vi-o fazer-se de mil cores quando a ouviu. Pois ter-se-lhe-ia metido na cabeça? Hem?!

— Tinha graça. Mas olha o milagre!

— Ah! ah! Este mundo é muito divertido!

Nisto saiu a correr da igreja um influente político, e começou a olhar para todos os lados, como procurando alguém.

— Que temos nós lá, ó Sr. Luís? — perguntou-lhe o Pertunhas.

— Onde diabo estão os de Pinchões? — perguntou o interpelado.

— Inda não vieram.

— Diabos os levem! Vai-se começar a chamada, e eles não aparecem. O morgado é homem para se esquecer a catar os cães.

— Mas vamos nós começando, e no entanto eles virão — disse o Pertunhas, que fora nomeado para revezador do secretário da mesa.

— Mas a primeira freguesia que vota é justamente a dele. O Sr. Seabra está como uma bicha!

E, dizendo isto, o homem voltou para dentro.

A mesa eleitoral, instituída no meio da igreja, com grande escândalo do beatério, que pela voz dos padres chamava

àquilo artes do demónio, ia começar a funcionar. O conselheiro, que viera mais tarde, de propósito para não formar parte da mesa, requereu, com o relógio na mão, que se abrisse a urna, visto ser a hora marcada no edital.

Este requerimento, simples e justo como era, suscitou discussão.

O Brasileiro alegou que, sendo os de Pinchões os primeiros a votar, em virtude do artigo 62.° do decreto eleitoral, que manda votar primeiro a freguesia mais distante, e não estando na assembleia ninguém daquela freguesia, convinha esperar.

O conselheiro insistiu, dizendo que a lei não mandava esperar por os eleitores, mas apenas indicava a ordem da chamada e que, portanto, votassem os presentes, e que, na segunda chamada, ou nas duas horas de espera, votariam os ausentes, que depois viessem.

Esta questão não se resolveu de pronto. Trocados alguns alvitres, lida a lei, discutidos os artigos dela, consultados os recenseamentos e mapas, pedidos esclarecimentos ao

regedor, ao administrador, e ao pároco, é que se aprovou a proposta do conselheiro e começou a chamada.

A freguesia de Pinchões faltou em peso.

O Brasileiro estava perturbado: olhava para a porta, olhava para a lista dos recenseados, olhava para os amigos, olhava para os adversários, e sobretudo para o conselheiro, em cuja insistência em começar a votação julgou descobrir cavilação. Na urna não tinha entrado ainda uma só lista. Pregoou-se o último nome dos eleitores de Pinchões. Ninguém ainda!

Passou-se a outra freguesia.

O Brasileiro já não estava em si.

Os primeiros votos recolhidos mal os pôde introduzir na urna, de trémulo e sobressaltado que estava.

O homem supunha que lhe tinha sido roubada à última hora uma freguesia inteira. Não estava muito longe de acreditar que os agentes do conselheiro a tinham arrasado completamente.

A freguesia que se seguia na votação era uma das que se conservavam fiéis ao conselheiro, circunstância que aumentava a indisposição do Seabra.

A votação ia, porém, correndo, interrompida apenas por algumas questiúnculas sobre a identidade de um ou de outro eleitor e sobre a regularidade desta ou daquela lista, graças aos fúteis pretextos de que os contendores lançavam mão para se disputarem, voto a voto, o sufrágio popular.

Ia adiantada a votação quando correu na igreja uma voz, que veio infundir alento no ânimo desfalecido do Brasileiro.

— Vêm aí os de Pinchões! Aí estão os de Pinchões. Aí vem o Sr. Joãozinho e toda a sua gente! — dizia-se de toda a parte.

Esta nova passou de boca em boca, a ponto de produzir um sussurro na assembleia.

Muitos saíram para ir receber ao adro os anunciados.

Chegara de facto ali o Sr. Joãozinho das Perdizes, à frente da sua freguesia.

Leitor, se tens, como eu, esperança e sincera fé no sistema representativo, perdoa-me o obrigar-te a assistir a uma cena que faz subir a cor ao rosto de quem, como nós, abençoa os sacrifícios por cujo preço nossos pais nos compraram a nobre regalia de intervir, como povo, na governação do Estado, as franquias que nos emanciparam da caprichosa tutela de um homem, revestido de direitos impiamente chamados divinos, contra os quais o instinto e a razão igualmente se revoltam. A cena, porém, humilhante como é, não envolve a mínima censura à excelência do sistema; mas apenas aos que, nos quarenta anos que ele quase tem de vida entre nós, não souberam ou não quiseram ainda fazer compreender ao povo toda a grandeza da augusta missão que lhe cabe executar.

Depois das nossas lutas civis, já muitas crianças se fizeram homens; se a escola fosse entre nós o que devia ser, já haveria sobra de eleitores com perfeita consciência dos seus direitos civis.

O atraso e ignorância deles, contristando, somente devem impelir os homens de intenções sinceras e puras a aplicar os esforços de inteligência e de ação para ministrar com a

educação a moralidade, e para acordar a consciência desta entidade social.

Era o Sr. Joãozinho das Perdizes à frente da sua freguesia, disse eu.

E é justamente este o espetáculo humilhante de que falava.

Tendes visto um guardador de cabras à frente do seu rebanho, conduzindo com acenos e assobios todas as barbudas cabeças daquele regimento quadrúpede? Pois vistes o mais perfeito símile da cena que se presenciava agora no adro da igreja matriz.

O povo, o povo soberano, que naquele dia tinha nas mãos o cetro da sua soberania, não era menos dócil do que os irracionais que recordamos.

O dia em que devia mostrar-se orgulhoso, era quando mais se humilhava; quando podia dispor dos destinos dos seus senhores, era quando mais vergava a cabeça sob o peso que estes lhe assentavam.

Não é semelhante esta força inconsciente do povo à do boi robusto e válido, que uma criança dirige e subjuga? Forte como ele, como ele dócil, como ele laborioso, como ele útil,

não vê que a mesma força que emprega no trabalho lhe poderia servir para repelir o jugo. Ou, quando o vê, é quando o desespero e a fúria o cegam e o impelem a revoltas tremendas.

Mas o povo de Pinchões, o povo do Sr. Joãozinho, estava muito longe destes excessos.

O morgado vinha, como já disse, à frente.

A barba por fazer, as melenas despenteadas, o lenço do pescoço solto, sem botões o colarinho da camisa, com as mãos metidas no cós das ceroulas, o chicote no bolso da jaqueta de peles, as botas enlameadas até o joelho, a ponta do cigarro ao canto da boca, o palito atrás da orelha, o chapéu sobre o ócciput, dois galgos adiante de si, o inseparável Cosme quase a latere, entrou no adro com ares triunfantes, sorrindo e piscando os olhos para os seus amigos e partidários, como para lhes fazer notar a numerosa procissão que o seguia e a docilidade dos membros dela.

Atrás vinham os eleitores de Pinchões, velhos e jovens, ricos e pobres, mas todos com o olhar tímido e estúpido, os

movimentos enleados, todos com os olhos no caudilho, para saber o que deviam fazer. Se ele parava a cumprimentar um amigo, paravam todos com ele; a direção que tomava tomavam-na todos a um tempo; apressavam ou demoravam o passo, segundo a velocidade que ele dava aos seus; se ria, sorriam; se praguejava, tudo ficava sério. O cortejo parou à porta da igreja.

O morgado passou revista à sua tropa, à qual deu instruções.

Os homens, com os cabelos para diante dos olhos, os braços estendidos e a cabeça baixa, não ousavam fazer um movimento, e conservavam-se enfileirados até nova ordem do Sr. Joãozinho.

Pareciam envergonhados de serem precisos a alguém.

No bolso de cada um destes homens havia um oitavo de papel almaço dobrado, no qual estava escrito um nome; o nome de um homem que eles nem sabiam se existia no Mundo. No momento devido, cada um deles, chamado pela voz do escrutinador eleitoral, responderia: «Presente»; aproximar-se-ia da urna, entregaria ao presidente da mesa

aquele papel, e retirar-se-ia satisfeito, como se descarregado de um peso que o oprimia.

Se lhes perguntassem o que tinham feito, qual o alcance daquele ato que acabavam de executar, não saberiam dizê-lo; se lhes perguntassem o nome do eleito para advogado dos seus interesses e defensor das suas liberdades, a mesma ignorância; se lhes propusessem a resignação do direito de votar, aceitariam com júbilo; se, finalmente, lhes dissessem que naquele dia estavam nas suas mãos e dos seus pares os destinos do país, abririam os olhos de espantados, ou sorririam com a desconfiança própria dos ignorantes.

Inocente povo!

Querem-te assim os ambiciosos, a quem serves de cómodo degrau.

Quando disseram ao Sr. Joãozinho que já tinha passado a sua vez de votar, o homem rompeu pela igreja dentro, berrando, bracejando, ameaçando céus e terra e sem atender a quantos lhe clamavam que tinha de se proceder a nova chamada, e que, portanto, sossegasse.

O Cosme seguia-o pronto a ser executor da suas justiças.

Custou a serenar o morgado, e não o fez senão depois de duas pragas contra as pressas dos senhores da mesa, pragas que razões políticas fizeram engolir ao Brasileiro, sem nem sequer lhe tirarem dos lábios o sorriso com que saudara a vinda do morgado.

Caindo em si, o Sr. Joãozinho deu ordem à sua gente para que entrasse para a igreja, e aí a enfileirou a um dos lados dela, prontos à primeira voz.

A chamada prosseguia, e a votação não ia já muito favorável ao conselheiro, a julgar pelos indícios, que não escapam aos olhos amestrados dos mirones.

O Brasileiro exultava consigo mesmo, principalmente quando, por sobre as cabeças dos que se agrupavam em volta da urna, divisava as falanges do morgado, compactas e decididas.

O conselheiro ainda tentou uma investida com o Sr. Joãozinho, indo cumprimentá-lo, afavelmente; este, porém, grunhiu-lhe um monossílabo seco e voltou-lhe as costas, envolvido numa nuvem de parciais do Brasileiro.

Era caso desesperado!

Passara já a votar a última freguesia, que era justamente aquela onde estava constituída a única assembleia de que se compunha o círculo eleitoral e onde o leitor tem passado comigo todo o tempo que dura a nossa narração.

Foi então que votou o conselheiro e os outros conhecidos nossos, entre os quais o Zé Pereira.

Com este deu-se um episódio cómico, que merece menção.

O Brasileiro, ao receber a lista que ele lhe oferecia, sabendo-o parcial do conselheiro, recusou-a, alegando que estava marcada, o que era contra a expressa determinação do artigo 61.°, § único, da lei eleitoral.

Sabidas as contas, a suposta marca era de natureza de que seria quase impossível isentar papel ou objeto qualquer saído das mãos do Zé Pereira. Era uma nódoa de vinho.

Discutiu-se, ainda assim, se a nódoa era marca ou não era marca, e se lhe deviam ser aplicadas as disposições do § único do artigo 61.°.

A discussão intrincada foi cortada por o Zé Pereira, que disse com a maior candura:

— Se essa está suja, Sr. Tapadas, eu tenho aqui mais daquelas que vossemecê me deu.

O próprio conselheiro desatou a rir.

O Brasileiro resmungou:

— Então há suborno aos eleitores? Como se entende isto?

— Ora não bula na chaga, senão temos muito que ouvir — disse o Tapadas, e acrescentou: — Ande para diante; deite a sua lista, Sr. Zé.

Os governamentais, que iam de cima, mostraram-se tolerantes, e a lista caiu na urna.

Estava a findar a primeira chamada.

Já se liam os últimos nomes, segundo a ordem alfabética.

A gente de Pinchões, à voz do Sr. Joãozinho, aprontava-se para breve entrar em ação na segunda chamada, que ia começar.

Faltavam uns doze nomes, quando muito, e dos últimos era o do ervanário, cuja inicial era um V.

Até ali a vitória podia ainda talvez questionar-se, porque a atividade do Tapadas tinha espremido as freguesias que lhe eram afetas, até deitarem o último eleitor: velhos, doentes, mancos e paralíticos foram transportados em cadeiras e em padiolas até à urna para votarem. Mas a freguesia de Pinchões ia abafar a eleição inevitavelmente.

O conselheiro perdeu as esperanças, e o próprio Tapadas sentia-se desfalecer. O Brasileiro estava vermelho e febril de contentamento.

O escrutinador chamou finalmente pelo ervanário.—

Vicente Rodrigues da Fregosa, disse ele, preparando-se já para voltar o caderno.

— Adiante. Esse vai votar a uma assembleia mais longe — disseram alguns.

E ia-se proceder a segunda chamada, quando se ouviu do fundo da igreja uma voz trémula, mas sonora ainda, responder:

— Presente!

Voltaram-se todos ao escutar aquela palavra.

Adiantava-se lentamente, pálido, curvado, acabrunhado como nunca, o velho ervanário, a quem o braço de Augusto servia de apoio.

Dir-se-ia um cadáver ressuscitado do túmulo.

Com as faces pálidas, o olhar amortecido, os passos incertos, o ervanário adiantava-se e trazia já de longe o braço estendido, segurando a lista que vinha lançar na urna.

Apoderou-se de todos os circunstantes um sentimento quase de pavor, perante aquela figura anciã e alquebrada, que se dissera erguida do túmulo para responder à voz que o evocara. Todos se lhe afastavam do caminho com respeito, se não com supersticioso terror.

Fez-se ali dentro o maior silêncio, silêncio só interrompido pelo som dos passos arrastados do Vicente sobre o lajedo da igreja.

O conselheiro não pôde mais desviar os olhos do vulto venerando do ervanário; naquele velho, que fora seu companheiro de infância, parecia-lhe estar vendo agora um severo acusador da sua insensibilidade política, a personificação de um remorso pungente, a primeira aparição de um espectro, que devia persegui-lo no futuro.

Todos os da mesa se levantaram instintivamente, e, imóveis, viam aproximar-se o velho eleitor, que já supunham à borda da sepultura.

Aquela assembleia, erguendo-se silenciosa e reverente à chegada de um pobre velho, trémulo e enfermo, que seguia apoiado ao braço de um pálido mancebo, tinha uma aparência profundamente solene.

O Morgado das Perdizes, deveras afeiçoado ao ervanário, não teve mão em si, ao vê-lo assim doente e enfraquecido, que lhe não viesse ao encontro, dizendo comovido:

— Ó Tio Vicente! Pois nesse estado!

O velho fez um gesto enérgico para afastá-lo de si.

— Arreda-te! — disse com severidade — deixa-me, serpente, que mordes a mão do teu benfeitor! Não me

apareças, que não quero ter-te na ideia, quando estiver a expirar!

O morgado ficou transido de espanto e de consternação ao ouvir estas palavras.

— Ó Tio Vicente! — exclamou, ajuntando as mãos. — Pois eu que lhe fiz?

— Cala-te. Deixa-me passar, que quero, como homem desta terra, protestar contra a iniquidade que tu e os teus praticam hoje, apedrejando aquele a quem deveis tudo. Vendei-vos como cães e ficai-vos com esse remorso; eu não o quero para mim.

E, caminhando para a urna, parou de cara dela, fitou o Brasileiro, que não pôde sustentar-lhe o olhar com firmeza, e disse-lhe:

— Aí tem o voto do ervanário, Sr. presidente.

O Brasileiro recebeu-lhe a lista, e introduziu-a na urna.

Então o ervanário, cada vez mais ansiado, correu os olhos pela assembleia a procurar alguém; viu o conselheiro, que não ousava aproximar-se, olhou-o algum tempo com uma

expressão singular, e no fim estendeu-lhe a mão. O conselheiro apertou-a nas suas, comovido.

— Manuel — disse-lhe o velho em voz sumida — não me cegava tanto o ressentimento, que te negasse esta justiça. Eu era ainda teu amigo.

— E sê-lo-ás sempre, Vicente.

— Sempre que o seja. por pouco tempo será — respondeu o velho, sorrindo tristemente.

— Que dizes? Mas. que tens tu, Vicente? Que sentes?

— Tio Vicente! — exclamaram também Augusto, o Morgado das Perdizes, e outros mais.

A fisionomia do ervanário transtornara-se assustadoramente; parecia lutar energicamente para falar ainda, mas a voz embargava-se-lhe na garganta.

— Já não posso. — murmurou ele. — Queria dizer-te. E, apontando para Augusto e olhando para o conselheiro, disse-lhe ainda:

— Era deste. Ele é. Ele está.

Os braços de Augusto, do conselheiro e do Morgado das Perdizes ampararam-lhe o corpo, que ia a cair por terra.

Foi nos braços dos três que expirou o ervanário, porque estava deveras morto, quando o foram a erguer.

O alvoroço foi geral na igreja. Todos a abandonaram, correndo para o adro, para onde foi levado o velho, a ver se era possível reanimá-lo; todos, à exceção do Brasileiro, que ficou a vigiar a urna, e de um agente do Tapadas, que ficou a vigiar o Brasileiro.

Os socorros prestados ao ervanário foram inúteis. Todos se convenceram depressa de que era de facto um cadáver.

Os indiferentes voltaram a continuar a eleição.

Ia começar a segunda chamada.

O Morgado das Perdizes, impressionado deveras por a cena, andava desconsolado por o adro, e só de má vontade entrou para a igreja.

O conselheiro, Augusto e Henrique, e mais alguns homens do povo, acharam-se sós junto do cadáver.

A comoção tirara a Augusto a frieza de ânimo para dar as ordens precisas. Henrique tomou isso ao seu cuidado. Houve assim um momento em que o conselheiro esteve só com Augusto.

Naquele instante o coração do homem político era superior ao ressentimento.

— Augusto — disse ele a meia voz — a morte não deixou este infeliz completar a última recomendação que parecia querer fazer-me. Eu adivinhei-lhe, porém, o sentido, e para prova ofereço-lhe a mão de amigo.

E, dizendo isto, estendia-lhe a mão.

Augusto não lhe correspondeu, e disse-lhe ainda com a voz comovida:

— A mão que V. Exa. me estende é a mão do homem que esquece e perdoa as injúrias, e eu não posso ser perdoado, porque me não julgo criminoso. Desde que uma vez V. Exa. formulou a acusação e se fez juiz, prefiro, a ter de ser julgado sem provas, uma condenação a uma absolvição. Fico mais em paz com o meu orgulho.

A presença de alguns curiosos obrigou a interromper este curto diálogo.

Henrique voltou com os aprestes para a condução do cadáver.

Augusto acompanhou a casa o ervanário.

O conselheiro, impressionado pelas últimas cenas, sentia-se pouco disposto a permanecer ali.

— Fique se quiser — disse ele para Henrique. — Não estou em estado de receber à queima-roupa a notícia da minha derrota; tinham de atribuir a mortificação que estou sentindo a essa causa, e eu não lhes quero dar esse gosto. Vou para casa, lá me levará a notícia, e não me dará grande novidade. Adeus.

E, apertando a mão de Henrique, retirou-se para o Mosteiro.

Causou grande pesar ali a nova da morte do ervanário e das várias circunstâncias que a acompanharam.

Não houve quem fosse indiferente ao sucesso, que o conselheiro narrou ainda sob a opressiva influência que ele

lhe deixara.

A Morgadinha absteve-se da menor alusão à causa que apressara o fim da vida do ervanário, e evitou sempre que D. Vitória ou Cristina aludissem a ela também. Pressentia que a consciência do pai lho estava exprobrando e por um delicado instinto abstinha-se de se aplaudir das suas previsões, infelizmente realizadas.

Passada a primeira comoção que a lembrança daquela cena produzira, o conselheiro começou de novo a sentir pungente e vivo o despeito pela derrota que se lhe preparava na urna.

Fazia o possível por se mostrar indiferente a isso; mas a afetação era demasiado transparente, para até nem D. Vitória se iludir.

Assim, por exemplo, dizia ele à filha:

— Ora vão realizar-se os teus votos, Lena; aqui me vais ter, a viver uma vida patriarcal. Se queres que te diga a verdade, está-me a apetecer; a vida política ia-me cansando já.

Mas como dizia ele isto! Com que sorriso contrafeito, com que mal simulada satisfação!

Pouco a pouco, porém, a impaciência começou a apossar-se dele e nem estas exterioridades lhe permitia já.

Àquela hora devia estar a proceder-se na assembleia ao apuramento dos votos.

Esta ideia lançava o conselheiro num daqueles estados febris, que só pode conceber quem já alguma vez soube o que é ter a sorte dependente de uma votação, e aguardar a cada momento a notícia do resultado dela.

Devora-nos uma impaciência insuportável; tudo o que ouvimos nos aflige; as conversas sobre assuntos indiferentes irritam-nos; se nos tentam alentar com esperanças, revoltamo-nos contra elas; se procuram preparar-nos para um desengano, prevenindo-o, repelimos com energia a ideia dele. O silêncio não nos é mais agradável; as apreensões ganham corpo no meio dele; falam os pressentimentos do mal. Tentamos sorrir, gela-se-nos o sorriso nos lábios. A quietação é-nos tão intolerável como o movimento. Ansiamos sair da incerteza, e de cada

indivíduo que chega, trememos de saber a nova fatal. Vai mais longe o efeito moral deste estado de espírito; chegamos quase a querer mal a todos quantos estão assistindo naquele momento à decisão lenta da sorte. O nosso egoísmo, exacerbado em tais momentos, irrita-se com a ideia de que os nossos amigos tenham coração para assistir àquilo; e contudo não lhes perdoaríamos se se retirassem. Sensações daquelas esgotam mais vitalidade, em cada instante, do que anos de vida isenta delas.

O conselheiro lutava consigo mesmo para dominar-se; procurava preparar-se para receber o golpe, que bem podia dizer infalível. Que esperava ele? Não lhe era quase possível contar, um por um, os votos de que dispunha? Não ficava, por mais alto que elevasse o cálculo, uma grande maioria a esmagá-lo? Tudo isto era assim, mas o convencimento prévio recusava estabelecer-se-lhe no espírito, para lhe dar a tranquilidade da certeza.

É um vivedouro sentimento o da esperança! Não sucumbe senão perante um desengano inevitável. Porque lhe chamam verde, senão talvez por, como as plantas

exuberantes de seiva, resistir às mutilações e renovar os ramos cortados?

O conselheiro, dominado por todos estes tumultuosos afetos, passeava agitado na sala, olhando às vezes para a janela, à espera de ver assomar ao portão do pátio um dos seus partidários, cabisbaixo e melancólico, e armando-se de coragem para lhe dar o desengano.

Apesar de todas as prevenções, o que é certo é que a nova, quando viesse, feri-lo-ia como imprevista.

Sempre assim sucede.

No meio de um destes passeios agitados que dava em todas as direções por o meio da sala, ouviu-se a detonação de algumas dúzias de foguetes.

O conselheiro parou e fez-se excessivamente pálido.

Os corações de Madalena, de Cristina, de D. Vitória e de Ângelo bateram também precipitados.

A causa estava, enfim, decidida.

A girândola apregoava uma vitória, mas não proclamava o nome do vencedor; porém, que dúvida podia haver a

respeito dele?

O conselheiro sentiu fraquejarem-lhe as pernas; sentou-se, e, com um sorriso amargo, disse para a família:

— Estou desautorado pelos meus antigos mandatários!

— Quem sabe, mano? Às vezes.

Isto começava a dizer D. Vitória, para dizer alguma coisa, quando Ângelo, que ficava mais próximo da janela, exclamou:

— Aí vem um homem a correr a toda a pressa!

— A correr?! — disse o conselheiro, em quem esta simples notícia infundira novo alento a todas as esperanças e dissipara a sombra das pesadas apreensões; e caminhou pressuroso para a janela.

As senhoras seguiram-no ali.

O homem, que Ângelo vira de longe, divisava-se ainda por entre os silvados de um atalho, que vinha dar à avenida da entrada do Mosteiro.

— Parece o Domingos, o criado do Tapadas. — disse o conselheiro, afirmando-se.

— Mas que pressa ele traz! — notou D. Vitória.

— Já nos viu — disse Ângelo.

— Lá acenou com o chapéu — exclamaram todos.

— Que quer ele dizer com aqueles sinais? — disse o conselheiro, nervoso.

— Querem ver que é o que eu digo?! Olhe que venceu, mano.

— Qual! É impossível. Pois eu não sei como a votação correu? É boa! — disse o conselheiro com certo tom irritado, como de quem não quer que lhe descubram uma esperança.

Passou-se um pouco de tempo, em que o homem se perdeu de vista. Subia naquele momento a ladeira dos sobreiros.

Os olhos fitavam-se todos no portão do pátio à espera de o ver surgir ali. Mal se respirava.

— Ei-lo — disseram instintivamente todas as vozes, quando ele apareceu.

— Viva! Sr. Conselheiro, viva! — bradou ele de lá, apesar de esfalfado.

O conselheiro teve quase uma vertigem.

— Ele que diz? Como pode.

Não o deixaram continuar as senhoras, que já o beijavam e abraçavam com frenético entusiasmo.

Madalena, a própria Madalena, cujos mais ardentes votos eram ver o pai desistir da vida política, deixava-se tomar pela febre do triunfo e celebrava-o como se nele fundasse a sua felicidade. É que, na ocasião da luta, não há ânimo tão indiferente a estímulos, que não abrace um partido; ao princípio froixamente talvez, mas a incerteza aumenta o ardor com que se esposa a causa; os gelos da indiferença fundem-se nos momentos decisivos, e a ansiedade que precede a vitória aumenta a comoção que esta produz, se se realiza.

O conselheiro queria acalmar aquelas efusões, mas em vão bradava:

— Esperem! Esperem! Deixem ouvir! Isto não pode ser. Há engano.

Mas o ânimo feminino não entra facilmente na ordem, se chega alguma vez a sair dela.

Só a entrada do mensageiro na sala é que serenou o tumulto.

O conselheiro interrogou-o.

— Então que dizes tu? Que vivas são esses?

— Digo que vencemos — respondeu o rapaz, usando ingenuamente o verbo na primeira pessoa do plural.

— Estás a sonhar?

— O Sr. Tapadas, o meu amo, foi quem me mandou aqui a toda a pressa para lho dizer. Quando eu saí da igreja tinha vossemecê. tinha V. S.A. mais 105 votos do que o outro, e só havia na caixa uns trinta por junto. No caminho ouvi a girândola.

— Mas é impossível! Cem votos! Aí há engano. Não pode ser!

— Cento e cinco!

— Estás bem certo do que te disse teu amo?

— Ora se estou! E lá vi a cara do Brasileiro. Metia medo.

O conselheiro perdia-se em conjeturas. Agora parecia-lhe irrealizável aquilo que lhe anunciavam.

Não pôde mais tempo conter-se. Sobressaltado, ansioso, preparou-se para ir pelo seus próprios olhos averiguar o facto.

Mas, antes que o fizesse, uma onda popular, trazendo à frente a bandeira nacional e a filarmónica da terra, invadia o pátio e atordoava os ares com vivas, hinos e foguetes. À frente da música estava, radiante, mestre Pertunhas, embocando a trompa com mais arreganho que nunca!

O conselheiro chegou à janela, e então é que as aclamações foram estrondosas.

A desafinação da banda chegou a roçar pelo sublime.

O conselheiro agradeceu ao povo aquela manifestação.

Passados momentos, entravam na sala Henrique, o Tapadas, e outros chefes eleitorais, e com eles o Pertunhas, sobraçando a trompa.

— Que quer dizer isto? — perguntou o conselheiro, abraçando-os.

— Cento e trinta e cinco votos a maior, Sr. Conselheiro, nem mais nem menos — respondeu o Tapadas, rindo às gargalhadas.

— Cento e trinta e cinco — repetiu o Pertunhas.

— Mas donde vieram?

— Ora essa é boa! De Pinchões.

— De Pinchões — repetiu o Pertunhas.

— Como? Pois o Morgado?

— Votou connosco como um homem. Ora pudera!

— É verdade. votou. connosco — dizia mestre Pertunhas.

— Mas não se viu ainda há pouco.

— Que estavam com metralha inimiga? — concluiu o Tapadas. — Que tem lá isso? Mas vão lá à igreja e verão as buchas que estão pelo chão. É um destroço! Parece a loja de um farrapeiro.

— Mas explica-me isso, Tapadas.

— Então não ouviu a rabecada que aquele santo do ervanário, que ainda que não fosse senão por isso deve

estar assentadinho no Céu, deu ao morgado? Pois aquilo lá ressentiu o homem. E, quando, depois de o Vicente expirar, ele voltou para a igreja, vinha a dizer: «Diabos me levem, que, se tivesse aqui listas à mão, havia de ensinar os tratantes que me meteram nesta dança». Vieram-me dizer isto, e eu que, para o que desse e viesse, sempre levava um sortimento de listas, cheguei-me por a calada ao morgado. Hem? e meti-lhas assim à cara, hem! — Ora! Foi um momento! Enquanto a mesa se senta e abre os cadernos, sim, senhores, e se põe tudo em ordem, estava armada a freguesia de Pinchões à nossa moda. Agora se se queria rir, era ver o Brasileiro! Como ele encafuava para a urna as listas que eu tinha trazido no bolso, e com que fogo! E eu a vê-lo enterrar até às orelhas e a fazer-me carrancudo! No fim então é que foram elas, quando começaram a aparecer as nossas listas às cargas cerradas. O homem enfiou! Cuidei que lhe dava alguma coisa no fim. Berrou, protestou. fez coisas do arco-da-velha. Agora chia contra o morgado, e, se o encontra, é capaz de o comer. Para coroar a festa, à girândola, que aqui o mestre Pertunhas tinha preparado para eles, pegámos-lhe nós o fogo, e estourou que foi um gosto.

E o Tapadas terminou com outra gargalhada.

O Pertunhas quis protestar contra a acusação, mas o Tapadas voltou-lhe as costas, dizendo:

— Ora adeus, meu amigo! O melhor é calar-se.

E ele seguiu o alvitre, limitando-se a dizer a meia voz para os que estavam próximos:

— Este Tapadas tem cada graça!

Assim, pois, a vitória do conselheiro era devida ao ervanário. Tinham-lhe falhado todos os seus cálculos políticos, transigira com exigências, nem sempre justas, o que de nada lhe servira, e salvara-o o elemento que desprezava. Acontece às vezes disto aos homens que muito calculam.

As senhoras, que estavam sabendo de Henrique o sucedido, renovaram as suas demonstrações de alegria.

O conselheiro, porém, ficou preocupado no meio das festas de família e das festas populares que se faziam no pátio.

CAPÍTULO XXXI

A morte do ervanário deu muito que falar na aldeia, não só pela qualidade de homem que era aquele, como pelas circunstâncias, no meio das quais o facto sucedera. O resultado da eleição, conquanto momentoso, não distraía do assunto as atenções; pois que, tendo sido sucessos simultâneos, associavam-se naturalmente nas conversas e discussões, e um chamava o outro.

O ervanário não fora colhido desprevenidamente pela morte; há muito tempo que fizera as suas disposições e por elas legara a Augusto tudo quanto possuía, isto é, alguns livros, entre os quais a Polianteia, e o preço, quase intacto, que recebera pela casa expropriada.

Logo que estas disposições foram sabidas, não faltou quem achasse nelas a explicação da amizade desvelada com que Augusto sempre tratara o velho, e do piedoso acatamento com que o recebera em casa, assim que da sua o expeliram.

Nós que, por um direito legítimo e inauferível, podemos julgar a fundo do carácter de Augusto asseguramos que eram inexatos tais juízos.

É uma triste verdade esta da pouca ou nenhuma fé que se tem no desinteresse dos outros!

Não há explicação mais difícil de ser recebida do que a que se fundamenta num sentimento nobre de abnegação ou de generosidade.

É preciso que duvidemos muito de nós mesmos, para assim desconfiarmos do próximo. Porque afinal o que é verdade é que a mais exata e infalível ciência do coração humano só se adquire pelo estudo do próprio coração: esse é o único que nos está bem patente. É por isso que as melhores almas são, de ordinário, as mais crentes.

Um homem a quem a desconfiança tenazmente escuda contra todas as aparências de virtude, ainda as mais insinuantes, tem já tão inquinado o coração como supõe o dos outros.

O enterro do ervanário verificou-se no dia seguinte ao da morte e foi muito concorrido.

Fez-se no cemitério, e por expressa determinação do falecido, em campa rasa, e não no túmulo da família do Mosteiro, como o conselheiro desejara.

Tudo se passou sem o menor sinal de oposição.

Não se explicam bem estas versatilidades da opinião pública. Uma medida que hoje ateia uma revolução, amanhã executa-se no meio do indiferentismo geral, e sem apostolado prévio, sem providências repressivas, nem castigos. Mistérios das massas, que mais convém ao legislador estudar, do que tentar destruí-los; oferecem a resistência das leis naturais.

O conselheiro e toda a família tomaram luto como parentes do ervanário, e receberam as visitas de pêsames, que, em parte, eram também de parabéns pelo êxito do sufrágio popular.

Ao fim da tarde em que se realizou a cerimónia fúnebre, quando soavam na igreja matriz as badaladas das Ave-Marias, Augusto entrou no cemitério, já deserto, e aproximou-se lentamente da sepultura, ainda coberta de pouco, como o denunciava a terra revolvida.

Ele, cujo coração era, decerto, o que a morte do ervanário mais dolorosamente ferira, não recebera pêsames de ninguém. Passara a tarde só com o seu pensamento, o qual, como o leitor prevê, lhe não devia ser muito jovial companheiro.

Quem observasse Augusto naquele momento, seria decerto impressionado pelo ar abatido, revelador de uma profunda prostração de ânimo, que lhe quebrara as forças.

Que era feito daquela energia, com que se revoltara contra as perseguições da sorte, e que lhe animara os primeiros passos para obter a justificação devida ao bom crédito do nome que lhe tinham legado sem mancha? Vimo-lo sair do Mosteiro resolvido a lutar, vimo-lo repelir com nobreza as ironias de Henrique, vencê-lo, obrigá-lo a pedir-lhe perdão; vimo-lo recusar o auxílio que este já lhe oferecia e considerar-se moralmente obrigado a conquistar ele próprio as provas da sua inocência.

Que é feito dessa energia?

O que é feito dela? Leitor, talvez o teu coração te possa responder por mim, se és uma dessas vítimas, para quem a

sorte parece personificada num espírito malfazejo, que se compraz nos martírios lentos.

Quando, uns após outros, se repetem os golpes da adversidade, quando todos os males parece caírem sobre uma existência, como uma maldição de Deus, é raro encontrar-se têmpera de alma tão rija que resista e não ceda, quase convencida, como o Jacob dos livros sagrados, de que luta com um poder superior.

A razão mais clara deixa-se tomar, então, da cegueira do fatalismo, e, eivado desta grave doença, dissipa-se a fortaleza do espírito, como se extinguem as forças do corpo, quando gira no sangue um veneno enervador.

Então, encontra-se quase um destes prazeres paradoxais, a que é tão sujeita a natureza humana: sente-se uma espécie de gozo em sucumbir sem luta. Experimenta-se, por assim dizer, o orgulho da extrema infelicidade.

Em poucos dias, Augusto conheceu as maiores provações da vida: a miséria em perspetiva, a ingratidão, o insulto que avilta, a calúnia que enodoa, e o infortúnio de um verdadeiro amigo; repelira com dignidade o insulto e a

calúnia; sorrira à miséria e à ingratidão, e dera à amizade as consolações que a amizade lhe inspirara.

Mas não desfalecera com tudo isto.

Maior provação lhe estava reservada, porque há maiores provações para a alma humana do que todas estas adversidades juntas. Apagai-lhe de súbito a estrela que a guiava; acordai-a do sonho em que se esquecia, dormindo no meio de uma desencantada realidade; privai-a da ideia querida, que há muito concebera, que consigo vivia, que para si guardava, ciosa dos olhares estranhos, e vê-la-eis desnorteada, perdida, louca, contorcer-se em desespero e sucumbir.

Se resiste e sobrevive, se não desfalece nem vacila, é porque é de essência mais elevada do que a humana.

Às vezes aquela ideia era tão irrealizável, aquele sonho tão quimérico, que a pobre devia estar prevenida para o perder um dia, e julgou que o estava.

Mas iludira-se. Se nos dermos de coração a uma quimera, se ela, nas formas vagas e aéreas que reveste, nos sorrir e namorar, em vão julgamos tê-la por o que verdadeiramente

é; há sempre um ou outro momento em que a acreditamos realizável e até realizada.

E, ao convencermo-nos deveras da sua impossibilidade, sentimos a dor profunda que nos causa a perda de um objeto querido.

Como certos deuses do paganismo, que nos seus amores com os mortais vestiam a forma humana, assim o impossível, quando nos apaixonamos dele, aparece, para nos seduzir, sob a feição da realidade aos nossos olhos namorados.

E, ao revelar-se como impossível, destrói o coração que o abraça, como Júpiter sacrificou a imprudente Sémele, ao aparecer-lhe em toda a sua glória de Deus.

Qual fosse a ideia constante, o pensamento recatado de Augusto, sabem-no os leitores: era o amor de Madalena. A natureza desta paixão dizia ele conhecê-la. Não tinha outra aspiração além de existir, era como o culto pela Virgem do Cristianismo, em que se adora por adorar, em que na mesma adoração se acha o prémio do culto, em que o deixar-se adorar é o mais que pode pedir-se ao objeto dele.

De tudo isto estava sinceramente convencido Augusto.

Mas porque foi que, desde os primeiros momentos em que viu Henrique, sentiu quase aversão para ele? Porque foi que, amável e bondoso para com todos, só para com o desconhecido se mostrou frio e irritante? Porque foi enfim que, ao persuadir-se, por certos indícios, de que Madalena e Henrique se amavam, caiu no desalento, em que tantas causas de infortúnio o não tinham lançado ainda? Porque a verdade era que foi este o golpe que o venceu.

Porquê? Porque amava Madalena, porque este amor não tinha nada excecional; era inconscientemente apreensivo, ambicioso, devaneador e ciumento, como todos os amores verdadeiros; porque era aquele o seu sonho mais querido, e, desde que era obrigado a convencer-se de que não passara de um sonho, não se sentia de ânimo para fitar a realidade; porque era aquela a luz da sua alma, e, ao vê-la apagar, vacilou nas trevas e parou. Desde que não avistava um alvo, não havia para ele retrogradar nem progredir; era um movimento sem fim, que não valia mais do que a quietação.

Esta fora a causa do desalento de Augusto, que só então conheceu que se iludira com o estado do seu coração, que o que em si se passara era o verdadeiro amor.

Desde que teve de renunciar a ele, não fez mais um esforço para justificar-se da calúnia que pesava sobre si. Sentia-se indiferente à condenação do mundo. Já nem lhe importava justificar-se para com Madalena; era quase uma vingança que tirava daquela por quem sofria obrigá-la a ser injusta.

E a sua consciência quase achava voluptuosidade nisto!

O ervanário fora vítima da mesma ilusão de Augusto e concorrera involuntariamente para o levar a este estado moral.

Das explicações dadas por Madalena na casa dos Canaviais, sabemos como, das meias palavras e meias revelações de Torcato, o ervanário acreditara que a Morgadinha combinara imprudentemente com Henrique uma visita noturna à quinta dos Canaviais. O velho, que suspeitara sempre da natureza dos sentimentos de Henrique para com Madalena, julgou ver naquilo a confirmação das suas suspeitas, e, de irritado que estava, nem escutá-la quis.

Voltando a casa, o velho lidou por muito tempo com a dúvida se deveria ou não revelar tudo a Augusto.

A noite cerrou de todo e deslizou com a lentidão de uma noite de Inverno, sem que ele tivesse resolvido o que faria. O dia seguinte passou-o na mesma indecisão. Mas a inquietação do ervanário crescia; desassossegava-o a ideia do perigo a que supunha exposta Madalena, cuja confiança em Henrique a podia perder.

O ervanário continuava a desconfiar de Henrique.

Chegara a noite, aquela em que Torcato lhe dissera ter com uma das meninas de visitar à meia-noite, por causa de Henrique, a casa dos Canaviais. O velho não pôde mais tempo conter-se e disse a Augusto, depois de muito lutar consigo:

— Não devo calar-me. É preciso coragem, meu filho. Arranca do coração a loucura que lá tens ainda, embora o deixes em sangue, ou estás perdido.

Augusto estremeceu, olhando-o com sobressalto.

O velho prosseguiu:

— Tu vais sair para te desenganares pelos teus próprios olhos, e, se o que vires te não curar, se é sem remédio esse mal, ao menos sê generoso, e acode e salva, se for possível, quem, perdendo-te, se perde também.

E, após estas palavras vagas, cujo mais claro sentido Augusto tremeu de investigar, o velho mandou-o aos Canaviais, naquela mesma noite, recomendando-lhe que fosse preparado para receber uma grande dor.

Augusto seguiu as indicações do ervanário, e foi.

Era dele o vulto que fizera estremecer Madalena, quando, na noite da piedosa devoção de Cristina, a vimos chegar à janela dos Canaviais.

A Morgadinha reconhecera Augusto através das sombras noturnas, e tivera um pressentimento do que significava a presença dele naquele lugar e naquela ocasião.

Por concentrada e discreta que fosse a paixão de Augusto, não era um mistério para Madalena.

A estranhar alguém esta penetração de vista não será, decerto, nenhuma das minhas leitoras.

Madalena adivinhara há muito Augusto e não lhe fora difícil explicar até a instintiva hostilidade com que ele sempre acolhera Henrique.

Por isso, ao vê-lo ali, previu que pesava sobre ela uma suspeita, que era vítima de uma ilusão, e compreendeu que as aparências a podiam condenar.

De feito, Augusto chegara tarde aos Canaviais, porque só tarde o ervanário vencera a hesitação que experimentara ao dizer-lhe que fosse. Por isso só pôde reconhecer a voz e a figura da Morgadinha e de Henrique no curto diálogo que entre os dois se trocara, quando vieram examinar à janela o estado da noite.

As palavras que escutou prestavam-se a ser interpretadas de uma maneira cruel para o seu coração. Assim as entendeu Augusto, e, sem mais querer ver nem ouvir, retirou-se como um louco.

Foi nessa ocasião que Madalena o viu.

Quando voltou a casa, o ervanário, que, ainda acordado, o esperava, viu-o pálido, e com uma expressão singular no rosto.

— Então? — interrogou-o ansiosamente o velho.

— Tinha razão, Tio Vicente. Tem sido uma longa e má loucura a minha. Verei se me curo dela.

E, sentando-se, encostou a cabeça às mãos e permaneceu silencioso.

O velho não lhe perguntou o que se tinha passado.

Daí em diante foi em rápido progresso a prostração de ânimo em Augusto.

A doença do ervanário, que se exacerbou consideravelmente também, era o único motivo de uma força fictícia que ainda o sustentava. Os seus desvelos pelo enfermo tomavam-lhe todos os instantes.

A única voz, eco da vida exterior que lhe chegava aos ouvidos, era a do cirurgião que tratava do ervanário.

Falador por índole e por cálculo profissional, o facultativo contava à cabeceira do leito as novidades do dia. Entre essas trouxe uma das que mais vogavam, que era a de que Henrique casava no Mosteiro com a Morgadinha.

Um equívoco dizer do Torcato, na presença dos criados do Mosteiro, uma das meias discrições do velho, mais perigosas do que a própria indiscrição, originara esta versão.

Augusto escutou a nova sem que o gesto o traísse, mas o ervanário, que o fitou com olhos interrogadores, leu claro naquele rosto impassível.

No dia das eleições, o estado do velho Vicente era mais grave ainda. O cirurgião prolongou a sua visita e falou da campanha eleitoral. Assegurou que era certa a derrota do conselheiro, desde que contra ele se manifestara o Sr. Joãozinho das Perdizes.

O ervanário escutou-o com admiração e sobressalto.

Porque a verdade era que o ervanário sentia pelo conselheiro uma predileção que a tudo sobrevivia, que nada podia destruir. Semelhava o afeto que alguns pais sentem pelos filhos, de quem só têm recebido desgostos, afeto que parece robustecer tanto mais, quantos mais motivos há para esfriar.

Pouco depois, mestre Pertunhas confirmou a notícia do facultativo.

Foi então que o ervanário, dominado por energia febril, quis erguer-se do leito, e, apoiado no braço de Augusto, que em vão tentou dissuadi-lo, se dirigiu à igreja para votar. O resultado sabem-no os leitores.

Todas estas causas, e a última, a morte do amigo, acabaram por quebrar o alento a Augusto. Fácil é, pois, de conceber qual o estado do seu espírito ao entrar no cemitério.

Oração ou meditação, por muito tempo durou aquele tributo de saudade, que o aspeto sombrio da tarde e a melancolia do lugar e da hora mais solene faziam.

Passados alguns momentos, sentiu Augusto que alguém se aproximava dele. Voltou-se. Era o Cancela, que também viera rezar junto do túmulo da filha.

Não era o Cancela já o mesmo robusto e alegre aldeão que vimos, dominado pelo entusiasmo, sobre o tablado rústico, representar com aplauso o tirano perseguidor do Messias. Desde a morte da filha parecia outro. Triste, avelhentado,

emagrecido, nem tinha forças para o trabalho, nem coração para alegrias.

Dir-se-ia que a filha lhe partira com a alma, e que era um cadáver o que se movia ali.

— Ah! Logo vi que era o Sr. Augusto — disse o pobre homem, estendendo a mão, que Augusto apertou com afeto. — Só nós temos amigos aqui.

— É verdade, Cancela. Ou só nós, fora daqui, não temos outros, pelos quais esqueçamos estes, que aí dormem.

— Eu decerto que não! Está-me toda a alegria, está-me todo o coração debaixo daquela pedra — disse o Herodes, apontando para o túmulo da filha. — Com mais de quarenta anos, que nova vida se pode começar?

— Há quem aos vinte já não tenha coragem para começar outra!

O Cancela olhou fixo para Augusto ao ouvir-lhe estas palavras.

— Fala de si, Sr. Augusto? Não tem razão. Que são as suas dores ao lado da minha? Se ainda não experimentou o

amor e as alegrias de pai, como há de imaginar a dor que a morte de uma filha única nos traz ao coração? A minha pobre Ermelinda! Parece-me ainda impossível o tê-la perdido! Queria a esse velho, Sr. Augusto? E com razão, que era seu amigo e quase um pai para si. Mas não é sem remédio a sua saudade, verá. A minha, porém.

Augusto sorriu amargamente.

— Tu sabes lá, homem, o que eu tenho no coração?

Nisto chegou-lhes aos ouvidos um vozear distante, como um rumor de aclamações e aplausos. Eram os clamores dos grupos populares, celebrando a vitória do conselheiro.

Os sons da trompa do mestre Pertunhas dominavam todos os mais.

— Uns riem, enquanto outros choram — disse o Cancela. — Há alegria acolá.

E designou com o dedo o Mosteiro, cujos telhados se avistavam dali.

— Há. — respondeu Augusto, pensativo. — Somos de mais nesta terra, meu pobre Cancela; nós, os infelizes.

— Por isso parto esta manhã.

— Partes?

— Se eu não posso viver aqui! Se tudo isto me está falando na filha! A cada passo estou à espera de vê-la. É como se a todo o instante me morresse. Vou para a cidade, dizem que estão engajando por lá trabalhadores para o Brasil. Quero ver se o trabalho me mata, antes que o desgosto me não tente a morrer de outra sorte.

— E dizes que partes esta manhã?

— De madrugada. Já tenho tudo pronto.

Augusto refletiu por algum tempo.

— Far-te-ei companhia.

O Herodes olhou-o, admirado.

— O Sr. Augusto?! Pois quer?

— Quero que me batas à porta, quando passares.

— Mas que tenções são as suas, Sr. Augusto?

— As mesmas talvez que as tuas. Não dizes que queres ver se o trabalho te mata? Porque não hei de eu tentar o

mesmo também?

— Mas. não lhe morreu uma filha.

— E pensas tu que só um amor de filha nos pode prender à vida? Que só a morte de uma criança nos pode ferir no coração?

O Herodes esteve algum tempo calado, com os olhos em Augusto; depois disse, com hesitação ainda:

— Não é por certo a morte desse santo velho que o faz falar assim, Sr. Augusto. Se quisesse desabafar comigo. talvez lhe fizesse bem. Bem vê que eu sou infeliz e havia de entendê-lo.

Augusto apertou-lhe a mão, comovido.

— Pobre amigo! Não, não me entenderias; porque não basta ser infeliz para me entender. É necessário ter sido louco como eu fui.

— Louco?!

— Sim, louco, meu bom Cancela, louco. Não te lembras daquele desgraçado do Pé do Monte, que se supunha rei? Como ria naquele tempo! Um dia voltou-lhe o juízo, mas

ficou tão triste até morrer, que parece que tinha saudades da loucura! Talvez lhe devesse os únicos instantes de felicidade que sentiu na vida.

O Herodes já não compreendia Augusto, o que lhe fez crer que o não entenderia se ele o tomasse por confidente.

Augusto mudou de tom, dizendo-lhe:

— Prometes passar pela minha casa esta madrugada?

— Pois sempre quer?

— Se não partir contigo, partirei só.

— Nesse caso.

— Espero-te. Aonde vais agora?

— Ao Mosteiro.

— Ah! Vais ao Mosteiro?

— Vou despedir-me daquela santa família, que tão bem me tratou da filha, e de Ângelo, daquela alma de querubim, que ainda se não consolou também da morte da minha pobre Linda.

— Ângelo? É um nobre coração. Espera. Não quero partir sem lhe dirigir algumas palavras. Devo-lhas.

— Só a ele?

— Só ele mas agradecerá.

E Augusto aproximou-se do túmulo da mãe de Madalena, e à froixa claridade daquela hora escreveu num quarto de papel estas palavras:

«Ângelo. — Escrevo-lhe sobre a pedra do túmulo em que repousa a sua mãe e Ermelinda, duas imagens que serão sempre para o seu coração rodeadas de todo o prestígio da saudade. Ouça-me, que em nome delas lhe falo. Dentro de algumas horas deixarei para sempre estes sítios. Se as memórias da infância me prendiam aqui, as sombras de grandes sofrimentos as ofuscaram. Parto quase sem custo. Não o tornando talvez a ver, Ângelo, tinha um dever a cumprir para com a sua generosidade. Hão de ensiná-lo a desprezar-me, Ângelo. O seu nobre instinto de criança recusar-se-á a isso ao princípio, talvez; mas a razão do adolescente talvez venha a ser mais dócil. Não podendo justificar-me, deixe-me ao menos jurar-lhe que parto com a

consciência tranquila. Não é por mim que faço este protesto; é para lhe evitar, se for possível, a dúvida no carácter dos homens. Para um coração, como eu lhe conheço, deve ser um martírio. Os mais que me condenem; nem necessidade sinto já de me justificar. Parto com um desalentado como eu. O que vou procurar não sei. Tudo aceito com indiferença.

Seu amigo, Augusto».

Fechando a carta, entregou-a ao Cancela, e, ajustando outra vez a hora a que deviam encontrar-se, separaram-se.

O Cancela dirigiu-se para o Mosteiro ainda a pensar nas palavras que ouviu a Augusto, e sem que atinasse com os motivos daquele desalento.

Não pôde, porém, chegar tão depressa ao Mosteiro como esperava; distraiu-o no caminho o seu compadre Zé Pereira.

A harmonia do par conjugal, de que constituía a parte masculina o nosso Zé Pereira, estava cada vez mais transtornada.

A beatice azedara o ânimo da Sra. Catarina do Nascimento de S. João Baptista.

A saída precipitada do missionário, que não se sentiu seguro na terra depois da cena do cemitério, e do desespero de Herodes, com quem ele imaginava a cada passo esbarrar, rodeara aquele santo varão do prestígio dos mártires perseguidos; e as saudades por ele e devoção pela sua memória aumentaram consideravelmente na aldeia.

Se mal corria há muito a casa e o governo doméstico da família Zé Pereira, pior tornou-se depois dessa época.

A mulher passava todo o tempo em devoções na igreja. O marido, desconsolado, procurava lenitivo na taberna.

Descuidou-se cada vez mais de trabalhar. A embriaguez era nele estado habitual e já menos inofensiva e pacífica do que nos primeiros tempos.

A miséria ameaçava invadir aquele lar, até ali remediado.

Tudo isto exacerbara a acrimónia das discussões conjugais.

Marido e mulher fustigavam-se com os menos amáveis epítetos e atribuíam-se reciprocamente as honras da ruína

do casal.

De noite desencadeava-se a tempestade doméstica e cada vez mais ameaçadora.

Um dia, o marido, excitado pelo vinho, foi mais além do que a sua timidez habitual o permitira até ali, e a Sra. Catarina soube, pela primeira vez, que o osso de que ela era osso não tinha a brandura que lhe suspeitava.

Deu-se uma cena escandalosa, em que interveio a vizinhança. Daí por diante foram frequentes iguais espetáculos.

Na noite em que o Herodes o encontrou, o Zé Pereira, em completa embriaguez, acabara de fazer sentir mais uma vez a sua mulher toda a força da autoridade marital. Ela revoltou-se e abandonou os penates, jurando que nunca mais voltaria a eles.

O pobre do homem andava agora perdido nas ruas à procura dela, arrepelando-se, chorando, praguejando, que metia dó. O Cancela condoeu-se dele, e, dando-lhe o braço, para lhe firmar os passos cambaleantes, conduziu-o a casa, prometendo restituir-lhe a mulher fugida.

E nesta tarefa de reconciliação passou grande parte da noite, conseguindo afinal harmonizá-los, mas convencido de que não seria muito duradoura a paz.

E tinha razão o Cancela em pensar assim. Ao lar doméstico, onde uma vez se passa uma cena daquelas, nunca mais volta o anjo da concórdia.

O pobre do Zé Pereira estava condenado a levar assim o resto da sua vida de família.

Esta ocorrência demorou o Herodes, que só tarde entrou no Mosteiro a despedir-se da família que tanto lhe estimara a filha.

CAPÍTULO XXXII

Augusto, ao voltar a casa, sentiu que estava inevitavelmente votado à insónia aquela noite, a última que devia passar na aldeia, não porque os preparativos da jornada lhe impedissem o repouso, mas a luta de tantos pensamentos e paixões encontradas, decerto, lhe disputariam o espírito.

Partir é já uma palavra, que quase nunca se pronuncia com indiferença: partir para não voltar é uma ideia aflitiva, que mais violenta comoção desafia; partir sem esperanças no futuro. poucas torturas da alma se podem comparar a esta!

Experimentava-o Augusto.

Era quase uma resolução de suicida a sua. Nenhuma ambição tivera poder sobre ele para o arrancar dali; tivera-o o desespero.

A cada momento, ele próprio surpreendia-se imóvel, abstrato, com os olhos fitos na chama da vela, com a

cabeça entre as mãos, sem saber em que pensava, sem consciência de si.

A noite estava sossegada, e apenas o som monótono de uma fonte próxima interrompia o silêncio daquelas horas adiantadas.

Augusto abria um livro, mas lia, como por certo o leitor sabe que se costuma ler em situações idênticas. Ficava-lhe aberto o livro todo o tempo na mesma página.

Levantava-se para fazer os aprestes da jornada, mas havia em todos os seus movimentos uma indecisão, uma falta de consciência, que não deixava dúvidas sobre o estado do ânimo que os regia.

Como que a todo o momento estava esquecendo a que fim convergiam as suas ações; e no meio do cumprimento de uma tenção, perdia a consciência dela.

Parava em frente de um livro, como se irresoluto em saber se o levaria consigo; mas cedo afastava-o de si com enfado.

Examinou depois os papéis e as cartas; queimou tudo. Vestígios de passados devaneios, efusões de uma alma sensível, frutos da juventude e da solidão, a que a primeira

inspirava o entusiasmo, e a segunda a melancolia, tudo consumiu; com certo prazer amargo via atear-se a chama, desaparecerem as letras, reduzir-se tudo a cinzas.

Respeitou apenas as cartas de Ângelo, que releu comovido. Falava-se em algumas de Madalena. O sobressalto do seu coração, ao ler aquele nome, era então mais violento que nunca.

Nestas pesquisas, veio-lhe às mãos um pequeno maço, que pertencera ao ervanário.

Ia para as queimar também, quando a inscrição, que viu por fora da cinta que as enfeixava, o fez hesitar.

Liam-se estas palavras:

«Cartas de Madalena».

Cartas de Madalena! Este nome tinha no ânimo de Augusto o valor de uma tentação.

Cartas de Madalena! Era quase ouvi-la falar, prazer a que já tinha renunciado; era entrar em comunhão de pensamentos com ela, e infeliz de quem não concebe a casta voluptuosidade deste gozo.

Mas ao mesmo tempo hesitava.

Pertencia-lhe também aquele legado? Não seria um abuso lê-las? Devia antes queimá-las, mas. eram cartas de Madalena. E depois, que mal poderia vir da indiscrição? Não tinha ele um coração que não devia abrir-se mais a ninguém? Encerrar ali qualquer segredo era encerrá-lo quase num túmulo.

E que segredos podiam ser os de Madalena e Vicente?

De que se poderia tratar ali, a não ser de algum afetuoso cumprimento da Morgadinha ao velho, que sempre tratara com íntima familiaridade, ou algumas meigas repreensões por a sua porfiada ausência do Mosteiro?

Augusto recordava-se até de o velho lhe ter falado na índole destas cartas.

Nas vésperas de renunciar para sempre à felicidade, devia-se-lhe perdoar a tentação.

Abriu-as.

Não ia muito adiantado na leitura, quando já todos os sinais de hesitação cediam os lugares aos da mais irreprimível

avidez. E, terminada a primeira, abriu, leu ou devorou outra, após outra e outra, até à última; da última voltava de novo à primeira, e cada vez mais profunda comoção parecia dominá-lo.

Transcrevemos algumas daquelas cartas, para o leitor julgar de todas.

Dizia uma:

«Meu bom amigo. — Ontem, depois que nos separámos, recebi de Lisboa a encomenda que esperava. O Ângelo não se esqueceu. Mando-lha, para que mais uma vez faça de feiticeiro, adivinhando os gostos do seu amigo.

«Afianço-lhe que vai acertar com os desejos dele. Há tempos que o vejo, enquanto espera na sala por os pequenos, procurar de preferência na estante os livros de história francesa. Custa-me a perdoar-lhe os atrativos que tem para ele a Revolução, mas enfim seja feita a sua vontade. Escuso de lhe recomendar discrição. E, quando nos virmos, peço-lhe que me não torne a falar nos laços em que diz que eu estou a prender o coração. Mete-me medo.

Sua amiga, Lena».

Esta era uma das mais remotas em data.

Outras diziam:

«Meu amigo. — Ontem separámo-nos de tão mau humor, que hoje acordei com remorsos e não pude sossegar enquanto lhe não escrevi para lhe pedir perdão. Espero que perdoará a este rebelde génio que tenho.

«Mas também para que me está sempre a ralhar? Não se assuste pelo meu coração; o maior perigo que o Tio Vicente receia para ele, faz-me sorrir. — É o de me apaixonar? — Então que tinha? Não sonhe com nuvens e vá representando o seu papel de adivinho, que é uma generosa ação que pratica.

Sua arrependida inimiga, Lena».

«Meu bom tio. — Aí vão uns livros, de que eu não entendo nada. Augusto falou deles ao filho do administrador, que veio de Coimbra. Conheci nele desejos de possuí-los. Tomei nota. O Ângelo remeteu-mos ontem. Para Augusto não desconfiar, finja atraiçoar um pouco o mistério, e fale no filho do administrador. Do mais, já nada digo.»

A de mais recente data dizia apenas:

«Tio Vicente. — Pensei no que me disse do estado do coração do seu. do nosso amigo. Parece-me que exagera. Mas, se fosse verdade, podia tranquilizar-se. Eu lhe afianço que daí nunca para ele virá a infelicidade. No entretanto discrição por ora.

Sua afeiçoada sobrinha, Madalena».

Por a amostra que lhe damos, o leitor não deve estranhar que estas cartas estivessem causando a Augusto o efeito que dissemos.

Cada uma era uma revelação.

Augusto vivera, sem o saber, sob a influência benéfica da Morgadinha: dela lhe viera, pois, grande parte da instrução que recebera, ali, na solidão daquela aldeia!

O mistério dos presentes do ervanário, a que tão diversas explicações dera, esclarecia-se enfim. Havia-os atribuído a Ângelo; suspeitara, pelo menos, que era a ele que o ervanário se dirigia para escolher os livros.

Nunca, porém, se lembrara de Madalena; agora, que sabia de que origem provinham, beijava-os, como sagradas

relíquias, venerava-os com expansões de verdadeira idolatria. Já não tinha coração para se separar deles.

Nas cartas em que Madalena se referia, mais ou menos jovialmente, aos cuidados que parecia dar ao ervanário esta simpatia manifesta dela por Augusto, não havia para ele menor encanto. Pelo que tantas vezes lhe dissera o ervanário, conjeturava de que natureza deviam ser as reflexões a que Madalena aludia.

O velho Vicente estava, por assim dizer, no meio daqueles dois corações, estudando-os a ambos, receando por ambos, lidando por extinguir num e noutro a simpatia que via crescer e que ameaçava degenerar em paixão. Toda a sua intervenção consistia em fazer com que eles se não revelassem; era o meio isolador que impedia que se ateasse o incêndio. Nas suas mãos paravam os dois fios da corrente; só ele a interrompia.

Esta situação do ervanário era para ele causa de grandes lutas.

Amando Augusto com sentimento paterno, tinha ambições por o amigo; e, às vezes, movido delas, sentia-se tentado a

favorecer aquela paixão; por outro lado, não estimava menos Madalena, e, prevendo as resistências e repugnâncias com que ela teria a lutar, e os tormentos a sofrer, hesitava e desejava poder abafar no coração dos dois os gérmenes de pesares futuros.

Tivemos ocasião de o ver sob estas diversas impressões. Umas vezes repreendendo Augusto, outras quase deixando-lhe entrever esperanças. A chegada de Henrique de Souselas e os sucessos subsequentes despertaram no velho uma espécie de ciúme, e fizeram-no mais ardente partidário de Augusto.

Tudo isto estava agora transparecendo ao espírito de Augusto.

Beijou as cartas da Morgadinha, releu-as, apertou-as ao coração, e tão enlevado estava pelo perfume do afeto que rescendia de todas, que nem se lembrava já da hora próxima da partida e do motivo que a originara. Motivo que era o desmentido da sua ilusão.

Mas esta ideia amarga acudiu afinal, e a impressão que produziu foi dolorosa; pela primeira vez aquela noite lhe

vieram as lágrimas aos olhos e a cara pendeu-lhe, quase desfalecida, sobre os braços, e assim permaneceu por muito tempo.

Depois levantou a cabeça num ímpeto de desesperação, exclamando:

Para que me tinham de vir à mão estas cartas? Que espírito diabólico se compraz de martirizar-me assim? Saber que um anjo me acompanhava com a sua vista protetora, só quando ele me vai deixar para sempre! E dizia ela que me não podia vir o infortúnio daqui! Não contava com as mudanças do próprio coração.

Na vidraça da sala térrea, em que se achava Augusto, soaram algumas leves e rápidas pancadas que o fizeram estremecer.

— O Cancela já! É pois certo que vou partir?

Levantou-se para abrir, e os passos vacilavam-lhe como os do condenado ao caminhar para o suplício.

Chegara o momento de romper com todas as esperanças.

— Estou pronto — disse ele, abrindo a porta, e, voltando para dentro, sem reparar em quem entrava, pôs-se a reunir e a ordenar os papéis que tinha dispersos na mesa.

— Cuidei que era mais cedo — continuou ele. — Distraí-me a ler umas cartas que estive a pôr em ordem, e o tempo correu. Vamos lá, meu pobre amigo, deixemos esta terra para os venturosos.

E, dizendo isto, desviou o olhar para o sítio onde julgava que devia estar o Herodes; mas, em vez dele, achou diante de si Ângelo e Madalena, que, parados no meio da sala, o fitavam com melancólico sorriso.

Augusto estremeceu, soltando um grito de surpresa, e, com o olhar fixo em Madalena, ficou por bastante tempo nessa muda contemplação.

Madalena foi a primeira que falou.

— Admira-se de nos ver aqui? — disse ela. — Que há de mais natural? Ângelo recebeu a sua carta e mostrou-ma. Tivemos ambos o mesmo pensamento; viemos para lhe dizer. pelo menos o adeus que lhe devíamos. visto que vai partir.

E havia nestas palavras de Madalena um mal pronunciado tom de recriminação, que feriu Augusto.

— E é certo que quer partir? — perguntou Ângelo.

— Sim. parto. — respondeu Augusto, perturbado.

— Mas porquê? Que significa essa resolução? Lena contou-me há pouco tudo. Eu nada sabia. Disse-me que o ofenderam com uma suspeita infame, e na nossa casa! Mas, já resolvemos: amanhã, eu e Lena, havemos de falar, havemos de conseguir.

— Não, Ângelo. É inútil. Deixe-me com o meu destino. É a ele que eu obedeço.

— Não fala verdade — acudiu a Morgadinha —; diga que obedece à sua fantasia, e comete uma ingratidão.

À palavra «ingratidão» Augusto não pôde reprimir um sorriso de amargura.

— Uma ingratidão, sim — repetiu Madalena, respondendo com firmeza e serenidade àquele sorriso. — Há dias, depois de uma cena dolorosa para todos nós, quando saía do Mosteiro subjugado por uma misteriosa e

cruel fatalidade, encontrou alguém no limiar da porta, que lhe pediu que não partisse sem se despedir. de quem, através de tudo, o acreditaria inocente. E para esta pessoa não houve uma só palavra na carta de despedida que mandou ao meu irmão! E escreveu-a sobre o túmulo da minha mãe!

Estas palavras foram ditas com tão sentida comoção, que Augusto esteve quase a lançar-se-lhe aos pés, para pedir perdão; reteve-se, porém, e respondeu turbadamente:

— Porém, minha senhora, por essa ocasião eu jurei também à pessoa de quem fala, e a quem serei sempre grato, que não procuraria tornar a vê-la, nem falar-lhe antes de me poder mostrar aos olhos de todos digno da sua generosa confiança.

— Foi isso que jurou, ou antes que não procuraria ser visto? — perguntou Madalena, sorrindo. — Veja qual desses juramentos será mais em harmonia com os seus atos.

A lembrança da excursão noturna aos Canaviais, para espiar Madalena, tirou a Augusto o ânimo de responder.

Madalena compreendeu aquele embaraço, e não insistiu.

— Mas suponhamos que assim foi; visto isso, parte para buscar as provas da sua justificação?

— Não, minha senhora; parto, porque desisto dela. Basta-me estar justificado para com a consciência.

— Não tem direito para o fazer. Uma alma que é nobre deve homenagem a si própria. Resignar-se à suspeita é como um suicídio moral.

— Justamente, minha senhora; e não concebe que haja casos em que o suicídio seja natural?

— Meu Deus, Augusto — exclamou Ângelo — como eu o estranho! O que o levou a esse desespero?

A Morgadinha sorria, ao responder ao irmão:

— É uma febre que passa, verás. Quer que lhe fale com franqueza, Sr. Augusto? Tenho um secreto pressentimento a dizer-me que, apesar dessa descrença, apesar dessa carta e apesar de estar por minutos o momento da partida, não só não partirá, mas até há de tomar parte na nossa primeira festa de família, a do próximo casamento de Cristina.

Estas últimas palavras fizeram impressão em Augusto, que instintivamente repetiu:

— Do próximo casamento de Cristina?!

— Pois não sabia que Cristina vai casar? — perguntou Madalena com a maior naturalidade, mas fitando os olhos em Augusto. — É verdade, o Sr. Henrique de Souselas teve pressa de legitimar o título de primos, com que arbitrariamente nos tratávamos.

Augusto olhou para Madalena, com indefinível expressão, dizendo:

— Quê? Pois é com Cristina. pois Henrique vai casar com.

Só depois de lhe romperem dos lábios estas palavras, é que, reconhecendo a indiscrição da sua surpresa, acrescentou com mal simulada indiferença:

— Ah! Não sabia!

— Deveras? Pois não tinha ouvido falar deste casamento? Ou. querem ver que supunha também que era eu a que me casava? Digo isto, porque o Cancela também

estava na mesma crença. Parece que correu essa voz na aldeia. Estes boatos! E acham logo quem se fie neles!

E, mudando de inflexão, prosseguiu:

— São dois noivos exemplares, Henrique e Cristina, perdidos um por o outro. Cristina, com a sua timidez, exerce um forte império sobre aquele incorrigível da capital. Mas para isso foi preciso encontrá-lo doente. Tenho orgulho de ser eu a primeira a legitimar, de alguma maneira, aquela simpatia. Foram singulares as circunstâncias em que isto se efetuou. Eu lhe conto. Foi de noite, e noite de chuva, na capela-mor da minha propriedade dos Canaviais, onde Cristina fora rezar, pela saúde de Henrique, as estações da meia-noite; onde Henrique foi, para seguir e observar Cristina, e onde eu fui, com a Brízida, para os vigiar a ambos e preparar-lhes o futuro, intervenção algum tanto perigosa, porque podia haver quem me seguisse a mim com menos generosas intenções do que as de qualquer dos três, e que, ao ver-me em tão extraordinário sítio, a tais horas, não me concedesse a confiança precisa para acreditar, através de tudo, na minha inocência.

A alusão era clara, e mais clara a fazia a inflexão com que foi pronunciada.

Augusto curvou a cabeça e murmurou:

— Tem razão, algum miserável.

— Ou algum infeliz — corrigiu delicadamente Madalena. — Os infelizes são também sujeitos a perderem a fé. Mas quem lhes pode levar a mal isso?

Houve alguns instantes de silêncio, ao fim dos quais a Morgadinha disse mais jovialmente:

— Mas afiancei há pouco que não partiria. Acaso me enganei?

Augusto, como o leitor concebe decerto, já não tinha ânimo nem razão para dizer que partia. Calou-se.

Ângelo, a cuja pronta inteligência não tinha ficado latente o verdadeiro sentido deste diálogo, graças também ao conhecimento que ele tinha, há muito, do coração da sua irmã e do de Augusto, respondeu por ele:

— Não te enganaste, não, Lena. Também eu já digo que Augusto não partirá.

E Augusto sem protestar!

Madalena tornou-se de súbito mais séria e grave do que até ali, e a mesma gravidade tinha na voz quando de novo se dirigiu ao irmão, dizendo:

— Para vir aqui, pedi o auxílio do teu braço de criança, Ângelo, como se fora o de um homem. Deixa-me considerar-te por mais algum tempo ainda da mesma maneira, enquanto não termino a minha missão. Há pouco, depois que me leste a carta, que a ti só tinha sido dirigida, perguntaste-me: «Que tencionas fazer?» Não foi assim?

— Foi, e tu respondeste-me o que eu esperava. Pediste-me que te acompanhasse aqui.

— Hás de já ter percebido que o pensamento que me obrigou a este passo, que não sei se me deverão censurar, creio até que devem, que esse pensamento não está cumprido ainda.

— Vejo que não.

— Pois é diante de ti, Ângelo, que considero como um homem, como um bom conselheiro, é diante de ti, como

seria diante de quem quer que aí estivesse no teu lugar a ouvir-me, que eu vou concluir o meu pensamento.

E, voltando-se para Augusto, Madalena acrescentou com firmeza, que só um demasiado rubor trairia, se a luz fosse bastante para o denunciar:

— Augusto, está pobre, sem família, sem amigos, e, para última provação, até as traições e as suspeitas lhe não pouparam o nome honrado que herdou. Essa posição dá-lhe direitos que eu sei compreender, creia. É uma espécie de nobreza, de que se não pode exigir humilhação alguma. Por isso, sem hesitar, com toda a lealdade, vim aqui em companhia de Ângelo para estender-lhe a mão e dizer-lhe que, se, como tenho razões para crer, as simpatias de uma alma que há muito o compreende, Augusto, se essas simpatias podem bastar às aspirações da sua, se, para ganhar coragem, os meus afetos lhe podem servir, conte com o auxílio da minha alma. e dos meus afetos. É diante de ti, que faço esta confissão, Ângelo. Terás que me ralhar por causa dela?

Ao ouvir aquelas palavras, Augusto esqueceu toda a hesitação, e, tomando entre as suas a mão que Madalena

lhe estendia, cobriu-a de beijos apaixonados.

Madalena não teve pressa de retirá-la.

Ângelo veio também beijar as faces da irmã. Era assim que respondia à pergunta dela.

Pobres crianças! Porque afinal eram crianças todos três, crianças a quem ainda os romances namoram, sem que se lembrem de que, ao transplantá-los para a vida real, todos os desconhecem e censuram, e só regando-os de lágrimas é que as mais das vezes se consegue nutri-los.

O olhar de Augusto radiava já com o vivo fulgor da alegria.

— Obrigado, Madalena; deu-me a vida com essas palavras generosas. Deixe-me adorá-la, anjo, anjo libertador! Compreendo os deveres que tenho a cumprir. Hei de ter força para conquistar as provas da minha inocência. Preciso agora delas; hei de obtê-las, e depois.

Aqui reteve-se de súbito, e uma nuvem de tristeza toldou-lhe de novo o rosto.

Madalena, como se o compreendesse, concluiu:

— E depois sou eu quem tem o direito de exigir que não pare. Bem vê que, depois do passo que dei, se algum escrúpulo ou orgulho pesasse no seu coração, Augusto, seria uma dolorosa ofensa que me fazia. Aceitou a mão, que eu com lealdade lhe ofereci; a lealdade obriga-o agora a seguir o caminho do Mosteiro.

Depois de alguns instantes de reflexão, Augusto respondeu outra vez com firmeza:

— Tem razão, Madalena. Terei coragem para cumprir o meu dever.

Escusado é dizer que o Herodes teve de partir só.

O bom homem ficou espantado ao encontrar em casa de Augusto tão inesperada companhia, mas não lhe foi difícil, depois do que viu e ouviu, conjeturar qual a natureza dos motivos que tinham feito mudar de resolução o seu companheiro de jornada.

Partiu, desejando todas as felicidades aos seus amigos. Estes não conseguiram dissuadi-lo de partir.

Não havia já estímulo para arrancar aquele coração ao desalento.

Madalena e Ângelo voltaram ao Mosteiro.

O resto da noite de Augusto passou sob a influência de tão violentas paixões, que desisto de descrevê-las.

CAPÍTULO XXXIII

Na manhã do dia seguinte estava toda a família de Madalena, na qual incluímos já D. Doroteia e Henrique, reunida numa das salas do Mosteiro.

As duas primas, Madalena e Cristina, trabalhavam em costura; Ângelo e Henrique jogavam o xadrez; D. Doroteia e D. Vitória conversavam a respeito do preço de umas meadas de linho, que esta tinha dado a corar, e da péssima qualidade do fiado, efeito evidente, segundo D. Vitória, das criadas que tinha, que nem para fiar serviam. O conselheiro examinava distraí do vários memoriais e cartas de empenho, que recebera já a pedir empregos e graças em paga dos serviços eleitorais, às vezes hipotéticos.

A cada passo, porém, Madalena suspendia o trabalho, para olhar para a porta da sala, principalmente quando nos imediatos aposentos se escutava algum rumor; ou trocava olhares com Ângelo, que não com menor frequência os

desviava das pedras do tabuleiro para encontrar os da irmã.

Henrique também, de vez em quando, tinha que perguntar a Cristina, e esta, para lhe responder, julgava-se obrigada também a afastar os olhos da costura.

D. Vitória e D. Doroteia não era raro meterem-se na conversa dos outros, donde fácil transição achavam logo para voltarem aos seus assuntos favoritos: meadas e criados.

O conselheiro interrompia a cada momento a leitura com bocejos, ou fazia notar alguma mais exorbitante pretensão de tantas que examinava.

Era evidente que todas aquelas cabeças estavam pouco preocupadas com os assuntos aparentes das suas cogitações.

— Ó Lena! — dizia Cristina, que pela terceira vez chamava a prima, sem conseguir ser ouvida — que tens tu esta manhã? Que distrações são essas, que não respondes quando te chamam?

— Pois falaste-me?

— É o que eu digo! Ó menina, há que séculos te estou eu a perguntar em que tempo é que as laranjeiras têm flor?

— Ah! Criste! — acudiu o conselheiro, do lado, sorrindo. — Esse pensamento é linguareiro; ficamos todos sabendo aquilo em que tens estado a cismar.

Cristina corou intensamente, ao perceber o sentido das palavras do conselheiro, e tentou defender-se, dizendo:

— Ora, não era isso, tio. Eu perguntava, porque.

— Sossega; quando o véu estiver pronto, a laranjeira não nos faltará com ramos e flores.

— Não, mano — disse D. Vitória — olhe que se não trata de ver o que é que está dando nas laranjeiras, dentro em pouco não há uma só na quinta. Que também para serem comidas as laranjas pelos criados. Porque quase que são só para eles. Não que não faz ideia!

E continuou com D. Doroteia a narração dos abusos de que os criados eram culpados.

Daí a momentos foi o conselheiro o primeiro a falar.

— Esta é galante! — disse ele, examinando uns papéis e rindo. — Ora ouça isto, Henrique. Aqui está um homem que deseja que eu empregue nada menos do que sete sobrinhos que tem. Sete! É uma geração como a de Jacob; se estivéssemos na corte de Faraó!

— Se se satisfizessem cada um com uma pasta? Era um ministério completo — disse Henrique.

— Oh! oh! — dizia o conselheiro, passados alguns momentos. — Cá está o meu amigo Pertunhas, teimando com o lugar de recebedor.

— Pois o maroto ainda se atreve?

— E que despesa de estilo que faz! É uma ode congratulatória em prosa.

Nestas entremeadas conversas e diálogos curtos e interrompidos passou-se o tempo até à chegada do correio, sucesso que marca época numa manhã passada na aldeia.

Naquele dia, sobretudo, eram esperadas com ânsia as cartas e os periódicos, que deviam trazer notícias do resultado das eleições dos diferentes círculos do país.

O conselheiro já por três vezes consultara o relógio, estranhando que o correio se demorasse.

Enfim chegou.

O conselheiro pôs de lado os memoriais e requerimentos; Henrique deu súbito desfecho ao jogo com um lanço absurdo, e ambos se precipitaram sobre os periódicos e cartas; Ângelo veio encostar-se ao espaldar da cadeira de Henrique.

O conselheiro começou por ler uma carta.

Henrique rompeu a cinta do primeiro periódico.

— Oh! oh! — disse o conselheiro, logo às primeiras linhas que leu. —Temos crise ministerial. As eleições foram pouco favoráveis ao Governo; perderam-nas em quase toda a parte!

— Assim também se depreende do estilo em que vem escrito este artigo de fundo — disse Henrique.

— Dizem-me nesta carta que já se fala em que o ministério vai pedir a sua demissão.

— Este artigo alude apenas a uma reconstituição do gabinete.

— «O Governo — prosseguiu o conselheiro, lendo — nem espera pela constituição da câmara e cai por estes dias, infalivelmente. Quando você receber esta, já talvez ele pertença aos livros findos».

— «Diz-se que há para esta noite conselho de ministros para resolver sobre qual o seu procedimento, visto a índole provável da futura câmara» — lia Henrique no periódico, que logo em seguida pôs de lado, para consultar outro.

— «Não imagina — continuava o conselheiro, lendo a carta — o movimento de ambições que vai já por aqui». Ora se não imagino!

— Um número do Sufrágio Nacional! — exclamou Henrique, abrindo segundo periódico. — Provavelmente, é alguma amabilidade que lhe dirigem, Sr. Conselheiro; eles que lho mandam!

— Sim, decerto. Como da outra vez. Veja lá — disse o conselheiro sorrindo —; aos moribundos tudo se perdoa.

Henrique correu a vista pela folha, para saber o que motivara a remessa dela para o Mosteiro, onde não costumava vir.

— Ah! Temos correspondência cá da terra! — exclamou por fim.

— Deve ser isso. Já tardava. É comunicado do Seabra. Leia, que são curiosos. O homem a apreciar as eleições de domingo deve ser soberbo. Isso não se pode perder. Leia, leia.

— Assina-o um leitor indignado.

— Justo. É o estilo do homem. Vamos lá a ver isso.

Henrique começou a ler em voz alta o comunicado do Brasileiro.

A peça literária, de precioso lavor, em que o Sr. Seabra contava ao Mundo os factos eleitorais da sua terra, muito desejaria eu transcrevê-la aqui, se, pela sua extensão, não tomasse demasiado espaço, e se, pela sua unidade e estreita ligação lógica, se não subtraísse à menor tentativa de fragmentação.

Aquele comunicado era indivisível.

Apesar desta forçada omissão, espero que os leitores farão a justiça de supor o escrito digno do distinto economista, que ouvimos discursar com tanta proficiência na taverna do Canada.

O homem escrevia recheado de indignação pela série de ilegalidades, escândalos, subornos e pressões de todo o género de que, dizia ele, fora teatro aquela pacífica aldeia do Minho.

Em linguagem chã e rude ia tornar patente, acrescentava, aos olhos de todos uma pestífera chaga do organismo social. Sofismara-se a urna e calcara-se aos pés a Carta. As frases em itálico são dele. Depois de um exórdio por esta afinação, em que fazia a conveniente razão de ordem, entrava o homem na matéria. Era um modelo de impertinente bisbilhotice o escrito; desfiava-se ali a vida de todos os eleitores com uma minuciosidade esmagadora.

Contava-se como o compadre de Fulano dissera isto e aquilo ao sobrinho de Sicrano; e como tal indivíduo fizera e acontecera; e como tal disse que havia de fazer, e não fez; e

como aquele nem disse nem fez; e como aqueloutro dissera e fizera, e assim por diante. Um dos mais maltratados era o Sr. Joãozinho das Perdizes. Dizia o autor da correspondência que o Morgado se tinha vendido por vinho; que exercera pressão sobre os eleitores da sua freguesia; que era homem de péssimos costumes e moral depravada; jogador, bulhento, beberrão, cheio de dívidas, amigo de malfeitores, e etecetera.

O conselheiro e Henrique seguiam a leitura com gargalhadas.

O comunicado passava depois a ocupar-se com o mestre Pertunhas.

O Brasileiro não lhe perdoara a pressa com que este celebrara a vitória do conselheiro, à frente da filarmónica que regia.

Por vingança chamava-lhe todos os nomes injuriosos, que a raiva lhe sugeria, inclusive o de estafador de trompa, e fechava por estas memoráveis palavras:

«Para levar à evidência o carácter infame e intriguista deste sevandija, basta que diga que foi ele quem, poucos

dias antes, subtraiu de uma pasta aquela célebre carta política, que tanto deu que falar no país. E este homem exerce o cargo de administrador do correio. Proh pudor!».

Como o leitor imagina, esta parte da correspondência produziu sensação no auditório.

Logo que Henrique concluiu a leitura, saiu de quase todas as bocas uma exclamação de surpresa ou de alegria.

— Como é? Como é? — perguntou o conselheiro. — Diz que.?

— É o mistério que se explica — respondeu Henrique. — A traição encarrega-se de a si própria se desmascarar.

— Então foi o Pertunhas?! Mas. diz-se que tirou a carta de uma pasta.

— Era a de Augusto.

— Mas como estava ela aí?

— Lá isso sei eu como foi — disse D. Vitória —; fui eu que, por engano, lha tinha dado junta com outras para ele escolher alguma para a leitura dos pequenos.

Cristina celebrou a descoberta, beijando com efusão a Morgadinha, e dizia:

— Venceste, Lena! Agora está bem provada a inocência dele, até para os que mais duvidavam!

— E quem não duvidaria? — acudiu o conselheiro, como para se desculpar da desconfiança.

— Quem o conhecesse bem, meu pai — respondeu Madalena, a quem a comoção recebida dava animação ao olhar e ao rosto. — Eu e Ângelo, por exemplo.

— E então eu? — acrescentou Cristina. — Eu não entro na conta?

Esta reclamação valeu-lhe da parte da prima a paga do beijo que recebera.

— Olhem o pobre rapaz! — dizia D. Vitória, sinceramente consternada. — E eu que o tratei tão mal! Bem me dizia ele: «Não tenha pressa de dizer nada aos seus filhos, minha senhora; não lhes ensine a duvidar de um homem que eles se costumaram a amar e a respeitar». E o caso é que eu, desde que lhe ouvi dizer aquilo, de um

modo tão sério e triste, fiquei ressentida e não disse nada às crianças, que todos os dias me perguntam ainda por ele.

— Mas. — dizia D. Doroteia, deveras embaraçada — eu não sei ainda bem do que se trata. Pois suspeitavam de Augusto? Mas o quê?

— Ó tia Doroteia — atalhou Henrique — por quem é, não insista na pergunta. Depois que se sabe que uma suspeita é falsa, não há nada que mais escalde os lábios do que obrigá-la de novo a passar por eles.

— Tens razão, menino. E que precisão tenho eu de saber uma coisa que não é verdadeira? Mas na verdade! Suspeitarem de Augusto! Ah! Henrique, está-me a parecer que também tu tens esse pecado a pesar-te na consciência. Ora anda lá.

— Não, tia. Há muito que lhe faço justiça. Ao princípio não digo que não. Mas durou pouco tempo e já estava arrependido. Augusto convenceu-me pela maneira com que me falou, convenceu-me sem provas, e até se, em expiação, me não pus em campo a auxiliá-lo a justificar-se, é porque ele exigiu que me abstivesse disso, e, depois, o meu

desastre. quero dizer — emendou, olhando para Cristina — a felicidade que me procurou sob a forma da doença.

Cristina pagou-lhe com um sorriso o galanteio.

O conselheiro, que ficara pensativo depois das primeiras reflexões que lhe ouvimos fazer, disse, suspirando:

— Estou sentindo verdadeiros remorsos pelo mal que por certo causei àquele rapaz com as minhas suspeitas. Mas que havia eu de fazer? As aparências eram-lhe contrárias! E depois, nesta vida de política, aprende-se tanto e tão depressa a duvidar! É sorte minha! Homens, a quem eu estimava deveras, foram exatamente os que mais fiz padecer! Senão, vejam: o ervanário, meu companheiro de infância, e que sempre me teve amizade, apesar das aparências rudes de que a revestia, dispuseram-se as coisas de modo que o privei da casa em que nasceu e talvez lhe apressasse com isso a morte. E ele, coitado, vingou-se nobremente; mas vingou-se, porque nunca mais me sairá da ideia aquela cena da igreja. Augusto, um rapaz que conheci pequeno, e já então de viva inteligência e de sentimentos nobres., pois tudo se conspirou para o perder, e não só o privei do modesto lugar que ele exercia, mas até

levantei contra ele uma acusação infamante e quase o expulsei da minha casa. É triste que a vida política me tenha obrigado a estas crueldades! Preciso de compensar de alguma sorte o mal que fiz. De que maneira lhes parece melhor?

— Eu, se fosse — disse D. Doroteia — fazia como a morgada, e o rapaz, em vez de vir a ser só padre, havia de se formar em Coimbra, como o reitor de Friande.

— Isso era se ele quisesse ser padre — acudiu D. Vitória —; mas parece-me que não quer. Nada, nada, eu o que fazia era demitir aquele velhaco do Pertunhas, e dava a este o lugar de mestre de latim, e arranjava que ficasse também com o correio. Ora anda, já que o outro foi tratante!

O conselheiro sorriu ao expediente da cunhada, e não pôde deixar de dizer:

— Nesse caso deixava só ao Pertunhas a regência da filarmónica? E tu, Lena, qual é a tua opinião?

Madalena respondeu sem vacilar:

— A minha opinião é que o pai deve ir a casa de Augusto, pedir-lhe humildemente perdão pela ofensa que

lhe fez.

— Mas involuntária — ponderou o conselheiro, em tom de despeito, que não pôde bem disfarçar.

— Mas ofensa — repetiu Madalena sem que o sorriso dissipasse totalmente a força da expressão.

— É um pouco dura de cumprir a sentença, sobretudo esse advérbio «humildemente». Não lhe parece? — perguntou o conselheiro, voltando-se para Henrique.

— Eu tinha vontade de dizer também a minha opinião — respondeu Henrique —; mas receio certos melindres. Contudo, parece-me que encontraria uma recompensa, que poderia fazer esquecer a Augusto ofensas e dores muito mais pungentes do que as que sofreu em virtude desta desagradável ocorrência.

— Qual é? — perguntou o conselheiro.

Henrique olhou para Madalena, respondendo:

— Repito que tenho escrúpulo em dizê-lo, porque talvez não seja eu o mais competente para o fazer.

— Tem razão, primo — disse Madalena. — Ele próprio o dirá. É mais natural.

— Mas sabe-lo também tu, Lena?

— Sei.

— Então diz. Melhor para mim, se puder prevenir desejos.

Madalena hesitou.

— Vamos, Henrique — disse Cristina, sorrindo — não esteja com tantos escrúpulos. Diga o que pensa.

— Pois quer? Mas se sua prima me não perdoa?

— Eu o protegerei. Fale.

— Então, Criste? — disse Madalena.

— Bem; nesse caso. Visto que mo ordena quem pode.

— Fale, fale — disseram a um tempo o conselheiro, D. Vitória e D. Doroteia.

— Falarei. A recompensa a que Augusto aspira é a de fazer parte da família de. da nossa família — respondeu

Henrique, olhando para Madalena, que já não tentava retê-lo.

— De fazer parte da nossa família? — repetiu o conselheiro. — Mas como?

— Como há de ser? Visto eu não estar resolvido a prescindir de Cristina, e Mariana ser ainda criança, fácil é de conjeturar o único meio que ainda resta de realizar aquela pretensão.

O conselheiro compreendeu afinal, e, fitando Madalena, pôs-se a rir, dizendo:

— Pobre rapaz! Pois meteu-se-lhe isso na cabeça?

— Mas que é afinal? Eu não entendo — dizia embaraçada, D. Vitória.

— É uma coisa muito simples — respondeu Henrique. — Augusto sentiu o efeito dos encantos da minha prima Madalena, mas sentiu-os a ponto de ligar a eles a sua felicidade, e de cair em adoração para com a magnetizadora.

Esta explicação foi recebida com espanto por D. Vitória.

— Ora! Está a brincar, primo Henrique! Não ouve aquilo, prima Doroteia?

— Mas que é, que é? — perguntou esta.

— Diz que o Augusto aspirava.

— Perdão, eu disse que Augusto adorava e não aspirava. Quem pode tomar contas a um coração do culto que ele guarda religiosamente em si? A prima Lena é adorada por aquele rapaz, isso afirmo eu, porém.

— É possível! — exclamou também D. Doroteia, espantada. — Por essa não esperava eu. Olhem para o que lhe havia de dar! Pobre Augusto!

O conselheiro ria ainda da notícia que recebera.

Madalena corou ao ouvir todas aquelas exclamações de estranheza. Cedendo ao impulso enérgico do seu carácter impetuoso e apaixonado, disse com vivacidade:

— Não sei que haja no que diz o primo Henrique nada que mereça esses espantos. Pois quem sou eu afinal? Que distância me separa da humanidade, para que se tenha por um desacato uma afeição que inspire? É verdade. Julgo que

não se enganou o primo Henrique. Também eu descobri esse afeto em Augusto. Nasceu-lhe no coração e não na cabeça, meu pai. Há muito que o sei e nunca a descoberta me causou o espanto que vejo nos outros. Digo mais: causou-me orgulho. Orgulho, sim, porque é natural senti-lo por ter inspirado sentimentos daquela ordem a um carácter generoso que, experimentado pelo infortúnio, saiu sempre da prova mais nobre e mais puro do que dantes.

O conselheiro, que ouvira a filha com impaciência, acudiu, em tom profundamente irritado:

— Bem, bem; deixemo-nos de loucuras e de poesia, Lena. Vê lá se me queres fazer acreditar que a vida da aldeia te estragou o natural bom-senso, até o ponto de tomares a sério fantasias e criancices.

— Não é fantasia nem criancice; é uma resolução de mulher — respondeu Madalena, com firmeza.

— Uma resolução de criança, que está na minha mão remediar — disse o conselheiro, como quem desejava cortar o incidente.

Porém, para o génio de Madalena já não era possível recuar nem parar; replicou:

— Talvez não. E deixe-me então dizer-lhe tudo, meu pai. Augusto nunca me revelou esse segredo do seu coração. Adivinhei-lho eu. Longe de procurar ser entendido, ocultava-se e fugia; ainda ontem estava resolvido a deixar a aldeia para sempre.

— Mas ficou — notou o conselheiro com ironia.

— Ficou — respondeu tranquilamente Madalena — porque eu lhe pedi que ficasse.

O conselheiro, ouvindo estas palavras, estremeceu de surpresa e fitou a filha com olhar severo e interrogador.

A Morgadinha prosseguiu com uma serenidade que ocultava um esforço interior.

— Ficou, porque eu lhe disse que o tinha compreendido e que aceitava a afeição desinteressada e pura que ele guardava no coração; ficou, porque eu, que só tarde soube do desespero que o obrigava a partir, e que o sabia tão leal como pobre, tão inocente como perseguido pelo infortúnio, eu, que o vi quase expulsar desta casa, sob o peso de uma

acusação em cuja verdade nunca pude acreditar, julguei do meu dever ir eu própria procurá-lo para lhe estender a mão e dizer-lhe: «fique, e prometo-lhe que todos lhe farão justiça em breve».

Quando Madalena acabou de dizer estas palavras com firmeza e exaltação crescentes, ninguém ousou falar na sala; e os olhos de todos dirigiram-se instintivamente para o conselheiro.

Cristina tremia; as outras senhoras pasmavam; Henrique e Ângelo sentiram-se profundamente inquietos.

Todos viram passar por diferentes cores as faces do conselheiro, os lábios agitaram-se-lhe num tremor convulso, e, com a voz evidentemente alterada pela cólera, disse para a filha, passados alguns instantes:

— Pois saiba, senhora, que para as leviandades de uma rapariga estouvada, há meios mais racionais do que esses que parecem naturalíssimos à sua razão estragada pelos romances. Eu ainda não prescindi da minha autoridade paterna, e ela me servirá para corrigir essas levezas, de que deveria envergonhar-se.

Esta cena de família aumentava cada vez mais a dificuldade da posição de todos os que estavam presentes. Ninguém ousava intervir, ou, desejando-o, ninguém sabia a maneira de o fazer.

Entre as falsas situações, em que nos achamos às vezes nesta vida, poucas se podem comparar, no incómodo que produzem, à de assistir a uma questão doméstica, por qualquer motivo que seja originada.

Quem se conservou daquela vez menos inativa foi Cristina, que prendeu Lena nos braços, não sei se para instintivamente a defender, se para reprimir-lhe o ímpeto de reação que receava nela.

A Morgadinha efetivamente repeliu-a com brandura de si e respondeu ao pai:

— Às vezes aos caracteres levianos estão confiadas tarefas generosas. Cabe-lhes sanar muitas injustiças que, por cálculo, os mais refletidos, e por isso mais desconfiados, praticam sem piedade. Não me envergonho nem arrependo do passo que dei. Não fiz mais do que salvar do desespero uma alma nobre e magnânima, que, se

se perdesse, talvez um dia a sua consciência, senhor, o acusasse de não ser inocente nessa perda. Quis evitar-lhe remorsos, meu pai. Se isto foi leviandade, que os anos ma não dissipem, como dizem que costumam fazer, porque prefiro ser leviana assim, a ser cruel como.

O pai atalhou-a, e cada vez com mais veemência replicou:

— Pois siga, se quiser, a sua fantasia, senhora, mas terá de escolher entre os seus caprichos e a minha aprovação. Fique certa que, com o consentimento meu, nunca um rapaz pobre, sem família e sem posição, especulará com o estouvamento de uma herdeira rica, que, tão esquecida do que deve a si e aos seus, não hesitou em o procurar na própria casa, sem reparar que estava sendo vítima de uma comédia armada à sua crédula sensibilidade.

Antes do conselheiro concluir estas palavras estava alguém mais na sala.

Era Augusto.

Da sala próxima, onde chegara muito antes, ouvira ele o que o conselheiro dizia em tom elevado, e o sentido das

palavras que ouviu venceu-lhe toda a hesitação e obrigou-o a entrar.

O conselheiro, reparando de súbito nele, interrompeu-se e parou.

Augusto respondeu-lhe então com dignidade e tristeza:

— Esse rapaz pobre, sem profissão e sem família, tem nesse tríplice infortúnio outros tantos títulos para ser respeitado dos felizes, como V. Exa., e eu não prescindo desses direitos.

O conselheiro continuava silencioso, como hesitando no que devesse responder a Augusto. A irritação ditava-lhe uma violenta resposta, mas já lho não permitia a consciência.

Augusto continuou:

— Sei que V. Exa. está já convencido de que as suspeitas que pesavam sobre mim eram injustas. Nesse periódico, que ainda tem na mão, vêm as provas da minha inocência. Vi-o em casa do Seabra, donde venho agora. Procurei-o, decidido a saber toda a verdade por qualquer preço que fosse; ele não ma negou; contou-me tudo. Por isso, ao vir

aqui, Sr. Conselheiro, ao voltar a esta casa, onde era recebido como amigo antes que me expulsassem dela como infame, esperava encontrar a receber-me a justiça e a amizade. Enganei-me; em vez delas, foi o insulto, mais pungente e menos justificado do que o primeiro, que eu encontrei!

— Menos justificado? — repetiu o conselheiro, azedamente.

— Menos justificado, sim, muito menos; porque V. Exa. podia julgar-me criminoso; pode julgar-se com direito de duvidar de mim, mas não tem o de duvidar da sua filha; porque a Sra. D. Madalena, pedindo ao seu irmão que a acompanhasse a casa de um pobre, que ela sabia ser vítima de uma imerecida acusação, e a quem o desalento e o desespero faziam sucumbir, não se esqueceu do que devia a si e aos seus; pelo contrário, aos seus devia aquele ato de sublime generosidade, porque das mãos dos seus viera o golpe que me ferira. Eu tinha sido expulso desta casa, Sr. Conselheiro, como um miserável e infame; os filhos de V. Exa., que sempre foram meus amigos, a quem V. Exa.

ensinara a sê-lo, vieram à minha dizer-me: «Não parta, deve à nossa confiança a justiça de ficar».

— É verdade — disse Ângelo — eu acompanhei Madalena. O pai diz-me muitas vezes que não tenha pressa de começar a duvidar; eu não podia começar por Augusto. Não duvidei.

O conselheiro respondeu a Augusto com reserva e mal disfarçado despeito, ainda que em tom moderado:

— Sei que fui injusto consigo, Augusto, e sinto-o do coração, creia. Ainda que as aparências o culpassem, arrependo-me de não ter tido mais força a minha confiança para não ceder. — Peço-lhe por isso. humildemente. perdão. Iria a sua casa pedir-lho se não viesse aqui. Que mais quer? Acha-se com direitos a exigir mais? Será isso motivo para antever realizadas loucuras de rapaz?

Augusto não o deixou continuar.

— Ouça-me, Sr. Conselheiro — disse ele placidamente — diante de todas as pessoas que me escutam, lealmente e sem hesitar, patentearei o meu coração. É verdade que essas loucuras se apoderaram de mim, que, desde criança

até hoje, tenho sido todo delas; mas que importam aos outros, se eu comigo as guardava? Se nunca por elas regulei os atos da minha vida? Ocorrências imprevistas me arrancaram este segredo, que eu fiz sempre por sufocar. Nem ambições me despertou, como meio de realizá-lo, porque nem em realizá-lo pensava. Resignar-me-ia a morrer com ele, sem o revelar a ninguém; mas, adivinhado por quem o fizera nascer, e, deixe-se-me o orgulho de o dizer, adivinhado e correspondido, que muito era que me tomasse a vertigem, e que eu por momentos me deixasse cegar pelo fulgor de imprevistas esperanças? Perdoe-se-me a franqueza. As ilusões duraram pouco; as palavras de V. Exa. dissiparam-nas. um tanto cruelmente, mas em todo o caso acordei. Creia, Sr. Conselheiro, que o ser pobre, sem família e sem nome impõe também uma certa ordem de deveres, a que eu serei fiel. Não é o de humilhar-me; é o de manter a única dignidade que me resta, a dignidade moral. Já vê V. Exa. que se enganou de duas maneiras: nem da parte do rapaz pobre houve especulação, nem da parte da herdeira rica estouvamento.

E, acabando de dizer estas palavras, Augusto inclinou-se respeitosamente diante do conselheiro, e ia a sair, depois de lançar a Madalena um extremo olhar de despedida.

A Morgadinha, porém, ergueu-se, e, apesar dos esforços de Cristina para a reter, veio colocar-se no caminho de Augusto, e, estendendo-lhe a mão, disse:

— Não saia, Augusto. Em nome do meu pai lhe peço que não saia.

— Madalena! — disse o conselheiro com severidade.

— Sim, no seu nome, senhor, porque quero livrar-lhe o futuro de remorsos; sim, no seu nome, porque hei de fazer-lhe ouvir a voz do coração, que tantas vezes desatende, arrependendo-se amargamente depois.

— Madalena! — repetiu o conselheiro com mais força.

— Minha senhora! — disse Augusto.

Porém a Morgadinha obedecia agora inteiramente à veemência do seu carácter apaixonado.

— Sinceramente revelei há pouco os sentimentos do meu coração; todos me ouviram; todos ouviram agora

Augusto. Fale, senhor, com a mesma franqueza e lealdade com que nós o fizemos: poderá confessar a natureza dos escrúpulos que o obrigam a essa resistência? Não se envergonharia deles? E quer que lhe obedeça? Mas obedecer-lhe seria ofendê-lo, porque seria acreditar na constância dessa má paixão que o domina e no seu bom coração não pode ela durar muito tempo.

O conselheiro, no auge da irritação, ia talvez a responder violentamente. Cristina e Ângelo tinham-se aproximado de Madalena; as outras senhoras começavam a ensaiar em surdina as primeiras tentativas conciliadoras; Henrique meditava um plano de intervenção, que ele supunha já indispensável, quando um incidente veio interromper esta cena e modificar a feição crítica do caso.

O incidente foi a chegada de um criado de farda, pertencente ao serviço de um proprietário da vila próxima. Este criado era portador de uma mensagem para o conselheiro.

O velho Torcato tinha adormecido na sala imediata; o lacaio dispensou-se de o acordar, e guiou-se pelo som das vozes para chegar à presença do conselheiro.

A chegada do lacaio acalmou a tempestade doméstica, que começava a carregar-se.

O conselheiro, conhecendo-o, interrogou-o sobre o fim daquela visita.

O criado respondeu:

— Venho para entregar a V. Exa. esta parte telegráfica, que chegou ao meu amo logo depois que tinham partido as malas do correio, de maneira que não pôde mandá-la com elas.

O conselheiro, agitado ainda, pegou no papel que o mensageiro lhe deu, e correu-o com a vista.

Imediatamente um raio de alegria lhe fuzilou nos olhos.

Acabando de ler, disse ao criado, que esperava resposta:

— Diz ao teu amo que recebi e que pode responder que sim.

O criado saiu.

Neste meio tempo as senhoras e Cristina rodeavam Madalena e combinavam um projeto de harmonia

doméstica; Ângelo e Henrique desempenhavam-se junto de Augusto de quase idêntica tarefa.

O conselheiro estendeu a Henrique a parte telegráfica, enquanto que uma visível satisfação se lhe desenhara no rosto.

— Leia e admire — disse ele.

Henrique leu e não reteve uma exclamação de surpresa.

A parte dizia:

«Avise o conselheiro Manuel Berardo para quanto antes se apresentar em Lisboa. Estou encarregado de organizar ministério e quero que ele aceite uma das pastas».

Assinava-a um dos mais notáveis vultos políticos do país.

Henrique, que sabia o valor de certas oportunidades, e a quem a surpresa da notícia não fez esquecer a crise doméstica a que assistira, disse logo que acabou de ler, e dirigindo-se a Madalena:

— Prima Madalena, compete-lhe ser a primeira a dar ao novo ministro os emboras pela sua nomeação.

A palavra «ministro», produziu sensação na sala.

D. Vitória exclamou:

— Ministro! Pois quem é que está ministro? O mano?! Ora, sim senhor! acertou Sua Majestade!

— Mas... valha-me Deus! O ponto está que não façam por aí alguma revolução para o deitar abaixo — acudiu D. Doroteia, em cujo ânimo os factos das nossas dissensões civis tinham deixado sinistras ideias ligadas à palavra ministro.

Madalena, Ângelo e Cristina correram a abraçar o conselheiro; Henrique reteve, porém, os dois últimos, dizendo:

— Primeiro, Lena. Talvez tenha a pedir alguma mercê a S. Exa., e à primeira não há carácter de ministro que não ceda.

O conselheiro sorriu já.

Madalena beijou-lhe a mão, e o choro provocado pela violência das cenas anteriores, e até ali a custo reprimido, rebentou agora abundante, banhando as mãos do pai.

Henrique afastou-se a conversar com Augusto, para o não deixar sair da sala.

O coração do conselheiro não era de pedra. Duas causas poderosíssimas conspiravam-se para abrandá-lo. Como homem político, havia a satisfação da máxima ambição de todos, a notícia de ser chamado ao ministério. — Nos momentos em que vemos satisfazer-se qualquer ardente desejo no nosso coração, abrimo-nos às simpatias para com os desejos dos outros, e, se de nós depende realizámos, cedemos de boa vontade. Como pai, havia as lágrimas da filha a convencê-lo, e a eloquência deste argumento das lágrimas em olhos de mulher é geralmente sabida; quanto mais se a mulher é jovem e bela! quanto mais se a mulher é filha!

Sem o menor vestígio da irritação anterior, o conselheiro ergueu Madalena, apertou-a ao seio e disse-lhe meigamente:

— Porque choras tu, Lena? Criança! Então prometes-me ser muito feliz, se eu te deixar fazer as tuas loucuras?

Madalena respondeu-lhe, abraçando-o afetuosamente, e beijando-o.

Há argumento mais convincente do que este? Conhecem arma mais poderosa contra as severidades de um pai?

O conselheiro beijou também paternalmente nas faces a filha, e, voltando-se depois para Augusto, disse-lhe em tom de voz quase afetuoso:

— Augusto, vou confiar-lhe a minha felicidade, confiando-lhe a felicidade da minha Lena. Vingue-se da injustiça e do mal que lhe fiz, tornando-ma venturosa. É a única vingança à altura da sua alma.

Augusto não teve tempo para responder. Se uns restos de orgulho tentassem lutar ainda com o amor, sufocá-los-iam os esforços combinados de Cristina, de D. Vitória e de D. Doroteia, que o arrastaram quase para junto do conselheiro.

E toda aquela família, em que não havia naquele momento um só coração triste, confundiu-se por algum tempo no mais desordenado, pueril e patético grupo, que pode desenhar um artista.

Para mais tocante confusão ainda, as crianças, que voltavam dos seus brinquedos na quinta, entraram então na sala, e de boa vontade se associaram àquela manifestação de alegria, sem querer saber o que a motivara.

São assim as crianças. Alegres por instinto, saúdam as cenas alegres sempre que as veem, sentem-nas antes de as explicarem.

Foram inumeráveis os beijos, os abraços, as palavras de afeto, os sorrisos, as lágrimas, as exclamações pueris que se trocaram entre os diversos atores desta cena de família.

Chegado a este ponto da minha narração, nada melhor posso fazer do que deixar à imaginação dos leitores concluí-la.

Haverá algum tão malfadado que na sua vida não tenha visto representada uma cena assim?

Esse mesmo, se existe, obriga-me a não prosseguir.

O quadro, que a reproduzisse, exacerbar-lhe-ia o desconsolo da alma, de que por certo é vítima.

Paremos aqui para que nos fique nos ouvidos este jovial rumor de beijos, de risos e de vozes de alegria, porque, a prolongarmos mais a narração, vê-lo-íamos abafado pelos sons revolucionários e anárquicos da filarmónica da terra, que não tardará a festejar a nomeação do conselheiro, e sobretudo pelo estridor da tuba do mestre Pertunhas, tuba verdadeiramente épica, e capaz de mudar a cor ao gesto, como a de que fala o poeta.

Fechemos, pois, aqui a história, dando apenas sucinta conta dos acontecimentos ulteriores.

CAPÍTULO XXXIV

O conselheiro partiu no dia seguinte para Lisboa, para tomar parte na pilotagem da nau do Estado. Estive tentado a dizer, para satisfação de ânimo dos meus leitores, que, sob a direção dos talentos e aptidões do novo estadista, se locupletou a Fazenda Pública, prosperou a agricultura e a indústria, refulgiram as artes e as letras; e que Portugal, como a Grécia, sob Péricles, causou o assombro das nações do Mundo.

Mas receei que, fantasiando no nosso país um governo fecundo e próspero, a inverosimilhança do facto prejudicasse no espírito dos leitores a dos outros episódios narrados, e lhes entrasse com isto a desconfiança no cronista. Resolvi, pois, ser franco, declarando que, sob a direção do conselheiro e dos seus colegas, Portugal regeu-se, como se tem regido sob as dúzias de ministérios, que nós todos havemos já conhecido.

O conselheiro, já ministro, voltou tempos depois à aldeia, para assistir aos casamentos de Madalena e de Cristina, que se verificaram no mesmo dia.

Cristina e Henrique foram viver para Alvapenha, para condescender com D. Doroteia, que não podia resignar-se a viver só.

Sob a superintendência do novo administrador, transformou-se completamente a quinta, e hoje é uma das mais rendosas e bem geridas propriedades daqueles sítios.

Henrique, o elegante do Chiado, o frequentador do Grémio e de S. Carlos, está um rico e laborioso proprietário rural. Apaixonou-se pela agricultura, e promete realizar o tipo do antigo patriarca.

Cumpriu-se a sua visão.

Das mil e uma moléstias, com que saíra de Lisboa, já nem memória lhe resta.

Cristina, além de ser adorada pelo marido, vê-se rodeada pelo amor e carinhos de D. Doroteia e de Maria de Jesus, as quais, sem o menor despeito, a viram tomar o cetro da

realeza doméstica, que usa com adorável brandura, desenvolvendo de dia para dia os seus talentos de mulher.

No Mosteiro não correm pior as coisas, sob os cuidados de Augusto e de Madalena, que aí ficaram, por exigências de D. Vitória. Augusto, além de se ocupar de agricultura, alimenta a imaginação, já não a fazer versos, mas em outra forma de poesia: a organizar a escola sob bases mais racionais, e dotação mais fecunda; a generalizar e educar os processos agrícolas, a implantar indústrias novas.

É assim que a Sericultura, graças aos seus cuidados, é hoje ali cultivada com bons resultados, e outras já começam a ensaiar-se.

Madalena é sempre a mulher que foi; se é que as nobres qualidades já reveladas nos seus atos de juventude não se vão caracterizando ainda melhor, à medida que de mais graves deveres se incumbe a sua missão de mulher. Inteligência temperada por um bom-senso natural, que a educação esmerada não estragou, como a tantas acontece; carácter apaixonado, mas de trato afável e insinuante, meiga sem indolência, grave sem severidade, acompanha-a

o encanto que a todos prende, que não faz sentir a ninguém o peso da obediência.

É hoje quem tudo dirige no Mosteiro; querida pelos primos, querida por D. Vitória, adorada pelo marido e abençoada pelo povo, que socorre com esmolas e conselhos, pode bem dizer-se que reina naqueles sítios.

D. Vitória resignou na sobrinha todos os encargos domésticos, salvo o direito de ralhar com os criados, que ela sustenta serem os piores do Mundo; pronta sempre a intervir a favor de qualquer deles, quando despedidos.

Em relação às personagens secundárias desta história pouco teremos a dizer.

O Brasileiro fez as pazes com o conselheiro, porque este, logo que entrou para o ministério, mandou lavrar o decreto em que se nomeava visconde de não sei quê o seu antigo inimigo. Foi este o primeiro ato político do gabinete, que o país ingrato teve a sem razão de não aplaudir.

O Brasileiro, em paga, entrou com Augusto em competência de melhoramentos locais, com grande proveito da aldeia.

O Sr. Joãozinho, em vista desta fusão de partidos, achou-se incorporado na liga, e em pouco tempo teve ocasião de demonstrar de novo a sua influência eleitoral, trazendo compacta à urna a freguesia de Pinchões, para reeleger o conselheiro, que, pela sua nomeação, perdera o lugar de deputado. — Desta vez ninguém lho disputou, e era edificante ver o Brasileiro ao lado do Tapadas, esquecidos antigos ódios, votando de comum acordo e boa harmonia.

A reconciliação entre dois adversários comove sempre a alma!

O Sr. Joãozinho não mudou de hábitos e cada vez tem mais dívidas, mais cães, e mais bebedeiras.

O Pertunhas foi perdoado e continua imperturbável nas suas funções de ensino e na comissão do correio, odiando os irmãos Virgílios e desafogando as suas mágoas na embocadura da trompa.

O homem queixa-se de ter sido vítima de uma vingança. Confessa que por brincadeira tirara uma carta da pasta de Augusto, mas que a tornara a colocar no seu lugar, e por isso.

A família Zé Pereira vai em rápida decadência; o homem já nem força tem para fazer ressoar o zabumba. É esta uma das que mais devem à caridade de Madalena.

O conselheiro, ainda hoje no gozo imperturbado dos votos unânimes daquele círculo eleitoral, vem de vez em quando retemperar o ânimo, exausto nas fadigas parlamentares e nas diversões da capital, no seio da sua feliz família e volta melhor.

Ângelo, logo que começam as férias dos seus estudos superiores, corre com alvoroço de criança a gozar na aldeia os dias que ele já pressente terem de ser os mais felizes de toda a sua vida.

A quinta dos Canaviais, à qual andam ligadas suaves recordações dos dois venturosos pares, que os incidentes desta história reuniram, foi transformada por Madalena numa habitação de recreio, onde as duas famílias celebram, durante o ano, algumas festas em comum.

Estes melhoramentos vieram confirmar o título de que Madalena há muito estava de posse.

E hoje é ela ainda entre a gente do povo conhecida pelo nome de «Morgadinha dos Canaviais».

FIM